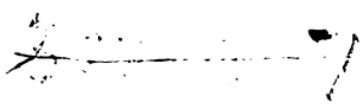
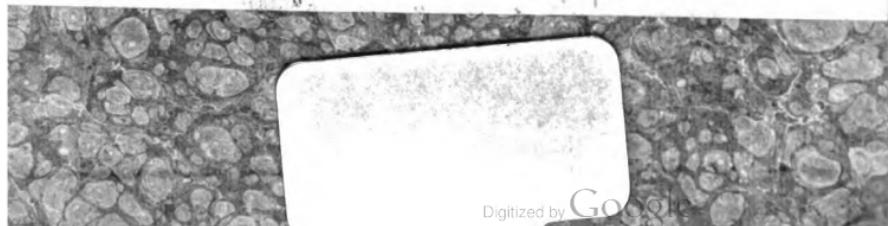


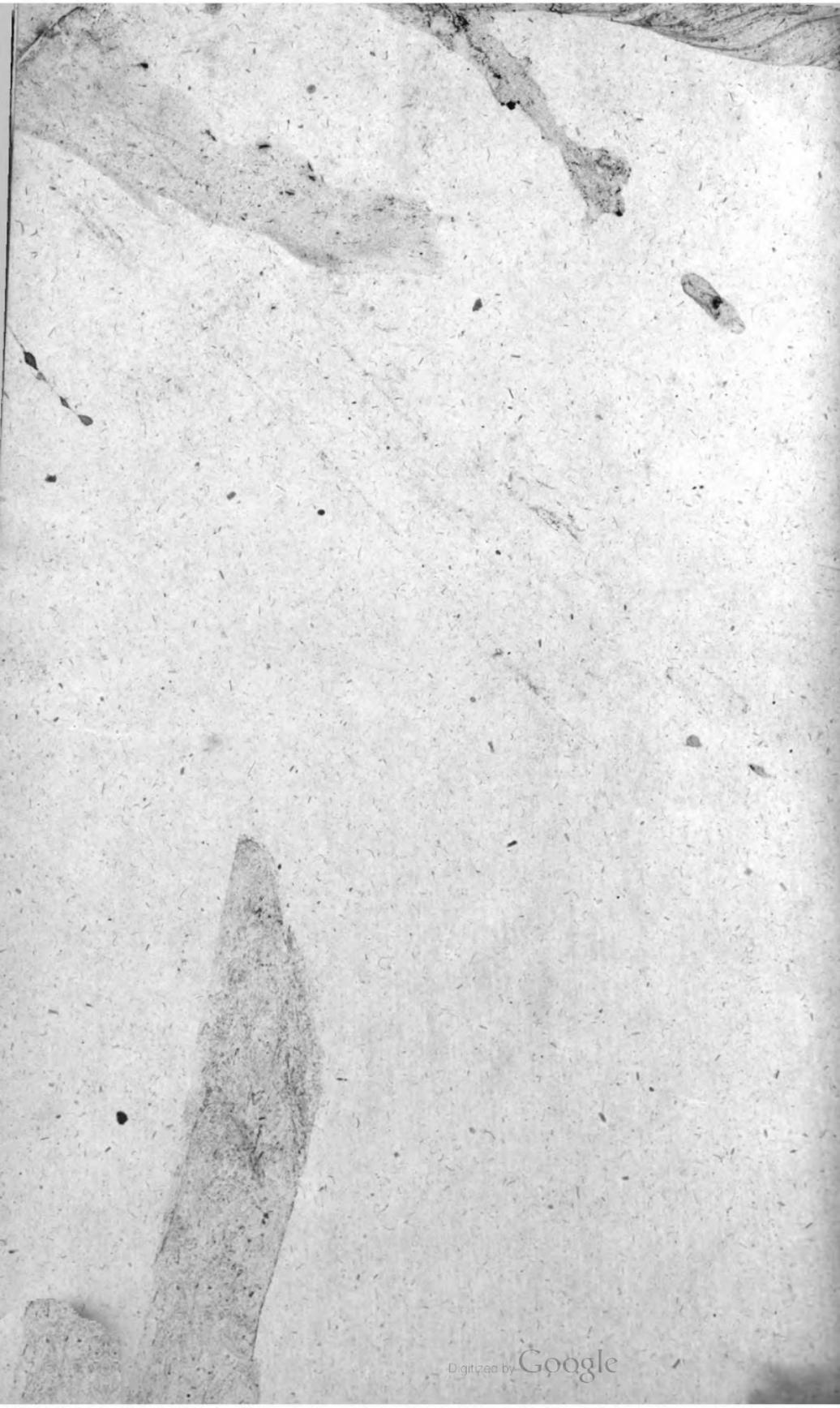
Vet. Port. III b. 36



APC 844







ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

1914

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 101

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro.

TOMO VII.

*Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agtar.
Virg. En. Lib. I.*

DADO Á LUZ

pele Editor

JOÃO PEDRO DA COSTA.



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1854.



ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO XIV.

ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Introdução.

O seculo de Quinhentos legou ao seculo seguinte uma lingua regular em suas conjugações, e fórmãs; rica de vocabulos harmoniosos, dactilicos, e compostos, e propria, e flexivel para nella se tractarem todos os assumptos; uma poesia e metro levados á perfeição nas Obras de Luiz de Camões, e abundante de expressões methaphoricas, e de termos pictorescos; é um estylo puro, e quasi sempre elegante; e repassado do espirito, e gosto dos Classicos Gregos, e Latinos.

Neste idyoma, e nesta Poesia haviam os seus Poetas com meior, ou maior felicidade tractado quasi todos os generos da composição, o Soneto, a Ode, a Canção, a Elegia, a Epistola, a Comedia, a Tragedia, e produzido um Poema Epico, que não tem que invejar aos mais afamados dos, que se tem composto nos tempos modernos.

É mais que probavel que a poesia Portugueza conservando o mesmo espirito, fosse em progresso ascendente, si os bons estudos, e as sciencias se conservassem no mesmo pé, em que haviam estado nos venturosos reinados de D. João II., e de D. Manoel; mas apossados os Je-

suitas da instrução pública para a dirigirem a seu modo, e conforme os seus interesses, força era que também a poesia se resentisse da ruina das sciencias, e da boa philosophia, que é o seu principal afixmento.

Não faltaram no seculo de seiscentos homens de grande talento, e direi mesmo de genio; tinham é verdade azas de aguia com que elevar-se ás regiões do sublime, onde ~~Phebo~~ tem o seu throno, mas o bom gosto não lhe dirigio os vãos, e por isso se extraviaram do trilho, que deviam seguir, e ~~desbarataram~~ forças de gigante em adejar vagamente sem ficto certo, por entre as trevas do erro, até hirem de ~~capados~~ despenhar-se no abysmo da extravagancia.

Diversas causas cooperarão para isto: Primeira, o desprezo, que seus mestres lhe haviam inspirado pelos Authores, e gosto classico da antiguidade. Segunda, a brilhante reputação, que D. Luiz de Gongora havia conseguido na Hespanha, onde fundara uma nova eschola de poesia, que elles tomaram para modelo, porque o seu estylo era então de moda em Hespanha, como moda de Hespanha passou para Portugal, que naquella epocha ~~desgraçadamente se encontrou unido debaixo do sceptro dos Filippes.~~

D. Luiz de Gongora era um Poeta de muito talento, e de pouco juizo. Era natural de Cordova, nasceu a 11 de Junho de 1561, estudou Direito na Universidade de Salamanca, e havendo abraçado o estado eclesiastico, foi Capellão d'El-Rei D. Philippe III., e alcançou por proteção do Duque de Lerma, uma ração na Cathedral de Cordova, e naquella Cidade falleceo em 24 de Maio de 1627.

A natureza o havia dotado de grande talento poetico, e de um orgulho quasi igual ao seu talento, era porém pouco erudito, e pouco versado na antiguidade porque o seu genio fogoso, e impaciente, e a sua tendência para os prazeres o não tornavam apto para estudos fortes, e para a reflexão.

Depressa se fez conhecer, e admirar por alguns Sonetos, e Romances, deus generos para que tinha vocação particular, e por isso lhe não faltaram amigos, e admiradores.

Descontente com o estylo demasiado singelo, e ás vezes prosaico, introduzido na antiga poesia, apprehendeu a reforma da poesia Castelhana, que (segundo elle dizia) *morria de lemdes*, e havia sabido com o seu intento, bem, ou mal, a pezar da opposição, que lhe fizeram Lope de Vega Carpio, Xanregui, e outros bons engenhos, que depois se deixaram arrastar pela torrente, e abraçaram, ao menos em parte, aquelle mesmo estylo, de que tanto haviam zombado, tão poderoso é o influxo da moda, ainda mesmo em objectos literarios.

Este novo estylo introduzido por D. Luiz de Gongora na poesia Castelhana, e que denominaram *Culto*, tinha segundo dizia Lope da Vega, por principal fundamento o *transporte*, isto é, collocar os adjectivos tão longe dos substantivos, que quasi escapavam na leitura as suas relações, e esta circumstancia, junta aos conceitos rebuscados, pensamentos alambicados, metaphoras de metaphoras, palavras novas, ou usadas em sentido novo, o tornava summamente escuro, e difficil de entender, como pôde observar-se no *Polyptemo*, nas *Soledades*, e até em algumas Canções, e Letrilhas de Gongora: em que ha trechos, em que a intelligencia do Leitor se acha a cada passo enleada, a pezar dos prolixos commentarios com que D. Garcia Connel, e outros seus admiradores lhe pertenderam dar luz.

Não faltou quem no seu tempo censurasse esta obscuridade de Gongora, mas este Poeta em lugar de corrigir-se com estas judiciosas observações, respondia com um desprezo, que elle julgava sublime, *suban ellos que yo no baxo*, e com uma torrente de injurias, e sarcasmos grosseiros, de que sempre foi prodigo nos seus versos para aquelles, que ousavam beliscar o seu amor proprio.

E certo que Gongora foi mais longe do que devia hir, e que querendo dar vida á poesia Hespanhola por meio do estylo florido, e brilhante, a fez enlamear; arrebatado por seu espirito ardente, e sua imaginação desregrada, á força de procurar a originalidade e o sublime foi dar no insolito, e extravagante; mas com isso não queremos dizer que Gongora fosse um ruim Poeta, ou que merecesse o desprezo, e vituperio, que D. Ignacio de Luzan lhe prodigalisa em sua poetica, obra, que em seu

apparecimento alcançou um applauso, que está bem longe de merecer, porque nada mais contém do que uma compilação de preceitos mendigados nos commentarios dos Francezes sobre a poetica de Aristoteles, mas a pesar dos desvários, uma boa parte das suas obras, e com especialidade os seus *Romances*, e *Letrilhas Satyricas*, serão sempre contadas no número das melhores producções do antigo Parnaso Hespanhol, pelos Criticos judiciosos, e imparciaes, que sabem distinguir em Gongora o Poeta facil, ameno, e gracioso do innovador extravagante.

Si alguma cousa pôde desculpar a Gongora é sem-dúvida o embobamento geral produzido pelo seu mau estylo, a frenetica admiração dos seus contemporaneos entre os quaes se contavam homens muito affamados por seu engenho, e saber, Poetas, Oradores, Historiadores, Theologos &c., que todos adoptaram o seu estylo, e fizeram uso delle tanto em prosa como em verso.

Si em Portugal se tivessem conservado os bons estudos, e o gosto pela antiguidade, si á boa phylosophia não tivessem os Jesuitas substituido a peripatetica escolastica, é muito natural, que o estylo culto, e as suas extravagancias fossem aqui objecto de mofa, e desprezo, ou pelo menos só teria inficionado algum espirito mediocre, e mal conformado; mas no estado, em que os Jesuitas haviam collocado a instrucção pública, as cousas deviam levar differente caminho.

Os grandes engenhos do seculo de seiscentos conheciam bem que, com pequenas excepções, os Poetas do seculo antecedente, posto que correctos em sua linguagem e estylo, peçavam em nimia pesadez, em falta de originalidade, e de variedade nos assumptos, que haviam tractado, cingindo-se muito de perto aos exemplares antigos, e que até podia dizer-se que mais os copiavam do que imitavam, que, si exceptuassemos Camões, eram mui poucos aquelles, em que o dialecto prosaico se não confundisse com o pœtico, e em quem a versificação não deixasse muito que desejar, ou pelo prosaismo, ou pela dureza, ou por ambas as cousas.

Em tudo isto elles tinham razão; mas para corregir estes defeitos, para adornar aquella matrona demasiado austera com reupas mais pomposas, sem que deixassem

de ser decentes, era necessario muito tino, muito gosto; e muita descripção, mas essas prendas quem podia então possuí-las, com a bastarda instrucção Jesuitica? Tentaram a reforma da poesia, mas em falta de melhor guia voltaram os olhos para Gongora, então no apogeo da sua gloria, e abraçaram os principios da escola, que elle acabava de fundar em Castella, e eis aqui como o *cullismo* se introduzio em Portugal.

Houve com tudo alguns engenhos, que á força de bom senso, mesmo adoptando alguns elementos do chamado *estyllo culto*, não abandonaram de todo as doutrinas da escola precedente; porém o geral dos escriptores correram ás cegas pela estrada perigosa, que haviam incetado, e como em quasi todos os imitadores ha o ruin sectro de imitar mais, e exaggerar, os defeitos dos seus modélos, que as suas bellezas, os cultistas Portuguezes deram em todos os excessos, e extravagancias imaginaveis, e trabalharam por mostrar-se mais Gongoristas do que o proprio Gongora, de cujo genio estavam quasi todos a grande distancia. Foi isto uma especie de epidemia moral, que inficionou milhares de engenhos, que nascidos em epocha mais feliz, e com melhores estudos teria sem dúvida honrado a literatura Portugueza.

Com a revolução de 1640 recobramos a patria, fomos nação independente, porém a nossa literatura permaneceu Castelhana; o mal tinha lançado profundas raizes, e a collecção de poesias intitulada a *Phenix Renascida*, é mais que sufficiente prova de quanto levamos dicto.

No reinado d'El-Rei D. João V. houve dous homens, que sentiram os defeitos da poesia Portugueza, e tiveram o louvavel desejo de reforma-la; porém não acertaram com o caminho, que deviam tomar, porque se persuadiram de que para alcançar o seu fim, bastava trabalhar para introduzir o *estyllo Francez*, e não fizeram mais que substituir o prosaismo á inchação, o desleixo á affectação, misturando ás vezes estes dous defeitos, que parecem entre si, repugnantes.

O primeiro destes homens foi D. Francisco Xavier de Menezes, terceiro Conde da Ericeira. A este fidalgo não faltava erudicção; carecia porém de genio, e sem genio ninguem funda escolas, nem opera reformas. A sua

Henriqueida é uma Epopeia muito regular, muito bem conduzida, mas tem o peor de todos os defeitos, que é a carencia de bellezas, e a ausencia da poesia, e por isso depois de gozar de uma reputação ephemera, adormeceu nas estantes dos livreiros.

O segundo foi Francisco de Pina e Meho, não diremos que este homem era mais erudito do que o Conde da Eriçeira; mas pelo menos era mais Poeta do que elle. Havia-se feito conhecer pelas suas rymas, em que ha bastante gongorismo; porém a leitura dos livros Francezes lhe fez abrir os olhos, e conhecer o trilho errado que levava, e nos seus Poemas da *Conquista de Gôa*, do *Triumpho da Religião*, e da *Arte Poetica*, encontram-se raros vestigios do estylo culto, e conhece-se que trabalha por imitar o gosto, e maneiras Francezas, mas esta imitação é sómente da fórma externa, pois até escreveo os seus Poemas em verso pareado, mas na correccão, e elegancia continua, na nobre simplicidade, e no colorido ficou muito longe dos modêlos, que pertendia imitar.

Deste modo os esforços destes dous homens, que tentaram uma empreza superior ás suas forças, vieram a ficar baldados, a doença progredio, a despeito dos paliativos por elles applicados, até apparecer medico mais habil, que a debellasse com remedios heroicos.

Não devemos porém, como de ordinario se pratica, voltar a completo desprezo os Poetas da Eschola Hespanhola, o tempo, que se emprega em lê-los, não deve julgar-se tempo perdido; porque entre os seus defeitos, tambem se encontram bastantes bellezas, e bastante originalidade, e seria injustiça negar que elles alguns serviços fizeram tanto á lingua, como á poesia.

Deram mais movimento ao estylo, introduziram boa copia de palavras, e phrases inergicas, tornaram a versificação mais fluida, e sonora, sendo os versos duros, ou prosaicos mui raros nas suas composições. Foram elles os primeiros que entre nós compozeram Poemas Didaticos, ou Didascalicos, e estas circumstancias, devem, segundo me parece, grangear-lhe a nossa indulgencia.

CAPITULO II.

Balthasar Estaço.

A Cidade de Evora, na Provincia do Alemôjo, foi a patria de Balthasar Estaço, que nasceu em o anno de 1570, de uma familia distincta, e abrilhantada pela gloria litteraria, que elle soube continuar assim como seu irmão Gaspar Estaço, o célebre Author das *Antiquidades de Portugal*.

Este appellido de Estaço não parece Portuguez, e isso me leva a crêr que o fundador da sua familia fôra Italiano, e que se appellidava *Stazio*, vocabulo, que depois se corrompera no de Estaço, mais proprio da pronuncia Lusitana.

Havia então em Evora uma Universidade mui florente, que rivalisava com a de Coimbra, e de que sahiram homens mui distinctos depois pelas suas lettras, e talentos, com que cooperaram não pouco para a illustração nacional.

Nesta famosa Universidade se matriculou Balthasar Estaço, e ali prefez os cursos de Humanidades, e da Sagrada Theologia, dando sempre provas de muita applicação, intelligencia, e viveza de ingenho.

Terminados os seus estudos, se ordenou Balthasar Estaço de Presbytero do Habito de S. Pedro; e dentro de pouco tempo o Bispo de Viseo D. João de Bragança, que fazia grande apreço das suas lettras, e honrado comportamento, o escolheu para a primeira cadeira de Conego, que vagou na Cathedral do seu Bispado.

Ninguém ignora a importancia, e consideração, de que gozava naquella idade de ouro para Ecclesiasticos, e Desembargadores, todo o homem, que tinha a ventura de ser Conego em uma Cathedral de Provincia, e muito mais quando era reconhecido por amigo, e valido do Prelado.

Junte-se a isto o gozo de uma rica prebenda, e diga-se se Balthasar Estaço devia, ou não considerar-se collocado em uma situação feliz.

No meio da abundancia, e da consideração pública, pôde Balthasar Estaço, tranquillo, e desasombrado dar o largo tempo, que lhe deixava livre o desempenho das suas obrigações, ao cultivo das letras, e da poesia, a que se applicara desde a sua adolescencia, como elle mesmo nos informa na ultima Carta, com que fechou a collecção das suas poesias.

O seu protector, e amigo, Bispo de Viseo, instou tanto com Balthasar Estaço para que publicasse os seus Poemas, que elle para lhe fazer o gosto, collegio alguns delles, que deu á luz em Coimbra, em formato de 4.º, dedicando-lhos em signal de agradecimento, debaixo do titulo de Sonetos, Canções, Eclogas, e outras Rhythmas de Balthasar Estaço.

Esta edição é de 1604; já se vê que um livro de Poesias, cujo Author era um grave Prebendado da Sé de Viseo, e didicado ao seu Bispo, que o instigara para esta publicação, não podia decentemente conter se não Poemas de assumpto sacro, ou ascetico, e é isso que nelle vemos com mui poucas excepções.

Ora como nos consta com certeza que o Poeta havia composto grande numero de poesias de outro genero, assim como algumas Obras de prosa, que nunca se imprimiram, mas que se conservavam manuscriptas na livraria do Convento dos Carmelitas Descalços da Cidade de Evora, é claro que podemos não só inferir, mas estar plenamente convencidos de que Balthasar Estaço legou á posteridade a parte menos interessante, e menos valiosa do seu engenho.

Não sei porque fatalidade os Poetas Portuguezes de todos os tempos tem mostrado a mais completa inaptidão para compôr Poemas Sacros, ou devotos, mesmo aquelles que como Camões ou Bocage se haviam distinguido, e alcançado o primeiro logar no Parnaso, não fizeram neste genero cousa que passasse as raias da mediania.

O mesmo Frey Agostinho da Cruz, que tinha nascido superior em talento poetico a seu irmão Diogo Bernardes e que entre nós deitou a barra mais longe em poesia de

devoção; dirá alguém que entenda desta materia, que póde competir com o que alguns Italianos tem escripto neste genero? Que a Quiteria Santa de José do Couto Pestana, a Santa Comba de Ferreira, a Santa Ursula de Diogo Bernardes, ou de Camões, como quer Manoel de Faria e Sousa, e talvez com fundamento, sam Poemas que valham o *Christiados* de Vida, a *Tentação de Abrahão* de Wielland, a *Christiada* do Padre Ojeda, ou as *Lagrimas de S. Pedro* de Luiz Tansillo? E que seria se confrontassemos o *Virginidos* de Barbuda com a *Messida* de Klopstock, ou com o *Paraiso Perdido* de Milion?

Ajuizando pois do talento poetico de Balthasar Estaço pelo volume, que delle possuímos impresso, não podemos negar que é obra de um escriptor correcto, e elegante, que nelle se encontram vestigios do bom saber do Author, muitos pensamentos patheticos, e brilhantes, e boa versificação; mas tambem não póde escurecer-se que muito a miúdo decahe na affectação, nos conceitos falsos, ou esquisitos, nas methaphoras buscadas de longe, nos trocadilhos, e jogos de palavras, e nos mais defeitos, que ordinariamente se deparam nos Poetas da Eschola de Gongora.

É tambem verdade que a sua moral é ás vezes demasiado pedantesca, e a sua expressão fraca, e o seu estylo prosaicamente desleixado, e diffuso. É por isso que hoje é conhecido, com poucas excepções, sómente daquelles que fazem estudo completo de toda a literatura da lingua, e que por isso sam obrigados a lér tudo, que nella se escreveo, e é necessaria alguma paciencia para lér a fio todos os versos deste Poeta.

Um dos maiores defeitos das Obras deste Poeta é a demasiada extensão dellas, que se torna mais cançada, enfadonha, e sensível pela austeridade, e tristeza dos assumptos, que tracta, e que elle não soube amenisar com um colorido brilhante, e imaginoso. Uma Canção ao Nascimento de Christo com quinze Strophes de dezeseis versos cada uma, outra em louvor do Amor Divino, e desprezo do profano com treze Strophes de dez versos, Elegias com setenta, e um Tercetos, é na verdade abusar da paciencias do Leitor, e não conhecer o character do estylo lyrico, inimigo de toda a delenga, e inutilidade,

porque se não moldam com a inspiração, de que o Poeta deve suppôr-se arrebatado.

Entre as Canções de Balthasar Estaço tenho por mui superior ás outras pela poesia do estylo, a que tem o número seis, que tracta do desprezo da vida da côrte, e louvor da vida campestre.

CANÇÃO.

Cá nesta solidão, onde a verdade
Resuscita defuntos pensamentos,
Que o publico Logar traz enterrados,
Tão alto mos levanta a Saudade,
Que me faz parecer, que meus tormentos,
Com me serem presentes, sam passados:
Aqui vivo, Senhor, de meus cuidados,
Os quacs para meu bem fiz solitarios;

Já me não sam contrarios
Seguindo por meu mal meu vão desejo

De quem, si fui Escravo
Agora sou Senhor, e Senhor bravo,
Pois trago os pés sobre elle, ainda o vêjo
De Senhor livre, Escravo, já captivo,
E a mim de Escravo morto, Senhor vivo.

Lá nessa Habitação de Encantadores
Desastrada, cruel, ingrata, e fêa,
Falsas imagens vêjo, que ella affeita
Aqui Rosas, Boninas, Lirios, Flores,
Cuja suavidade me recrea,
Cuja variedade me deleita,
A Natureza vêjo aqui perfeita
Em quantas obras lá fez tão errada,

Que parece guiada
Por hum desconcertado desvario,
Aqui tudo ordenado

Os Campos, a Floresta, o monte, o prado,
A Serra, o Bosque, a Penha, a Fonte, o Rio,
E qualquer Creatura, que contemplo,
He dos olhos prazer, da vida exemplo.

Lá nesse Labyrintho mal traçado
 Paredes vêjo só, cuja aspereza
 A vista me embaraça, agrua, e enlea,
 O campo vêjo cá todo estrellado,
 De Estrellas, que competem na belleza
 Com as flôres do Ceo, que o Sol pratea:
 A vista livre, e larga se recrea,
 E para hum bem maior faz no Ceo termo,
 E, como cá no Ermo,
 Vendo tudo, não vêjo altos Senhores,
 Levanto meu desejo,
 E vêjo-me Senhor de quanto vêjo,
 Que como me compara c'os menores,
 O menos, que cá vêjo, me levanta,
 O mais de lá me abate e me quebranta.

A cada passo piso hum rico estrado,
 Que lá no povoado vi fingido,
 Lá tecido de lãa, aqui de flôres,
 E o Vergel, que lá via pintado,
 As côres mortas tem, morto o sentido,
 Aqui vivo sentido, e vivas côres,
 A rustica linguagem dos Pastores
 Sempre me traz alegre, sempre rindo

 As palavras ouviudo
 Singelas, naturaes, e graciosas,
 E por ellas conheço
 Das que sam Cortezias o baixo preço,
 Pois sam fingidas, vãs, e mentirosas,
 Que quanto mais levantam mais me damnam,
 E quanto mais promettem mais enganam.

A Musica, que he lá contrapesada
 C'os vicios de seus vãos Executores,
 A qual ora sobeja, ora ves falta,
 Aqui não tem pensão, sempre he ordenada,
 Não se querem rogados os Cantores,
 Contrabaixo, Tenor, Tipre, e Contralto
 Nem molesta por haixo, nem por alto,
 E ora ouço eu a hum, ora ouço a todos
 Cantigas de mil modos,

Que lhe ensinou sem arte a Natureza,
 As quaes nunca enfastiam,
 Com tanta graça nellas se variam,
 Os Passarinhos, que ouço na deveza,
 E com serem taes Musicos, que espantam;
 Não busco que lhe dar depois que cantam:

Os que dançam, e bailam na Cidade,
 Que a quem não ouve o som com que elles saltam,
 Parecem Doudos soltos da prisão,
 De melhor modo os tem esta soidade,
 Que os tenros Cordeirinhos, que não faltam,
 Mil graciosos saltos sempre dam,
 Polo florido prado vem, e vam,
 Em natural desordem concertada:

A fruta temperada
 Toca no bosque o vento suspirando,
 E o rio claro, e lédo,
 Que vem cahindo d'hum n'outro penedo,
 O som lhe faz suave, doce, e brando,
 E sendo tangedor, que a tudo espera,
 Nem a chorda lhe quebra, nem tempera.

Eu sou na verdade grande amigo dos campos, e nelles teria assentado a minha vivenda, passando na Cidade sómente o inverno, si o theor da minha vida me permittisse satisfazer a esta vontade; mas confesso que o meu enthusiasmo campestre não é tanto, que como Balthasar Estaço, julgue um Carneiro pulando, melhor dançarino que Vestris, Gardel, Madame Hatin, ou Madame Le Fevre; e que um rebanho de Carneiros *hindo, e vindo pelo prado, em ordem natural, e concertada me pareça um espectáculo mais bello, e interessante que a dança de Morte de Pyrrho, ou a de Macbeth executadas ao som da pomposa orchestra de S. Carlos, que sempre me parecerá mais harmoniosa, que o estrondo do rio cahindo de penedo em penedo.*

Os manjares de lá tão delicados,
 Os quaes a Homens moles, e mimosos:
 Começando a comer sam Portuguezes,

Mas passando dos dous, dos trez bocados
 Nam deixam estar os corpos occiosos,
 E querendo fallar fallam Francezes,
 Aqui sam naturaes as mais das vezes
 A quem os campos verdes, que recream,
 Comsigo saboream,
 E a falta, si falta he, pois não atormenta,
 Lhes accrescenta o gosto,
 Que a propria Natureza lhes tem posto,
 Salvo si o sitio se lhes accrescenta,
 Agua da Fonte clara nunca mingua
 Com que nem muda a côr, nem muda a lingua.

Diz-se na linguagem do vulgo que beber vinho de
 mais *faz fallar Inglez*, modo de dizer, que provém da
 intemperança dos Bretões, que excedem a todos os po-
 vos do mundo em tributar cultos a Baccho, e da esperien-
 cia, que tem a nossa plebe de os vêr por essas tabernaç
 beber a cair; mas que os guizados, de que se faz uso
 nas cidades *façam fallar Francez*, é descoberta nova
 que só Balthasar Estaço fez, e de que ninguem mais te-
 ve noticia: mas quem preferia os saltos dos borregos ás
 danças theatraes, écoherente preferindo a borôa, e sardi-
 nha salgada a um gordo Perú assado, e a uma cabeça
 de vitella recheada, que apparecem nas nossas mesas, e
 a agua do monte a uma garrafa de malvasia, ou de mos-
 catel de Setubal; cada um tem seu gosto, e contra gos-
 tos não ha disputas.

A Noite, que lá he tão triste, e escura,
 Que costuma parir monstros medonhos,
 Os quaes com morte de outros vai criando,
 Noite de tão horrenda catadura,
 Que vos tem assombrado até por sonhos
 C'os estrondos, que sempre está causando,
 Aqui todo o trabalho aliviando
 Tão clara se apresenta, e tão formosa
 Que julgaes, que he Esposa
 Do Dia, que passou formoso, e claro,
 Nella a nocturna Ave
 Canta em compasso igual, e tão suave

Que accede ao som della o somno charo,
O qual vos faz sonhar, que hides vóando,
Signal do gosto alegre, que vai dando!

Aqui de certo ninguem ousará contradizer o Poeta!
Na verdade, onde podem encontrar-se melhores cantores
que os Mochos, as Crujas, os Jucurutus, os Noitibós, e
os Bufos? Póde duvidar-se que as noites no campo se-
jam menos escuras do que nas Cidades mesmo illumina-
das por gaz? Que a Lua de lá seja mais clara, e mais
resplandecente que a de cá, porque é certo que ha Lua
salóia, e Lua cidadãa! Faz-me lembrar isto um Gallego,
que muitas vezes me affirmou, que em *Galliza tudo era
melhor, que em Portugal, menos o Sol, porque o da sua
terra não era tão bom como o de cá!*

Aqui da Côte ingrata vivo ausente,
Aqui sem vêr o mal, que lá se passa,
Antes que chegue a morte, passo a vida,
Aqui alegre vivo, aqui contente,
Longe do fero mal, que me ameaça;
Perto do doce bem, que me convida,
A esperança vêjo aqui cumprida,
Pois que trsborda o bem, que sinto, e vêjo,
Por fóra do desejo,
O qual tem para si paz desejada,
E para dar a pobres,
Que em altos edificios, ricos, nobres,
Por se enganarem tem a paz pintada,
Aonde tem por falso o mal, que assombra,
E tem por verdadeiro o bem, que he sombra.

Meus pensamentos lá eram de ferro
Grilhões, com que minha alma presa andava,
Com passos, que soavam, que doiam,
Aqui conheço o mal, conheço o erro,
A quem desprezo mais de que o presava,
Achando quantos hens lá me fugiam,
Quantos tormentos lá me perseguiam,
Todos persigo cá, antes destruo,
Porque o bem que possuo,

Faz ser mais odioso o mal passado,
 Oh ditoso Deserto,
 De quem o gosto, e paz vive tão perto,
 Deserto só do mal, do bem povoado,
 Tu sáras todo o mal que a Côrte pega,
 E tu dás todo o bem, que a Côrte nega.

Canção, dos que comtigo se recreãm,
 Daquelles, que te louvam, e que te ouvem,
 Quero que não te louvem, e te créam,
 E não que te não créam, e te louvem.

Esta Canção apezar das faltas de gosto, que acima notamos, e de algumas negligencias, deve considerar-se como uma das melhores producções deste Poeta. Igualmente nas outras não faltam de quando em quando trechos de boa poesia. Tal é este da terceira em louvor de S. Mancio.

O raio do Sol cria
 Ouro secretamente,
 Metal, que só na Terra he estimado,
 Este, que me allumia
 Creou publicamente
 O ouro, com que o Ceo tenho comprado,
 Oh raio consagrado
 Do Sol alto, e celeste,
 Pois dais sem liga o ouro
 Com que se faz no Ceo rico thesouro,
 Alguns polo terrestre
 A vida tem perdida,
 E vós por me dar este, dais a vida.

As aguas cristalinas,
 E as terras viçosas,
 Que tantos annos ha, que vos desejam;
 Com danças, e boninas,
 Com folias de rosas,
 Com invenções de flôres vos festejam,
 E isto porque vejam
 Os meus habitadores
 Que eo'as vozes que posso

Canto, celebrou hoje o louvor vosso,
 E porque estes louvores
 Tão frescos vos não dera
 Deteve mais hum pouco a Primavera.

E este tirado da Canção IV. endereçada a uma Donzella mui galanteada, louvando o amor divino, e desprezando o mundano.

.....
 Este Idolo do Mundo,
 De muitos praguejado,
 Mas de poucos de todo aborrecido,
 Com hum louvor jocundo
 Tem vosso ser louvado
 Porque de vós não seja conhecido,
 Mas pois tendes ouvido
 De Amor a condição,
 De falsidades chéa,
 Que sempre mente claro, não paléa,
 Subi vossa razão
 Sobre esta falsidade,
 Vereis que Deos he amor, Deos he verdade.

E este emfim da Canção V. sobre a vaidade das esperanças mundanas.

.....
 Rouba o tempo presente,
 Promette o que he futuro
 Castiga co'a memoria do passado,
 Paleando-nos mente,
 Fingindo brando o duro
 Pesar, que do prazer falso tem dado,
 E depois de chegado
 O tempo, em que mostrou
 O bem, que promettia,
 Em qualquer dia mostra n'outro dia
 Desta arte me enganou,
 Mostrando-me c'o dedo
 O bem, que diz que vem, e elle está quedo.

 Com certas sombras finge

Amostradas ao longe,
 Ser natural aquillo, que he fingido,
 De mil côres se tinge
 Para que nos lisonge,
 Vertendo-nos o mal com bom vestido;
 Suave faz no ouvido
 A vóz que anda soando,
 Serei, terei, farei,
 Porém nunca ao primeiro ser cheguei
 Assi andei esperando,
 Hum bem emmascarado
 Que sem mascara fica mal dobrado.

Balthasar Estaço não se mostrou muito feliz no estylo Elegiaco, pois é quasi sempre debil de expressão, e de idéas, como o mostra o exordio da Elegia I. a Jesus Crucificado.

Si em vós, meu Redemptor crucificado,
 Não dura do peccado a lembrança
 Sinão em quanto dura o *tal* peccado.

Não será isto prosa em todo o rigor do termo? É certo que de quando em quando lá apparece algum rasgo mais energico, algum terceto melhor fabricado, por exemplo este

Si sem medo nenhum quiz affrontarvos,
 Quem foi tão atrevido em offendervos
 Porque hade ser cobarde para amarvos?

mas isto é como relampagos em noites tenebrosas, que brilham, desapparecem, e augmentam a escuridão.

A melhor das Elegias deste Poeta é a dirigida á Virgem Maria, o seu exordio especialmente é bastante poetico, e imaginoso.

Virgem, dos altos Ceos alta Rainha,
 Dos mortos o remedio, Mãi dos vivos,
 Cofre da mór riqueza, que o Ceo tinha.
 Consolação dos males mais esquivos,
 Mãi da sancta Esperança, que vou tendo,

Mina, que deu o resgate dos captivos,
 Porta por onde o Ceo se vai enchendo,
 Janella d'onde Deos sempre nos chama,
 Paraíso da Gloria, que pertendo.

Do mais ardente Amor ardentê chamma,
 Mãi da amorosa, e doce formosura,
 Do vosso Eterno Deos eterna fama.

Do saber infinito casa pura,
 Desejada do eterno no aposento,
 Cidade de refugio mais segura.

Os titulos das Eclogas de Balthasar Estação bastam para mostrar a idéa errada, que este Author fazia do caracter de semelhante Poema, que elle transformou em dialogos moraes, e asceticos entre Pastores: é que outra cousa pôde ser uma Ecloga que se intitula *do conhecimento proprio?* outra *Espiritual, e consolatoria?* outra *da Magdalena?* outra *Espiritual, que brevemente ensina a buscar a Deos?* outra, que *chora a morte, e canta a vida do Padre Luiz Alvares da Companhia de Jesus?* Creio que não saltarão Leitores, que deparando com estes titulos passem adiante sem lêr um só verso; eu serei menos severo, e menos impaciente, porque ainda que estas composições estam longe de considerar-se como verdadeiras Eclogas, isto é, Poemas Pastoris, nam deixa por isso de haver delles alguns trechos de boa poesia, tal é este principio.

No tempo, em que o Sol claro, e dourado
 Pela deserta terra hindo passando,
 Deixa florido o campo, e verde o prado,

N'hum viçoso vergel, onde cantando
 Os Passarinhos vam de planta, em planta,
 Amorosas lembranças espartando.

A garrida Milheira o tipre canta,
 A doce Primavera já sentindo,
 Com mil quebros, e passos de garganta,

O lédo Pintasilgo de traz, hindo
 Cantando seu contralto saudoso,
 Mil saudades doces repetindo,

O Rouxinol suave, e amoroso
Com seu brando tenor vai concertando;
Ora contente está, ora queixoso.

O saudoso Melro vai levando
O contrabaixo, grave fundamento
Das vozes, que sobre elle vam cantando.

A voz de fóra lança o fresco Vento
Côado pelo verde do Arvoredo
Com socegado, e manso movimento.

O cristalino Rio claro, e lédo,
Espantado de ouvir tal harmonia
Parece que não corre, e que está quedo.

A terra da espessura está sombria,
Porque os freixos o Sol escondem tanto,
Que della por entre elles si não via.

Em fim que neste bosque tudo quanto
Se vê conserva n'alma saudosa
Saudosa alegria, alegre espanto.

Aqui, nesta floresta verde, e umbrosa,
A' vista destas aguas cristalinas,
Que a fazem ser mais fresca, e mais formosa,

Stava entre flores, rosas, e boninas
Silvio, rico Pastor, mas já mudado
Das pertenções humanas ás divinas.

Este trecho, abstrahindo de alguns defeitos de estylo, póde considerar-se bom como poesia descriptiva, e não faltam nestas *Eclogas* outros de igual, ainda que diverso merecimento, como este da *Ecloga IV.*

Aqui a manhã clara, e graciososa
Do prateado orvalho rociada,
Aqui a rama fresca, verde, umbrosa,
Que esta ribeira tem toda enramada:

Aqui a branca flor, a bella Rosa,
De quem a terra está mal povoada,
Em alta voz pregoa, livre, e exempta,
Que só Deos satisfaz, só Deos contenta.

Aqui o Sol, a sombra, a calma, o frio
O formoso, o dourado horisonte,
O liquido cristal do manso rio,
O prado, o valle fundo, o alto monte,
O deleitoso vento fresco, e frio,
Os rochedos, a serra, a clara fonte,
Cada hum delles diz, pôsto que mudo,
Tudo se acha em Deos só, só Deos tem tudo.

Aqui os Passarinhos na espessura,
As Abelhas no campo sussurrando,
Os Animaes no pasto, e na verdura,
Os Peixes do cristal fóra saltando :
Aqui o claro Dia, a Noite escura,
Aqui as soltas aguas murmurando,
Pregoam em voz clara, e em voz alta,
Que tudo ha de faltar a quem Deos falta.

.....
Qualquer Pastor, Leonio, bem entende,
E da propria razão claro conhece
Que dos humanos gostos, que pertende,
Lhe nascem os desgostos, que padece ;
Bem sabe o Mundo vão quam pouco rende,
O trabalho por Deos quanto merece,
Bem claro vê, conhece, e experimenta
Que só Deos satisfaz, só Deos contenta.

Mas não sei que embaraço, ou que destino
Tem os Pastores todos neste engano,
Porque entendendo bem o bem divino,
Todos amam, e seguem mal mundano,
Praticam ser o Mundo hum desatino;
Louvam o bem Celeste, e soberano,
Porém buscam o mal para abraça-lo,
E tractam só do bem para louva-lo.

As Epistolas de Balthasar Estaço sam bem pensadas, bem escriptas, mas fracas de poesia: o mesmo pôde dizer-se de alguns Poemctos, que elle denomina Oitavas.

Estaço é dos Poetas, que deixaram mais copioso número de Sonetos, e assim mesmo nos teria transmittido muitos mais, si não quizesse lemitar-se aos de assumpto moral, ou de devoção, como fez com o restante das suas poesias. Nestas composições mostra elle bastante engenho, boa linguagem, pensamentos solidos, e profundos; só é para sentir, que muitas vezes se deixasse levar do desvairado estylo gongorista, como neste Soneto que passo a copiar, para que os Leitores vejam como este Poeta Cónego fallava o idyoma poetico de D. Luiz de Gongora.

SONETO.

De tempo em tempo tudo vai andando,
 O Tempo, sem pôr tempo, vai correndo,
 Sem tempo não se vam os Tempos vendo,
 Por tempo o Tempo vai prophetisando.

Do tempo o Tempo só pôde hir fallando,
 A tempo se pôde hir o Tempo erguendo,
 C'o Tempo se vam Tempos entendendo,
 Que o Tempo varios tempos vai mostrando.

Nunca o Tempo perdido he mais cobrado,
 Que si o Tempo nos tira o que he presente,
 Mal pôde dar o Tempo o que he passado.

O Tempo gaste bem todo o prudente,
 Que si o Tempo, que passa, he bem gastado,
 Todo o tempo passado tem presente.

E então? não é um discipulo que faz honra ao mestre? Pôde achar-se uma mina mais rica de trocadilhos? Pois nada lhe fica devendo o Soneto que se lê, a paginas 11, a uma religiosa, que se chamava Sor Maria da Graça.

SONETO.

Que Graça foi tão santa, a que alcançastes ?
 Que Gloria foi tão falsa, a que perdestes ?
 Que Graça foi tão rica a que quizestes ?
 Que Gloria foi tão pobre a que deixastes ?

Que Graça foi tão alta a que mostrastes ?
 Que Gloria foi tão baixa a que perdestes ?
 Que Graça foi tão grande a que dissestes ?
 Que Gloria foi tão falsa, a que presastes ?

Toda a Graça vos dá Deos vosso amado,
 Porque a gloria deixeis, que o Mundo abraça,
 E a tendeis por graça, e falsa historia.

A gloria que lhe dais vos tinha dado,
 Dá-vos por gloria vãa divina Graça,
 E por Graça divina eterna Gloria.

Não é bem liquido, á vista do Soneto, si esta Religiosa se chamava no seculo Maria da Gloria, e segundo o costume das Freiras, no tomar o véo, trocára este nome pelo de Maria da Graça; ou se gozava de brilhante situação no mundo, que abandonava para entrar na estreiteza do claustro; mas o que não padece dúvida é que os dous vocabulos *graça*, e *gloria* sam as bases de todos os trocadilhos, e contrapostos, que enchem o Soneto, e formam todo o seu artificio. E que trabalho não teria o pobre Cônego para accomular tanto disparate?

Mas nem todos os Sonetos de Balthasar Estaço estão igualmente civados desta peste conceituosa, e culta; testemunha o que endereçou em louvor da Rainha Santa Isabel.

SONETO.

Vivem, Rainha Santa, em competencia
 Reinos famosos só por merecerem
 A parte, que de vós pertendem, querem
 Por augmentar seu ser, sua potencia.

Do Reino do Ceo vence a providencia
Sem vós ficam os dous, que vos requerem,
E confessam porém sem offenderem,
Que só merece o Ceo tal excellencia.

O Ceo vos fez por serdes louvor seu,
Do Reino alegria, gloria, e honra,
Porque a todos de vós parte convém.

Gloria-se Aragão porque vos deu,
Honra-se Portugal porque vos honra,
E alegra-se o Ceo porque vos tem.

Este estylo não vai inteiramente limpo do cultismo,
mas ao menos não é em tanto excesso como no antecede-
dente.

O mesmo pôde dizer-se deste a Santa Luzia.

SONETO.

A pedra, em que o Amor, todo o amor toca,
He a tribulação, que a alma padece
Por este mesmo Amor, que quando cresce,
A todo bem nos move, e nos provoca.

Esta alma, que este puro amor invoca,
Em quem reinando vive, em quem florece,
Cujo fervor se mostra, e se conhece
N'alma, no corpo, vida, olhos, e bocca.

Tocada está em pedra aguda, e dura,
E tanto ama o Deos porque he ferida
Que julga que sam flores os abrolhos.

Ninguem amando sobe a mór altura,
Mais ama do que a vida, e do que os olhos,
Pois que perde por Deos olhos, e vida.

Tenho por um dos mais bellos Sonetos de Balthasar
Estaço o seguinte a uma donzella dominada do furor
da sensualidade, a idéa é nova, bem expressada, e sobre
tudo bem applicada á comparação.

SONETO.

Si vós vireis Donzella, que animava
 Huma Serpe cruel que a offendia,
 E que esta mais amava, e mais queria
 Sem embargo do mal, que lhe causava.

Si visseis que esta mesma, a quem amava,
 Em pago deste amor a destruia,
 E tanto com mór furia a perseguia,
 Quanto com meros mimos a aflagava.

Não pasmareis de vêr que estava entregue
 A tal Serpe Donzella, que se entende?
 Pois vêde que essa causa essa alma mata.

Que quanto mais a honrais mais vos persegue,
 Quanto mais a amimais mais vos offende,
 Quanto mais a servis peor vos tracta.

Não me parece inferior a este o Soneto de paginas 4,
 em que Estaço elogia um Poeta contemporaneo, cujo nome
 se ignora, e por isso se não pôde conhecer até que ponto
 fossem merecidos estes louvores.

SONETO.

Cantando se renova o pensamento
 Do bem, que nos ficou só em lembrança,
 Cantando se accrescenta a esperança
 Do gosto, que enterrou nosso tormento.

Cantando se levanta o alto intento,
 O qual cahiu co'a dôr, que sempre o cança,
 Cantando se modera a esquivança,
 Da pena, que se pôz no entendimento.

Tambem o vulgo diz que o Fado adverso
 Costuma de espantar quem quer que canta,
 Julgando que o mau fado foge ao canto.

Mas deve ser tão doce o vosso verso,
 Que não vos quer fugir porque se espanta,
 Mas quer—vos sempre ouvir só para espanto.

A julgarmos pela collecção impressa dos seus versos, que temos presente, é Balthasar Estaço um dos Poetas desta epocha, que menos tempo perdeu em compôr poesias hespanholas, pois sam mui raras as, que se encontram entre as suas, e nisso deu boa prova de juizo.

Tambem encontramos nesta collecção algumas Glozas, Coplas, Villancetes, &c. no gosto da antiga Poesia Nacional; nestes escriptos não deparamos belleza alguma notavel, mas todas são escriptos em linguagem pura, e sobre tudo bem metrificadas. Quanto aos assumptos, é escusado dizer que são todos devotos como nas outras composições.

Para dar idéa do seu talento no estylo antigo, transcreveremos as seguintes Cartas em Quintilhas, que de quando em quando lá dam seus ares, posto que bastante remotos, da maneira de Francisco de Sá e Miranda.

CARTA I.

He minha experiencia tal,
 Não sendo tal meu saber,
 Que por ordem natural,
 Vês prophetisar meu mal,
 Antes que viesse a ser.

Que inda que seja verdade
 Que a tenra mocidade,
 Nunca dá muita prudencia,
 Supre na falta da idade
 Qualquer pouca experiencia.

Nem Deos, nem a alma me culpa
 N'este mal, que o Mundo ordena,
 Nem quero d'elle desculpa
 Porque nelle he mal de culpa
 E he em mim só mal de peua.

A qual causa o mal que diz
Sendo em juizo devasso,
Mas he tão cego juiz
Que absolveu erros, que fiz,
E hoje julga o que não faço.

Obras justas, e perfeitas
Condemna como malfeitas,
Mas esta Fama que deita,
Suspeito que sam suspeitas
Do que busca o que suspeita.

Uma estancia com duas rimas, sendo uma em *eita*, e outra em *eitas*, é uma negligencia insopportavel para quem tiver ouvidos delicados.

Porque como elle deseja
De ter esta minha Estrella,
A qual seu remedio seja
Faço-lhe eu com vosco inveja
You comigo remoella.

Mas por exatar queixumes
De quem quer vossas privanças,
Farei tão largas mudanças
Que a elle tire os ciumes
E a vós poupe as esperanças.

Neste concerto, a que vim,
Sirvo a vós, e sirvo a elle,
E porque isto seja assim
A vós tiro o temor d'elle,
A elle o temor de mim.

É para melhor cumprir
As leis de não offender-vos,
Tão longe quero fugir,
Que não veja quem vos vir,
Quanto mais vir para vêr-vos.

E para saberdes que eu
Todo prazer tinha posto
No gosto que o bem vos deu,
Como não foi vosso gôsto,
Não o ficou sendo meu.

Porque trago o coração
Tam captivo da razão
Para ser livre, e isempto,
Que em vossa veneração
Só occupo o pensamento.

Pois que a razão natural,
Que entre ambos do sangue vem,
Nem me salva, nem me val,
Deixo de seguir hum bem,
D'onde se vos segue hum mal.

Que outro Amor, porque me vejo
D'outra mais alta conquista,
Poz tão alto meu desejo,
Que tudo quanto bem vejo
Me fica a perder de vista.

Este por termo sesudo,
E desviado da estrada,
Do Minino cégo, aludo
Dispença que vejo tudo
Quando não quero vêr nada.

Este na dôr transitoria
Me recréa o pensamento,
Porque é tal sua victoria
Que athe no proprio tormento
Me põe o sabor da gloria.

Posto estando em tal estado,
Ninguem tenha de mim dó,
Porque só com meu cuidado
Vivo mais contente só,
Que ninguem acompanhado.

Alguns Leitores costumados á regularidade moderna, estranharão sem dúvida, que as rymas destas Quintilhas sejam diversamente copuladas; mas devem advertir que os nossos antigos Poetas, ou por desejo de variedade, ou mesmo por negligencia, rymavam as Quintilhas como lhe cahiam as rymas, sem attenderem a preceito, ou regularidade, sendo boa prova disto o Poëma de Lope de Veja Corpio, sobre a vida de Santo Isidro, cujos dez Cantos sam compostos de Quintilhas com todas as variações de rymas, que nellas cabem, como pôde vêr-se destas, tiradas do Canto X.

*Es el Aleto estimado
Que nasce en el Indio valle,
El Alcon de hermoso talle,
En la vida regalado,
Y muerto echado en la calle.*

*Y la Perdiz perseguida
Del Azor, y el Perro en vida,
Es en la muerte istimada,
Y en la mesa regalada
De los Princeses servida.*

*Assi Isidro Labrador
Pobre, humilde, e perseguido,
Y mientras vive abatido
Fué en la mesa del Señor
Despues de muerto servido.*

CARTA II.

Depois que o longo tormento,
Que eu não cuidei que passasse,
Das penas do entendimento
Fez azas ao pensamento,
Com que mais alto voasse!

Tão duro julguei, Senhora,
Cousa, que vós não quizeréis,
Que nesse momento, ou hora
Vos vi representadora
De Figura, que não ereis.

E por desastre vi mais
 Em vós, a quem nada devo,
 Pois fingis o que mostraes,
 Mil figuras de relevo,
 Que eu tinha por naturaes,

E entrando pelas portas
 Dessas moradas esquivas,
 Onde estam almas captivas,
 E cem mil imagens mortas,
 Que vós me mostraveis vivas.

E vi para maior damno
 Outro maior desatino,
 Em Auto d'Amor mundano
 Figura d'Amor divino
 Representando o profano.

O qual tinha por officio,
 A' sombra da gentileza,
 Recitar neste exercicio
 Amores por artificio,
 Enganos por natureza.

Vi fantasticos andados
 Pelos ares exparzidos,
 D'ouro fingidos bordados,
 Vi trabalhos padecidos
 Por gestos imaginados.

Damnos irremediaveis,
 Penas, dôres, insofriveis,
 Vivas sombras invisiveis,
 Tormentos incompativeis
 Por delicias impossiveis.

Vi meus males, meus enganos,
 Todos com desfarces de Anjos,
 E para mais graves damnos
 Julguei sempre por Archanjos
 Demonios Meridianos.

E no tempo, em que me vistes
 Dando quanto vós pedieis,
 Posto que nada pedistes,
 Vi dançar meus males tristes
 Ao som, que vós lhe fazieis.

Vi perdida a melhor graça
 Porque essa vossa alcançasse,
 E vi nessa vossa face
 Mil jogos de *passa-passa*,
 Mas não jogo que passasse.

Vi que quando me tractaveis
 Pelo bem, que não querieis,
 Como Sígana fallaveis,
La buéna dicha dizieis,
La dicha mala me daveis.

Neste dia, ou nesta hora
 Por oculos mui perfeitos
 Para a minha vista feitos,
 A vós vi tregeitadora
 A mi acceso de tregeitos.

É vi-vos por via errada
 Errar vosso ultimo fim,
 De todo o bem desviada,
 Sendo Arvore de Jardim
 Feita Nogueira de estrada.

Vendo Monstros tam medonhos,
 Fujo delles assebrado,
 E lembrando-me o passado,
 Duvido si foram sonhos,
 Si obras de Homem occordado.

Esta Carta penso haver sido escripta quando o Poeta era ainda mancebo, e talvez ainda não entrado no estado ecclesiastico; é endereçada a uma Dama, mas o seu conteúdo não é mui facil de perceber, parece com tudo ser um rompimento de relações amorosas, causado pelos enganos

é perfidias, que com elle havia praticado essa amada, é o modo mais commum porque ellas recompensam os homens, que verdadeiramente as amam, que as comulam de beneficios. Ha nisto, como em tudo, muitas excepções honrosas; mas a regra geral é que a mulher não ama, nem guarda lealdade senão ao homem estúpido, sem merecimento, que a maltracta, diffama, e despreza; si esta proposição carecesse de provas, não me saltariam exemplos para sustenta-la.

Não consta o anno em que falleceo Balthasar Estaço, nem o dia, e o sitio em que foi sepultado.

O padre Antonio dos Reis fez tambem menção deste Author no seu *Enthusiasmo Poetico*, nos seguintes versos.

*Par operi plectrum pulsans Balthasar honora
Quem non docta Cohors, nec Cynthia ipse coronat,
Fronde, sed é superis lapsum Diadema per auras,
Non, nisi sacra, canens, solio residebat in alto.*

CAPITULO III.

D. Francisco de Portugal.

No anno de 1585 nasceo, ao que parece, nesta capital, D. Francisco de Portugal, fidalgo tam distincto por seus talentos, honrado, e virtuoso comportamento, como por sua linhagem, que era uma das mais illustres, e assignaladas do Reino, pois foi filho legitimo de D. Lucas de Portugal, e de D. Antonia da Silva, filha de D. Antão de Almada, que era Capitão mór de Lisboa.

Foi neto de D. Francisco de Portugal, que tinha exercido os cargos de Vedor da Fazenda d'El-Rei. D. Sebastião, do seu Conselho de Estado, e seu Familiar, e Escribeiro mór.

Bisneto de D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira, que fôra Almirante dos mares da India, e era neto de D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante da India, que teve a dobrada ventura de levar ao cabo a empreza do seu descobrimento, rodeando por mar toda a costa Africana, e de ser immortalisado pela Musa de Luiz de Camões; e a razão de estes fidalgos terem usado do appellido de Portugal provém do primeiro D. Francisco, avô do nosso Poeta, ser neto pela parte materna de um Conde de Vimioso.

D. Francisco de Portugal foi abençoado pela Natureza com um singular engenho, e ás mais felizes disposições. Acontece muitas vezes a estes naturaes excellentes o mesmo, que a muitos terrenos de optima qualidade, que só produzem hervas inuteis, arbustos agrestes, e bravios por lhe faltar a cultura necessaria para aproveitar a sua fecundidade.

Não aconteceu assim a D. Francisco de Portugal, porque seus pais tiveram muito cuidado de lhe dar optima educação christã, e politica, fazendo-lhe adquirir todas as prendas proprias de um cavalheiro, e todos os conhecimentos necessarios a um homem, que deseja empregar-se no serviço da sua Patria, tanto na paz, como na guerra.

D. Francisco soube aproveitar-se das lições dos habéis mestres, a quem fôra entregue, pois nenhum corteção do seu tempo soube tão bem como elle cavalgar, e dirigir um ginete, manejar todas as armas, nem teve maneiras mais polidas, nem mais amabilidade, e cortezia, e foi isto o que lhe grangeou o ser visto com o maior agrado, e favor na Côte de D. Philippe III.

Não se applicou com menos assiduidade, nem fez menos progressos no estudo das Humanidades, e das Sciencias militares, e civis, que o habilitaram para bem desempenhar as differentes, e importantes commissões, de que foi encarregado pelo Governo.

A opinião herdada de seus avós, que tanto se haviam illustrado na marinha, o impelliu poderosamente para a vida do mar, e se não descobriu novas terras, ao menos fez a guerra com valentia, e denôdo nós mares remotos, que précorreu.

Por tres vezes foi nomeado para Capitão de Galiões;

uma fazendo parte da Esquadra, que sahia do Téjo, commandada por D. Affonso de Noronha, e a segunda, e terceira em duas Armadas, de que foi por Almirante D. Antonio de Athaide.

Tornou a embarcar-se na Armada, que se mandou em soccorro da Bahia, que então estava ameaçada pelos Holandezes, que durante a dominação hespanhola se haviam senhoreado das Praças mais importantes, e negociosas do Brasil.

Nesta guerra expôz D. Francisco de Portugal a vida a muitos perigos, e ganhou creditos de um dos melhores soldados do seu tempo.

A guerra na Bahia progredia lentamente com ameudados recontros, e combates parciaes, que tinham logar todos os dias; porque nem aos Portuguezes, nem aos Batavos convinha empenhar-se em uma acção geral; e decisiva porque nem uns, nem outros tinham forças sufficientes, e por isso preferiam temporisar, esperando reforços dos seus respectivos Governos; parece que a Cidade não era guardada com toda a vigilancia, que exigem as leis da guerra; porque conhecendo isto os Hollandezes, e aproveitando-se do nosso descuido, aventuraram um cometimento, que nos hia sendo fatal.

As nossas tropas quasi todas compostas de soldados bissonhos, facilmente se assombraram com o assalto repentino; e em quanto uns corriam confusamente ás suas bandeiras, os que estavam nas trincheiras colhidos de subito as desamparavam. D. Francisco despertado com a vozaria, e estrondo dos tiros, e dos instrumentos bellicos, tomou as armas, e sahiu promptamente á rua, e encontrando um grande numero de soldados, que se retiravam dos pontos atacados, foi direito a elles, e fazendo-os envergonhar da sua cobardia indigna de Portuguezes, lhes infundiu tal espirito, que collocando-se á testa delles, os levou de novo aos inimigos, e depois de um combate enearnçada, os rompeu finalmente, obrigando-os a retirar-se desbaratados, e pôde sem receio affirmar-se que sem o valor, sangue frio, e o bom accôrdo de D. Francisco a Bahia naquella occasião ficaria pelos Hollandezes.

Fazendo-se depois na volta de Portugal a bordo da Não Almirante, soffreu tam grandes tempestades, que o Galeão

chegou ás aguas do Faial desmastreado, e todo aberto, e em perigo imminente de soçobrar-se. Resolveu-se entre o Almirante e os Fidalgos, que vinham na sua conserva, mandar a terra por barcos, em que podessem salvar-se, e nomearam D. Francisco para esta diligencia, porém elle obstinadamente se escusou della, dizendo que principiando a escurecer, e podendo a tormenta crescer de modo, que lhe não dêsse tempo para buscar os seus camaradas, e livrar-los do perigo, antes queria ficar a bordo, e perecer com elles, do que sem elles salvar sua vida.

D. Francisco de Portugal era dotado de genio tam generoso, e tam cheio de desinteresse, que sendo nomeado para hir á India por Capitão mór das Nãos do Estado, e estando para fazer-se de véla dentro em tres dias a Náo, em que tinha de embarcar-se, constando-lhe que para aquella diligencia havia sido nomeado um soldado cheio de prohibidade, e de serviços, e que havia gasto para se apromptar para aquella viagem toda a fazenda, que possuia, para logo se demittiu do cargo de Capitão mór, dando por causal, que não queria desgostar a tam honrado Capitão, nem defraudar-lo dos seus interesses.

Nem se mostrou menos magnanimo, e desinteressado em outra occasião, em que foi mandado á India no mesmo posto: recusou a commissão por causa das ordens severas, que lhe davam contra o Viso-Rei, que então regia o Estado, e que era seu parente, em grau mui proximo, e seu intimo amigo, dizendo: Tenho muitos filhos, e pouca fazenda para mante-los; sei que nesta viagem posso licitamente fazer grandes interesses; mas prefiro o perder todas estas vantagens, a passar pelo desgosto de trazer preso para o Reino um fidalgo tam honrado, além de meu amigo, e parente.

Não ignoro que neste seculo, todo positivo, e de interesses materiaes, não faltará quem ria destes exemplos de D. Francisco de Portugal, e que o haja por louco em recusar interesses com offensa dos direitos alheios, ou com quebra das leis da amizade, e de parentesco; mas a virtude não conhece o Codigo do egoismo; para ella não significa cousa alguma o canon das almas sem poesia.

Unde habens nemo querit, sed oportet habere.

D. Francisco de Portugal contrahiu matrimonio com D. Cécilia de Portugal, filha de Antonio Pereira de Barrodo, Governador, e Capitão general da Praça de Tanager na Mauritania, e General vitalício da Armada do Reino, e de D. Marianna de Portugal, sua esposa.

Deste matrimonio teve D. Francisco os seguintes filhos; D. Lucas de Portugal, que lhe succedeu na casa, e morgado, D. Diogo de Portugal, mancebo de grandes esperanças, que feneceu desgraçadamente, quando se perdeu Tristão de Mendonça. D. Lourenço de Portugal, que foi Commendador da Ordem Militar de S. João de Jerusalem; Frey Antonio de Portugal, que tomou o habito da Ordem dos Prégadores; e Frey Carlos de Portugal, que foi Freyre Conventual da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo; além destes filhos teve D. Francisco tres filhas, a saber: D. Magdalena, e D. Marianna de Portugal, e D. Maria de Portugal que casou com Paulo da Gama.

O nosso antigo Poeta, e mais philosopho que Poeta, Francisco de Sá de Miranda, havia dito com a sua costumada energia

Homem de hum só parecer,
Hum só rosto, huma só fé,
D'antes quebrar que torcer,
Elle tudo pôde ser,
Mas de Côrte Homem não he.

E esta grande verdade, se comprovou com a sorte de D. Francisco nos ultimos tempos da sua vida. Ainda que muito affastado daquelle orgulho insolente, que muitas vezes se dá na nobreza, era elle muito cioso das suas prerogativas, e procurava mante-las a todo o custo.

Sendo pois nomeado para ir á India na qualidade de Capitão mór daquelles mares, recusou obstinadamente acceitar aquelle encargo, por ser em anno de Viso-Rei, porque o seu melindre militar se offendia de hir como Capitão mór, levando bandeira de Almirante, como sempre era uso quando hia Viso-Rei.

Desagradou ao governo esta sua inflexibilidade, que foi capitulada de desobediencia, e de falta de subordinação, sendo em consequencia disso preso em uma torre, onde

jazeu por muitos tempos. Tal é a sorte ordinaria dos homens benemeritos, ha toda a promptidão em puni-los de qualquer falta, mas nunca ha preça em remunera-los dos seus serviços; bem grandes eram os de D. Francisco, mas as mercês da côrte fugiram sempre delle, a quem deixaram vegetar na pobreza, pois a Commenda de Fronteira, que pedira para seu filho D. Lucas de Portugal, só a deveu á intercessão de D. Maria de Gusmão, filha do Conde Duque de Olivares, que se empenhou com seu pai para alcançar-lha, vencendo todos os obstaculos, com que se oppunha a esta mercê o Doutor Mendo da Motta, que era então Ministro do Conselho de Portugal.

Restituído D. Francisco á sua liberdade, desgostoso da côrte, e do serviço público, resolveu abandonar o Mundo, recolhendo-se á Ordem Terceira de S. Francisco, empregando todo o seu tempo em rigorosas práticas de devoção, e austera penitencia, e no cultivo da poesia, cujo amor se desenvolveu nelle desde a mais tenra idade.

Serviu tambem alguns cargos da Ordem, e exercia ò de Ministro, quando estando na casa da sua observancia em Lisboa, desempenhando as funções do seu cargo, lhe deu repentinamente um desmaio, e tornando a si com muito trabalho, padeceu por alguns dias até 30 de Julho de 1632, em que falleceu com 47 annos de idade, determinando em seu testamento, que o depositassem na Capella da Ordem Terceira em Lisboa, o que foi executado, e alli jazeu até que foi transportado para o Convento de Santo Antonio da villa de Fronteira da provincia da Piedade, de que era padroeiro, e o sam seus successores.

D. Francisco de Portugal morreu no maior vigor da idade, e é muito provavel que a falta de recompensa dos seus serviços, o desgosto de sua prisão, e a austeridade de suas penitencias lhe abreviassem a vida. Foi homem bem conformado de sua pessoa, posto que de estatura mediana, olhos vivos, mui branco, e gentil de rosto, teve o cabello preto, e a barba muito espessa, foi muito airoso, e desembaraçado em seus movimentos, tanto a pé, como a cavallo, a sua falla era harmoniosa, e engraçada, e sua expressão cheia de energia. Cultivou com grande esmero a musica, e com ella, e a poesia se fez mui bem visto, e estimado das damas da côrte de Madrid.

Apesar de não ser abundante de meios, fazia-se notavel pelo garbo, e bizzarria de vestir, supprindo o que lhe faltava em riqueza, com o asseio, elegancia do traje, em que podia servir de modéllo a todos os cortezãos.

D. Francisco de Portugal escreveu muitas obras, e entre ellas mencionam os contemporaneos uma *Arte de galantear na côrte*, a que deram grandes gabos, mas creio que de todos esses escriptos sómente se publicaram as suas Rythmas, de que foi editor seu proprio filho D. Lucas de Portugal, e nisso se mostrou mais zeloso da gloria de seu pai, e das letras patrias, do que os descendentes, ou parentes do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes que deixaram perecer as suas numerosas poesias, que elle mesmo affirma no Prologo da sua *Henriqueida*, que compunham cinco volumes em cinco differentes linguas.

As poesias de D. Francisco de Portugal consistem em um Volume em formato de 4.º de 167 paginas, a que se juntam mais 52 paginas contendo uma especie de Tractado moral, que tem por titulo: *Prisão e soltura de uma alma*, e uma carta a um amigo, estas duas obras sam escriptas em prosa, alternada com muitos versos de differentes medidas. Este volume foi impresso em Lisboa, na Officina Craesbekiana no anno de 1652, dedicada ao Principe D. Theodosio, e tem por titulo: *Divinos e humanos versos de D. Francisco de Portugal, por D. Lucas de Portugal, seu filho, Commendador da villa de Fronteira, Mestre-sala de Sua Magestade*, e é hoje um livro muito raro, e pouco conhecido mesmo dos que cultivam a poesia.

D. Francisco de Portugal pertence á escola de Gôngora, e de todos os que em Portugal se deram a imitar o estylo do famoso lyrico hespanhol, foi elle o que melhor soube emular as suas bellezas, sem copiar, nem exaggerar os seus defeitos. Grande parte dos seus versos sam em lingua castelhana, como era de esperar de um Poeta, que vivera muitos annos na côrte de Philippe III, posto que o sestro de poetar na lingua dos nossos visinhos fosse de antiquissima data entre nós.

As suas poesias portuguezas sam escriptas em lingua-gem pura, estylo elegante, ainda que ás vezes como o seu modélo descaia no affectado, e no conceituoso. Os seus



versos são habitualmente sonoros, e numerosos, e as rymas faceis, e não violentas, merecendo ser mais estimado, e conhecido do que presentemente é. Abunda em pensamentos graves, e engenhosos, em sentenças, e metaphoras atrevidas, com que anima a expressão, dando-lhe mais vigor, e energia. Foi mui feliz nos Sonetos, mas é para lamentar que a maior parte sejam em castelhano; eis aqui um dos poucos, que escreveu em portuguez.

SONETO.

Papel para meu mal acaso odiado,
 Letras de fogo, de huma mão de neve,
 Que polos olhos bebe a alma, em que escreve
 Novos *Esses* Amor desenganado.

De mentiras discretas animado
 A quem a vida novas mortes deve,
 Fundamento enganoso, em que se atreve
 Fundar altas ruinas meu cuidado.

De hum triste coração veneno ardente,
 Nectar mortal de huma immortal vontade,
 Que acha em vós força, quasi novo Antêo.

Inda que cégo, vejo claramente
 Que oraculos sois vãos de huma Deidade,
 Mentiras, que idolatro, e por fé crêo.

Muito melhor do que este me parece o que tem o n.º 37,
 dirigido a seu filho Fr. Antonio de Portugal.

SONETO.

Cada Flôr hum perigo, e tudo flôres
 Da Primavera apenas começada,
 Aos annos a virtude antecipada,
 Destino pareceu, si não amores.

Oh nascido aos despresos, e aos maiores
 Enganos d'alma, em ti desenganada,
 Tudo deixaste, não deixando nada,
 Tudo illustre venceste com temores.

Primeiros passos, com que a Deos alcanças,
 Glorioso fugir de imitar dino,
 Que abre caminho ao Ceo mais que é saudade.

Oh ditoso negado ás esperanças
 Disto humano, que a hum pai mostras divino,
 Que mal te chora, filho da verdade.

Este feito no Cabo, a Nossa Senhora, na occasião, em
 que o Poeta alli acompanhava o Cirio de Lisboa, e assistia
 ás festas, que alli costumavam ter lugar.

SONETO.

Virgem, Mãe de outro Sol, que Sol, e Gúfa
 No mar, em que ha bonança, e tempestade,
 Deste errado viver, luz, e verdade,
 Conduziu vir á verdadeira via.

Que cégos passos devo á tyrannia,
 De huns claros não sei quaes de huma vaidade,
 Quando entre os principios da verdade,
 Prodigio fui da fé que não devia !

Pelas lagrimas tudo os olhos vem,
 Hum clamor, huma mágoa, e cada objecto
 Mudo á livre ambição, a vós não mudo.

Quem ha que o bem commum tenha por bem ?
 Que ao respeito acabou todo o respeito,
 Só neste Cabo vêmos em vós tudo.

Eis-aqui o Soneto, em que o Author deu mais redêa
 aos conceitos, e trocadilhos, que frequentemente se no-
 tam nos outros Poetas da Eschola, que elle seguiu.

SONETO.

Riso á purpura da, purpura ao riso,
 Primavera animada á Primavera,
 Tal graça abre na graça, que podêra
 Justificar Narciso a ser Narciso.

Qual n'outro Paraiso hum Paraiso,
 Só assena hum vivo Sol no Sol, que era,
 Que humana acção divina acção movera
 Por quem perder mais siso era mais siso.

Oppondo flôr a flôr, e fogo a fogo,
 Formosura fulmina a formosura,
 Que o desejo a desejo desafia.

De hum incendio outro incendio nasce logo,
 De hum Ceo aberto, Ceo de mór ventura,
 Quem viu rir Celia muito mais veria.

E' muito natural que a Dama sobre cujo riso se fez este Soneto ficasse mui paga com tanto desperdicio de espirito, e clausulas conceituosas; o louvor agrada sempre, seja como fôr temperado, agora se o entendeu, é questão á parte, e que eu me não atrevo a resolver; parece-me porém que devemos agradecer muito ao Poeta por escrever tão poucas vezes nesta linguagem freiratica—descreta.

As Canções de D. Francisco de Portugal assemelham-se mais pela fórma externa com a Ode, que com a Canção Petrarchesca, em vez dos longos ramos, em que esta se arrastra tarda, e penosamente, ellas se devidem em estrophes de poucos versos, e marcham rapidas, e desésvoltas ao seu fim. O que pôde bem notar-se na seguinte

CANÇÃO.

Rigorosa Esperança,
 Vida d'Amor, e morte desta vida,
 Que em tão larga tardança,
 Huma esperança he morte desabrida,
 Com razão desespero
 Si mais padeço quanto mais espero.

O mais penoso estado
 Em viver de esperanças só consiste,
 Pois vejo em meu cuidado
 Que quando mais espero sou mais triste,
 Eu que esperar não tenho
 Pois no que espero a ter a morte venho.

Desespero morrendo,
 E já agora esperando desespero,
 Nem esta vida entendo
 Nem sei o bem que em tantos males quero,
 Mas sei que me condemna-
 O ter esta esperança maior pena.

Onde acharei soccorro,
 Pois em nenhum estado gostos vejo?
 Sem esperanças morro,
 E com ellas he morto o meu desejo,
 Eu mesmo me persigo,
 Pois sigo a morte quando a vida sigo.

Quam differente estado
 Sem esperanças meu amor tivera!
 Porque hum bem alcançado
 Quando se logra já se não espera,
 Que do bem, que se alcança,
 Nas mãos da possessão morre a esperança.

Mas pois Amor ordena,
 Que deu por vida aos tristes a esperança,
 Que me sirva de pena
 Ter posto nella minha confiança,
 Não me fica em que espere
 Já que esperando quer que desespere.

É pena que a affectação de estylo, e alguns jogos de palavras manchem a belleza desta Canção, o mesmo character se encontra nesta, em que o Poeta se dirige ás janellas, e casa, em que habitava a sua dama. É um soliloquio amoroso, em que não saltarão namorados, que reconheçam as meditações, que tem feito em circumstancias identicas, salvo o não as exprimirem em verso, e com expressões tão estudadas.

CANÇÃO.

Janellas, já alguma hora
 De outro mais claro Sol, alegre Oriente,
 Ocaso triste agora.
 Aras, çm que offerece a alma o que sente,

D'onde eternisar vejo
No sangue d'alma o fogo do desejo.

Para vós qual sagrado
Templo daquelle Apollo, que me abrasa,
Fujo do meu cuidado
Que he o Templo do Sol de Celia a casa,
E novo Phenix venho
Sacrificar a vida, que não tenho.

Ouvi nas vozes tristes
Ultimas, e nos ultimos suspiros,
Como cantar me ouvistes
De huns olhos immortaes tão mortaes tiros,
Chorar por maior mágoa
Nos diluvios de fogo os Ethnas d'agóa.

Agora em vossa esphera
Me anoitece, e então me amanhecia,
Sois por pena mais fera,
Portas da Noite, e foste-lo do Dia,
Trocaste-vos de sorte
Que sois, pois me mataes, portas da morte.

Vossos marmores bellos
Pedras funestas sam da sepultura,
Que me promette o vellos,
Com saudade tal, tal desventura,
Dando-me em tristes passos
Cabellos d'Abrahão, d'Orpheo os laços.

Em vós, Celia formosa,
Escondida em seus raios se mostrava,
Mais que Venus graciosa;
O Ceo a via, tudo se alegrava,
Depois que não parece
Tudo chora por ella, e se entristece.

Sem as Graças maiores,
Que em seu divino rosto Amor encerra,
Faltam no campo flôres,
Coraes ao mar, e alabastro á terra,

Sem seu cabello louro
Faltão raios ao Sol, ás minas ouro.

Sem a bocca adorada,
Fonte de graças, de desejos sede,
A concha celebrada
Nacar lhe falta, perolas lhe pede.
Sem seu divino alento
Fragancia ao ambar, suavidade ao vento.

Si este meu mal profundo,
E perdas tão geraes se lastimarem,
Que não he novo ao Mundo
Pedras sentirem, Arvores chorarem,
Si Celia ouviu verdades,
Dizei-lhe assim, penosas saudades.

« Aquelle, que mais ama,
» Que mais padece sem que o premio aguarde,
» Com suspiros vos chama,
» Em lagrimas vos mostra o fogo, em que arde,
» Nellas tormenta corre,
» Não vive por vos vêr, por vos vêr morre.

» Deixai os sentimentos,
» E pois mortes sentis, não tireis vidas,
» Que sam vossos tormentos
» De huma alma vossa duros humecidas,
» Mostrai-nos porque veja
» Em vossa vista a gloria que deseja.

» Em Sol triste, mas claro,
» Nas nuvens desce, donde em vos vêr, via
» Na escuridade hum Pharo,
» No vestido da Noite envolto o Dia,
» No Ceo destas janellas
» Noite com Sol, e dia com Estrellas. »

Mas, ai triste ! a quem fallo ?
Razões de fogo a frias pedras digo,
Porque as sem razões callo,
Si não sabirem d'alma he mór castigo.

Ingrato Amor, me ordenas
Que penas diga, e que não siata penas.

Pois Celia he pedra, ás pedras
Canção dize em voz alta,
Que, si falta a ventura, a fé não falta.

Quem lê as obras dos Poetas desta epocha, não póde deixar de notar que todos elles parece haver-se dado as mãos para não cantarem as perfeições das Bellas, sem comparar a sua formosura com o Sol, e com a Aurora, pensando talvez que com outras comparações não podiam dar adequada idéa das suas perfeições, o que foi causa de Jacintho Freire de Andrade chamar *transparentes* aos versos destes Poetas. Os que mais trabalho deram com suas composições, ao Sol, á Lua, á Aurora, e ás Estrellas foram Frey Jeronymo Vahia, Soror Violante do Ceo; e desta mania não soube isentar-se D. Francisco de Portugal, como se vê destas Canções Anacreonticas, em que não falta aliás merito poetico.

CANÇÃO.

Ao Sol Alinda estava
Tão semelhante ao Sol, que quem a via,
Hum por outro tomava,
Que doce enlevo ali si offerecia!
Que confusão tão bella
Si ella he do Sol retrato, o Sol o he della.

Note-se quantas vezes se falla em Sol nesta pequena Estrophe! passemos adiante que não deixaremos de nos encontrar ainda com este Astro de tanta devoção para os seiscentistas.

Ambos estavam vendo
Hum mesmo objecto em mil objectos varios;
Ao Mundo offerecendo
Tão conforme belleza em dous contrarios!
O Ceo, a Terra ardião,
Na reflexão que os bellos Soes faziam!

Espelhos verdadeiros
 Hum ao outro o que viam desejavam,
 Não mudos lisongeiros,
 Pois em si tinham tudo que envejavam,
 Com mais razão ainda
 Inveja Alcinda o Sol, e o Sol Alcinda.

Namorado, invejoso
 Via Elicio tão bella competencia,
 Dizendo temeroso
 « Ai de quem vê em dous Soes noites d'ausencia !
 » Novo Icaro me vejo
 » Mata-me a inveja d'hum, d'outro o desejo. »

CANÇÃO.

Quando sem côr vos vejo,
 Móres estremos vejo em vós, Senhora,
 Assim sigo o desejo,
 Vos acho Sol quando vos busco Aurorã,
 Que por mais estremada
 Sem côr sois Sol, e Aurora sois córada.

Nessas côres de Amôr,
 Me manda o mesmo Amor que nada espere,
 Pois vejo nessa côr,
 Não que esperar, mas de que desespere,
 Que si nella acha, e alcança
 Outrem Amor, eu só desconfiança.

Ali para meu damno,
 Só por ser mais cruel mostra piedade,
 Cobrindo com engano
 Desenganos de tanta crueldade,
 Que por mais rigorosa
 Nas obras sois cruel, na côr piedosa.

Triste ali venho a achar
 A esperança morta, e viva a pena,
 Que bem posso esperar
 Sendo que até a piedade me condemna ?
 D'onde com meu desejo
 Fujo ao que acho, fuge-me o que vejo.

Foi neste tempo que começaram a usar-se as Decimas, com as rymas eslaçadas pelo modo que hoje praticam os poucos Poetas, que ainda se applicam ao frivolo trabalho de glossar motes; e entre as obras de D. Francisco de Portugal se encontram algumas bem escriptas, e bem conceituosas, por exemplo estas

DECIMAS.

A que tormentos tão certos,
 Meus olhos, somos chegados,
 Pois vistes os bens cerrados,
 E os males vêdes abertos!
 Foram gestos yãos, e incertos,
 Os que o somno me levou,
 Certa a pena, que deixou,
 Acordado o hem perdi,
 E o que sem sentido vi,
 Para o sentir me acordou.

Deu vida á morte mais fera,
 O sonho, de que me espanto,
 Si a mentira pôde tanto,
 A verdade o que fizera?
 Já nunca acordar quizera
 Porque durma meu cuidado:
 Que miseravel estado!
 Que desdita tão temida!
 Vir achar dormindo a vida
 E ter a morte acordado!

Do muito que, sem vér, via,
 Nada vejo, e só desejo
 Dormir sempre, pois não vejo,
 Si não dormindo, a alegria.
 Desvelada phantasia
 Para mais mal desvelada,
 De huma gloria affigurada,
 Que tormentos me deixais?
 Até no somno velais
 Porque não descauce em nada.

Ai triste imaginação !
 Que com choradós enganos,
 Dais aos olhos desenganos,
 E penas ao coração !
 Os gostos sonhados são,
 Que os meus sempre sam sonhados,
 Os males sam acordados,
 Que o vê-los me desengana,
 Que Amor só dormindo engana,
 Olhos tão desenganados.

Acordado desespero
 Do que Amor me anda mostrando,
 Que o somno está declarando
 A maior gloria, que espero.
 Com vêr nelle quanto quero
 Nunca alcanço o que queria,
 Engana-me a phantasia,
 Que veste a côr do desejo,
 Desengana-me o que vejo,
 Pois vejo que nada via.

Que admirável desventura
 E que rigor tão equivo !
 Pois sempre sonho que vivo,
 E padeco a morte dura.
 Ai rigorosa ventura !
 Ai mal rigoroso, e forte !
 Pois ordena a cruel sorte
 Por ser pena mais temida
 Que só possa achar a vida
 Na triste imagem da morte.

As Decimas foram inventadas por Vicénte Espiñel, mediocre Poeta Castelhana; mas esta combinação de rymas pareceu tam harmoniosa, que foi logo adoptada por todos os Poetas, tanto de Hespanha, como de Portugal; os improvisadores se aproveitaram della para as suas composições extemporaneas, que entre nós quasi si não faziam em outra combinação de métrô, e assim o praticaram especialmente Bocage, e Antonio Malhão, os dous Poetas mais affamados que temos tido neste género. Hoje

porém que ninguém improvisa, porque sam poucas as pessoas, que se interessam com a poesia, as Decimas estam quasi inteiramente esquecidas.

Os Hespanhoes usam dellas nas suas Comedias, como nós tambem as usámos antes que o mau gosto só admitisse a prosa nas representações theatraes. Tenho porém por cousa certa, que ainda que não queiramos dialogar os dramas em Decimas, como os nossos visinhos, poderiamos vantajosamente emprega-las na Satyra, no Epigramma, na Fabula, e mesmo nos Poemas romanticos.

As mais numerosas composições de D. Francisco de Portugal sam os seus Romances, porém a maior parte sam escriptos em castelhano, naturalmente quando estava na córte de Madrid. Estes pequenos Poemas andavam então muito em moda, e eram cantados ao som da viola, nos estrados das damas, nos theatros, nos passeios, e de noite debaixo das janellas pelos namorados, que com taes descantes chamavam a attenção das suas bellas, que meias vestidas acodiam ás rotulas para gozar destes descantes dados em seu obsequio, isto hem intendido quando os pais, ou maridos, como muitas vezes aconteceu, não sahiam á rua armados de espada, e rodela, para despersar á força de cutiladas aquellas orchestras volantes, e os impertinentes, que as capitaneavam, perturbando o socego das casas alheias.

Os Romances de D. Francisco em nada sam inferiores aos dos Poetas contemporaneos, que mais reputação adquiriram por estas composições de gosto popular. O seu estylo é corrente, a sua versificação facil, e as suas idéas muitas vezes engenhosas, e não desprovidas de graça. Eis-aqui um dos seus poucos Romances Portuguezes, porque se póde fazer idéa dos outros.

Deixou de hir Leonor á fonte,
 Por vér damas estrangeiras,
 Não para vir invejosa,
 Mas para matar de inveja.

Mas que a vér foi a ser vista,
 Que como novas estrellas,
 Não ha olhos, que os seus não levem,
 Alma, que sua não seja.

De vinte, e quatro alfinetes,
Como dizem, foi á festa,
Que muito que pique a muitos
Quem tanto alfinete leva?

Saia de Palmilha azul,
Que tudo sam palmas nella,
Que he bem que vista do Ceo
O mór milagre da Terra.

Gibão de cannequim fino
Que desconfiado confessa,
Aqui jaz em neve hum fogo,
Que o meu branco em branco deixa.

Beatilha, que melhor ouro
Encobre em par das madeixas,
Alcaide de liberdades,
Que só soltando condemna.

Fita verde, que entre raios
Com perigos lisongea,
Inda que negue esperanza
Quando só mortes promette.

O despreso dos cothurnos
De humas çapatas vermelhas,
Purpura de unido aljofar,
Nacar de animadas perolaç.

Tantas perfeições airoças
Em naturacs estranhasas,
Tanto composto artificio
No descuido de ser bella.

Aquelles olhos rasgados,
Em que amor faz por mór guerra,
Cada sobrançelha hum arco,
Cada pestana huma setta.

Aquelle engraçado riso,
 Que por cristaes de Veneza,
 Com gloria brinda as vontades,
 Séde mortal, que deleita.

Em casa de hum Mercador
 Na rua Nova á janella,
 Sem si Leonor estava
 Formosa ouvindo estas queixas.

Quebrou Leonor,
 O pote na fonte,
 E deitou-lhe os testinhos tão longe!

Sem seu hem mais suspirado
 Donde estava deste modo
 A si o descuido todo,
 E a seu mal todo o cuidado.
 O peito tinha abrazado
 Tendo nos olhos a fonte,
 E deitou-lhe os testinhos,
 Mana, tão longe.

Diria quem a assim visse
 Que heram pedras, que atirava,
 Porque tanto quanto amava
 Tanto tinha de doudice,
 E para que mais sentisse
 Seu sentido está na fonte,
 E deitou-lhe os testinhos,
 Mana, tão longe.

D. Francisco deixou igualmente muitas Endeichas nas duas linguas; e posto que o estylo erotico lhe seja mais familiar do que outro qualquer, não deixa por isso de quando lhe convém remontar-se ao estylo grave, como se vê das seguintes

OITAVAS.

Rico de penas vóa o pensamento,
 Por tristes phantasias remontado,
 Ministrando materia a seu tormento
 De seus proprios temores animado.

Icaro de infeliz atrevimento,
 Não de Esperança, mas de Deos levado,
 Cae em mar mal, em tempestades mores
 Que huma alma saudosa em mar de dozes.

Abrazado co'a Fé, triumphar só via,
 De ondas de fogo, e ondas de tristeza,
 E depois de chorar assim dizia
 Sentado sobre os montes da firmeza.
 Vim a cahir quando subir queria,
 Em tão baixo logar de tanta alteza,
 Não levado das penas, opprimido,
 Suspiro fogo em penas convertido.

Posto que neste monte alto me vejo,
 Outro muito maior sobre mim tenho,
 O Ceo a Atlante, o Ethna Tipheo invejo,
 Pois nos hombros a ter o Inferno venho.
 Por crescer mais a dôr, cresce o desejo,
 Em quando mal de Dedalo o engenho
 Para fugir do mal pouco servira,
 Que por mais que voára não fugira.

Aqui firme na fé, de mim me temo,
 Que he todo me tomar huma saudade,
 Entre extremos de males hum extremo
 Sou, como nos poderes, na lealdade
 Vencido não, mas combatido, tremo
 Dos assaltos da ausencia que a vontade
 Quando menos me tira as esperanças,
 Mortes me pôde dar, que não mudanças.

Mas apesar daquelle desventura
 Que a mim mesmo comigo me faz guerra,
 Triumphando estou do mal da ausencia dura,
 Pois em sua dôr, mais galardão se encerra:
 Ergo Torres na fé contra a ventura
 Novo Nembroth, e não filho da Terra,
 Assalto o Ceo, e fulminado sendo,
 Em tanta confusão vivo morrendo.

Mas queria dizer o pensamento,
 Mas da dôr as razões espedaçadas,
 Na confusão mostrava o mór tormento
 De bem sentidas, mal pronunciadas:
 Vereis, Senhora, em tanto sentimento
 Vossas saudades sempre eternisadas,
 E si em vossa presença firme estive,
 Entre mortaes ausencias a fé vive.

Vê-se igualmente dos seguintes Tercetos, que parecem
 mui superiores ás Oitavas.

Na mais remota parte, e escondida
 Que huma alma triste tem, que vive ausente,
 Ou, por melhor dizer, que não tem vida;
 Entre confusas sombras tristemente
 O campo está da ausencia rigorosa,
 Campo infeliz de guerra descontente,
 Nella fabrica a casa perigosa
 Amor cruel, não casa, mas inferno
 Sempre temido, sempre temeroso.

Parte ao antigo tem, parte ao moderno,
 Edificados sam seus aposentos,
 De quem o mal he morador eterno.

Duros tormentos sam seus fundamentos,
 De varios modos, e fanestas côres,
 Que he toda fabricada de tormentos,
 He o tecto composto de temores,
 E as portas ao prazer sempre fechadas,
 Para o pesar abertas, para as dôres.

Vê-se cinco columnas fabricadas,
 No meio estar, de sentimento feitas,
 Sobre os cinco sentidos assentadas.

N'hum Throno, edificado nas suspeitas,
 Que descompostas penas tem composto,
 Fazendo outras, desfazendo as feitas.

Huma Mulher esta, pallida o rosto,
 De hum livro branco os olhos tem vendados,
 Que o que escreveu a dôr á alma tem posto,
 Tristes cuidados lê executados,
 Processos que a descuidos tão sem vista
 Foram primeiro mortes que cuidados.

De annaes de magoas grave coronista,
Com a penna, que escreve, explica magoas,
Lidar sem luz, de tanto fogo á vista.

Rios sem olhos correm negras agoas,
De hum alheio esquecer proprias memorias,
Inundações das mais ardentes fragas.

Negros cristaes de tragicas historias,
Espelho funeral, em que, oh! desvio,
Representando estás passadas glorias.

Reciprocadas setas, arco impio
Se tira morte, e não amor se tira,
Sempre immortal consigo em desafio.

Este suspende hum braço, esta suspira,
Por vellidas nas costas tremulando,
Que verdades na dôr flecha a mentira.

De hum ancioso leonado atravessando
Zodiaco de medos o guarnece,
Negras pontas ao peito ministrando.

Duplicados caminhos offerece
Aberto ao coração o apartamento,
Que em cada imaginar desaparece.

Ali banhado em sangue o pensamento,
Sabe hum Inferno triste e solitario,
Tem no pico por letra « He môr tormento. »

Ao vedador em movimento vario
Os suspiros, correos da vontade,
Que Icaros sam de vôo temerario.

Linguas de dôr, abusos da verdade,
Infausto resplendor, em que hia, e vinha
Medonha luz n'aquella escuridade.

A hum suave espirar nelles caminha,
Sempre em visões, sempre em melancholias,
Quem ao menos viver menos mal tinha.

Ali por cançar mais em phantasias
Aquella triste imagem descaçava,
Entre discursos tristes de alegria.

Ao som desaprazivel, que formava
Dos suspiros do seu pranto sobejo,
O que cantar queria assim chorava.

Dos olhos choro o que sem olhos vejo,
 Quem me dá vida á morte me condemna,
 Pois cresço, e me consumo no desejo.

Em vivo Inferno, que o temor condemna,
 Soube a Ausencia, d'Amor filha temida,
 Que ham de gerar taes pais, senão tal pena?
 De hum longo discursar sustento a vida,
 E o Amor, sustento da lembrança,
 Para me perder mais nunca perdida.

Fujo de mim, e foge-me a esperança,
 Entre o vão prometter, nas vãs crueldades
 Temu mudar-me, e espero huma mudança.

Sou tyranna da fé, e das verdades,
 E ter na fé as tardanças, e os gemidos,
 Pois de momentos faço eternidades.

Sou a Saudade, e guerra dos sentidos,
 O mal de que morrendo vivo agora,
 Tristes memorias sam de bens perdidos.

Vós a causaes, vós a pagaes, Senhora,
 Com a dar a sentir n'alma, de sorte,
 Que, não sendo morrer, mais morrer fôra.
 Que em cada morte he premio a mesma morte.

D. Francisco de Portugal foi um dos Alumnos, que mais honraram entre nós a Eschola Hespanhola, mas tambem um dos menos conhecidos della.

CAPITULO IV.

Manoel Thomaz.

Quem vir estampado no frontespicio de um livro o simples nome de *Manoel Thomaz*, julgará com sobeja razão, que este Author não fôra mais que um filho das hervas, um engeitado, talvez, pois nem se quer podia ajuntar ao seu nome um appellido de familia.

E com tudo esta opinião, tão verosimil, e tão bem fundada, não é verdadeira, pois sabemos que este Poeta, nasceu na muito nobre, e antiquissima Villa de Guimarães, primeiro berço da Monarchia Portugueza, no anno de 1585, e foi filho do Doutor Luiz Gomes de Medeiros, que exercicia ali a Medicina, e de sua mulher D. Gracia Yaz Barbosa, de uma familia limpa da mesma Villa.

A leitura das suas rymas, e da sua Insulana, em que abundam idéas fradescas, junto com este abandono do appellido de familia, me fez persuadir por algum tempo, que elle abraçara a vida do Claustro; ou na Companhia de Jesus, ou na Ordem de S. Francisco, visto ter sido sepultado em um Convento de Franciscanos, da Ilha da Madeira, mas a ter sido Jesuita obstava o elle não se assignar *Padre*, conforme o uso dos Membros daquela Corporação; e para o julgar Franciscano mediava a mesma difficuldade, pela ommissão da palavra *Frey*, antes do nome do baptilmo.

Fiquei porém inteiramente desenganado desta supposição quando o vi retractado na frente do seu Poema *O Phenix da Lusitana*, com um grande bigode de guias retrocidas, posto que com umas roupas, que á primeira vista parecem roupeta jesuitica, mas que observadas miudamente se conhece que differem muito no corte.

Qual seria porém a profissão deste Manoel Thomaz ás seccas? É este um problema, de que ainda não pude achar a solução. O Abade Barbosa na Bibliotheca Lusitana guar-

da a este respeito profundo silencio; as investigações a que mandei proceder por alguns amigos na Ilha da Madeira foram igualmente infructiferas.

De que porém não pôde duvidar-se é de que seus Pais se não descuidaram em dar-lhe uma boa educação fazendo-lhe estudar cuidadosamente tudo que se chamava sciencia no seu tempo, mesmo sem exclusão da Theologia, em que se mostra muito instruido nos seus escriptos, porém si não vestio a roupeta de Frade, estudou com elles, e junto com a instrucção bebeo largamente as suas idéas, e preconceitos.

Tambem não consta o motivo porque abandonou a patria, passando-se para a Ilha da Madeira ainda em idade mui verde, vivendo ali até ao anno de 1665, em que contava já oitenta annos, e foi assassinado em 10 de Abril pelo filho de um ferrador, e sepultado na Igreja dos Religiosos de S. Francisco do Funchal.

Nada consta igualmente, mesmo na Madeira, ácerca dos motivos desta morte violenta, dada a um ancião já caduco, e tão respeitado por seus escriptos, e por seu saber, para que tudo na vida deste Poeta fosse obscuro, e mysterioso.

No Prologo da sua *Insulana* afirma elle haver já dado á luz um Poema, contendo a vida de S. Thomaz de Aquino, ornamento, e gloria da Ordem Dominiciana, e um dos Padres mais eruditos da idade media. Este Poema (diz elle) foi recebido do público com grande applauso; e muitas pessoas doutas lhe escreveram cartas, felicitando-o por tão bella Obra; queixa-se porém de alguns Criticos, que o censuraram por haver escripto um Poema Heroico em Redondilhas, que, quanto a mim com muita razão, haviam por improprias para semelhante composição.

Parece que esta censura estomagou muito o amor proprio do Poeta, porque procurou defender-se della, tractando ao mesmo tempo com grande desprezo aquelles Censores; e como é mais facil deparar exemplos, e textos do que razões solidas, e convenientes. Manoel Thomaz allega o exemplo de *Varões doutissimos com cujas Obras, que bastam para exemplo, cada hora se enriquece Hespanha*, e o seguinte texto latino *Heroycum est, quod constat ex divinis, humanis que Personis, continens vera cum*

ætelis. E parece-me que nem o texto latino, nem os exemplos melhoram a causa de Manoel Thomaz.

É certo que Lope da Vega Carpio compoz sobre a vida de Santo Isidro um longo Poema em Quintilhas de todas as combinações rymicas; que o Conde de la Roca D. João Antonio de Vera, publicou em Milão em 1632 um Poema em vinte Cantos em Quadras octosylabas, intitulado *El Fernando, o Sevilla restaurada*: (*) Que outro Poeta Portuguez escreveu a Vida de Santo Antonio em muitos Cantos tambem em Redondilhas, mas qual foi o resultado desses trabalhos? Ficarem esses fastidiosos Poemas, ou abortos poeticos, sepultados no pó das antigas livrarias,

(*) Este Poema, inteiramente desconhecido dos curiosos, e de que conservo um exemplar como monumento precioso do furor de versejar, quando se torna demencia, é todo composto (diz o Author) com os versos da Jerusalem Libertada de Torquato Tasso, traduzidos em Quadras Castelhanas de principio a fim, applicando á Conquista de Sevilha, quanto o Poeta Italiano narra da Conquista da Cidade Santa; eis aqui o exordio deste Poema ou Parodia.

El valor invicto canto,
Y la gloriosa cuchilla
Con que restauró a Sevilla
El Rey Dom Fernando el Santo.

Oh quanto con la ingeniosa
Mente. y con la espada obró!
Oh quanto afan toleró
En la conquista gloriosa!

En vano el Caos atrevido
Al intento soberano
Se le opuso, y se armó en vano
De Africa el poder unido.

Que del Æmpyreo amparado
Conduxo aunque con trabaxo,
Sus Compañeros debaxo
Del Santo pendon cruzado.

sendo apenas lidas pelos Criticos de profissão, que pretendem ter conhecimento exacto de quanto qualquer litteratura produzio, seja bom, ou seja ruim.

Quanto ao Texto allegado, só tem referencia ao assumpto, e não á fórma porque é traetado, e esta fórma póde até transtornar o caracter, e para prova bastará

Oh Musa, tu, oh excellente
Que la caduca corona
Del Laurel en Elicona
No ciñe tu altiva fronte.

Sino en claustros Celestiales
Sobre puro, y puro coro,
La tienes de divino oro,
Y de estrellas immortales.

Tu mi hamilde vos entona
Tu inspira (si puede tanto,
Humilde ruego) a mi canto,
Ardor celeste, y perdona.

Si esposiere acompañada
La verdad de humano afeito,
O mezclare otro deleite
Que el raio tuo oh immaculada.

Pórque el Mundo a largo paso
Va donde avisa la Fama,
Que suas dulzuras derrama
El lisongero Parnaso.

Y assi lo util escondido
En la sabrosa leccion,
La mas esquivia attencion
A alentado y persuadido.

Tal al de salud escasso
Rapaz, con arte y amor
De duleissimo licor
Bañamos la orla del vaso.

citar a *Santaronaída* de Figueiredo, que tem por Actores personagens devinas, e humanas, mistura cousas verdadeiras com-fingidas, mas por isso não deixa de ser Poema barlesco, e não heroico.

Nada direi ácerca deste Poema de S. Thomaz de Aquino, que nunca vi, nem das rymas, que li ha muitos annos, e que não pude agora descobrir em livraria alguma nem pública, nem particular: parece-me porém que seria necessario um genio verdadeiramente gigantesco para poder tirar um bom Poema da vida de S. Thomaz de Aquino, isto independente da desgraçada lembrança de escrevê-lo em Redondilhas.

De todas as Epopeias Portuguezas as mais raras sam as duas de Manoel Thomaz, e o *primeiro Cérco de Diu* de Francisco de Andrade, e tanto que havendo eu formado o projecto de reunir uma Collecção de todos os Poemas Heroicos Portuguezes, em que ha algum merecimento, só depois de 30 annos de aturadas diligencias, é que pude alcançar para completa-la um exemplar de cada um delles, posto que todos tres existam na sala de Bellas-Letras da Bibliotheca Pública, onde unicamente pude lê-los ha muitos annos.

O muito douto critico Francisco José Freire, mais conhecido pelo seu nome Arcadico de Candido Lusitano na sua *Arte Poetica*, cita algumas vezes a Insulana entre as nossas melhores Epopeias, e não pôde negar-se (qualquer que seja o juizo que delle se forme), que é a mais valiosa das composições de Manoel Thomaz.

Con que la purga escondida
En el, de sabor estraño,
Beve, y al piedozo engaño
Queda deudor de la vida.

E haverá paciência tão cornea, que possa levar ao fim a leitura de 20 longuissimos contos escriptos neste gôsto, e neste estylo? E' possivel que um homem douto, e respeitavel por sua posição social, e suas riquezas, tomasse a penosissima tarefa desta disparatada composição? isto prova que em amor, e poesia não ha disparate, que não possa esperar-se dos pobres filhos de Adão.

O assumpto deste Poema é o descobrimento da Madeira por João Gonçalves Zargo, Moço da Camara do Infante D. Henriques, uns dos mais distinctos Alumnos da Eschola Nautica de Sagres, e o primeiro que fez uso da artilheria a bordo das embarcações.

Tenho para mim, e creio que não faltará quem sinta comigo, que o Author não foi feliz na escolha do assumpto, posto que tal empreza fosse na verdade um feito heroico, e que os seus resultados fossem mui gloriosos, e interessantes para a Nação, que adquiriu com o descobrimento das Ilhas da Madeira, e Porto Santo, uma das suas mais fecundas Provincias Ultramarinas, facilitando-se-lhe assim o descobrimento consecutivo de muitas outras Ilhas, e Terras, até á India, e Brasil.

Porém aquelle feito heroico apenas offerece á poesia uma acção esteril, demasiado nua de acontecimentos, e de Actores, e era necessario que o Poeta tivesse muita fecundidade de engenho para fertilisar um terreno tam arido, sem recorrer a ficções extravagantes como aconteceu a Franeiseo de Paula de Medina, quando em nossos dias emprehendeu trata-lo de novo com o titulo de *Zar-queida*, de que fallaremos quando chegarmos á Eschola Franceza.

O Poeta esquecendo-se da regra, que mui judiciosamente recomenda, que as preposições dos Poemas Epicos sejam o mais simples, e laconicas possiveis, propôz a sua acção pelo modo mais turgido, e enfatico, que pôde imaginár-se nas duas seguintes Oitavas, pois não pôde contentar-se com menos de dezeseis versos.

A Fama, o nome, as glorias, as grandezas,
 Exforço raro, altivo pensamento,
 Animo valoroso, heroica empreza
 Zêlo divino, em novo atrevimento,
 Galhardo brio, singular bravcza.
 O forte peito, e atrevido intento,
 A proeza, o valor digno de espanto
 De hum Capitão famoso escrevo, e conto.

Do que douo ao sceptro Lusitano
 A Princeza das Ilhas descuberta,

As ondas contrastando do Oceano,
 De Neptuno deixando a porta aberta ;
 Daquelle a quem exforço, mais que humano,
 Marte influindo, o gran valor desperta,
 Com que a Naval Milicia exercitando,
 De Portugal foi raio militando.

Pergunto agora si o Leitor, que ouve esta tempestade de palavras turgidas, e versos retumbantes, que vê estê relampagnar de idéas, e phrases hyperbolicas, que sentê este vendaval de amplificações, não fica authorisado para esperar que lhe narrem a guerra de Troya, de Carthago, ou de Sagunto, ou pelo menos a Conquista de Jerusalem ? e que dirá elle vendo que o Poeta vai tractar sómente de uma Ilha deserta, e tam deserta, que não só não havia nella homens, mas nem mesmo animaes, á excepção de algumas Phocas nas prayas, e nos bosques algumas Aves, tão mansas, que se deixavam apanhar á mão ?

A invocação á Musa Celeste, personalisada na Virgem Maria, é breve, e decente, e só tem o defeito de estar em contradicção com o maravilhoso mythologico, de que o Poeta faz uso no seu Poema.

A Dedicatoria ao Conde de Villa Nova da Calheta, João Gonçalves da Camara, peccá quantô a mim por demasiada extenção, e por affectação no estylo, e nas idéas.

A Dedicatoria segue-se um Epilogo de quarenta e nove Estancias, sobre as grandezas de Portugal, o seu clima, o sen terreno, montanhas, rios, producções, governo, costumes, e character de seus habitantes, religião, &c., que tudo, apesar das bellezas do estylo, julgamos bem escusado neste lugar. Sabemos que o Epilogo é uma parte de quantidade da Epopeia, mas tambem sabemos que é daquellas, que se chamam *desnecessarias*, assim como á Dedicatoria, e é por isso que se não encontra exemplo delle nos grandes Epicos antigos, e modernos, e entre nós foi Manoel Thomaz o unico, que delle fez uso, assim o advertiu Francisco José Freyre, quando disse na sua Arte Poetica, Livro III, Capitulo IV. « Pelo que pertence ao Epilogo dizemos tambem que não é necessario, e que rara é a Epopeia, em que se não omitta. » Tem

razão, porque estes trechos postiços impacientam o Leitor, que mais que tudo deseja vêr a acção começada.

Porém principiar a acção parece que era o que menos cuidado dava a Manoel Thomaz, pois consome quasi dous longos Cantos com os antecedentes della (que verdadeiramente só pôde dizer-se começada no principio do terceiro) expando até ali as proezas de Zargo, as tentativas de descobrimentos do Infante D. Henrique, a nomeação de Zargo para cruzar na Costa do Algarve, o seu encontro com um barco hespanhol, em que hiam alguns captivos de fresco resgatados da Mauritania, e a historia das desventuras de Machim, e de Anna de Harfet, que o piloto João de Amores refere a Zargo, dando-lhe noticia da Ilha da Madeira, onde aquelles infelizes haviam sido conduzidos por uma tormenta, e estavam sepultados.

Este episodio de Machim, e Harfet, inda que mal collocado antes de principiar a acção, é talvez o melhor trecho de poesia, que sahira da penna de Manoel Thomaz, e fórma um perfeito Poema, que podia subsistir por si, e independente daquelle de que faz parte.

O Author apdou menos mal em organizar do seu assumpto uma tal qual Fabula Epica, mas desgraçadamente affogou-a com tantos episodios, tantas inutilidades, que a segunda metade do Poema se tornou monotona, e enfadonha á leitura. Teria feito melhor obra si tivesse reduzido a cinco, ou seis, os dez Cantos, e hem longos, de que elle consta. Nada mais bem imaginado que o Tempo prophetisar a Zargos a fundação das Villas, que se haviam de fundar naquella Ilha, e concisamente a gloria da sua familia; tambem era necessario dar idéa da configuração da Ilha, do seu clima, das suas principaes producções, e da sua opulencia, e commercio futuro, mas cinco Livros quasi todos de prophecias, sendo uma dellas a vida, milagres, e morte do Beato Frey Pedro da Guarda, Leigo Franciscano, que occupa todo o Livro VIII, é na verdade dar provas de falta de gôsto, e de tino na composição.

Duas cousas me parece que levaram Manoel Thomaz a cometer este excesso, 1.^a a opinião do seu tempo, que fazia depender o merito de uma obra de sua maior, ou menor estenção, e por isso quiz elle ensanchala, e estendala para assim lhe augmentar o vulto, com quanto lhe

lambrou, que tivesse alguma relação, bem, que remota, com a Ilha da Madeira. 2.º O desejo de lisongear todos os habitantes daquella Ilha, onde parece que havia feito fortuna, segundo se infere destas palavras do Licenciado Bartholomeu do Valle Cabreira, um dos Censores, que examinaram a Insulana, e lhe conferiram a licença para se imprimir. « Não saltaram ao Author gloriosas empresas no patrio solo da leal, guerreira, e insigne Guimarães, em que podia mostrar, e empregar os sublimes quilates do seu raro talento, mas, por mais generoso, se dá por mais obrigado a esta princeza, e deleitosa Ilha, em que pelo decurso de muitos annos adquirira o *bene esse* de que tão bem dotado está. » Por estes motivos nos cança o tempo durante Cantos inteiros com a narração prophetica de todas as acções, e proezas dos descendentes das casas nobres da Madelra, tanto na Africa, como na Asia; os seus matrimônios, as suas desavenças; faz menção de todas as Igrejas, Mosteiros, e Ermidas, que se edificaram na Ilha, não deixa em silencio nenhum edificio, por pouco importante que seja, e é tal a sua raiva de prophetisar, que depois de tantos, e tão impertinentes vatecínios do Tempo, quando o pobre Zargo vai sahir da Ilha, verdadeiramente atturdido com elles, ainda lhe apparece Protheo sobre uma Ilhota, que lhe despara nova rociada delles sobre os Governadores, Prelados, Templos, Fortalezas, Arvores, e Flôres da Ilha, e ultimamente sobre a variedade de peixes, que se criam nos seus mares. Deixemos porém os defeitos do Poema, para apontar algumas das suas bellezas.

Parece-me que o Poeta pintou mui poeticamente o aspecto externo da Madeira, quando pela primeira vez Zargo, e seus companheiros a descobriram da Ilha do Porto Santo, aonde haviam aportado.

Muitos dias com esta navegaram,
 E hum novo Porto Santo descobriram,
 Nome, que, pouco havia, lhe deixaram
 Huns Nautas, que em naufragio ali surgiram.
 O curvo dente da ancora lançaram,
 E de Estandartes varios se cobriram,
 Em cuja glória sempre se adianta
 Da Capitania o preço á Almiranta.

Ali logo o Piloto esperto, e sabio
 Do Sol considerou a insigne altura,
 Em seu juizo sendo o Astrolabio
 De certos graus medida mais segura.
 De Europa he instrumento, e não Arabio,
 Com elle o breve Mappa mais approva
 A gradação, e nella demonstrava
 Que em justos trinta, e trez o Porto estava.

Delle se descobriu com nevoa escura
 Hum fumo denegrido, e espantoso,
 Cuja densa, e terribil massa impura
 Fazia o mesmo ar caliginoso.
 Tanto do mar the á suprema altura
 Subia, qual Vulcão feio, e medroso,
 Que julgaram o sitio como impuro,
 Por horror proprio do Baráthro escuro.

De antes sobre isto a gente fabulava
 Formidaveis secretos escondidos,
 Que o fumo espesso a luz do Sol cegava,
 E que Volcões o mar tinha accendidos.
 Que a região mais clara se offuscava,
 E que do ar as chammas com bramidos,
 Hum Ethna novo estavam demonstrando,
 Vertendo enxofre, e fogo vomitando.

Diziam ser o Lago tenebroso,
 Que a Plutão nega a clara luz do dia,
 Onde o trifauce Perro temeroso
 Com latidos temor nas almas cria,
 Ou que secreto algum voraginoso
 Entre tão denso fumo o mar cobria,
 Ou que na tal parage o vento achava
 Melhor a liberdade, que buscava.

Mas pelo superior da nevoa escura,
 Que guardar parecia ardor immenso,
 Negra fazendo a região mais pura,
 A quem escureceu o fumo denso,
 Sitio mostrava, ser que fogo apura,
 Botando fóra o que ali guarda intenso,

Mas os mais na voragem se affirmavam,
E sobre ella mil cousas fabulavam.

A causa pois das Náos considerada
Da Lusitana gente duvidosa,
Por voragem na vista foi julgada,
Via da Februa Casa temerosa.
Mas o gran Zargo, a quem tinha guardada
Aqui a mão insigne, e poderosa,
Outra casa magnifica em augmento,
Da nevoa teve mais conhecimento.

E chamando de parte a João d'Amores,
Lhe disse: " Si na vista não me engano,
" De alguma terra incognita os vapores
" Nos mostra aquelle vulto no Oceano.
" Que ser do Erebo o citio, e seus ardores,
" Ou voragem, que chama o vulgo insano.
" He Fabula, pois sempre o Ser Eterno
" As sombras occultou do escuro Inferno.

" Si guardada por Deos, por maravilha
" Alguma Terra, ou Ilha ali deserta,
" Dos Anglos será esta a fresca Ilha,
" De arvoredos altissimos coberta.
" A cuja densidade mais se humilha
" Nevoa, que sempre nella he cousa certa,
" E, si a fazeis na altura donde estamos,
" Esta he, sem falta, a Terra, que buscámos.

" Esta he, sem falta, a Terra pertendida :
Lhe tornou o Piloto experimentado,
" Hoje de nós com nevoa conhecida,
" Causa, principio, e fim deste cuidado.
" Com este Vulcão mesmo encarecida
" Me foi em fumo negro, e dilatado,
" Que deve o arvoredo por crescido
" Ter o vapor ali como opprimido.

" E como está com montes levantada,
" Da região do ar participando,

» Qualquer nevoa, que exhalla traz forçada,
 » E aquella balça escura vai formando,
 » Da gente Caledonia assim pintada
 » Me foi, com o temor, que está mostrando,
 » De quem só proceder he como certa
 » A Fabula da gente pouco esperta.

» Mas pois a experiencia por preclara
 » Com o tempo verdades investiga,
 » Si o que parece ambiguo nos declara,
 » E a o mais ficto a descobrir se obriga,
 » Esta confusão negra fará clara,
 » Ou será com o tempo tão amigua,
 » Que com verdade mostre o procedido
 » Do certo, duvidoso, ou do fingido.

» Para o qual acertado me parece
 » Que esperemos de Delia o nascimento,
 » Em cuja conjunção sempre se offrece
 » Dos tempos o melhor conhecimento,
 » Si nelle este Vulcão desaparece,
 » Maior clareza em seu descobrimento
 » A Ilha mostrará, e os duvidosos
 » Desterrarão seus medos reciosos. »

Zargo acceita o judicioso conselho do Piloto, mas parte de seus companheiros murmuram contra elle, e elle lhe dirige um discurso, em que procura dissipar-lhe o medo: este discurso, si exceptuarmos algumas idéas, e expressões que parecem mais proprias de Rodamonto, ou Mandricardo, que de um varão modesto, e christão, é hem escripto, eloquente, e digno de magestade do Poema Epico.

» Em peitos Lusitanos ensinados,
 » A levantar a fama de Mavorte,
 » E em transe perigosos, e arriscados,
 » A vencer o trabalho duro, e forte,
 » Baixos receios, vis, e effeminados,
 » Maior affronta sam, que a propria morte,
 » Si perde tanto de valor o ousado,
 » Quanto foi do receio estimulado.

„ Que o leal Portuguez com fortaleza
 „ Dobra o valor em a difficuldade,
 „ Resistindo com animo, e braveza
 „ O paver, que promette adversidade.
 „ Porque o mal do temor por natureza
 „ He peor, que o temor, que o persuade,
 „ E este sempre offende o vencimento,
 „ Que consiste ao ousado atrevimento.

„ O valor Lusitano activo, e raro
 „ Nunca abraçou receios duvidosos,
 „ Antes com brio antigo, e só preclaro,
 „ Venceu seguro os mais difficultosos.
 „ Si o Ceo, em favor vosso nada avaro,
 „ Vos fez de corações tão animosos,
 „ E delle nasce com maior alteza
 „ O principal de toda a fortaleza.

„ Como de huma só Fabula sonhada
 „ Indigna de animosos pensamentos,
 „ De hum vapor denso, ou fumo, imaginada,
 „ Que a falta só detem de irados ventos,
 „ Tomou opinião menos honrada
 „ Da, que justa se deve a taes intentos?
 „ Por quem quereis ficar depois julgados?
 „ Por inconstantes, ou alleminados?

„ A balça, que julgaes por temerosa,
 „ E por voragem certa, na suspeita,
 „ Exhalação, ou nevoa he, duvidosa,
 „ Que com tempo melhor vereis desfeita,
 „ Qualquer outra apinião he receosa,
 „ Que o medo com temores vão enfeita,
 „ Pois tanto quanto nella imaginastes,
 „ Perdido haveis da gloria, que alcançastes,

„ E quando fôra que o profundo Erêbo
 „ Por ali seus profumes exhalára,
 „ E do Carro Lucifero de Phébo
 „ Escurecera a luz formosa, e clara,
 „ A' falta de algum Carcio, ou neve Hphébo,
 „ Em lago tão tremendo es me lançára

„ Só por vêr os segredos duvidosos,
 „ De que com vão receio estaes medrosos.

„ Que, entrando em Labyrintho tão escuro,
 „ Não me faltára para o justo intento.
 „ O fio de Ariadne, que seguro
 „ Faria meu altivo pensamento.
 „ E do plaustro do Sol formoso, e puro,
 „ Com ter de Promotheo o atrevimento,
 „ Furtára o fogo; com que livre intrára,
 „ E por mim clara luz Plutão gozára.

„ Hercules subjugou feras Harpyas,
 „ Que os manjares sujavam de Phineo,
 „ E por ao gráo seu augmentar dias
 „ Matou constante a o Leão Nemeo.
 „ Teve das maçãs de ouro as alegrias,
 „ A Busyria venceu, Caco, e Antheo,
 „ E, sendo hum só Varão, levou mil glórias,
 „ Que eternas gozarão de altas memorias.

„ Não menos cada qual, oh Lusitanos,
 „ Julgados sois por Hercules valentês,
 „ Entre perigos, guerras, e tyrannos,
 „ De quem vencestes, sempre, os accidentes.
 „ Com que temores vãos, pois, com que enganós,
 „ Dais a tanto valor inconvenientes?
 „ Si no perigo a ousadja honrada
 „ Dos animosos foi sempre estimada?

„ Deixai receios vãos, que de meu voto
 „ A nevoa, que daqui se considera,
 „ He a Terra, que busca o gran Piloto,
 „ E que mostrar com gloria vossa espera.
 „ Quando Atropos, Lachesis nella, e Clotho,
 „ Ou Alecto, Thesyphone e Megera,
 „ Do domicilio seu façam morada,
 „ Tereis com mais louvor nella a entrada. „

João Gonçalves Zargo prégou hem, mas succedeu—lhe
 o que succede a quasi todos os prégadores, que prégam

no pulpito com toda a sua facundia, e não convertem um só ouvinte. Os marinheiros de Zargo não ficaram persuadidos, mas calaram-se obedecendo á ordem; que lhe deu de apromptar os bateis.

O Capitão passa parte da noite pensando na empreza, que vai cometer, e ultimamente, cede ao somno, e então

.....
Com os interiores viu presente
Huma gloria, com quem mil glorias sente.

De hum jardim, que em fragancia, e frescas flôres
As glorias honra de Favonio, e Flora,
Dando a Pomona os fructos, cujas côres
Com graça illustram na manhã a Aurora,
Onde alegres derramam seus favores
O livre Baccho, e Ceres Lavradora,
Com que Amalthea, desterrando inopia,
Mostra na ponta d'Acheloo a copia.

D'onde he do campo a tapeçaria
Gramma agradável com mil flôres varias,
Mais rica, que a que Arachne se tecia
Contra Minerva quando mais contrarias.
Viu que huma Nympba bella só sabia
Graças em si mostrando extraordinarias,
Mas trançado o cabello de ouro fino
Com ar, e parecer quasi divino.

O vestido de flôres semeado
Entre frescura, e aguas dividido,
De jasmims, e de Rosas o toucado
Com aljofres, e perolas tecido.
O peito descobria tão nevado
Por huma zendal, que a neve tem vencido,
Que se pasmara a mesma natureza
Admirada de vêr tanta belleza.

Era a vasquiça nova Primavera,
E de verdeo com alegros vivos,

Que de longe parece meia esphera,
 Os meios descobrindo alternativos,
 Os trez, que o Lavrador contente espera
 C'o temor de Latona, e sam Estivos
 De pardo trez, trez verdes, trez córados,
 Com varios fructos nelles semeados.

De raso verde a barra tem lavrada
 Com variedade tal, que a vista admira,
 Que mais parece vir do Ceo bordada
 Na graça, que ali proprio o tempo inspira.
 Hum manto azul, de côr, que, ao Ceo furtada,
 Do seu natural nada se retira,
 Huns mares nos chapins traz ondeados,
 Por quem nadando vam varios pescados.

De verde, e de amarello por insignia
 Huma canna na dextra mão trazia
 Que, em que parece ao longe recta linea,
 Dos Deoses traz o Nectar, e Ambrosia,
 Na sinistra o escudo de côr ignea
 Formas cinco de Açucar descobria,
 De prata o campo, em quem vem retratadas
 Com duas verdes cannas rodeadas.

Insignia não ryma com *linea*, e *ignea*, posto que na pronuncia se confundam um tanto, mas um ouvido delicado conhece bem a differença: o bom Poeta deve pôr muito cuidado em evitar estas dissonancias, e negligencias.

Do agradavel rosto por mostrar-se
 Tirou hum véo, com que, deixando vér-se,
 Mostrou belleza tal, que nem pintar-se,
 Nem seu natural pôde encarecer-se.
 Ao Iris só se via avantajar-se,
 Mas, por melhor de Zargo conhecer-se,
 Contento se lhe chega á cabeceira,
 E alegre lhe fallou desta maneira.

« Insigne Capitão, tronco famoso
 » Da gran Progenie illustre, e valerosa,

» A quem o Author do Mundo poderoso
 » Creou para exaltar a fé gloriosa,
 » Cujo estandarte, em tudo venturoso,
 » Com mão potente forte, e bellicosa,
 » Arvorado será gloriosamente
 » De Ursa Boreal ao Cancro ardente.

» Tu cujos valerosos descendentes,
 » Em o melhor da Europa propagados,
 » Por novos mares, por diversas gentes
 » Verás com gloria eterna remontados,
 » Com cujo esforço, porque gloria augmentes,
 » Serão remotos Reinos conquistados,
 » Pediado sua fama bronze, e jaspes
 » Do Nylo Egypcio a o Indiano Idaspes.

» Sabe que desta empreza, que intentaste,
 » E gloria, a que por meritos subiste,
 » Digna do valor grande, que mostraste,
 » Vencendo os medos, que do povo ouviste,
 » A propria estancia, e o terreno achaste,
 » Pois na nevoa medonha, que hoje viste,
 » Bella, como me vês, estou guardada
 » Por divinos segredos occultada.

» A Ilha sou famosa, que buscando
 » Com fama vas no mar caminho abrindo,
 » Que a gloria estou de ti alta esperando,
 » Que a Fama levará do Téjo ao Indo.
 » Guiado vens do Ceo, porque, augmentando
 » O que te vam seus Astros influindo,
 » Com novo nome me farás gloriosa,
 » E a esse Atlante ouvida por famosa.

» Sou a que guardo em meu felice assento
 » Ao nome teu que o Ceo estima, e ama,
 » Onde principio de ditoso augmento,
 » Ovante em glorias, em grandeza, e fama,
 » Da tua gran progenie o fundamento,
 » E a generosa estirpe em quem derrama
 » Tantas graças o Ceo, no Mundo honrada
 » Será, e em meu terreno propagada.

„ Este gozarás bello em varias flôres,
 „ Em que te hade mostrar a natureza
 „ Com seu engenho vivo altos primores,
 „ E de seu gran pincel toda a belleza.
 „ Em perfeição, e em graça mil louvores
 „ Com arte não, mas com tão gran destreza,
 „ Que do mesmo terreno em qualquer parte
 „ Do natural verás vencida a arte.

„ Que este logar, que agora alegre piso
 „ Depois que o Mundo foi por Deos creado,
 „ Em deleites segundo Paraiso
 „ Com gloria para ti foi reservado.
 „ Por teu ser com prudencia, e com aviso
 „ Será feliz ao Mundo divulgado,
 „ Porque conheça quando queira honrarte
 „ Que da Fé lhe arvoraste o Estandarte.

„ Nelle com ordinarios, e votivos
 „ Sacrificios, que a Deos obrigam tanto,
 „ Prolongarás os annos fugitivos
 „ Com elles dando em fama ao Mundo espanto.
 „ Porque teus pensamentos sempre altivos,
 „ O favor tendo do estrellado manto,
 „ Te ham de fazer por ella tão famoso,
 „ Como has de ser vivendo venturoso.

„ Si a impudica Mãi do vil Cupido
 „ Se presa em ter por patria deleitosa
 „ A Chypre, e ser honrada em Papho, e Gnido,
 „ E na Amathunta rica, e populosa.
 „ Não Marte em mim verá de amor vencido,
 „ Mas tu, que o hes, em fama gloriosa,
 „ Por mais que estas, insigne Lusitano,
 „ Me has de fazer famoso no Oceano.

„ O tempo he já chegado, e opportuno,
 „ Em que has de vêr teu desejado intento,
 „ Mais rico em meus haveres, que os que Juno
 „ Goza soberba em alto pensamento.
 „ Seu mar em calma te dará Neptuno,
 „ Enserrar-te-ha de Heleno o Filho o vento,

» E com paz, sem temor da dura guerra,
 » Gozarás, como Antheo, favor da terra.

» Não tens, que recear a nevoa escura,
 » Com que me occulta o grande Author da vida,
 » Que em ser mostrada á tua gran ventura,
 » He por te estar de longe promettida.
 » O vão receio desterrar procura,
 » Que deixou sempre a Fama escurecida,
 » Quando do feito o alto vencimento
 » Consiste só no ousado atrevimento.

» E pôsto que do bem, que se deseja,
 » É que tem por cuidado o pensamento
 » Talvez proceda o somno, he bem se veja
 » A cifra em mim do teu ditoso intento,
 » Que por honrar a militante Igreja,
 » Que tantas luzes deu ao firmamento,
 » Com este por favor te manda aviso
 » Deste novo, e occulto Paraíso.

» Anima-te qual deves, que esta empresa,
 » Só por tua no Mundo conhecida,
 » Hade ser estimada, com a Alteza,
 » Que a maior fama, e gloria é já devida.
 » Tornar nestas atraz he gran baixeza,
 » Segui-las he victoria conseguida,
 » Seu nome estima agora, este só ama,
 » Não ha poder na morte contra a Fama.»

Isto dizendo, lhe desaparece,
 E de jardim alegre a nova via
 Torna a tomar, mas Echo, que se offrece,
 As ultimas palavras repetia.
 Acorda o Zargo, em cujo esforço cresce
 Da empresa singular alta ousadia,
 E, si mais cedo os braços lhe lançára,
 Com o bem, que esperava, se abraçára.

Esta divindade da Ilha, apparecendo em sonhos a
 Zargo, animando-o a abicar ás suas praias, está rigoro-

samente no character das ficções Epicas, e é muito para sentir que o Poeta não as multiplicasse mais no seu Poema; não quero dizer com isto, que approvo o vestido de embrexado de tal Nympha, nem a sua falla demasiado longa, e cheia de prophcias: é isto um artificio, de que me parece que o Author abusa muito, pois prophetisa esta Nympha, prophetisa o Tempo até á saciedade, e como se não fosse sobejo tanto prophetisar, vem ainda no fim Protheo arrebeçar-nos novos vatecinios.

O commettimento da Ilha, e todas as circumstancias, que precedem o desembarque, estão descriptas com muito vigor, e muita energia poetica, ao passo que a primeira Estança desta descripção se distingue das outras por sua amenidade, e doçura.

Mas do futuro dia já a Aurora
 No Ceo co'a luz primeiro se mostrava
 E dos aljofres, que nas flôres chora,
 As perolas fingidas enxugava,
 De hum rasgo nos Jardins da fresca Flora
 De differentes côres matisava,
 Dourando o prado, enriquecendo o monte,
 E hum novo Abril pintando no horizonte.

Quando as ancoras firmes levantadas,
 Promptas porém para qualquer receio
 As brancas vélas foram despregadas,
 Circulos altos descobrindo em meio,
 Tenario com escamas prateadas
 De seus mares humilha o largo seio,
 E com a nova luz do alegre Dia
 As Nereidas lhe vam abrindo a via.

Com largo vento em breve se chegaram
 Ao gran grupo de nevoa, onde sentiram
 Bramar tão fero o mar, que recearam
 Os espantosos brados, que lhe ouviram;
 Que quebrava no Averno imaginaram
 Com os estrondos roucos, que não viram,
 Accrescentando a causa de improviso
 A que seguia o Filho de Cephisso.

E como o gran negrume carregado
 De côr medonha, negro, e espantoso,
 Viam cada vez mais accrescentado
 No estrondo, e na vista temeroso;
 O panico temor foi augmentado,
 E o Soldado mais forte, e animoso
 Temeu, que hera voragem despenhada,
 Que ali em Phlagetonte tinha entrada.

Bradam nisto, fugindo a nevoa escura,
 Que mancha a luz do Sol, e turba o Dia,
 Vendo que cêga a Região mais pura,
 O que estrondo espantoso produzia:
 A voz de arriba! arriba! mais se apura,
 Conforme c'o temor, que medos cria,
 Que ribombando em echos, e bramidos,
 Tem os mais com pavor amortecidos.

Mas o gran Capitão, que desprezava
 Receios vãos, e medos duvidosos,
 Quanto mais alto a Gente lhe bradava
 Lhe descobria intentos valerosos;
 E perguntando a causa, que se dava
 Para arribar sem vêr casos forçosos,
 Feito Ulysses venceo difficuldades,
 Que nome lhe darão largas idades.

Não mostrou Cleomenes mais famoso
 Em Esparta o valor ousado, e forte;
 Codro em Athenas, nem o bellicoso
 Theseo na Grécia com estranha sorte;
 Na Phrygia Anchuro insigae, e valeroso
 Sem receios da sua ingrata morte,
 Cocles na ponte, que só teve a cargo,
 Do que mostra naquella Empreza o Zargo.

Pois quanto mais de longe carregado
 Ah densa nevoa então caliginosa,
 Se vio o negro fumo dilatado
 Fazendo a cousa mais difficultosa;
 Sem o estrondo do mar fero, aterrado

Recear em a empreza duvidosa
 Fez que o vulto cruel se acommettesse,
 E bem, ou mal, o que hera se soubesse.

A os grandes bramidos, que se ouviam
 Da machina Celeste despegar-se
 Os Polos de seus eixos pareciam,
 E que ella então queria arruinar-se,
 De medo as Ursas para o mar desciam,
 Querendo, sem querer, nelle banhar-se
 Bootes, e Orion, se amedrontaram,
 Com que de Atlante os brios desmaiaram.

Mas, nada causa foi porque deixassem
 O Capitão, e os seus a nova empreza,
 Antes fez que os Bateis ao mar lançassem,
 Que hum honrado da fama as glorias pesa
 A Gonçalo Ayres fez que se entregassem,
 Tambem a Antonio Gago, que se presa
 De valor cada qual dos seus passados
 Com que atrevidos sam, fortes, e ousados.

Assim ferindo o tumido Nereo,
 Rompendo por nebrina a salse via,
 Pondo de parte o tumido receo,
 Que de seu nome as glorias encobria,
 Do Sul buscando prôa o novo seo,
 Sempre porém o fero mar se ouvia,
 Com bramidos tão grandes hir quebrando,
 Que estava novo mal pronosticando.

Com este gran temor passando ávante,
 Mais cristalino o mar se foi mostrando,
 E aonde a nevoa estava mais Gigante
 Huns picos negros foram divisando,
 Mas como a vista no temor pujante
 Hia receios mais accrescentando,
 No que podiam ser não advertiram,
 Em que nos picos negros cousa viram.

A Nau famosa, em que hia o Zargo ousado
 O nome tinha do Levita Santo,

Que o fim ditoso em grelhas teve assado
 Causando em soffrimento ao Mundo espanto,
 Este, do Capitão sendo invocado
 Pera o favor, que desejava tanto,
 Soccorro lhe alcançou do Ceo Empyrio,
 Que já elle alcançara no Martyrio.

Porque tanto que hum pico foi mostrado,
 Que em suspeita foi delle conhecido
 « Chegai, Lourenço, (diz) varão sagrado,
 « Chegai, pois o perigo haveis vencido.
 « Chegai, pois sem receio haveis passado
 « Os maiores porque a Deos subido,
 « Gozando a vista estais do Ser Eterno,
 « Por a Carne vencer, o Mundo, o Inferno. »

Não acabava quando, claramente
 Huma ponta de terra descobrindo;
 Com mais gosto de novo a toda a gente
 Alviçaras alegre foi podendo.
 Já cada qual a vê perfeitamente,
 Já de seus vãos receios se está rindo,
 Antes, huns para os outros acenando,
 De seus medos se estam matracas dando.

É pena que o termo plebeo *dar matracas*, manche um trecho aliás escripto com bastante gravidade.

Deram-lhe nome a Ponta de Levita
 Martyr Lourenço Santo, que invocaram,
 E com graus trinta e dous e meio escripta
 D'Atlante coadjutora assignalaram;
 Volta-la alegre o Zargo solicita,
 E della a dentro como as Náos entraram,
 Viram que a nevoa em não baixar da serra,
 Melhor no Sul mostrava a fresca terra.

Aqui o Capitão agiolhado
 Ao summo Amor de glorias superiores,
 Por com esta lhe haver terra mostrado,
 Lhe deu com novas graças mil louvores.

Reconhecido o sitio, e signalado.
 Publicou claramente João de Amores,
 Que dos Inglezes era a Ilha aquella,
 Que o Ceo lhe demonstrava fresca, e bella.

Logo com salva alegre, e desusada,
 As trombetas tocando sonoras
 Se largaram com gloria á nova entrada,
 Do Rei Primeiro as Quinas gloriosas.
 De festa o Barinel, e as Náos toldadas,
 Lobos Marinhos, Phocas, e as famosas
 Baleas com as salvas despertaram,
 E, fugindo do estrondo, se encovaram.

Assim com elle alegres, e contentes
 A Enseada a remos navegando,
 Se lhe foram chegando diligentes,
 Novas glorias do Ceo nella esperando.
 E porque em calma o Mar, e os reluzentes
 Raios de Phebo, se hiam nelle entrando,
 Largaram ferro quando a tenebrosa
 Noite do Mar sahia temerosa.

Por estes trechos me parece que poderá o Leitor co-
 nhecer que a *Insulana* não é um Poema distituido de
 merecimento poetico; porém elle teria ficado uma com-
 posição muito mais regular, e perfeita, si o Author tives-
 se dado menores dimensões ao seu quadro, reduzindo-o
 a cinco, ou seis Cantos, porém seguio como já notamos o
 gosto do seu seculo, em que tudo se queria grande, como
 bem provam todos os objectos, que delle nos restam, li-
 vros, moveis, paineis, candelabros, tudo é grande, inda
 que pouco elegantes. Hoje temos dado no excesso contra-
 rio, tudo se quer ligeiro, pequeno, com tanto que não seja
 custoso, embora lhe falte a consistencia, a solidez, e a
 commodidade, ás inormes carruagens, que podiam passar
 por casas ambulantes, seguiram-se os pequenos carrinhos
 de rodas baixas; ás pezadas cadeiras de braços, e respal-
 dar, umas armadilhas, que vergam, e gemem quando
 nellas se assenta uma pessoa gorda: em vez de longos
 pratos, de que o Isidro inda nos apresenta alguns espe-

cimens, apparecem na mesa uns acanhados discos, que então apenas poderiam merecer o nome de covilhetes: em vez dos capotes de bactão de toda a roda, em que se embotavam, e despontavam as mais agudas setas dos frios de Janeiro, usam-se capas de panno fino, que não passam do Joelho, e em que um homem não póde embuçar-se: em logar das casacas de longas, e largas abas, reinam as caçadeiras, que dam a quem as traz a apparencia de bonecos. Os livros de folio, e largas margens, foram substituidos pelos de formato de 18, que cabem em uma algibeira de calça, mas que fatigam, e matam a vista com sua letra miuda, e céga. Temos finalmente tomado em tudo o contrapé dos nossos avós, mas por isso não somos menos loucos do que elles, mas loucos por outro gosto.

Dizem que a opinião é a Rainha do Mundo; parece com tudo que este titulo cabe melhor á moda. A opinião domina pequenos grupos de individuos, não ha partido politico, religioso, ou literario, que não tenha uma opinião particular: porém a moda quando se declara, arrasta consigo todas as classes da Sociedade, e sua influencia faz-se sentir nos costumes, nos trajos, nas artes, nas sciencias, sem exceptuar a medicina, que dizem estar mais a salvo do seu poder, e caprichos.

CAPITULO V.

O Phenix da Lusitania de Manoel Thomaz.

José Agostinho de Macedo, fazendo a enumeração das nossas Epopeias, no Discurso Preliminar do seu *Oriente*, acrescenta em uma nota: « Sam de especie ambigua a *Insulana* de Manoel Thomaz, e o *Templo da Memoria* de Manoel de Galhegos. »

Ou as palavras *Poema de especie ambigua*, nada significam em sentido artistico, ou designam um Poema, em que as fórmulas dos outros estão de tal modo confundidas, que é impossivel classifica-lo entre os de alguns dos generos conhecidos. Ora nem da *Insulana*, nem do *Templo da Memoria* se pôde dizer isso: a *Insulana* é rigorosamente um Poema Epico, em que um heroe tenta, e acaba uma empresa difficil, vencendo todos os obstaculos, e o *Templo da Memoria* não é mais que um Epitalamio dividido em quatro Cantos. Mais razão teria Macedo, si applicasse aquella denominação ao Phenix da Lusitania, de que se tracta neste Capitulo.

Depois de sessenta annos de usurpação, e trez reinados dos Philippes em Portugal, começaram a inquietar-se os povos, cansados de tolerar o jugo de Castella, e muito mais de soffrer as violencias de Miguel de Vasconcellos, ministro, e valido da Duqueza de Mantua, Regente em nome de Philippe III., e os Lisbonenses tendo á testa D. Antão de Almada, e outros fidalgos zelosos da honra nacional, no dia 1.º de Dezembro de 1640 atacaram armados o Paço, affugentaram a guarda hespanhola, mataram, e precipitaram de uma das janellas do Alcaçar Real o ministro renegado, apoderaram-se do Castello de S. Jorge, cuja guarnição se rendeu sem queimar uma escorva, e proclamaram Rei legitimo o Duque de Bragança,

com o titulo de D. João IV., a quem de direito pertencia a Corôa, e se prepararam para a guerra, porque em taes emprezas não basta emprehende-las, é necessario sustenta-las.

A voz de Lisboa foi seguida em todas as Provincias, e dentro em poucos dias o novo Monarcha se achava reconhecido, e obedecido por todos os povos do reino, promptos, e decididos a defende-lo, e ajuda-lo com suas armas, e seus cabedaes.

A occasião não podia ser mais favoravel para tamanho feito: porque a Hespanha estava exausta de gente, e de dinheiro, com a prolongada guerra de Flandres, tinha a Catalunha levantada, e nella acabava de perder um brilhante exercito: a França protegia os Catalães, e Philippe III., para acudir a estas urgencias havia desguarnecido todas as Praças de Portugal, não só de tropas hespanholas, mas até das proprias do paiz; e por isso a revolução correu tão prospera, pois em todo o reino talvez não houvesse trez mil homens, que podessem obstar-lhe.

Apenas se divulgou em Castella a noticia da Revolução Portugueza, os soldados da nossa nação, que ali militavam, entraram logo a desertar em bandos, recolhendo-se á patria para defende-la, e nas actuaes circumstancias eram um auxilio poderoso para servirem de nucleo aos exercitos, que se estavam organisando; o mesmo praticaram muitos officiaes experimentados, e entre elles D. Francisco Manoel de Mello, grande militar, grande Poeta, e um dos homens mais eruditos do seu tempo, que servira de Mestre de Campo na guerra de Catalunha, cuja historia elegantemente escreveu.

Mau grado ás serias difficuldades, em que se encontrava a Hespanha, não deixou de tentar a recuperação de Portugal, para onde mandou por differentes partes todas as tropas, de que pode dispôr, confiando na cooperação de alguns fidalgos do seu partido, e do Inquisidor mór, e grande numero de Clerigos, e Frades, que julgavam perder muito com a nova ordem de cousas. Porém as tropas foram derrotadas em differentes recontros; a conspiração descubriu-se, o Algoz cortou algumas cabeças nobres, e a Dynastia de Bragança ficou firme no Solio Portuguez.

Os Poetas mais nomeados da epocha, como Frey Jeronymo Vahia, Manoel Tavares Cavalleiro, Antonio da Fonseca Soares, Antonio de Barbosa Bacelar, celebraram em suas composições diferentes successos desta campanha.

Manoel Thomaz quiz lançar a barra mais longe do que elles, e como amava ardentemente a sua Patria, quiz decantar a sua liberdade, comprehendendo toda a campanha da restauração em uma Epopeia de dez Cantos, que deu á luz em 1659, com o titulo pedantesco, e gongoristico de *Phenix da Lusitania*.

O assumpto era grande, heroico, interessante, e nacional, mas além do inconveniente, não pequeno, de contemporaneo, que sempre prende os vãos da imaginação, e difficulta as ficções, o Author não soube trata-lo, e reduzi-lo ao quadro Epico.

Nos primeiros Cantos lá se observa tal qual disposição dramatica, e de marcha Épica; porém como o seu talento estava mais na viveza das discripções, e na faculdade de colorir quadros, que no dote de ordena-los, e symetrizal-os de modo, que formassem um todo regular; como estava deseioso de celebrar todos os feitos da guerra da Independencia, e todas as personagens, que nella haviam representado, nos ultimos dous terços do Poema, não faz mais que divagar de logares em logares, de heroes em heroes, de batalha em batalha, sem nexo, sem unidade, e por consequencia sem interesse; tendo por unico merito nesta Gazeta rymada a belleza de algumas imagens, e o prestigio de uma versificação sempre forte, e harmoniosa. Este defeito lhe é commum com grande parte dos Epicos do reino visinho; pensavam estes que compôr uma Epopeia era escrever uma historia em verso, e que para alcançar a corôa de Caliope bastava pintar a verdade em bom metro, e adornada de pensamentos fogosos, sentenças profundas, e imagens brillantes; e que a fabula, os caracteres, o maravilhoso, eram umas cousas desnecessarias, si não absolutamente inuteis, por incompativeis com a verdade historica: porém a Historia, e a Epopeia, pôsto que sejam irmãs, que em seus rostos se reconheça um ar de familia, differem essencialmente na voz, na estatura, na indole, e sobre tudo no modo de trajar.

Sem embargo de defeitos tão salientes, o *Phenix da*

Lusitania foi recebido do público com grande applauso, correndo pelas mãos de todos, que avidamente o procuravam, e dahi provirá talvez a sua grande raridade: nem isso é de estranhar, porque o Author gozava de grande reputação como Poeta, porque a Obra era um Poema de circumstancias, porque havia muitas altas personagens empenhadas, e interessadas em fazer passar por boa uma composição, que continha os seus louvores, e, como dizia Themistocles, a voz que nos louva é sempre grata aos nossos ouvidos, porque não faltavam pessoas, que julgavam dar grande prova de adhesão á nova dynastia, lendo, e elogiando um Poema, que celebrava a sua elevação ao throno, e finalmente porque o bom gôsto, tanto na poesia, como na oratoria, estava então completamente corrompido em Portugal.

José Agostinho de Macedo disse em um dos seus lucidos intervallos, fallando de Manoel Thomaz, e de Manoel de Vasconcellos Barbuda, que estes homens para serem grandes deveriam ter nascido, ou antes da usurpação de Philippe II., ou depois do estabelecimento da Arcadia, e nesta parte estou' perfeitamente d'accôrdo com elle. Não foi o genio, nem viva imaginação, que faltou áquelles Poetas, e a muitos outros contemporaneos, faltou-lhe o bom saber, a imitação da sabia antiguidade, e a boa Philosophia, que formaram a Camões, e a Ferreira, e que os Jesuitas expulsaram das Aulas, e das Universidades. A maior parte dos seus defeitos não sam delles, mas do seu seculo, devem-se ás ruins doutrinas, com que foram educados, despenham-se porque os seus guias, ou ineptos, ou infieis os tiraram do caminho direito, e os conduziram ao precipicio.

O *Phenix da Lusitania* pôde com razão chamar-se o Poema *das prophcias, e das visões*, porque só por meio dellas é que o Poeta consegue, não digo reduzir a unidade, mas aggregar bem, ou mal os differentes successos, que narra, ou descreve, succedidos em varios tempos, e varios logares.

Outra singularidade do Poema é que o Author representa nelle um grande papel, entra muitas vezes em scena, dialogando com os agentes sobrenaturaes, que ás vezes apparecem nesta obra; é que nella não ha pro-

togonista, pois que o Rei novamente aclamado, que sem dúvida devia occupar este logar, pôsto que delle se falle muito, nem faz, nem diz cousa alguma.

Ha no *Phenix da Lusitania* alguns Prologos á maneira de Ariosto, eis-aqui o do Livro IV., pelo qual se poderá fazer idéa dos outros.

A' tenebrosa Noite, escura e fria,
Segue com nova luz o Sol dourado,
Cuja gala formosa enfeitada o dia,
Que esteve com as trevas eclipsado.
A triste côr, de que antes se vestia,
He Rosicler do dia melhorado,
Que tristeza não ha tão encoberta,
Que o Ceo em melhor gloria não converta.

Cobre de escuras nevoas, e temores
O secco Inverno os bosques nemerosos,
Abraza nos jardins as frescas flores,
A verde grama em prados deleitosos.
Da Primavera alegre os resplandores,
Renovam seus defeitos rigorosos,
Que escuro mal não ha, nem pena certa,
Que o Ceo em melhor gloria não converta.

Feio Neptuno, o ar escurecido,
Com Eolo seus mares embravece,
Teme o Navio fragil, que opprimido
Apenas com as ondas apparece.
Abranda Juno o vento enfurecido,
E o Mar em calma aos Nautas se offerrece,
Que não ha borrasca nelle tão incerta,
Que o Ceo em melhor gloria não converta.

Amarrado ao grilhão de duro ferro
A sentença mortal o preso teme,
Reconhecendo a culpa de seu erro,
Que noite, e dia com suspiros geme.
Troca-se a morte em pena de desterro,
Sendo da Náo de tal tormento o leme,
Que não ha tão grave mal na vida incerta,
Que o Ceo em maior gloria não converta.

O estylo do *Phenix da Lusitania* só differe do da *Insulana* em ser mais eivado do gongorismo, e de conceitos rebuscados, e por isso lemitaremos as citações delle á Historia de D. Ignez de Castro, que se lê no Livro I., em que visivelmente se conhece que o Poeta tentou competir com este episodio do Poema de Luiz de Camões, episodio, que tem sido tantas vezes citado, elogiado, e traduzido por naturaes, e estrangeiros. Era preciso que o Poeta contasse muito com as suas forças, para tentar essa empreza; mas o amor proprio é cego, e não conhece difficuldades. Vejamos a execução.

Nasceu de Elisabeth, Rainha Sancta,
E de Dionis Alfonso Quarto, irado,
Que a quatro centos mil Mouros espanta,
Vencidos na batalha do Salado.
Nenhum poder o gran valor quebranta,
Que de animos Reaes acompanhado,
Aqui se vio vencendo-se um Imperio,
Que visto nunca foi neste hemispherio.

Deste nasceu com condição severo
Pedro forte, zeloso, e arrogante,
Digno do Regio Sceptro por austero,
Em primiar preste, em condemnar constante.
Amor, que a Apollo brando, a Marte fero
Sujeita com imperio dominante,
Lhe penetrou com tal ferida o peito,
Que, com ser Rei, o teve a si sujeito.

Mostrou-se-lhe a alteza, e formosura
Da soberana Dona Ignez de Castro,
Rica de dotes, pobre de ventura,
Imagem animada em Alabastro
Tão perfeita na digna compostura,
Como infeliz no influxo do seu astro,
Negros os olhos de belleza armados,
Que lhe foram depois Soes eclipsados.

O claro rosto como nasce o Dia,
De aljofares da Aurora rociado,

Quando nos campos chora de alegria,
 E o Ceo tem de bengalas matizado.
 Dous labios de coral, com que cobria
 De amor o muro em perolas nevado,
 Mãos torneadas, e cabello de ouro,
 Preciosas minas, e de amor thesouro.

Viu o Principe amante o rosto bello,
 De tanta graça, e perfeições dotado,
 E em descuido hum nó no aureo cabello,
 Que foi descuido para dar cuidado.
 Escaçamente o Rei se pôz a vê-lo,
 Quando se achou no Gordiano atado,
 Que o, que veio depois custar-lhe a vida,
 Foi rêde por amor ali tecida.

Não correo traz os pomos Atalanta,
 Enganada no cebo de ouro fino,
 Phebo traz Daphne convertida em planta,
 Por seu amor lhe parecer indino.
 Nem Euridece pôz a leve planta
 Mais incauta de damno perigrino,
 Do que Pedro nas duas luzes bellas,
 Do Mundo Soes, do firmamento Estrellas.

Cebo na significação, em que o Poeta toma aqui este vocabulo, é de lingua castelhana, e não da portugueza. O Author cahio algumas vezes nestas adopções de palavras, e phrases do idyoma dos nossos visinhos.

Ficou da perigrina formosura
 Captivo, e por querer, sem liberdade,
 Preso da sua honesta compostura,
 E sem poder a Regia potestade.
 Que a soberana luz divina, e pura
 Levou comsigo toda a magestade,
 E as potencias reaes interiores
 Ali rendia Amor a seus amores.

Correspondia Ignez a seus cuidados,
 E da guerra amorosa a estincta liga

Os tinha ao jugo com o tempo atados,
Que hum largo trato a largo Amor obriga.
Porém a inveja, que dos mais amados
Foi com tiros crueis sempre inimiga,
Fez com que achou a Ignez na flôr da idade
Si no Príncipe Amor, no Rei crueldade.

Sendo o Pai sabedor como a constante
Ignez era do Príncipe querida,
E que intentava seu fiel amante
De em Hymineo doce dar-lhe a vida.
Tigre, que ferio seta penetrante,
Não se mostra co'a dôr mais offendida,
Do que o Rei se mostrou vendo os intentos,
Com que Pedro lhe occulta os pensamentos.

E como em altos Reinos pertendia
Buscar-lhe em Hymineo maior Alteza,
Como si amor dos sceptros á valia
Não igualasse extremos de belleza!
Divertir-lhe os intentos quiz hum dia
Com rogos, com amor, com aspereza,
Mas diverte-se mal o livre intento
Que tem hum firme amor por fundamento.

Assim, crescendo a ira no Rei forte,
Maior se fez a inveja nos privados,
Vêde que dous contrarios para a morte
De brandos corações affeiçoados!
O Rei pertende a hum mudar-lhe a sorte,
E a inveja ao outro seus cuidados,
Golpe por quem espera a Flôr de Castro
Laminas de ouro, e vultos de alabastro.

Com estes dous contrarios combatida
Hera de Ignez a bella formosura,
Que antes do mesmo Amor fôra servida,
Como invejada da maior ventura.
Nas praias do Mondego divertida,
Do Príncipe passava a ausencia dura,
Murmurando-lhe o amor rosas, e flôres,
Rio com agua, fonte com amores.

Andava Pedro á caça traz das Feras,
 E Feras perseguiam seu cuidado,
 Não lhe sendo as do bosque mais austeras,
 Que as de quem seu amor hera invejado.
 Co'a tardança, que fez sóbe ás Esphas
 O paterno furor do Rei airado,
 E esquecido da humana piedade,
 Entrada deu a toda a crueldade.

Tractado por fazer hum feio auspicio,
 Deu Pélope, seu Filho em iguaria:
 Hyppodamante no amoroso vicio
 Entrega Perimede á morte fria.
 Althea co' tição usou do officio
 Que consentio de Affonso a tyrannia,
 Por sustentar, e ter no Reino ovante
 A Tantaló, e Althea, e Hyppodamante.

A bella Ignez nas aguas do Mondego,
 Que com perolas d'alma accrescentava,
 Antevendo o Real desassocego,
 Que em damno seu a inveja enviperava.
 Considerando o meio injusto, e cego,
 Que com morte cruel se lhe traçava,
 Sentindo, mais que toda a crueldade,
 Do seu querido Pedro a saudade.

Os cravos, e os jasmims em côr terrena,
 Rouxos os lirios, e incarnadas rosas,
 E de pura cecem, branca açucena
 Pallida já nas côres graciosas.
 Reciosa do mal, que se lhe ordena,
 E innocente com causas rigorosas,
 Fria com o temor da fera morte,
 Fallou ao Rei irado desta sorte.

“ Si fôr, Senhor, delicto, sendo amada,
 ” Do soberano Principe querido,
 ” E de amor aos quilates levantada
 ” Do Diadema Real esclarecido.

» Si em Estrellas conformes procurado,
 » Foi minha liberdade, e foi rendida,
 » Porque sendo conformes as Estrellas,
 » As vontades iguaes nascem com ellas.

» Tendo virtude Amor de transformar-se,
 » E com a cousa amada em jugo unir-se
 » Com o vinculo santo, e conservar-se
 » Com laço, que não póde dividir-se.
 » Si a Palma sabe ao vento brandear-se
 » E hum Diamante com outro mais polir-se,
 » Que muito que huma Dama importunada
 » Hum Rei amasse, sendo delle amada?

» Juntou o Ceo por união secreta
 » Dous corações em huma só vontade,
 » Que foi o Astro, e o maior Planeta
 » Com que Amor os effeitos persuade.
 » Chegou ao auge, e desejada meta,
 » Com que usou do poder a Magestade,
 » De Amor occasionando os accidentes
 » Estas prendas reaes, que vés presentes.

» Por ellas debes relevar benigno
 » Erros que por amor sam perdoados,
 » E quando indigna eu, seu sangue he dino
 » De serem por teus Netos respeitados. »
 Aqui parou com susto repentino,
 Vendo os trez invejosos indignados,
 E a voz suspensa, que antes mal se ouvia,
 No congelado peito ficou fria.

Internecido o Rei da formosura
 Deixava os Netos já, e a Mãi com vida,
 Quando dos trez a inveja se apressura,
 Contra a Dama do Principe querida.
 Detem-te em teu rigor, ob Pena dura !
 Pára o golpe cruel, fera homicida !
 Que deixarás, si sua Flôr se corta,
 Amor sem vida, e a Beldade morta.

O segundo verso desta Estança parece indicar que D. Alfonso IV. tinha determinado mandar tirar a vida, não só a D. Ignez de Castro, mas a seus filhos, e que inter-necido dos rogos da Mãe queria perdoar, a elles e a ella, mas além ser absurdo o suppôr tanta barbaridade naquelle Monarcha, nenhum dos nossos Historiadores dá a entender semelhante cousa, é por tanto necessario suppôr que Manoel Thomaz não exprimiu bem aqui o seu pensamento.

Olha que levas, invejosa Parcha,
 Em annos verdes, em amor jocundo,
 O sceptro insigne do maior Monarcha,
 Na luz com que sem luz deixas o Mundo.
 Si teu poder Thiara, o Sceptro abarca,
 Rustico lavrador, sabio facundo,
 E só no Ceo, respeitas luzes bellas,
 Olha a esta, que he Sol entre as Estrellas.

Nada bastou porque da inveja o vicio
 Nos trez peitos tyrannos revestida,
 De Isac faltando o Anjo ao sacrificio,
 Levou Ignez, de Pedro a doce vida.
 Qual Bonina, ou Jasmim, que no solsticio
 A graça, o lustro, a côr mostra perdida,
 Tal da Dama a beldade ficou pura
 Graça sem côr, sem lustro a formosura.

As aguas do Mondego se turbaram
 Vendo contra Amor tal, tal tyrannia,
 As flôres, prados, eervas se seccaram,
 E emmudeceo da Fonte a agua fria.
 Do Sol os raios aos mortaes mostraram
 Menos belleza, e gloria aquelle dia,
 Pois faltou, por não vér o horrendo caso
 Ao Mundo luz, Estrellas ao Parnaso.

Em quanto Ignez os prados deleitosos
 Com flôr vestirem natural verdura,
 E de Chypre os Pensiles olerosos
 Jasmim suave, e Açucena pura.

E a purpurea Rosa entre os ciosos
Espinhos, descobrir a formosura,
A tua sentirão sempre queixosas
Açucenas, Jasmins, flôres, e Rosas.

Sentio ausente Pedro a morte injusta
Da bella Ignez, que por Esposa tinha,
A quem com poder Regio, e gloria Augusta
Deu na morte a Corda de Rainha.
Dos tyrannos tomou vingança justa
Exorbitante mais do que convinha,
Mas tem desculpa o mal da exorbitança
Onde hum constante Amor pede vingança.

O episodio de Anna de Harfet na *Insulana*, e este de D. Ignez de Castro no *Phenix da Lusitania*, são talvez os dous trechos mais bem acabados, que sahiram da penna de Manoel Thomaz, mas este deve necessariamente perder muito quando fôr cotejado com o de Camões, então se verá a que distancia enorme estão hum do outro os dous Poetas.

A Ignez de Luiz de Camões, não vai de moto proprio, e mui desembaraçada apresentar-se ao Rei para fazer-lhe uma prelecção philosophica sobre a origem do amor, a igualdade de vontades, que as estrellas influem, a faculdade, que o amor tem de transformar-se, e unir-se com a cousa amada, concluindo que si a palma cede ao vento

Que muito que huma Dama importunada
Hum Rei amasse, sendo delle amada.

A Ignez de Camões é conduzida presa pelos Algozes á presença do Monarcha, entre as vozarias do povo, que pede a sua morte, e é nesta horrorosa situação, que ella se esquece de si, para só doer-se de ser separada do Principe, e dos filhinhos, que a seguem, pede ao Rei que se apiade daquelles innocentes, pois que até algumas vezes as Feras, e Aves de rapina se tem mostrado piedosas com creanças, contenta-se de ser desterrada para a Scythia, ou para a Libia, onde viva eternamente em lagrimas, com tanto que ali possa criar seus filhos, que com

as lembranças do amor do Príncipe vence o refrigerio das suas desventuras. Isto é poetico, e sublime porque é a verdade, e a voz da Natureza; é pathetico porque commove, e faz derramar lagrimas; e esta singeleza vale mais que toda a rethorica de Manoel Thomaz.

CAPITULO VI.

Manoel de Faria e Sousa.

Poeta, crítico, historiador, moralista, e erudito, Manoel de Faria e Sousa, gozou no seu tempo de uma grande reputação litteraria, que longe de couservar-se intacta, tem consideravelmente diminuido com o correr dos tempos, e o progresso do bom gosto litterario.

Foi filho de Amador Pereira de Eyró, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Luiza de Faria e Sousa, filha legitima de Estacio de Faria, Moço Fidalgo da Casa Real, e neta de Manoel de Sousa Homem, Senhor do Solar de Valmelhorado.

Parece que sua mãe era de linhagem mais illustre, que seu pai, visto que o nosso Poeta preferia os appellidos maternos aos paternos; mas se herdou de seus pais um sangue honrado, e nobre, não herdou com elle uma brilhante fortuna.

Manoel de Faria e Sousa vio a luz do dia a 19 de Março de 1590, na Quinta denominada do Souto, situada no Concelho de Figueiras, que era predio da sua familia. Foi baptisado na freguezia de Santa Maria de Pombeiro, antigo Mosteiro da Ordem de S. Bento, na Ribeira de Vessella, entre as duas notaveis Villas de Amarante, e Guimarães, na Provincia que então chamavam de Entre-Douro e Minho, uma das mais ferteis, e bem cultivadas do Reino.

Todas estas particularidades nos foram por elle mesmo transmittidas em um Poema, que se encontra na Parte II. da sua Collecção de Poesias, publicado com o titulo de *Fuente de Aganippe*, em o qual se expressou pela maneira seguinte :

El baño en este Templo se appresenta,
Que es la primera puerta a ser Christiano,
Aqui me dió tal bien mano infinita,
Su titulo, su nombre soberano.
Por el Amor, sin Musas decir quiero,
Es de Santa Maria de Pombero.

Aqui em vida en un amenò soto.
Bien assombrado de castaño, y roble,
A poner en su rueca empezó Clotho
En nido, quando humilde, en nada ignoble.
Una Torre de lizes adornada
Me dió, si no riquoza, sangre honrada.

Esta Torre, adornada de flôres de liz, era o Castello antiquissimo de Faria, de quem a sua ascendencia derivava o appellido, desde tempos mui remotos, e que tinha por brazão, e adorno as flôres de liz.

Parece que a natureza se havia esmerado em enriquecer Manoel de Faria e Sousa de todos os dotes, e prendas necessarias para fazer brilhante figura na republica das letras; engenho agudo, amor do estudo, comprehensão facil, imaginação viva, e sobre tudo tenaz, e prodigiosa memoria, que é o primeiro, e mais efficaç instrumento do saber humano, e seria hoje um dos escriptores mais estimados, e conhecidos da nossa patria, se o pessimo gôsto do seculo, em que viveu, não tivesse corrompido, e quasi inutilisado tão felizes disposições naturaes; tanto é certo que para ser um grande homem em qualquer genero, não basta ter todas as habilitações para isso, mas é indispensavel viver em tempo proprio para devidamente desenvolve-las.

Faria e Sousa apprendeo a lingua latina com seu pai, e passou a estudar em Braga a logica, e as outras humanidades, já nesse tempo começava a cultivar a poesia, e

passava por um prodigio de talento, que promettia grande illustração, tanto á patria como á sua familia. Applicou-se com grande esmero á licção da Historia antiga, e moderna, sagrada, e profana, e ás linguas vivas, e com especialidade á castelhana, que fallou, e escreveu com perfeição, e de que fez uso na maior parte das obras, que compoz.

Não lhe mereciam menos attenção as sciencias, o desenho, e a pintura, e já na idade mais tenra debuxava á penna com tanta perfeição, como se fôra com o pincel, e muitas estampas por elle habilmente illuminadas, tanto na Italia, como na Hespanha mereceram os applausos dos professores mais affamados, que então florescia na nobelissima arte da pintura.

Poucos homens terão mostrado na idade infantil, e na adolescencia tanta seriedade de character, e tanta madureza de espirito, e foi em attenção a estas prendas, que seu parente D. Frey Gonçalo de Moraes, que regia a Séde Episcopal da Cidade, e Diocese do Porto, o nomeou para seu Secretario, quando apenas contava 14 annos de idade: viveu dez annos no paço daquelle veneravel prelado, cujos exemplos, e doutrinas lhe prestaram os mais solidos documentos da vida moral, e politica.

Chegando a epocha de tomar estado, contrahio matrimonio com D. Catharina Machado, na freguezia de Bougado, no anno de 1614. Esta senhora era filha unica de Pedro Machado, primeiro Contador da Fazenda no Porto, e de sua mulher D. Catharina Lopes Ferreira: á nobreza do nascimento juntava a noiva um genio docil, comportamento virtuoso, e os outros principaes dotes, que constituem uma esposa amavel, e uma boa mãe de familia; deste consorcio houve Manoel de Faria e Sousa, durante trinta e cinco annos, que duraram estes laços, dez filhos, a saber, seis varões, e quatro femeas, o que prova que o nosso Poeta não tributava seus cultos exclusivamente ás Musas.

Tendo vivido no Porto até ao anno de 1618, passou com toda a sua familia, ignoramos o motivo, para Pombeiro, onde seus pais viviam na quinta denominada da Caravella: mas nem as doçuras do matrimonio, nem o amor da familia, nem o cultivo das letras eram podero-

ses para apagarem nelle as chammas da ambição, e os desejos de melhorar de fortuna, que o atormentavam de continuo.

Nesta disposição do espirito veio encontra-lo uma carta de Pedro Alvares Pereira, Senhor de Serra Leoa, Secretario do Conselho de Estado dos Reis, Philippe III., e Philippe IV., e destinado Conde de Abergom, que o convidava para ser empregado na côrte de Hespanha.

O convite de tam grande personagem, não podia deixar de ser rijo sópro de vento, que levantasse grandes lavaredas de esperanças, em um peito, em que ellas ardião surdamente-debaixo das cinzas do desgosto, e descorçoamento.

Como os homens de ordinario não calculam com exacção as probabilidades, que podem oppôr-se ao complemento do que ardentemente desejam, Faria e Sousa recebida esta carta, julgou para logo realisados todos os seus sonhos de futura prosperidade, e abandonando a patria, sem a menor hesitação, partio sem demora caminho do Manzanares, onde phantasiava a sua California. É pelo menos o que se deprehende do que elle a este respeito deixou escripto no Livro II., Capitulo I. da sua fortuna, e vida. *„ In baculo meo transivi jordanem, pues si Jacob lo dixo, porque en aquel transito era todo su candal un caiado, nun venia a ser mas debil el mio para en el mundo, pues se reducía solamente a buenas partes, que si para la honra fueron graciosas, para lo util havian de ser desgraciadas. „*

Chegado finalmente a Madrid, com a cabeça eivada de ventoinhas, e phosmeas de ventura, foi por Pedro Alvares Pereira recebido, e agasalhado com todas as atenções, e estima devidas ao seu talento, ao seu saber, e á sua notoria probidade; mas dentro em pouco com a morte deste protector ficaram em branco todas estas esperanças, que tão bem fundadas pareciam.

Descorçoado com a morte do Ministro, resolveo Faria e Sousa voltar á patria com o coração profundamente pungido pela amargura de uma illusão perdida: mas não cumprio por então este accôrdo, deixando-se seduzir pelas pomposas promessas de grandes recompensas, que lhe fez D. Manoel de Moura Côrte Real, Marquez do

Castello Rodrigo: mas a experiencia mostrou bem de pressa, que as promessas daquelle fidalgo não nasciam de boa fé, e desejo de ser util, como podia, ao nobre literato, sendo tudo palavras vãs, e ostentações infructíferas como as flôres das arvores silvestres. Porque recebendo uma carta de D. Affonso Furtado de Mendonça, Arcebispo de Lisboa, em que lhe dizia: « Nunca vi a Manoel de Faria e Sousa, mas pelas noticias, que tenho das suas partes, e talentos, e informações de seus costumes, que tudo se qualifica com o que sei, que Vossa Eminencia o estima, o consultei no Officio de Secretario de Estado da India, tendo por certo que Sua Magestade será bem servido. » D. Manoel de Mendonça, em lugar de aproveitar occasião tão propicia, se oppôz com todas as forças á confirmação da proposta, com o pretexto frivolo de que era fraca recompensa para pessoa de tão subido merecimento. Isto faz lembrar os chefes das antigas repartições, que quando queriam preterir algum empregado benemerito, punham na consulta que *era proprio para cousas maiores*, e propunham outro em lugar d'elle, desviando-o assim da situação, que por accesso, e seryços legitimamente lhe pertencia.

O Secretario Francisco de Lucena o propôz pouco tempo depois para um Officio de honra, e proveito, porém as intrigas do Marquez ainda frustraram as boas intenções do Secretario.

Desenganado em fim Faria e Sousa da perfidia, com que o tractava o seu Mecenas d'avesso, que se aproveitava do seu prestimo, e lhe fechava toda a carreira de adiantamento, e recompensa; sahio de Madrid, como Astolfo da Ilha de Alcina, abominando, e mal dizendo as fallacias dos cortezaões, e a sua credulidade, partindo para Lisboa.

Por um contraste mui singular, e muito honroso para o Arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça, este prelado, que não conhecera Faria e Sousa se não pela sua reputação, não sahia do empenho de empregá-lo, de maneira conveniente á sua aptidão, e talento, nem cessava de espreitar occasião favoravel, e havendo vagado o lugar de Secretario do Rei, o consultou novamente para aquella commissão de honra, e proveito, porém esta

mercê ficou igualmente baldada, pelas diligencias do Marquez de Castello Rodrigo.

Acabava este cavalleiro de ser nomeado Embaixador na Côrte de Roma, e como era então costume, procurava um Secretario, com as habilitações, e circumstancias necessarias para carregar com todo o trabalho, e expediente da embaixada, reservando para si unicamente a representação, as honras, e os proveitos, e parecendo-lhe que ninguém melhor do que Faria e Sousa podia desempenhar esse papel, passou logo a nomea-lo Secretario da Embaixada.

Manoel de Faria e Sousa, ou porque lhe não conviesse o alongar-se para tão longe da patria, ou como é mais provavel, despeitado contra a perfidia, com que o Marquez o havia tractado, se negou por largo tempo a accitar a nomeação: foram porém tão vivas, e tão repetidas as instancias de D. Manoel de Moura, que o pobre Literato, ou convencido, ou cançado dellas, ce-deu.

Partio pois no anno de 1630, com toda a sua familia, em companhia do Marquez para a antiga Capital do Mundo Pagão, e que o é hoje do Mundo Christão.

Chegado á Côrte Pontificia, o Marquez de Castello Rodrigo lhe fez entrega da cifra da embaixada, e entre as numerosas pessoas, que o procuraram, foi uma das primeiras o Conde de Castelvinario, Camareiro Mór do Papa, que o conhecia pelas suas Obras, e que lhe rogou com muita instancia quizesse encarregar-se de uma composição celebrando a Coroação do Summo Pontifice Urbano VIII., esta insinuação quando os melhores Poetas daquele tempo na Italia haviam tractado este assumpto, e entre elles o célebre Francisco Bracciolini considerado como o terceiro Epico Italiano pela sua Epopeia *La Croce Raquistata*, prova a alta idéa, que naquella côrte se fazia do talento de Manoel de Faria e Sousa.

Deu-se o nosso Poeta com todo o esmero ao desempenho da tarefa, que lhe fôra encarregada, e o Papa Urbano VIII., que era grande Poeta Latino, como se vê das suas poesias, que correm impressas, o louvou publicamente na audiencia, que lhe deu em 14 de Setembro de 1633 a elegancia de estylo, suavidade de metro, e enthusiasmo

que reinam naquella Poema. Porém estes louvores, estas expressões honoríficas, foram a unica recompensa daquelle trabalho.

Desenganado em fim de que a sua fortuna era planta, que não podia vegetar, nem medrar em nenhum clima, e nenhum terreno, abandonando as margens do Tybre se dirigio a Madrid em 1634.

Novas desgraças o estavam esperando naquella côrte, e essas desaventuras nada menos importaram que ser preso por crime de inconfidência, sem mais motivo, que o tornasse suspeito, do que a demora, que fizera em Roma.

Depois de algum tempo de prisão, foi finalmente dado solto, e livre pelo Secretario de Estado D. Jeronymo de Villanova, que ao mesmo tempo lhe ensinou da parte do Monarcha, que tencionava servir-se delle, designando-lhe a côrte por homenagem, e uma pensão bastante para sustentar com decencia a sua familia.

Naquella Cidade, e nesta situação passou o resto da sua carreira vital, sempre com a penna na mão, sempre occupado em continuo estudo, até que esta larga applicação mental, sem ser acompanhada de exercicio corporal, pois nem visitava amigos, nem frequentava passeios, lhe causou a terrivel enfermidade da retenção de ourinas, que atormentando-o por largos tempos com as dôres insupportaveis, que a acompanham, e que elle soffria com a mais heroica paciencia, lhe cortou o fio da vida.

Conhecedor de que estava proximo á passagem do tempo para a eternidade, ordenou o seu testamento, e com exercicios religiosos, e os Sacramentos da Igreja se preparou para a morte, que teve logar a trez de Junho, dia em que se celebrava a festividade de Corpus Christi em 1649, contava então 59 annos de idade, dous mezes, e dezeseis dias.

Sua familia, condescendendo com as rogativas do medico, que o havia tractado, consentio que se procedesse á autopsia do seu cadaver, permissão, que segundo as acanhadas idéas do tempo, não era facil de obter, porque geralmente aquelle acto se considerava como uma especie de profanação. Accrescentarei de passagem que estes preconceitos, e opiniões mal fundadas, que em todas as epochas tem existido, e de que ainda se con-

servam vestigios, tem demorado muito os progressos das sciencias medicas, que tem por base a observação da natureza.

Não quero dizer com isto que approvo as dissecções de animaes vivos, e muito menos o abuso horrivel praticado em alguns paizes da antiguidade, onde, segundo testifica Cornelio Celso, se abandonavam ao scalpelo do Cirurgião os réos condemnados á morte, para serem lenta, e dolorosamente despedaçados nos Amphitheatros Anathomicos, crueldade impia, e abominavel, e além disso inutil, porque não correspondia ao seu fim, que era apprehender o segredo da vida; pois é evidente, que o susto, e a desesperação apoderados do espirito do paciente, as contracções nervosas produzidas pelas dôres intensas da dilaceração, deviam apresentar aos olhos do operador, não o estado normal do corpo vivente, mas phenomenos muito estranhos, que alteravam os órgãos, mostrando-os em um aspecto muito diverso desse estado normal, que se procurava conhecer.

Procedendo pois os Facultativos com todo o cuidado á autopsia do cadaver de Manoel de Faria e Sousa acharam que a hexiga continha cento, e cincoenta pedras de diferentes dimensões, apostemadas as vias; e os intestinos corrompidos.

No dia seguinte ao da abertura do cadaver foi Manoel de Faria e Sousa com grande acompanhamento conduzido ao Convento dos Religiosos Premonstratences de Madrid, onde foi sepultado com todas as ceremonias, que o Ritual Romano prescreve para estes actos funebres. Sobre o caixão, que se depositou no altar do lado do Evangelho, que fica na parte subterranea da Sacristia se lavrou o seguinte Epithaphio: « *Aqui yace Manuel de Faria y Sosa, Caballero de la Orden de Christo, y hidalgo de la Casa Real, morió a trez, y fué sepultado a 4 de Junio de 1649.* »

Passados alguns annos, conseguiu a sua viuva transferir a sua ossamenta para a Igreja de Santa Maria de Pombeiro, onde havia recebido o baptismo. Foi ali que a terra da patria recebeu suas cinzas em uma sepultura proxima á Sacristia sobre cuja lapida se lê esta inscripção Latina: « *Inclitus hic jacet Uxore sua sepultus, Scriptor* »

ille Lusur Emanuel de Faria e Sousa, Die 6 Septembris, 1660. »

Segundo o Abade Barbosa, a quem devemos a maior parte destas noticias biographicas, Manoel de Faria, e Sousa foi de estatura mediana, rosto mais redondo, que largo, côr morena, tirando a pallida, olhos pretos modestamente alegres, nariz regular, cabello mais castanho, que negro, porém o da barba mui branco, que sempre conservou conforme o uso antigo dos Portuguezes. E era tão pouco esmerado no trage, que mais parecia Philosopho, que Cortezão.

Poucos homens gozaram no seu tempo de reputação tão grande como Manoel de Faria e Sousa, quasi todos os Escriptores contemporaneos o cumularam de louvores, e deixaram publicos testemunhos da admiração, que lhe tributavam, para prova disto bastará citar D. Nicoláo Antonio, Procel, Niceren, Antonio de Sousa Macedo, Manoel de Sousa Moreira, e Lope da Vega Carpio, que não duvidou dizer delle

Eligen a Faria,
Que en Historia, y Poesia,
Si ben que nó podiera
Dar-le maior la Lusitana Esphera,
Aun que de tantos con razão se precia,
Que pueden embidiar Italia, y Grecia,
Como lo muestran oy tantos escriptos
Vestidos de conceptos inauditos,
Elocuciones, phrases, y colores,
Fructos de Letras, y de versos flores.

E em outra occasião, louvando a Obra de Faria intitulada *Noches Claras, Ruinas, e humanas flores*

DECIMA.

Peregrina Erudicion
De varias flores vestida,
Enseñaza entretenida,
Y sabrosa correccion,

Fuerzas del Ingenio son,
 Dulces palmas desta mano,
 De un Phylosopho Christiano,
 Sosa de las Letras Sol,
 Demosthenes Español,
 Y Seneca Lusitano.

CAPITULO VII.

Obras Prosaicas de Manoel de Faria e Sousa.

O Abbade Diogo Barbosa Machado na sua tantas vezes citada Bibliotheca Lusitana, traz um prolixo Catalogo das Obras tanto impressas como manuscriptas, que Manoel de Faria escreveu em prosa. Julgo inutil transcrevelo, porque sam em lingua castelhana, que este grande engenho erradamente, e não sei porque motivo, preferia ao idyoma patrio, e que por essa mesma razão pertencem mais á historia da literatura hespanhola, que á da nossa.

Direi com tudo alguma cousa das seguintes, que sam as mais conhecidas entre nós, e as que ainda gozam de alguma estima.

Europa Portugueza trez Tomos.

Asia Portugueza trez Tomos.

Africa Portugueza um Tomo.

America Portugueza um Tomo.

Estas trez primeiras Obras, em que o Author narra todas as proesas, e acções heroicas dos Portuguezes, praticadas naquellas partes do mundo, sabiram á luz pelo zélo e diligencia do Capitão Pedro de Faria e Sousa, filho do Author, e grande admirador dos talentos de seu Pai.

Foi porém menos feliz a America Portugueza, que continha a descripção geographica das vastissimas regiões do Brasil, e quanto ali haviam feito os Portuguezes, desde a epocha do seu descobrimento até ao anno de 1640.

Esta Obra não só nunca alcançou as honras typographicas, mas desapareceu pela má vontade de um homem poderoso, que para desgostar um inimigo, não teve o menor escrupulo em lançar mão de um meio de vingança tão infame, e tão prejudicial para a honra das letras, como para a sua gloria, e com grave prejuizo de terceiro. Para sua eterna vergonha aqui deixaremos registado este facto conforme nos foi transmittido por Diogo Barbosa Machado em sua Bibliotheca Lusitana.

Duarte Coelho de Albuquerque, Senhor de Pernambuco, e pessoa muito authorisada por seu nascimento illustre, serviços, e riquezas, offereceu-se a Manoel de Faria e Sousa para lhe mandar imprimir aquella Obra á sua custa. Aceitou o Historiador offerta tão generosa, e promptamente lhe fez entrega do manuscripto, que tantas fadigas, e vigalias lhe havia custado.

Fiel á sua palavra, e desejoso de que ficassem consignados na Historia os seus serviços, Duarte Coelho de Albuquerque tractou logo de impetrar do Conselho Real a faculdade necessaria para a impressão; porém o Secretario Diogo Soares, que não sei porque motivo, era antigo, e figadal inimigo de Duarte Coelho de Albuquerque não podendo levar a hem, que se desse tanta publicidade aos seus serviços, não escrupulisou em commetter a acção infame de se apoderar do manuscripto, fazendo-o desaparecer para sempre.

Quanto a mim não ha circumstancia que atenua a enormidade do erro, melhor diria crime, de Diogo Soares. Nenhum homem deve servir-se da authoridade, que o Monarcha lhe confia para vexar, e opprimir aquelles, que lhe desagradam: mas a destabilidade deste proceder, se torna mais aggravante, e reprehensivel quando delle se deriva prejuizo público, e de terceiro, e estas duas circumstancias se dam no facto apontado de Diogo Soares; sumindo aquelle manuscripto privou a nação de um monumento consagrado á sua gloria, e roubou a Manoel de Faria e Sousa de uma propriedade sua, do fructo do seu

trabalho. E que razão podia dar-se para isso? Que culpa tinha o Author da Obra das desavenças do Secretario com Duarte Coelho de Albuquerque? Eis aqui os absurdos, e os erros a que nos levam as paixões, quando a razão não as refrêa, quando se não attende senão a satisfazer idéas pessoases, e antipathias mesquinhas.

Estas Obras Historicas de Faria e Sousa, assim como o seu Epitomo de las Historias Portuguezas em dous Tomos, e quatro Partes, o Imperio da China, e outros semelhantes foram recebidos do publico, e dos Doutos com grandes applausos, e considerados como prodigios deste genero de escriptura, e o seu Author como o primeiro Historiador de Portugal, e mesmo da Hespanha: não pôde negar-se que elle nas suas Historias soube grupar bem as materias, e despo-las com ordem, e juizo; que a sua Chronologia é muito exacta; que longe de desfigurar os factos para lisongear os poderosos, como praticava a maior parte dos seus contemporaneos, elle procura apresentar sempre a verdade em toda a sua pureza, descartando-se de prevenções, e desprezando as fabulas, e tradicções suspeitas, que com um desembaraço, e liberdade, que assombra em um Author daquelles tempos, censura sem melindre ambições, e tyrannias dos Principes, os erros dos Governos, os vicios dos Ecclesiasticos, e as demasias dos poderosos.

Mas apezar das prendas de bom Historiador, que se admiram em Manoel de Faria e Sousa, tem elle perdido muito do alto conceito, em que era tido, talvez, por aquillo mesmo, que mais contribuiu para esse mesmo conceito, o seu estylo é hoje uma pedra de escanda-lo para as pessoas de gosto apurado, que além de desejarem nelle melhor critica, e mais curiosas investigações, se enfadam de que elle se applique mais que tudo a procurar idéas brilhantes, e a revesti-las de uma expressão nimamente affectada, e pertenciosa evitando adrede a simplicidade, e naturalidade, prodigalizando a cada passo os conceitos, as agudezas, as antitheses, e todos os mais ornamentos ambiciosos postos em moda por Gongora, Grazian, e Quevedo. Nada mais opposto á gravidade, e verdadeiro espirito da historia, que esta mania de querer brilhar sempre, e deslombiar o Leitor com as luzes fatuas destes jogos de palavras, um

tanto atrevidos, e com a violencia de um estylo continuamente figurado, que muitas vezes formam desparatada contradicção com os factos que se narram, e com o character, e situação das pessoas, que se introduzem a fallar.

Para comproyar a nossa asserção vêja-se no Capitulo IV. da I. Parte da Asia Portugueza, a resposta de Vasco da Gama ao Çamorim, e á vista de tanta subtiliza de pensamentos, de tanta expressão metaphorica, de tão artificiosa loquacidade, decida-se si é crível, si é verosimil que aquelle heroe se expressasse de modo tão pueril, e affectado em uma circumstancia tão grave.

Vêja-se mais no Capitulo IX. da Parte II. da mesma Asia Portugueza o discurso de Nina Chitu, e diga-se se é possível que semelhante estylo convenha na bocca de um homem, que, agitado de furiosa paixão, corre a arrojarse n'uma fogueira! Vêja-se a quanta distancia Faria e Sousa não fica de Barros, que refere o mesmo factó na Decada II., Livro IX. Capitulo VI., na verdade causa lastima vêr tanto despendio de espirito tão mal empregado, e considerar o trabalho insano, a que se deu o Author para escrever tão mal.

A obra prosaica de Faria e Sousa, que hoje tem mais leitores sam os Commentarios aos Lusíadas, e parte das Rymas de Luiz de Camões. Esta obra muy superior aos Commentarios de Manoel Corrêa, e de Garcez Ferreira, prova mais a sua muita leitura, e sincera admiração por Camões, que o seu bom gôsto, e sentimento da poesia. É para mim evidente que elle não entrou no sentido intimo do Poeta, que não percebeo o verdadeiro artificio do Poema, e não soube distinguir as suas verdadeiras bellezas, e os seus verdadeiros defeitos: merece é certo muito louvor pelo seu bom zêlo pelas letras patrias, pelo talento com que defende o seu Author das injustas censuras, que alguns lhe haviam dirigido, pelo cuidado com que apurou o texto dos innumeraveis erros typographicos, e alterações, com que a malevolencia dos seus inimigos o haviam desfigurado, com que collegiu muitas obras do Poeta, que existiam manuscriptas por differentes mãos, e revendicou algumas, que andavam usurpadas por outros Authores mas apesar disso, nos seus Commentarios ha mais erudi-

ção que bom gosto, e a pedantaria os desfigura : o seu maior desvêlo é procurar nos Poetas italianos logares, que elle julga imitados por Camões, que talvez nem pelo nome os conhecesse, porque é muito provavel que seus trabalhos, sua pobreza, e suas longas peregrinações pela Asia, lhe não dessem tempo para examinar os escriptos de tantos Poetas italianos, ao passo que Faria e Sousa vivendo alguns annos em Roma, tivera todos os meios, e commodidades para estuda-los ; não obstante estes defeitos, os Commentarios de Faria e Sousa sam a melhor obra, que possuímos neste genero, podem ser consultados com fructo para a boa intelligencia de Camões, e para instrucções dos principiantes.

Manoel de Faria e Sousa passou por um critico de grande authoridade, e suas decisões foram recebidas, e reverenciadas como oraculos até ao estabelecimento da Arcadia, terremoto literario, que fez desabar tantas reputações colações, e em que a vara do bom gosto a um leve toque transformou em Anões a muitos Adamastores, que dominavam no Parnaso, affugentando delle as Musas, a razão, e a natureza.

Faria e Sousa, que se dava por mestre em poesia, tinha ácerca desta arte as idéas mais estranhas, e disparatadas, que forçosamente deviam influir muito no seu estylo, e maneira de compôr.

Na sua opinião a poesia *não exigia senão invenção, affectos, imagens, e alardo de todas as sciencias : e a elegancia da expressão, e a perfeição do metro eram cousas de mui pequena importancia.*

Um homem grande, segundo elle, pôde fazer o que quizer, e é gravissimo crime pedir-lhe contas, especialmente si lhas pede algum pigmeo sem estudos, e sem juizo.

Partindo destes bellos principios decide que Torquato Tasso *merece apenas que delle se falle*, que a sua poesia é *pobre de saber, e de invenção*, e que o estylo das suas composições é *commum, e trivial*, que é um segundo Luciano, e nada mais : um Historiador, e não um Poeta ; e depois de haver vomitado estas blasfêmias contra o Principe da Epopeia moderna, vai descreteando sobre a poesia em uma enfiada de paragraphos, que estão claramente demonstrando a confusão, e carencias de idéas claras, que tinha sobre o objecto, de que tractava.

Alguns daquelles paragraphos sam escriptos no gôsto de José Agostinho de Macedo, porque principiam com urbanidades deste jaez. « *E' perfeitamente nescio,* » *quem cuida,* « *não entende nada da materia,* » *é purissima ignorancia;* isto prova que o Zoilo de Camões nem ao menos no *estyllo regatão* merece as honras da originalidade.

Entre as obras criticas de Manoel de Faria e Sousa, deve-se fazer menção de uma, que ficou manuscrita, e que o Abbade Barbosa Machado aponta, como existente na livraria da Congregação do Oratorio de Lisboa. Esta obra é nada menos que um Commentario á Ulyssæa de Gabriel Pereira de Castro. Grande curiosidade teria eu de examinar este escripto, e combina-lo com o juizo, que Faria e Sousa nos Commentarios aos Lusíadas de Camões expendeo ácerca do Poema de Gabriel Pereira de Castro. Si o Poema é tão ruim como ali pertende o Critico, parece que não valia a penna de tomar o trabalho de commenta-lo: mas si elle tem bellezas sufficientes para merecer as honras de um commento, então que juizo havemos fazer da boa fé, e consciencia do Critico?

Seria por ventura aquella obra escripta para corroborar o juizo expellido nas notas aos Lusíadas? Pôde ser; mas nesse caso encarregou-se Faria e Sousa de advogar uma causa injusta, que forçosamente havia de perder no tribunal da opinião pública.

Seja como fôr, o que não admite dúvida é que elle escreveu um Commentario á Ulyssæa, não só porque Barbosa affirma que existia na Bibliotheca da Congregação onde provavelmente o vira, mas porque a sua asserção é corroborada pelo testemunho do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que nos discursos preliminares da sua *Henriqueita* affirma que para ali a trouxera de Madrid o Padre Mestre Pedro Alvares da mesma Congregação, e é indubitavel que o não imprimir-se, foi grande desserviço feito á Literatura Lusitana.

CAPITULO VIII.

Eclogas de Manoel de Faria e Sousa.

Pôsto que Manoel de Faria e Sousa, tivesse idéas singularmente disparatadas ácerca da poesia, em nenhum genero essas idéas se mostram tanto como na Ecloga. Segundo o seu modo de entender, para um Poema ser Ecloga basta que a scena se passe no campo; aquellas pinturas poeticas da vida pastoril, aquellas bellezas campestres, a linguagem singelamente elegante, a pureza de sentimentos, que tanto admiramos nos Idylios de Theocrito, de Virgilio, e dos modernos, que melhor os imitaram, como Gesner, Kleist, Torquato Tasso, e Camões nada valem para Faria e Sousa; o que elle quer, o que elle recommenda é a acção complicada, conceitos, affectação pathetica, imagens extravagantes. Todos os assumptos, e toda a sorte de personagens lhe parecem bons, e adequados para figurar em uma Ecloga, e não contente de propagar esta exotica theoria, quiz apoia-la com a sua pratica.

Com esse intuito compôz, segundo elle proprio affirma, trinta Eclogas; mas quando fez a escolha das suas composições para coordenar a sua Fuente de Aganippe, contentou-se com imprimir só vinte, a saber doze portuguezas, e oito castelhanas, que occupam todo o IV. Volumc.

O proprio Faria e Sousa nos informa que todas ellas contém factos verdadeiros, mascarados com a fórma bucolica, este modo de compôr é uma mania, que dominou grande numero de Poetas modernos, sem que reparassem na frialdade, que delle resulta.

Accrescenta depois que introduzio algumas novidades nas Eclogas, *porque sempre gostou de inventar alguma coisa*, vejamos em que consistem estas invenções. A primeira está em que havendo todos os Bocolicos tirado o titulo das suas Eclogas, ou do assumpto, ou da pessoa, que

nellas se celebra, elle o tirou do logar em que se passou a acção, por issó uma se intitula *Valdemonas*, outra *Visela*, outra *Cale*, outra *Orsa*, e todas pelo mesmó gôsto; já se vé que para isto não era necessario grande força de invenção.

A segunda novidade consiste em fazer uma nova, e estranha classificação de Eclogas, com esta na verdade galante nomenclatura. Eclogas *amorosas*, Eclogas *maritimas*, Eclogas *venatorias*, Eclogas *genealogicas*, *criticas*, *monasticas*, *eremiticas*, *justificatorias*, *arbitrarias*, *phantasticas*, e *rusticas*. Não sei o offeito que este catalogo produzirá nos outros, de mim confesso que me promove o riso.

O primeiro defeito destas Eclogas é quanto a mim a sua insoffrivel prolixidade, pois em cada uma ha Versos para trez Eclogas regulares, o que mostra que Faria e Sousa estava bem longe de acreditar como La Fontaine que

*Les ouvrages les plus courts.
Sont toujours les meilleurs.*

A este defeito, que já não é pequeno, deve juntar-se o entortilhamento de estylo, o rebuscado das idéas, e a monotonia de expressão, e de metro, que obscurecem as bellezas, que ás vezes se encontram nestas composições, que estou bem longe de dar como desprovidas de merito, e de poesia, pois o Author tinha saber, e talento, porém um gosto mui corrompido.

Alguns trechos que passamos a transcrever, servirão de prova ao que levamos dito.

SIRALVO.

Inclinado em pendente, vérde riva
Que do Viela os vidros tem por basas,
Regalada expulsão da chamma estiva
Das Nayas de cristal humidadas casas.
He Lucelia, a que vejo, sempre esquiva,
Que ali do pensamento bate as azas,
Ou a Deosa do cégo triumphante
Porque sempre lhe foi mais semelhante?

Riva, e *basas* sam iberismos, em que Manoel de Faria e Sousa cahe frequentemente quando escreve em Portuguez. O longo uso, que fazia da lingua Castelhana, lhe fez esquecer em parte a natural. *Vidros do Visela* para designar as aguas deste rio, é metaphora impropria, e mal formada; *humidas casas das Nayas de cristal*, e a *Deosa do cégo triumphante*, de certo não sam idéas mais felizes :

Que ali do pensamento bate as azas.

É uma charada, que é preciso adivinhar, porque não apresenta sentido algum claro; é assim que escrevia um homem, que blasonava de critico, e de grande entendedor de poesia.

Parece que no fundo está pintando
Do seu formoso rosto as bellas flôres,
Hum pouco para lá me hirei chegando,
Seja ella, ou seja a Deosa dos amores;
Desta posso esperar hum favor brando,
D'essoutra esperar posso só rigores,
Porém mais do que val favor daquella
Valem rigores de Lucelia bella.

Si o não chegar-me tanto me impedia
Conhecer que he Lucelia, com certeza
Poderá castigar-me todavia
O haver desconhecido tal Belleza;
Que si Amor em cegar-me se portia,
Cegueira, de que esta alma mais se preza,
Não se impede a quem d'olhos he privado
O entender que he sahido o Sol dourado.

Parece que fallando está comsigo,
Quero esconder-me: A sombra desta Palma
Para não vêr-me servirá de abrigo,
Como de guardasol para esta calma;
Não sei como vê n'agua a luz, que sigo,
Aquella luz, que só me serve d'alma,
E como de mostrar-lha a agua presume,
Pois em si não consente acceso lume?

Mas ai que o lume seu sempre formoso,
 Onde ser cinza o peito meu pertende,
 Não se póde apagar no pego undoso
 Si acaso a copia fria não lhe accende;
 Qual fere o Sol no Espelho luminoso,
 Ella por elle os raios seus estende,
 E, ferindo no fundo a vitrea casa,
 Com divinos reflexos a agua abraza.

Pois, Amor, si he possivel que no fundo
 Deste rio está vendo o raio acceso
 Digno de ser pharol a mais de hum Mundo,
 Não só de ter-me em sua chorda preso;
 Evita o vér-se no cristal profundo,
 Sobre que está pendendo o bello peso,
 E, si vér o deixares, dá-lhe aviso
 De que por vér-se a si morreo Narciso.

Si por ventura está fazendo ensaios
 De governar aquella immensa copia,
 De seus sublimes, e divinos raios
 A ousadia, que della será propria:
 Dissuade-lho tu, porque os desmaios
 Seus não querem de novo outra Ethiopia,
 Ai! que, si não do Pado, deste Rio
 Já tem aos olhos o Sepulchro frio.

Evita, evita tu que do Visella
 Em Alamos não seja transformada,
 Tanta aurea, branca, róxa, Nympha bella,
 Em quem a gloria tua está fundada;
 Para que eu altamente cante della,
 A minha voz não quero vér trocada
 Com a de Cisne algum, como a de Cigno,
 Pois della só de Apollo o canto he digno.

E tu, Visella, agora convertido
 Em Espelho, envolver-te bem poderás,
 Para que a Flôr não visses reduzido.
 O rosto de tão altas primaveras,
 Mas só por vér em ti teu sol detido

Que não por vê-lo em flôr tão claro esperas,
E fôra erro de tuas aguas santas
A huma flôr reduzir quem logra tantas.

Si se não transformar, vêja-se embora
Nesta lamina pura, e cristalina,
E deixe com cubiça a varia Flora,
Por imperar em rosa tão divina,
Si o que no fundo vê tanto a namora
Persuade-lhe tu, bella Erycina,
Si neste engano o meu remedio salvo,
Que o que lá lhe apparece he só Siralvo.

Em quanto o Rio em vê-la está detido,
Quero chegar mais perto para ouvi-la,
Cá por onde este arrayo dividido
Por verdes musgos seu cristal distilla,
Chegar quizera sem algum ruido,
Por do que falla, e vê não diverti-la,
O meu intento conseguir espero,
E na agua posto atraz mostrar-me quero.

Ecloga II.

Si Theocrito, e Virgilio resuscitassem, e lêssem esta Ecloga, a vista destes pastores fallando uma linguagem tão differente da, que elles prestaram aos seus, não teriam justo motivo para maravilhar-se, e dizer: « Em que paiz da terra pensam, e fallam deste modo os pastores? A que nação pertencem? Como é que os cidadãos della podem ser entendidos, si os pensamentos, e as idéas destes rusticos sam quintiessiadadas de modo, que escapam á nossa intelligencia? » E teriam razão, porque a proverbial obscuridade de Lycophon seria sem dúvida uma prodigiosa claridade á vista das trévas gongoristicas da linguagem bucolica de Faria e Sousa, e este homem que censura Virgilio, e Camões por se elevarem muito nas *Eclogas*, não percebeu que não era a linguagem pura, correctá, e elegante, que sahia do character da poesia bucolica, mas sim o estylo turgido, e sexquipedal, os pensamentos affectados, e os conceitos alambicados, e inintelligiveis, que elle punha na bocca dos seus pastores.

Eis aqui o exordio da Ecloga V., que se intitula Ligúria.

OLYMPIA.

Agora que cançadas
 Estamos de seguir por estes montes,
 Com os Libreos velozes, com os dardos
 As Feras levantadas,
 Que com saltos galhardos
 Guardadas buscam nas escuras Selvas,
 E o Sol, cahindo, doura os horisontes:
 Occupemos os placidos tapetes
 Destas frescas, viçosas, verdes relvas,
 A que essas duas fontes
 Por huma, e outra ourella
 Servindo estam de liquidos ribetes,
 De argentino acendrado,
 Que se mostra esmaltado
 De purpurea, de azul, e d'aurea Estrella,
 De huma, e d'outra Flór bella,
 Que cada qual parece que se afeita,
 Ou que pede conselho
 Ao claro, e puro Espelho
 Da Fonte á vista acceita,
 Por ficar na beldade mais perfeita.

O Vento d'entre as Arvores respira
 De modo que, depois que nos recréa,
 Tambem nos lisongea
 Para que hum pouco aqui nos detenhamos:
 Philomela suspira
 Nas estantes dos ramos,
 Solfas mil derramando harmoniosas,
 E faz humanamente gloriosas
 Estas rústicas salas
 De naturaes paineis, naturaes galas,
 Armadas com destreza
 Pela engenhosa mão da Natureza.

Em que se parecem os ramos com estantes de musica?
 na fórma? não por certo; na serventia? menos, porque

as estantes servem para collocar os papeis de solfa, e não para os cantores se sentarem, ao passo que as aves cantam pousadas nos ramos; qual é pois o fundamento, com que Manoel de Faria e Sousa chama aos ramos estantes? A metaphora é uma comparação abbreviada, logo em dous objectos, em que não ha semelhança, não póde haver metaphora; mas confusão, impropriedade, e abuso de termos quando o nome de um se transfere para o outro.

E tu, que, tanto bella, igualas tantas
 Oh na Genova nossa, novo espanto
 Da Deosa da Belleza
 Nas graças peregrinas!
 Suspende o curso entre estas flôres finas:
 Que si bem invejosas
 Pódes deixar as Flôres mais formosas;
 Ellas depois de vêr-te com fecundas
 Ancias estão pedindo que te assentes,
 Que em fim já estão contentes
 De te serem segundas
 Nas côres, e nas graças,
 Bem he que a seus desejos satisfaças,
 E nestes nossos montes representes
 A rosea Venus pelo monte Idalio,
 Quando do Bosque umbrio occupa o Palio.

tanto bella, será expressão bem Portugueza? e o *Palio* do bosque sombrio não é uma phrase bem engenhosa? podia alguém esperar o *Palio* em uma *Ecloga Venatoria*?

Estes Freixos frondosos,
 Si acaso o não presumes,
 Dos Platanos e Faias tem Ciumes,
 Porque sendo-te estão palios umbrosos;
 Porque Guardasoes bellos te estão sendo.
 Guardasoes parecendo
 Duas vezes Guardasoes, huma, notando
 Que lá do ethereo Sol te estão guardando:
 Outra, que tenho agora por mais propria,
 Porque dos raios teus guardam a copia,
 E assim venho a nota-los

Nunca mais Guardasoes, que com guarda-lós :
 Mas dende acharei eu, vendo o notante
 Guarda Sol, que de ti possa guardar-te ?
 Como em fim de dous Soes tuz em ti arda,
 Mal o mór guardasol de ti nos guarda ?

Póde haver mais ridicula geringonça ? é possível que Manoel de Faria julgasse que estes trocadilhos de soes, e guardasoes eram poesia ? O resto da falla de Olypia é no mesmo gosto.

Senta-te duas vezes Peregrina,
 Albania, e mil divina,
 Divina mil por esses mil extremos
 De perfeições celestes, que em ti vêmos,
 E peregrina duas,
 Pelas bellezas tuas,
 E porque ausente estás da Patria amada,
 Conta-me já qual foi a sorte irada,
 E qual do mar a furia,
 Que te poz nestas praias de Liguria.

A estes cumprimentos tão guiadados, e hyperbolicos, Albania responde no mesmo tom, e o seu exordio não deixa de dar ares do estylo das Comedias Castelhanas.

ALBANIA.

Olypia soberana,
 Que em fim nessa beldade,
 E nessa Cortezia, e piedade,
 Bem mostras que hes divina mais que humana,
 Pois tão humana hes, sendo divina :
 E o nome me assegura,
 E a graça a crêr me inclina
 Que do Olympo cahio tal formosura,
 Já não sómente o Esprito
 Pois todos de lá manda
 O Artifice infinito :
 Mas tambem a prisão de rosa, e neve,
 Porém de neve branda,

Tão branca que algum nunca se deteve
 Em outra semelhante com mais glorias
 De quantos cá nasceram,
 De quantos a Amer deram
 Para eternas memorias
 Motivos de bellissimas victorias,

Ficamos por aqui inteirados de que no tempo do Poeta choviam em Geneva mulheres formosas! Muito descuidados se mostraram os Historiadores daquela republica, porque nas suas Chronicas, e Historias não fizeram menção de um facto tão maravilhoso.

De alguns, poucos, humanos
 Se crê que cá da terra,
 Vencida a dura guerra,
 Por privilegio mór dos Soberanos,
 Em alma, e corpo juntos lá subiram,
 A acompanhar no Olympo omnipotente
 A gloriosa Gente,
 E em contrario eu presumo que cahiram
 De lá d'entre essa Gente gloriosa
 Do celeste Collegio,
 Por outro Privilegio
 Da mão, sem algum termo poderosa,
 Olympia, essas Olympicas Estrellas;
 Com essas Flôres, que sam mais que bellas
 Da Formosura em tim por maior palma
 Tu só do Ceo cahiste em corpo, e alma.

Nada mais conhecido neste reino que as dignidades de Mordomo Mór, Camareiro Mór, Estribeiro Mór, Sargento Mór, Capitão Mór, e até Tambor Mór, e Mariola Mór, mas *Privilegio Mór* é entidade que só Faria e Sousa conheceo.

Seja como for; Albania passa a contar a historia da sua vida, que nada tem de maravilhoso, nem de interessante, mas que leva vinte e trez Estrophes, fazendo ao todo duzentos e vinte seis versos; seguem-se novas, e diffusas lisongearias entre as duas, apparece um urso, que

é morto por Albania, e assim acaba esta Ecloga descom-
munhal.

A Ecloga VI. intitulada « Cale » principia com estes
Tercetos, bombasticos, e extravagantes.

Depois que o Douro rapido saltêa
A muitos caminhantes cristalinos,
E he Midas Alchimista em sua arêa ;
Por entre competencias de Apeninos
De seus roubos, e Industrias vai levando
Tributos aos thesouros Neptuninos.

Como rico Dinasta resonando
Polos Paços da massa cristalina
Com a bocca patente vai entrando,
Mas si a pagar tributo lá se inclina,
Confusas deixa as humidas Deidades
O modo com que a entrar se determina.
Pois devendo de ser com humildades ;
Entrando com soberbas imperiosas,
Retiram-se as aquosas Potestades.

Mas felizmente mudando de estylo faz uma pintura das
margens do Douro, que tem mais merecimento, do que
podia esperar-se do começo.

As ondas se retiram procelosas
Do derretido Sal, que tanto abalo
Nellas faz com as suas sonorosas.
E por-tanta distancia, que a anota-lo
Qualquer vista, que vem presumiria
Menos a dar tributo, que a cobra-lo.

Imitação de Tasso no seu Goffredo

pare
Che guerra porti, e non tributo al mare.

Suberba, mas graciosa Serrania
Sobre sua garganta escalla os ares,
Y se está retratando em agua fria.

Reveste-se de Plantas singulares,
Y entre modernas Fabricas sustenta,
Ruinas de antiquissimos Logares.

Nas de Cale a memoria se lamenta;
Não se lamenta menos nas de Gaia,
Que lá da parte esquerda a Torre ostenta.

A seus pés, murmurando, corre á praia,
Pura fonte, no valle dos Amores
Assombrado de Freixo, Alamo, e Faia.

Da Terra os antiquissimos cultores
Neste sitio este nome eternisaram
Para informar Idades posteriores.

Dos Amores o Valle lhe chamaram
Pelos do Rei Ramiro, e Moura Zara,
Que perigosamente ali passaram.

Ella composta de belleza rara;
Elle, que cégo já da gran belleza,
Deixar por ella Aldonça não repara.

Roubando-a com astucia, e com destreza
Causa o formoso roubo finalmente
Ser Troya desta Helena a Fortaleza.

Quando Apollo mais alto corre ardente,
Na Fonte, e sombra bella Companhia
De Damas, e de Amantes he frequente.

Ali se vê imitada com portia,
Em nosso tempo a velha Antiguidade,
Que em cortiças, e Folhas escrevia.

O nome da amantissima Beldade
Na lisa tez de hum Tronco o Amante escreve;
E o nome aos ares sobe com a Idade.

Ali da Formosura a historia breve,
Do esquecimento vil guarda a Memoria,
A que sóe ser pesado o Tempo leve.

Este costume de escrever nos troncos das arvores os nomes da belleza amada, e versos em seu louvor, é antiquissimo, pois nas Eclogas de Virgilio se faz menção delle, e se conservou entre os povos modernos até tempos bem proximos; eu me recorde de ter visto na minha mocidade muitas inscrições amorosas gravadas na casca dos Loureiros do Passeio Público; hoje nem esses

versos existem, nem as arvores, que os sustentaram. O tempo acaba tudo, e póde dizer-se que no mundo não ha padrões duradouros. Aqui se vê com quanta razão dizia o Lyrico Latino « *Debemur morti nos, nostraque.* »

Ali mais repetida, e mais notoria
A de Albania se vê, que foi materia
Ao moderno Cultor da Lusa Historia,
Menalio, que passando a praia Iberia
Nos troncos a escreveu de Carpentaria,
E depois nos da Lacia opposta Hisperia.

Este Menalio é o mesmo Manoel de Faria e Sousa, que adoptou este nome poetico, e chama-se *Cultor moderno da Historia Lusa*, alludindo á Európa, e Asia Portugueza, e ás muitas outras Obras deste genero, que sahiram da sua fecunda penna.

Menalio a quem a ruda Lusitania
Em estimar engenhos, apartava
Dos olhos, não do amor, da bella Albania.
Mas desta propria parte o Douro lava
Os profundos, e fortes firmamentos,
Com cujo peso a Arte a Terra aggrava.
Seu lume está guardando entre Conventos
De Agostinho, e Francisco Soberanos
Vesta com Dominicos documentos.

O nome de Vesta não é proprio para se misturar com o de Santo Agostinho, e S. Francisco, e com os Documentos Dominicos; com mais algum gosto o Poeta teria evitado este disparate.

Da outra parte rompendo estão ufanos
Dos ares a materia peregrina
Sacros Paços, que já foram profanos.
Bem como na montanha, hera Aventina
Fabrica grande de profanos ritos,
Outra que hoje dá candida Sabina.
Esta da parda Vesta he já districto,
Donde perpetua flamma se conserva,
Que cega os moradores do Cocito.

Logo a moderna Cale a vista observa,
Que a antiga succedeo de estoutra parte
Para quem todo Apollo se reserva.

Para quem se reserva todo Marte
No Sexo varonil, e no das Nymphas
Toda a Deosa das Graças se reparte.

Dos seus Balcões se vem nas claras Lymphas
Do Rio aonde a propria formosura
As busca para suas Paranymphas.

Os seus divinos olhos com luz pura
Signos das chammas sam de mil Cupidos,
Onde a morada tem sempre segura.

Si as vêdes, Venus sam dos intendidos;
Esphynge, si as ouvis, dos pensamentos,
Rêmoras, e Sereas dos sentidos.

Naufragios d'almas mil, de entendimentos,
Se vêem aquelles mares de belleza,
Que deixa presumpçosos os tormentos.

Mas aqui de Edificios a grandeza
Facilmente escurece o nome claro
Dos que Roma logrou na sua alteza.

Sobre todos se exalta o Templo raro,
Com que hum Mortal sagrado se redime
Do commum esquecer do Tempo avaro.

Jámais o opprimirá por mais que opprime;
Que o Ceo não soffrera para offende-lo,
Que tanto marmor cave, ou bronze lime.

Com negro, branco, e rôxo marmor bello
O magnanimo peito a gloria apaga
Das machinas de Escauro, e de Marcello.

Por entre huma soberba, e outra fraga
Do Rio o seio buscam varias Frotas,
Ou já da ardente, ou já da fria Plaga.

Tantos Loureiros não retrata Eurotas
Em si das margens suas, como o Douro
Breadas Faias de Nações remotos.

A praia no fim tem que chama d'ouro
Acaso porque aqui se recolhia
Do que este Rio lava o gran thesouro.

Hum dia aqui suave crêr fazia
 Que estavam Noto, e Boreas divertidos
 Com Galathea aquelle, este Orithia.

Quando o Amante dos raios incendidos
 De Ligen gentil, Moço Palemo,
 Fez a busca aos cristaes do mar dormidos.

Com o compasso d'hum, e d'outro remo
 Polo liquido marmore caminha,
 E fórma escuma d'hum, e d'outro extremo.

Já tanto pelo mar entrado tinha,
 Que jogam com a Barca as altas ondas
 Por mais que cada qual sem furia vinha.

Para que tu, Ligea, correspondas
 Por ti chamo ao lançar dos nós que pendem
 Das cortiças ligeiras, e redondas.

Com ellas de hir ao fundo se defendem
 Por esta excelsa parte, e por aquella
 Com o pesado chumbo lá descendem.

Já as redes colhe, e colhe copia bella
 Entre ella o Peixe vem, que o Sol se chama,
 E vem de Venus o chamado Estrella.

A Lagosta que em muitos braços ama
 Ser parecida ao Monstro Briareo,
 Que notorio por elles fez a Fama.

Verde sae do Districto de Nereo,
 E bem como o coral rôxa se mostra,
 Mais agradavel côr e adorno seo.

Ali tambem se vê nascendo a Ostra
 Que talvez traz a perola luzente,
 A cuja bella luz tudo se prostra.

Eis neste ponto Boreas de repente
 Começa a entumecer o Sal profundo,
 E Palemo a fugir-lhe deligente.

Mas lá diante Noto furibundo
 O alcança de maneira que já teme,
 Que a Pesca ha de tornar ao vitreo fundo.

Por partes mil o negro Lenho geme,
 Antes que as praias tome, e teme aperto
 Por mais que por toma-la ousado reme.

Confuso de temor, da vida incerto,
 Se via, quando hum rolo apressurado
 Da praia natural o arrojou perto.
 Em fim nella sabindo em Sal banhado,
 Como já a Barca muito mar trazia,
 Que a ella se tornou cuida o Pescado.

Pouco antes palpitando hum caos faria
 De generos contrarios, mas agora
 Veloz em pouco mar muito corria.

Menos esta fortuna o Moço chora,
 Que o rigor de Ligea em quanto estava
 Lançando o mar de dentro no de fóra
 Assim com triste vez se lamentava.

Não nos fazendo cargo das faltas de correccão, e de elegancia, que uma critica, mesmo pouco severa, póde apontar neste longo trecho, é certo que si Manoel de Faria e Sousa escrevesse sempre assim, e reduzisse pelo menos a metade a extensão das suas Eclogas, poderia ter grangeado um logar distinto entre os nossos Poetas holicos, posto que muito distante de Camões, Ferreira, Bernardes, e Antonio Diniz da Cruz, mas esta mesma Ecloga prova pelo seu contexto, e defeituosa urdidura, e sobre tado pelo estylo, que estes bons trechos eram apenas intervallos lucidos, e passageiros da mania gongoristica do Poeta.

Ora como estes intervallos lucidos não sam muito frequentes no Author, aproveitaremos para honra sua o principio da Ecloga IX., um dos poucos trechos, que neste genero lhe inspirou o bom senso.

GASTALIO.

A' sombra desse Platano inclinado
 Tu sem cuidados, Melibeo, derramas
 Da branda avena o numero acordado.
 Ouvindo as Aves d'entre as verdes ramas,
 Que estam acompanhando o doce accento,
 Dando Apollo empinado ardentés chammas.
 Pondo vas em effeito o brando intento,
 De huma vida quieta, e repousada,
 Em quanto eu sólto a redêa ao meu tormento.

Tu sim, que quando a calma mais enfada,
Quando as Fontes a Dôr me abre do pranto,
Gozas contente a sombra dilatada.

Sempre ensinando em numeroso canto
A resoar nos montes Nise bella,
Centro dessa Alma, e desta idade espanto.

Tu si, que vendo o Tempo, que atorpella
Tantas grandezas nessa tua vida
Dellas isempto, não te temes della.

MELIBEO.

Oh Castalio! Que aquella he mais subida,
Que tantas traz sujeitas, e domina
Nunca sujeita, e sempre obedecida.

CASTALIO.

Oh Pastor, a que encargos a destina
Quando lhe dá esse mando, que encareces,
De Jupiter potente a mão divina.

Essa que louvas, essa que escureces
Huma, mar proceloso, e outra, manso,
A ventura me ensinam, que aborreces.

Conceda-nos Deos sempre esse descanso,
Si a Fonte alegre com rumor cahida
Melhor, quieta, e lisa em seu remanso.

Oh altura de estados pertendida,
Porque escureces tanto o verdadeiro,
Que ao vão todo o desejo se convida?

Não ha muito que ufano este Pinheiro,
Que está queimado, vi, mas por mais alto
Hum raio, que cahio, lhe deu primeiro.

Este Terceto é excellente, e perfeitamente no estylo da verdadeira poesia pastoril, porque desgraça são estes rasgos tão raros neste Poeta?

MELIBEO.

Verás, Castalio meu, de gosto falto,
Caso triste elevado á tua Esphera,
Te faz que humilhes quando della exalto.

Que quando a pena opprime; oh quem podera
Tão fixas ter do pensamento as azas,
Que d'onde succedeo não as movera!

Em cavernas de horror, e fumeas casas
Como do Ceo blasphemo a quem se atreve
A Plutão nota vomitando brazas.

Si nesta causa o sentimento esteve:
Affrouxa hum pouco a dôr; que he justo dar-se
A breve vida sentimento breve.

Em estado qualquer não póde achar-se
Maior bem que dever-se á Natureza
O bem de em tanto mal não dilatar-se.

Mas pois na dôr, que tens ha tal graveza,
Communica-ma já, para ajudar-te,
Deverás menos dias á tristeza.

CASTALIO.

Quem de soltar a lingua terá parte
Que grande causa, amigo, causa grande
Tam enlaçada tens para fallar-te.

Que entendimento ha tal que tanto mande
Sobre huma grande dôr, que, a não senti-la,
Hum magoado coração abrande?

Quando a alma pelos olhos se desti-la,
Que consolação acha o entendimento
Com que possa das penas diverti-la?

MELIBEO.

Não dês as vélas tanto ao teu tormento
Que penas da razão o claro Norte,
E a causa explica desse sentimento.

CASTALIO.

Que razão fica, vendo a triste morte
Do penhor, em que os olhos punha Estella
Com que tamanha magoa se conforte!

Vendo em seu rosto de huma, e d'outra Estrella
Eclipsado o formoso claro lume
Com as fontes, que a dôr produzio nella.

Em lagrimas banhada se consume,
 E si a dôr, qual costuma, continua,
 Verás chover aljofar por costume.
 Que he bem que ao nacar da belleza sua
 Assistido do raio puro, e claro
 Tão alto produzir se lhe attribua.

As idéas, e expressão destes dous Tercetos últimos, que poderiam ter logar em uma composição lyrica de assumpto erotico, e alegre, sam aqui mui censuraveis atenta a personagem que falla, e o objecto lastimoso, a que se refere.

MELIBEO.

Oh tempo em bens maiores mais avaro,
 Assim cortar ousaste a Flôr mimosa
 Dos favores de Estella objecto caro.
 Conta-me, conta a causa lastimosa,
 Que apenas nos meus olhos ponho frêo,
 Vendo o golpe cruel da Parca irosa.
 Qual humano está della sem recêo?
 Quem tempo espera? oh confiança leve?
 Si a Rosa, inda em botão, cortar-nos véo?
 Quem na esperança d'annos só se atreve,
 Gastando-os em descuido tão profundo,
 Que parece que ao Tempo nada deve.
 Que em fim tirou? que em fim tirou ao Mundo
 O segundo penhor de Estella rara,
 Porém do seu cuidado sem segundo?
 Qual marmore, ou qual bronze se informara
 Do motivo de dôres tão estranho,
 Que para se doer não se abrandara?
 Bem em tanto tormento te acompanho
 Bem se lamenta Estella, pois lhe falta
 Huma esperança tal do seu Rebanho.

Esta Ecloga apesar dos seus defeitos me parece uma das melhores da collecção, salvo no que respeita á demasiada extensão.

A Ecloga XI., que o Poeta intitula, não sei porque, *Arbitraria*, contém algumas questões poeticas, referindo além disso, que debaixo do nome de Menalio, fôra intro-

duzido no Parnasso, onde depois de examinado por Homero, Virgilio, Horacio, Petrarca, e Camões, Apollo lhe dera uma vara de Loureiro, constituindo-o Juiz em uma espessura do Monte Sagrado.

Um dia, em que elle estava para sentenciar o canto de dous Pastores, compareceram perante o seu Tribunal trez Damas formosissimas : chamava-se a primeira Candida, era natural de Lisboa, e tinha os olhos azues ; a segunda Pallida, era Portuense, e tinha os olhos pretos ; a terceira tinha olhos verdes, e era do Visela.

Estas Damas disputavam a posse de uma maçã de ouro, que devia servir de premio á, que tivesse mais bellos olhos. Haviam tomado por Juiz a Apollo, que naturalmente receando-se das linguas viperinas das duas, que necessariamente haviam de ficar despeitadas pela perda do processo, dera commissão para este julgamento a Manoel de Faria e Sousa.

O nosso Poeta, depois de ouvir os alegados das trez Damas, sentecéou a favor da dos olhos azues, e declara em uma nota, que esta Dama era sua mulher D. Catharina Machado. Já se vê que ninguem pôde accusa-lo de não julgar conforme a sua consciencia. Tambem não se rei eu quem diga que julgou mal, visto que sempre fui da mesma opinião, ainda que não tenho para isso as mesmas razões, que elle : mas sempre direi que me parece que a belleza dos olhos feminis está mais na sua configuração, viveza, e expressão, do que simplesmente na côr. Tenho para mim que esta Obra de Manoel de Faria e Sousa poderá ser tudo quanto quizerem, menos uma Ecloga.

O mesmo digo da XII. em que não ha mais que um dialogo, entre Celio, e Fabio, em que este dirige áquelle um discurso Satyrico-moral sobre a nobreza de nascimento. Esta Ecloga intitula-se Téjo, e o Poeta a classifica de *Genealogica*.

Transcreverei della o discurso de Fabio, bem escripto, e bastante atrevido para o tempo, em que o Author escrevia.

FABIO.

Sempre me dizes, Celio,
Por mil estranhos modos

Que por unico tens, ou por excelso
 Aquelle, que dos Godos
 Sustenta alguma véa
 De sangue, que assegura mais o arrêa,
 Sendo os seus institutes
 Não tanto de Homens, não, como de brutos.

Elles foram ruina
 De quanto em nossa Hespanha
 Já gloria hera profana, já divina.
 A huma, e outra montanha
 De pedras reduziram
 Quantas machinas claras construíram
 Scientificas Vitruvios,
 E das urbanas leis foram diluvios.

Por suas grandes forças,
 Não de Humanos, mas feras,
 Para louva-los a eloquencia exforças:
 Dize-me que disseras
 Desta nossa corrente
 Do Tejo, quando com rapace enchente
 Sahindo do seu curso
 Montes arrasa, sem algum discurso?

Dize-me si a louvaras
 De heroica valentia,
 Tu que em juizos meus tanto reparas?
 Sahir ao duro dia
 De Olympo soberano
 Não pôde cegamente o peito humano:
 E queres tu que entenda
 Que de cegueira tal gran luz descenda?

Que assim o entendas quero,
 Porque proceder pôde
 Hum brando peito d'outro peito fero,
 Porém que se acomode
 Aquelle, que he já brando,
 A's vãs jactancias de seu tronco infando,
 He hum tal pensamento,
 Que me não cabe cá no entendimento.

Da Peguana Gente
 Lá n'Asia se publica
 Que tem hám Cão por unico ascendente;
 Si entre ella prolifica
 Alguma casa nobre,
 Não queres tú que o riso então me sobre
 Quando saiba se presa
 De origem tão nefanda tal Nobreza?

E por Fados contrarios
 D'Avós, e Pais famosos,
 Netos, e Filhos vis sam ordinarios,
 Com actos vergonhosos
 Não queres que me ria,
 Si estes tem presumpção de Fidalguia,
 Fundada em Fundadores
 Sem que creiam de si que sam peiores.

Aquelles singulares
 Varões, que já fundaram
 Illustres, e antiquissimos Solares,
 Cuidas tu que os labraram
 Com presumpções indinas,
 De algumas ascendencias peregrinas?
 Pois eu quero que creias
 Que d'obras proprias sam, e não d'alheias.

E os Solares luzidos,
 De que agora nos montes
 Vestigios vês apenas conhecidos;
 Quem, si não Phaetontes,
 Com torpes arrogancias
 De alheias de luz claras redondancias
 Os pozeram por terra,
 Fazendo em vicios ás Virtudes guerra?

Ao Filho, que se infama
 Com a vida affrontosa,
 Não póde o nobre Pai dar nobre Fama,
 A Fama, si, gloriosa
 Tirar ao Pai succede

O Filho, que como elle não precede,
 O que nós não obramos
 Sem nenhuma razão nosso chamamos.

Ao Nobre faz gran perda
 Quem diz se herda o ser Nobre,
 Porque Nobreza alguma nunca se herda
 Quando o Herdeiro não obre
 Como aquelles obraram,
 Que para os imitar os provocaram,
 Isto só se concede
 Si qual no sangue, no valor succede.

Glorias não attribuas
 De Nobre, a quem não faça
 Obras, que a rosto aberto chame suas,
 Póde o Principe a graça
 Ao vil do Privilegio
 Fazer do nobilissimo Collegio ;
 Dar-lhe honra he impossível,
 Porque isso a cada qual he só factivel.

Esta Estrophe deixa muito a desejar a respeito da expressão, e do estylo, porém como já observamos, a correção não é o forte de Manoel de Faria e Sousa.

Tu dirás que de Foro
 Se deve á concedida
 Nobreza por tal graça gran decoro,
 Sabe que dividida
 Está de honra e Nobreza,
 Que concede de Principe a Grandeza,
 Espaço ha dilatado
 De hum, que se chame nobre a ser honrado.

Que dirias si visses
 Hum sepulchro, que hum Templo
 Lá na Cidade tem do cauto Ulysses ;
 Sirva-te pois de exemplo :
 Na lousa raza, e escura
 « Aqui jaz hum Christão » diz a Escriptura.

E elle dos Cavalleiros
Era, que em nossa Patria sam primeiros.

A sua alta ascendencia
No Epithaphio não conta,
Porque de honra a não tem por evidencia :
E só com mente prompta
Ao que honra a vida justa,
Com aquelle só titulo se ajusta ;
E, si assim não vivia,
Dá si quer a entender o que entendia.

O que nasce em brocado,
Quando infamias abraçe,
Será dos por mais vil abominado :
O que no côrro nasce,
Quando abraçe as Virtudes,
Não crêas, que de ser illustre o mudes ;
Nobrezas mais famosas
Sómente as fazem obras generosas.

Da flamma luminosa,
Que arde na cêra pura,
Flamma a materia tomará famosa ;
Mas flamma será escura,
E de horrído estalido,
Que tão mal soffre a vista como o ouvido ;
Nem é pura, e sincera
Porque a luz a gerou da pura cêra.

O nascimento escuro
Não te serve d'offensa,
Si sabes proceder com valor puro ;
Fundas nobreza immensa
Si em tal modo procedes,
E com eternos Heroes bem te medes ;
Em Throno mais glorioso
Nasce mal, obra bem, serás famoso.

Huma ama vãa do Povo
Para dar verdadeira

Honra, a quem a não tem, firme reproveo,
 A gloria mais inteira,
 Não com essa vil aura,
 Com virtudes se funda, ou se restaura !
 Por mais que essa ama te ame,
 Nasce bem, obra mal, será infame,

Com alma d'Aristides,
 Com mão Alexandrina,
 E com braço fortissimo de Alcides,
 Se funda a rica mina
 Da Nobreza sublime,
 Usa, pois, si pertendes que te estime,
 O Mundo por Augusto,
 Mão larga, braço forte, animo justo.

Os versos finaes destas trez Estrophes, sam perfeita-
 mente no gosto de Antonio da Fonseca Soares, e Frey
 Jeronymo Vahia : esta collocação symetrica de verbos, e
 adverbios, verbos, e nomes, substantivos, e adjunctos,
 não deixam de produzir um certo effeito, quando se usa
 com parcimonia, e discrição ; porém os dous Poetas aci-
 ma citados os prodigalisam sem conta, peso, nem medida,
 o que produz enfadamento em quem lê, e monotonia no
 metro.

Confesso todavia
 Que, si acaso procede
 Com valor, quem nasceo com Fidalguia,
 Sem falta muito excede
 Ao que nasceo sem ella,
 E teve em alcança-la amiga Estrella,
 Porém tu te assegura
 Que destes acha poucos a Pintura.

Parece-me que o bom gosto demandava que o Poeta
 houvesse sido mais conciso neste trecho, que, si não me
 engano, teria então mais força ; o repetir muito um pen-
 samento dando-lha differente expressão, prejudica o in-
 teresse, e o effeito, que d'elle se pertendia tirar, a verbo-
 sidade é um dos maiores defeitos do estylo poetico, e acho
 por isso muita razão ao Poeta Francez, que disse :

Le secret d'ennuyer est celui de tout dire.

Não copiei por inteiro nenhuma Ecloga de Mahoel de Faria e Sousa porque a isso se oppunha a demasiada extensão dellas; nem julgo necessário fallar de todas porque tenho para mim que os trechos citados bastam para dar idéa do seu estylo, e maneira neste genero de composição. Aquelles, que poderão examina-las todas, (o que não será muito facil, porque a *Fuente d'Aganippe* é hoje uma Obra tão rara, que até na Bibliotheca Pública existe apenas um exemplar do quarto volume) acharão, como aqui, que o bom, e o ruim está nellas misturado, assim como o talento, e o mau gosto, as trivialidades, e as subtilezas.

Não posso porém eximir-me de dizer ou citar alguma cousa das Eclogas VII, e VIII., que elle denomina *Rusticas*.

Entre as idéas extravagantes, que Faria e Sousa havia formado da Ecloga, uma das mais salientes é pertender que os pastores introduzidos a fallar nas Eclogas se explicassem não em linguagem pura, e corrente como a de Theocrito, e Virgilio, mas no bordalengo tosco, grosseiro, e irregular dos mais barbaros, e incultos habitadores das serras. Parecendo-lhe ainda pouco rustica a linguagem das Eclogas de Sá e Miranda, e de Francisco Rodrigues Lobo, que tanta gente de paladar delicado, tem desaprovado, e condemnado com muita razão quanto a mim, porque, seja qualquer o assumpto, que se tracte, a primeira obrigação é escrever bem, Faria e Sousa publicou estes dous Poemas, de proposito para dar idéa de como elle entendia o estylo da poesia bucolica, nestes trechos na verdade curiosos.

ROQUE.

Affonso, Deos te beza, a que estirado
Estás a teu sabor sobre esta mouta?

Não te traz o amorio tresilhado?

Mas si elle estas folgaras nom te conta,

Bem faes de chápuça-las no capetto,

Mas contra elle faz muito quem se affonta.

AFFONSO.

Esfalfou-me o passar esse protelo :
 A hum pouchino ha, bofelhas, que aqui jaço,
 A como Home de prol, que bens a pelo.
 E subrantes cuidar nosse madraço
 Que chama Amor quem bem o não conhece;
 Em ti cuidando binha ha bom pedaço.
 A como em taes ensejos nos aquece,
 Inda bem nom te bi, bem diger pude,
 Ora mentar o ruim logo apparece.

ROQUE.

Mui bem he que te sangres na saúde,
 Que esse rifom da bocca mo tiraste,
 A si nom, ey daqui nunca me mude.
 Pois s'em tua masmolia me mentaste
 Antes daqui a chegar, por certo aquesta
 Nella, sem despejar, te me pousaste.

AFFONSO.

Estas t'empenho, e juro-te par'esta
 Que sei que qués diger; porém ess'home
 A alma desse coureira traz comesta,
 Digem cá quem s'aquixa qu'alhos come;
 Mas outra bez, bo Roque, estas t'empenho,
 Que nom lhey ey d'aber sede, nem fome.

ROQUE.

Sobre bossas tenções nom bou, nem benho,
 Sou d'ambos; mas por ti dixes, Gonçalo,
 Que qués tu bater mas por mas gamenho,

AFFONSO.

Esse dicto, de dicto já traz calo,
 Fia-se em ter no pouso a Madanella;
 Muito no seu poleiro póde o Gallo!

Comendo-se de raiba hua mazella
 Se faz porque na horta, olha o que m'oubes,
 Me fallou pelas gretas da cancella.

Hum molho fez de Froles entre as coubes,
 Dixe-le, quem mo dar?

ROQUE.

O demais calas?

AFFONSO.

Or heito de diger per que lho loubes.

Dixe ella « Sempre tu nas tuas fallas,
 » Ai tredo Affonso, tens dous entenderes,
 » Polas ilhargas de malicia estallas,
 » Si pero connós outras as Mulheres,
 » Os que tendes haber tendes ousio,
 » Ni migalha me dá dos teus haberes,
 » Sempre como Sorbinha de mê Thio,
 » Hey de fager; quart'ora qu'ei-lo assoma,
 » De leixar a boiada no pousio.

» Mas porque nom l'aqueixes ora toma
 » Este molho de Bensmequeres, feito
 » Por mim, cá digem bem te quero em somma. »

Nisto co'a a sua mão tirou do peito
 De Bensmequeres hum redondo molho,
 Mas ey lhe colho a mão cando lho acceito.

Em colher esta mão melhor frôl colho,
 Lhe dixey ey, ella nisto com meiguice
 Os olhos em mi ficta, e dá-me d'olho.

Entramentes senti tanta dodice,
 Cá no meu coração, ca nom m'accordo
 D'outra tal disna minha mininice.

ROQUE.

Digo que no aboir já jaz o Tordo
 Por Sanpisco de pau, cá eu mi fica
 Huma Inveja que faz que as mãos me mordo.
 Sabes tu o que isso sofonica?

AFFONSO.

O que?

ROQUE.

Que bem te quer craro assemelha,

AFFONSO.

Sim, mais inda cuid'eu que me escarnica.

Porque ella s'é cachopa, qu'he já belha
 Nós áquelles das taes, sempre matreiros,
 Son certo, a mey fudairo mo aconselha

Pois sempr'o tibe d'engolir marteiros
 De cantos amorios me esumparom
 Nest'alma aquelles olhos chocalheiros.

A mais cas mesmas froles me ensinarom;
 Por cas fui percadando folha a folha,
 A todas sempre em mal se m'acabaram.

Desnentonces a barba se me molha
 Co'choro por me ber tam malanslante
 Co quella me quer dar a frol mo tolha.

ROQUE.

Affonso a tu palabra ha diante;
 Mas perdoam'agora; mal figeste
 A nom passar no caiso mas abante.

Por cá antan a entender mais te nom deste?
 Pois ellas, em querendo, fallar craras
 Querem; coisa não ha que mais lhe preste.

AFFONSO.

Encolhem-se as goellas; si reparas,
 Co medo em taes cajóes ó mais sabudo,
 A mais tu cáqui fallas, la calaras.

ROQUE.

He bom tocar a técola com tudo;
 Que se mingoa huma véz quem erga os folles,
 A frauta nom responde, ou o canudo.

Mas j'he feito; o que ey digo, he qu'essa froles
S'em mal se te finarom dez mil figas
Se bes da Rapariga os olhos molles.

Daqui agouro a Gonçalo mas fadigas,
Bofé que a nom lhe bou emxambre, a ensoço
Ora fiaí-los lá em Raparigas!

Gran cosa he para as Moças o ser Moço,
Elle he qu'he o mais, fage de conta
Que de ti fora tens este sabroço.

Sobre posses te temes; tanto monta
Porque ella será tua tanaginha
Que pogas tomar folga dessa affronta.

AFFONSO.

A mi me fadon Fada tam mesquinha,
Cá samicas me deu tal fartadella
Com'a mofina cá morrea caminha.

ROQUE.

Nom temas; cá Fortuna na costéla
Te cahio; tu heitaste com mais Decho,
E lhe soubeste armar a combadela.

.....
Ecloga VII.

Não é bem formosa esta linguagem? Não recréa bem os ouvidos ouvir o bordalengo destes dous brutos? Não vale isto mais que ouvir fallar os Pastores de Theocrito, e de Virgilio, que tem o maldito sextro de fallarem em Grego, e em Latim correcto, e puro? É pena que aquelles dous grandes Poetas não podessem vêr estas duas Eclogas modélos de Faria e Sousa porque de certo não deixariam de aproveitar o exemplo. A Galathea de Virgilio alira com um pomo ao seu Pastor, e esconde-se, mas *et se cupit ante videri*, porém a Madanella de Faria e Sousa, bebe como dez çapateiros, e diz com muita graça:

.....
Porém para beber com appetite,
Do mey Affonso o nome he a azeitona,

De donde quer que estou sempre combite
 Lhe fago c'o pichet, que a bocca levo
 A si elle está presente temmo embite.

Si nom em o chamar todo me embebo,
 Digendo, hide-me rindo, hide-me olhando,
 Affonso, Affonso bem, que por ti bebo.

Não é isto mais delicado, e mais galante? mais natural, e mais donoso!

Vêjamos agora a Ecloga VIII. que de certo não vale menos do que esta pelas idéas, e pelo estylo.

ROQUE.

He gran cosa bergonha ter no rosto
 O te-la nelle antrambos ugualmente
 Agora a hum ponto aqui ambos ha posto,
 A pois tamem dos dous algun nom mente
 Dige-me ó certo si de mim Martinho
 Mal fallou hont áquella boa Gente.

AFFONSO.

Si a todos esqueceo São Soderninho,
 Como lhes lindrarias! só tractamos
 De dar ós bolos fim, e fim ó linho,
 Em the mais não querer todos folgamos,
 Si o Sol nem se escoara c'o Luzeiro,
 Inda agora huns sobre outros aqui estamos.

ROQUE.

Nem foram ber o Santo lá no Outeiro?

AFFONSO.

Seccando-se o tinteiro da cabaça,
 Ficou São Sodorninho no tinteiro.

ROQUE.

Nem lhe diria, nom boa prol faça,
 Anojado estará,

AFFONSO.

Pera-essoutro anno
 Lhe hirom rogar que os tenha na sua graça.
 Mas porque, Roque, nom se perda panno
 Tornemos ao teu conto,

ROQUE.

Seja embora,
 Porém temendo benho hum certo engano.
 Dixeste ante Martinho o dia, e hora
 Caqui te fallaria; a pera oubir-nos
 Póde ser que porqui se esconda agora.

AFFONSO.

D'huma suspeita tal pudamos rir-nos
 A si fosse, fallando na berdade,
 Nom débemos por isso de impedir-nos.
 Tu ficaste em que a sua má ruindade
 Nom podias soffrer já d'algum modo,
 Dige o mais, e nom temas que me infade

ROQUE.

Como eu, pois soffrer-me mais nom podó
 A nas boccas das Gentes apoupado
 O meu creto j'andava ó rodo, ó rodo.

Fige boto de ber de mi enxotado
 Aquelle ruxóxó, que me aturgia
 Leixando o Papagao bem ensinado.

Do esperado Espoisorio espreito o Dia,
 Para lhe fazer foico o espoisoiro,
 Por me vingar de tanta Rapasia.

A terminei que desse hum grande estoiro
 Este caiso; e assomando a Noite fusca
 Assanhado sahi com'a Bisoiro.

Hia fagendo lestes a farrusca,
 Que quando menos hera o escarabona,
 Inda que de feluge estava brusca,

Nom dá mais boltas o Asno na Ataphona,
 Qu'ey lhe dou no caminho, bejo as cruces
 E chamo pelos Santos d'inha Dona.

Prometti de fazer talhar capuzes
 Co aquella talharia; em fim lá chego
 Quand'Alba espebitava as suas luzes.

Mais eu cá companhia já lenbrego,
 Cá arrebeçando bem pela boucinha,
 E fez-me medo cá ber affi o Crego.

Enfinda hera de ber a louçainha
 Com que binham os Noibos; e a tambeira
 Dua ilharga, e da outra sa Madrinha.

Tragia a Noiba toda a dianteira
 Cheia de passamanes, e o sainho;
 Chegabom-lh'os cabellos á trazeira.

Debiam pentear-lhos com ensinno,
 Pois pareciom juntos catro Estrigas;
 Todo albaiado, e almagro hera o focinho.

Cand'a bi, dei á sorte muitas figas:
 A tamem bem podera dar-lh'as graças
 De librado me ber de taes fadigas.

Dou-te, Bentura já, dou-te as prol faças,
 De que nom me meteste em tal bergonha,
 Sicaes para mor dita mal me faças.

Parecia-me a cousa alguma fronha
 Onde a cabeça, que em nom tem chantaba
 Concruo em que hera em tudo carantonha.

AFFONSO.

A pois, Roque, o miolo donde estava
 Cando trasg'ella andabas? heras tolo?
 Cuma coisa com'esta t'encantaba?

ROQUE.

Olhae, qu'es amorio com miolo?
 Hes tu, si bem a mas algum bashaque?
 Mas pé nom temo quando nisso atolo.

Nem hes que dellas hem te cheira o traque,
 Cando c'o siso Amor se me tresmalha,
 E Anjo assemelha o cu d'hum atabaque?

AFFONSO.

Se he pulha, Roque, digo que nom balha,

ROQUE.

Nom he; porém das Moças a lindura
Si lh'home côr nom tem, tudo he farfalha.

Não é isto um bellissimo dialogo bocolico? muito engenoso, e muito decente? Uma perfeita imitação da natureza pura? É verdade que o bom gosto manda, não imitar, mas esconder quanto possivel essa natureza pura; mas o bom gosto, e os seus conselhos que valiam para Faria e Sousa, que se lhe fallassem nelles, diria com soberano desprezo *nescio vós*. E um homem que escrevia estes disparates passou por muito tempo em Portugal, e Hespanha por um oraculo de critica.

Vês esta qué me troube á dependura
Entrasmentes com côr Amor lhe troube,
Sem ella he para mi hũa má bentura.

Nom sabes tu que já no Mundo oube
Amar hum huma torta, a estar tão torto,
Que bem nunca a tortura ber lhe soube!

A cando a seu amor acha meu porto,
Entonces a be torta, e a regeita,
E fica de pasmado com'a morto.

Em bexigas a cara tem coseita
Madanella, tu diges que he hum Anjo,
Ind'eu nom marrei tanto desta feita.

AFFONSO.

Isso já, Roque, he muito desarranjo,
Cuidas que sou Martinho o que te marra,
Sou coma ti por dita algum marmanjo?

O meu olho, a Deos graças nom cebarra,
Tanto; a so fallar mais desta maneira
Quebrast'ly no toutiço esta guitarra.

ROQUE.

Cuidas que tira a vista sobranceira!
Tem-t'Amor enfuscado; dá-me cretô,

AFFONSO.

Calte, sabôlo, e vai-te rir á Feira.

ROQUE.

Em tés qui tal m'agrada por discreto,
O que t'ey digo he mera amisidade,
Folgo que de enxerga-lo andas bem preto.
Quando d'ama-la estejas com soidade
Verás que das bexigas as boracas
Todas traz entupidas d'Albaiade.

AFFONSO.

No coiração com isso me esfuracas,
Si tal he; mas creio eu que essa abstença
Nom bem de desengano, mas matracas.

Por aqui poderão os Leitores fazer idéa do que Manoel de Faria e Sousa entendia por Eclogas rusticas, e na verdade máis rustico do que isto não conheço nada.

Parece impossivel que um homem de talento, e não pouco instruido, se capacitasse de que havia encontrar Leitores, e admiradores de Eclogas escriptas no calão dos porqueiros do Visela, temperado com vocabulos barbaros, absolctos, e anteriores á fundação da Monarchia? Pena foi que entre tantas divisões de Eclogas se não lembrasse de *Eclogas Moçambiquicas*, teriamos tambem o gosto de vêr a meia-lingua dos negros posta em verso, o que sem dúvida havia de produzir bellissimo effeito!

CAPITULO IX.

Sonetos, e outras Poesias de Manoel de Faria e Sousa.

As poesias de Manoel de Faria e Sousa foram impressas na collecção intitulada *Fuente d'Aganippe*, e em outra intitulada *Hymas Varias*, e outras em folhetos avulsos como a *Fabula de Narciso*, e *Echo*, o Epitalamio ao casamento dos Marquezes de Molina; a Nenia á Rainha de Hespanha, D. Isabel de Bourbon &c. Todas estas poesias são em Castelhana á excepção das Eclogas, e duas Centurias de Sonetos, que fazem parte dos que elle escolheu para dar á luz entre a alluvião de Sonetos, que havia composto.

Estas poesias são hoje tão raras, que poucas serão as pessoas, mesmo literatas, que em Portugal as tenham visto em algumas livrarias antigas. Na Bibliotheca Pública de Lisboa apenas ha o Tomo IV., nem me foi possível encontrar em loja alguma de livreiros, ou mercados de livros um unico exemplar de venda, sem embargo da diligencia, que costumo empregar na procura, e aquisição de livros.

As composições poeticas de Manoel de Faria e Sousa, apesar dos seus defeitos de estylo, me parecem superiores ás da maior parte dos Poetas, que floresceram naquele tempo tanto em Portugal, como em Castella, e tenho para mim, que mereciam ser mais conhecidas.

Neste Poeta, havia, como dissemos, todas as qualidades para ser grande, menos o bom gosto, sem o qual todos os outros dotes sam quasi perdidos, ou servem para mui pouco. Havendo tractado das suas Eclogas no Capitulo antecedente, diremos agora alguma cousa a respeito dos seus Sonetos, porque o juizo das suas outras poesias pertence de direito aos Criticos da nação visinha, em cujo idioma se acham escriptos.

Nestes Sonetos encontra-se alternada, e promiscuamente o estylo de Marini, de Gongora, e de Lope da Vega Carpio com as suas bellezas, e defeitos. O que parece indicar que o Poeta, talvez sem percebe-lo, se deixara influenciar pelo exemplo, e pelo gosto das nações, com quem convivia. Os poucos Sonetos, que passamos a copiar, servirão talvez de corroborar a nossa opinião a este respeito.

SONETO.

Vós Satyros biformes, que lavando
Nesta ribeira estaes o pé ligeiro,
Deixai, deixai o limpido ribeiro,
Que em profano exercicio hides turbando.

Porque os aureos cabellos vem mostrando
Sobre essa superficie o meu Luzeiro,
Que lá no fundo della he Sol primeiro,
Adonde o mesmo Sol está cegando.

Deixai-me só na liquida corrente;
Porque não sahirá do vitreo seio
Si acompanhado aqui de algum me sente;

Assim Menalio disse de amor cheio,
E o lavor de lavar a torpe gente
Não deixou nunca, nem Albania veio.

Repare-se naquelle *Luzeiro* que estende os cabellos de ouro sobre a superficie da agua, que é *Sol primeiro*, no fundo e está cegando o mesmo Sol, e vêja-se si não se observa aqui a affectação, o abuso das methaphoras, e os jogos de palavras, que tantas vezes se deparam nas poesias do Cavalheiro Marini; vêja-se si aquelle *lavor de lavar* não parece copiado de Gongora.

O mesmo pôde dizer-se do Soneto feito á morte de Jorge de Montemayor, excellente Poeta, Author do Romance Pastoral La Diana, de que fizemos menção na Eschola antecedente. Neste Soneto, que não é dos peiores, e

Poeta si diverte conceitoando sobre a palavra *monte* em referencia ao Jorge ter o appellido de Montemayor, ter nascido em *Montemór*, e ter sido assassinado no *Piemonte*.

SONETO.

Nascestes, Jorge, no venusto monte,
Que o Mouro quer fazer sua Colonia;
Adonde te outorgou Musa Meonia
O numeroso Pai de Phaetonte.

Na Iberia viveste da alta fonte,
Que outro monte mais preza em Tracia *Acquia*;
E n'outro monte da soberba Ausonia
Passaste o irreyocavel Acheronte.

Pequeno em maior monte em fim nascestes
Maior viveste em monte mais ufano,
E em Piemonte, não pio, fenecestes.

De monte em monte andou teu passo humano,
Oh feliz tu, s'ó espirito puzeste
Lá no Monte do Olympo soberano.

Este Soneto pecca por demasiado engenho; em tal assumpto devia o Poeta mostrar mais sentimento, deplorando a morte violenta, e immatura, de uma pessoa que fazia tanta honra á sua patria pelos seus escriptos, indignar-se contra o crime dos seus assassinos, e esquecer-se de alardear espirito em frivolas allusões, e jogos de palavras, e equivocos tam mal cabidos em assumpto tão lastimoso.

Felizmente nem em todos os Sonetos de Faria e Sousa se nota este abuso de engenho, estas idéas cheias de inchação, pensamentos frigidamente esquadrihados, hyperboles exaggeradas, e pedantaria. Alguns delles sam cheios de gravidade, e a outros não falta sensibilidade, nem mesmo graça, e justificam os applausos, que lhe tributaram os seus admiradores, tal é este em que elle pede ás Nymphas que lhe concedam algumas flôres para adornar a porta da sua quecida *Alhania*.

SONETO.

Nymphas ! Nymphas do prado, tam formosas,
 Que nelle cada qual mit flôres gera,
 De que se tece a humana Primavera,
 Com côres, como bellas, deleitosas.

Bellezas, oh bellezas luminosas,
 Que sois abono da constante Esphera,
 Que todas me acodisseis bem quizera
 Com vossas luzes, e com vossas rosas.

Dê todas me trazei mais abundantes,
 Porque me importa neste bello dia
 A porta ornar da minha Albania bella.

Mas vós de vosso culto vigilantes
 O adorno me negais, que eu pertendia,
 Porque bellas não sois diante della.

O que me desgosta neste Soneto é o segundo verso do
 segundo quarteto :

Que sois abono da constante esphera,

cuja expressão é em verdade muito incorrecta, e pouco
 clara.

O seguinte Soneto philosophico me parece ser uma
 bella composição, que não deixa de dar-nos visos da
 maneira de Petarcha.

SONETO.

Sempre que torno a vêr o bello prado
 Onde primeira vez a soberana
 Divindade encontrei em fôrma humana,
 Ou humano esplendor deificadô,

E me acôrdo do talhe delicadô,
 Do riso d'onde ambrosia, e nectar mana,
 Da falla, que dá vida quando engana,
 Da branca mão, e do cristal rosado.

Do meneio suave, que fazia
Crêr que, de brando Zephyro tocada,
A Primavera toda se movia.

De novo torno a vêr a alma abrazada,
E em desejar sómente aquelle dia
Vêjo a gloria real toda cifrada.

Citarei ultimamente outro Soneto que me parece ainda superior ao antecedente, não só pela gravidade dos pensamentos, mas também pelo estylo.

SONETO.

Passaram já por mão loucos verdores,
Do fresco Abril da humana Vaidade,
Primavera tão fóra de Verdade,
Que as flôres sam engano, a fructa errores.

Passaram já por mim inuteis flôres,
O Verão passou já da ardente idade,
Prazer accomodado á Mocidade,
Veneno da Razão em bellas côres.

Bem creio, que estou dellas retirado,
Mas não sei si d'assaltos vãos, tyrannos,
Que tem o entendimento ao jugo atado.

Porque mal me asseguram meus enganos
Que o fructo dessas flôres he passado,
Si os costumes não fogem com os annos.

Por estes Sonetos, que acabo de transcrever, poderá, creio eu, o Leitor ficar habilitado para formar juizo do merito do Poeta nesta qualidade de composição. No grande número de seus Sonetos Eroticos ha alguns que contém trechos que, por sua belleza fazem disfarçar os defeitos, que mancham mais, ou menos essa mesma belleza. Os Sonetos moraes, posto que em geral não abundem de idéas novas, e engenhosas, offerecem ao menos pinturas vivàs, sentimentos ternos, melancholicos, e reflexivos:

porém os seus Sonetos devotos sam absolutamente desprovidos de merecimento, e colorido poetico. Nem era possivel que um homem, que imprimio seiscentos Sonetos escolhidos de muito maior quantidade delles, que compozera, podesse dar a cada um destes pequenos Poemas toda a correccão, e acabamento, que elles demandam.

O continuado estudo, e leitura dos melhores Escriptores Hespanhoes, tanto Poetas como Prosadores, a sua longa habitaçãõ em Madrid, o seu continuado tracto com os seus habitantes, mais instruidos haviam habilitado Manoel de Faria e Sousa para fallar o Castelhano com elegancia, correccão, e pureza; mas o apurado cultivo daquelle lingua estranha foi parte para elle escrever o idyoma patrio, si não com menor elegancia, com mui somenos pureza.

Pelos seus escriptos Portuguezes encontra-se muitas vezes termos, e phrases Castelhanas, algumas das quaes apontamos no Capitulo antecedente, é mui raro que um homem consiga fazer sua uma lingua estrangeira, sem que venha a tornar-se estrangeiro na lingua materna. Foi por isso que o judicioso Fretreira exortou sempre a mocidade contemporanea a não escrever senão no idyoma Lusitano, como elle o praticava, pondo todo o seu fucto em o ennobrecer, polir, e aperfeiçoar.

Não quero dizer com isto que a linguagem de Faria e Sousa pôde ser tachada de barbara: mas sim que não é tão pura, e limpa como poderia desejar-se em Escripitor de tamanha esphera.

Bem sei que podem dizer-me que nos Escriptores do seu tempo se deparam tambem bastantes iberismos. Não o ignoro, mas os defeitos, e erros alheios não servem de desculpa a ninguém. A pureza, e correccão da linguagem, em que escreve, é primeira obrigação de quem aspira a ser Author. Camões, Ferreira, João de Barros, e Diogo do Couto, sem alguma dúvida os melhores Escriptores do seculo de ouro das nossas letras, sam tão recommendaveis pela belleza, e elevaçãõ dos seus pensamentos, como pela sua linguagem sempre castiça, sempre pura, elegante, e correctã. Alguns modos de dizer proprios da terra, em que nascera, acarretaram amargas censuras a Tito Livio sem embargo de ser respeitado como o primeiro Historia-

dor dos Romanos, ao passo que Cesar, e Cornelio Nepote, menos eloquentes, e menos energicos do que elle, foram collocados entre os mais perfeitos Authores da antiga Roma pela pureza aurea da sua latinidade.

Si exceptuarmos Calderon, e Lope de Vega Carpio, parece-me que sem escrupulo poderemos considerar Manoel de Faria e Sousa como o Escriptor mais fecundo, e variado, que tem produzido a Peninsula das Hespanhas, a influencia das suas idéas, resultado da sua vasta erudição, era tão maravilhosa, como a facilidade, com que as reduzia a escripta. Contam que no espaço de um dia elle compunha um cento de Cartas sobre diversos assumptos, sem que em nenhuma dellas se encontrassem pensamentos das outras; pôde ser que haja nisto muita exaggeração, mas isso mesmo prova a opinião, que corria da sua muita facilidade de compôr.

Foi grande desgraça que havendo a natureza enriquecido Manoel de Faria e Sousa com tantos dotes intellectuaes, elle florescesse em seculo de gosto tão corrompido, e quando a maligna influencia dos Jesuitas havia dado cabo dos bons estudos entre nós. Si elle houvesse principiado a sua carreira literaria no tempo da Arcadia, é muito de crêr que hoje occupasse no Pindo um lugar mui distincto entre os Restauradores da Lingua, e da Poesia Portugueza, não longe de Garção, e de Antonio Diniz da Cruz e Silva.

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XV.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPANHOLA.

CAPITULO I.

Braz Garcia Mascarenhas.

Ha homens, cuja vida se parece com um Romance; taes sam as aventuras, e acontecimentos fóra da ordem natural das cousas, porque passaram, que muitas vezes chegam a parecer incriveis, e inventadas por imaginações ociosas, posto que sejam attestadas como verdadeiras pelo testemunho dos contemporaneos.

Neste caso me parece estar o nosso Epico Braz Garcia Mascarenhas, de quem tractarei neste Capitulo.

Teve este Poeta o nascimento em Avó, Villa antiga, situada na Provincia da Beira, pouco distante da pictoresca Serra da Estrella, de que elle no-seu Poema nos deixou uma brilhante descripção, em 3 de Fevereiro de 1596.

Seu Pai chamava-se Marcos Garcia, e sua Mãi Helena Madeira, ambos elles descendentes das familias mais distinctas, e condecoradas daquella terra.

Adquirio na sua mesma patria a instrucção primaria, e o conhecimento da lingua Latina. Passou depois a Coimbra, onde se fez mui notavel pelo talento de improvisar, que então andava muito em moda.

Cumpre porém advirtir, que nem Barbosa, nem o Author da Biographia, que acompanha o Veriato Tragico, fazem menção de que elle frequentasse a Universidade; e attribuem ambos a sua hida a Coimbra ao desejo de assis-

tir a umas festas, que se fizeram naquella cidade no sitio, que se denomina Campo de Sansão. Consta porém de umas notas de letra de mão, que se encontram nas margens da sobredita Biographia em um antigo exemplar, que possuo, e que parecem de pessoa bem conhecedora dos factos, que Garcia Mascarenhas se matriculara nos estudos preparatorios para o curso da Jurisprudencia, e eu adopto esta opinião, que me parece mais verosimil, e mais ligada com os acontecimentos.

Braz Garcia Mascarenhas era um espirito romantico, e um espadachim em todo o rigor do termo, e havendo-se namorado de certa Dama, de que não temos informação alguma, com toda a violencia, que esta paixão de ordinario se desenvolve no coração ardente, e phantasia exaltada de um Poeta, por causa della se meteu em um lance, de que resultou ser preso na cadêa da Portagem, não sem graves ferimentos daquelles, que o prenderam.

Recluso naquella prisão passava o Poeta os dias passeando sem dizer palavra: e meditando nos meios de evadir-se, o que com effeito conseguiu passado algum tempo. Sobre os meios, porque effectuou a fuga ha igual discrepancia entre Barbosa, o Author da Biographia, e as notas marginaes do meu exemplar. O primeiro diz simplesmente que *se valera de um artificio*, sem explicar qual: o segundo diz que *aproveitando a occasião de receber-se um grande presente, se escapou entre muita gente, deixando mal ferido o Carcereiro*. O que na verdade parece pouco verosimil. As notas dizem que *minando profundamente a terra, e passando por baixo dos alicerces da cadêa*, pouco mais, ou menos como o Barão de Trenk praticara no Castello, em que o encerrara Frederico II.; com a differença de que a fuga do Barão era muito mais difficil, não só porque um preso de Estadó em uma fortaleza devia ser mais vigiado, mas até porque os obstaculos materiaes deviam de ser mais custosos de vencer na fortaleza de Glatz, que na cadêa de Coimbra.

Seja como fôr, o que não padece dúvida é que se vio solto, e que ou *bem montado na ponte* como affirma o seu Biographo, ou *disfarçado em perigrino* como consta das notas marginaes, se fez na volta de Hespanha, sem mais encommodo, ou perigo, que o encontró de dous ladrões na

raia, um dos quaes deixou por morto, e pôz o outro em fugida.

Passada a Fronteira, dirigio-se a Madrid então côrte de Hespanha, e de Portugal, ahi se demorou pelo espaço de um anno, bem acolhido pelos Poetas mais célebres, que então floresciaam. Parece porém que a habitação de Madrid não lhe era muito agradavel, ou pelos costumes fradescos, e triste modo de viver, que a austeridade da eôrte havia introduzido naquella capital, ou porque a estada em paiz estrangeiro tem poucos attractivos para quem se acha com a bolça mal provida.

Fosse qual fosse o motivo, Braz Garcia Mascarenhas, dizendo-adeos ao Mauçanares, partio para Cadiz, e ali tomou logar a abordo de um Patacho, que estava prompto a dar á véla para Lisboa.

Mas a fortuna, que parecia fazer capricho em perseguillo, já lhe havia preparado novos trabalhos, e novos perigos. Apenas o Patacho havia perdido a terra de vista, e começado a amarar-se, foi encontrado por um poderoso navio de Mouros, que o abalroou. Os do Patacho defenderam-se briosamente, o combate foi longo, e com grande perda de parte a parte; mas havendo perecido a maior parte dos Christãos, e estando proximos a render-se, sobreveio uma Fragata de Corsarios Hollandezes, que arribou sobre os Mouros por barlavento.

Os Mahometanos, vendo isto, abandonando a presa, fugiram á força de véla, e remos, e os Hollandezes não julgaram a proposito seguir o chaveco, contentando-se com a presa do Patacho, cujo resto de tripullação, junto com Braz Garcia Mascarenhas, foram lançar em um porto-cujo nome se não especifica.

Roubado, e abandonado em terra estranha, e tão distante da patria, o nosso Poeta correu peregrinando a Italia tão cheia de monumentos historicos, artisticos, e literarios, a França, que então principiava a tornar-se célebre pelo cultivo das sciencias, e das letras, e a Hespanha, que atravessou toda adquirindo novos conhecimentos nas suas quasi continuadas jornadas, e viagens, a final entrou neste reino aonde ainda não haviam esquecido as suas travessuras juvenis.

Não se dando aqui por seguro, dirigio-se á cidade do

Porto, onde permaneceu algum tempo: cedendo porém ao espirito de vagamundear, que delle se apossara, se embarcou com direcção ao Novo Mundo, aonde chegou depois de muitos contratempos, e se poz a percorrer e a explorar aquellas vastissimas, e fertilissimas Regiões, que se denominam Brasil.

Durante nove annos ali permaneceu, militando contra os Hollandezes, que se haviam assenhoreado de quasi todas as nossas colonias naquelle hemispherio, que a indolencia, e desleixo habitual do Governo Hespanhol haviam quasi abandonado aos seus unicos recursos.

No posto de Alferes reformado fez ali grandes serviços, dando multiplicadas provas de habilidade como commandante, e de valor como soldado.

Divulgando-se então naquellas partes a noticia de sublevação do reino, contra o jugo dos de Hespanha, Braz Garcia Mascarenhas, impellido do seu espirito cavalheiresco, e deseioso de tomar parte na guerra da restauração, atravessando de novo o Oceano, e havendo escapado ás cruzeiras do inimigo, e aos rijos temporaes, que o perseguiram, aportou finalmente em Lishoa.

Desta cidade dirigio-se á sua patria, onde estava já inteiramente esquecido; porém elle de preça abi se fez lembrado, tomando parte em um tumulto, em que não faltaram mortos, e feridos. O fim deste alboroto, e de tanta desordem, era conservar um seu irmão na posse, e administração do Priorado de Travanca; o meio não podia na verdade ser menos canonico, mas naquelle tempo não se consideravam essas cousas tanto pelo miudo.

Braz Garcia Mascarenhas, desejando expiar este crime com serviços militares; convocando muitos mancebos, dos mais nobres, e mais ricos, tanto da Villa de Avó, sua patria, como de outros Logares circumvisinhos, organisou com elles uma companhia, ou guerrilha, cu corpo franco, como hoje se diz, que se lhe reuniram em Pinhel, onde o elegeram para Chefe ou Capitão, attendendo ao seu muito valor, e practica, que tinha da guerra.

Estes mancebos cheios de brio, e de ambição de honra, e de gloria militar, valentes como verdadeiros voluntarios, commandados por um chefe não só intrepido, mas

temerario, emprehenderam facções tão arriscadas, e fizeram tamanho destroço nos Castelhanos nos muitos encontros, e reencontros, que tiveram com elles, levando delles sempre a victoria, que chegaram a ser conhecidos, e designados pelo titulo de *Companhia dos Leões*.

Attendendo o Ministerio aos grandes serviços prestados na guerra por Braz Garcia Mascarenhas, em recompensa delles o nomeou para Governador da Praça de Alfaiates, cargo, que elle desempenhou com o seu costumado valor, e pericia, e até com grande proveito para aquella Praça, que elle se desvelou em tornar mais forte, e mais defensavel, fazendo-lhe novos muros, e novas fortificações, pois que as antigas, ou pela nossa indolencia, ou pelo ciúme dos Hespanhoes, estavam quasi inteiramente arruinadas.

Assim se conservou por algum tempo o nosso Poeta, respeitado do povo, applaudido dos seus subordinados, e bem visto da côrte, quando uma furiosa tempestade veio rebentar sobre a sua cabeça, e sepulta-lo em um abysmo de miserias, e padecimentos não merecidos.

Não ha classe, em que os homens sejam tão ciosos da sua authoridade, tão avidos de gloria, e tão impacientes de concorrência, como a militar. Uma palma colhida por outro julga-se uma offensa, uma preferencia, um insulto, que muitas vezes se procura vingar, por todos os meios.

Um troço de cavallaria, e infantaria Hespanhola atravessou a Fronteira, entranhou-se em nossas terras, tallou campos, saqueou logares, e já se preparava para retirar-se carregado de grossos despojos, grangeados naquella atrevida, e aventureira incursão.

Neste estado estavam as cousas, quando Braz Garcia Mascarenhas recebeu um Officio do General D. Sancho Manoel, em que lhe ordenava que por maneira nenhuma sabisse da Praça pela não expôr a um golpe de mão da parte do inimigo, e annunciando-lhe que em breve lhe chegaria com soccorro.

Ainda o Governador não tinha bem lido esta carta, quando um correio lhe apresentou outra, em que Fernando Telles de Menezes, outro General, lhe determinava que empenhasse todos os meios a seu alcance em impedir, e cortar o passo aos Castelhanos. A' vista de duas ordens de authoridade superior perfeitamente contradictorias, o nos-

o Poeta como homem de valor, que era, e desejoso de gloria optou pela execução da que lhe pareceo mais briosa, e mais conveniente para o serviço.

Deixando por tanto na Praça algumas companhias, que julgou sufficientes para defende-la debaixo do commando de pessoa de confiança, intelligencia, e valor, sahio della com uma manga de arcabuzeiros em número de duzentos, que dispôz em emboscada sobre o rio Agueda, na porta de S. Martinho, dividindo-se em duas hostes, que postou em dous montes, que davam entrada para o valle, por onde os Castelhanos necessariamente deviam passar.

Chegaram com effeito, e fazendo transitar diante os gados, e bagagens, ao penetrarem no valle foram servidos com taes rociadas de mosquetaria, que se viram obrigados a arrepiar caminho, persuadidos de que eram accomettidos por forças muito superiores, e abandonando toda a presa fugiram em completa debandada. E assim que a presença de espirito, e a decisão de um homem de tino acaba muitas vezes, com pouco custo, cousas que outros com grandes meios, e fadigas acabariam com grande difficuldade.

Concluida esta brilhante facção, voltou o Governador á Praça, triumphante, e applaudido de todos, que exaltavam o seu valor, e pericia, e muito mais por vêrem resgatada a importante presa, que os inimigos levavam, e restituída fielmente a seus donos.

Chegou no mesmo tempo D. Sancho Manoel conforme promettera, e levou mui pesadamente o vêr a empreza concluida, considerando, e avaliando aquelle successo, como um roubo feito á sua gloria, e uma quebra da disciplina militar.

Não entrarei na averiguação deste ponto; nem decidi-vei si o Governador de uma Praça, que recebe ordens inteiramente contrarias sobre o mesmo objecto de dous Generaes, a quem é obrigado a obedecer, deve cumprir a primeira, ficar de braços cruzados sem cumprir nem uma, nem outra, ou se deve cumprir a que julga mais vantajosa ao serviço. E certo que não pôde cumprir ambas as ordens ao mesmo tempo, e que obedecendo a um dos Generaes, forçosamente hade ser culpado pelo outro de falta de obediencia.

Em todo o caso parece-me que D. Sancho Manoel não andou bem neste desgraçado negocio, e que o seu resentimento o levou mais longe do que cumpria.

Prender o Governador, e fazer que o seu procedimento fosse examinado, condemnado, ou justificado por um conselho de guerra, estava nas suas attribuições, e era conforme com os regulamentos militares, e por isso não podia capitular-se de injustiça, porém Braz Garcia Mascarenhas não foi preso, e conduzido á Torre do Sabugal por o simples crime de insubordinação, e desobediencia ás ordens do seu superior, mas accusado de traição, e alcivosia, e de correspondencia com o inimigo, elle que tiha feito tantas proezas, e arrostrado tantos perigos por defender o Rei novamente aclamado, e a liberdade da sua patria ! Elle que acabava de dar uma prova tão evidente de que longe de estar de acordo com o inimigo, aproveitava todas as occasiões de lhe fazer todo o dano, e todo o estrago, que podia !

E qual era o fundamento desta accusação de inconfidencia, e de traição intentada contra um bravo militar, e carregado de serviços ? Nenhuma mais que uma correspondencia urbana, e amigavel com o Governador de uma Praça Hespanhola da Fronteira, denominada a *Maçação*, com quem havia contrahido intima, e sincera amizade no tempo, em que andara em Castella, como si por duas nações estarem em guerra, não fosse permitido aos particulares dellas entreter entre si correspondencia, em que não entre a politica ! Mas a vingança, e o odio são cegos, e para satisfazerem seu resentimento acham licitos todos os meios, sem exceptuar a mais infame calumnia.

Si é sempre desgraçada a sorte de um preso, nenhuma o é mais do que a de um preso de Estado. Os acontecimentos, que tiveram logar entre nós durante o regimen da usurpação bastariam para comprova-lo, si tantos documentos authenticos, que nos fornecem as historias antigas, e modernas, permittissem o duvidar-se desta verdade. Um preso politico não tem amigos, nem parentes, que orem por elle, porque temem ser envolvidos na sua ruina. Os guardas, o carcereiro, e quasi todas as authoridades, a quem está entregue, disputam sobre quem hade tracta-lo com maior crueldade, porque julgam que deves

modo fazem grandes serviços, e tornam bem evidente o seu zêlo, e a sua lealdade.

Tal foi a sorte do nosso Poeta! Encerrado na Torre do Sabugal, sem se lhe instaurar processo, em que podesse justificar a sua innocencia, ou vêr comprovado o seu crime, o conservaram por largo tempo solitario, e incommunicavel, e chegou a ponto o odio, e a perversidade dos seus inimigos, que conceberam o projecto abominavel de o matar lentamente diminuindo a pouco, e pouco a porção de grosseiro alimento, que lhe era fornecido.

Neste apuro recorreo Braz Garcia Mascarenhas a um expediente tão romantico, e tão extraordinario como a tempera do seu genio. Requereo ao Governador que já lhe não dava a permissão de escrever, ao menos se servisse de lhe enviar um livro para consolar-se com a sua leitura, alguma farinha para um remedio, e thesoura, e linhas para concertar seus vestidos, que já se biam rasgando, e desfazendo.

O Governador, não atingindo o uso que, elle podia fazer destas cousas, lhas concedeo levemente, mandando-lhe um *Flos Sanctorum*, e accrescentando que era o livro, que lhe parecia mais proprio para encommendar-se a Deos.

É natural que Braz Garcia Mascarenhas sorrisse ao ouvir esta observação, que tão claramente dava a entender a ruim vontade, que lhe tinha o Governador, e o quanto estava longe de comprehender o seu pensamento.

Pegou pois na thesoura, e com ella foi recortando uma por uma todas as letras daquelle livro, e com ellas, pegando-as com massa, que fez da farinha, ordenou assim uma discreta, e pathetica Epistola em verso dirigida a El-Rei D. João IV., em que exactamente lhe expunha os trabalhos, porque estava passando, as calumnias dos seus inimigos, os seus serviços, implorando juntamente a sua protecção.

Este facto prova claramente que a necessidade é a mãe da industria, que ella adelgaça o entendimento, bem como a prosperidade o embota, e embrutece; porém esta industria tão subtil de Braz Garcia Mascarenhas ficaria de todo inutil, si não deparasse tambem com o meio de fazer com que a sua Epistola chegasse ás mãos d'El-Rei,

e essa difficuldade não era menos ardua de vencer, do que a confecção da Epistola sem papel, tinta, nem penna.

Havia com tudo na guarnição da torre um soldado, que lhe era afeiçoado, porque havia servido debaixo do seu commando, e é sabido que um official superior raras vezes deixa de ter entre os soldados alguns, cujo respeito para o chefe se torna em verdadeira amizade, e que ainda que estejam promptos para o fuzilarem por força de disciplina, salva esta, não duvidam sacrificar-se a tudo quanto lhe possa ser proficuo.

Não teve pois o Poeta grande difficuldade em grangear o assentimento daquelle antigo camarada, e no silencio da noite lhe passou pela muralha, pendente das linhas, que havia pedido para cozer-se, a carta, para ser entregue a seu irmão.

Recebida a carta pelo irmão, cujo nome não chegou á nossa noticia, este partio immediatamente para a capital, e tão bem manejou o negocio pelos amigos, que tinha na cõrte, que conseguiu em breve entregá-la ao Monarcha em mão propria.

Todos conhecem o character benevolo, e compassivo de D. João IV., e por isso não admirará o dizer-se que, havendo lido aquella Epistola, se encheu de horror á vista da perseguição atroz feita a um homem de tanto talento, que tantas vezes havia derramado sangue pela defesa dos seus direitos, assignalando-se com tantas proezas, como era notorio; mandou pois ao seu Escrivão da Puridade que passasse um Decreto mandando que Braz Mascarenhas fosse apresentado na cõrte dentro de um tempo de terminado.

Por muito que os inimigos do Poeta tivessem a peito delongar este negocio, as ordens eram terminantes, e foi necessario obedecer sem replica, e sem dilação.

Entrou pois na cõrte rodeado de guardas, e dos ruins agouros das pessoas, que se lisongeavam ainda com a idéa da sua ruina, porém contra toda a sua expectação El-Rei o recbeo affavelmente, escutou com attenção a sua defesa, e não só o houve por justificado, mas o despachou com o habito da Ordem Militar de Aviz com boa tença, reintegrando-o no seu Governo de Alfaiates, e nomeando-o Inspector da Cavalleria da Comarca de Esgueiro.

Voltoou pois de Lisboa triumphante da inveja dos seus emulos, e das calumnias dos seus inimigos, e tomou posse do seu governo, que exerceo por alguns tempos; mas a idade o tornara prudente, e esta ultima lição fôra demasiado séria para que se não aproveitasse della, continuando a luctar com inimigos poderosos, e implacaveis: retirou-se pois para a sua patria, para descansar das numerosas fadigas, e perégrinações, que havia passado por mar, e por terra.

Neste remanço pacifico, tão conveniente aos seus avançados annos, passou Braz Garcia Mascarenhas o resto dos seus dias, occupado com os arranjos da sua familia, e o cultivo da poesia, que elle nunca desamparara, mesmo no curso das suas peregrinações, no meio do estrondo das armas, e nas angustias da prisão. Elle recitava seus versos aos seus numerosos amigos, que o visitavam, ouvia os seus conselhos, e exultava com os seus applausos.

Foi nesta epocha que elle compoz algumas Comedias para as festividades de alguns Santos. Estes Dramas consta que foram representados com grande acceitação, e applauso dos espectadores, mas infelizmente nenhum delles me consta que sahisse á luz.

Com igual perda para a nossa literatura ficou manuscrito um livro intitulado, *Ausencias Brasileiras*, composto depois que regressou ao reino, em que forçosamente haveria muitas poesias compostas naquella parte do mundo, e seria mui curioso de vêr como a vista daquelles paizes tão pouco semelhantes aos nossos, e o aspecto de uma nova natureza haviam inspirado um espirito tão vivo, e tão ardente imaginação.

Igualmente o Abbade Barbosa Machado menciona como composição de Braz Garcia Mascarenhas, uma copiosa collecção de Romances, e Sonetos, que o Author da vida do Poeta, que acompanha o *Veriatio Tragico*, affirma que existia no seu tempo em poder de alguns curiosos.

Braz Garcia Mascarenhas terminou seus dias na Villa de Avó, em que nascera, no dia 8 do mez de Agosto de 1656.

CAPITULO II.

O Veriato Tragico de Braz Garcia de Mascarenhas.

Do lastimoso naufragio das composições deste Poeta salva-se apenas o seu Poema Epico, ou para melhor dizer Historicó, em que elle celebrou a guerra sustentada por Veriato contra os Romanos, e a morte deste Heroe aleivosamentē assassinado; e a que por esta razão deu o título de *Veriato Tragico*.

Este Poema sahio á luz algum tempo depois da morte do Author, e consta que Braz Garcia Mascarenhas o preferia a todas as suas composições, e si isto é certo, creio que o Poeta se não enganava no seu juizo, porque o *Veriato Tragico* apesar dos seus defeitos, si me não engano, é a nossa segunda Epopeia de segunda ordem, e tem conservado a memoria de seu Author na lembrança dos homens de letras, e dos amadores da poesia.

Este Poema impresso pela primeira vez em 1699 acaba de ser novamente publicado pela Imprensa, e consta de vinte Cantos em Oitavas, tendo cada Canto o seu titulo particular, circumstancia, de que não achamos exemplo nos Epicos anteriores, e é mui de suppôr que esta novidade fosse invenção sua.

É pois por este unico documento, que podemos ajuizar do alcance do seu talento poetico, e das belezas, e defeitos do seu estylo. A escolha do assumpto é das mais feizes, pois é nacional, grandioso, e interessante como o réquer a Epopeia; é uma nação semi-barbara sim, mais energica, e virtuosa, que se levanta contra a nação mais civilisada, mais rica, e mais poderosa, que então havia no mundo, e que á força de prodigios de valor, e de constancia, chega quasi a ponto de sacudir o jugo, que a sua

inimiga tinha imposto ao resto da Europa, a Africa, e a Asia, e só quando uma traição abominavel a priva do chefe, é que cede, mas com gloria, de lucta tão prolongada. O Poeta soube com grande artificio palliar a falta de unidade da acção, grupando engenhosamente, e envolvendo com excellentes episodios os variados acontecimentos de uma guerra, e ligando-os entre si pela unidade de interesse.

O caracter do heroe tem toda a dignidade, e grandeza, que devemos suppôr-lhe, e os heroes subalternos, que não sam poucos, tanto Lusitanos, como Romanos, tem cada um delles sua feição característica, que o distingue dos outros. A parte erotica está tractada de modo, que não ha desventura amorosa que não exerça sobre a marcha da fabula uma influencia directa, ou indirecta, circumstancia, que falta ás vezes em Poemas de merito mui superior.

Abunda além disso o Veriade Tragico em formosas comparações, originaes pela maior parte, em sentenças, e descrições pictorescas, entre as quaes se distingue a da Serra da Estrella, e não conheço Poema algum em que a parte militar esteja tão bem tractada. Vê-se que o Poeta era um official superior, que não só conhecia bem a theoria da sua arte, mas que havia despendido a melhor parte da sua vida fazendo a guerra em diferentes paizes, e diversas partes do mundo.

Na minha opinião o maior defeito do Veriade Tragico é a falta do maravilhoso, que é inteiramente nullo nesta Epopeia. Semilhante defeito é na verdade grave, porque priva o Poema Heroico de um dos meios mais poderosos, que tem para ferir vivamente a imaginação, e arrebatâr o espirito do Leitor. A Musa Epica não pôde demorar-se muito tempo sobre a terra, é necessario que algumas vezes se remonte aos Ceos, e ali colha novas fórmas, e novas luzes para dar vigor ao seu canto, e colorido mais vivo aos seus quadros. E' como alguns animaes aquaticos, que de espaço a espaço precisam de elevar-se á flôr d'agua para respirar ar mais puro.

Os extractos que vamos a apresentar provarão, si não me engano, que si Braz Garcia Mascarenhas seguiu o methodo de escrever adoptado na Eschola Castelhana, es-

tá em tudo muito longe de cahir nos desvarios, em que se despenharam muitos dos seus contemporaneos. Parecé que a sua estada na Italia, e o tracto com os bons engenhos daquelle paiz tiveram grande influencia no seu espirito, e lhe aperfeçoaram o gosto.

Eis aqui como elle no Canto I. nos informa de como Veriato alcançando a Occasião favoravel, é por esta conduzido ao seu Templo, onde o anima a emprehender a guerra contra os Romanos.

Quando, Tritão dos Bosques, a bosina,
Com que os faz retumbar toca alentado,
É se ergue toda a Plebe montesina
Aos bosques dando os cães, ao pasto o gado:
Entre outros, com que as feras desatina,
Hum tinha, que hera delle mui presado,
Contino adulador seu, e contino
Malsim de todo o genero ferino.

Largo de espaduas, de olhos carrancudo,
Rasgada a bocca, orelhas derrubadas,
Ventas negras, focinho cabelludo,
Beiços cahidos, garras encrespadas,
Fornidos pés, e mãos, corpo membrudo,
Secco nas ancas, gordo nas queixadas
Curvas unhas, e dentes, rabo grosso,
Grosso, e curto nos lombos, e pescoço.

Este em hum bosque tenebroso entrando,
Que hum Ribeiro do Sol vai escondendo,
Por hir a cada lado serpejando,
Com dentes de cristal pinhas roendo,
Logo em fita se pôz rouco ladrando,
E presumindo que hera monstro horrendo,
Se precipita ao Bosque Veriato
Saltando penhas, e rompendo o matto.

Empunha o arco, as settas aparelha,
Affouta o Cão, os passos assegura,
Porque entre a verde rama aurea guedelha,
Transluz no opaco centro da espessura,

Duvidoso comsigo se assemelha,
 Incerto da ventura, ou desventura,
 Os pés, e o corpo entre a brenha rude,
 Muda mil vezes sem que a vista mude.

Quando as plantas do Zephyro alteradas
 Alguns tremulos ramos dividiam,
 De vestes feminis sedas delgadas
 Mui claramente se lhe transluziam
 De outra parte humas azas incarnadas,
 E verdes a verdura confundiam,
 Que he Nympha, ou Ave Phenix imagina,
 Quanto mais olha mais se indetermina.

O verbo *indeterminar* parece ter sido introduzido na lingua Portugueza pelo Poeta, pois me não occorre have-lo deparado em algum dos nossos Authores; creio porém que esta inovação se lhe deve contar por um serviço, pois é um vocabulo regularmente composto de um simples já existente no idyoma, harmonioso, claro, e que hade muitas vezes ser necessario para a expressão concisa, e vigorosa.

Bosquereja Deidade Caçadora
 Lhe parece, e por isso não lhe atira,
 Mais ávante se chega, em quanto a fóra
 O Sabujo, ganindo, se retira:
 E por entre a Republica de Flora,
 Que ali no estival Julho Abril admira
 O Vento vê brincar no ouro solto
 Em perolas da Aurora todo envolto.

Parece que a expressão regular era *brincar com o ouro*, e não *no ouro*, pois é isso que methaphoricamente faz o vento, espalhando a uma parte, e a outra o cabello solto, que aqui se designa pela metaphora do ouro, por ser da côr delle, isto é louro.

Já na ponta de hum pé todo suspenso
 Descobria o robusto Lusitano
 Por entre a confusão do Bosque denso
 Mais formoso que o Sol hum rosto humano;

Si não frio temor, calor intenso
 Descorre pelas veias ao Serrano
 Em vér que a Nympha, como calvo nobre,
 Com artificio seu defeito encobre.

Intensa, e calva a instantes parecia
 Mas singular madeixa artificiando,
 Aureo monho fazia, e desfazia
 Entendendo-a talvez, tal encrêspando;
 A cornucopia a hum lado lhe pendia,
 Péla de mão em mão anda saltando,
 Aza em cada cothurno está brandindo,
 Indicio, de que sempre anda fugindo.

Porque a fuga antevê pouco distante
 Para o Pastor fóra da brenha agreste,
 O Cão vendo o Senhor tanto adiante,
 Corrido de fugir correndo investe;
 Ella com ambas mãos no mesmo instante
 Apertando, e soerguendo a solta veste,
 Já dos pés, já das azas se soccorre,
 Voa o difficil, e o facil corre.

Veriato que a vé fugir, traz ella
 Mais fragueiro que o Cão os pés movendo,
 De penha em penha chega a huma portella
 Ganhando a Terra, que ella vai perdendo,
 Como que cança a incansavel Bella,
 Deixa alcançar-se o solto ouro offrecendo,
 Já menos presumida ao Luso agreste
 Que Solsticio se vé do Sol terrestre.

Este ultimo verso parece escripto debaixo do influxo,
 e inspiração do genuino espirito de Gongora, não obstan-
 te o seu bom senso o Poeta apresenta frequentes vezes
 destes conceitos alambicados, tanto em voga no seu seculo.

Ambas linguas a hum tempo imudeciam,
 Os corações, que tanto palpitavam,
 Attractivos o fresco recolhiam,
 Si anhelantes o cáldo exhalavam;

Os concordés effeitos, que faziam
 Lá nos órgãos corporeos se encontravam,
 E as tinctas naturaes, que as articulam,
 Quanto mais se suspendem, mais adulam.

Restituida em fim sua harmonia,
 Refrigerados já os membros bellos,
 Da fugitiva Nympha, assim dizia :

„Tens, Pastor, a occasião pelos cabellos,
 „Já que sabes seguir com tal porfia,
 „Sabe-te aproveitar de teus disvellos,
 „Que a caça, que tos causa nesta Serra,
 „Vivo retrato he de mortal guerra.

„Nesta, que agora abraza estas campanhas,
 „Que daqui estás vendo, te apparelho
 „Immortal fama nas Nações estranhas,
 „Si quizeres seguir o meu conselho ;
 „Mas porque te creaste entre as montanhas,
 „Ignorante do Mundo, que he já velho,
 „Vem comigo, e verás delle em meu Templo
 „Tudo o que basta para teu exemplo.”

„Oh Nympha, ou Deosa destas espessuras,
 Responde, acompanhando-a por entre ellas,
 „Seguir-te quero, pois meu bem procuras,
 „Si certas sam as cousas, que revellas ;
 „Mas como darei credito ás futuras,
 „Si as passadas ignoro ? dá-me dellas
 „Conta, e do que esse trage significa.”
 Disse Veriato, e a Occasião replica :

„Da sorte, que me vês, sou venerada
 „Das Gentes vãs ; que Roma, a Grecia, o Egypto,
 „Em seus Templos me tem assim pintada,
 „Segundo meu, e seu antigo ricto,
 „Sou a Occasião, que he tudo, e he nada,
 „Tal he de qualquer Carta o sobrescripto,
 „Tal o Sino do Templo, em que se adora,
 „Que chama para dentro, e fica fóra.

„ De fóra vêjo as perdas, e ganancias,
 „ Que estragam huns, e que outros felicitam,
 „ Porque hum concúrso sou de circumstancias,
 „ Que as cousas desejadas facilitam ;
 „ O qual, passado, varias repugnancias,
 „ Difficultam, si tarde as solicitam,
 „ Por isso os que Occasiões grandes perderam,
 „ Verás que tarde, ou nunca, as recuperam.

„ He jogo meu de dita, e de mofina,
 „ Em que perdem por mais, ou menos carta,
 „ Que de quem mais ditoso se imagina,
 „ A dita, quando prospera, se aparta ;
 „ O ter azas nos pés bem claro ensina,
 „ Que de quem me engeitar vôando parta,
 „ E a cornucopia em flôr, e a péla leve
 „ Que tenho subsistencia muito breve. ”

Assim se explica, assim a Nympha quando
 Já vencida a intractavel aspereza,
 A seu eterno Templo hiam chegando
 Fabricado por mão da Natureza :
 Bem desde o celsó Herminio venerando
 Se precipita da maior alteza,
 A tão humilde ponto, que parece
 Não ter subido tanto quanto decc.

Em meio deste horrendo precipicio
 Está de viva rocha uma sacada,
 Feita a modo de altar, que do edificio
 He Praça a cada lado alcantilada ;
 Sobre ella se levanta o frontespicio,
 Machina de trez penhas torreada,
 Com trez facturas entre a rocha viva
 Deste Portico Eterno a entrada altiva.

Por cima dellas tanto a fóra a estendem
 As penhas trez fachadas, ou sombreiros,
 Que entre suas bases concavas defendem
 Da neve intactos muitos Linroeiros,
 E Cydreiras, das quaes os pomos pendem.

Aureos, e ignotos aos Jardins primeiros.
 Que neste sempre estam sem serem cultos
 Ao Sol patentes, e ao frio occultos.

Das portas para dentro em muita parte
 Entra a Arte, emendando a Natureza,
 Que o que está tosco lavra, e mal reparte
 Daquella aperfeiçõa a subtiliza;
 Competidores, Natureza, e Arte
 Ostenta cada qual sua grandeza,
 Huma na, sem exemplo, architectura;
 Outra na muda, e singular Pintura.

Labyrintho marmoreo representam
 As naturaes abobedas tão raras,
 Que em naturaes apoios se sustentam,
 Altas, e largas, frigiditas, e claras.
 Claras porque de luz as alimentam
 As rotas penhas, que de chuva avaras,
 Nos lados só por onde se despegam,
 Ao Sol concedem o que ás aguas negam.

Como junto dos Rios sacaladas
 Se vem muitas piçarras das enchentes,
 Brancas, pardas, vermelhas, e azuladas
 Marmoreas todas, todas reluzentes;
 Taes sam por dentro tão entresachadas
 As abobedas, e tão excellentes,
 Que tudo he natural, tudo admiravel,
 Tudo lustroso, tudo inimitavel,

Por este trecho pôde o Leitor ajuizar do character do estylo poetico de Braz Garcia Mascarenhas, e vêr em que elle se chega pelos conceitos, e pela expressão ao gosto do seu tempo, e em que se affasta ás vezes delle; conhecer a tempera da sua phantasia, o seu colorido, e a harmonia da sua versificação sempre facil, corrente, e melodiosa; poderá igualmente notar a sua tendencia para a poesia descriptiva, de que lhe darão maiores provas a pintura da Serra da Estrella, e a descripção das armas empregadas na milicia antiga, de que se mostra grande

conhecedor, e assim como das manobras, formatura dos exercitos, &c. Nesta descripção que occupa grande parte do Canto II., não se esquece o Poeta de indicar o grande proveito, que os capitães podem tirar do estudo da antiga tatica para aperfeiçoar, e ajudar a moderna, e muitas vezes se explica com bastante força, e colorido poeticó. Vêjam-se as seguintes Estanças.

Podemos apprender, os que estudamos
 Milicia, nesta eschola dos antigos,
 Com quanta menos causá nos queixamos
 De menores trabalhos, e castigos;
 Quão mal obedecemos, e guardamos
 As ordens perto, e longe dos perigos,
 Porque sempre mostramos nesta Sciencia,
 Si mui grande valor, pouca obediencia.

Isto era exactamente verdade no tempo do Poeta, e elle o poderia mui bem ter observado nos terços, que commandara, ou de que fizera parte: hoje a este respeito tem havido entre nós muitas mudanças, e o Exercito Portuguez, honra lho seja feita, é um dos melhor disciplinados da Europa.

Seus Exercitos heram de duas sortes
 Phalanges, ou Legiões. Estas constavam
 De Centurias, Manipulos, Cohortes,
 E Turmas; de seis mil Homens passavam:
 Com sete centos trinta, e dous mui fortes
 Cavallos já bardadas, que os guardavam,
 Menos hera a Phalange, e seu governo
 Quadro hera quasi de Esquadrão moderno.

Cada Cohorte tinha mil Soldados,
 De quinhentos, e menos as havia,
 Cento as Centurias, de que sam traslados
 Os nossos Capitães de Infantaria;
 A Turma trinta e dous acobertados,
 Ou Ligeiros Cavallos comprehendia,
 Os Manipulos vinte e cinco Infantes,
 Em tudo a Cabos de hoje semelhantes.

De ordem redonda orbe, e globo armavam,
 Differentes sómente, em que hera cheio,
 No meio o globo, o que não usavam
 No orbe, que hera sempre vão no meio ;
 Cuneos, e prolongados assentavam
 Entre Alas, Alas só de lança, e freio,
 E subsidios tambem, a que os presentes
 Soccorros chamam, ou sobrecellentes.

Bouterweek, talvez dissesse que esta materia não era poetica, como diz de algumas passagens technicas, e definições, que se deparam no célebre Poema da *Musica* pelo Poeta Hespanhol, D. Thomaz Yriarte ; não entrarei nessa questão, mas affirmo que não é possível, ou pelo menos seria muito difficil explicar estas cousas com mais clareza, facilidade, exactidão, e em melhores versos, e já esse não é pequeno merito. Não negarei tambem que esta longa digressão, episodio, ou como queiram chamar-lhe sobre a tactica, e as armas dos antigos, não está intimamente ligado com o assumpto, mas é certo que sendo o objecto da acção uma guerra entre os Romanos, e Lusitanos antigos, estes conhecimentos ministrados previamente ao Leitor, o habilitam para a melhor intelligencia do Poema.

Tem sido algumas vezes citada com louvor a descripção do Templo de Endovelico, antigo Deos dos Lusitanos, e que a maior parte dos Mythologos julgam ser o mesmo que o Amor.

Onde hoje está, antigamente estava
 Aquelle Templo sumptuoso, é rico
 Do Deos Cupido, a quem então chamava
 O Romance vulgar Endovelico ;
 Outro tão oppulento não se achava
 Do aureo Tejo ao Cysnifero Cayco,
 Que em culto, devoção, e bizzarria
 A todos os antigos excedia.

Permanecem vestigios respeitosos,
 Que sempre alguns de grandes cousas restam,
 E Sarcophagos tristes de amerosos

Tropheos, que inda letreiros manifestam:
 Estes a molestados cuidadosos,
 Que cuidados de Amor sempre molestam;
 Hum tempo foram porto desejado,
 De mui longe por terra, e mar buscado.

Surgiram nelle quando florescia
 Os dous atribulados Navegantes,
 Si de Marte, a destreza, e bizzarria,
 Do mar de Amor Pilotos ignorantes,
 Do frontespicio cada qual pendia
 Que de candidos hera, e purpureantes
 Alabastros, e Jaspes mui polidos,
 Com grave subtiliza intrometidos.

Estribava o portado magestoso
 Sobre doze columnas, (tal a Arte
 Que inventou Polygnoto artificioso
 Indo o traslado) seis de cada parte;
 Todas em proporção ao respeitoso
 Entre o Corinthio, e Dorico o reparte,
 Com dous Nichos de porfido entre ellas
 Guarnecidos de varias pedras bellas.

Dentro nos cinco de huma parte estavam
 Leandro, Adonis, Pyramo, Narciso
 E Paris ensinando, que acabavam
 Ricos de amor em pobres de juizo,
 Tragico exemplo a seus Romeiros davam
 Para a muitos servir de cauto aviso,
 Que foi sempre ignorancia appetecida
 Amar a alheia mais que a propria vida.

Estavam d'outra parte Evadne, e Dido,
 Hero, Tysbe, e Lucrecia desmaiando,
 Qual pelo Amante, qual pelo Marido,
 As vidas por Amor á Morte dando;
 Por cima da fachada dividido
 O friso em cinco sarges vai mostrando,
 Cinco meias figuras relevadas
 Do antigo Praxiteles fabricadas.

Cada qual occupava um dos sentidos,
 Portas porque entra amor a dar tormentos
 A brandos corações sempre affligidos
 Em seus pesares, ou contentamentos;
 Estavam sobre o friso trez Cupidos
 Causas de todos nossos sentimentos,
 Segundo a Antiguidade os venerava,
 Que differentes Pais, e Mães lhes dava.

As trez Filhas de Eurydome sorrindo
 Hum pouco acima cada qual estava,
 Escarnecendo o Velho, que nutrindo
 Se estava ali nos Filhos, que gerava;
 Sobre elle o casto Amor de vulto lindo
 E no reñmoto da brla se ostentava,
 Porque do alto ensinasse a quem viesse
 Que houve princirb Amor, que Tempo houvesse.

Já pelas portas vam entrando, e vendo
 Trez naves por columnas divididas,
 De cujos capiteis estam pendendo
 Mil amantes Tropheos de almas rendidas,
 As paredes aos lados vam correndo,
 Sam a meio relevo guarnecidas
 De brutescos, mostrando irresolutos
 Amantes, que tambem se amam os brutos.

Hera o lecto de bella prospectiva
 Como os Dcoses da vã Gentilidade;
 Delle humilhando a magestade altiva
 A' de Amor mais altiva magestade;
 De cada qual a pompa respectiva
 Ensinava do carro a gravidade,
 Que heram quantos havia ali pintados
 De Peixes, Aves, e Animaes tirados.

Os trez Carros do Sol, Marte, e Neptuno
 Tiram Cavallos; o de Leucothea,
 Da branca Thetys, e do Deos Portuno
 Tiram Delphins, que a Musica recrea;
 Bellos Pavões o da ciosa Juno,

Cysnes o da lasciva Cytbarea,
 Peixes o de Tritão, Cantor marinho,
 Lobos, e Tygres o do Deos do vinho.

Baleas o do Deos, que o Mundo abraça,
 Dragões o do Cultor da Ausonia Gente,
 Corvos o da que fez ser dos Cães caça
 O Caçador por vista delinquente;
 Bois o da Phenix que renova a graça
 Na luz fraterna porque aspira absente,
 Leões o da Ciosa, que o ciado
 Vê na Terra, e no mar verde, e breado.

Pintados tanto ao natural estavam
 Que todos quantos de repente os viam,
 Criam que os Peixes pelo Mar nadavam,
 Que pela terra os animaes corriam:
 Que as leves Aves pelo ar vôavam,
 Que os Carros apoz todos se moviam,
 Tudo causava muito alegre espanto,
 Que tanto engana a Prospectiva, tanto?

Esta reflexão do Poeta é cheia de verdade; pôr meio do claro-escuro, e pela degradação judiciosa da luz, e da sombra, se fórma a illusão optica aos olhos da pessoa que contempla um quadro, que designa as distancias, o espaço, e diferentes sitios mais ao perto, e mais ao longe, as figuras, e arvores, e outros objectos que a cada um delles pertencem, quando todos elles existem na mesma superficie. E' este o maior encanto da pintura

Nenhum engano na Capella havia
 Com haver nella mais do artificioso,
 Que Estatuas, Ouro, Prata, Pedraria
 Tudo hera natural, tudo ostentoso;
 Nenhuma cousa ali contrafazia
 Arte, ou Pincel, fingida, ou mentiroso,
 Dando a entender que amor para perfeito
 Não hade ser em nada contrafeito.

fingida refere-se a arte; *mentiroso* ao pincel: estas collocações artificiosas de palavras, que quando bem feitas,

como aqui, são verdadeiras bellezas de estylo, não se encontram nos Quinhentistas, que nunca as conheceram. Não nego que os Seiscentistas as prodigalisam demasiado, mas o abuso nada prova contra o uso moderado, e judicioso de qualquer cousa.

Estava o sua imagem collocada
Sobre huma Pyramide lustrosa
De reluzentes pedras marchetada,
Mui alta não, mas mui artificiosa ;
A base sobre que foi fabricada
Hera o altar de pomba magestosa,
Todo de Estatuas peregrinas cheio
Com a de Venus, sua Mãe, no meio.

Hera a de Endovelico respeitavel
Não só pela Deidade, que ensinava,
Quanto pela esculptura inimitavel
Que vida ao morto simulacro dava ;
Estava tanto aos olhos agradavel,
Que com razão os olhos occultava,
Porque, si inadvertido os descobrisse,
Matariam de amor a quem os visse.

Tinha na base hum coração ardente,
Duas azas nos pés côr de esperanza,
Aljava com harpões do hombro pendente,
O arco em huma mão, n'outra a balança ;
Significando que igualava a Gente
Que desigual a prospera bonança
Da Fortuna, que a muitos Superiores
Tem igualado Amor os inferiores.

Esta pintura do Amor me parece excellentè, e nova no tempo em que o Poeta escreveu, o que lhe augmenta ainda mais o merecimento. Isto prova que no seu espirito havia mais originalidade do que commummente se depara nos Escriptores contemporaneos.

A traição de Galba que fez grande mortecinio de Lusitanos, attrahindo-os desarmados a uma cilada debaixo do pretexto de uma paz fraudulenta, descreveo Braz Garcia

Mascarenhas com uma força, e viveza de côres verdadeiramente Epicas.

Nove para dez mil almas seriam
Entre Mulheres, Homens, e Mininos;
Que a povoar estranhas terras hiam,
Segundo imaginavam os Molinos;
De todos só hum conto escapariam,
E nos mais todos quantos desatinos
Pôde inventar ferocidade humana,
Os padeceo a Gente Turdetana.

Estranho caso! horrenda maravilha!
Que as entranhas dos montes abrandava,
Abraçada co'a Mãi morria a Filha,
E morto sobre o filho a Pai ficava;
Mais presto morre o que mais se humilha,
Que a nenhum a crueldade perdoava,
Que cortam mais por menos resistidos
Os golpes dos covardes nos rendidos.

Parecia que os montes se abalavam
Movidos do confuso horror, que ouviam,
Que as pedras com piedade se abrandavam,
Que os bosques com espanto estremeciam,
Que os valles com gemidos retumbavam,
Que as Feras a ser brandas aprendiam,
Emboscando-se humildes nas devezas
Por não vêrem tão barbaras ferezas.

Em hum dos valles, que está feito hum Nilo
De sangue, estão jogando, caso raro!
Duas Maças Veriato, e Verdemilo,
E duas lanças Grisaldo, e mais Balaro;
Joga hum montante o Eborence Eurilo,
Com que serve aos Cavallos de reparo,
E a Ormia tambem, gentil Donzella,
Jurando de morrer, ou defende-la.

Hera quanto bellissima animosa
Ormia, e tanto em caça exercitada,

Que a pé corria a Serra mais fragosa,
 E a cavallo a campanha dilatada :
 No desmaio maior mais valerosa,
 Pegou de hum rodela, e de hum espada,
 A hum Peão, que Veriato atropellara,
 E as vai jogando com destreza rara.

Dos muitos, que estes poucos vam matando,
 Tiram cousa de hum cento recolhendo
 As armas, com que todos peleijando,
 Por meio dos contrarios vam rompendo ;
 Veriato ferindo, e animando,
 Aqui, e ali a maça revolvendo,
 Abre caminho qual Leão rompente,
 Que a desesperação é mui valente.

Como em campos larguissimos, e enxutos
 Além de Buenos Ayres, sempre cheios,
 De Vaccum bravo, e de cavallos brutos,
 Que não tem donos, nem conhecem freios,
 Espantam-se da Gente, e resolutos,
 Huns apoz d'outros fogem sem enleios,
 Porque inda que em pedaços os desfaçam,
 Por donde passou hum, os outros passam.

Esta Estança é pintura fiel do que diariamente se passou nas campinas, ou sertões de Buenos-Ayres, e Portalegre, onde vaguacam repastando grossas manadas de Touro sem dono, que os habitantes caçam mais para lhe tirarem a pelle, seu principal ramo de commercio, que para se alimentarem da carne.

Não sam menos numerosos os rebanhos de cavallos, tambem bravos, que os viajantes apanham a laço quando sentem cançado aquelle, em que viajam. O animal enlaçado cabe infallivelmente ; e então o caçador largando, e deixando pacer livremente o cavallo em que vier, mete o bocado, salta sobre o lombo do recentemente apanhado, que se levanta mal que o desenlaçam, mas subjugado pelo freio, e prosegue a sua jornada. E' certo que o cavallo ao principio empina-se, salta, corre, mas os Indigenas sam optimos cavalleiros, e não

sahem da sella, e com as esporas, e as redeas os cançam, e obrigam a obedecer.

Esta Estança justifica a magoa, que acima mostramos, de se haver perdido, ou não se haver impresso a collecção de poesias do Author intitulada *Recordações Brasilicas*, em que devia encontrar-se grande copia de quadros Americanos.

Assim por onde passa Verdeminho
 Apesar dos Romanos superiores,
 Cavallos, e Peões fazem caminho,
 E Eurilo defendendo seus amores;
 Oh poderoso Amor como adevinho
 O fim triste a que atiram teus favores!
 Que Amor, que no teu sangue foi gerado,
 Prediz que será nelle rematado.

Braz Garcia Mascarenhas chama acima *Verdemilo* ao mesmo heroe, que nesta Estança chama *Verdeminho*, foi uma concessão feita á rymá, de que ha bastantes exemplos nos antigos Poetas Portuguezes, e Italianos, mas que apesar disso não deve imitar-se, porque os nomes devem permanecer inalteraveis a fim de se evitarem confusões, e equivocos, e conservar-se a clareza do estylo.

Já pelo valle acima caminhavam
 Os cento, que os Romanos não seguiam,
 Que da resolução, com que marchavam,
 Parece que athe as plantas se desviam;
 Os montes, que taes magoas escutavam,
 Mais cedo a sombra aos valles estendiam,
 E a noite rematava tenebrosa
 Tragedia tão infame, e lastimosa.

Do bosque infame a dous, ou trez cruzando
 Porque a segui-los mais não se aventuram:
 Já atinando, já desatinando,
 N'huns bosques param, que huns penhascos marcam;
 Onde as muitas feridas apalpando,
 Mal as apertam, ou sem mal as curam,
 Ormia lhe empresta a luz das luzes bellas,
 Que inda ali scintilavam como estrellas.

Si exceptuarmos este ultimo rasgo de galanteria Seiscentistica não é possivel pegar que este trecho está soberbamente descripto, e segundo as regras epicas; o Poeta mostra-nos primeiro os grandes grupos do mortecinio dos Turdetanos feito pelos soldados de Galba, e depois de haver commovido a nossa alma com aquelle desastroso successo, chama a nossa attenção para o seu heroe, e alguns companheiros seus, que luctam sós contra a traição, e se salvam á força de destemidez, e prudencia, agou-rando assim mudamente a vingança da patria, é assim que se chama o interesse sobre as figuras principaes do Drama Epico, e se reduzem á unidade os factos, que parecem desviados da acção principal do Poema.

Não reina menos viveza, e força de expressão no juramento de Veriato, sobre os cadaveres das victimas de Galba.

Vam-se ao segundo valle de amargura
 Pera que seu pesar se renovasse,
 Do qual não escapou viva creatura,
 Que o Tragico successo recitasse;
 Acha Veriato a já mortal figura
 De Baucio; não foi muito que se achasse,
 Nem pouco que inda fosse conhecido
 Corpo tão sanguinoso, e tão ferido.

“ Oh enganado, oh bem morto amigo,
 (Lhe dizia, e com elle se abraçava)
 ” Pois mais te confiaste do inimigo,
 ” Que deste amigo, que te aconselhava!
 ” Servir-me-ha de exemplar o teu castigo,
 ” Pois para meu aviso se guardava,
 ” E si eu as armas der, como as tu deste,
 ” A traição morra, como tu morreste. ”

Ajuda-lhe a fazer a sepultura,
 E com os trez amigos o põem nella,
 Esconde a terra toda a desventura,
 Si a terra, sendo tal, pôde esconde-la;
 O sangue, que com ella se mistura,
 Chamando fica por vingança della,
 E a verão muito perto do inimigo,
 Porque nunca ao traidor falta o castigo.

Já no terceiro luminoso valle
 Mortos sepultam os piedosos vivos,
 Pranto não pôde haver, que o seu iguale,
 A' vista de tão feros incentivos ;
 Lingua não ha, que seu tormento calle,
 Nem olhos, que não chorem compassivos,
 Nem mãos, que não enterrem quem estimam,
 Nem pés, que em sangue podre não se imprimam.

Como os mais, que deixavam sepultados
 Estavam todos nus, e acham vestidos
 Huns trinta, e tantos, foram logo olhados,
 E todos por Romanos conhecidos ;
 Da novidade os Lusos admirados.
 Pois mais que os nus acharam os feridos,
 Investigando a causa de seu damno
 Entre elles vem já ser morto Apimano.

Que, tomando aos contrarios huma espada,
 (Delles foi a façanha referida)
 Tão fortemente delle foi jogada,
 Que custou tantas vidas sua vida :
 „ Oh vida (diz Veriato) mal lograda,
 „ Comprada a sangue, e á traição vendida !
 „ Quanto importava que inda não morreras !
 „ Morreram todos, e só tu viveras !

„ De tua morte me mostrou a devaça
 „ Com trinta testemunhas a teus lados,
 „ Justo he que conclusa se me faça,
 „ Pera hir proceder contra os culpados ;
 „ Tincta será seu sangue, e penna a maça,
 „ Com que ham de ser á morte pronunciados,
 „ Pera emenda de tão infame excesso
 „ Pagando Roma as custas do processo. „

Esta Estança em termos Forences, e posta na bocca de Veriato, e o que é mais em semilhante circumstancia, não pôde deixar de parecer ridicula ! Mas no tempo do Author devia ser considerada como prova de grande espirito, porque estavam em moda estas maneiras de ex-

pressar tam estranhas ao bom senso, como á boa poesia.

» Hum castigo ouvirá com que estremeça
 » Em podendo alcançar os delinquentes,
 » Que lhe farei.... » Puchou, dando á cabeça,
 A barba, torce a bocca, e trinca os dentes :
 Acabada esta pratica, começa
 O juramento, que as antigas Gentes
 Faziam, para com mais confiança
 Solicitarem todos á vingança.

Ajuntaram-se todas as Donzellas,
 Que estavam mortas de crueis feridas,
 E cada qual, metendo os dedos nellas,
 Com ceremonias hoje não sabidas ;
 Reverente jurava por aquellas
 Almas já de seus corpos divididas,
 De vingar o infeliz sangue innocente,
 Ou cedo, ou tarde, na Romana Gente.

Feito por todos este juramento,
 Jura Veriato, e diz : « Pelas entranhas,
 » Que toco, renovando o sentimento,
 » Das minhas contra as molinas estranhas ;
 » Por este virgem corpo macilento,
 » Victima exposta ás Feras das montanhas,
 » Pela alma já d'elle despedida,
 » Pelo que padéceo em morte, ou vida.

» Juro que heide vingar nos aggressores
 » Tão infame traição, e aleivosia,
 » Solicitando os Patrios defensores
 » Contra toda a Romana Monarchia :
 » Por fomes, sedes, frios, e suores,
 » Sem descanso de noite, nem de dia,
 » Athe vêr dos Romanos o castigo,
 » Sendo-lhe sempre acerrimo inimigo.

» Si algum dia mudar de pensamento,
 » Ou affrouxar da furia vingativa,
 » Me abraze o Sol, me não refresque o Vento,

» Seja-me o Ceo cruél, a Terra esquiva:
 » Sobrem-me penas, falte-me o sustento,
 » A' traição morra, ou de infamia viva,
 » Juntos padeça todos estes damnos,
 » Si presto me não vingo dos Romanos.»

Disse com ira, e hoje com piedade
 Dos mortos sôlicita a sêpultura,
 A todos a fez dar com brevidade,
 Conduzindo a traidora dêsventura.

Este juramento de Veriato é tão célebre na antiga Historia da Península, quanto na Historia Romana o juramento de Bruto sobre o cadáver de Lucrecia; tendo na mão o punhal ensanguentado, que atrancará de seu peito. O discurso do Libertador de Roma é um dos mais fortes, e eloquentes, que sahiram da penha de ouro de Tito Livio.

Braz Garcia Mascarenhas, que, apesar do pertencer á Eschola Hespanhola, imita ás vezes os Italianos, costuma á maneira de Pulci, Bernardo Tasso, Malheus Boyardo, e Ariosto, abrir os seus Cantos com Prologos relativos aos assumptos, que nelles passa a tractar, porém aqui o Prologo do Canto VII. para dar aos Leitores um exemplo do seu modo de tractar estas materias:

A vingança he virtude, e he peccado;
 Peccado em quanto mal a executamos;
 Virtude em quanto só por zêlo honrado
 As affrontas dos Proximos vingamos;
 E tambem as que infiel, ou obstinado
 Herege faz a fé, que professamos,
 Por cuja confissão, sem voz fingida
 Temos obrigação de dar a vida.

No sentimento expressado na segunda parte desta Oitava transflora a doutrina dos Frades, e da inquisição: a ella se devem as perseguições religiosas, o extreminio dos Albigenes, o martírcio da Noite de S. Bartholomeo, as Draganadas, e tantas outras obras de fatalismo, que despovoaram, e ensanguentaram a terra! *Quem não crer co-*

mo nós, morra pelo fogo, ou pelo ferro; é necessario vingar as offensas de Deos. Bisqui o que ensinavam os que se diziam Sacerdotes de um Deos, que só prégou a paz, e fraternidade, e o perdão das injurias! Vingar as offensas de Deos! Pois o Omnipotente não tem força para isso? Necessita acaso do auxilio do homem? Ainda mais, em Deos não ha vingança, ha justiça; castiga os máos, premeia os bons, e não delega em ninguem a sua justiça, nem a sua misericordia: mas os Padres querem dominar tudo por meio da Religião, e consideram todos os, que se apartam dos seus dictames, como rebeldes a Deos, e ao Estado, que cumpre exterminar sem piedade; alguns governos tem tido a sinceridade de acredita-los, de conceberem temor, e prestar-se a vinga-los; foi erro, e mui grave; as consciencias devem ser livres, a diversidade das crenças não perturba a paz da sociedade quando não ha perseguições; neste genero só ha uma cousa que pôde comprometter o socego, e moral pública, isto é o *Atheismo*, e é este que os Governos devem cohibir, e castigar. Tem-se querido estabelecer como principio, que a unidade de crença é indispensavel para o socego do Estado, mas a experiencia mostra pelo contrario que a desidencia em opiniões religiosas, só é perigosa quando o Governo não tracta todos os cultos com perfeita imparcialidade. Em algumas partes da Alemanha os Padres Catholicos, e os Pastores Protestantes officiam ás vezes na mesma Igreja sem por isso haver entre elles rixas, ou desavenças, os Estados Unidos da America, onde todas as Religiões sam admittidas sem que o Governo reconheça nenhuma como Religião do Estado, desfructam a mesma tranquillidade. Estes argumentos practicos provam mais que todas as doutrinas intolerantes dos Jesuitas, que Braz Garcia Mascarenhas hebera em suas aulas, pois a Companhia havia monopolizado a instrução pública.

Perdoar as injurias, que nos tocam
 Muito na honra, he obra meritoria,
 Opiniões a vinga-las nos provocam,
 Porque he toda a opinião commum vangloria;
 Quantos descaños por trabalhos trocam,
 Notoriamente, es que sem notoria

Affronta, vingam seus pontinhos de honra,
Que ha hum genero de honra, que deshonra.

Honra a vingança quando justamente
Se toma em partes, que outros não affronta;
Que em tal parte a recebe o delinquente,
Que affronta mais a quem se desaffronta;
Hade fazer-se em parte conveniente,
E a culpa hade exceder, que pouco monta,
Sendo jogo de mãos tão arriscadas
Sabir delle com vazas empatadas.

Quer-se vingar o fraco do valente,
Que leva a desafio apadrinhado,
Escapa delle, e diz muito contente,
Levei-o a campo, estou desaffrontado.
Quanto fôra melhor a este innocente
Sem valor, não o haver desafiado!
Contra os Infieis sam bons os desafios,
Contra Christãos reliquia he de Gentios.

Quem bem se quer vingar não desafia
Porque he vingança muito mais honrada,
A que de rosto a rosto em claro dia
Se faz, seja, ou não seja inopinada,
Tal vingança machina a covardia,
Que he talvez dos Politicos louvada,
A que em guerra se toma só se inveja,
Que na paz pecca todo o que a deseja.

Que defina a justiça Justiniano,
Que os antigos apontam com balança,
E com mãos, e sem olhos o Thebano
Moralidade tem, que me não cança;
Porque a defino si me não engano,
He Justiça huma pública vingança
Da culpa, no culpado executada,
Depois que claramente está provada.

Provada está contra a Romana Gente
A traição, de que usou pôr dobre tracto,

Justiça hade pedir sangue innocente,
 Vêjamos que vingança faz Veriato ;
 Porque passando persurosamente
 A convocar o bellico apparatus,
 Por toda Lusitania descorria
 Publicando a traidora alcivosia.

Os discursos, que Braz Garcia Mascarenhas faz pronunciar aos seus heroes, sam de ordinario eloquentes, euergicos, persuasivos, e cheios de movimento, tal é o seguinte, que Veriato dirige em um Conselho de Guerra aos Commandantes dos Lusitanos, que tractavam de render-se a Vitelio que os havia apanhado em uma Cidade em que tinham hido procurar abrigo.

Veriato, que dellas não sabia,
 Que tudo a furto delle se tractava,
 Chegando a penetrar a covardia,
 A Conselho Geral presto chamava :
 « Não cuidei, Capitães, (elle dizia)
 » Que tão pouco valor acompanhava
 » Homens, que militaram tantos annos,
 » E que eu cuidava que heram Lusitanos.

» Não se contem por taes os sementidos,
 » Em que valor tão pouco se radica ;
 » Traidores sam, que tem os leaes vendidos,
 » Que he traidor quem traidores communica ;
 » Em pactos verdadeiros, ou fingidos,
 » Todo o que pede paz vencido fica,
 » Que he toda a paz damnosa a quem a pede,
 » Honrada, e proveitosa ao que a concede.

» Si Vitelio a pedira, duramente
 » Antes de estar vingado, a concedera ;
 » Quanto mais impetrarmo-la de Gente,
 » Que outra vez á traição no-la vendera ;
 » A poder resurgir tanto innocente,
 » Como em Cico morreo, que vos dissera ?
 » Que respondeis, alienados Lusos ?..
 » Mas que ham de responder homens confusos ?

» Perjuros! não guardaes o juramento,
 » Que fazeis da vingança promettida,
 » E quereis que vos guarde o fraudolento,
 » E covarde inimigo a paz fingida?
 » Desconfiais do vosso atrevimento,
 » E fiaes do inimigo a vossa vida?
 » Não vêdes, cegos, que hides entregar-vos
 » A' morte, onde cuidais que heis de salvar-vos?

» Si he que o temor da fome impertinente
 » Vos obriga a rogardes o inimigo,
 » Deixai que eu só governé toda a Gente,
 » Que toda a livrarei deste perigo,
 » A cumprir tal promessa brevemente
 » Esta Pessoa, esta cabeça obrigo,
 » Que si ella atbequi só vos regera,
 » Sangue Romano o Bethis envolvera.

» Si algum ha que se atreva ao promettido,
 » O primeiro serei que lhe obedeça,
 » Ou consintam que seja obedecido,
 » Ou desempenharei minha promessa.»
 Disse, deixando cada qual corrido
 Sem nenhum se atrever a ser cabeça
 De todos, porque já não querem cargo,
 Que traz consigo tão pesado encargo.

A parte militar é a mais bem tractada do Poema, as escaramuças, as ciladas, os ataques repentinos, as batalhas sam descriptas com muita viveza, força, e propriedade, como era de esperar de um homem, que despendera a melhor parte da sua vida fazendo a guerra como Soldado, e como Chefe com diversos paizes. Vêja-se no Canto VII. a derrota, e morte de Vitelio em uma emboscada junto á Serra Morena.

Entre Gualdaquivil, e Guadiana
 Buscando tambem vai Serra Morena,
 Tão Gigantada ao mar, que Centimana
 A braveza em mil braços desordena;
 Abraçando huma veiga larga, e plana

Que enverdeendo esta Ribeira amena,
 A quem se deve a entrada, e a sahida
 Em tudo o mais de penhas defendida.

Estás occulta ao Sol alta espessura
 Filha da pouca terra, em que a sustentam,
 Vestindo-as pelo estio de verdura
 Que Aves, e Feras só então frequentam ;
 Prescitas nascem da maior altura,
 As aguas, de que as plantas se alimentam,
 Cuja harmonia rouca, e sonora
 Retumba em toda a veiga deleitosa.

Chegado aqui o astuto Veriato,
 Manda emboscar em huma parte Eurilo,
 Em outra o Numantino Decorato,
 N'outras duas a Balno, e Vandermilo ;
 Na entrada estreita entre o espesso matto
 A Lusarco deixou com adverti-lo
 De tudo o que emportava, e a sahida
 Foi ao Velão Nardino repartida.

A Ormia, que a cavallo peleijava,
 Matando com a lança, e c'o semblante,
 E em Paz, e em guerra Eurilo acompanhava
 Manda que c'os cavallos passe ávante ;
 A mais inutil Gente os governava,
 Põem-se com elles Ormia bem distante,
 Ficam Maurioso com Briseo, e Albano
 Acompanhando o Marte Lusitano.

Apenas tudo prevenido tinha,
 Quando as Espias já lhe relatavam
 Como Vitelio presuroso vinha
 Cujas Escutas já no valle entravam ;
 Emboscam-se na brenha mais visinha
 D'onde toda a planice vigiavam,
 Entram nella as Espias sem cautella,
 E todas ficam satisfeitas della.

Os nossos antigos chamavam *Escutas* ao, que hoje em
 nossa linguagem militar se chama *guarda avançada*, ba-

tedores, e descobridores de campo. Advirto-o porque aquelle vocabulo em tal significação está hoje inteiramente fóra de uso, e por isso o maior número dos Leitores não poderia facilmente applicar-lhe o seu sentido genuino.

Vendo que nada em tudo se movia,
A fresca trilha dos cavallos seguem,
E visto quanto ávaute se estendia
O caminho arriscado não proseguem;
Volvem-se, e dizem como perto havia
Boas aguas, e sombra; que se cheguem
Seguros a goza-las sem recato,
Que longe vai marchando Veriato.

Já tinha o Sol, que na balança entrava,
As diurnas horas postas ouro em fio,
Cuja declinação contrapesava
O exhalado pó do ardente Estio;
Como honrado aos mais graves se chegava,
Como grosseiro enchia de fastio
Boccas, narizes, olhos, sobranceiras,
Nojo de rostos, e maisim de orelhas.

Parece que as mortallas prophetisa
Funestas porque a todos os branquea;
Sua Tragedia o Sol pallido avisa,
Mas não ha quem da morte avisos crêa,
Affronta o coração, sua a camisa
Com a calma, a que augmenta, e não recréa
O caloroso Vento, que os inflamma,
Soprando de Levante como a chamma.

Das aridas campinas molestados
Presurosos á Serra se avisinham,
Nas ignorantes guias confiados,
Que descrevendo o fresco valle vinham;
De gozar taes frescuras incitados,
Fugindo á calma sem parar caminham,
Athe que presto dam n'outras caudinas
Forcas, Tragicas mais que as Samnitinas.

Tão estreito hera o valle nesta entrada
 Que quatro emparelhados não cabiam,
 Por gozarem da sombra desejada
 Huns por cima dos outros a desciam;
 Contentes estam vendo os da cilada
 Como nella os contrarios se metiam,
 Sem que em tanto huma folha, ou dedo bulam,
 Sómiente os corações dentro lhe pulam.

Pintura fiel do sobresalto, que em semelhantes lances se apodera ainda dos soldados mais arrojados, e destemidos. O célebre Diniz de Mello, que tanto se distinguio na guerra com Castella pela sua braveza, apenas avistava o inimigo, sentia, diz o Author da sua vida, um estremecimento nervoso, que fazia com que os seus estribos tocassem nos dos cavalleiros, que estavam ao seu lado, aquelle estremecimento só se dessipava no momento de acometter.

Fazem alto os Cavallos na planice
 Sem freios vam tocando o verde prado,
 Pelos pés da espessura, e na fraguice
 Se encosta a infanteria a cada lado;
 Vitelio da gordura, e da velhice,
 Da calma, e do cansaço molestado,
 A quem mais annos mais repouso pedem,
 Vendo que as frescas sombras lho concedem.

Fraguice, parece ser vocabulo da invenção do Poeta, pelo menos inda o não encontrei em outro Author tanto de prosa como de verso.

Da Imperial Insignia se desvia,
 E no verde espaldar, que horrifava
 Hum queixoso Ribeiro, a que servia
 De Pavilhão o Bosque, se encostava;
 Maurino, que mui bem o conhecia,
 E encoberto entre as ramas o espreitava
 A Veriato apertava, que sabissem,
 E o matassem primeiro, que o sentissem.

Elle o reprende, e manda que se calle,
 Como aquelle que a Caça tem segura,
 Acabam de chegar ao fresco valle,
 Ignorando que he valle de amargura;
 Não ha nenhum que de outra cousa falle
 Si não de sua placida frescura:
 Todos a louvam, todos se recreám,
 Nas aguas, e nas sombras, que os rodeám.

Desarmados por ellas se deitavam,
 Que o visinho perigo não temiam,
 Huns nas correntes aguas se lavavam,
 Outros nos verdes pavilhões dormiam;
 Murmuravam aqui, ali cantavam,
 Brindavam acolá, além comiam;
 Desdita humana he que perto estejam,
 Da morte os Homens, e que não a vêjam.

Este alto de marcha é descripto com toda a exactidão,
 que era de esperar de um homem que muitas vezes ha-
 via assistido a estes espectaculos.

Veriato, que vê seu desatino,
 E as horas da vingança já chegadas,
 Sinal faz a Lusarco, e a Nardino,
 Que occupam com grande impeto as entradas;
 E logo com estrondo repentino
 Rebentam dentro os bosques ás ciladas,
 E como pedras do alto despedidas,
 Pulando vam sobre as Romanas vidas.

“Morrám, traidores!” vinham huns gritando,
 “Traições se vinguem!” outros respondiam
 “Aqui se pagam!” outros vem bradando,
 “Acabem Galbas!” outros lhes diziam;
 Todos, o vil traidor abominando,
 A cada golpe Galba repetiam,
 Que palavra não ha mais affrontosa,
 Que a de huma traição vil, e escandalosa.

Qual na fonte, em que bebe, deixa a vida,
 Qual do somno, em que dorme, não desperta,

Qual de seu sangue a mesa vê tingida,
 Qual, bebendo, a cabeça sente aberta;
 Qual se ergue, e torna a dar mortal cahida,
 Qual erguido co'as armas não acerta,
 Qual ao toma-las vê a mão cortada,
 Qual foge, e cahe de mortal lançada.

Tão de repente foi tudo assaltado,
 Que sómente o Questor por esquisita
 Vereda pobremente disfarçado
 Escapou pera mais sua desdita;
 Vitelio, mais que todos perturbado,
 Porque fugir não pôde, e não o imita,
 Por velho inutil ao temor rendido
 Cuida que escapará desconhecido.

As Insignias Pretorias já deixando,
 Entre alguns, que inda vivem, se mistura,
 A velhice da morte o vai livrando,
 Porque ninguem matar velhos procura;
 Vandermilo, que vai tudo estragando
 Por se não empachar com tal Figura
 Com fero golpe de pesada maça,
 Ignorando quem fosse, o despedaça.

Desta sorte acabou o que arrogante
 De triumphos ao Senado fez offerta,
 Sempre se reputou por ignorante
 O que promessas faz de cousa incerta;
 Com elle acaba todo o seu pugnante
 Exercito com toda a Gente experta
 Desmaiado procura achar sabida,
 E encontra a morte aonde busca a vida.

Que Lusarco, e Nardino vingativos,
 Sem deixarem passar vida Romana,
 Tapam com mortos o caminho aos vivos,
 Servindo-lhe de muro a carne humana;
 Escaparam sómente dous captivos
 Da morte, que atrevidos desengana,

Os quaes Veriato, sem que o merecessem,
Por vingança maior quiz que vivessem.

- „ Porque de tantos mil que aqui entrastes,
- Sorrindo-se, lhe diz, para os dous tristes,
- „ Não escapou algum, os dous ficastes
- „ Para dardes as novas do que vistes;
- „ Por Messageiros dellas vos salvastes;
- „ E o que não merecestes, adquiristes,
- „ Livres estaes deste mortal euredo,
- „ Que a vida, e liberdade vos concedo.

- „ Tomai o que vos digo na memoria,
- „ Si da Tragedia quereis ser Authores,
- „ Para Roma parti, que da victoria
- „ Vos faço a ambos meus Embaixadores;
- „ Entrados nessa Curia, ou nessa Escoria
- „ Em meu nome direis aos Senadores
- „ Que se inda os chamam lá Padres Conscriptos,
- „ Que cá os chamam já Padres Proscriptos. „

Curia, e Escoria, Padres Conscriptos, e Padres Proscriptos, sam jogos de palavras de muito mau gosto, desgraçado tributo pago pelo Author ás preoccupações do seu seculo.

- „ Já prescreveo entre elles a Justiça,
- „ Que o Ceo veio a fazer-nos delinquentes,
- „ Porque da terra cheia de injustiça
- „ O sangue lhe chamou dos Inocentes;
- „ Da traição, da soberba, e da cubiça
- „ De Galba, e seus Soldados insolentes,
- „ Que Roma consentio como traidora,
- „ Que o não consentiria si e não fêra.

- „ Está feito o castigo, que estaes vendo,
- „ Aqui se ham de seguir outros maiores,
- „ De cada qual prometto de hir fazendo
- „ Si os poder despachar, dous portadores;
- „ Podem-nos alcançar, parti correndo
- „ A informar de tudo os Senadores,

» E porque creiam

» Dizei que vô-lo

Não pôde negar-se o
que os pensamentos do
e elevados em si, mas
simular que me não c
engane, mas parece-m
prio de Rodamonte, o
roe Historico, e tão pr
tania, que ningtém a
Heroe de Romances. N
so porque a proporçã
um segredo que só t
um seculo: os mais p
nesta parte quasi sen
de menos, isto é, ou
mação.

Todos conhecem a
na, que, aprisionada
namorou della, e não
roussou; e ella, diss
esperou occasião favo
que o Romano jazia
cortou a cabeça, a e
apresenta-la a seu ma
se lhe fizera, e não qu
suicidou-se.

* Esta Lucrecia Lus
quanto a mim tão fabu
Tragico o nome de Or
Viriatas do Doutor Sam
lhe chama na Historia, s
zões, em que se funda
como o nosso Poeta refe
aproximando-a quanto p
este episodio aquelle, em
aos disparates do estylo d
vêr-se desta carta que Or

Esposo d'alma, tu
Posta em poder de

Desposada não he, he despojada
 Da honra; e do thesouro mais preciosa;
 Já de todos Esposa sou chamada
 De Silo, com quem Sila me desposa,
 Ladrando firme fui Esposa sua
 Do Corpo, sendo da alma Esposa tua.

O que não acabaram muitos dias
 Requebras, retenções, regalo, e rogo,
 Acabaram com baixas vilanias
 Forças, feridas, furia, ferro, e fogo,
 Como quem joga, perde, e tem porfias,
 No jugo jaço, julgo, juro, e jogo
 Jogo o Dado, que dado he sem reparo,
 Pico, peno, porfio, perco, e paro.

Dar braços a contrario que aborreço,
 Que desconsolação! que grande magoa!
 Enxugar sempre os olhos, que humedeço
 Que mar de desamar! que fonte d'agoa!
 Vêr o que engeito, e não o que appeteco,
 Que neve fria! que amorosa fragoa!
 Imaginar-me livre, e estar captiva,
 Que doce imaginar! que pena esquia!

Não me posso pintar como me sinto,
 Ai nobre sentimento! ai vil mudança!
 Pinta-me lá, qual eu de cá te pinto,
 Ai pintura mortal! ai cruel lembrança!
 Considera-me neste labyrintho,
 Oh Theseo, corre, vem tomar vingança,
 E si a matar-me vens, não venhas tarde,
 Que espero morrer presto. O Ceo te guarde!

Poderá alguém persuadir-se de que uma mulher nas circumstancias de Ormia escrevesse a seu marido neste gosto, e sobre semelhante objecto? Faz na verdade lastima vêr um homem tão rico de imaginação, com tanta abundancia de veia, empregar a força de Hercules nestes esforços ridiculos, nestes volteios de arlequim! Sam na verdade bem desgraçados os Seiscentistas nos assumptos

eroticos, em que parece que lhes é impossivel usar de sentimentos verdadeiros, e de expressão singela! A mania de alardear engenho, e espirito os faz resvalar na affectação pueril, em delirio, e na frivolidade conceituosa; sam como os presumidos de bem vestir, que, á força de exaggerar as modas, vem a transformar-se em bufoens, e a excitar o riso dos homens sisudos e comedidos!

Mas si a dama é delambida, e conceituosa no seu estylo epistolar, o galãa não é menos quintaessenciado, e freiratico na expressão das suas magoas, e dos seus pesares.

Qual Membro que do pau atormentado,
Logo não deixa obrar as Medicinas,
Por sangue não deitar, que está apartado,
Com a força das dores repentinas;
Negro o golpe se vê, como pasmado,
Athe que vem as lagrimas sanguinas,
Em tanta copia, que não ha veda-las
Por mais, e mais que queiram medica-las.

Tal Eurilo ficava em acabando
De lêr a Carta, cujo sentimento
Tão grande faz, que os olhos enxugando
Em que se dava o golpe do tormento,
Hum pouco esteve como vacillando,
Mas acodindo logo cento a cento
Lagrimas, que sem freio correr deixa,
Já humilde, já frenetico se queixa.

„Esposa d'alma, já do corpo esposa,
„Esposa alheia de honra despojada,
„Casta Lucrecia, que Tarquinio goza,
„Helena que hum traidor levou roubada;
„De Lusitania Grecia bellicosa,
„Curpentania será Troya abrazada,
„Soverta-se o Ilion como Ghomorra
„E morra Menelau, ou Paris morra.“

Eis aqui o que se chama um delirio historico, e tão historico que por elle se vê que o esposo de Ormia não

só conhecia os annaes de Troya, e da Grecia, mas havia lido a Biblia, pois sabia que Sodoma, e Ghomorra haviam sido sovertidas. E' natural que entre os Lusitanos não houvesse um homem mais douto!

- » Mas que blasono? ai triste! que imagino?
- » Que me resulta de ficar vingado?
- » Si a honra da Mulher he vidro fino,
- » Que não solda huma vez que foi quebrado?
- » Quebrado está o Espelho cristalino,
- » Já quem nelle si olhou si olha affrontado,
- » Roubando ao Sol de Europa o Touro Ausonio,
- » Que sem luz me deixou em Capricornio.

- » Ditoso aquelle, que não he ditoso,
- » Que grandé dita he nascer sem dita,
- » Porque aquelle que sobe a aventureoso,
- » Nunca vive seguro da desdita;
- » Sem grãa dita não he grã desditoso,
- » Pois pera o ser de ditas necessita,
- » Toda a desdita, toda a desventura,
- » Que tenho, me nasceo de ter ventura.

- » Nunca a tivera, nunca a Ormia vira,
- » Nunca no fatal Circo a defendera,
- » Nunca do Valle Tragico sahira,
- » Ali morrera então, e ella mórrera,
- » Que si a tão alto estado não subira,
- » A tão subida affronta não descera,
- » Mas posto que em a ter culpa não tive,
- » Vingue-se, ou morra quem sem honra vive.»

Parece-me que melhor não o faria Achillini, nem Jeronymo Cancer; o resto da narração, é alternada de bellezas, e defeitos de estylo, porém estes sam de um character um pouco differente como o Leitor o verá pelo seguimento.

Assim queixoso, assim desesperado,
 A vingar-se de Silo se prepara
 Que delicioso mais que acautelado,

Sem temor goza da Belleza rara ;
 Contrafeito prazer, amor forçado
 Pouco se encobre, presto se declara,
 Porque amor, odio, fumo, rico, e pobre
 Sam cinco cousas que ninguom encobre.

Pouco o odio encobrio Ormia affrontada,
 Muito se contrafaz em poucos dias,
 Fingindo-se de Silo namorada,
 Revestindo a tristeza de Alegrias :
 A vingança em seu peito imaginada
 Vai simulando, e desmentindo Espias,
 Sae a caçar com seu libidinoso,
 E mais que a morte aborrecido Esposo.

Persegue a Caça, finge-se perdida
 Nos bosques apartando-se de Silo,
 Por donde solitaria, si affligida
 Desabafa em chorar o amante Eurilo ;
 Depois que mostra dá de ser fugida
 Tarde a Silo se vem por diverti-lo,
 Confia-se em cuidar que muito o ama,
 Caçar a deixa, e fica-se na cama.

Volve alto dia, finge-se contente
 De fazer tanto a tempo a madrugada,
 Que já para a sabida obediente
 A guarda tem da porta, e pera a entrada ;
 Feito do feito a papel corrente,
 E conclusa a vingança destinada,
 Na cama prende mais que nunca odiosa
 Seu adultero lado cariciosa.

Estas disposições, e cautellas tomadas por Ormia para assegurar a sua fuga depois do assassinio, que promedita, e mesmo o modo porque as executa, são tirados da Historia de Judith, como acima disse; com a differença que a Viuva de Bethulia obtem de Holophernes seu amante licença para sahir, e entrar no acampamento, e na tenda com a sua creada debaixo do pretexto de hir adorar o Deos de Israel, e dirigir-lhe as suas orações, fóra do re-

einto onde habitam os incircumcisos; e Ormia alcança a mesma licença para hir caçar, o primeiro pretexto me parece mais natural, e yerosimil. Holophernes podia ser mui religioso, posto que não seguisse a lei de Moysés, e por isso não devia estranhar os escrupulos de consciencia de sua amante, conformes com o modo de sentir da nação Judia, a que ella pertencia, e cujos costumes elle conhecia tão bem, ou melhor que nós os dos Castelhanos; mas a Silo devia parecer muito estranha a paixão de sua mulher pelo exercicio de montear, phantasia, que não consta que em algum tempo atacasse as matronas Romanas, e posto que quizesse condescender com ella nisto attendendo a ser barbara, não é crível que consentisse que ella fosse á caça sem companhia.

Alta noite o recrea, e o disvella
 Pera que não desperte amanhecendo,
 Elle se alegra, ella se acautella,
 Grãa Caça, e madrugada promettendo;
 De Paphia apenas a amorosa Estrella
 Pelo horisonte vinha apparecendo,
 Quando da cama salta, e alto grito
 « Sella, enfréa! to Perra! to Bonita. »

Nesta Oitava, e algumas outras ha uma tinctura algum tanto burlesca, que me parece não convir em um acto tão atroz, como é uma mulher assassinar seu marido a falça fé, e de proposito deliberado.

Vigiava na alcova, em que dormia,
 Huma de Cêra lucida Atalaia
 E como que aviva-la mais queria
 Finge que a espevita, e a desmaia!
 Ao mal desperto Silo mal dizia
 Seu erro porque não achava a saia,
 De malha a veste, e cauta armas duplica,
 Finge que fóra vai, e dentro fica.

Queixar-se Ormia de que *não achava a saia*, me parece tão ridiculamente trivial pela idéa como pela expressão.

Donde com prompta orelha o resonante
 Silo, que apenas despertara escuta,
 Que quando a morte está menos distante,
 Mais longe a finge quem mais teme a lucta;
 A mudos passos vira a Bradamante
 Tanto quanto affrontada resoluta,
 Com agudo cotello á cama chega,
 E de hum golpe a cabeça a Silo cêga.

Não posso deixar de advertir que se perdeu em Ormia
 um grande executor da alta justiça, pois que por primei-
 ro ensaio decepou de um golpe a cabeça de um homem,
 cousa que muitas vezes não conseguem depois de muitos
 annos de exercicio os *Mestres das altas Obras* como lhe
 chamam os *Francezes*.

Com tal silencio o fez, e tanta preça
 Que nem da morte-o golpe foi sentido,
 No coxim mete a adultera cabeça
 Que para ella capaz tem prevenido;
 Outra vez a chamar os cães começa,
 E foi pelos criados respondido
 Que já presos os têm, tudo aviado,
 Porta aberta, e cavallo aparelhado.

Cavalga, e parte quando a manhã chega
 Pondo logo os Monteiros em desvio,
 Solicita as esporas, não socega,
 Passa de Guadarrama o porto frio,
 De Salamanca frigida Noruega
 Vê em dous dias o soberbo rio,
 Que então corria todo Lusitano,
 Si agora corre todo Castelhana.

Descança ali da fuga venturosa,
 Que passou, sem passar nenhum perigo,
 Vai dali a Augustobriga famosa,
 Augustobriga, que he Ciudad Rodrigo;
 A Almeida chega, Patria venturosa,
 Do Author Moderno Tito Lívio antigo,

Que foi quanto Politico invejado,
Em vida perseguido em morte honrado.

O Author parece referir-se aqui a Frey Bernardo de Brito, natural de Almeida, que como Historiador se parece muito com Tito Livio tanto pela elegancia, e força de estylo, como pelo gosto de contar fabulas como verdadeiras historias, e a quem com tanta justiça o excellente verso

Em vida perseguido, em morte honrado
se applica neste trecho.

A Colobriga passa, hoje chamada
Celorico a Leal, pela beldade,
Que a Sancho o molle nella foi guardada
Quando em sua maior calamidade,
Ladeando a Serra chega á desejada
Aufragia, que com gran celebridade
Festeja os matrimonios consumados
De seis semanas inda festejados.

Não acha Eurilo porque já partira
Com seis mil lanças para Egiditania
Vai um Correio a dete-lo, e vira
Parte Albano a assolar a Carpentania;
Em quanto tarda Menelau, suspira
A nova Helena volta de Dardania,
O vulgo a applaude, e a louva cada hora,
Festejam-na os Parentes, e ella chora.

Quantas mais festas vê, mais penas passa,
Que as alegriãs dobram seus tormentos,
Foge dos Espectaculos da Praça,
Retira-se aos mais tristes aposentos;
Não ha nenhum prazer, que a satisfaça,
Por mais que as Primas todos os momentos
A querem divertir, porque advertida
A tem a honra a dar por ella a vida.

Entrando vam Balaro, e Vandermilo,
Cujas consolações não admittia,

Acompanhando o lastimado Eurilo,
 Que a vai a abraçar, e ella o retira;
 Desculpa-se por tão honrado estylo
 Que a todos move a Piedade, e Ira,
 Contando largamente o que passara
 Athe o instante, em que ali chegara.

Este desviar Ormia o esposo, a quem involuntariamente offendera é um rasgo sublime, e proprio da situação.

Só lhe callou a morte do inimigo
 Athe que o coxim negro desfechando,
 Dentre o Sal, que he remate do castigo
 Que se dá por delicto memorando,
 Terá a cabeça, que inda traz consigo,
 Exemplo rigoroso a todos dando,
 E com o natural painel da morte
 Suspenso a Eurilo falla desta sorte:

« Este penhor da minha castidade
 » Te venho apresentar, amado Esposo,
 » Si Esposa fui de pouca honestidade,
 » Força a reñdeo, que não gosto alcivoso;
 » Nunca te adulterou minha vontade,
 » Si adultero traidor libidinoso
 » Te offendeu, me affrontou levando a palma;
 » Mancha he do corpo, que não toca n'alma.

« Quiz tua boa fortuna, que o matasse,
 » Minha honra vingando, e teu respeito,
 » Porque si pôde haver quem te affrontasse,
 » Não haja quem se gabe de o ter feito;
 » Si imaginas que o fiz porque corasse
 « Comtigo por tal feito meu defeito,
 » Aqui verás que a mim propria homicida
 » Pela honra salvar desprezo a vida.»

Disse; metendo a mão a hum diamantino,
 E secreto punhal, que esconde em breve
 Quatro vezes no peito alabastrino,
 De rubis matisando a branca neve;

Que o braço varonil tão repentino
 Foi que já quando Eurilo lho deteve
 Privada tinha a Tragica agonia
 De vida a Ormia, a todos de alegria.

Tal é a Historia de Ormia, ou Osmia da maneira que Braz Garcia Mascarenhas julgou dever inseri-la no seu Veriato Tragico.

Em todo o tempo foi permittido aos Poetas Epicos atterar os factos historicos, ajuntando-lhe ornamentos e circumstancias de sua invenção para os tornar mais interessantes, e dar-lhe aquelle ar maravilhoso, que a poesia demanda para que produzam effeito no animo dos Leitores. Assim o praticou Homero com a Guerra de Troya, cujos successos se passaram de uma maneira mui diversa do que elle os descreve na sua Iliada, segundo o parecer de alguns Authores antigos, e entre elles Dion Chrysostomo, Cointo de Smyrna, mais conhecido pelo nome de Quinto Calabrez, nos seus *Paralipponos*, ou continuação da Iliada, que por isso chamam *Pequena Iliada*, e Tasso no seu Goffredo, em que ha innumeraveis cousas narradas de modo muito differente, do que se acham nas differentes Historias, que tractam das cruzadas; sam pois permittidas, e até louvadas estas liberdades debaixo da condição porém de que com ellas se produza maior effeito.

Mas poderá dizer-se que esta regra se acha observada nas alterações feitas por Braz Garcia Mascarenhas na legenda de Ormia? Torna-la-hão ellas mais poetica, e mais interessante? Parece-me que não, e que pelo contrario destroem o interesse; que devia excitar.

Ormia, esposa de um Chefe Lusitano, prisioneira dos Romanos, violada por um Pretor, e vingando com a morte deste a affronta feita a seu marido, apresenta-se com toda a grandeza poetica, que a Epopeia demanda: a morte dada por ella ao seu violador é um rasgo verdadeiramente heroico; admira-se a sua lealdade, e amor conjugal, o seu denodo, e virtude, e a sua desventura nos promove lagrimas!

Mas tudo muda de figura quando contemplamos Ormia debaixo do ponto de vista, em que a mostra Braz Garcia Mascarenhas! Simples amante de um Lusitano, e casada

com um Romano, violentamente pouco importa; é esposa, e obrigada a cumprir os deveres de esposa; as suas lembranças do antigo amante tornam-se verdadeiro adulterio pelo menos de intenção; as suas caricias, e affectado amor a seu esposo para alcançar a liberdade de hir á caça, e poder fugir, que nome, ou qualificação podem ter si não de perfidia horrivel, e contraria a toda a moralidade, e sentimentos generosos? finalmente o assassinio de seu marido é uma atrocidade, e traição imperdoavel, e por isso o seu snieidio, longe de se tornar pathetico, se torna, um justo castigo do seu crime. Não seria então melhor haver seguido a tradicção, contentando-se com expressa-la vigorosa, e poeticamente?

O Poeta, fiel ao seu systema de variar, e harmonisar o seu assumpto por meio de episodios de differente caracter, nos apresenta no Canto XIII. a historia de Lisbella, que, para un r-se com o seu amante, entrega aos inimigos o Castello encommendado á guarda de seu Tio.

Pelo Turdolo Curio se abrazava
Lisbella porque delle recebera
Nas festas muitos premios, que ganhava,
E todos mui cortez lhe offercera;
O coração por elles lhe deixava
Sem que, passando Inverno, ou Primavera,
Aguardava occasião de poder vê-lo,
Desprezando as riquezas de Metello.

Alegra-se dos damnos recebidos,
O Castello deseja vêr cercado,
Que não repara em vêr seus bens perdidos
Por vêr o amante tanto della amado;
Curio, a quem fôra o sitio concedido,
Em quanto se abrazava o Principado
De Catalunha, que inda então ignora
O nome, e raya, que o deve agora.

Mais que a Phalange, a que elle rege, pede
A que Apuleo, amigo seu, regia,
E Veriato sómente lha concede,
Por em quanto além do Ebro descoria;

Cerca por onde o rio não lho impede,
 O Castello, que cerca a noite, e o dia,
 Sobre huma celsa Torre, em que Lishella
 Qual Sol abraza, brilha como Estrella.

Posto que a penha, e muros mais distantes,
 Os tem do que quizeram, se conhecem,
 Que sam todos os olhos dos amantes
 Lynces em penetrar o que appetecem ;
 Feitas linguas as mãos dos palpitantes
 Corações dam signal do que padecem,
 Pagens suspiros pelos ares dançam,
 Vam huns, vem outros, de hir, e vir não cançam.

Estes suspiros, que sam pagens, e que dançam pelos ares, hindo, e vindo, poderiam parecer bem em uma composição jocoseria, mas em um Poema Heroico formam um completo disparate, ou eu me engano muito.

Esphero que Veriato vê partido;
 E por terra o Castello bem cercado,
 Certo de que ser pôde soccorrido
 Por agua, si se vir necessitado;
 Zombando está de Curio, inadvertido
 Da causa, que o detem, mais elevado
 Na formosura, que tem sempre á vista,
 Que cuidadoso da marcial Conquista.

Bem cercado, que se lê no segundo verso desta Oitava não quer aqui dizer, *sitiado*, como geralmente se entende este vocabulo, porque seria um contrasenso, mas rodeado de uma boa cerca, ou muralha, e por isso seguro do inimigo, muito mais podendo a guarnição ser soccorrida por agua. Tenho para mim que o Poeta neste lugar devia empregar outro termo para não causar equivocação no Leitor, visto que quem escreve deve attender sempre á clareza, que é a primeira virtude do bom escriptor.

Apuleo, esforçado Cavalleiro,
 Que inda isempto do fero Amor vivia,
 Vendo tão divertido o companheiro,

As defensas, e offensas prevenia;
 Esphero, por astuto, e por guerreiro
 O vér, que hera Balaro presumia;
 Porque não heram mui dessimilhanes
 Nos corpos, e nas armas rutilantes.

Por hum de Alexia Belgico Trombeta
 Lhe manda perguntar si hera Balaro?
 Responde-lhe que sim, e que acommetta
 Só, ou com todos, si o quer vér bem claro;
 Por vingar a Metello se inquieta,
 Esphero, mal soffrendo que tão caro
 Esforçado, e perfeito Cavalleiro
 Vencido fosse, quando venturoiro.

Manda logo pedir campo seguro,
 E a singular batalha desafia,
 Presto se apartam do penhasco, e muro,
 Desce a occupar o rio a Infanteria;
 Lisbella, que presaga do futuro,
 O Tio mais que a morte aborrecia,
 Em quanto elle orgulhoso se aparelha,
 Com hum captivo Celta se aconselha.

Este, que já por velho solto andava,
 E hera de trinta presos despenseiro,
 Que a todos os soltasse aconselhava
 Em se sahindo o Tio, e Carcereiro;
 Que armar fizesse as guardas, que deixava
 No Castello, e sahir presto a terreiro,
 Porque, depois que lá todos se achassem,
 Os Captivos as portas lhe fechassem.

Athe vér.o que a Esphero succedia,
 Porque a ficar lá morto hia arriscado,
 Lisbella, a que o conselho parecia
 Por conforme aos desejos acertado,
 Simulando prazer certo dizia
 Aonde o Tio estava todo armado,
 E fingindo da empreza dissuadi-lo,
 Com lagrimas imita o Crocodilo.

Assim lhe diz: «Partis sem me abraçardes?
 » Onde hides, meu Senhor, meu Pai, meu Tio?
 » Não vos compadeceis de me deixardes
 » Accrescentando as aguas deste Rio?
 » Causa não tereis já para accusardes
 » Com crédito este honrado desafio,
 » Não para assim vos hirdes, á coitada
 » Sem me abraçardes, sem dizerdes nada.»

Abraçando-a (lhe diz) «Não te entristeças
 » Filha, e sobrinha, a quem eu muito estimo,
 » Nem as diurnas Estrellas humedeças
 » Por quem, partindo as lagrimas reprimo,
 » Ao desafio vou porque conheças
 » Quanto te quero que a vingar me animo,
 » A Metello nas festas affrontado,
 » Que hade ser teu Marido, e meu Cunhado.»

Partindo diz. Finge ella que desmaia,
 E perde na partida todo o brio,
 Accodem-lhe os que deixa em atalaia
 O Tio, em quanto dura o desafio;
 E, como que em si torna, grita saia,
 «Saia quem fôr honrado com meu Tio,
 » Não fique hum só Soldado no Castello,
 » Que eu sómente me obrigo a defende-lo.»

Partem-se os Homens, e as Mulheres ficam,
 Vêja-se aqui quaes ficam as Mulheres,
 Pois sentindo huma cousa, outra publicam
 Prazeres buscam, fogem desprazeres;
 Astrologas os damnos pronosticam,
 E Letradas dam falsos pareceres,
 Bem se vê nas de então, e nas de agora
 Que engana a Mulher mais quando mais chora.

Lisbella o diga, pois no mesmo instante
 Que se vio só, trocando o pranto em riso
 Fecha animosa a porta estrepitante,
 Abre aos captivos, que estam já de ayiso;
 Sobre á muralha d'onde vê o amante

Que aos dous campeões franquea o campo liso,
 Em que tocar depois manda as trombelas,
 Partindo a encontrar-se como settas.

Do fero encontro ambos dando em terra,
 Depois das lanças feitas em pedaços,
 Erguido cada qual da espada afferra,
 O Escudo aperta, e assegura os passos;
 Igual valor nos dous peitos se encerra,
 Cada qual move os valerosos braços,
 Com destreza tão forte, e repentina,
 Que a seu feroz contrario desatina.

Lisbella, que do alto considera
 Entre os dous a batalha duvidosa,
 Pelos successos della não espera,
 Que qualquer esperança he mui penosa;
 Subir manda os captivos, a quem dera
 Liberdade á muralha penhascosa,
 Das quaes altas bandeiras precipitam,
 E Lusitania! Lusitania! gritam.

Viram todos os rostos á muralha,
 Em que Lisbella arvora por bandeira
 Sobre hum comprido pique huma toalha,
 Que nos ares fluctua lisongeira;
 Turbado foge Esphero da batalha,
 Seguido da sua Gente, que ligeira
 A porta sobe do Castello forte,
 Achando, aonde busca a vida, e morte.

Que os Captivos do muro o descalabram,
 Chamando aos Lusitanos que os soccorrem,
 Os de baixo lhe gritam abram, abram,
 Os do alto respondem morram, morram;
 Quantas armas ajuntam limpam, labram,
 Christãos contra Christãos sem que discorram
 Que talvez contra si lhe dam os fios
 Como succede agora a estes Gentios.

Esta comparação além de deslocada um pouco, está confusamente expressa, e mui difficil será que á primeira vista se comprehenda o que o Author quiz dizer.

Com as armas, que tinham sobre o muro
Para só defender, sam offendidos ;
Curio, deixando o Istimo bem seguro
Com mil Soldados todos escolhidos,
Acommette o penhasco aspero, e duro,
Porque os contrarios vam mal divididos,
Largando as armas, e perdendo o brio;
Começando a nadar no caudal Rio.

Como visinhos nelle exercitados
Passam todos sem barco, nem jangada,
Que em naufragios, e vãos mui arriscados
Nada val, nada sabe, o que não nada ;
Em quanto Esphero maldizendo os fados
A' Sobrinha, e captivos com a espada,
Que passara na bocca, vai fugindo
De brenha em brenha, qual Leão, bramindo.

A' porta do Castello Curio chega,
E nelle de Lisbella é admittido,
Entrega-lhe o thesouro, e se lhe entrega
Livre do Tio, Escrava do querido ;
Daquella magoada, desta cega,
O sangue vende por comprar Marido ;
Que não dará por elle huma Donzella,
Si tanto deu pelo alcançar Lisbella.

Esta reflexão do Poeta é em parte justa ; não ha nada que a mulher não empheenda, que não sacrifique para alcançar um marido ; porém é tal a sua volubilidade, e inconstancia natural, que não tardará muito que não faça iguaes sacrificios, e não sacrifique esse marido já tão desejado, para alcançar um amante, que em breve será tambem sacrificado a outro, não porque tenha mais merecimento, mas por ser mais rico, porque a avareza predomina taato nas mulheres como a sensualidade. De quantos crimes, de quantas desgraças não tem sido causa estas

duas paixões dominantes do sexo fememino? O incendio de Troya, o assassinato de Agamemnon, a morte de Hypolito, a prisão de Joseph; que causa tiveram sinão o furor libidinoso de Helena, Clitemnestra, Phedra, e a mulher de Putifar? A avareza de Tarpeia entregou o Capitolio aos Sabinos, a de Dalila produziu o captiveiro de Sansão, quantas vezes o segredo do Estado não tem sido vendido pelas validas dos Reis, e dos Ministros corrompidas pelo ouro dos seus inimigos? Quantos maridos não tem sido vilmente atraçoados por dadivas de adulteros? Porque, salvas honrosas excepções, toda a virtude, e honestidade fememil tem seu preço, e quem póde acertar com elle, está seguro de não perder o seu trabalho. A especie de culto dado ás mulheres pelos preconceitos dos barbaros do Norte, e a galantaria cavalheiresca lhe tem grangeado na sociedade moderna, uma liberdade, e influencia, que tem sido mui prejudicial para a moralidade, e paz das familias. Ellas sam como certos animaes, que só adquirem meia domesticidade, porque o seu instinto malfazejo é cohibido pelo medo, e não pelo bom tractamento; como os gatos, que nunca se abstem de arranhar, e morder o dono, mesmo na occasião, em que mais o festejam. Tirai uma mulher da miseria, cumulai-a de beneficios, e cercai-a de attenções melindrosas, e tereis deparado com o caminho mais breve para elle vos desprezar, e trahir.

Não sei si este episodio é factio historico, ou pura invenção do Poeta; mas é certo que a Historia fornece bastantes acontecimentos semelhantes, e que é verosimil, e fundado no character fememino tão bem desenhado pelo Author na Estança LXXXII. deste mesmo Canto XIII.

A morte de Veriato, solução natural do Poema deparase no Canto XX., e si nesta scena o Poeta deixa alguma cousa a desejar, não se mostrou por isso inferior ao assumpto, que tractava.

De Clicie o bello ingrato se apartava
Do Bruto grato á bella Adulterina,
E o carro, que as Irmãas em pranto lava,
Aos infantes Irmãos Pyrois inclina;
Do Mundo a quinta idade caducava,
E Veriato de quinto já declina,

Quando a ultima vez por triste caso,
O Crepusculo viu cerrar no Occaso.

Cerra-se a Noite, cheia de portentos
Com tempestade tanto estrepitante,
Que em batalha cruel os Elementos
Mostrar-se querem a qual mais possante;
Combatem-se agua, terra, fogo, e ventos,
Baralhando sua ira repugnante,
Disparando entre Éolo, e Neptuno
Do Tonante os canhões, caixas de Juno.

No cégo horror, nos varios estampidos
De guerra tão confusa, e repentina,
Desatinados todos os sentidos,
Só o quinto no tecto errando atina,
Pavorosos, e tristes alaridos,
Como de casa, que arde, ou se arruina,
O ruidoso estupor accrescentavam,
E os corações mais fortes desmaiavam.

Sae da tenda Veriato bem armado
Porque em noites ruins mais cuidadoso
Vegia o bom Pastor o manso gado,
Procura o bom amante ser ditoso;
Véla o fructo da Quinta o bom Criado,
Guarda o bom Militante o pesto honroso,
Amaina o bom Piloto as pandas vellas,
Renda o bom Capitão as sentinellas.

A breve luz de raios atinando,
De posto em posto vai rondando as postas,
Reprehendendo as remissas, e louvando.
O brio das que achava mais bem postas;
E depois da tormenta hir applicando,
E de ter as vigias bem compostas,
Por já deixarem vêr nuvens errantes,
Na Terra montes, e no Ceo diamantes.

Se retira, observando mil figuras,
Que Tragicas em nuvens sanguinosas

Com disformes, e horrendas estaturas
 Dam pelos ares vozes espantosas:
 Nocturnas Aves d'entre as mais escuras
 Cavernas lhe gemiam temerosas,
 E os agouzeiros cães tristes uivando,
 Lhe vam fugindo, quando vai passando.

De nada se perturba, nem se inflamma,
 Aquelle coração nunca turbado,
 Entra na Tenda, faz da terra cama,
 Que este hera o seu colção mais regalado;
 E do escudo almofada, que mais ama,
 Sómente da cabeça desarmado,
 Se encosta já no quarto de modorra,
 Porque outra vez no d'alva as postas corra.

Parece que os antigos davam grande apreço a estes costumes de um General dormir vestido sobre a terra em sua barraca, ou entre as sentinellas, marchar a pé á frente dos seus, ou junto ás bandeiras, resistir á sede, etc. Silio Italico no seu Poema de *Bello Punico*, pintando o character de Annibal explica-se desta maneira.

*Hæ post quam Tyrio Gentes cessere Tyranno,
 Ut que dati rerum fræni, nuuc arte paterna
 Conciliare viros, armis consulta Senatus
 Vertere nunc donjs : primus sumpsisse labores,
 Primus iter carpsisse pedes, partem que subire,
 Si valli festinet opus; ne cetera segnjs,
 Quæcumque ad laudem stimulant, somnum que nagabat
 Naturæ, noctemque vigil ducebat in armjs :
 Interdum projectus humi, turbæque Lsbyssæ
 Insignis sagulo duris certare manipulis.
 Celsus at in magno præcedens agmine ductor,
 Imperium præferre suum, tum vertice nudo
 Excipere insanos imbres, cælique ruinas,
 Spectarunt Pæni, tremuit exercitus Astur,
 Torquentem cum tela Jovem, permista que nunbis
 Falmina, et excussos ventorum flatibus ignes,
 Turbato transiret Equo, nunc pulvere fessum
 Agminis ardenti labefecit Syrius astro.*

LIB. I.

Tudo os Traidores notam de mui perto,
 E o somno aguardam, que os sentidos priva,
 Que não vive o leal (proverbio he certo)
 Mais que em quanto o Traidor quer que elle viva;
 Certo cuidam que tem o premio incerto,
 E animados, com tal expectativa,
 Na Tenda, que a taes horas frequentaram,
 Entrando vam, oh! nunca nella entraram!

Como Ladrão, que entrando em casa alhêa,
 Leve assegura o passo cauteloso;
 Como amante, que timido passêa,
 Quando chega a fazer furto amoroso;
 Ou como Gato quando se recêa
 Que se lhe escape o Rato bolicoso,
 Vam pela Tenda os trez mais vigilantes,
 E cautos que Ladrões, Gatos, e Amantes.

Confusa luz sómente vigiava
 Já quasi extincta, o Héroe somnulento,
 E só da força, com que respirava,
 Estremecia o Terno fraudolento;
 Algum sonho cruel o atribulava,
 Porque tremendo, e reprimindo o alento,
 Dava a entender na fórma, em que gemia,
 Que queria gritar, e não pedia.

Só de o vêrem bolir desanimados,
 Os trez covardes se hiam já sabindo
 Mas, vendo-o socegar, mais socegados
 Acabam de entender que está dormindo;
 E posto que já vem deliberados,
 Quasi estão do mau feito desistindo,
 Que nenhum ousa de investir primeiro
 A tão raro, e fortissimo Guerreiro.

Só tu, cégo Rapaz, pera mór magoa
 Rapazia tão vil executaste,
 Que derramado tens mais sangue que agoa,
 E nunca de agoa, e sangue te fartaste;
 Mal se tempera o ferro em tua fragoa,

Pois que nunca por elle te lograste,
 Presto verás que tarde se arrepende
 Quem, por te defender, com ferro offende.

Si o Author tivesse o gosto mais apurado, conheceria quanto estas reflexões, e o estylo desta Oitava ficavam mal collocadas em situação tão terrivel! E' preciso que o espirito seja um dom bem funesto para um homem de letras, pois o faz cahir em semelhantes disparates, e desconhecer assim as regras do decoro.

Aulaces por amor de Messalina,
 Que em presentes idéas o animava,
 Tira de huma catana larga, e fina,
 Que pera tal effeito agudo estava;
 E, como espiga, sega repentina
 A cabeça, que Hespanha sustentava,
 E que aspirava a ser muito de preça
 De toda Europa singular cabeça.

Oh golpe horrendo! oh barbaros traidores!
 Oh Mundo vil, em que tuas glorias param!
 Contra quem tantos Consules, Pretores,
 Exercitos, Legiões em vam se armaram,
 Contra quem tantos bellicos furores,
 E tantas Nações juntas nada obraram,
 Obrou o golpe de hum Traidor de modo,
 Que elle só póde mais que o Mundo todo.

Olhai-vos bem, Monarchas, neste Espelho,
 Que nenhum por affavel, por possante,
 Por liberal, prudente, moço, ou velho,
 Seguro está de golpe semelhante;
 Foi o terdes boa guarda bom conselho,
 Quem se fia em bemquisto he ignorante,
 Que em fim por experiencia temos visto
 Que o que faz mais justiça he mais malquisto.

Fundava-se Veriato em ser amado,
 E nunca tanto o foi algum Guerreiro,
 Mas por não ser dos Naturaes guardado

Veio a morrer ás mãos de hum Estrangeiro ;
 Sendo feroz Leão, foi degolado
 Como si fôra timido Cordeiro ;
 Sobre seu proprio escudo, oh morte triste !
 Mas oh ditoso tu, que a não sentiste !

Diremos alguma cousa sobre duas reflexões, que o Poeta faz nesta Estança : a primeira é que Veriato fôra morto por um estrangeiro, porque se não fizera guardar pelos seus ! Nisto parece que teve em vista censurar o costume, que então tinham os Reis, e Principes da Europa, de confiarem a guarda de sua pessoa a companhias Tudescas, ou Suissas, e ás vezes Escocezas ; julgavam sem dúvida que esses aventureiros lhe seriam mais fieis do que os seus, no meio dos quaes haviam nascido, e vivido sempre ! E esta opinião era um gravissimo erro, que ainda hoje não está de todo corregido.

A segunda é que Veriato fôra feliz em não sentir a morte, porque o assassinaram dormindo, e porque fôra degolado ; quanto á primeira tenho por mui problematico, por não dizer impossivel, que o homem, que matam dormindo sinta menos a dôr horrivel da sua desorganisação ; quanto á segunda, si é verdadeira a opinião de alguns Medicos modernos que affirmam que, cortada a cabeça a sensação continua por algum tempo a ser levada ao cerebro, e este continua nas suas funcções, força é conceder que a morte de um degolado deve ser uma das mais horriveis, e espantosas.

Dobremos folha aqui ; vamos seguindo
 Os trez Covardès porque já caminham,
 Que com o nome as postas desmentindo,
 Chegaram onde seus Cavallos tinham ;
 E sobre elles, a mais correr fugindo,
 Vôam cuidando que seguindo-os vinham,
 Que com o medo pecca de advertido
 Sempre o Covarde, ainda que he seguido.

Chegados a Scipião, grande alegria
 Tal nova em todo o Exército causava,
 Todos applaudem, elle só fingia

Que de tal feito, e modo lhe pesava ;
 Com differente rosto os recebia,
 Desabrido, pesado se mostrava,
 Por não mostrar-se cúmplice no feito,
 Que todo o medo lhe tirou do peito.

Ama-se a traição, e despreza-se o traidor, é um antigo axioma de politica corrompida, que tem por bons todos os meios quando se consigam os fins. O Senado Romano fez muitas vezes uso destes meios detestaveis, punindo depois, para justificar-se aquelles, que se lhe haviam vendido. Isto era juntar nova infamia á primeira. O homem de bem nunca deve servir-se de traição como meio governativo. A moral está sempre primeiro que tudo, aquelle que se presta a servir de instrumento de um crime merece a execração, e o desprezo de todos os, que professam sentimentos de virtude, mas quem se serve delie é igualmente culpado, e se lhe falta com a recompensa, se o pune, em vez de justificar-se, deve ser considerado como mais infame, e mais malvado do que o seu agente.

O Padre Antonio dos Reis no seu *Enthusiasmo Poetico*, menciona por este modo o Poema de Braz Garcia Mascarenhas.

Viriatum laudibus effert

Blasius, at que gemens percuntis fata, dolentes

Imbre rigat vultus, et tristi carmine duras

In planctum silices cogit.

CAPITULO III.

Manoel de Galhegos.

Entre os Alumnos da Eschola Hespanhola, um dos que menos se deixaram levar dos brilhantes falsos, e conceituosas argucias do seu estylo, foi sem dúvida Manoel de Galhegos, que lhe preferio a simplicidade de expressão, e a clareza dos seus antecessores da Eschola Italiana, bem que não podesse totalmente eximir-se da influencia do espirito do seculo; merece porém grande louvor por haver-se quasi sempre contido nos lemites do estylo florido, fugindo de descahir nos desvarios, e affectações, de que os seus contemporaneos todos os dias lhe offerecem o exemplo, e que os Leitores tão prodigamente applaudiam.

Manoel de Galhegos nasceo em Lisboa no anno de 1597. Foram seus Pais Simão Rodrigues Galhegos, e sua mulher Garcia Mendes Morato, que tiveram todo o cuidado de dar-lhe uma educação esmerada, e liberal, de que elle soube aproveitar-se bem, como o testeficam os poucos escriptos, que delle conservamos: não nos consta porém se na sua mocidade seguio a carreira das armas, ou das letras, se viveo de suas proprias rendas, se exerceo o commercio, ou servio algum emprego público. Tão pouco cuidado tiveram sempre os nossos patricios em transmitir á posteridade as noticias daquelles, que honraram a patria com seu saber; o Abbade Barbosa Machado na sua Bibliotheca guarda silencio a este respeito, apezar de que no tempo em que escreveo lhe não seria difficultoso, se nisso se empenhasse, obter noticia destas particularidades.

Sabemos sómente que contrahio matrimonio com Luiza Freyre Pacheco, de quem teve descendencia, e que havendo fallecido sua esposa, elle se conservou alguns an-

nos no estado de viuvo, e que ou por sentir muito aquella perda; ou por não ter achado com sua mulher a ventura, que esperava, longe de cuidar em passar a novas nupcias, se resolvera a entrar no estado Ecclesiastico, ordenando-se de Presbytero.

Ha muita probabilidade de que fosse bem acceito ao Duque de Bragança, e que entrasse no seu serviço, talvez na qualidade de Capellão, ou Preceptor de seus filhos. Isto porém não passa de uma conjectura verosimil, e de que não temos certeza alguma. Está porém averiguado que este Poeta terminou sua carreira nesta capital em 9 de Junho de 1665, com sessenta, e oito annos de idade, e que fôra sepultado na Parrochial Igreja de S. Lourenço.

Manoel de Galhegos foi muito instruido nas letras humanas, tendo grande conhecimento das linguas Grega, e Latina, assim como da Italiana, e Hespanhola, que fallava, e escrevia com grande perfeição, e elegancia como testefica o seu Poema da Gigantomachia.

O seu discurso preliminar, que acompanha a terceira edicção da Ulyssea de Gabriel Pereira de Castro, é prova evidente de quanto elle havia estudado a Poetica de Aristoteles, e os commentarios, e annotações dos seus mais affamados expositores, e de quanto lhe era familiar a leitura dos Poetas Gregos.

A linguagem de Manoel de Galhegos é em geral pura, e harmoniosa, a sua expressão animada, e muitas vezes pictoresca, o seu estylo poetico, e a sua versificação corrente, e sonora: a estas prendas ajunta o Poeta imaginação rica, e fecunda, bastante erudicção, e originalidade. E' de crêr que si tivesse tractado assumptos mais interessantes, ou si pelo menos se houvesse conservado a sua collecção de poesias lyricas, gozaria hoje de mais reputação do que a maior parte dos seus contemporaneos: mas desgraçadamente para elle, e para a gloria do Parnasso Portuguez, das muito numerosas poesias lyricas, que sahiam da sua fecunda penna, sómente se conserva a Canção que endereçou a Gabriel Pereira de Castro, sobre a sua Ulyssea, e que se lê na terceira edição deste Poema, a qual passo a transcrever para que os Leitores possam por ella fazer alguma idéa do seu merecimento neste genero de composição.

CANÇÃO.

Quano Marte cançado
 Pendura o forte escudo, arrima a lança,
 E, das cruenfas pugnas descuidado,
 No Thracio campo em doce paz descança,
 Guerra aos montes pregôa,
 Morte ás Feras promette,
 Em fervoroso, e rapido Ginete,
 Iguala os ventos, pelos ventos vôa,
 E de Aves, e de Feras despovôa
 O districto dos mares, e da Terra,
 Que humá guerra o descança de outra guerra.

Este exordio é cheio de magestade, de imagens, e de um tom verdadeiramente Lyrico, os versos excellentes, as rymas bem collocadas, sem violencia, nem difficuldade de expressão; vêja-se agora o artificio com que entra no assumpto, e como liga com estas as idéas, que passa a expender.

Vós, oh Pereira, quando
 Cançado na Juridica Palestra,
 Occio doce buscaes, repouso brando,
 E da penna aliviaes a insigne destra;
 Os Bosques de Aganippe
 Suspendeis somnoroso,
 Com branda voz com plectro somnoroso,
 Nova Thebas fundaes para Philippe,
 Que, porque de dous Lauro, partecipe,
 O engenho singular, geral em tudo
 Descançaes de hum estudo n'outro estudo.

Filippe engrandecido
 Athegora Lishoa governada
 Via por vosso engenho exclarecido,
 Hoje por vós a admira celebrada;
 Nobre, e glorioso augmento
 A vossas Letras deve,
 Porém de vossas Letras o occio breve
 Vos adquire maior merecimento,
 Que si engolfado vosso entendimento

No mar das Leys a Patria nos governa,
Tambem quando descança a faz eterna.

Ha nestas Estrophes alguns rasgos de gongorismo, mas tão moderados, que podem facilmente desculpar-se, mas a eloqução é propria do genero, e o colorido brilhante, e digno de um grande Poeta.

Vossa penna canora
Sabe formar da vossa mão regida
Caracteres de Magica sonora,
Com que em mortos Varões infunde vida,
Com hum, e outro accento
De metrica magia,
Os Orbes lisongeia, eleva o dia,
Abranda as seras, faz parar o Vento,
Suspende a Lua, admira o Firmamento,
E faz que á Terra desçam as Estrellas,
Para que a Patria de coroe dellas.

Excellentè imagem phantastica, tão amena como graciosa, e original!

Quando com voz piedosa
De Górgoris pintaes a gran ruina,
De cujas cinzas nasce victoriosa
Das Cidades a Phenix peregrina,
Por alivio, por gloria
Concedeis ao vencido
O ser por vós no Mundo conhecido,
E ter por vós dos annos a victoria:
Porque, honrado no Templo da Memoria,
Diga que o vosso harmonico Instrumento
O Rio faz parar do esquecimento.

E quando ao Delio choro
Offereceis a célebre Cidade,
Que com divino estylo, alto decoro,
Sobre os hombros fundaes da Eternidade,
Mais que á Dulichia espada
A Patria reconhece

A essa penna porquem já resplandeco,
 Na taboa azul dos Orbes retratada,
 Que si soube fundar a Grega armada
 Adonde o Téjo corre a gran Lisboa,
 Vós a fundaes adonde a Fama vóa.

Sem me fazer cargo de algumas pequenas negligencias, que uma critica minuciosa poderia descobrir nesta Canção, e ajuizando della sómente pelo seu effeito geral, creio que póde sem receio affirmar-se que o Author alcançaria um dos primeiros logares entre os nossos antigos Lyricos, si não se houvessem perdido, ou ficado em manuscripto as muitas Canções e Sonetos, que nos consta que havia composto, e cuja falta não podemos deixar de lamentar.

Posto que os dous Poemas a *Gigantomachia*, e *Anaxarete* não pertencem em rigor a este Ensaio por causa de serem escriptos em Castelhana, com tudo attento o pequeno número das Obras deste Poeta, que correm impressas, e a sua extrema raridade, julgo necessario dizer alguma cousa a respeito delles.

A *Gigantomachia* consta de cinco livros em Oitavas, escriptas com o vigor de imaginação, e a elegancia de estylo, que caracterisavam o Author, que tirou deste assumpto o mais que era possivel tirar de materia tão ingrata. A guerra dos Deoses e dos Gigantes poderá dar um bello episodio, mas nunca servir para objecto de um Poema Epico, os acontecimentos sam demasiadamente inverosimeis, e até absurdos, para prender a attenção do Leitor. Que interesse podemos nós tomar por monstros de cem braços, com pernas de serpentes, e de grandeza tão descommunal, que pegam em montanhas, ou para atirar com ellas, ou para sobrepôr umas em outras a fim de lhe servirem de escada para escallarem o Ceo? Que ha de commum entre nós, e estes entes phantasticos para nos interessarmos nos seus projectos, ou para nos commovermos das suas desgraças? Que risco podem correr os Deoses atacados por elles? Como poderão elles resistir aos raios de Jupiter? Quem póde deixar de rir das extravagancias daquelles monstros, que havendo encavallado o Ossa, e Olympo no Pelion, presumem subindo a elles,

chegar á habitação dos Numes? Inda que elles sobrepossem os Alpes, e os Andes no Caucaso, ou no Touros, montanhas muito mais elevadas, que aquelles montesitos da Grecia, ficavam ainda a distancia immensa do Ceo! Claudiano, a quem de certo não faltava engenho, nos deixou o principio de uma Gigantomachia, e é mui probavel, que não acabasse este Poema por conhecer na pratica o pouco, que podia tirar de semelhante assumpto. Elle na verdade não pôde fornecer mais que algumas pinturas terribes, e é esse todo o merito da Gigantomachia de Manoel de Galhegos. Eis aqui como elle, no Livro I. descreve a Typhéo.

Typhéo el mas feroz, el mas terrible
 Capitan del Exercito fraterno,
 Con un ceño mortal, con voz horrible
 Exercita el barbarico gobierno,
 La parte de su cuerpo inaccessible
 Induzia terror al Pueblo eterno,
 Y Atlante contemplando su grandeza,
 Quiso passar el peso a cabeza.

A quantos le seguian eminente,
 Del Orbe celestial medir procura
 Con la luz tenebrosa de su frente
 Quanto alcanzó la Egypcia conjectura;
 Desde la tierra al concavo luziente
 No ay distancia capaz de su estatura,
 Si tan alto, oh Lucina, Endimion fuera,
 Tu le abrazaras en tu propria esfera.

Por las anchas espaldas divididos
 Sus cabellos inundan procelosos,
 Del estridente Boreas impelidos
 Articulan sibilos prodigiosos;
 En las concavas grutas escondidos
 Reverberan sus ojos tenebrosos,
 Y tan voraz su boca el ayre beve;
 Que su respiracion los Pinos mueve.

De la horrisona barba al pecho duro
 Un mar caliginoso se despeña,

A quanto alcanza de un horror escuro
 Cobre veloz la non peynada greña;
 Tan levantado rompe el ayre puro,
 Y tanta escuridad su rostro enseña,
 Que, mirado de lexos, parecia,
 Monte, que de la noche se cobria.

Cien fuertes braços mueve valoroso,
 Cuyas vipereas manos desnudavan
 Del vago Ponto el campo mas frondoso,
 Y de prolixos arboles se armavan;
 El peso deste cuerpo portentoso
 Dos sibilantes sierpes sustentavan;
 Cuyo contacto marchitava al suelo,
 Y cuyo aliento inficionava el Cielo.

Parece que estamos lendo o Polyphemo de D. Luiz de Gongora; mas como é possível fazer uso de um estylo natural quando se tracta de descrever objectos fóra da natureza, phantásticos, e hyperbolicos? A expressão segue de ordinario o character das idéas, quando estas sam exaggeradas, inverosimeis, mal concebidas, a expressão deve necessariamente resentir-se, e torna-se irregular, e defeituosa.

No terceiro livro, os Deoses, a quem Jupiter fizera abandonar as suas armas habituaes, para armar-se de raios, por serem estes as unicas armas, que podiam empregar-se com bom effeito contra os Gigantes, combatem estes, e na pintura deste conflicto se deparam alguns rasgos, que fazem honra ao talento do Poeta.

Ya seguro se piensa el firmamento,
 Y por el Cielo Jupiter errante
 A los Dioses exorta tan violento,
 Que al son de sus palavras tiembla Atlante;
 Horror era su vista, ardor su aliento,
 Raio su voz, y fórma resonante,
 Con los acientos, que articula ciego,
 En bovedas de luz, echos de fuego.

Un Esquadron de Truenos espantoso,
 Por el convexo lucido se estiende.

Timbla el Globo, y al Reyno luminoso,
 Con un tropel de estrepitos offiende;
 Y mientras del Exercito furioso
 El Orbe, el Mar, y el Horco se defiende,
 Tronante el Cielo, tremula la Tierra,
 Insofrible clarin som de la guerra.

Guerra! (grita Typheo) guerra! (brama
 El Olympico Dios,) y por el Cielo
 Escura salta la Vulcana llama,
 Y el Arcadio esplendor fulmina yelo;
 Un diluvio de fuego el ayre inflama,
 Y alterado del orbe el veloz buelo,
 Mana el Oriente; en vez de resplandores,
 Rios de sombras, pielagos de horrores.

Lanças de vivo ardor, balas de nieve
 El Cielo entre relampagos lluvia,
 Mas a mas furia, a mas terror se atreve
 Del turbido Typheo la osadia;
 Cincoenta Pinos iracundo mueve,
 Cuyo tremendo golpe dividia
 Las procelosas nuves, e forçado
 Salió mas vivo el Sol reconcentrado.

Typheo acommettendo o Ceo, e dividindo as nuvens
 com cincoenta pinheiros, é na verdade uma idéa bem epi-
 ca! Estou capacitado de que nem a Homero, nem a Vir-
 gilio occorreria tão feliz lembrança !!!

Aqui su braço Jove levantava,
 Mas el Cuerpo del arduo Centimano,
 Tanto a los altos Cielos se acercava,
 Que no dexa logar al golpe insano;
 Capaz distancia el fiero Dios buscava,
 Y apenas halla termino a su mano,
 Quando los lidos brotan tenebrosos
 Un Esquadron de Espiritos fogosos.

Por el ayre una nuve luminosa
 Tan preñada de Incendios discuria,

Que al Mundo fue su llama vigoosa
 Carro infernal de prodigioso Dia.
 Abrasada la esfera, y tormentosa
 Gran multitud de llamas esparzia,
 Agoa con gran violencia vomitava,
 Raios lluvia, y mares fulminava.

Alterado el Exercito inhumano,
 Con rapido furor, con pié violento
 Destroça lo mejor del Oceano,
 Y despedaçá el torrido Elemento;
 En vano el Orbo se oscurece, en vano
 Cubre d'agoa, y de fuego el Firmamento,
 Porque el Monstro que al Cielo honrado elama,
 Es alto escollo al Mar, Mar a la llama.

De las mas negras sombras del Oriente
 El sangriento Mavorte sale ayrado,
 Y al, que le aguarda, Exercito inclemente,
 Aparece de raios coronado;
 En su coche con impeto vehemente
 De Polo, a Polo corre, y abrasado
 Vibra una hasta con hierro de diamante,
 Que aguda rompe el pecho de Mimante.

Esta Oitava é excellente pela expressão, e pelo colorido das imagens.

Como quando en el mar nadante fiera
 Al braço de Protheo rebelada,
 Hiere con mil bramidos la ribera
 De un agudo tridente penetrada;
 Ansi el herido barbaro se altera,
 Y al echo de seus gritos perturbada
 No suspende la Esphera el cuerpo leve,
 Porque de miedo trepida se mueve.

Sacrilego accomette el carro ardiente,
 En que Marte se ostenta formidable,
 Y amenaza lo armado de su frente
 Con el peso de un roble inevitable;

Mas el astuto Dios arma valiente
 Su dextra de otra lança, que inviolable
 Rompe el braço, que amaga el golpe horrendo,
 Ayudada del impeto tremendo.

Implacable el Tyrano se embravece,
 Y exortado del horrido Typheo,
 Al inimigo indomito se ofrece
 Armado de la cumbre del Pangeo;
 Mas tanto con su peso se inflaquece,
 Que en la orilla se estende del Peneo,
 Y el monte, que a su braço escudo armava,
 Tumulo excelso a su persona agrava.

Ya rendido a la muerte horrenda espera
 Que del cuerpo el espirito arrancado,
 Atemorize al Dios, que considera
 De despojos barbaricos honrado;
 Y oprimido del monte, que moviera,
 Acabó de morir diciendo ayrado:
 « Por mi cuerpo esta machina se estenda,
 » Y, si no vivo, muerto me defienda. »

Aqui Peloro se querella infesto
 Del extinto Gigante condolido,
 Y a Marte con estrepito mollesto
 Accomete d'un roble defendido:
 Mas apenas le mueve descompuesto,
 Quando Jove le vibra un tripartido
 Rayo, de cuyo arpon, si se defiende.
 Con su baston, en su baston se enciende.

E' preciso confessar que um carvalho, por grande, que fosse, era na mão de um gigante tão descommunhal, menos que um junco em mão de uma creança; e não será motivo de riso vêr atacar com semelhante arma os Deoses armados de raios, e de lanças taes como Homero nos pinta a de Minerva? Eis aqui o que se tira de tractar seriamente certos assumptos phantasticos, que apenas merecem ser descriptos em poucos versos, e estylo jocoserio.

Del insofrible fuego estimulado
 Abiva de su pecho lo animoso,
 Contra el Olympio Dios, mas abrasado
 Desmaia al espectaculo fogoso;
 De sus tumidos piés mal sustentado,
 Al enemigo busca impetuoso,
 Y aun opprimido quando caiga espera,
 Porque su coração matando mgera.

Encendido Phaeton se despeñava
 Mientras Marte veloz le accometia,
 Y el Peletronio pino, que vibrava,
 En el profundo pecho le escondia;
 Al belligero carro el golpe aggrava,
 Del rigoroso peso se desvia
 El ármigero Dios, y fugitivo
 Muerto teme al Jayan, que burló vivo.

A' vista destas Estanças poderia alguém perguntar ao Poeta, qual é a natureza destes gigantes? Sam acaso homens, ou sam numes? Si numes, como é que podem morrer? Si homens, como é que Pelouro depois de alcançado com um raio de Jupiter, pôde ainda conservar-se vivo, e combater até que Marte o atravessa com a sua lança? Um Leitor Romano, ou Grego podia ser menos escrupuloso nesta materia; a guerra dos gigantes era para elle um ponto de fé, ou pelo menos uma tradição reconhecida pela religião, que professavam, e que elles podiam acreditar sem exame, como nós acreditamos os milagres, e legendas de alguns Santos, evidentemente apocriphos, e por isso não reconhecidos pela Igreja. Claudiano, Hesiado, e Ovidio não corriam risco de censura, narrando os Romances Mythologicos da guerra dos gigantes tal qual o acreditava o povo; mas um Poeta moderno deve ter mais cuidado com a verosimilhança na certeza, de que os seus Leitores, que professam outra religião, tem idéas mais puras ácerca da Divindade, não podem deixar de olhar com mais severidade para estas fabulas, e exigem que lhas apresentem no ponto de vista menos absurdo, e menos incrível. Geralmente fallando, a Mythologia deve entrar nos Poemas como ornamento, e

não como assumpto; porém Manoel de Galhegos não podia conhecer estas regras, porque no seu tempo reinava a mania dos Poemas Mythologicos tanto em Portugal como na Hespanha, e na Italia, como o prova a longa prodição de Polyphemos, cujo pendão levava diante o Polyphemo de D. Luiz de Gongora, e as outras não menos numerosas dos Narcisos, dos Phaetontes, dos Orphãos, e dos Deu-calhões, sendo ora mui poucos os, que sam inda conhecidos: prosigamos.

Minerva a su favor destra se applica,
Y ostentando el mortifero semblante
De Medusa, ruínas multiplica
Al Esquadron del rigido Gigante:
Y mientras por tropheos los dedica
A su furor el enclito Palante,
Redusido su cuerpo a tierra dura,
Colosso se consagra a su hermosura.

Rancho, vibrando un Alamo frondoso,
A la vingança intrepido se ofrece,
E apenas mira el rosto venenoso
Quando su cuerpo marmol se entorpece:
Al que de lexos mire el portentoso,
Y obstupefacto cuerpo le parece,
Que es suspension, que causa la belleza,
Lo que es horror de la infernal cabeza,

El que perdia barbaro el respecto,
Que indusia la Diosa armipotente,
Muerto se rende al siempre triste objeto,
Que aun rehusa Cadaver eminente;
Y solo se usurpava al duro aspeto
El que al Cielo mirava de su frente
Porque tal gloria, vinda-la, alcançava
Que de su luz los ojos no apartava.

Imagem mui delicada, e graciosa, mas estará ella bem collocada neste lugar?

Insano forma un lugubre gemido
El fiero Lycaon, y deshumano,

Accomete a Minerva defendido
 Del marmoreo cadaver de su Hermano ;
 Y apenas de su peso repremido
 Fué un braço de la Diosa, quando al llano
 Fertilizó rubies, que la Tierra
 Atesora, despojos de la guerra.

Huye Palas herida, y desmaiada
 Al celeste Esquadron socorro implora,
 De su mortal valor estimulada
 La hermosa Cytharea aljofar llora,
 Ya su afable Deidad se muestra ayrada,
 Y al Cielo se promete vencedora,
 Si, admirando el Gigante su belleza,
 Mas teme su esplendor, que su fiereza.

Una turba pueril veloz desata
 De flechas una nube, que bolante
 Por el concavo espacio se dilata,
 Y al innemigo hiere penetrante,
 Tan bella Venus, tan horrible mata ;
 Qua en dos fieras batallas militante,
 Su mano a Marte dió tantos despojos,
 Quantos a Amor los raios de sus ojos.

De los Dioses el Padre ignipotente,
 Corre por la campaña critalina,
 Y al, que amenaza, exercito valiente
 De raios un exercito fulmina,
 Lo superior del emulo inclemente
 Tyraniza cruel la llama trina,
 Y corona de lividos ardores
 Al que el lauro affectó de resplendores.

Como quando furioso el mar se altera
 Del proceloso Noto compelido,
 E procura escalar la excelsa esfera,
 Em promontorios de agua dividido ;
 Assi el desforme Pueblo se exaspera :
 Assi el Cielo accomete embrayecido,

El tremendo Esquadron, y estalla ciego
Tórbelinos de horror, golfos de fuego.

Ya con su furia valido amenaza
A quantos cubre el lucido estandarte;
Y con sus manos poderoso abraza
Del vasto mappa la fragosa parte;
Todo el terrestre globo despedaza,
Y en tan profundas cuevas lo reparte,
Que de su centro con impulso interno
Ilumo, y fuego respira el lago Averno.

Cada qual con un monte se defiende:
Despedaçado geme el horisonte,
Y escura gruta al Baratro descende
Onde al Ciel subiera excelso monte;
El que en la tierra pallido se estiende,
Entregando su vida a Phlegetonte,
Cada ves halla una caverna escura,
Que le recibe eterna sepultura.

Lycaon por el campo cavernoso
Un promontorie busca, con que armado
Se defiende del raio rigóroso
Por Jove a su persona destinado;
Quando incauto le esconde un tenebroso
Vasio, cuyo ciéntró dilatado
Ya de su cuerpo la grandezza occulta,
Y en sus entrañas bivo le sepulta.

En vano solicita la salida;
Y en la cueva se mueve tan violento,
Que en varias partes su persona herida
Desmaia al descompuesto movimiento,
Y para que no triunphe de su vida
El que gobierna el alto armamento,
Se acaba de matar diciendo ufano,
« Solo de mi puede triumphar mi mano. »

Con inmenso rumor le adosta Gente
Tantas sierras vibrava, que rompia

El muro de los Dioses eminente,
 Y la Tierra en el Cielo introducía;
 Despedazado el Orbe transparente,
 Viendo en si tanta guerra, presumía
 Que con el Tiempo el Cielo se arruinara,
 Y en los montes su luz despedazara.

Tan armado, tan alto resplandece
 De Jupiter el intimo aposento,
 Que al Jayan mas excelso le parece
 Inaccessible al proprio pensamiento;
 Con Achemenio harpon Phebo se ofrece
 Al mas terrible, mas atraz portento,
 Y no bien de Protheo fué mirado,
 Quando estas voces le escuchó forzado,

« Tente, oh timido Dios, que mi presencia
 » Antes que mi rigor podrá vencerte,
 » Y mientras mas dilatas tu violencia
 » Mas el termino abrevias de muerte.
 » Porque hallando mi furia resistencia
 » Cobra nuevo poder mi brazo fuerte;
 » Que como un vibo ardor crece nutrido,
 » Ansi mi esfuerzo crece resistido.

» Si con igual valor me amenazara
 » De los Dioses el Padre belicoso,
 » A mis plantas el Pueblo se prostrara,
 » Que hasta aqui perdonè por temeroso;
 » Ya valeroso a Jove sugetara,
 » Si Jove me offendera valeroso,
 » Ya Typheo alcançara arduo tropheo,
 » Si al Cielo defendiera otro Typheo.

» Mas pues a mi persona te atreveste
 » Aguarda, y llevarias justo castigo,
 » Que ya por tu osadia mereciste;
 » Ser laurel de tan inclito inimigo;
 » Que si a mi pecho estragos prometeste
 » Alguna gloria vencedor consigo,

» Pues sujeta mi braço un Dios tan fuerte,
» Que capaz se pensava de mi muerte. »

Aqui su voz enfrena, y vuelta ayrado
La rienda a su furor quando invencible,
De un bosque, con que se arma, dilatado
Precipita la machina insófrible,
Huye el Cerrheo Dios, y amedrontado
Por escapar-se al ímpeto terrible
Entre sus pies se esconde, y en el llano
Quebró su furia el golpe deshumano.

Bom para um Poema Burlesco, mas pessimo para uma
composição séria, e de mais a mais com seus arreganhos,
e pertençaes de Epopeia.

Al mismo tiempo, que vibró Typheo
El grave tronco de una, y otra encina,
La cumbre del Parnasso arranca Etheo
Y al Apollineo carro la fulmina;
Mas frustrado el sacrilego desfeo
En el campo la peña se reclina,
Resistida del Bosque irreparable,
Que impeliera el Candillo formidable.

Haye tinido el Sol, y tan ligera
Su quadriga los ayres dividia,
Que a correr tão veloz por su carrera
Fuera mas breve el termino del dia;
Ya libre del peligro considera
De Typheo la barbara osadia,
Mas si en sus armas se pensó opprimido,
De sus armas se mira defendido.

As sentenças sam um bello ornamento de poesia, mas
é necessario que contenhã uma idéa, que valha a pena
de notar-se: mas quando só contém uma frioleira é me-
lhor não usar dellas, porque se tornam um verdadeiro
defeito. Assim me parece que deve considerar-se a que
se lê nos versos terceiro, e quarto desta Estança. Grande
novidade nas dá de certo Manoel de Gallegos quando nos

diz que, correndo o carro do Sol como agora corre fugindo com velocidade desusada, os dias seriam mais breves do, que o sam, seguindo a marcha, que ordinariamente leva, é isto tam facil de perceber como o é que os dias seriam mais longos, do que sam, si elle Sol fizesse andar os Ethontes em passo mais ronçeiro, do que costuma. Semelhantes observações não podem deixar de ser graduadas, pelo menos de ociosas. Não é assim que Luiz de Camões costuma usar das sentenças, de que é tão abundante.

El duro Ceo un alamo procero,
 Con que se arma cruel, mueve tyranno,
 De cuyo peso se escapó liguero
 El carro del Planeta soberano ;
 Frustrado el golpe horrible el Jayan fiero,
 Robale, y amenaza el verde llano
 De su cuerpo la machina importuna,
 Mas su baston le sustentou coluna.

Por almenas de luz Mercurio salta,
 Y no bien con sus piés el ayre toca,
 Quando un Gigante mas suberbio assalta,
 Y a sanguineo certame le provoca ;
 Ya para su rigor materia falta,
 Abismo su semblante, Ethna su boca,
 Con gravissima mano, con pié leve
 En el bruto Esquadron estragos llueve.

A su primero ardor restituído,
 Buelve el inclito Marté acompañado
 De una turba de Dioses, y atrevido
 Busca al contrario, que le espera armado ;
 De Bistonios Cavallos conduzido
 Penetra lo interior del Pueblo ayrado,
 Ya quantos mira intrepido amenaza,
 Fervido alcança, horrendo despedaza.

Ya Palaneo herido el suelo mide,
 Y vomita su sangre tan violento,
 Que al diurno tropel el passo impide,
 Humano escollo en pielago sangriento ;

Envuelto en negro horror la alma despide,
 Que rompendo el nubi-vago Elemento,
 Al Globo celestial rapido sube,
 Y Jove la convierte en negra nube.

No hay Deidad, que sus furias nó exercite
 En el sangriento campo del Gigante ;
 No hay monstro, que feroz no solicite
 Ignifero laurel, sceptro flammante.
 El Dios espera que el Jayan vomite
 El alma, y el Jayan piensa arróganste
 Matar al Dios, que en Gente tan austera
 Solo la muerte la victoria espera.

Fiero rompe Prophyreo el Mar Egco,
 Y con cien manos arrancando ayrado
 La celebrado Delo al Dios Timbreo,
 De sus Ciudades aparece armado ;
 Ya con funebre voz dice Nereo
 Que lá que a Phebo fué nido sagrado,
 En las manos de un barbaro camina,
 Que por Tumulo a Phebo la destina.

Del Titano la Isla compelida
 Con tan copioso llanto auxilio implora,
 Que si del vasto mar fué submergida,
 Agora lo haze ser del Mar, que llora ;
 « Mira, (dixo) oh Deidad indorescida,
 » Que de Pithon te jactas vencelora,
 » Que en los braços me veo de un Gigante,
 » A mi pesar, segunda vez errante.

De sus queexas Apollo estimulado
 Una flexa despara, cuyo acero
 En la Pithonia sangre inficionado
 Penetra de Porphyreo el pecho fiero ;
 Con la mortal herida desmaiado
 Huir al vencedor quiere liguero,
 Mas detenele el peso, que rehusa,
 Y tanta afronta a su valor excusa.

Ya cadaver el cuerpo prodigioso
 Mide el suelo, y del peso enflaquecido,
 Con que a la Esphera amenazó furioso
 Fulmina el ayre el ultimo bramido.
 Su herido coraçon forma orgulhoso
 De sus venas un golfo tan crescido,
 Que la tremenda Isla alegre espera
 Caminar por la sangre a su ribera.

Mas a ruegos d'Apollo el agoa creco,
 Y excediendo su margem con serenas
 Aguas los Delios limites guarnece,
 Y la Ciudad reduce a sus arenas;
 Ya victorioso Marte resplandece,
 Mas Etheo le assalta, y del apenas
 Defendier-se procura, quando preso
 Sus brazos agravió glorioso peso.

Brama el captivo Dios, mientras subido,
 En la robusta mano el rosta mira,
 En cuyos negros ojos dividido
 Todo el ardor de Phlegethonte gira;
 A su pesar aprende a ser vencido,
 Y tanto lo alto del Gigante admira,
 Que, viendo-se del-Cielo tan distante,
 Mas teme el precipicio, que el Gigante.

Huye vacio el Carro belicoso,
 Mas enfrenale Ephiabes, y obediente
 Al impulso del brazo poderoso,
 Ofrece a su persona solio ardiente;
 « Ya (dice el duro Etheo) valeroso
 » Hé vencido al Planeta armipotente,
 » Y de la esphera a devasiar me atrevo
 » Quanto leva del uno al otro Phebo.»

El Padre de los Dioses desconfia
 De su inmenso poder, y amedrontado
 A los campos de Egypto conducia
 El Esquadron que piensa en vano armado;
 Destro se retirava, y presumia

Que aun su valor mostrava retirado,
Si a librar-se aspirava por ligero
De quien Mavorte no escapó por fiero.

A parte, que acabo de transcrever deste combate, descripto com tanto vigor, e fogo, e em que os choques geraes, os particulares, e a variedade dos acontecimentos se succedem com grande artificio, me parece sufficiente para provar que ao Author não faltavam os requisitos necessarios para escrever um verdadeiro Poema Epico! Mas desgraçadamente, preferio occupar o seu ingenho neste assumpto phantastico, que tão mal ajudava o seu ingenho. Isto deve servir de exemplo aos Poetas futuros, e convece-los de que a boa escolha do assumpto e metade do caminho para fazer uma obra perfeita.

Cui lecta potenter crit res

Nec facundia præsens deseret hunc, neque lucidus ordo.

No Livro IV. descreve o Author mui poeticamente a partida de Eolo á frente dos Ventos para combater os Gigantes.

Aqui el Dios proceloso de lebanta,
Y de lluviosas nuves se corona,
Con mil truenos, mil raios su garganta,
Al ventoso esquadron guerra pergoua;
Ya corre cada qual con furia tanta,
Que aun a su propria carcel no perdona,
Y de la cueva el tecto levantado,
Rompe el ayre en pedaços fulminado.

Como de ardente polvora impelida
De una mina la boveda rebienta,
Y la tierra en mill partes dividida
Al Orbe celestial sube violenta,
Assi la escura cueva combatida
De la, que ineloye, horrisona tormenta,
El nunca visto concabo descubre,
Y de arrancada Tierra el ayre cubre.

Con coturnos de nueve guarnecidos
 Del mas duro granizo el Cierzo vuela,
 Arroios con relampagos texidos
 Eran de su vestido honroza tela;
 De arena sus cabellos esparzidos
 Llueven un largo mar; su boca anhela
 Un rapido vapor, pero su planta
 Al vapor de su boca se adelanta.

Correm el mar en esquadron formado
 El Noto, el Aquilon, el Euro, el Coro,
 De su frente un diluvio desatado
 Ondas añade al pielago sonoro;
 El ayre de su boca respirado
 Al golfo, que bramava undante Toro,
 Tan alto levantó, que mil corrientes
 Mudó de rios, e agotó mil fuentes.

Dizia um Critico Hespanhol que uma tempestade sempre tinha lugar na Epopeia, ainda que fosse debaixo de uma escada: o mesmo póde dizer-se dos amores, pois que raro é o Poeta Epico, que delles não faz uso, inda que seja no Poema de assumpto o mais sagrado, e mais austero, pois que até os encontramos na Messiada de Klopstock. Não admira por tanto que os vejamos no mesmo Livro IV. da Gigantomachia. Vejamos como o Poeta se houve nesta parte.

Thetys de la batalla temerosa
 En un bosque desnuda se escondiera,
 Donde dava a su luz pompa vistosa
 De mil desnudas Nymphas una esphera;
 No bien pues del Titano en la fogosa
 Vista el hermoso espanto reverbera,
 Quando Thetys rendido a sus piés via
 Un monstro, que aun rendido le temia.

« Que mas gloriar-te (dice el fiero amante)
 « Queres, oh dulce Esposa de Peleo,
 « Que cifrar en tus ojos un Gigante.
 « De quien es buen Espejo, el mar Egeo?

» Si al bello resplendor de tu semblante
 » La admiración erigue alto tropheo,
 » Tambien el claro Cielo si me mira
 » Si no por bello, por feroz me admira.

» Monstro soi, mas del Mundo tan temido
 » Como tu de las aguas venerada,
 » Mas obedece el Cielo a mi bramido,
 » Que ala llama por Jove fulminada;
 » Si posees el Orbe exclaescido
 » Porque en su luz, tu luz está cifrada,
 » Quanto mis ojos ven andaz posseo,
 » Y todo el Mundo con mis ojos veo.

» Otra vez de tu cuello el Acuzena
 » Apascentó mi vista, y querellosa
 » Acreditó mi voz la Stygia pena,
 » A que me condenó tu luz hermosa;
 » Mas quanto te pensé dulce Serena,
 » Tacita me dexaste en milagrosa
 » Suspension, que suspendes mas mirada,
 » Que en las ondas Parthenope escuchada.

» Despues que de mi pecho la grandeza
 » Ocupa el bello Sol de tu hermosura,
 » A mi rigor hurtaste la fiereza,
 » Con que matar-me tu desdem procura.
 » Restitue á mi mano el asperceza,
 » Que al alma mia Infiernos assegura,
 » Que sin mi furia no hay rason bastante
 » A dar tormento al alma de un Gigante.

» A la piedad te rende por forçosa,
 » Si es que el desden no julgas imposible;
 » Que es de mi llanto el agua poderosa
 » Quando no sea tu rigor terrible:
 » Si esconder-te procuras rigorosa
 » Porque a mi amor resistas invencible,
 » Donde hirás que a tu vista, a tus oidos
 » No turben mi semblante, y mis gemidos?

„ El golfo, que a tus luzes obedece,
 „ Con sangriento caudal mi brago abona,
 „ El Cielo con mi vista se extremece,
 „ Y a mi valor promete aurea corona;
 „ El profundo Acheronte se emudece
 „ Al écho de mi vos, que a mi persona
 „ Le alcanza todo el Mundo devastado,
 „ Como a tus bellos ojos abrasado.

„ E pues del Universo agradecido
 „ He de atar la Fortuna a mi desseo,
 „ Abrande-se tu pecho enternecido,
 „ Sea favor, lo que hade ser trophéo:
 „ Que tanto te venero, agradecido
 „ Al amoroso infierno, en que me veo;
 „ Que mas quiero dever a tu clemencia
 „ El suspirado bien, que a mi violencia.

„ Si (porque Dios no soy) la luz que admiro,
 „ No admite mi amoroso pensamiento,
 „ Dios de los Vientos soy quando suspiro,
 „ Y del mar quando lloro mi tormento;
 „ Mas abrase la llama, que respiro
 „ Quantos Dioses gobierna el firmamento,
 „ Y quantos con su raio alumbra Apollo,
 „ Porque merezca tu favor por solo.

E então não é o Gigante Damastor bem engenhoso
 bem eloquente, bem polido, e bem rethorico com as Da-
 mas? Não parece que cursou a aula de Francisco de Salles,
 ou de Pedro José da Fonseca? Não ha no seu discurso
 mais conceitos, e mais argucias que nos da Madre Feli-
 ciana de Milão de namoradora memoria? Quem diria que
 um gigante havia de ser tão cortezão, e palaciano? E
 imitar tanto ao proprio o palavriado amoroso dos peral-
 vilhos, ou janotas, como hoje lhe chamam?

O Poema de Anaxarete é uma longa Silva no gosto
 Castelhana, endereçada a D. Antonio de Menezes, con-
 tendo a Historia de Iphis, e Anaxarete.

O maior merito deste Poema está quanto a mim na

sonorosa harmonia da sua versificação, e na elegancia que ás vezes se encontra no seu estylo, não passa porém de uma narração bem deduzida, e poeticamente escripta. Citarei algum trecho que me pareça mais saliente.

.....
 Chypre, Jardin del Mundo,
 Isla fertil de Venus habitada,
 Un tiempo fortunada,
 A Neptuno ofrecida,
 Vanamente del agua combatida,
 Apesar del furor impetuoso
 Del golfo, que la cerca proceloso,
 Vencedora alas nuves se levanta,
 Con nemurosos montes se defiende,
 Con Jardines, con Selbas, con Ciudades
 Con Reynos opulentos,
 Por las aguas se estiende;
 Por Madre de las Flores,
 Por Palacios de Nymphas, e de Amores,
 Es puerto peligroso
 Al Nauta temeroso,
 Que el que estampó vestigio
 En la felice arena,
 Al cuydado, a la Pena,
 Y a si mismo roubado,
 De su patria se olvida,
 Gasta alegre la vida
 Contemplando bellezas,
 Admirando grandezas,
 Sin que acabe de vér la menor parto
 Del abundante copia,
 Que varia fertelisa
 El Campo alegre, que suspenso pisa.

Esta descripção da Ilha de Chypre pôde passar por um bello trecho de estylo florido.

O discurso em que o rio em cujas aguas vio banhar-se Anaxarete, exprime a sua admiração pela formosura daquelle é um excellente rasgo de poesia lyrica tal qual a concebia a Eschola de Gongora.

- « Tiende tus frescas alas,
 « Oh Zephyro amoroso,
 « Espirito oloroso
 « De prados, y de bosques;
 « Amenissimo Padre del Verano,
 « Que fertelisas con lascivo vuelo
 « Al mas esteril suelo;
 « Tiende tus frescas alas, y en la copia,
 « Que produce mi orilla,
 « Cifra la meravilla,
 « Y la fragrancia de mi selva hermosa,
 « Que las riquezas guarda de mi Esposa,
 « Venid, venid, oh Nymphas,
 « Que lo occulto habitaes de la espessura,
 « Venid, venid, Amores,
 « Esparzid en las aguas tiernas flores,
 Es esparzid en las flores agua pura,
 « Para que mas amena
 « Con el dulce rocio
 « Los vestigijs merezea desta Flora,
 « La candida Açuzena:
 « Y para que oloroso el cristal mio
 « Por su fragrancia sea,
 « Digno desta divina Galathea,
 « Y vosotras, oh Nymphas, que nel coro
 « Habitaes d'Amphitrite,
 « Hermosissimas hijas de Nereo,
 « Con divino respeto, a'to decoro,
 « Celebrad esta gloria, en que me veo.
 « Sed Ministras errantes,
 « Desta Chloris hermosa,
 « Y cada qual procure fervorosa
 « Librar-la de la ropa, que abrochada
 « Con el rico esplendor del oceano,
 « A lo tierno resiste de su mano:
 « Y ella afigida, quando no cançada,
 « En mi pone sus luces celsestiales,
 « Que parece que os busca en mis cristales,
 « Venid, venid, oh Nymphas,
 « Que el retrete pisaes de Cytharea,
 « Haced que adorno d'Anaxarte sea,

- » Despues que en mi corriente
 » Applaque el fuego, que la opprime ardiente
 » Un dorado cothurno, que radiante
 » Media coluna engaste,
 » De animado diamante
 » Venid, y ministrarde
 » El cesto refulgente,
 » Las perlas, y el riquissimo thesoro,
 » Que adorno fué decente
 » De la quel el Pomo ha merecido de oro.
 » Venid, venid, oh Virgines de Esparta,
 » Ministrad a esta Diosa
 » La joia mas preciosa,
 » La tunica mas fina,
 » Que mereció los hombros de Lucina,
 » Y no afrescaes espejo
 » A su Deidad sagrada,
 » Porque siempre compuesta,
 » Siempre bien adornada,
 » A la Naturaleza
 » Debe la perfeccion de su belleza,
 » Y el tranquilo licor, el licor puro
 » De mi dulce corriente
 » Tralada ya los raios de su frente. »

O principal defeito desta alloqução consiste, quanto a mim, em não ter alguns versos de menos; a prolixidade tira, não accrescenta belleza a um discurso, especialmente quando nelle sómente se exprime um unico sentimento, que é aqui o da admiração. Os discursos de Virgilio na Eneida só de ordinario rapidos, e concisos, e isso os torna mais vehementes, e mais agradaveis. A eloquencia tanto poetica, como oratoria não está em dizer muito, mas em dizer bem o que é necessario dizer-se.

Os funeraes de Iphys, e a metamorphose de Anaxarete em pedra me parece que fazem muita honra ao talento do Poeta:

Ya su espirito libre
 Considera confuso
 Del negro Phlegeton la escura arena,
 La noche eterna, el infernal ocaso,

Ya su temeridad termino puso
 A una pena mortal con otra peña,
 Y con un lazo desató otro lazo,
 Fué su muerte sentida
 En todo el horisonte,
 Y nel mas alto monte
 Ululó tristemente
 La Semidea gente,
 Annosa emuladora
 De la Planta de Jove vividora.
 Con miseros gemidos
 Hizieron salvo al dia
 Las Aves en sus nidos.
 Los rusticos Silvanos
 Con asperos aullidos
 Perturbaron el viento,
 Éxprimeron tambien su sentimiento,
 Con mil piedosas señas
 Las elevadas peñas,
 Que destilando el candido rocío,
 Con que calçada luz, vestida ardores.

Calçada luz, vestida ardores, Helenismo introduzido na lingua pelo Doutor Antonio Ferreira, e que se acha muitas vezes empregado pelos Poetas Quinhentistas, e que por sua elegancia não merecia o abandono em que cahio nos tempos posteriores, mesmo quando a Eschola de Gargão, e de Francisco Manoel caprichava em imitar os Gregos, e os Romanos, tanto no pensar como no estylo.

 El Dia resplandece,
 Y al Anthartico pielago enriquece,
 Parecia que lagrimas lloravan,
 Con que su dura pena acreditavan,
 Mas triste, y mas lloroso,
 Que por la muerte del Ebalio joven,
 De Zephyro embidiado
 El Planeta dourado
 Con pallido esplendor el suelo cubre,
 Y el flebil espectaculo descubre,
 Fué visto, y tiernamente

Los ojos admirados, que le vieron,
 Una amarga corriente
 De lagrimas hicieron,
 Que espejo fué luciente,
 En que el Olympo vió la mejor parte
 De la impiedade immensa de Anaxarte.
 De una llorosa turba acompañado
 Funebre ostentacion, confusa pompa,
 A los maternos braços fué llevado,
 Quan profundo dolor, quan mortal ancia,
 Oh Matrona infelice,
 Entonces sentirias,
 Quan lastimosas queexas formarias
 Viendo en confusa calma
 Un triste cuerpo, que estimavas alma,
 Despues que lamentado
 Fué de su Genitora,
 Y despues que el accente
 Del general lamento
 Penetró resonante
 La machina superna,
 Que la diaphana Turba pisa eterna,
 Con pompa funeral fué condusido
 A la sublime pyra,
 D'onde mal encendido
 Fuego vomita infausto, humo respira
 El multifido tronco
 De la Chaonia Planta,
 En cuyos ramos predixeron graves
 El Decreto fatal Dodoneas Aves.
 Mas que nunca arrogante,
 Mas ingrata que nunca
 A un hermoso Jardín sale Anaxarte,
 Para vér de sua amante
 Aquella triste parte,
 Que animó con sus ojos,
 Ya de la muerte miseros despojos.
 El Pueblo circumstante
 Su ingratitude admira:
 Ella abrasada en ira
 Caliginosa Esposa ser quisiera

Del Estygio Tyrano,
 Porque su ayrada mano
 Duro castigo diera
 Al alma, que atrevida
 Quiso de su beldad ser admitida.
 Arde el misero cuerpo,
 Cresce la confusion, cresce el espanto,
 Corre fervido el llanto
 En el tiepido suelo;
 Desde la pyra excelsa
 Por el concavo espacio obscura sube.
 Envuelta en negro horror adusta Nube,
 Assalta de los Dioses dos oyidos
 Un esquadron confuso de gemidos,
 Vingança al Cielo clama
 Del Pueblo aquella parte,
 Que conosce d'amor la ardiente llama,
 Y en la espaciosa arena
 Solo vengança entre suspiros suena.

Constante en la fiereza
 El indomito pecho de Anaxarte,
 Los horridos clamores
 Consagra por tropheo a sus rigores,
 Ya por lo esquivo, mas que por lo hermoso,
 Piensa vanagloriosa
 Que el claro Olympo la venera Diosa,
 Mas, oh vana arrogancia!
 Quan presto causa diste
 A la infausta ruina
 De una Beldad ingrata, y peregrina!
 Mientras injustamente
 Digna de adoracion se considera,
 Dentro en su coraçon elado siente
 Un tan violento yelo,
 Que, querendo mirar al alto Cielo,
 Cos suberanos ojos,
 Que con su luz al Sol aniquilaron,
 Inmables se quedaron,
 Y, faltando a su rostro al movimiento
 La que antes purpurea nieve pura,

Agora resplandece piedra dura,
 Ya quexar-se pertende
 Del yelo rigoroso, que la offende;
 Pero la triste voz no halla salida,
 Que en el subito marmol de su cuello
 Se queda interrompida;
 Y declara sus penas
 Con un suspiro interno;
 En sus yeladas venas
 La sangre se endurece,
 Ya se yelan sus brazos,
 Ya cansa el coraçon, ya se entorpece,
 Y de su cuerpo en la bruñida plata
 Un marmoreo veneno se dilata.

Muitas vezes prejudica os Poetas o pertenderem affastar-se das tradiçõs recebidas nos assumptos, que tractam, é isso que aconteceu aqui a Manoel de Galhegos.

Diz a tradiçã Mythologica, e Ovidio, que enriqueceo o seu bello Poema das Metamorphoses, com esta fabula, que Iphis perdidamente namorado, depois de por largos tempos fazer toda a qualidade de excessos por grangear a afeiçã de Anaxarete, e vendo que nada conseguia, porque ella cada dia se lhe mostrava mais esquivã, perdendo inteiramente as esperanças, e o juizo, se enforcara no lumiar da porta da sua amante. E' esta a marcha da natureza nas grandes paixões; mas no Poemeto de Manoel de Galhegos o suicidio de Iphis parece demasiadamente precipitado, pois havendo visto o Anaxarete no banho pela primeira vez, e fugindo-lhe ella, vendo-se assim surprehendida, toma logo a resoluçã desesperada de matar-se; isto é inverosimil. O Poeta devia saber que

Toda a mulher diz « não » logo á primeira.

Devia saber que as mulheres (ente essencialmente mentiroso, porque a educaçã, que desde a infancia se lhes dá, tem por base dissimular o que pensam, e o que sentem,) desdenham mais, do que mais desejam, e dizem

que não aos amantes, até no momento de lhe concederem os ultimos favores? Quantas não praguejam a si, e aos amantes que tem a simplicidade de acreditar as suas negativas?

CAPITULO IV.

O Templo da Memoria de Manoel de Galhegos.

Das numerosas poesias, que Manoel de Galhegos escreveu em Portuguez, a mais importante, e a unica conhecida, porque todas as outras, ou existem manuscriptas, ou como é mais probavel, se perderam, é o Templo da Memoria, impresso em Lisboa no anno de 1635, na Officina Typographica de Lourenço Craasbeck, á custa do Duque de Bragança, cujo matrimonio o Poeta celebra no dicto Poema.

Este Poema consta de quatro Cantos escriptos em Sétimas hendecasyllabas, e é hoje uma Obra tão rara, e difficullosa de achar, que poucas serão as pessoas, mesmo literatas, e amantes da poesia, que o possuam, ou que ao menos o tenham lido, tanto é o descuido, que sempre tem havido entre nós, de reimprimir Obras, que vão desapparecendo da circulação literaria.

José Agostinho de Macedo no Prologo, ou Discurso preliminar do seu Poema o *Oriente*, citando grande numero de Epopeias Portuguezas, cita entre ellas, não sei porque motivo o Templo da Memoria, chamando-lhe *Poema de especie umbigua*.

Si esta phrase significa alguma cousa, parece-me que só póde significar que o Templo da Memoria não póde collocar-se entre as divisões, ou especies de Poemas conhecidos, e cuja nomenclatura se encontra nos Authores, que tractara da Arte Poetica: mas si é isto o que elle quiz dizer, é evidente que escreveu uma grande sandice, porque de certo não haverá ninguem, que, lendo esta composição de Manoel de Galhegos, não concorde logo em que é um Epitalamio, genero de Poema tão conhecido, que todas as Poeticas tractam delle, e explicam largamente as suas regras, e o caracter do seu estylo.

O Templo da Memoria é verdadeiramente um Poema de circumstancias, e talvez uma composição de encomenda, pois é muito antigo sestro entre nós quererem poesia em todas as grandes festividades, mesmo aquelles que menos caso fazem della. E' tambem certo que as composições de encomenda, sam aquellas de que os Poetas dam de ordinario peor conta, ao contrario do que acontece ás artes mechanicas.

As grandes, e excellentes composições poeticas, sam, digamo-lo assim, involuntarias, isto é, aquellas, que o Poeta escreve guiado pelo capricho da sua imaginação, ferido pela impressão de qualquer objecto extraordinario, e grandioso: ou arrebatado de um affecto violento. Nem consiste em outra cousa o que se chama inspiração. Quando Voltaire dizia: *on fait une belle Tragedie mal gré soi*, fallava como Phylosopho, e grande Poeta, querendo dizer que quando o plano de um Poema desponta no entendimento do Poeta, não cessa de impelli-lo, e instiga-lo se não quando elle se dá ao trabalho da sua execução.

Não obstante isto é necessario convir que Manoel de Galhegos se sahio desta empreza por um modo diguo de um homem de grande talento, pois soube sabir da rutina seguida pelos Authores de Epitalamios, e generalizando as suas idéas, grangear mais interesse para a sua Obra. E si o seu Poema encontrou tantos applausos na occasião, em que sahio á luz, e, o que é mais para admirar, ainda hoje é citado com louvor pelas poucas pessoas, que tem tido occasião de o lêrem, deve-se isso á rica imaginação, e invenção, que nelle reina, á multidão de quadros poeticos, e historicos, de que está adornado, e ao gracioso

emprego da mythologia, brilhante do mais formoso colorido, juntando-se a todos estes meritos o de uma versificação facil, sonora, e corrente, pois nesta parte foi este Poeta superior a quasi todos os do seu tempo.

Pena é que de quando em quando occorram por elle alguns rasgos de gongorismo, molestia endemica do seculo, em que escreveu, e alguns trechos, que parecem de proposito buscados para dar maior extensão ao Poema.

Todos sabem que em um Poema Epitalamico é de necessaria etiqueta que se descrevam o noivo, e a noiva, enumerando a sua belleza, e boas qualidades. Eis aqui como Manoel de Galhegos, desempenhando esta regra, nos descreve o Duque D. João.

Este do melhor tronco illustre ramo,
 Illustre ramo de melhor Pereira;
 Este a quem eu desde Bragança acclamo,
 Ahe lá d'onde nasce a luz primeira;
 Póde igualar com pares superiores
 Em numero os tropheos de seus Maiores.

De mente superior, de engenho agudo,
 Foi sempre das Sciencias namorado,
 Das Letras coração, alma do estudo
 Em varias artes vive celebrado,
 Quando eloquente a Lacia penna toma
 O que em Tulio perdeu, conhece Roma.

Que clara, que sublime, que florida
 A elegancia Latina resplandece
 Em seus doutos escriptos! que lusida
 Em seu discurso a Logica floresce!
 Com que brandura, com que suavidade
 Move, encarece, inclina, persuade!

Melhor sabe dos Orbes a influencia,
 Os parallellos da Região superna
 Mide melhor que a mesma intelligencia,
 Por quem o Ceo da Lua se governa:
 Os aspeitos conhece das Estrellas,
 Como quem vive eternisado nellas.

Esta Estança pecca pelo mal expressado das idéas, e pelo desmedido hyperbole, que nella se contém.

Si observando os Planetas se remonta,
 Não só a Esphera mide cristalina,
 Mas da varia Fortuna os passos conta,
 E prodigiosos casos vatecina ;
 Não vòa pela machina redonda
 Cometa, ou luz que a seu saber se esconda.

Por aqui se vê que o Poeta estava como os seus contemporaneos preocupado com as chymeras da astrologia judiciaria. Como si Deos tivesse escripto nos astros a historia do Mundo, ou si os astros podessem de algum modo determinar o livre arbitrio do homem.

Quando o mar em seu limete não cabe,
 E se deixa servir do voraz cano,
 Que o Ceo fórma das Nuvens, elle o sabe
 Primeiro, que a corrente do oceano,
 E, quando o Vento aballa o firme Polo,
 Antes o vê, que o determine Eolo.

Com tanta graça, e tanto adorno falla
 A lingua do Francez, que bem podera,
 Si se vestira de Franceza galla,
 Fazer que por seu Rey França o tivera,
 Que do, que a rege, Principe eminente,
 Não he mais que no trage diferente.

Cuidadoso, solícito, engolfado
 No immenso mar da musica, procura
 Hir por algum caminho desusado
 A dar novos preceitos á doçura:
 E a descobrir na organica harmonia
 Numeros novos, nova melodia.

Quando douto, e harmonico pertende
 Encher de varias flores hum motete,
 Com graça superior as vozes prende
 E com tanta destreza hum passo mete

Que antes que este suavissimo feneça,
Outro, mudando de intenção, começa.

Por modos novos, nova variedade
Faz caminhar a voz; talvez o obriga
A que fuja com rara suavidade,
Talvez a que galharda hum passo siga,
Ora com ley de numeros lhe manda,
Que tremula se quebre, e pare branda.

Este de Apollo emulação divina,
Este canoro, e grave Melopeo
A' memoria do douto Prenestina
Sepultará nas aguas do Letheo,
Ou quam doce no canto o celebrara
Si seus preceitos minha voz guardara.

Viste o formoso Adonis, na espessura
Do Caledonio Monte, quam bizarro
Tyrannisava a Selva mais escura
Com brio superior, nobre desgarrro,
Sendo por matas asperas, e austeras
Mais Caçador de Nymphas, que de Feras?

Pois assim tão airoso, e tão lusido
O sempre excelso Duque bate as penhas,
Que rega o claro Borba; assi atrevido
Penetra na Tapada escuras brenhas,
Assi com duro ferro, alegre vista
Sugeita Javalis, Deosas conquista.

Quando a Fera dos olhos se lhe aparta,
A pé talvez a busca, a pé discorre;
E como corre o Sol na Esphera quarta
Assi galante pelo prado corre,
Azael não corria mais violento,
Nem vóa tão lustroso o Firmamento.

Em quanto a pé por varios campos gira,
E em quanto destro pelos montes erra,
Presume o Ceo, que sem cessar admira

Que algum Planeta lhe cahio na Terra
Corre em fim tão vistoso, e tão jocundo
Como o seu claro nome pelo Mundo.

As rosas se desejam vêr pisadas
Do leve pé, que a toda a Flor perdôa,
E as Nymphas de seu curso namoradas
Cuidam que o Deos d'Amor sam azas vôa,
Aguia duas vezes he, que a Natureza
O fez Aguia na estripe, e na destreza.

Conhece-se aqui a imitação destes versos de Petrarcha

*L'erbeta verde, i fior di color mille
Sparse sotto quill'Elce antica, e nera,
Pregan pur che il bel pié le prema, o toschi.*

Mas esta idéa me parece mais verosimil applicada a
Laura, que ao Principe D. João.

A pé mil vezes examina a cova
Da Fera, que se esconde, cara a cara,
No Javali mais fero as forças prova,
Com brio illustre, e gentileza rara,
A tal ferir, e tal correr galhardo
He o Tygre medroso, o Gamo tardo.

Ser o Tygre medroso não é admiração nenhuma, por
que este animal, segundo tem observado muitos naturalis-
tas, posto que seja ferocissimo, e mui forte, não é valente
como o Leão; pelo contrario teme os perigos, e raras ve-
zes ataca sem traição, e sem vantagem; ha entre elle, e o
Leão a mesma differença de coragem, e de instinto, que
entre o Gato, e o Cão.

Si o Cão de trez gargantas vêr quizera
Segunda vez o resplendor superno,
Que enche da terra os limites, tivera
Menos hum Monstro o duro Rey do Inferno;
Menos renome o que nasceo de Alemena,
E os condemnados menos huma pena.

Nesta Estança ha mais de uma inexactidão, dizendo o Poeta que si o *Cão trisfauce* quizera *ver segunda vez o resplendor do Ceo*, parece intender-se que foi por seu querer, que elle o vio pela primeira vez, o que é falso, pois todos os Mythologos, e Poetas affirmam que mui violentamente o arrancara Hercules do Inferno para o trazer ao mundo.

Accrescentar, que no caso do cerbero tornar ao mundo o Duque de Bragança o mataria, é um pensamento falso, porque segundo a Theologia Pagãa todos os monstros infernaes eram immortaes como Plutão, e Proserpina; como se esqueceo pois o Poeta desta circumstancia, e imaginou que o Duque D. João podia dar a morte ao que não podia morrer?

Este Hercules segundo, que he segundo
 Porque o de Thebas floresceo primeiro,
 Não porque houvesse Hercules no Mundo
 Mais forte, mais bizárro, mais guerreiro,
 Nasceo valente para empezas grandes,
 Oh Turco! oh Persa! oh Protestante, oh Flandres.

O brio, que heredou de seus Maiores,
 Desejoso de objecto, em que empregar-se,
 A falta de belligeros furores,
 No das Feras procura exercitar-se,
 Ah queira o Ceo, que em gloria de Filippe
 Meu clarin de seu nome partecipe.

Manoel de Galhegos escreve ordinariamente *heredar* á moda dos Castelhanos, em vez de *herdar*, segundo a pratica seguida pela generalidade dos Escriptores Portuguezes; da mesma fórma usa de *limites* com a primeira longo, em lugar de *lemites* com a segunda longo, e nesta pratica, tem mais companheiros, que na primeira. A muita conversação de Castelhanos, e a leitura de seus livros introduzio na lingua estas novidades desnecessarias, assim como a de pronunciar *Héroes*, em lugar de *Heróes*, que ainda se torna mais desagradavel aos nossos ouvidos.

Si de um veloz Ginete a ilbarga opprime,
 Tanto o destro animal desaparece,
 Que escassamente o pé ferrado imprime
 Na terra, e pelos ares se enfurece,
 Voa tanto, que creio que violento
 Leva hum raio nós pés, nas mãos hum Vento.

Rapido corra a par de Ethonte, e bate
 Com servido rumor e alegre praça,
 Recea o Ceo que a terra se desate,
 Ou que a faça tremer a menor chaça;
 E, quando pelas ruas vaga ayroso,
 Anda sereno, pisa vagaroso.

Caminha de vagar porque deseja
 O gentil animal, que o considere,
 Quem o vê, quem o admira, e que se veja
 De espaço quam bizarro as pedras fere;
 Quer também que contemple a Phantasia
 Do Alexandre, que o rege, a galhardia.

Bate feroz, e tantas abrazadas
 Faiscas saem das Ruas, que presume
 Estam as pedras delle namoradas,
 E que he fogo de amor aquelle lume,
 - Assim passeia o Duque esclarecido
 Da Terra, e das Estrellas applaudido.

Parece-me que o bom gosto demandava que o Poeta se
 não dilatasse tanto em circumstancias de tão pequena
 consideração.

Em seu rosto a grandeza se lemita,
 Move os olhos com tanta gravidade,
 Que parece que nelles resuscita
 Dos Reys de Portugal a Magestade;
 Não passeia o Verão no ameno prado
 Com tanta galhardia, tanto agrado.

Si o Rey de Macedonia presumia
 Que quando seus Vassallos mais honrava,

E quanto mais riqueza repartia
 Então Senhor das almas imperava;
 Elle he tão liberal que o seu thesoro
 Mana rios de Prata, Fontes de ouro.

He de fazer mercês tão cubiçoso,
 Que para ter que repartir quizera
 Que fôra o Borba Rio caudaloso,
 E que desfeito em perolas correrá:
 Tomara que em seus montes as Boninas
 Foram joias, e as pedras pedras finas.

Que os pomos foram de ouro, a neve prata
 Que a famosa tapada produzira,
 Calambá soberano, em vez de mata,
 E de cheirosos Cedros se cobrira;
 Mas para mão tão liberal a Terra
 Pouco preço em seus limites encerra.

Universal Mecenaz, favorece
 Aos Engenhos, que buscam seu amparo,
 A todos ama, a todos enriquece,
 Para ser como o Sol unico, e raro;
 A todos honra, e por grandiosos modos
 Liberal resplandece para todos.

Proteger as sciencias, as letras, e as bellas artes foi sempre tymbre dos grandes Principes, por vêrem nellas poderosos meios de illustração, e civilisação para os povos; sam ellas que augmentam os commodos da vida, pulem a rudeza dos costumes, e promovem a riqueza, e o respeito dos Estados. Não sei até que ponto possa caber ao Duque este encomio de Manoel de Galbegos; mas sei que quasi no mesmo tempo havia Camões morrido em o hospital, e Bernardes exclamava

*E porém de Mecenaz tantos temos,
 Como de Brancos tem a Ethyopia.*

e na verdade si a pintura tem sido protegida em Portugal, as outras bellas artes não podem dizer outro tanto, e

quanto á poesia tem tido muitos Principes que a cultivassem, mas mui poucos que a protegessem.

A pintura da belleza da noiva não deu menos que fazer aos pinceis de Manoel de Galhegos: segundo o costume dos Poetas Castelhanos em tal caso, prodigalisou todos os thesouros da natureza, sacrificou as Deosas, derramou com mão prodiga as metaphoras, os conceitos, e todos os recursos da imaginação para que o seu painel, sahisse rico, si por desgraça não sahisse perfeito; continuarei com as citações, sem reparar em que sejam mais extenções por isso mesmo que este Poema, é, como acima disse, um dos menos conhecidos, que temos.

Si o Cephysio cristal Nympha tivera,
 Como esta que das almas he Senhora,
 Não morrera Narciso, e si morrera
 Ella só causa de seus males fôra;
 Nella todas as graças acharia
 Da Deosa, que adorou na phantasia.

Por esta maravilha se presume
 A Natureza mais artificiosa,
 Por esta emulação do Empyrio lume
 He a flamma d'Amor mais poderosa;
 A par desta belleza soberana
 A sentença de Paris he tyranna.

Em que? Por ventura a Duqueza concorreo no monte Idea pela maçã de ouro? Si Paris devia a adjudicalla aquella das trez Deosas rivaes, que lhe parecesse mais formosa, e a julgou a Venus, que injustiça fez nisso? Si a Duqueza que ainda não era nascida, ali estivesse presente, e fosse mais formosa que Juno, Pallas, e Venus, o Juiz teria sido injusto na sua sentença, si não decidisse a seu favor, ora como este caso se não deu, não ha aqui si não o desejo de lisongear, sem attender ao modo porque.

Já Pallas não se queixa de offendida,
 Juno já do juizo não murmura,
 Venus tambem de tanta luz vencida
 O Imperio lhe dá formosura,

E para as flores de seu rosto bellas
 Já lhe destina o Ceo premio de Estrellas.

Quando lêmos os Poetas deste seculo não podemos deixar de lamentar o desperdicio de nacar, ouro, prata, marfim, coral, e mil outras drogas preciosas, que elles gastaram com as suas pinturas de formosura; não podemos deixar de ter dó do Sol, e das Estrellas tantas vezes compromettidas nos versosoticos desses homens, que qucriam deixar o mundo ás escuras á força de gastarem a luz dos Astros, e das Estrellas, e especialmente do Sol.

Nos claros olhos de Hero, que retrata
 O elegante Musco em brando verso,
 Posto que nas memorias os dilata,
 Pelos mais peregrinos do Universo;
 Não considero luz, graça não véjo,
 Que impere o coração, farte o desejo.

Não soe pois em Grecia o doce canto,
 Que a Hero retratou no firmamento,
 A que cantada foi do Mundo espanto,
 Acabe agora ás mãos do esquecimento,
 Que á vista deste Sol de Hero a belleza
 Erro parecerá da Natureza.

Não queira o Téjo, o Betis não permitta,
 Que com este prodigio, que venero,
 Perdoe de Helle o claro mar, compita
 A celebrada formosura de Hero;
 Que a ser tão superior, a ser tão rara
 Leandro em mar de glorias acabara.

A alegria o matara docemente,
 Morrera só d'amor, que se seguira
 Tão galhardas Estrellas, a corrente
 Socegado cristal lhe permittira:
 Que este rosto, imperando liberdades,
 Nuvens serena, amansa tempestades.

Na bella fronte de cristal galharda
Praça d'amas d'Amor, Amor descança,
Aqui seus raios, e seus arcos guarda,
E aqui dous Soes verá nascer Bragança,
Neste campo vereis que a Formosura
Desafia dos Ceos a luz mais pura.

Conceitos alambicados, e exaggerações de formosura muito em voga no tempo do Author, que não pôde escapar inteiramente á influencia do seu seculo.

He campo, que só glorias fertelisa,
Com mar de graça a Natureza o rega,
Mas só cria affeição, só se matisa
De luz, que abraza, e de esplendor, que cega;
Não he o Elysio campo tão pequeno,
Mas este he mais alegre, e mais sereno.

He tambem amoroso Amphitheatro,
Meravilha dos Astros applaudida;
Não só he de Jasmin bello Theatro
Donde padece toda a humana vida;
Mas da belleza apparador, e praça,
Em que a preço de Fé se vende graça.

Que uma Senhora formosa seja um *theatro*, isto, é um cadafalso de *Jasmins*, em que toda a humana vida padece, é na verdade o elogio mais extravagante, que pôde imaginar-se, e não é menos extravagante nem mais decente o considera-la praça onde se vende a graça a preço da Fé.

Negro o cabello os ares lisongea,
E escuro com graciosa galhardia
A par dos olhos lugubre campea
Para que assista a Noite a par do Dia,
Oh que galante o Ceo reverberara,
Si de tão bella Noite se adornara.

Oh que alegre este escuro resplandece,
Porém si lucto, por quem mata, viste
Este raro cabello, Amor, parece

Que he razão que este negro seja triste;
 Mas antes seja bello, alegre seja,
 E tenha deste lucto o Sol iuvejar.

Que si o Duque, felice namorado,
 A cujo coração permite a sorte,
 Que neste Ceo d'Amor morra abrazado,
 Tem por gloria o penar, por vida a morte;
 Bem he que esta côr negra honre vistosa
 Com lucto alegre morte tão gloriosa.

Tambor de negro os olhos se vestiram,
 E cobertas de horror as luzes bellas,
 Em quanto alegres, e engraçadas giram,
 Movem guerra com sombra ás Estrellas,
 Que para serem unicas, e raras
 O horror fazem luzente, as sombras claras.

Estes olhos as almas só retratam,
 Co'as frechas das pestanas se defendem,
 Que porque a quantos vem d'amores matam,
 Assegurar seu resplendor pertendem;
 Si as rosas entre Espinhos resplandecem,
 Elles de harpões pequenos se guarnecem.

A' vista d'isto não pôde negar-se que os olhos da Duqueza de Bragança eram mui differentes dos olhos das outras filhas de Eva de sangue rubro, ou de sangue azul pois além de só servirem para vêr as almas, serviço que não prestam os outros, em que só se retratam os objectos materiaes, que ficam ao seu alcance, eram rodeados, e guarnecidos de sarpões pequenos, podia sem escrupulo applicar-se a taes olhos o nome de olhos de Porco Espinho.

Deixam-se vêr com rara magestade
 De mil pontinhas negras adornados,
 Porque como sam Reys da Liberdade,
 Desta graga apparecem rodeados,
 Guardai, oh d'Ebano hachas pequeninas,
 Para João desses olhos as Mininas.

O candido nariz, perfil de prata,
Desce da fronte de Jasmim gracioso;
E moderadamente se dilata
Por prados celestiaes de viva Rosa,
Não he só Lilio quando branco admira,
Mas he Lilio tambem quando respira.

Ao pé das sobranceiras representa
Delicada columna, que elegante
Os arcos negros mostra, que sustenta,
Por onde a formosura vai triumphante,
Os arcos negros com que temerario
Ferio o Duque o cégo Sagitario.

Em dous pequenos treços dividido.
Lhe fórma a bella bocca um doce cravo,
Aqui o rocio d'alma está escondido,
E o Nectar superior do Hybleo fave;
Aqui mora de Apollo a melodia,
E a divina elegancia de Thalia.

Nesta bocca se esconde aquelle stave,
E regalado Aroma de Sabao,
Aonde de si mesma nasce a Ave,
Que nunca foi dos Seculos trophéo.
Si dá licença alguma vez ao riso,
Abre-se da belleza o Paraiso.

Do seu thesouro ostentação vistosa
Faz como a concha Indica, e parece
Que entre huma, e outra perla preciosa
O Artifice dos dias amanhece,
Nunca o Cravo se abriu no ameno prado
De tantas gahardias adornado.

Quando para explicar graves idéas
Permitte á voz, que pelos ares võe,
E vencendo a elegancia das Sereás
Oraculo do Sol nas almas sõe,
Esquadras fórma de razões sonoras,
Que entram pelos ouvidos vencedoras.

Estas esquadras de razões sonoras, que entram pelos ouvidos como por uma fortaleza tomada de escallada, não duvido, que sejam do gosto de muitas pessoas, mas duvido muito que sejam approvadas pelo bom gosto.

Falla tão superior, que si eloquente
 No Choro das Pierides vivera,
 O Pindo namorado, e reverente
 Pela melhor das Musas a tivera,
 Com estas, oh Amor, doces palavras,
 Abrandas Feras, e diamantes lavras.

Mas agora dirás, oh Deos das Bodas,
 Que te parte a garganta clara, e pura,
 Por vér si á vista destas graças todas
 Ha neve, ou prata que não seja escura;
 Ouve pôis, e vérás que em tal sujeito
 He tudo Celestial, tudo perfeito.

Quando lá pelo claro Firmamento,
 A visitar a Jupiter entraste,
 Não suspendeste o leve movimento
 De teus pés? e o caminho contemplaste?
 Não viste a lactea via já gastada,
 E por diversas partes destrozada?

Não achaste na estrada cristalina
 Da materia dos Ceos alguns pedaços,
 Que parecem memoria da ruina,
 Que fez na Esphera o monstro de cem braços?
 Pois escuta, Hymineo, soberano,
 E saberás a causa deste damno.

Esta fabula da invenção do Poeta abona bastante, segundo me parece, a sua rica imaginação, véjamos agora como elle soube desempenhar a idéa poetica que concebera.

Andava a Natureza desejosa
 De fazer a este rosto huma garganta,
 Que servisse de baze milagrosa,
 Em que estribasse formosura tanta;

E que por clara, e pura merecesse
Ser Polo, em que esta Esphera se movesse.

Primeiro a quiz formar do mais preclaro
Cristal, que engendra o Sol, no centro de Alpe
Logo o dente elegeo candido, e raro,
Que no sabio Animal produz o Calpe;
Depois a quiz fazer da massa bella,
Que a concha furta á matutina Estrella.

Huma vez a materia desejava
De toda a branca flôr que o Maio cria,
Nas fontes outra vez considerava
Si a brancura da neve roubaria;
Tambem lhe pareceo sujeito dino
O precioso Alabastro de Apenino.
Porém deliberada, e atrevida
Entrou nos Ceos de noite, e mansamente,
Buscou no Olympo a estrada exlarescida,
Que com leite se banha refulgente,
Logo picão de ferro fez dourado
De huma setta, que Amor lhe havia dado.

Com este subillissimo instrumento
Penetrou pouco a pouco a bella mina,
E apressada com mudo movimento
Foi tirando a materia peregrina,
De que formou com unico artificio
A Columna, em que estriba este edificio.

A Columna, que vive no Universo
Por merayilha aonde o Ceo se apura,
A Columna, em que Amor poz este verso,
"Aqui acaba do Mundo a formosura;"
E em que a alma de João se considera
Vide amorosa, abraçadora Hera.

Como a noite com varios resplendores
Reverbera formosa, ou como o prado,
Com varias Plantas, e diversas Flores

Se vê de immensos olhos contemplado,
Assim vive esta Nympha exclarecida
Por mil dões, por mil graças applaudida.

Ostentação da graça, alma do brio,
Pisando corações grave passêa ;
Não vaga tão vistoso o claro rio
Quando no verde bosque se recrea ;
Nem quando a Aurora aljofre, e raios chove,
Com tanta bizzarria o passo move.

A graça, e airocidade no andar foram sempre considerados como realce da formosura feminil; e na verdade uma bella mulher perde muito tanto com a falta de gravidade na locamoção, como em todos os movimentos, desprovidos de magestade, e decencia. Em geral os movimentos bruscos, e violentos, e o desmancho dos passos, arguem em uma mulher grande falta de boa educação os antigos eram da mesma opinião, especialmente a respeito do andar, é por isso que Virgilio no primeiro livro da Eneida, narrando como Venus appareceo a seu filho na figura de uma Nympha de Tyro, accrescenta quando ella se retira

et vera incessu patuit Dea

porque a Deosa se distinguia das mortaes muito especialmente no magestoso do passo.

Aquelle illustre, e singular assêo,
Com que em seus pés do Mundo os olhos lava,
E o brio, com que faz que a seu passêo
Mais flor que á Primavera o campo dava ;
Ao Deos de amor adquirem tantas palmas,
Quantas o Ceo creou ditosas almas.

Creio que os primeiros dous versos traduzidos em prosa, querem dizer que a Duqueza de Bragança tinha por costume andar bem calçada. Cousa tão facil de ajuizar em senhora de tão alta guisa, que parece inconveniente adverti-lo, e muito mais tirar disso motivos de louvor : os seguintes sam imitados destes de Petrarcha.

*Com'il candido piè per l'erba fresca
I dolci passi onestamente move,
Virt'u ch'intorno i fior apra, e rinove
Dalle tenere sue piante par ch'esca!*

Vêr-se pisada de seus pés quizera
A purissima neve, o branco arminho,
E, quando anda bizarra, considera
Que lhe abre Amor nos corações caminho;
Oh como se deseja vêr honrada
Com seu passêo a luminosa estrada!

Com graça traz as mãos, move-as Cupido
Airosas, socegadas, e serenas,
Assim como no campo o mais florido
O Vento move as frescas açucenas;
Segue o seu doce movimento o Dia,
E em seus passos aprende galhardia.

Alma tem nas acções, alma divina
Em seu grave semblante resplandece,
Move com alma a vista, que benina
Honra a côr negra, as trevoas ennobrece;
Com alma sabe a par dos olhos bellos
Imitar ao mar negro nos cabellos.

E' natural que se repare que um Poeta tão culto como Manoel de Gallegos use, em um Poema sério, do vocabulo *trevoas*, em lugar de *trevas*, que se encontra em quasi todos os Classicos, quando o outro apenas é hoje ouvido na bocca da plebe mais indouta; advirtindo que nem o metro, nem o consoante o obrigavam a tal: qual será pois a razão disto? Não podemos achar outra, si não o suppôr que naquelle tempo a palavra *trevoas* estava em uso, e não passava por barbarismo, o exemplo de alguns Escriptores contemporaneos do Poeta me parece dar grande peso a esta supposição.

Imitar o mar negro nos cabellos.

E' um rasgo legitimamente gongoristico, um conceito que não tem mais fundamento que a semilhança das vô-

zes; os cabellos da Duqueza sam negros, ha um mar que se chama o mar negro, logo a Duqueza imita o mar negro nos cabellos; o sylogismo parece exacto: mas como o mar negro não é da côr dos cabellos pretos, a idéa em vez de engenhosa fica sendo ridicula.

Em cujas ondas faz que se entretenha
O brando Vento, que seu brio admira,
Alma tem no vestir, e he bem que tenha
Huma alma em cada acção quem tantas tira;
E quem como alma quer Amor, que anime
De Portugal o peito mais sublime.

E' muito probavel que si Grazian conhecesse esta phrase, e algumas das precedentes, não deixasse de as citar como modêlos na sua *Arte de Agudeza de Ingenio*, onde na verdade podiam figurar bem.

Sabê ferir a doce Lyra, e suave
Desafia de Tethys as choreas,
Com destrissimo pé; que airoso, e grave
Dançar pôde ao compasso das Sereas,
Faz versos, he cortez, he generosa,
Que a fez discreta o Ceo sobre formosa.

Estas duas pinturas das qualidades, e formosura dos noivos não sam feitas directamente pelo Poeta; é a Fama, que procura o Hymineo para tecer estes laços nupciaes, e para o resolver lhe dá estas informações; idéa mui louvavel porque torna dramatica a situação, cousa, em que deve pôr-se grande cuidado, porque quanto mais dramatico fôr um Poema mais se chegará á perfeição, e mais deleitosa será a sua leitura.

Quanto á execução não pôde negar-se que é ella soberbamente versificada, e mal grado a algumas negligencias, e pinceladas menos correctas, cheia de força, e de colorido; é porém sem replica que é demasiado longa a pintura, e sobrecarregada de circumstancias de pouco interesse; mas o Poeta obedecia nisso ao costume estabelecido na Eschola Hespanhola, a que pertencia. Parece que os Poetas daquella Eschola temiam sempre dizer

pouco quando se tractava de retratar os seus Heroes, das suas amadas, e das suas heroínas, este defeito lhe foi com muita razão censurado pelo erudito Candido Lusitano (o Padre Francisco José Freire) em uma nota á sua traducção da Arte Poetica de Horacio; eis aqui as suas palavras: « Como se parece isto com as prolixas descripções do nosso Manoel Thomaz, não menos na sua *Insulana*, que no seu *Phenix da Lusitania*, occupando oitavas, e oitavas, em descrever cousas, que apenas mereciam quatro versos. Nesta materia sam intoleraveis os Hespanhoes do seculo passado. As suas *Descripções de formosura nunca acabam*; quando Virgilio se contentou de dizer *forma pulcherrima Dido*. O valor das suas heroínas descrevem-no por uma tão longa inumeração de partes, e lhe applicam tantas comparações, que todas as tintas sam poucas para a sua pintura. Quando Virgilio, querendo descrever o generoso espirito de Dido, assentou que bastava dizer, e oh quanto basta! *Dux femina facti.* »

No livro segundo chega a Fama com o Hymineo ás portas do Templo da Memoria, de que o Poeta faz a seguinte descripção.

A' maneira de Esphera se levanta,
E de parede de ouro se rodêa,
Com tanto resplendor, belleza tanta,
Que he Jardim d'onde a Arte se recrea,
E throno do Verão, que em pedras finas
Imita as varias flores das Boninas.

Pela parte de fora resplandecem,
Mil debuxos em prata relevados,
Varios fruteiros de rubis florescem
Em tarjas d'Ametistas pendurados,
Ali o marfil em flores se dilata,
E aqui Sereas o cristal retrata.

Em frisos de esmeraldas se sustenta
O tecto de Saphyras construido,
E no alto hum Velho de coral se ostenta
De huma cobra de perolas cingido

Sacra imagem do Tempo, que publica
Que esta machina aos annos se dedica.

De polidos Topazios fabricada
Com degrãos de luzentes alabastros,
Ao alto frontespicio sobe a escada,
E parece que sobe ao Ceo dos Astros
Para dar a entender que o valor vóa,
E que aqui das Estrellas se coróa.

Si he grande este Édificio soberano,
Tambem a entrada he grande, mas mil vezes
Veio pequena ao brio Castélhano,
E estreita ao coração dos Portuguezes;
Que bem o Belga, e bem o Turco sabe
Que hum, e outro valor só em si cabe.

O Poeta além de fallar nas guerras, que os Portuguezes sustentaram contra os infreis, faz tambem allusão ás campanhas de Flandres, em que grande parte da nobreza Lusitana, e dos populares, de boa, ou má vontade combateram pela causa da Hespanha, contra os Belgas, e Hollandezes, que combatiam para quebrar o jugo de ferro de Castella, e da inquisição; muitos dos nossos ali se assignalaram pelo seu valor, ou pereceram nas frequentes batalhas, em quanto Portugal foi regido pelos Filippes.

Está na porta a imagem de Mavorte
Formada de hum finissimo diamante,
Tão alegre que mostra que dá morte,
E do poder dos annos vai triumphante;
Pintados pendem por diversas partes
Peitos, clarins, tambores, estandartes.

A Fama, e o Hymineo entram, desejosos de contemplar o que nelle se occulta, sam recebidos affavelmente pela Memoria, que os faz sentar a seu lado, e lles mostra todos os grandes homens da casa dos Pereiras, começando no Infante D. Mendo irmão do Desiderio Rei dos Longobardos, que Carlos Magno, apesar de ser seu

genro expulsou do Solio instigado pelas sugestões do Pa-
pa.

O primeiro que á vista se offerece
He aquelle famoso, aquelle illustre,
Aquelle Augusto Mendo, que merece
Ser Sol de guerra, e de Memoria' lustre:
Aquelle Irmão do Rey da Lombardia
Por quem de Marte Venus se esquecia.

„ Este (a Memoria diz) Principe altivo,
„ Tronco da Casa dos Pereiras veo,
„ Pelo mar, como Eneas, fugitivo
„ A dar sugeito á Cythara d'Orptheo,
„ A dar em seu valor materia dina
„ De celeste buril, penna divina.

„ Rendido aos pés de Carlos Desiderio,
„ Determinou deixar a Emilia Terra,
„ D'onde hum tempo dos Cezares o Imperio
„ Logrou na paz, e defendeo na guerra;
„ Sahio pois com Dom Mendo, e foi chorado
„ Do, que o pé lhe beijou, turbido Pado.

„ Ao poder de huma armada redusido
„ O mais prospero Reyno, os marçs corta,
„ Quando subitamente embravecido
„ Aos Ventos abre Eolo a ferrea porta;
„ Divide o mar as Náos, e do gran Mendo
„ Já de Gallisa as aguas vai bebendo.

„ Já, furibundo, e destroçado toca
„ A arêa de Betanços, já vehemente
„ Bate nas pedras de huma, e outra roca
„ Ao Imperio das aguas obediente;
„ Sae á terra o galhardo Aventureiro
„ A Nau despedaçada, o brio inteiro.

„ Hum penhasco lhe deu, fragoso hospicio,
„ Athe que de Fruilla a filha bella,
„ Admittio de seu peito o sacrificio,
„ E lhe outhorgou que a venerasse Estrella:

» Vio-a no campo hum dia, e valeroso
 » Foi Promethéo deste Sol formoso.

» Desta Helena foi Paris, e só teve
 » Para rouballa brio, amor e modo,
 » Não fiou tanta luz a hum linho leve,
 » Antes a defendeu do illustre Godo;
 » E com tanto valor que mais victorias
 » Logrou por ella que em seus olhos glorias.»

Na minha opinião este Infante D. Mendo, irmão de Desiderio Rei dos Longobardos, e que o Poeta dá como tronco dos Pereiras, é uma daquellas personagens imaginarias, que os Genealogicos costumam fingir na idade media para servirem de raiz ás arvores genealogicas das familias nobres, que eram incumbidos de traçar. Era a mania do tempo procurar illustração nas fabulas; esta mania passou das familias ás nações, por isso vemos um Franco, filho de Priamo, povoando a França, Ulysses fundando Lisboa, Lysias filho, ou companheiro de Baccho, povoando a Lusitania, e outras muitas legendas igualmente ridiculas, e extravagantes, com que os novos povos da Europa procuraram mascarar a sua origem barbara.

Depois de mencionar este D. Mendo tão suspeito, passa a Memoria a enumerar os outros ascendentes dos Pereiras, como D. Rodrigo Forjaz, D. Pedro Forjaz, Conde de Trastamara, D. Alvaro Pereira, Prior do Crato, até parar no Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, cujas façanhas descreve com maior individuação, como póde vêr-se nas Estanças seguintes.

« Bem sei que folgarás de vêr agora
 » Do grande Condestable a imagem clara,
 » A quem por Deos da Guerra o Têjo adora,
 » E por quem Roma os Cezares trocara;
 » Prevem o espanto, applica a vista attento,
 » Verás das armas o maior protento.

» Esta de Nuno sombra peregrina
 » Venera religioso, applaude urbano,
 » Olha como severo o rosto inclina

- « O rosto, que terror foi do Africano,
 « Aquelles graves olhos considera
 « D'onde a bellica Estrella reverbera. »

Si o Poeta não tivesse escripto no tempo da dominação dos Filippes, é natural que o quarto verso desta estancia fosse

Rosto, que foi terror do Castelhana

porque na verdade a maior parte das proezas de D. Nuno, as mais importantes pelo menos, tiveram por fim sacudir da cerviz da patria o jugo estrangeiro. Foram pois os Castelhanos os que provaram mais vezes os fios da sua espada, e tiveram mais razão de encher-se de horror ao vêr o seu rosto, do que os Mouros, que só tiveram de medir-se com elle na conquista de Ceuta, a que elle, segundo dizem, assistio já depois de Donato do Carmo.

- « Contempla aquella augusta magestade,
 « Aquella galbardia, aquelle brio,
 « Que parece que fero persuade,
 « Que o gran Tonante chama a desafio,
 « Cause-te tanto espanto aquelle peito
 « A quem viria o Marcio arnez estreito. »

Vir estreito o grande arnez de Marte, é loqução mais Italiana, que Portugueza.

- « Que airoso terça a capa! que galante
 « A adaga de cristal lhe luz na cinta!
 « Tão furioso se mostra no semblante
 « Como a Thalia de Camões o pinta,
 « A mão na espada irado, e não facundo,
 « Ameaçando a terra, o mar, e o Mundo.

- « Este, cujo favor o Têjo implora,
 « Este forte, e magnanimo guerreiro,
 « Aos pés da que de Luso hera Senhora
 « Se collocou no grão de Cavalleiro,
 « A real mão de Leonor com mil assombros
 « Leve lhe pôz a espada sobre os hombros.

„ Heram as bem polidas, e gravadas
 „ Armas, que ao Coude o peito guarneciam,
 „ Do Gran Mestre d'Aviz, e celebradas
 „ No Mundo mais que as de Ajax relusiam;
 „ Porque depois que a Nuno defenderam
 „ Sobre ellas Jove, e Marte contenderam.

„ Armado Cavalleiro, a excelsa Torre
 „ De Portalegre defendeo valente,
 „ Tambem nos campos, donde o Gaia corre,
 „ Desembainhou a espada reluzente,
 „ E, cobrindo de horror os horisontes,
 „ Entupio com Cadaveres as fontes.

„ Nas Bodas de bellissima Princeza
 „ De Castella gallardo, e atrevido,
 „ Fez c'os pés em pedaços huma Meza
 „ Donde estava do Reyno o mais lusido,
 „ Quo porque nella lhe faltava assento,
 „ Mostrou que lhè sobrava atrevimento.

Quem lèr esta Estança deve assentar pelo theor da expressão, que D. Nuno Alvares Pereira, fizera a meza em pedaços á força de pontapés; mas o facto é que chegando elle com um companheiro á sala onde estava a meza, e vendo que nella não havia logar para elle, a deitou por terra, e foi sabindo mui tranquilla, e pausadamente sem que nenhum dos, que estavam presentes, se atrevesse a pedir-lhe satisfação. Duvido muito que esta rapaziada de D. Nuno, praticada em tal logar mereça ser mencionada com louvor em um Poema.

„ E lá donde Estremoz ao Ceo levanta
 „ Purpureas serras de cheroso barro,
 „ Com tanto ardil, com bizzarria tanta,
 „ Soube triumphar em bellicoso carro;
 „ Que o Bosque lhe outhorgou florido Solio,
 „ E invejou seus tropheos o Capitolio.

„ Oh com que brio em temerario duello
 „ Mil Principes venceo! com que ousadia

"Caminhou por perigos ao Castello,
 "Donde em vão Monsaraz lhe resistia!
 "Que si huma Torre aos pés esconde a porta,
 "Entra o valor por onde a espada corta!

"Quantas vezes as Villas, que entre as Serras
 "Vivem do claro Têjo, combatidas
 "Se viram por seu braço em varias guerras
 "Com hum Têjo de sangue guarnecidas!
 "Quantas vezes o mar se vio parado
 "Com medo de seus olhos congelado.

"O que fez em Portel hera bastante
 "A debellar de Jupiter o Imperio,
 "A hum golpe desta espada fulminante
 "Se estremeceira o diaphano Hemispherio;
 "E o nome deste insigne Lusitano,
 "Poderá mais que o braço do Titano.

"Lá na ponte d'Alcantara, Lisboa
 "O vio mais fero que a Sertorio Italia,
 "Em Braga escureceo tudo o que sôa
 "Nos arrogantes versos da Pharsalia;
 "E fez com seu valor crêr a Caminha
 "Que o Mundo Orlandos, e Rugeiros tinha.

"Quizera agora, oh bello Deos! tomara
 "Ter das Musas a lingua mais graciosa,
 "Porque com mais adorno te contara
 "O que por Nuno vio Villaviçosa;
 "Mas pois não posso tanto, oh voz de Orpheo,
 "Eternisa no Mundo este tropheo.

"Aquelle Rey de Portugal, que leve
 "Do grãu Baptista o nome peregrino,
 "A quem a Casa de Bragança deve
 "Sangue de Reynos, e de Imperios dinó,
 "Foi Rey por Nuno, e sangue merecia
 "De Reys, quem com seu sangue os defendia.

"Sentio seu braço o Monda, o Douro, o Lima,
 "Foram de seu valor eterna gloria,

» Villa Nova, Monção, Ponte de Lima
 » Chaves, Leiria, Carceres, e Coria;
 » Não ficou do inimigo fonte, ou lago,
 » Que não chorasse do seu ferro o estrago.

» Entre as victórias deste Alcides quatro
 » Foram tanto no Mundo celebradas,
 » Que athe nos Céos em lucido Theatro
 » Pelos Deoses se vem representadas;
 » Em Badajoz foi huma, em que podia
 » Aprender Veriato valentia. »

Sabiamos, até por experiencia propria, que neste melhor dos mundos, que nos coube em sorte, havia muitas pessoas, que se entretinham em representar Comedias em theatros particulares, ignoravamos porém que os Deoses se dessem a esse divertimento no Olympo, é esta uma grande descoberta, de que somos dévedores a Manoel de Galhegos.

« Outra foi em Valverde, outra na terra
 » A quem o Luso os Atoleiros chama
 » Victoria rara, memoravel guerra,
 » Digna da voz, com que a celebra a Fama,
 » A outra foi de Aljuharrota, e esta
 » Vós quero retratar com voz funesta.

» Dai-me ambos attenção, vereis o estrago,
 » Que fez a espada deste Conde Santo,
 » Vereis parar de medo o Estygio lago
 » Em quanto esta Batalha horrivel canto;
 » Dê-me Apollo energia, phrase, estylo,
 » E tanta copia, que me inyeje o Nilo.

» Como lá pela Terra, em que habitava
 » O Santo Lot, abrazador torrente,
 » Os Campos destruiu, e devastava,
 » A vil Cidade da nefaria gente;
 » Deixando aqui ruinas, ali estragos
 » Troncando Plantas, e secando Lagos.

- « Assim por Portugal entrava horrendo
- » O que de Hespanha o sceptre possuia,
- » Destruindo, assolando, subvertendo,
- » Tudo aquillo, que o passo lhe impedia;
- » Sem que escapasse do rigor da guerra
- » Quanto ha do menor valle á maior Serra.»

D. João I. de Castella, que se julgava com direito á corôa de Portugal pelo seu casamento com a Rainha D. Beatriz, filha d'El-Rei D. Fernando, vendo que os povos principiavam a inquietar-se, porque os seus agentes não respeitavam os ajustês, e condições convencionadas entre o sogro, e o genro, entrou em Portugal com um poderoso exercito, que tallava os campos, saqueava as aldeas, assassinava os povos, sem que da parte delles houvesse provocação, nem resistencia. Esta errada politica, tão pouco propria para lhe conciliar os animos, teve o resultado, que era de esperar; isto é, desesperar os habitantes, e augmentar forças, e partidistas ao Mestre de Aviz; este aproveitando os erros do seu competidor, e ajudado de D. Nuno, que por si valia um exercito, o derrotou na batalha de Aljubarrota; e es habitantes das terras, por onde os seus se retiravam dispersos, em vingança dos insultos, que lhe haviam feito, lhe fizeram montarias como á lobos, de modo que foram poucos, os que conseguiram salvar-se, e recolher-se á Fronteira.

- « Aos confins já chegava da Cidade,
- » A quem o Portuguez Thomar nomêa,
- » Quando Nuno com fera magestade
- » A' vista de seus emulos campêa;
- » E quando a trez Soldados temerarios
- » Os manda para o campo dos contrarios.

- » Dous que vêjam o Exercito, hum que diga
- » Ao Castelhana Principe da parte
- » De Deos, e de São Jorge, que não siga
- » A tão tyranno, e tão injusto Marte;
- » E que veja que em vão vencer pretende
- » Os Estados de hum Rey, que elle defende.

„ Que desocupe a Terra alheia, e logo
 „ Se vá para o seu Reyno, mas, o brio
 „ Digno d'alta memoria, ardendo em fogo
 „ A embaixada acabou com desalio,
 „ Dizendo airado: „ E, si responde austero,
 „ Dizei-lhe que no Campo eu só o espero. „

„ Ao inimigo Rey foi relatada.
 „ A pratica de Nuno, e arrogante
 „ Depois que, contemplando na embaixada,
 „ Hum pouco esteve com feroz semblante,
 „ Que não conhecê a El-Rey Dom João, responde,
 „ Nem sabe si Nunalvares he Conde.

„ Veio-se o Embaixador, e os dous Soldados,
 „ Que a vêr hiam o Campo do inimigo
 „ Temerosos, confusos, e pasmados
 „ De contemplar no proximo perigo,
 „ Maniatado trouxeram certo Espia,
 „ A quem o Condestable isto dizia:

„ Si queres liberdade, e viver queres,
 „ Dize-me aqui á parte a mi sómente,
 „ Não só como te chamas, e quem eres,
 „ Mas que trará teu Rey d'armas, e gente:
 „ Quantas maças terá, quantos Bésteiros,
 „ Coçoletes, Peiões, e Cavalleiros. „

Eres por és, é um Castelhanismo, que o Author admitio pela necessidade da ryma, assim como alguns outros, que se depáram tanto nas suas Obras como nas de outros Poetas contemporaneos.

„ Olha a Espia para traz temendo,
 „ Que o vêja alguém, e diz-lhe: „ ah Conde Santo,
 „ Que te espera hum grão mal, „ logo gemendo
 „ Mostra que enfrêa as lagrimas o espanto;
 „ Athe que com suspiros a voz desata,
 „ E o Campo do inimigo lhe retrata.

„ Depois que com voz baixa, em tempo breve
 „ O numerozo Exercito lhe pinta,

- » E de todo o Soldado lhe descreve
- » As grandezas em pratica sucinta,
- » Os nomes hum por hum vai referindo,
- » Dos Grandes, que o seu Rey vinham seguindo.

- » Diz que todos o servem por mil modos
- » Com copia de Soldados tão estranha,
- » Que o Pagem Mór, que hera o menor de todos,
- » Com setecentas lanças o acompanha.
- » Aqui lhe grita Nuno: « a bocca cerra,
- » Ou se abrirá para tragar-te a Terra.

- » Não digas nada disso, antes publica
- » Aos, com que me vês, poucos Soldados,
- » Que si teu Rey Exercitos duplica,
- » E enche de lanças campos dilatados,
- » Está com pouco brio, e os seus de sorte,
- » E o Medo hasta para dar-lhe morte.»

- » A temerosa Espia lhe obedece,
- » E apenas esta nova se derrama,
- » Pelo Exercito, quando resplandece
- » Nos Lusitanos huma illustre chamma;
- » Hum fogo superior, que ao peito frio
- » Animo infunde, communica brio.

- » Logo o Monarcha Portuguez procura
- » Ver-se com seu contrario fronte a fronte,
- » E arvorando a inclita, e segura
- » Bandeira, marcha, e para ao pé d'hum monte;
- » Planta-se o Arraial, e n'hum momento
- » As varias Tendas faz tremer o Vento.

» Descança El-Rey, e o Condestable; quando

- » Lá no meio da Esquadra se levanta
- » Hum Corpo fugilivo, que, saltando,
- » Aquí cabe, ali foge, ali se espanta:
- » Corre de ferro em ferro atte que chega
- » A' Tenda, em que cansado El-Rey socoga.

» Duvidosa a Fortuna, a Morte certa,
 » Rodeado se vê de hoste infinita,
 » E tanto o ferro Portuguez o aperta,
 » Que aos pés d'El-Rey o espirito vomita;
 » Morte, oh Mysterio digno de memoria,
 » E prodigioso Nuncio de victoria !

» Com brio novo, nova confiança
 » Levanta Nuno o campo, e marcha ousado,
 » Encommendando á Portugueza lança
 » Que 'busque do inimigo o peito armado;
 » E sendo a todos generosa guia,
 » Caminha, e pára á vista de Leiria.

» Aqui lhe manda trez Embaixadores
 » O Castelhana Rey, que lhe admoesta
 » Que olhe que em seu poder, em seus rigores
 » O fado lhe prepara morte infesta;
 » Que se passe a servi-lo, e que grandioso
 » Lhe dará de seu Reyno o mais precioso.

» Mas elle, que he tão leal como valente,
 » Para dar a resposta da Embaixada,
 » Como o valor tem pouco de eloquente,
 » Determina fazer lingua da espada:
 » Porém os, que a Embaixada lhe trouxeram,
 » Aguardar a resposta não quizeram. »

O Poeta estabelecendo como proposição geral que *o valor tem pouco de eloquente*, cahê vesivelmente, na exaggeração: é certo que ha muitos valentes, que não sam facundos, mas isso não prova que a falta de eloquencia seja inherente, ou quasi inherente ao valbr. Todos os grandes Capitães da antiguidade, Aristides, Themistocles, Alcibiades, Perieles eram igualmente grandes Oradores. Grandes Oradores foram entre os Romanos, Silla, Pompeio, Catão, Antonio, e Julio Cezar, sem que por isso deixassem de passar pelos primeiros Generaes do seu seculo. Entre os modernos encontraremos, si os procurarmos, bastantes exemplos, que contestem a opinião de Manocel de Galhegos.

« Já por de traz de hum aspero rochedo
 « O Castelhana fero se descobre,
 « Já muitos peitos senhorêa o medo,
 « E já mil corações o espanto cobre;
 « Em varios hombros a bandeira rota
 « Nos campos treme já de Algibarrota.

« Fronte a fronte os Exercitos se assentam,
 « Livres do pó, da luz os Castelhanos
 « Com diluvio de lanças apresentam
 « A batalha cruel aos Lusitanos;
 « A bellica trombeta atrôa os'ares,
 « E faz tremer os mais remotos mares. »

Nas batalhas ha uma grande vantagem para aquelles
 que combatem voltando as costas ao Sol, e á poeira, por
 que pelejam sem que a luz, e o pó os ceguem. E' por
 isso que o Poeta finge que a posição do nosso exercito
 lhe tolha esta vantagem, dando assim maior idéa do seu
 esforço, e das difficuldades, que tinham que superar.

« Em varias caixas a batida pelle
 « Junta ao Pisano fórma taes accentos,
 « Que o som fatal as Arvores impelle,
 « E faz turbar os Ceos, parar os ventos;
 « De medo o claro Sol se escurecia,
 « E o ferro só das lanças reluzia.

« Com prodigioso estrondo vam sahindo
 « Da vanguarda feroz da Hispana Gente
 « Varios troços de pedra, que zunindo
 « Correm pelo ar como o corisco ardente;
 « Já todo o braço intrepido se move,
 « E a Lusitana espada estragos chove.

« Entre os Aventureiros resplandece
 « O Santo Conde. O naufrago Navio,
 « Quando o Ceo ao Piloto se escurece,
 « E faz ferver o mar o Neto impio,
 « Não he tanto das ondas contrastado
 « Como elle de feridas saltado.

» Lanças, pedras, espadas, dardos settas,
 » Ferindo as armas, e as redellas, soam,
 » Em varias mãos as maças inquietas,
 » Batendo os morriões, os Ceos atróam;
 » O menor golpe, o mais humilde estrago,
 » Produz de sangue hum tormentoso lago.

» Stão tambem as fachas desfazendo
 » Mil malhas, mil escudos, mil arcezes,
 » E fero vai Nunalvares dizendo,
 » Peleijai, valerosos Portuguezes,
 » Peleijai, peleijai, que nesta guerra
 » O vosso Rey guardaes, e a vossa terra.

» Entra esta grave voz pelas ouvidos,
 » E tanto os nobres corações esforça
 » Dos, que o seguem, que feros, e atrevidos,
 » Sentem raro valer, insigne força;
 » E pelo campo Castelhana todos
 » De rigor exercitam varios modos.

» Oh que golpes! que atragos! que feridas
 » A Gente Hispana vé! quantas perecem
 » Neste horrído conflicto illustres vidas!
 » Quantos ao Ceo chorosos entristacem!
 » Oh como Nuno com forçosos braços
 » Enche o campo de languidos pedaços!

» Aqui seu Rey lhe manda que socorra
 » A rectaguarda sem tomar alento,
 » Para que o brio Portuguez não morra
 » Pelo Exército corre a par do Vento;
 » A pé corria de armas aggravado,
 » De destroçar, e de ferir caçado.

» Vé-o no campo aquelle Pedro illustre,
 » Commendador Maior de Christo, que herá
 » Não só da Casa dos Botelhos lestra,
 » Mas ruina, e terror da Espada Ibera;
 » Chega-se a elle, e lhe offerbe logo
 » Hum Ginete, que Filho heira de fogo.

- „ **Accerta o Conde, e sem que se suspenda**
 „ **Do seu correr á preço generosa,**
 „ **Sobe a Cavallo, e logo com tremenda**
 „ **Furia a Gente soccorre temerosa,**
 „ **Eu sou (dizendo) Filhos, e Senhores,**
 „ **Quem de outros transeis vos livrou maiores.**

- „ **Pelejai que este ferro vos ampara,**
 „ **E a vosso lado o mesmo Ceo milita,**
 „ **Com isto a lança, que antes desmaiara,**
 „ **Cobra alentos, e o brio resuscita ;**
 „ **Athe que triste, timido, e confuso**
 „ **O campo deixa o emulo do Luso.**

- „ **Viva El-Rey Dom João (Nuno dizia)**
 „ **E a Portugueza Esquadra vencedora**
 „ **Viva a imagem de Nuno repetia**
 „ **Esculpida nos Porticos da Aurora ;**
 „ **Nesta batalha as armas Lusitanas**
 „ **Cortaram mais que as de Annibal em Cannas.**

- „ **Cadaveres em copia inacessivel**
 „ **Ficaram semeados pela arêa,**
 „ **Foi deste campo o estrago tão horrivel**
 „ **Que o campo da Batalha se nomêa,**
 „ **E inda agora conserva memoravel**
 „ **Dos ossos hum thesouro miseravel. ”**

Inaccessivel não é o termo proprio ; *um thesouro miseravel dos ossos* além de peccar pelo mesmo defeito de impropriedade de termos, cahe no equivoco de expressão, pois não é facil atingir-se si o thesouro de ossos, de que falla o Poeta, é ridiculo, mesquinho, e desprezivel, idéas que se incluem na palavra *miseravel*, como se prova das phrases *Pintura miseravel*, *Livro miseravel*, que equivallem a *Livro que não presta*, *Pintura sem valor algum*, ou se deve entender pela expressão *thesouro miseravel d'ossos que excita piedade*, ou *comiserção*. E' por estas, e outras semelhantes negligencias, e inexactidões de phrases, que os Criticos judiciosos ham de fazer sempre grande differença entre os Escriptoires Quinhentistas, e os do

seculo de seiscentos, mesmo não se fazendo cargo do gongorismo, de que todos mais, ou menos se encontram isca-dos.

« Lanças, Elmos, Trombetas, e Tambores,
 » Nadando pelo sangue fluctuando,
 » Varias plumagens de diversas côres,
 » Em mil pedaços pelo Vento errando,
 » Em fim desta maneira victorioso,
 » Fez o Conde o seu Rey mais poderoso. »

Este episodio sobre as acções, e proezas do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, é um dos trechos deste Poema escripto com maior viveza, e luxo de poesia, e bem ligado com o assumpto, pois a gloria de tão grande heroe reflectia brilhante luz, e gloria sobre a casa de Bragança, que nelle teve principio; e ainda que o não transcrevi todo, é natural que não falte alguém que julgue esta ritação demasiadamente extença. Deve porém advertir-se que o fim desta Obra é fazer conhecer os melhores Poetas Portuguezes, mais pelos extractos de suas composições, que pelas minhas observações a respeito delles. E' por tanto, segundo me parece, mui razoavel, que apresente mais longos extractos daquelles Poemas, que tendo sufficiente merecimento, sam menos conhecidos, porque é esse o meio de desafiar a vontade dos Leitores para procurar conhece-los por inteiro, e mesmo (o que não é impossivel) instigar algum Editor, que de novo os publique pela imprensa. Ora neste caso está o *Templo da Memoria*, que é livro tão raro, que delle em minha vida nunca vi si não dous exemplares, um que existe na Real Bibliotheca Publica, e outro que adquiri depois de muitas diligencias, e que tenho agora presente.

Não me parece menos poetica a pintura que o Poeta faz de uma batalha naval ganha pelo Infante D. Affonso, Primeiro Duque de Bragança, contra uma frota Mourisca, que encontrou em sua derrota para Africa.

« Em lenho nadador com veloz remo
 » Rompe o galhardo Infante o mar do Turco,
 » Esmorece Tritão, treme Palemo,
 » E Thetys se desmaia ao menor surco,

» O golfo por fugir de Galé tanta,
 » Brâma, e furioso em serras se levanta.

» Entra o Boreas no concavo das vélas,
 » E em quanto triste, e tenebroso freme,
 » Parece que esconder-se ententa nellas,
 » E que da armada temeroso geme;
 » Pallido o Medo os ares senhorêa,
 » E pelas ondas o terror campêa.

» Assi feroz, assi terrivel chega
 » O generoso Affonso a vêr do Mauro
 » Mais Galés, mais Navios, que os que rega
 » Flores o Rio Pó no bosque Dauro;
 » Já cada qual das Náos as aguas fende,
 » E em som de guerra pelo mar se estende.

» Frente a frente se acercam, lá divisa
 » Cada qual o inimigo, e lhe parece
 » Ao Portuguez, que victorioso pisa
 » Quanta Lua em turbantes resplandece,
 » Sôa o Turco anafil, e a trompa sôa,
 » E o bellico tambor os Ceos atrôa.

» Tanto o Mar teme a frota Portugueza,
 » Que a Nympha, que se esconde em coral verde,
 » Não cuida que o fez verde a Natureza,
 » Mas que de medo a côr purpurea perde,
 » Já toca hum bordo n'outro, já vibrados
 » Piques cobrem o mar despedaçados.

» Mortal o Alfange nas rodellas bate,
 » Invencivel a espada adargas corta,
 » Hum mil golpes fulmina, outro os rebate,
 » E outro em mil peitos abre ao sangue a porta;
 » Quando este vence, aquelle temerario
 » Salta, e morre na pôpa do contrario.

» Entre todos o Infante, tão airoso
 » Como o Cravo entre Exercitos de flôres,
 » As Náos sobe do Mouro, e generoso

« Das marlotas confunde as varias côres ;
 » Que purpuras c'o sangue, envergonhadas
 » Se mostram de se vêr despedaçadas. »

A comparação do Infante entre os combatentes com um cravo entre multidão de flôres, é sobre maneira graciosa, e contrasta mui poeticamente com o terrivel da situação.

« Com que dôr, com que penas, com que magoas,
 » A's mãos do Infante varios Turcos morrem ;
 » Que de turbantes erram pelas agoas !
 » Que de valentes pelo ares correm !
 » Aqui se quebra hum mastro, ali hum calabre,
 » E ali o lado huma Não aos mares abre !

» Rendido ao mar, e á guerra o Mouro adusto,
 » C'os fogosos bramidos fere o Orbe,
 » Qual o rigor do ferro accusa injusto :
 » E qual do mar se queixa que o absorbe,
 » Já destroçada a Libia Frota vaga,
 » E hum diluvio de sangue as Náos alaga.

» Na Capitania de Africa apparece
 » O claro Affonso de matar cançado,
 » Victorioso na pôpa resplandece,
 » Dos Ventos, e das ondas acclamado ;
 » Descança Marte, arrima o ferro a Parca,
 » E vencedor o Infante desembarca. »

Depois deste trouço Epico, continúa a Memoria recordando as acções dos outros heroes da casa de Bragança; passa depois aos da casa de Medina Sidonia, a que pertencia a nova Duqueza, e nesta conversação chega ella, o Hymineo, e a Fama ás portas da Tapada de Villaviçosa, de que o Poeta faz no IV. Canto a seguinte descripção.

A' vista já do Sol a bella Aurora
 Da Musica dos Passaros se ria,
 Que inda que quando nasce o Dia chora
 Não quiz chorar em tão felice Dia ;

Antes sahio de gala alegre, e clara,
Como que si Memnon resuscitara.

Claros tapizes de ouro o Sol suspende
Nos frisos, e nos porticos da Esphera,
E pelo campo deliciosa estende

Alcatifas de Flôr a Primavera;
Phylomena no bosque alegre sôa,
Que em gloria deste dia á dôr perdôa.

De pedra em pedra a clara fonte salta,
E em quanto a par do Zephyro discorre,
As Violetas com nectares esmalta,
E por entre os Jasmins alegre corre;
Corre sem murmurar, e si murmura
He de que goze a Terra tal ventura.

Parece que este dia a Natureza
Os perfis retocou do prado ameno,
E avivando dos Orbes a belleza,
Fez que o Ceo reluzisse mais sereno;
Deu côr de aljofre ás nuves, doce alento,
E amorosos Espiritos ao Vento.

Vestio com nova graça, novo asseio
De purpura real ao bello Oriente,
Porque neste d'amor, real tropheio,
Gala de Rey vestisse o Sol luzente;
Com esta pois suavissima alegria,
Entra pela Tapada a luz do Dia.

E entra o claro Hymineo conduzido
Pela Fama, que alegre lho rogava,
Que visse que de perolas vestido,
Pelos campos o Borba passeava;
E, vertendo cristal na arêa secca,
Saltava alegre o sonoro Azeca.

Em mostra de Alegria pelas flores
Vagava o Javali manso, e seguro,
Vinha o Cervo a buscar os Caçadores,

O Urso não temia o ferro duro,
E as Perdizes c'o collo levantado
De cento em cento andavam pelo prado.

Aqui duas, fazendo de hum regato
Liquido espelho a penna concertavam,
Quatro acolá do mais espesso matto
Com um rouço rumor se levantavam,
Já corre da Tapada a Serra toda,
E sem temor do fumo, a ardente roda.

Os Coelhos em bandos se partiam,
E encolhidos saltavam pela selva,
Sem se lembrar do Caçador comiam,
Com pressuroso dente a verde relva;
Brinca a Lebre c'o Galgo pelo monte,
E juntos ambos behem n'huma fonte.

Loquaz o Tordo pelos arês vóa,
Sem se temer daquelle pó, que ardente
Quando em seu seguimento os Ceos atróa,
He de seu coração raio inclemente,
E suspensa das Aves a Batalha
Muda vóa em triangulos a Gralha.

Anda a Nebli sem capirote á vista
Do mais cobarde Passaro! passêa
Seguro já da aligeira conquista
O Pintasirgo, que he do ar Serea.
Livre nos Ceos a Garça se remonta,
Sem que recêe dos Falções a ponta.

Designar pelo vocabulo *ponta* o bico, ou a garra dos falções, me parece methaphora impropria, e mal formada; creio que substituindo-se *ponta*, por *affronta*, ficaria a expressão mais correctá.

As maritimas Adens imitando
No pescoço o luzir do ethêreo arco,
Nadam vistosas entre o limo brando
Da Lagôa maior, do maior charco;

Rouquenha, mas alegre a Rãa murmura,
E dos Rios a Lontra sae segura.

Todo o fero Animal festivo, e manso
Neste dia se esquece da fereza,
E alegre no regaço do descanso
Quizera ter dos signos a belleza,
Porque a Tapada como em varias flores
Imita o Ceo, o imite em resplendores.

Apezar de toda a belleza da poesia descriptiva deste trecho, parece-me que um gosto severo não pôde contentar-se destas exaggerações adulatorias, que só tem fundamento, e verosimilhança na phantasia exaltada do Poeta. Como é que o casamento do Duque de Bragança podia influir nos animaes ferozes da sua Tapada, tornando-os mansos, e inoffenciveis, ums para os outros? E pelo contrario fazer perder o medo ás alimarias de sua natureza timidas, e cobardes, a ponto da Lebre brincar com o Galgo? Não é este o caso de dizer como Horacio

Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

Atravessando a Tapada entram os Numes no Palacio do Duque, que o Poeta nos descreve miudamente mencionando a sala vaga, com os pannos de raz dos triumphos das virtudes; o thalamo, a guarda-roupa do Duque, o thesouro, a casa em que o Duque se veste, e come, os pannos das victorias do Condestavel, a sala do estrado da Duqueza, os pannos dos Planetas, a guarda-roupa da Duqueza com os pannos de Annibal, e muitos outros quartos, cuja pintura podia interessar muito os Duques, e os seus criados, mas que nada importam ao publico, que pela maior parte, terá por futilidade encontra-los descriptos em um Poema.

Com igual minuciosidade passa logo a descrever os festejos, as ceremonias do recebimento, e tudo quanto diz respeito a tamanha função em versos correntes, e harmoniosos, e no estylo mais culto, e apurado, e termina a Obra convocando para celebrar tão grande acontecimento a todos os Poetas de reputação, que então flores-

ciam, como Manoel de Gouvêa, D. Manoel de Castro, Antonio Gomes de Oliveira, D. João Mascarenhas, Conde de Alancastre, Duarte da Silva, João Pereira Côrte Real, Paulo Gonçalves de Andrade, Sebastião Cezar, Egas Coelho da Cunha, D. Luiz de Noronha, Christovão de Barros, D. Jeronymo de Taide, Bartholomeo Vasconcellos da Cunha, Miguel Botelho, Francisco da Cunha, Antonio Sanches Farinha, o Capitão Diogo Gomes de Figueiredo, Alexandre de Figueiredo, Francisco de Sá e Menezes, D. Bernarda Ferreira, D. Francisco Rolim de Moura, D. Agostinho Manoel de Mello, e Matheus da Costa.

Si examinarmos attentamente este longo catalogo de Poetas, acharemos, que a maior parte dellès não publicaram as suas poesias: que esses mesmos poucos sam pouco conhecidos do commum dos Leitores, e que a maior parte dos que nada imprimiram não seriam hoje conhecidos por Poetas si Manoel de Galhegos lhe não houvesse feito o serviço de collocar os seus nomes em sendas Estancas do seu Templo da Memoria.

Si porém juntarmos todos estes nomes aos da multidão de Poetas contemporaneos cujas Obras correm impressas, e de que a maior parte se menciona neste Ensaio, força será confessar, que nunca houve em Portugal um seculo tão fecundo em talentos poeticos, como o seculo de seiscentos.

O Padre Antonio dos Reis no seu *Enthusiasmo Poetico* tambem se lembrou de Manoel de Galhegos endereçando-lhe os seguintes versos

Gallegum frondibus ornat
Mollibus Uranie, gaudet que audire canentem,
Qualiter æthereo Legio truculenta Gigantum
Pulssa Polo fucrit, vasisque reclusa sub antris
Æthneis tanto pro crimine!

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO XVI.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPANHOLA.

CAPITULO I.

Paulo Gonçalves de Andrade.

Apesar deste Poeta ser um dos mais affamados do seu tempo, os contemporaneos, que nos transmittiram tantos testemunhos dos seus talentos, guardaram tão completo silencio no que pertencia á sua pessoa, familia, classe, estudos, profissão, e acontecimentos da sua vida, que estamos a esse respeito na mais completa ignorancia.

As diligencias do incançavel Diogo Barbosa Machado apenas conseguiram averiguar que fôra natural de Lisboa, não pôde porém saber o dia, e anno do seu nascimento, nem o dia e anno de sua morte, nem o lugar em que fôra sepultado.

Parece indubitavelmente provado que floresceo no reinado de Philippe III., visto que o seu nome se acha mencionado com o de outros Poetas contemporaneos no Canto IV. do *Templo da Memoria*, Poema com que Manoel de Galhegos celebrou o casamento do Duque de Bragança acclamado depois Rei de Portugal com a denominação de D. João IV., como vemos da seguinte Estança.

Vós, oh Lauso amoroso, alegre, e brando

Que abrazado de Silvia na luz pura,

Furtastes o licôr ao doce bando

E a vossa Musa armastes de brandura;

Amor agora desterrado vôa,

E em vossos versos só Medina sôa.

As poesias de Paulo Gonçalves de Andrade, com o titulo de *Varias Poesias*, foram pela primeira vez publicadas em Lisboa em 1629, em um pequeno volume de 8.º, por Matheus Pinheiro; e pela segunda em Coimbra, tambem formato de 8.º, em 1638, por Manoel Dias, Typographo da Universidade, sendo dedicadas ao Chantre da Sé de Evora, Francisco de Faria Severim.

Estas poesias tão lidas, tão elogiadas, e tão citadas naquella tempo, estão hoje quasi esquecidas, posto que não lhe falte merecimento poetico.

Creio que uma das cousas, que tem concorrido para isso, é o serem pela maior parte escriptas em lingua Castelhana.

O reinado de Carlos V., que reunia debaixo do seu sceptro a Hespanha, a Alemanha, a Belgica, a Hollanda, grande parte da Italia, o Perú, o Mexico, e outros muitos paizes havia tornado o Castelhaño uma lingua tão universal como é hoje a Franceza, e muitos dos nossos Poetas, por sede de gloria, preferiram escrever naquella lingua, persuadindo-se de que assim as suas Obras seriam mais conhecidas, que si fossem escriptas no idyoma patrio. Enganaram-se porém neste calculo ambicioso; com a morte de Carlos V. começou a desmembrar-se a sua monstruosa Monarchia; á porporção que hia diminuindo a influencia politica da Hespanha, hia-se tambem restringindo o circulo, em que a sua lingua dominava. Luis XIV. com as suas victorias, a sua politica, e a protecção dada ás letras, e ás sciencias não só exerceo na Europa um predomínio igual ao de Carlos V.; mas grangeou para a lingua do seu paiz o dominio, que até ali havia gozado a Hespanhola, que ficou circumscripita a Hespanha propriamente dicta, o Francez tornou-se a lingua das côrtes, da diplomacia, do commercio, e das sciencias, e fez uma das bases mais importantes da boa educação.

Nesta nova ordem de cousas ninguem perdeu tanto como os Authores Portuguezes, que haviam escripto em Hespanhol: havendo Portugal deixado de fazer parte da Monarchia Castelhana, os nossos visinhos deixaram de contempla-los como Authores seus, e qualquer que fosse o seu meritó, cessaram de os lêr, e estão hoje quasi desconhecidos naquella paiz. Os Portuguezes deixaram tam-

bem de os lér, porque a antipathia politica, fez com que elles perdessem o gosto pelo idyoma dos seus inimigos, e deixassem de estudá-lo, voltando toda a sua applicação, e estima para a lingua Franceza, que pela superioridade dos seus livros não consentia que o Castelhana podesse com ella competir, vindo por este modo os Authores Portuguezes, que escreveram em lingua estranha para grangearem maior número de Leitores, a ser os menos lidos, e menos conhecidos.

Paulo Gonçalves de Andrade tem viva imaginação, grande vigor de expressão, colorido brilhante, e optima versificação. João Soares de Brito no *Theatr. Lust. Litter.* qualifica os seus versos, *d'ingeniosissima et concinatisima carmina*, e muitos dos seus contemporaneos, como Jacintho Cordeiro, Manoel de Faria e Sousa, João Baptista Aguilar, Antonio Figueira Durão, e outros Literatos fallaram delle não só com grande louvor, mas até com enthusiasmo:

Não queremos dizer com isto, que Paulo Gonçalves de Andrade esteja remido do peccado original da Eschola Hespanhola; que o seu estylo não appareça muitas vezes isado de rasgos gongoristicos, de conceitos alambicados, e agudezas affectadas, e pueris; mas sim que nas suas peças ha bellezas, que podem servir de desculpa a esse defeito do seculo, e tornar a sua leitura agradavel, e proveitosa.

Os Sonetos, que por seu número fazem a maior parte das Obras deste Poeta, sam em geral bem escriptos, em versos harmoniosos, cheios de imagens agradaveis, e engenhosas, em demasia talvez, e si tivesse escolhido melhores assumptos, ou si o gosto das pessoas, para quem escrevia, lhe permittisse essa escolha, talvez os seus vãos tivessem sido mais elevados: mas o gosto dominante era vér discursar sobre objectos phantasticos, extravagantes e absurdos, e quando as idéas valem pouto a eloqução não pôde valer muito mais.

O primeiro Soneto Portuguez da collecção tem por titulo, *Flores amarellas em cabellos negros*, que diria Horacio se lhe pedissem uma Ode sobre tal objecto? Vejamos como Paulo Gonçalves d'Andrade se tirou desta ratião.

SONETO.

Ditasas Flores, que na altiva esphera,
 D'onde vive gloriosa a Formosura,
 Pela mão collocadas da Ventura
 Logrando estaes eterna Primavera.

Nessa, que gravemente reverbera,
 Divina esphera, bellamente escura,
 Luzes sereis d'Amor, com que assegura
 Quem das glorias, que busca, desespera.

Gloria sereis da Terra, em que nascidas
 Fostes, infeliz sorte para Estrellas
 No Ceo, donde Amor vive, introduzidas,

E si Amor vos elege por mais bellas,
 Serão, da altiva esphera despedidas,
 Raios d'Amor, as Flores amarellas.

Nesta composição não falta de certo espirito, nem agudeza de engenho, mas poderá por ventura algum Leitor judicioso, vêr sem indignação, ou sem magoa, espedicadas nestes equilíbrios vãos, e nestes volteios de funambulo, as forças, que a natureza havia prodigalisado a este homem para empresas de maior importancia?

O mesmo caracter de estylo, e de composição se encontra no seguinte endereçado a uma Dama vestida de homem, armada de ponto em branco, e com a espada na mão.

SONETO.

Por ter a Monarchia mais segura,
 Que sobolas vontades adquiria,
 Fazendo bellicosa a Monarchia
 Fez Lysia varonil a formosura.

Tanto no trage alheio se assegura,
 Que em varonil aspecto parecia
 Feroz, a quem por bella obedecia,
 Bella a quem por feroz fugir procura.

De diferentes armas adornada,
Em diferentes habitos reparte
Tropheos aos olhos, e tropheos á espada,

Em seu favor por Natureza, e arte
Grato faz o rigor, a graça armada,
Armando o Amor, e desarmando a Marte.

O Poeta multiplicou aqui os trocadilhos, e as opposições, como recurso para desempenhar a sua tarefa. Estou porém certo que si em vez de elogiar este ridiculo capricho feminil, quizesse compôr contra elle uma boa Satyra, a sua Musa havia melhor inspira-lo.

A um Passarinho, que estava com o bico introduzido na bocca de uma Dama.

SONETO.

Pintada voz, habitador do Vento,
Musica Flor, espirito canoro,
Que exprimes brando no volatil coro
Das Aves todas o melhor accento.

Ditoso tu, que do rigot isempto,
Que dentro n'alma sinto, e n'alma choro,
Colhes da bocca de rubi, que adoro,
Com bico de cristal o doce alento.

Si, obedecendo a teu canoro encanto,
O premio te offreceo, que me devia,
Canta meu mal, ou presta-me o teu canto.

O Canto alcance o que o chorar pedia,
E pois a pena nunca póde tanto,
Ço'as armas vencerei da Melodia.

Os tercetos parecem-me bons, mas não assim os quartetos, em que o Poeta para alardear espirito, se abandonou, especialmente no primeiro, aos desvarios da Escho-la de Gongora, amontoando metaphoras incoherentes, e mal formadas, e conceitos rebuscados. Póde alguém sus-

ter o riso ouvindo chamar a um Passarinho *vóz pintada?*
 Que propriedade tem o chamar-lhe habitador do vento?
 Acaso as aves fazem ninho no vento? Ou dormem sobre
 as suas azas? E quando não ha vento, onde descansam?
 Que semilhança, que analogia há entre o cristal, e o bi-
 co de uma ave, para que o Poeta possa dizer com razoavel
 fundamento, que esta colhe o alento dos rosados la-
 bios de uma Dama com bico de cristal? De certo que
 nem Anacreonte, nem Catulo, nem Parni tractariam por
 tal modo este assumpto, que lhe dava campo para pensa-
 mentos, e pinturas deliciosas.

Para se conhecer a influencia, que os bons assumptos
 exercem na composição, citarei um Soneto Castelhanoy
 em que o Poeta nos representa Cesar derramando lagri-
 mas sobre a cabeça de Pompeio, que lhe fôra apresentada
 por ordem do Rei do Egypto.

SONETO.

A sus pies la magnánima cabeza
 Del valiente contrario, que temia,
 Enbuella en roxo humor, cárdena, y fria,
 Caduco exemplo de mortal grandeza,

Cediendo la arrogancia a la tristeza,
 Cesar, al espectaculo, que via,
 Las mas honradas lagrimas vertia,
 Que prestó la piedad a la Nobleza.

Mas al valor, que al odio respetoso,
 Todo el furor en lagrimas convierte,
 Tanto en llorar como en vencer famoso,

« Intrepida virtud, impulso fuerte,
 » Que emportan (dice) al pecho generoso
 » Se quedan al arbitrio de la muerte? »

Aquí não ha aquellas expressões affectadas, aquella
 quintaessencia de pensamentos, e os trocadilhos, e me-
 taphoras improprias, que temos notado nos outros; as
 idéas, e a expressão pouco se afastam do natural, porque

o pathetico do assumpto subjugando a imaginação do Poeta, e despertando a sensibilidade do seu coração, lhe não permittiam abandonar-se a fazer espirito no meio de tamanha catastrophe.

As Canções de Paulo Gonçalves de Andrade pelo corte das Estrophes, e pela fórma externa, aproximam-se muito á Ode. As Eroticás sam quasi todas endereçadas a Silvia, naturalmente o anagramma, com que o Poeta designava a sua amada, supposição, que tem a seu favor o testemunho de outros Poetas contemporaneos; mas todas as deste genero sam Castelhanas, talvez que a pessoa, a quem sam dedicadas, fosse daquella nação.

O estylo destas Obras é verdadeiramente Lyrico, e cheio de amenidade, e ás vezes de paixão; as duas unicas Canções Portuguezas, que temos deste Poeta sam de generos muito differentes, como se verá da cópia que aqui apresentamos.

A primeira destas Canções intitula-se o *Ouro*, contém excellentes trechos de poesia, nella o Author nos indica aquelle metal como a causa de quasi todas as desgraças do mundo, seguindo nisto a doutrina dos Theologos Moralistas, que sem embargo disso, longe de despreza-lo, não poupam diligencia para o adquirir em abundancia.

CANÇÃO.

Louro metal, que lá do centro escuro
Da Terra, que no centro te escondia,
Sahiste a vér o Dia,
Por mãos do Ferro, mais que o ferro duro;
E mais que o Ferro artifice de Guerra,
Tyrannizando a Terra
Soberbo foste, iradamente forte,
Adquirindo o poder da propria Morte.

Indigno foi de nome generoso
Quem, penetrando abobadas escuras,
Vio das entranhas duras
Da Terra, Anatomista rigoroso,
Os reconcavos intimos, adonde
Justa a Terra te esconde,

Pois, crendo que a teu jugo te redime,
Entre grilhões de marmore te opprime.

Em seu rigor piedosamente esquiva,
Quando ao tracto commum te difficulta,
 No centro, em que te occulta,
Em carceres te põem de pedra viva,
Avaros conservando deste modo
 A paz do Mundo todo,
Porque soberbo em diligencias tantas
C'os Imperios do Mundo te levantas.

Com presumpção de intrepido, e de altivo
A effeito trouxe de seu proprio damno
 Atrevimento humano,
Do luminoso ardor, ardor nocivo,
Porém mais temerario atrevimento
 Por impulso violento
Te foi buscar em destruição do Mundo
Pallida Furia ao Barathro profundo.

A Violencia trouxeste, a Fraude impia
Perturbadoras do socego humano,
 E, desculpando o engano,
Fizeste ley da propria tyrannia,
O tracto fiel, o inexpugnavel muro
 He por ti mal seguro
Pois figurada em vão deixa rendido
Danae a honra, e Polydoro a vida.

Tu deste alentos ao primeiro Pinho
Para que arando o campo nunca enxuto,
 Largasse resoluto
Azas ao Vento de delgado Linho :
Tu quebrantaste a paz ao mar sagrado,
 E enganando o cuidado,
Porque esqueça o perigo co'a memoria,
Deste ao perigo titulos de gloria.

Tu só por insolente respeitado
Ao Vulgo superior dos mortaes todos,

**Cobras por varios modos
Logar sobola sorte collocado,
E, em virtude da propria formosura,
Andas sobre a Ventura
Acclamado do Mundo não sómente,
Rey dos Metaes, mas Idolo da Gente.**

Si esta phylosophia acanhada, e fradesca vale mui pouco, porque o objecto está aqui contemplado só por uma face, podendo outro qualquer Poeta fazer uma Canção ainda mais bella expondo os bens, e os proveitos, que ao mundo tem resultado da posse do ouro, não pôde dizer-se o mesmo da poesia, que é energica, e pictoresca, e quasi livre inteiramente da eiva Seiscentistica.

A segunda Canção tem por objecto os louvores de D. Affonso Furtado de Mendonça, Arcebispo de Lisboa, e Governador de Portugal por morte do Cardeal Rey: é natural que o Poeta tivesse então algum requerimento na côrte, e quizesse grangear á força de adulação, a boa graça daquelle Prelado, que devia ter grande influencia nos seus collegas, para que lhe fosse valedor no bom despacho da sua pretenção.

CANÇÃO.

Oh vós da Lusitana Monarchia
Com o peso caduca, e vacilanté,
Unica gloria, e singular columna,
De cujos hombros o reparo fia
Contra os irados impetos bastante,
Tanta vez repetidos da Fortuna,
Justamente repugna
Aventurar-se a penna justamente
Acreditando o proprio desatino,
Quando subir intente
Humana penna a merito divino,
Porém, qualificando o detrimento,
Do perigo fará merecimento,
Quando de tanta luz precipitada
No descredido fique acreditada.

Admiração, que falla mudamente,
 Lingua immortal da verdadeira Fama,
 Chegue d'onde não chega humano alento,
 Em confusas razões sempre eloquente,
 Nas vozes mysteriosas, que derrama,
 Só capazes de hum gran merecimento,

Ao Mundo, todo attento
 As vossas Obras, vossas Obras diga,
 Que a attenção, que subtil as considera,
 Posto que tanto as siga
 Tanto de comprehende-las desespera,
 Que porque eterno vosso nome fique,
 O encommendo ao Silencio que o publique,
 Que Rhetoricamente, bem que mudo,
 Falla o Silencio quando calla tudo.

Claro Mendonça, que do Tronco claro
 De tantos Héroes, ramo produzido,
 Feliz compendio sois de seus valores,
 Do Tronco digo, que em prodigio raro
 Héroes dava por fructo exclarecido,
 Tropheos por folhas, e valor por flores
 De illustres anteriores

Toda a virtude em voz recopilada,
 Arrimo sois, em cuja segurança
 A Patria fatigada

De sobresaltos tremulos descança,
 Já sobre toda a Terra dilatado
 Sois dos lemites della respeitado,
 Tudo cobris de sombra, e vossa sombra
 Ampara a Patria como o Mundo assombra.

Estes encomios exaggerados, e muito hyperbolicos para serem merecidos, estes incensos prodigalisados sem termo, nem medida, desacreditam a quem os tributa, e muito mais a quem os recebe: mas ha ouvidos tão pouco melindrosos, que se accommodam com todos os disparates, uma vez que sejam em louvor seu. Que lastima é que o talento seja muitas vezes obrigado a prostituir assim a linguagem das Musas para obter protecção, e favor! De certo que não era neste tom que Horacio lisongeava a

Necenas, o amigo, valido, e primeiro Ministro do Senhor do Mundo.

As heroicas virtudes, de que ornando
Obras gloriosas, dais a illustre effeito,
Nobres resoluções, que o peito cria,
Generosos indícios estam dando
D'esse, que reverbera em vosso peito,
Espírito claro, que vos rege, e guia,

Assim o Author do Dia
No resplendor, que provido reparte,
E no influxo feliz, que communica
Igual a toda a parte,
Superior qualidade justifica,
E assim, por seus effeitos conhecido,
Argumentado he, não comprehendido,
Na ordem delles, no governo dellas
O gran Motor dos Ceos, e das Estrellas.

De sacras Letras, de valor ornado
O claro entendimento, o peito forte,
Differença, que em vós só vêjo unida,
A's immortalidades consagrado
Duas vezes livre do poder da Morte,
Cobraes duas vezes immortal a vida,

Sem que o socego impida
Os impulsos do peito generoso,
A hum mesmo tempo bellico, e prudente,
Prudente, e bellicoso,
Letras, e armas usando juntamente,
Fizestes por valor, si não por arte,
A Apollo valeroso, e douto a Marte,
Quando na alta occasião, que vos abona,
Vestio Minerva as armas de Bellona.

Vossa prudencia justamente elegem,
Dos dous Imperios alta intelligencia,
Hespanha, e Roma cada qual prudente,
E das gloriosas machinas, que regem,
Tomando parte em si vossa prudencia,
Descançando da qual gloriosamente

Ao trabalho assistente
 Do Sceptro Real, do Pastoral cajado,
 Aos Magisterios ambos vigilante,
 Alternado o cuidado,
 Sois d'ambas as Esphas novo Atlante,
 E exercitando mystico o governo,
 Tanto no temporal, como no Eterno,
 Do sacro Pescador, do gran Monaroha
 De hum governaes o Imperio, e de outro a Barca.

Este Imperio, Senhor, que dilatado
 Os Berços, e o sepulchro vê do dia,
 Remotos fins da Fabrica do Mundo,
 A vida deve a quem no campo armado
 Vida lhe deu com sangue, que vertia,
 Primeiro Affonso, e Marte não segundo,
 Já com saber profundo
 Quando com sangue não, nas mãos da Morte,
 Outro Affonso lhe dá segunda vida,
 Quando ao rigor da sorte
 A qualidade intrepida abatida,
 O Brio natural, de que se armava,
 A vontade dos Fados inclinava,
 De alto Poder effeito conveniente,
 Que hum Affonso o fundou, outro o sustente.

Já por vossos discursos defendida
 A Patria n'hum só muro mais segura,
 Alentos cobra novamente agora:
 Porque em distintos membros dividida,
 Os horrores do Héspero figura,
 E figura os Crepusculos da Aurora,
 Que de todo Senhora,
 C'o vigor, que lhe daes, alenta tudo,
 E vós para outras obras destinado,
 Bem que felice escudo
 Do Reyno sois por Eleição do Fado,
 Parece que vos vêjo transformada,
 A veste rôxa em purpura sagrada,
 E que vos guardam já decretos graves
 Dos Erarios de Pedro as sacras chaves.

Immortal sempre nas memorias ande
 Quanto humedece o Mar, o Sol inflamma,
 Vosso nome em si mesmo collocado,
 E vós maior que vosso nome grande,
 Dando novos Espiritos á Fama,
 Sêde por vosso nome eternisado,
 E posto que invejado
 Para que eterna vossa gloria seja,
 Entre os mesmos perigos mais figura,
 E admire a propria inveja,
 A estabeleça benevolo a Ventura,
 E sempre fausto hireis, e sempre augusto,
 Do merito subindo ao premio justo,
 Eternisado contra a morte impia,
 Adonde nasce, e adonde morre o Dia.

Sem me fazer cargo do merito desta Canção, que de fórma nenhuma pertendo contestar, haverá algum Leitor intelligente, e perito nestas materias, que comparando o seu estylo com o da antecedente, não duvide de que ella seja composição do mesmo Author? A expressão daquella é nobre, mas singela, e facil, o desta, pelo contrario, pretencioso, rebuscado, pouco claro, fazendo-se sentir muito o trabalho da composição, e o artificio ás vezes pouco feliz: e qual é a causa desta differença? Segundo me parece é que a primeira foi escripta debaixo da inspiração de uma idéa moral, que ferio vivamente a imaginação do Poeta; e a segunda foi um trabalho, que elle compôz talvez a contragesto seu, e com o fim de grangear á força de louvores, talvez mal merecidos, a vontade daquelle, que pertendia fosse seu protector; e quando o Poeta trabalha por excitar em si um calor facticio, o resultado é que o seu estylo, e as suas idéas se resintam desta contenção de espirito, e que lhe escape a naturalidade das imagens, e da expressão, isto prova que eu tenho, com razão, attribuido a maior parte dos defeitos dos Seiscentistas á ruim escolha dos assumptos, que de ordinario tractavam.

O resto das poesias de Paulo Gonçalves de Andrade consiste em Madrigaes, Oitavas a diversos assumptos como ao Rouxinol, á Rosa, o Retrato de Amarylis, &c.;

Silvas, Redondilhas, Decimas, Letrillas, e onze Roman-
ces, a todas estas composições não falta merecimento poe-
tico, mas não tem lugar neste Ensaio por serem todas es-
criptas em Castelhana.

CAPITULO II.

O Padre Francisco de Sousa.

Em frente da Cidade de S. Salvador da Bahia, na distancia de trez legoas della, existe uma Ilha denomina-
da Itaparica, cujos moradores pela maior parte se appli-
cam á pesca das Baleas, que em grande quantidade cru-
zam aquelles mares; resultou daqui ser aquella Ilha af-
famada pelo muito azeite de peixe, que ali se fabrica, con-
correndo todos os annos grande numero de embarcações,
que exportam aquelle genero para differentes paizes, e es-
te commercio enriquece aquelles insulanos.

Esta Ilha de Itaparica foi a patria de Francisco de Sou-
sa, mas ignora-se o anno do seu nascimento, o nome de
seus Pais, e a que classe da sociedade pertenciam, cons-
ta, segundo o Abbadé Barbosa, que logo nos seus primei-
ros annos dera signaes de grande viveza de engenho, e
que seus Pais o mandaram a Gôa, capital do Imperio Lú-
sitano no Oriente, e que havendo estudado nas aulas dos
Jesuitas estabelecidos naquella Cidade, ou por vocação
propria, ou ganhado pelas sugestões daquelles Padres, que
tinham por systema angariar para o seu gremio todos os
mancebos, em quem reconheciam talento, entrou no No-
viciado daquella Companhia, onde fez os seus votos con-
cluido o tempo das privanças.

O Padre Francisco de Sousa depois da sua profissão
não fez grande detença em Gôa, porque recebeu ordem
dos seus superiores para se embarcar para o reino, aou-

de chegou depois de prospera viagem; aqui se deu com grande fervor ao estudo das letras divinas, e humanas, até que em 1647 foi novamente mandado para a India com alguns companheiros do seu instituto.

Chegado ao Oriente começou a exercer o Ministerio do Pulpito, em que grangeou grande reputação, sendo havido por um dos Oradores mais eloquentes da Companhia de Jesus; applicou-se tambem á poesia, para que desde os primeiros annos havia sentido a mais viva propensão, mas em lugar de poetar em Latim, ou Grego, segundo praticavam quasi todos os Jesuitas, que cultivavam as Musas, preferio sempre a lingua materna para as suas composições.

Voltoú segunda vez a este reino, e havendo vivido nelle alguns tempos em 1665 embarcou em a nau S. Pedro de Alcantara, e se restituiu ao Oriente.

E' necessario que a Companhia de Jesus achasse neste seu alumno Brasileiro grande capacidade para tractar dos seus negocios, pois o trazia nesta divagação continua de Portugal para a India, e da India para Portugal.

Chegado a Gôa, foi naturalmente em recompensa dos serviços prestados á Companhia, encarregado do Vigarido da Igreja de Nossa Senhora das Neves na Ilha de Salcete. Creio que foi neste tempo que o Padre Thyrso Gonçalves, Geral da Ordem o encarregou da composição de uma Obra que tem por titulo *O Oriente Conquistado pelos Padres da Companhia da Provincia de Gôa*.

As duas partes desta Obra, contendo a primeira o que se passou nos primeiros vinte e dous annos daquella Provincia; e segunda que refere o que teve logar desde 1554 até 1585 foram publicadas em Lisboa por Miguel Deslandes, Impressor da Casa Real em 1710, formato de 4.º A Terceira parte não chegou a sabir á luz, e ficou depositada em manuscripto na Livraria do Collegio de Santo Antão de Lisboa.

Esta Obra teve no seu tempo grande acceitação, e não admira porque os Jesuitas havidos então por Oráculos da Sciencia, não haviam descuidar-se de recommenda-la, per si, e pelos seus numerosos amigos, e dependentes, sendo nella tão interessados. O Abbade Diogo Barbosa se explica assim a respeito della.

« Nesta Obra se admiram felizmente unidas a clareza do methodo, a elegancia do estylo, e a sciencia da Geographia, e Chronologia, partes constitutivas de uma perfeita Historia, merecendo seu Author pela exacta observancia, com que practicou os seus preceitos, ser contado entre os Chefes de seus insignes Professores. »

E' pouco mais ou menos o que poderia dizer-se de João de Barros, ou do Bispo Jeronymo Osorio. Pela minha parte contentar-me-hei de dizer que o Oriente Conquistado é escripto em linguagem pura, estylo melhor, que o daquella epocha, e ás vezes eloquente, e que pôde ser lido sem grande cansaço por aquelles, que se julgam obrigados a lêr tudo, ou que tem pouco que lêr.

E' mui de crêr que em retribuição desta Historia encomiastica dos feitos Apostolicos da Companhia de Jesus é que os seus Socios o elegeram para Proposito da Casa Professa de Gôa, e trabalharam para alcançar-lhe o logar de Deputado do Tribunal do Santo Officio de Gôa, onde tomou assento no dia 9 de Agosto do anno de 1700.

Amado dos seus, respeitado dos Seculares, cheio de honras, e de merecimentos como Religioso, e como Literato, desfructando sempre saúde vigorosa, chegou este Padre á avançada idade de oitenta e um annos, em que falleceo no Collegio de S. Paulo de Gôa no anno de 1713, porém não consta o dia, nem o mez. Foi sepultado na Igreja do mesmo Collegio com todas as ceremonias usadas no enterro das altas Dignidades da Companhia de Jesus.

O Padre Francisco de Sousa vale mais como Poeta do que como Prosador : mas as poucas poesias, que delle temos, e que sam hoje rarissimas, foram publicadas sem designação de anno, e de officina, ou logar della, em um volume em quarto, em cujo frontespicio se diz que sam de um anonymo, natural de Itaparica, Termo da Cidade da Bahia.

Estas poesias nem pelo seu assumpto, nem pelo seu estylo podem ser julgadas indecorosas para um homem revestido de character ecclesiastico? Qual seria então o motivo que obrigou o Padre Francisco de Sousa a guardar o anonymo? Si elle pertencesse a algumas outras Ordens, poder-se-hia suppôr que, segundo os precon-

celtos dellas, se pejava de passar por Poeta ; mas o Author era Jesuita, e é sabido que os Jesuitas longe de desprezarem a poesia, pelo contrario a cultivavam com grande esmero, e tanto que nas numerosas collecções de poesias da latinidade moderna, a maior, e diremos até a mais bella parte dos Poemas, trazem no frontispicio os nomes mais respeitados da Companhia de Jesus tanto pelo seu saber, como pelos seus cargos na Ordem.

Para sabirmos desta difficuldade aventurarei uma conjectura, que talvez pareça verosimil. O Padre Francisco de Sousa não se pejou de apresentar-se ao publico como Poeta, mas como Poeta em lingua vulgar, pertencendo a uma corporação muito abundante em Poetas, porém Poetas Latinos, porque os seus poucos Poetas vulgares não gozavam de grande reputação, salvo na Italia.

O Author parece que, tomando o anonymo, contava com a certeza de que o seu nome não ficaria desconhecido; porque termina o seu Prologo com estas palavras: « *Porem como sabes da minha Patria; sendo esta uma pequena Ilha, com pouca, ou nenhuma Literatura, com muita facilidade, si quizeres, podes vir em conhecimento do Author.* »

Não se enganou o Padre Francisco de Sousa nas suas esperanças, porque hoje não ha um só Literato no Brasil; que não saiba que o anonymo Itaparicano é o Padre Francisco de Sousa, até porque no tempo em que appareceu o livro não havia naquella Ilha uma unica pessoa, a fora elle, a quem podesse ser attribuido.

Confronte-se além disso este Livro de Poesias com O Oriente Conquistado, e pela identidade de linguagem, das phrases, e modos de dizer, e de certos usos grammaticaes, se conhecerá sem a menor dúbida que ambas aquellas Obras sahiram da mesma penna.

O estylo poetico do Padre Francisco de Sousa, posto que não esteja de todo limpo dos conceitilhos, jogos de palavras, e da affectação característica da Eschola de Gongora, é com tudo muito mais singelo, e corrente do que o dos seus contemporaneos ; a sua versificação é fluida, harmoniosa, e facil, e as suas Oitavas bem fabricadas, e rymadas sem violencia, nem vocabulos inuteis.

A viveza da sua imaginação, a abundancia, e vigor de seus pensamentos, e a riqueza de expressão, com que de

ordinario lhe dá realce, mostra bem que este Douto Jesuita havia nascido Poeta, e que se uma vida mais tranquilla, menos occupada com os negocios da sua Congregação, e com suas repetidas viagens, lhes houvessem deixado o tempo necessario para cultivar o seu talento natural, elle teria hoje bem pouco quem pudesse disputar-lhe a primazia entre os Poetas Brasileiros, e os Poetas Lusitanos do seu seculo.

Desgraçadamente para elle, e para o publico o seu volume apenas contém dous Poemas, os outros versos é crível, que ficassem sepultados nas estantes da Livraria do Collegio de Goa, e que levassem por fim o mesmo, que entre nós costumam levar os manuscritos, qualquer que seja o seu merecimento.

O primeiro destes Poemas intitula-se *Eustachidos*, Poema Sacro e *Tragicomico* em que se contém a Vida de Santo Eustachio, chamado antes Placido, e de sua mulher, e filhos; é escripto em seis Cantos em Octava rima. Sem nos fazermos cargo da qualificação extravagante do *Sacro, e Tragicomico*, basta a leitura deste titulo para que o Leitor entendido nestas matérias conheça que o Poema é do genero historico, que a sua fabula deve ser pouco regular, e que todo o seu merito deve consistir na belleza, e invenção de alguns episodios, e sobre tudo na poesia do estylo, e é justamente o que acontece no *Eustachidos*. É tambem evidente que a idéa primaria deste Poema foi suscitada ao Padre Francisco de Sousa pela leitura do Poema Latino de Mr. L'Abbé; que sahio á luz em França no anno de 1672, e talvez por esta circumstancia é que o Poeta se resolvesse a escrever o seu em Portuguez.

Para darmos a conhecer a maneira, e estylo deste Poeta transcreveremos a pintura da Cidade de Jerusalem expugnada pelo Exercito Romano depois de prolongado assedio, e desesperada resistencia.

A Romana trombeta deu o primeiro
Signal; e respondeu a Gente Hebraea;
Ouvio-se o som no Olivete Outeiro
E por toda a Montanha de Judea
Hum Povo por triumphante, e por Guerreiro,

E outro pelo damno, que recêa,
Puxam pelas espadas reluzentes,
Que no ferir sam raios sempre ardentes.

O Poeta nota aqui que os Hebreos se defendiam valerosamente pelo *damno, que receavam*, dando assim a razão philosophica da difficuldade, que os povos antigos achavam na tomada de qualquer Cidade, e da porfiada resistencia, ás vezes de annos, que lhe faziam os moradores, chegando ao extremo de se queimarem nellas, como os Saguntinos antes, do que render-se aos contrarios; ao passo que em nossos tempos as Cidades, e Castellos se rendem facilmente, e quasi sempre por capitulação. Alguns tem attribuido esta differença á superioridade das nossas armas; mas parece-me que se enganam, porque os antigos não tinham menos terriveis instrumentos de oppugnação, e de defeza do que nós. A razão verdadeira, si me não engano, é que nos tempos modernos o render-se uma Cidade apenas tem em resultado o passar a dominio estranho, quasi sempre por pouco tempo, o pagamento de alguma contribuição de guerra, e muito raras vezes um saque: porém entre os antigos, a tomada de uma Cidade trazia comsigo a anniquilação della, era raro que o vencedor lhe não deitasse fogo, os seus habitantes, moços, velhos, mulheres, e mininos, eram parte passados á espada, parte reduzidos á escravidão, levados para longes terras, e lá vendidos como animaes brutos. Não admira por tanto que os cercados combatessem até á ultima extremidade *pelo que receavam*, como diz o Poeta. A civilisação tem até alterado o character da guerra, sugeitando-a, quanto é possivel, ás leis da humanidade, e da honra; uma guerra entre os antigos era o resultado do odio de povo a povo, cada individuo via no exercito contrario um inimigo pessoal, que se interessava em exterminar; hoje uma guerra é uma desavença entre dous governos, em que as nações respectivas não tomam parte. Os soldados combatem por obediencia, e por honra, e não por odio: em vencendo tem satisfeito ao seu dever, e raras vezes se arrojam a derramar o sangue de mulheres, e de individuos enermes. Os generaes lho não consentem porque temem infamar o seu no-

me, como aconteceu a Tili com a destruição de Magd-
bourg.

Dos Cavallos o estrepido furioso
Fundia a terra, as pedras se arrancavam,
E os inimigos com temor medroso
Pulverulenta fuga machinavam:
Hums investiam com valor brioso,
E outros batendo as crinas respiravam
Pelos narizes viração ardente,
Mastigavam na bocca a espuma quente.

Os dous primeiros versos desta Estança sam dignos
de Camões.

Já as ameas, e torres se assaltavam,
Com furia grande, e impeto tremendo,
As bandeiras abertas tremulavam,
Soava do Atambor o estrondo horrendo;
As trincheiras, e fossos se escalavam,
Os contrarios fugindo, outros morrendo,
Era no horror, assombro, e crueldade
O valor raio, a ira tempestade.

Tambores nas Hostes de Tito, e João Giscala é inven-
ção pouco feliz do Author, e um grosseiro anacronismo.

De densas settas o ar se condensava,
Das ferreas meiasluas sacudidas,
E de miudas pedras se obumbrava
Pela circular mão circumduzidas;
A arêa d'entre os pés se levantava.
Vagando hiam as lanças impellidas,
E n'hum confuso eclipse, e tenebroso,
Punham á mesma luz manto horroroso.

Das Romanas trombetas os clangores
Pelo contorno grande retumbavam,
E com o horrivel som rijos clamores
Os mesmos rios de pavor paravam;
Os pequenos Mininos com temores

No regasso das Mães se desmaiavam,
E ouvindo o echo irado, o som terrivel
Temblava o sexo fraco, e mais sensivel.

Da morte alguns fugindo fera, e crua,
Aos logares mais fortes se acolhiam,
E outros passados com a espada nua
No sangue a morte calida bebiam;
Muitos nas torres, casas, praça, e rua,
Morrendo com valor se defendiam,
E até dos, que nas covas se esconderam,
Alguns perpetuamente adormeceram.

Quaes as Ovelhas lassas, e esparzidas
No prado ameno, ao pé da clara fonte,
Si acontece que sam accommettidas
Dos Lobos, que apparecem lá defronte,
Parte sam mortas, e outras mal feridas,
Algumas fogem para brenha, e o monte,
Taes as Judaicas Gentes pareciam,
Entre os Romanos, que se enfureciam.

Muitas ao captiveiro se entregando,
Compaixão; e piedade nos pediam,
E a vida humildemente supplicando,
Com promptidão as armas offreciam;
Mas outros fortemente pelejando,
Nos Fortes mais seguros resistiam,
Onde fizeram damnos dolorosos
Os aproches, e Arietes forçosos.

As Mães os filhos tenros carregando,
E outras trazendo-os pela mão fugiam,
E os dourados cabellos desgrenhando,
Chorasas as Donzellas os seguiam;
Os Velhos, já não como galeando,
Do perige forrar-se pertendiam,
E áquelles, que escapavam com a vida,
Lhe dava o temor azas á fugida.

Não assi tanto os, que junto das correntes
Do Nilo Egyptio fazem as moradas,
Quando sentem crescerem as enchentes,
Que os inundam com grandes enxorradas
Correm ligeiros, fogem diligentes
Para as ribeiras inda não banhadas,
Como este Povo se affastava exangue
Da grande enchente, e dos randaes de sangue.

Aqui cahia o levantado tronco
Com som tristonho, e lugubre rugido,
Ali estalava o duro muro, e bronco
Do furioso Ariete impellido,
Por outra parte com estallo ronco
Se ouvia dos penedos o ruido,
E hera cada ruina, e cada roto
Monte cahido, horrendo terremoto.

Qual o Vento Boreal tempestuoso
Quando as ondas maritimas provoca,
E com chuveiro negro, e procelloso
As espheras penetra, os ares choca,
Ergue a Terra em um globo envoltuoso,
Os troncos quebra, despedaça a roca,
Taes dos Soldados heram os furores,
Destruindo o, que achavam, com rigores.

Em arroyos de purpura banhados
Os disformes cadaveres cahiam,
E alguns supinos, e outros debruçados,
O mesmo sangue callido bebiam;
Muitos em postas feitos, e trincados
Tremulos pelo chão saltar se viam,
Tendo nestes de horror tristes transumptos
A penna objectos; e a magoa assumptos.

A Ira, e o Valor coadunados
Aos, que resistem, punem de tal sorte,
Que no ardor de vencer precipitados,
Achavam; procurando a vida, a morte;
Com tal crueldade foram destroçados

Com tal furor, e cholera tão forte,
Que a vehemencia do echo destes males
Se ouviu nos montes, se sentio nos valles.

As vozes, os temores, os tormentos
Dos Soldados, dos Presos, dos Feridos,
Das Virgens, dos Menores os lamentos,
Os gemidos, os prantos, e alaridos,
Pela terra, pelo ar, e pelos Ventos
Foram vagos, dispersos, e espargidos,
E o Sol claro, o Ar sereno, o Ceo enxuto
Vestiu sombras, fez trevas, trajou lucto.

Estes dous ultimos versos sam tão puramente seiscen-
tistas, que parecem tirados de alguma Obra de Antonio
da Fonseca Soares, felizmente o nosso Poeta, como o Lei-
tor pôde ter observado neste longo trecho, cahe poucas
vezes nestas rapaziadas de estylo.

Cholericos com ira, e ardor bramavam
Os Capitães Romanos victoriosos,
E quanto resistia rechassavam,
Tyrannicos, crueis, e furiosos;
Já de huma vez os vivos se entregavam,
Nas mãos dos vencedores gloriosos,
Que por força ha de ser executado
O que do Ceo está determinado.

Onze vezes com mil neste conflicto
Do consocio dos vivos se apartaram,
Noventa, e sete mil ao Grande Tito
Por captivos humildes se entregaram;
Assim se destruiu do antigo rito
A Cidade Princeza; e só ficaram
As pedras onde teve a sepultura
O Filho de Maria Virgem pura.

Diz o Poeta que neste conflicto morreram um milhão
de individuos, e ficaram prisioneiros de Tito noventa, e
sete mil individuos, o que faz um total de um milhão
cento, e noventa e sete mil pessoas, isto é absolutamente

impossivel; mas inda admittindo que esta perda tivesse logar não na tomada da Cidade, mas em todo o decurso do assedio, e mesmo abstrahindo de muitos individuos, que necessariamente haviam de escapar á morte, e ao captivo, sempre é necessario que Jerusalem tivesse uma população pelo menos igual á de Londres, e Paris! E' verdade que o Padre Francisco de Sousa diz aqui o mesmo que dizem os Historiadores, mas eu creio que os Historiadores nunca se mostraram tão hyperbolicos, e mentirosos como neste calculo de mortos e prisioneiros. Jerusalem existe; os seus limites são conhecidos, os montes Moria, e Sião, o Valle de Josaphat, a torrente Cedron, a fonte de Siloé, o Calvario conservam-se ainda onde estavam, o grande Geographo Danville medio com maior exacção a estenção daquelle Cidade, e concorda com Chateaubriand, que affirma que um homem a pé, costeando as muralhas pôde rodear Jerusalem no espaço de uma hora; como é pois possivel que em tão limitado recinto podesse caber mais de um terço da população que Portugal tem no continente? Lisboa é maior umas poucas de vezes, que Jerusalem, tem muitos predios de cinco, e seis andares, e quantos são os seus moradores? E si admittirmos a assersão do Author de que a mortandade de um milhão de pessoas, e o aprisionamento de noventa, e sete mil, teve logar no último combate; teremos de juntar a esta conta todos os que morreram, ficaram captivos, ou emigraram durante o sitio, todos em fim que escaparam, e então onde hirá isto parar? Dirão que em Jerusalem não estavam só os seus moradores, que uma multidão de Judeos havia concorrido de fóra para defender o Templo, e a Cidade Sancta: concedo, mas era necessario haver local para aloja-los. Seja como fôr, o que me parece demonstrado é que todo o pequeno, e acanhado paiz de Judea, apenas contaria o número de gente que se quer attribuir á sua metrópoli.

Deixando porém esta questão incidente, que nada influe na bondade do Poema, consideremos este episodio de baixo do ponto de vista poetico. Um Critico demasiado severo, ou para melhor dizer impertinente, acharia nella sem custo algumas negligencias de estylo, e metro, alguns rasgos de gongorismo, algumas palavras mais Cas-

telhanas, que Portuguezas, como *temblar*, e *raudales*, deixando porém estas investigações aos grammaticos, a quem pertencem, e tomando este trecho pelo seu effeito, creio que ninguem deixará de confessar que elle dá exuberante prova do grande talento epico do Author. Elle reu-
nio neste quadro com rapidez, e viveza quasi todos os incidentes, que tem logar em uma praça tomada de viva força. O arreganho militar das tropas, que marcham ao combate; a impetuosidade do ataque, o vigor da defeza, a victoria passando alternadamente de um partido ao outro, o trabalho das machinas de guerra, as diversas faces do mortecinio, o terror das mulheres, velhos, e mi-
ninos, e finalmente os vencedores, que cevados no sangue se vingam nos vencidos da resistencia, que lhe oppozeram, muito é para sentir que um homem, que possua esta força, e esta abundancia, não as empregasse em um assumpto de interesse geral, em um assumpto verdadeiramente heroico, que melhor podesse inspirar o seu estro, e dar-lhe campo para desenvolver os recursos da sua imaginação.

Nem se julgue que este trecho é o unico, que neste Poema merece notar-se, elle tem outros muitos de igual valor, que se acham em quasi todos os Cantos; tal é a seguinte descripção do Inferno.

Jaz no centro da Terra uma caverna
De aspero, tosco, e lugubre edificio,
Onde nunca do Sol entrou lucerna,
Nem de pequenã luz se vio indicio,
Ali o horror, e a sombra he sempiterna
Por hum pungente, e funebre artificio,
Cujas fenestras, que tu monstro inflammas,
Respiradouros sam de negras chammas.

Rodêam este alcaçar desditoso
Lagos immundos de palustres agoas,
Onde hum tremor, e horror vertiginoso
Penas descobre, desentranha magoas;
Fontes heladas, fumo tenebroso
Congelam ondas, e machinam fragoas,
Mesclando em um confuso de crueldades
Chammas a neve, o fogo frialdades.

Ardente Serpe de sulphureas chammas
 Os centros gira deste alvergue umbroso,
 Sam as faiscas horridas escamas,
 E o fumo negro dente venenoso ;
 As lavaredas das volantes flammas
 Azas compõem ao Monstro tenebroso,
 Que quanto queima, despedaça, e come,
 Isso mesmo alimenta, que consome.

Hum negro arroyo em pallida corrente
 Irado ali se torce tão furioso,
 Que he no que morde horrifica serpente,
 E no que inlicciona aspid horroroso ;
 Vapôr, fetido, horrendo, e pestilente
 Exhala do seu seio tão raivoso,
 Que lá no centro sempre agonizado
 De peste, e sombras mostra ser formado.

As densas nevoas, as opacas sombras
 Tanto encapotam a espereza inculta,
 Que em negra tumba, funebres alfombras,
 Parece a mesma noite se sepulta ;
 Fantasmas tristes, que tu, Horeb, assombras,
 Terrores causam onde mais avulta
 O rouco som de haullidos estridentes,
 O triste estrondo do ranger dos dentes.

Angustias, dôres, pena, e sentimento,
 Suspiros, ancias, e penalidades,
 Gemidos tristes, e cruel tormento,
 Furores, Raivas, Iras, e Crueldades ;
 Em hum continuado movimento
 Por todo o tempo, e todas as idades
 Tanto a materia, que criam, destroçam
 Quanto a materia, que destroem, remoçam.

Revolvando-se em chammas crepitantes
 Ali está Judas n'humã cama ardente,
 No coração tem viboras flammandes,
 Na lingua hum Aspid feio, e pestilente
 Geme, e suspira todos os instantes

**Blasphema irado, nega impaciente,
Tendo a seu lado Herodes, e Pilatos,
Anaz, Caiphaz, e outros mentecaptos.**

Jaz em hum Lago graveolente, e immundo
O Architectario Arabigo, e Agareno,
Que perdição quiz ser de quasi hum Mundo,
Patrocinando o vicio vil, terreno;
De huma parte submisso no profundo,
De si mesmo furor, peste, e veneno
Está Calvino, e de outra agonizando
Luthero em fogo, e agoa ardendo, e helando.

O uso que o Poeta faz de algumas palavras Castelhanas como *helar*, *temblar*, *raudaes*, *aullidos*, me leva a crêr que semelhantes vocabulos eram no seu tempo correntes, e admittidos no dialecto Brasileiro.

**Preso em hum calabouço tenebroso
Está Alexandre em hum nevado Rio,
Que inda agora por muito cobiçoso
Temem queira do Inferno o Senhorio:
Em hum Vulcão de chammass horroroso
Stam Bello, Xerxes, Scevola, e Dario,
Aurelio, Cesar, e Domiciano,
Augusto, Néro, Tito, e Juliano.**

O Poeta colloca aqui no Inferno os Conquistadores, e alguns Imperadores Romanos, que na verdade tinham so-bejos merecimentos para isso; mas não vêjo a razão por que põem em tão ruim companhia a Tito, que fez a guerra aos Judeos, e tomou Jerusalem como simples General, e quando subio ao throno mereceo por sua clemencia, e virtudes ser denominado amor, e delicias do genero humano, e sobre tudo o pobre Scevola, que não foi Rei, nem Consul, mas um denodado patriota, que por sua constancia salvou Roma de cahir no poder de Proseno. E natural que o Padre Francisco de Sousa necessitando de um nome dactílico para fechar o verso aproveitasse o de Scevola, que foi o primeiro, que lhe lembrou.

Em fim ali de todas as idades,
 De todas as Nações, em desatinos,
 Se vem penar á força de crueldades
 Nobres, Plebeos, Velhos, e Mininos;
 Huns entre as neves, e as voracidades
 Do fogo ardente, e alguns entre os malinos
 Aspides, Buitres, Viboras, Serpentes,
 Que os tragam, e consomem com seus dentes.

Mas quanto póde a humana phantasia
 Cuidar desta masmorra horrenda, e escura,
 E quanto póde a livre poesia
 Fingir em vãa, e apocripha pintura;
 He huma boa, e propria alegria
 Com huma methaphorica Esculptura,
 Que o Inferno só consiste, e o vil Guzanço
 Na pena dos sentidos, e do damno.

Em o mais alto deste Solio infando,
 Em hum throno de chammas sempre ardente,
 Jaz Lucifer, a quem estam tragando
 Aspides negras, serpes pestilentes,
 Elle, com ira, e com furor bramando,
 Se despedaça com agudos dentes,
 Lida para seu damno, e eterno Fado,
 De si proprio Fiscal, e Algoz irado.

Viboras por cabellos cento, e cento,
 Por olhos tem dous Ethnas denegridos,
 Por bocca hum Crocodilo tremulento,
 Por mãos dous Basiliscos retorcidos,
 Por cerebro a soberba, e o tormento,
 Por coração, por membrós os latidos,
 Por pernas duas cobras sibilantes,
 Por pés dous Mongibellos flammejantes.

Esta pintura extravagante de Lucifer foi sem dúyida
 escripta pelo Author em um violento ataque de gongorismo;
 pelo menos dá uma idéa cabal do que Horacio
 chama *Ægri somnia vana*.

Aquillo mesmo crê, de que duvida,
 Tem fastio do mesmo que appeteece,
 O que não quer para isso se convida;
 E affecta aquillo tudo, que aborrece;
 Quando quer repousar então mais lida,
 Quando abrandar-se muito se enfurece,
 Ancias sam gustos, penas desaffogos,
 Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

Bem sei que daqui aos Infernos de Dante, Milton, e Klopstock a distancia é infinita, mas por isso não deixa este quadro de ser mui superior aos traçados por outros Poetas, e conter bastante originalidade. E' porém notavel que o Padre Francisco de Sousa não mencione nelle uma unica mulher, não foi de certo por difficuldade de encontrar algumas, que podessem figurar bem neste theatro das penas eternas! Semiramis, Thomiris, Tulia, Cleopatra, Clitemnestra, Hélena, Eriphile, a Cunhada, e Bargeã de Herodes, Agripina, e Messalina, Catherina de Medicis, e Lucrecia Borgia, e tantas outras, de que falla a Historia antiga, e moderna nada deixavam, que desejar! Além de que o Poeta na qualidade de Confessor, e Parocho devia conhecer bem a fundo os crimes, e os vicios do sexo feminino.

No Canto V. o Author achou meios de introduzir no Poema episodicamente o descobrimento do Brasil, fazendo uma breve, e vistosa descripção daquelle paiz tão fértil, e tão abundante de bellezas naturaes.

Em hum vasto me achei, e novo mundo
 De nós desconhecido, e ignorado,
 Em cujas praias bate hum mar profundo
 Nunca athegora d'alguns Lenho arado,
 O clima alegre, fértil, e jacundo,
 E o chão de arvores muitas povoado,
 E no verdor das Folhas julguei que era
 Ali sempre continua a Primavera.

Dellas estavam pomos pendurados
 Diversos na fragrancia, e na pintura,
 Nem dos homens parecem ser plantados,

Mas agrestes se dam, e sem cultura;
 E entre os troncos muitos levantados
 Que ainda a phantasia me figura,
 Havia hum pau de tinta mui fecundo,
 Transparente na côr, e rubicundo.

Pássaros muitos de diversas côres
 Se viam varias ondas transformando,
 E dos Troncos suavissimos licôres .
 Em copia grande estavam dimanando;
 Peixes vi na grandeza superiores,
 E Animaes Quadrupedes saltando.
 A Terra tem de metal louro as véas,
 Que de alguns Rios se acha nas aréas.

E quando a vista estava aparentando
 Destas cousas na alegre formosura,
 Hum Velho vi, que andava passeando,
 De desmarcada, e incognita estatura,
 Com sobresalto os olhos fui firmando
 Naquelle sempre movel creatura,
 E pareceo-me, si bem reparava,
 Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve,
 Pela velhice muita carcomidos,
 E só com pennas se trajava ao leve,
 Porque lhe heram pesados mais vestidos;
 Andava sempre, mas com passo breve,
 Posto que os pés trazia envelhecidos,
 Hum baculo em as mãos accomodava.
 No qual para o passeio se ajudava.

Flquei desta visão maravilhado,
 Como quem de taes Monstros não sabia,
 E logo perguntei sobresaltado
 Quem hera? que buscava? e que pedia?
 Elle, virando o rosto remendado,
 Da côr da escura noite, e claro dia,
 Quem hera eu, (respondeo) quem procurava?
 E que Postero (disse) se chamava.

» Esta que vés (continuou dizendo)

» Terra aos Ceos escondida, e occultada,
 » Quando eu velho fôr mais envelhecendo,
 » De hum Rey Grande hade ser avassallada,
 » Não te posso dizer o como: e sendo
 » Esta noticia a outros reservada,
 » Basta saberes que, sem romper muros,
 » Será, passados Seculos futuros.

» Porém isto não foi o que a buscar-te

» Me moveo, e a fallar-te desta moda,

» Mas de outra cousa venho a informar-te

» Que muito mais do que isso te accomoda,

» Bem podes começar della a gozar-te,

» Que para isso vou andando em roda,

» E para que não estejas cuidadoso,

» Quero dar-te a noticia persagioso.

» Naquella, (e me mostrou huma grande Ilha,

Formosa, fresca, fertil, e aprazivel,

A quem Neptuno o seu tridente humilha,

Quando o rigor do Austro he mais sensivel)

» Hade vestir a pueril mantilha

» Depois de nella ter a aura visivel,

» Hum que para que a ti versos ordene,

» Hade beber a fonte de Hypocrene.

» Este pois lá n'hum Seculo futuro,

» Posto que della ausente, e apartado,

» Porque c'os filhos sempre foi perjuro

» O patrio chão, e os tracta sem agrado,

» Por devoção, e intrinseco amor puro,

» Talvez de Deos, que adoras, inspirado,

» De ti, e desses dous dessa pousada,

» Hade cantar em Lyra temperada.»

Esta Ilha é da Itaparica, e o Poeta aqui prophetisado é o Author. Este episodio, posto que estranho ao assumpto, não deixa de estar ligado a elle com bastante artificio. Não pertendo dissimular, nem justificar os defeitos do *Eustachidos*, mas parece-me que a despeito delles, é

este o melhor Poema de Vidas de Santos, que possuímos em Portuguez, e seria muito para desejar que algum dia se faça delle nova edição.

O outro Poema do Padre Francisco de Sousa consta de um só Canto, e sessenta, e cinco Estanças, anda junto com o *Eustachidos*, e tem por titulo *Descripção da Ilha de Itaparica, Termo da Cidade da Bahia*.

Este Poema é um monumento levantado pelo Poeta em hora da sua patria, e prova que longe della, nas suas longas viagens, enredado nas intrigas, e negocios da Companhia, no desempenho dos cargos, em que fôra provido, elle a tinha presente na imaginação, e se deleitava retratando em versos harmoniosos a formosura das suas paugagens, as suas producções maritimas, e terrestres, aquellas praias, hosques, e campinas onde havia passado os tão felizes tempos da infancia.

Entre os quadros mais bem coloridos deste Poema, me parece distinguir-se o da pesca da balea, principal ramo do Commercio de Itaparica, que passo a copiar, e que é da maior exactidão, posto que ás vezes deixe a desejar mais poesia.

Tambem pertence aqui dizer ousado
 Daquelle Peixe, que entre a fauce escura,
 O Propheta tragou Jonas sagrado
 Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
 Porém sendo do Altissimo mandado,
 O tornou a lançar não sem lesura
 Conforme nos affirma a antiguidade,
 Em as praias de Ninive Cidade.

Parece que o Poeta faria muito bem si nos informasse de qual foi a lesão, ou *lesura*, como elle diz, com que Jonas foi pela balea, ou tubarão, (porque a palavra *Cete* pôde significar tanto um como outro destes animaes) vomitado nas praias de Ninive; diz elle que assim *o affirma a antiguidade*, mas a Bíblia não faz menção de tal. Pela minha parte creio que Jonas não teve neste successo mais incommodos que o grande medo de não *sahir* dali sinão trasformado em outra substancia.

Monstro do mar, gigante do profundo,
 Huma Torre nas ondas soçobrada,
 Que parece em todo o ambito rotundo
 Jámais Besta tão grande foi creada:
 Os mares despedaça furibundo
 Co'a barbatana às vezes levantada,
 Cujos membros teterrimos, e broncos
 Fazem a Thetis dar gemidos roncos.

Balea vulgarmente lhe chamamos,
 Que como só a esta Ilha se sujeita,
 Por isso de direito a não deixamos,
 Por ser em tudo a descripção perfeita;
 E para que bem claro percebamos
 O como a Pescaria della he feita,
 Quero dar com estudo não occioso,
 Esta breve noticia ao curioso.

Todos estes preliminares, e propostas do Poeta, que seriam bons em um tractado em prosa, mostram o quanto os nossos Poetas estavam atrasados na poesia descriptiva, mesmo depois de Camões na Ilha dos Amores lhes haver dado um tão perfeito exemplar della, porém Camões era um genio grande, e os outros apenas tinham talento, e boa vontade.

Tanto que chega o tempo decretado,
 Que este Peixe do Vento Austro he movido,
 Da terra estando á vista já chegado,
 Cujos signaes Neptuno dá ferido,
 Em hum posto desta Ilha assignalado
 E de todo o preciso prevenido,
 Lanchas estam mui leves, e veleiras,
 Que se fazem c'os remos mais ligeiras.

Os Nautas sam Ethiopes robustos,
 E outros mais de sangue misturado,
 Alguns mestiços, em a cõr adustos,
 Cada qual pelo exforço assignalado,
 Outro ali vai tambem, que, sem ter sustos,
 Leva o harpão da chorda pendurado,

Tambem hum que no Officio a Glaucos offusca,
E para isto Brasilico se busca.

Assim partem intrepidos sulcando
Os Palacios da linda Panopea,
Com cuidado solícito vigiando
Onde resurge a sardida Balea;
Oh Gente! que furor tão exacrando
A hum perigo tal te sentecea?
Como, pequeno Bicho, hes atrevido
Contra o Monstro do mar mais desmedido?

Como não temes ser despedaçado
De hum Animal tão fero, e tão immundo?
Como queres hir ser precipitado
Nas intimas entranhas do profundo?
Não temes, si he que vives em peccado,
Que o Creador do Ceo, e deste Mundo,
Que tem dos mares todos o governo,
Desse Lago te mande ao Lago Averno?

Lá ententaram feros os Gigantes
Subir soberbos ao Olympo puro,
Acommetteram outros de ignorantes
O Reyno de Plutão horrendo, e escuro,
E si estes atrevidos, e arrogantes,
O castigo tiveram grave, e duro,
Como não temes tu ser castigado
Polos Monstros tambem do mar salgado?

Mas em quanto com isto me detenho
O temerario risco admoestando,
Elles de cima do ligeiro lenho,
Vam a Balea horrivel avistando
Pegam nos remos com forçoso empenho,
E todos juntos com furor remando,
A seguem por de traz com tal cautella,
Que imperceptiveis chegam junto a ella.

O harpão farpado tem nas mãos suspenso,
Hum que na prôa o vai arremeçando,

Todos os mais deixando o remo extenso
 Se vam na Lancha subito deitando,
 E depois que ferido o Peixe immenso
 O veoz curso vai continuando,
 Surge cada hum com furia, e força tanta,
 Que como hum Antheo forte se levanta.

Corre o Monstro com tal ferocidade,
 Que vai partindo o humido Elemento,
 E do pelago na concavidade
 Parece mostra Thetys sentimento,
 Leva a Lancha com tal velocidade,
 E com tão apressado movimento,
 Que cá de longe apenas apparece,
 Sem que em alguma parte se escondesse.

Qual o ligeiro Passaro amarrado
 Com hum fio subtil, em cuja ponta
 Vai hum papel pequeno pendurado,
 Voa veoz sentindo aquella affronta,
 E apenas o papel, que vai atado,
 Se vê pela presteza com que monta,
 Tal o Peixe affrontado vai correndo,
 A seus membros atada a Lancha tendo.

Depois que com o curso dilatado
 Algum tanto se vai desfallecendo,
 Elles então com força, e com cuidado
 A córda pouco a pouco vam colhendo;
 E tanto que se sente mais chegado
 Inda com furia os mares combatendo,
 Nos membros moles lhe abre huma rotura
 Hum novo Achyles c'huma lança dura.

A's vezes acontece que a balea harpoada, em logar de correr horisontalmente levando com sigo a lancha, mergulha, e desce procurando abrigo nas profundidades do mar; então o harpoador lhe dá córda, que leva enrolada na proa, esperando que ella suba de noyo, como quasi sempre acontece; mas se ella continua a tirar para baixo, e a córda vai findando, o harpoador a corta prompta-

mente com um machado, de que vai prevenido, aliás submergiria o batesl fazendo perdêr a tripulação.

Do golpe sae de sangue huma espadana,
 Que vai tingindo o Oceano ambiente,
 Com a qual se quebranta a furia insana.
 Daquelle horrivel Peixe, ou Besta ingente;
 E sem que pela Plaga Americana
 Passado tenha de Israel a gente,
 A experiencia á vista certifica,
 Que he o mar Vermelho, o mar de Itaparica.

Pensamento falso, frio, e ridiculo, e inteiramente no gosto seiscentista! Supponhamos que a balea deitasse tanto sangue, que bastasse a tingir o mar, que banha as praias de Itaparica, essa circumstancia passageira não podia grangear-lhe o nome de mar vermelho, e a que proposito vem aqui a citação do povo de Israel? Por ventura foi a sua passagem, que deu o nome de mar vermelho ao estreito Erythreo? Não era elle assim denominado muitos seculos antes que Moyses, por ordem do Senhor, mandasse dividir suas aguas para os Hebreos passarem a pé enxuto, evadindo-se assim aos furôres de Pharaó, que os perseguia com o seu exercito?

Aos repetidos rasgos desta lanca,
 A vital aura o vai desamparando,
 The que fenece o Monstro sem tardança,
 Que antes andara os mares açoutando;
 Elles, puchando a córda com pujança,
 O vão da Lancha mais perto arrastrando,
 Que, si lhe fiou Cloto o longo fio,
 Agora o colhe Lachesis com brio.

Eis agora tambem no mar saltando
 O que de Glauco tem a habilidade,
 Com hum agudo ferro vai furando
 Dos queixos a voraz monstruosidade;
 Com hum cordel depois grosso, e não brando,
 Da bocca serra-lhe a concavidade,
 Que, si o mar sorve no gasnate fundo,
 Desce logo ás entranhas do profundo.

Seja-me permittido duvidar desta assertão do Author, que ainda não achei mencionada em algum naturalista. Em primeiro lugar todos os peixes boyam quando morrem, e isto deve ainda mais verificar-se na balea, animal de grandeza tam descommunhal, e que é um vasto odre de azeite; além disso a goella deste enorme cetó é tão estreita, que difficilmente por ella, depois de morta a balea, pôde introduzir-se grande porção d'agua, e muito menos tanta, que com o seu peso a faça affundar; e se as cousas fossem como affirma o Padre Francisco de Sousa, como poderiam os navegantes ter encontrado tantas balcas mortas fluctuando sobre as ondas?

Tanto que a presa tem bem subjugada,
 Hum signal branco lançam victoriosos,
 E outra Lancha para isso decretada
 Vem soccorrer com cabos mais forçosos;
 Huma e outra se parte emparelhada,
 Hindo á véla, ou e'os remos furiosos,
 E, pelo mar serenas navegando,
 Para terra se vam endireitando.

As lanchas chamadas *de soccorro* costumam ser mais de uma para cada lancha de pesca.

Cada hum se mostra nos reman constante,
 Si lhe não tem o Zephyro assoprado,
 E com fadigas, e suor bastante
 Vem a tomar o porto desejado;
 Deste em espaço não muito distante,
 Em o terreno mais accomodado,
 Huma trufatil machina está posta
 Só para esta função aqui disposta.

O adjectivo *trufatil* não se encontra nos Diccionários; será vocabulo peculiar do dialecto Brasilico? Será erro de typographia? Escreveria o Poeta *portatil*?

O pé surge da terra para fóra
 Huma versatil roda sustentando,
 Em cujo âmbito longo se encoscara,

Huma amarra, que a vai arrodando :
 A esta mesma roda cá de fóra
 Homens dez vezes cinco estam virando,
 E quanto mais a córda se repucha,
 Tanto mais para a terra o Peixe pucha.

Assim com esta industria vam fazendo
 Que se chegue ao lugar determinado,
 E as enchentes Neptuno recolhendo,
 Vam subindo por hum, por outro lado;
 Outros em borbotão já vam trazendo
 Facas luzidas, e o braçal machado,
 E cada qual ligeiro se aparelha
 Para o que seu officio lhe aconselha.

Assim dispostos huns, que Africa eria,
 De membros nus, o couro denegrido,
 Os quaes queimou Phaeton quando descia
 Do terrifico raio submergido;
 Com algazarra muita, e gritaria,
 Fazendo os instrumentos gran ruído,
 Huns aos outros em ordem vam seguindo,
 E os adiporas lombas dividindo.

O Povo, que se ajunta, he infinito,
 E ali tem muitos sua dignidade,
 Os outros vem do Commarção districto,
 E despovôam parte da Cidade;
 Retumba o ar com o continuo grito,
 Sôa das penhas a concavidade,
 E entre elles todos tal furor se accendê,
 Que ás vezes hum ao outro não se entende.

Tal em Babel o Povo, que atrevido
 Tentou subir ao Olympto transparente,
 Cujó idyoma proprio prevertido
 Foi n'huma confusão balbuciente,
 Tal nesta Terra o Monstro desmedido,
 Levanta as vozes a confusa Gente,
 Que, seguindo cada hum diverso dogma,
 Fallar parece então n'outro idyoma.

Desta maneira o Peixe se reparte
 Por toda aquella cobiçosa Gente,
 Cabendo a cada hum aquella parte,
 Que lhe foi consignada do Regente;
 As banhas todas se depõem á parte
 Que juntas formam hum acervo ingente,
 Das quaes se faz Azeite em grande copia,
 De que está terra não padece inopia.

Parece deduzir-se desta Estança que os Itaparicanos usam como alimento da carne da baleia, e fazem azeite sómente das banhas, e figados. Em outras partes toda a carne vai ás caldeiras para extrahir o azeite, alimentando-se os desgraçados negros, empregados nesta nojenta operação, com os torresmos, cujo gosto é um pouco differente dos torresmos de porco, de que fazem uso os Transmontanos.

Em vasos de metal largos, e fundos
 O estão com fortes chammas derretendo,
 De huns pedaços pequenos, e secundos,
 Que o fluido licôr vam escorrendo;
 Sam huns feios Ethyopes immundos
 Os que estão este officio vil fazendo,
 Cujos membros de Azeite andam untados
 Daquellas cirandagens salpicados.

Este Peixe, este Monstro agigantado,
 Por ser tão grande tem valia tanta,
 Que o valor a que chega costumado
 Ahe quasi mil aureos se levanta,
 Quem d'ouvir tanto não sae admirado
 Quem de hum Peixe tão grande não se espanta?
 Mas em quanto o Leitor fica pasmando,
 Eu vou divertas cousas relatando.

O meu amigo Thomáz Antonio dos Santos, traçou em uma bella comparação um breve quadro da pesca da baleia, aqui o porei, porque estas confrontações sam um grande meio de apurar o gosto.

A' semilhança

Do verdenegro Pescador do Norte,
 Que fisingando o barbado monstro ingente,
 Apoz o pingue, fraudolento engodo
 Linha, e folga lhe dá ; correndo o Bruto,
 Em vão fugindo á morte, que em si leva,
 Açouta o Ceo co'as ondas, que resfolga
 Athe que exangue em largo chorro extenso
 Tinctos os mares do carmim, que esparze,
 A salvo do Tyranno, cede á força.

Apesar da belleza desta pintura ha nella alguns rasgos que notar. O terceiro verso é inutil, porque o engodo, ou isca não entra para nada na pesca da balea, *fisingando* não é o termo proprio, mas sim *harpoando*, posto que as duas operações de *fisingar*, e *harpoar*, sejam muito semelhantes; tambem *linha* me não contenta muito, era melhor que dissesse *córda*, porque é na verdade a uma *córda*, que se prende o harpão.

O Padre Francisco de Sousa, si attendermos á riqueza de imaginação, e ao colorido de estylo, mē parecê que deve ser contado entre os melhores Poetas Brasileiros antigos.

O Sr. Vanaghem no seu Florilegio da Poesia Brasileira, cahio em uma contradicção notavel ácerca deste Poeta. Diz elle na sua Introducção pag. 29. « *Quasi contemporaneo a Botelho de Oliveira deve ter sido o Author que no Florilegio designamos pelo nome de Anonymo Itaparicano, e hoje temos a certeza, de que era o Padre Frey Manoel de Santa Maria Itaparica, da Ordem Seraphyca, que inda vivia em 1751.* » Depois de uma assersão tão cathgorica, podia alguma esperar no preambulo ás poesias do Anonymo lêr no mesmo livro.

« *Por este final o Poeta, que na parte da gloria que lhe caberia, fez abnegação do seu nome, em pró de todos os seus conterraneos, em renome da Bahiana Ilha, sua Natalicia, o proprio Poeta, dizemos, consente que pela sua naturalidade o descubramos. Ora pois as Letras, sobre tudo as do principio do seculo passado, a que indubitavelmente pertence o Livro por todos os indicios typographicos, não conhecem outro seu Cultor Itaparicano si não*

o Padre Jesuita Francisco de Sousa, Author da conhecida Obra o Oriente Conquistado. »

Como é que se conciliam duas asserções tão contradictorias da mesma pessoa, no mesmo livro, e sobre o mesmo objecto? Não sei; mas como o Sr. Vanaghem nada alega a favor da sua primeira affirmativa, atenho-me á segunda que é a minha opinião, e a de muita gente, até por uma circumstancia particular, que a corrobora.

O meu amigo o Doutor Antonio Gomes de Sepulveda, Advogado nesta côrte, e bom Poeta Latino, tinha na sua livraria um exemplar do Eustachidos, em cujo rosto havia escripto pela sua letra: « *Este Poema foi composto pelo Padre Francisco de Sousa, da Companhia de Jesus.* »

Este testemunho é para mim de muito peso, porque Sepulveda era Bahiano, tinha estudado com os Jesuitas, e vestido a sua roupeta, que despio pela abolição da Ordem, e por isso devia estar bem instruido da literatura daquella Congregação. Deixo porém ao Leitor acreditar a opinião contraria, e estou mesmo prompto a ceder da minha, quando me dêem razões convencentes, pois não tenho interesse algum em que o Author do Eustachidos fosse Franciscano, ou Jesuita.

FIM DO TOMO SETIMO.

mas o Oriente conquistado...
mo é que se encontram duas a...
as da mesma pessoa, no mesmo livro, e sobre o mes-
objeto? Não sei; mas como a Sr. F...
e a favor da sua primeira...
nda que é a minha opinião, e a de muitos outros, até
uma circunstancia particular, que a...
pen... o Doutor Antonio Gomes de Sepulveda,
gado neste côrte, e bom Poeta Latino, tinha na sua
ria um exemplar de... em cujo rosto ha-
escripto pela sua letra: «Vale Verum...»
Padre Francisco de Souza, da Companhia de Jesus, a
de... é para mim de muito peso, porque
hebra era... tinha estudado com os...
alido a sua... que depois pela... da Or-
e por isso devia estar bem instruido da litteratura
ella Congregação. Heizo porém ao...
nação contraria, e estou meando... a...
na, quando me dê as razões... pois não te-
interesse algum em que o... de...
... em...

INDICE DO TOMO VII.

LIVRO XIV.

CAPITULO I. <i>Introdução</i>	5
CAPITULO II. <i>Balthasar Estação</i>	11
CAPITULO III. <i>D. Francisco de Portugal</i>	35
CAPITULO IV. <i>Manoel Thomaz</i>	59
CAPITULO V. <i>O Phenix da Lusitania, de Manoel Thomaz</i>	84
CAPITULO VI. <i>Manoel de Faria e Sousa</i>	96
CAPITULO VII. <i>Obras Prosaicas de Manoel de Faria e Sousa</i>	105
CAPITULO VIII. <i>Eclogas de Manoel de Faria e Sousa</i>	111
CAPITULO IX. <i>Sonetos, e outras Poesias de Manoel de Faria e Sousa</i>	145

LIVRO XV.

CAPITULO I. <i>Braz Garcia Mascarenhas</i>	152
CAPITULO II. <i>O Veriato Tragico de Braz Garcia de Mascarenhas</i>	162
CAPITULO III. <i>Manoel de Galhegos</i>	216
CAPITULO IV. <i>O Templo da Memoria, de Manoel de Galhegos</i>	246

LIVRO XVI.

CAPITULO I. <i>Paulo Gonçalves de Andrade</i>	287
CAPITULO II. <i>O Padre Francisco de Sousa</i>	300

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

FOR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, e da Academia Archeologica de Madrid.

TOMO VIII.

Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.

DADO Á LUZ

pelo Editor

JOÃO PEDRO DA COSTA.



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA,

1854.

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO XVII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Manoel Quintano de Vasconcellos.

Nasceu na Villa de Estremoz, ao que parece, pouco antes de 1600, e foi filho de João Quintano de Vasconcellos, fidalgo da Casa Real, e de D. Guiomar de Lemos sua mulher, que não cedia em nobreza a seu marido, pois era descendente da Casa da Trofa, tão illustre como todos sabem.

Foi, como seu Pai, fidalgo da Casa Real, e entre muitas possessões, e domínios, de que era senhor, se conta o Morgado da Silveirinha, de que elle em 18 de Janeiro de 1635 fez cedencia em seu sobrinho João de Villalobos e Vasconcellos.

Estudou com grande aproveitamento as bellas letras, e a historia profana, em que consta fôra mui douto, e cultivou a poesia desde os seus primeiros annos, adquirindo por ella grande reputação entre os seus contemporaneos.

Casou com D. Jeronyma de Almada, Senhora mui distincta, de quem não teve successão.

Havendo-se retirado para o seu solar de Extremoz, sua patria, na provincia do Alemtéjo, ali terminou sua existencia no dia 3 de Junho de 1655.

Escreveo muitas Obras em prosa, e verso, as de que temos noticia san as seguintes :

A Paciencia Constante, discursos politicos, em estylo pastoril.

Poesias Portuguezas.

Historia Septentrional.

Todas estas Obras ficaram em manuscrito, excepto a primeira, que sahio á luz em Lisboa, no anno de 1622, na Typographia de Pedro Craesbeek, formato de 8.º, dedicada a Obra a D. Lopo de Azevedo, Almirante de Portugal, Claveiro do Mestrado de S. Bento de Aviz, Comendador, e Alcaide Mór da Villa de Juromenha.

Será difficil encontrar um Poeta mais completamente esquecido, de que Manoel Quintano de Vasconcellos, e que menos mereça este esquecimento.

A Paciencia Constante, título, que mais indica uma composição ascetica, do que uma novella pastoral, é um dos muitos Romances Buolicos, que nessa epocha inundaram a Europa, como as Arcadias de Sannazzaro, e Lope de Vega, a Primavera, e Pastor Peregrino, e Desenganado de Francisco Rodrigues Lobo, e a Diana de Jorge de Montemaior, e dos seus continuadores Gil Polo, e Alonso Peres, e a Lusitania Transformada de Fernão Alvares do Oriente.

Manoel Quintano de Vasconcellos parece ter tomado para modelo a Jorge de Montemaior, a quem imita nas discussões metaphisicas, e na pintura um pouco affectada de certos sentimentos! Parecé-me porém que na imitação ha um Drama melhor organizado, e mais movimento. A sua linguagem seria em geral mui pura, se não a houvesse salpicado ás vezes com ibérismos, que pouco se conformam com a indole do idyoma Portuguez: a sua prosa é clara, corrente, harmoniosa, e pictoresca nas descripções, como pode vêr-se da seguinte :

« Até que veio a parar em um valle, que ainda que tivesse seu centro sobre gran parte de altura de aquelles montes, sendo bella corôa do seu robusto corpo, o ficava sendo de outra maior altura de penhas da propria natureza espedaçadas: cercavam-no ellas em roda, como que sua vista defendiam das conjunctas ladeiras, cujo informe vulto, e intractavel rudeza a tanta formosura não quizera

a natureza annexar. Era a espessa multidão destes penhascos sem arte, ou porporção com tanta conveniencia encadeada, que uns sobre outros procedendo, divididos aqui, e alli fechados, vinham juntar-se no remate deste ameno valle, e misturados, e unidos fazia delles o Artifice soberano uma abobada, que toda a architectura avantajava; e não lhe faltavam pinturas, porque vestida estava de musgo, que em diferentes côres se partia.

« Subiam do escabroso alicerce deste raro edificio, á porfia amando aquellas pedras, que tambem se amavam, ora branco, ora negro, e o de miudas folhas, e a vida salvage, cheia de flôres moradas, dilatando seus ramos; e em tão duro assento descansando.

« Occupavam os logares, que estas, e outras matas não cobriam, a serpeante zigis, a silvestre endivia, o ourêgão, e inculca segurelha, matizando, como por vivos desta guarnição, o que restava, e com flôres, e aromático cheiro deleitando.

« Estava a porta do antro peregrino entre duas altas faias, e mais chegadas a ellas certas giestas, onde palhicas flôres campeavam, e alguns frageis jasmins, que ás pedras arrimados lascivamente pela parte de dentro procediam; por baixo delles guarneciam immortaes paredes matas de murta verde de brancas flôres, e de fructo negro, de salva, que com o cheiro das crivadas folhas sobre villosos tallos recreavam, e de paligonato semelhante nas folhas ao loureiro, mas adornadas de tantas flôres brancas, que os excedem.

« A uma parte desta sala, que todo o engenho humano avantajava, se recolhia um antro cujo estreito districto se divisava com a reflexão da sua claridade tão afferrada de denso, e villosos musgo, e alcatifado de gramma sagrada a Marte, coberta toda de florinhas brancas, que bem podiam por elle desprezar-se os aposentos, onde a lascivia humana fabrica mais excessos de regatos. Por secretas partes vinham, as entranhas do monte dividindo, as agnas, que causava o ar em suas concavidades suspendidas, e descendo por entre pedras, que ás do raro aposento se arrimavam, vieram a sobcavar uma, que ao centro estava, sobre a qual outra, daquella mesma procedendo, se via em fórma de pyramide trez covados levantada, e por su-

bir o que descido tinham, oh peregrina força da natureza! Estavam as entranhas desta penetrando, sabindo do cume desta sobre outra pedra, que seu antigo movimento em fórma de pia subcavara, em góttas tão espessas, e umas traz das outras procedentes, que, mais que agua, parecia cristal em infinitas partes dividido.

« Vestia-se esta pedra pyramidal de raminhos de alfacinha do rio, por entre os quaes alguns de verde avêa, cá era sua humidade vida, de donde porfiando, com a agua, que continuamente de gotinhas de candido aljofar a cobriam, as deitavam de si no mesmo instante cobrindo, por descobrir a verde côr, de perlas o pedregoso parque, donde em diaphano humor se convertiam, dali faziam seu caminho, e rodeando o valle deleitoso, detendo-se ás vezes entre seixinhos, alvos por conversar com as hervas, que antes pareciam escutar seu queixoso movimento. »

Por este longo trecho poderá o Leitor avaliar a prosa de Manoel Quintano de Vasconcellos; porém ella em minha opinião é muito inferior á sua poesia.

A architectura do Romance, ou Novella Pastoral a *Paciencia Constante* consiste em uma multiplicidade de scenas, mais junças que ligadas, em que alguns pastores em diversos logares, se encontram, conversam, discutem, moralisam, separam-se, levantam-se, tornam a encontrar-se, cantam, ou choram segundo a disposição do seu espirito, e contam ás vezes novellas quasi sempre engenhosas, e cheias de interesse.

A Obra é dividida em cinco livros, não pequenos, mas não está acabada, pois o mesmo Author a termina prometendo a continuação, dizendo: « Aqui tambem suspende seu rusticó accento a frauta minha, lé que com novo alento prosiga seus successos, dando fim aos de Lisandro, e Claridea. »

Não sei si Manoel Quintano escreveu, ou terminou esta segunda parte, ou se ficou manuscripta como as suas outras Obras; o que é certo é que nunca veio á luz; parece fado das composições deste genero: assim succedeo á Diana de Montemaior, á Galathea de Cervantes, e mais algumas, que seria escusado apontar.

Pelos cinco livros desta Novella derramou o Poeta com tanto prodiga Sonetos, Eclogas, Canções, Endeixas, Oita-

ras, Decimas, Romances, e toda a casta de Poemas usados no seu tempo, sem faltarem mesmo as sem sabor, e insofriveis Sextinas.

Estas poesias posto que aqui, e ali salpicadas de affectação, e iscadas de gongorismo, podem ser contadas entre as melhores, que nos ficaram daquelle seculo; nem tem os brilhantes falsos, e os equivocos de Frey Jeronymo Vahia, nem os pensamentos obscuros, e Sybilinos da Condeça da Ericeira, vê-se que o seu bom gosto natural réagia contra as precepções, e a mania do seculo, e da eschola a que pertencia.

A sua versificação é flujida, e harmoniosa, e a sua expressão, si nem sempre é forte, é muitas vezes graciosa. As suas rymas, que nunca sam violentas, nem esquisitas, sam quasi sempre bem collocadas. Outro merito das suas composições, muito raro naquella epocha, é a sua brevidade. Alguns dos seus Poemas, que passamos a transcrever, mostrarão o character do seu estylo, e farão sentir a injustiça do esquecimento, em que este bello engenho tem estado até hoje sepultado. Principiaremos pela seguinte.

ECLOGA.

LIRIANDRO.

Floridora, que as flôres deste prado
 Em teu nome ditosas,
 O teu sobre as Estrellas levantado
 Tem, puras, e formosas,
 Porque assim tão piedosas
 Essas lagrimas vertes,
 Si a alma de quem te vê nellas convertes?

FLORIDORA.

Não tem, Liriandro, hum triste mór tormento
 Que, estando padecendo,
 Querer saber hum livre pensamento,
 A causa, conhecendo
 De si que está morrendo,
 E que he qual falso Espelho.
 Quem, não sentindo amor, quer dar conselho:

LIRIANDRO.

Nunca livre de amor para contigo
 Esteve o coração,
 Sem quem, sугeite a Amor, teus passos sigo,
 Que minha opinião,
 Fundada na razão
 De te ser semelhante,
 Teve para mudar-se o mesmo instante.

FLORIDORA.

Agora claramente entenderemos
 A potencia amorosa,
 E as doudices passadas pagaremos;
 Mas a lança forçosa
 Dessa voz lastimosa
 Me declara, si he certo
 Que foi teu blasonar fragil, e incerto.

LIRIANDRO.

Foi-se em meu desamor o Amor gerando
 De tua liberdade,
 Foi-me não o entendendo, namorando
 Teu rigor, e crueldade,
 A tua Honestidade
 Me transformou de modo,
 Que em meus de teus affectos vive o todo.

FLORIDORA.

Liriandro, si Amor póde trocar-te
 Tomando por sугeito
 A quem fez impossivel agradar-te,
 Quiz por hum, e outro peito
 No passo mais estreito,
 Aborrecendo amando,
 Eu por Liceno, tu por mim chamando.

LIRIANDRO.

Tu só de meus sentidos luz, e esphera
 Foste desta mudança
 Precisa causa, que amor não podera
 Partando a esperança,
 Que todo o bem, que alcança,
 Si de quem te ama amante
 Que Amor de si produz o semelhante.

FLORIDORA.

Si Amor fôra eleição do entendimento,
 Bem podera culpar-me
 De tão desordenado movimento:
 Mas posso consolar-me,
 E a mim mesmo queixar-me
 De Amor, que não o tendo,
 Gozava o bem que amando estou perdendo.

LIRIANDRO.

Pois já sabes que he amar aborrecida,
 Não soffres tanta pena,
 N'alma aonde de Amor recebes vida;
 A lei, que Amor ordena,
 He a que nos condena,
 Não quem nos aborrece,
 Mas a quem por amor amor merece.

FLORIDORA.

Chamavam-te o Pastor desamorado,
 E a todas desamando,
 Perseguias, e agora namorado
 Me estás martyrisando:
 Fica-te lamentando,
 Que he cousa mui penosa
 Ouvir queixas de amor, d'outrem queixosa.

Não é menos bella a Ecloga de Ursico, e Leobello, que se lê no livro segundo a paginas 89.

URSINO.

Phylis colhendo as flôres deste prado
Descalços tinha entre ellas os pequenos
Pés, e na neve candida abrazado
A mi co'a luz de seus olhos serenos.
Crescendo em seu descuido meu cuidado,
Tudo querendo, e desejando o menos,
Por toca-los tomara por partido
Ser n'huma de taes flôres convertido.

LEOBELLO.

Penteando seus cabellos de ouro fino
Ulina, o vento entre elles namorava,
E no lér de seu rosto hum matutino
Crepusculo, enlaçando-se, formava.
Depois, soltos nos hombros, o divino
Sol dos olhos sahiu, que me abrazava
Eu deixara de ser então Leobello
Por crepusculo, Sol, e Ceo tão bello.

Estas recapitulações de objectos encontram-se a cada passo nas poesias da Eschola de Gongora, onde passavam por admiraveis bellezas de estylo: mas o que se tornava vicioso era a prodigalidade, com que se fazia uso dellas na mesma composição.

URSINO.

Qual a melodiosa Phylomena
Seu ninho amado vendo descoberto,
Os raminhos arroja, e desordena,
Formando queixas deste desconcerto,
Phylis de seu regaço donde ordena
Artificiosa com gentil concerto
Grinaldas, tudo engeita, e desgostosa
Se mostra esquiva porém mais formosa.

LEOBELLO.

Qual entre humidas nuvens o formoso
 Sol reflexando, Iris nos descobre,
 E sobrevindo Tempo pluvioso
 Sua luz, e formosura nos encobre,
 Ulina, que não menos ao sombroso
 Valle luzeiro hera puro, e nobre,
 Fugindo o valle os olhos por perdela
 Tornam tristeza, e agoa o bom de véla.

URSINO.

Divina Phylis, mais que o Lyrio branca,
 Mais vermelha que rosa não tocada,
 E feroz, e ligeira
 Qual Cerva na carreira,
 Que estás, si a Natureza te foi franca,
 C'o mesmo excesso de rigor armada,
 Vóa os meus aonde andas por te véres,
 Os olhos, em que as almas d'amor feres.

LEOBELLO.

Ulina bella, cujo lindo gesto
 Da Papoula, e Jasmim a côr excede,
 Mui mais veloz, e esquiva
 Que Gama fugitiva,
 Vé-me, porque em teus olhos manifesto
 Amor, quando te véjo, me concede,
 Pois não has de deixar de ser querida
 Que ames quem para amarte quer a vida.

URSINO.

Que ames quem para amarte quer a vida,
 He justo, e gran rigor dar-ma penosa,
 Que inda que se te dêva,
 Não he hem de ti se escreva
 Que, sendo tua seja mal perdida
 Discreta a amar obrigas, e formosa

Não diz com taes extremos a crueza,
Que amor he perfeição da Natureza.

LEOBELLO.

Que amor he perfeição da Natureza,
Na variedade della se conhece,
Seus contrarios effeitos
Amor os tem sujeitos
Por a ley do amor que ley he da Nobreza,
A machina Mundana não perece,
Ulina só não ama sendo amada,
Desta ley por meu damno reservada.

URSINO.

Leobello, a negra sombra desta altura
Por receber a noite vem cahindo,
E o Gado, com balidos, na espessura
Se vai do verde campo despedindo,

LEOBELLO.

Cesse pois da adorada formosura
O canto, que nas almas repetindo
Por estylo suave, e differente
Estará o doce Amor eternamente.

Qualquer que seja o merito destas duas Elogas, que não é pequeno, especialmente si attendermos ao tempo, em que foram escriptas, eu não duvidarei preferir-lhe a de Daristo, e Marfido, pertencente ao Livro V., paginas 204; é em oitava ryma, e apresenta de quando em quando a graça, e a louçania de Camões.

DARISTO.

Considera, Marfido, o manso Gado,
Que, passado o rigor da Noite fria,
Se descuida da Herva deste prado
Saudando alegre o desejado dia;

O ar da Madrugada delicado,
E das pintadas Aves a harmonia,
Não fujas da razão para a tristeza,
Porque quem desespera he a fraqueza.

MARFIDO.

Daristo, em meu cuidado convertido
Feito imagem da dôr, e da saudade,
Vêjo esteril o prado mais florido,
No gosto, e passatempes a crueldade;
Ausente de mim proprio meu sentido,
Sou mentira a mim mesmo da Verdade,
Que a Morte tem metida em quanto vêjo
O fero Basilisco do Desejo.

DARISTO.

Anda meu pensamento retratando
N'alma o divino rosto da Pastora
Por quem alegre vivo suspirando,
Mas esta obra excellente não melhora;
Porque inda que o amor lhe vai mostrando
A formosura de que se namora
Não pôde comprehendela, e si podera
Sempre por impossivel o tivora.

MARFIDO.

O sugeito mais alto, e peregrino
Que ôcupou nunca humano pensamento,
Foi, quando o permittia o meu destino,
Doce causa do meu contentamento;
Agora suas partes imagino
N'alma escriptas da dôr do meu tormento,
E sendo esta a razão de entristecer-me,
Em memorias quizera revolver-me.

DARISTO.

Cilicia minha, cuja honestidade
De graças, e belleza enriquecida,

O Desejo suspende, a Liberdade
 Acredita, e contenta em ser vencida;
 Usai comigo liberalidade
 Divina causa, por quem tenho vida,
 Amai, que só de amor tão bem fundado
 Precede o bem amar, e ser amado.

MARFIDO.

Gelinda, em cuja graça, e formosura
 Tudo o que deve amar-se resplandece,
 Que não tem mais que dar-nos a ventura,
 Nem menos que esperar quem vos conhece,
 Não sois culpada em ser ingrata, e dura;
 Nem amando comvoso se merece,
 E para não haver-vos conhecido
 He gloria ser de vós aborrecido.

DARISTO.

Si penteando-se está, quando amanhece,
 Cilicia, envergonhada foge a Aurora,
 E distribuindo luzes amanhece
 O Sol, que de tal vista se enabroa,
 Nos Ceos, no Campo, e rio se conhece
 Que a Natureza toda se melhora,
 Eu, que alegre seus olhos vér mereço,
 Em ter siso por donde me conheço.

Já na Ecloga antecedente o Poeta fez menção de uma Pastora, que se estava penteando; não sei porque gosto extravagante os Poetas da Eschola Castelhana se entevavam tanto em vér as suas Damas na occasião de pentear-se, que é uma das situações menos favoraveis para qualquer mulher parecer formosa. no entanto elles esgotavam o seu vasto armazem de hyperboles, e de conceitos para pintarem em seus versos esta circumstancia, ao menos para mim, desagradavel, isto não era só mania dos Portuguezes, ella dominava igualmente na Hespanha como póde vér-se dos seguintes versos de um Soneto do Conde de Villamediana.

*Al Sol Nise surcava golfos bellos
Con dorado baxel de metal cano;
Afrenta de la plata era su mano,
Y afrenta de los raios sus cabellos.*

Direi de passagem que estes versos podem tambem servir de exemplo das methaphoras ridiculas, e mal formadas, de que tanto usava a Eschola de Gongora.

MARFIDO.

Estava-se Gelinda penteando
De ser vista innocente, e descuidada,
Laços de ouro subtis Amor formando,
E fogo a mão de neve não tocada ;
Hia as luzes divinas imitando
Do raro objecto a rôxa Madrugada,
Eu tinha, occulto em tal contentamento,
Nos olhos transformado o pensamento.

DARISTO.

Já ao nosso Zenith o Sol subindo
Aqueenta a Terra, que ama, e favorece,

MARFIDO.

Vai-se o manso rebanho dividindo,
Mas inda Florismonte não parece,

DARISTO.

Vai-te, Marfido, a mata ora subindo,
Que fresca sombra já nos offerece,
Em quanto o manso Gado ajuntar quero,

MARFIDO.

Seja como quizeres ; lá te espero.

No tempo, em que este Poeta floresceo, andavam os Sonetos tão validos, que se preferiam a qualquer outro

genero de Poemas; si fosse possível colligir todos, que então se compozeram, talvez não bastassem cem volumes de folio para os conter todos, mas si fossemos a escolher sómente os bons, duvido que enchessem só um volume.

Seria pois um milagre si elle não recheasse a sua Novella Pastoral de um bom número de Sonetos. Felizmente entre os seus acham-se muitos, que podem passar pelos melhores, que sahiram á luz naquella epocha soneteira. Tal é este ao Rouxinol.

SONETO.

Com tanta suavidade estás cantando,
Mudada em Passarinho, Philomena,
Que eterna fazes tua justa pena,
Sentidos, e memoria lastimando.

Os suaves accents, que formando
Estás na Estancia por ti mais amena,
Accendem a alma, aonde Amor ordena
Que te vam meus suspiros imitando.

Mas ai! que não sam queixas, doce canto,
Fôrma Amor em teu peito, a que o lascivo
Consorte namorado te responde.

Eu c'o rouco gemido do meu pranto
Onde não morro, porque já não vivo
Chamo quem tendo-a em mim, de mim se esconde.

Tal é este á Liberdade, que, como o antecedente, pertence ao Livro I.

SONETO.

Preciosa, inestimavel Liberdade,
Chara, e divina prenda do alvedrio,
Levo, ornamento, graça, e atavio
Da alma immortal, thesouro da Vontade.

Caminho claro, fiel seguridade,
Do Entendimento paz, honesto brio,
E segurança do animo, desvio
Do medo vil, da atroz temeridade.

Perde-te o triste, que, o amor perdido,
 Seus effeitos imita, cégo tendo
 Por bem seu mal, vôando ao seu cuidado

Com azas de suspiros, não vivendo
 De alegria, oh repouso do sentido,
 Tu só na vida hes felice estado.

SONETO.

De puro ouro os cabellos a Pastora,
 Tem que amo, os olhos negros, donde ardendo
 Triumpho Amor, humilde parecendo
 D'alma minha, que nelles vêjo agora.

Branças perlas por dentro, coraes fóra
 Na grossa, e linda bocca se estam vendo,
 Quando se ri, duas covas offrecendo,
 Em que mora o Desejo, que namora.

A côr morena em seu divino gesto
 De branco, e rôxo quiz o Ceo forma-la,
 Dando graças de graça em doce ensejo,

Tem o corpo gentil, andar modesto,
 Si eu sei mal, por ser rude, retrata-la,
 Nos olhos a verás, com que te vêjo.

Este retrato deve agradar muito ás Senhoras triguei-
 ras, a quem as alvas não querem conceder partilha na
 belleza, posto que muitos homens sejam de opinião con-
 traria, e elles sabem bem porque.

SONETO.

A'quelle falso gesto, que me inspira
 Amor tão cégo em mim para meu damno,
 Chego, e á vista do rosto soberano,
 O Desejo admirado se retira.

2*

A Vontade de si propria se admira,
 Tem tanto bem os olhos por engano,
 Muda está a lingua, e vendo o Desengano,
 O coração, rompendo-se, suspira.

Não posso socegar o pensamento,
 Em mil contradicções arrebatado,
 Miseria procurada, e conhecida.

Ah impossivel do meu doudo intento,
 Suspende as azas, que he Vaidade o Fado,
 Mas taes os gostos sam d'aquesta vida.

Tambem não é para admirar que o nosso Poeta consagrasse um Soneto a D. Ignez de Castro, assumpto de predilecção para quasi todos os nossos Vates. Eis aqui este Soneto, que se encontra a paginas 137, do Livro IV.

SONETO.

A bella Nise que de Pedro amada,
 Principe pôderoso, á dura sorte
 Fugir não pôde de huma injusta morte,
 Nella para viver executada.

Fortuna, leve ao bem, ao mal pesada,
 Mostra effeitos da Inveja iniqua, e forte,
 Elle ama immortal, porque consorte
 O fez vivo da Amante sepultada.

Felice, e raro amante, que gozaste
 Amor de quem a vida em menos teve,
 Sendo-o de toda a humana formosura,

E tu, Nisé ditosa, que alcançaste
 Perdendo a vida em fim caduca, e breve,
 A corôa da Fama, que mais dura.

De todas as poesias de Manoel Quintano de Vasconcellos, é talvez esta a que se encontra mais retincta no estylo de Gongora; eis aqui um dos grandes inconve

nientes de tractar assumptos muitas vezes tractados, queremos dizer alguma cousa nova, e cahirmos no rebuscado, e extravagante.

O seguinte a uns olhos formosos, está mais descarregado dessa poeira seiscentistica.

SONETO.

Formosos olhos, cuja luz divina
De lagrimas piedosas eclypsada,
Parece o Sol, que nuvem congelada
Desfaz opposta em agua cristalina.

Si cobrem mão, e véo a peregrina
Formosura de perlas matisada,
Porque enxutos vejaes representada
A Tragedia nos meus, que Amor me ensina.

Não dar causa com vêr luzeiros puros,
Que outro objecto se forme no sentido,
Que este em que Amor co'a vida está matando.

Que si vivo de mim sêde seguros,
Que vos sigo em suspiros convertido,
E que ficaes nos meus sempre chórando.

Bem conheço que ha uma distancia immensa entre estes Sonetos, e os de Santos e Silva, Domingos Maximiano Torres, Bocage, Francisco Manoel, e Camões, que sam os reis neste genero de composição; porém, si os compararmos com os dos contemporaneos, o nosso juizo a respeito delles será muito differente. Folhee-se a *Phenix Renascida*, o *Postilhão d'Apollo*, e as Sessões de algumas Academias muito affamadas naquelle seculo, e vêja-se quantos Sonetos ali se deparam muito inferiores aos que aqui deixamos copiados. Para fazer justiça a um Author, é necessario julgar as suas Obras em relação aos tempos, e ás circumstancias, em que escreveo.

Manoel Quintano de Vasconcellos faz muitas vezes uso da antiga poesia dos Trovadores, assim o vemos nestas Coplas de pé quebrado, que só se distinguem das dos

Poetas do Cancioneiro de Resende pela melhoria da verificação, e mais apurado dos pensamentos.

COPLAS. —

Temerario pensamento,
 Muda intento,
 Contra mim não te levantes,
 Que sam annos os instantes,
 Que vens a dar-me tormentos
 Contentar
 Não queiras com porfiar,
 Que a porfia
 Tem mais de descortezia,
 Que de saber agradar.

Como não passo por ti,
 Que nasci
 Com vantagem tão notoria,
 Que o que me trazes por gloria
 Vem só a ser pena em mi?
 Em que parte
 Posso sem mi vir acharte;
 Que offendida
 Não fuja da propria vida
 Por não tornar a encontrarte.

Mas, ai! que digo? si véjo
 O desejo
 Favorecer teu partido,
 E d'elle favorecido
 Contra a minha alma pelejo,
 Considero
 Que me respondes que espero,
 Que me canço
 Fugindo do meu descanço,
 E por não querer o quero.

Já digo que tens razão,
 A opinião
 Mudo no intento, que sigo,

Quero-te ter por amigo,
 E dar-te minha afeição
 De maneira,
 Que hade estar pura, e inteira
 Em teu centro,
 Que consiste em te-la dentro
 A gloria mais verdadeira.

Pois nos temos concertado,
 Confirmado
 Fique em nós este partido,
 Que sejas o meu querido
 Para não ser declarado,
 Vóando
 Me leva de quando em quando
 Mas com tento,
 Não saiba Amor nosso intento,
 Que me perderás amando.

Tambem pertence á poesia dos Trovadores a seguinte
 Cantiga de Cilicia, que se lê a paginas 212, do Livro V.

Amo satisfeita
 Do meu pensamento,
 Mas que me aproveita
 Si a confiança he vento?

Tu amas, e queres
 A satisfação,
 He para temer
 Qualquer coração,
 Porque a conclusão
 Do mais firme intento
 He ser tudo vento.

Fôra gloria amar,
 Só por Natureza:
 Temer, e esperar
 Argue fraqueza:
 Difficil empreza
 He fiar do Vento
 O contentamento.

No mesmo caso estam estas Endechas, a paginas 298,
do mesmo Livro V.

Amante em presença,
Ausente querido,
Firme nas mudanças,
Para falso amigo.

Facil impossivel,
De Amor peregrino,
Inutil achado
Na razão perdido.

Que vens lamentando
Meus passos seguindo,
Ausente me erraste ;
Chora só contigo.

No mal, que fizeste,
Sem ser induzido,
As proprias desculpas
Servem de castigo.

Que si Amor disseres
Triumpho do alvedrio,
Em tal inconstancia
Ficas convencido.

Si elle te obrigava,
Já tu foste digno
Que te amasse tanto,
Que agora to digo.

Em obedecer-me
Do teu mal principio ,
Mais foi que ley minha
Força do Destino.

Si de mi te ausentas
Pelo que imagino,
Nisso que he não vêr-te
De mi só me privo.

Pelo fim das cousas
Se verá ao principio,
Sentir que te amassem
De amar-te hera indicio.

Si não desculpar-te
Foi guardar-me o Editto,
Que intentas agora
Tendo reincidido ?

De amor não cuidou
Meu primor altivo,
Chegando-me a te-la
O houvesse fingido.

Mas no desengano
Gran dita comsigo,
Que antes de cahir
He util o Aviso.

Por mais não amar
Que te amei colijo,
Embora vá erro,
Que tal bem me ha sido.

Todos meus secretos
No ultimo publico,
Que, inda que não morro,
Para ti não vivo.

Goza teu cuidado,
Amado inimigo,
Que porque foi meu
Que o gozes estimo.

Não passes ávante
Torna a teu caminho,
Seguir o que perdes
Será desvario.

Tambem neste Romance Pastoril se encontram ás vezes Voltas no gosto antigo, o que mostra bem que o Poeta não só estudava os Poetas do seculo precedente, porém mesmo os antigos Cancioneiros.

VOLTA.

Minina, que nas Mininas
Destes meus olhos andaes,
Dizei porque me mataes.

GLOSA.

Ornavam de varias flores
As armas, que Amor trazia,
Duas Mininas de côres,
Outra zombando de amores
Huma capella tecia ;
Elle co'a flexa dourada
Pregar-lhe quiz as boninas
Dá antes essa flechada
(Disse eu) na desamorada
Minina, que nas Mininas.

Amor os olhos virando,
Vendo-a nós meus debuxada,
Diz-me : « Tu estás zombando,
« Duas sam » e assim tirando
A frecha em mi foi cravada
Ferido disse : « ditosa
Morte, Minina me daes,
Que a alma vossos olhos goza
Vós por Minina formosa
Nestes meus olhos andaes.

Formosissima Minina,
Da formosura retrato,
Rara Estampa peregrina,
Encantadora, divina
Da Belleza luz, e ornato ;
Porque esse Sol escondeis

Traz de quem a alma levae?
 Porque arriscar-vos quereis?
 Si vós dentro em mim vereis
 Dizei porque me mataes?

O Poeta fez igualmente uso das Quintilhas, que na verdade sam uma das mais felizes combinações rimicas, que nos ficaram da nossa poesia primitiva; por isso não tem faltado Poetas modernos, que as adoptassem no Epigramma, nas Satyras, nas Epistolas familiares, nas Fabelas, taes foram Bocage, Nicoláo Tolentino, Bingre, Moniz, e Pimentel Maldonado. Vejamos como o Author da *Paciencia Constante* fazia uso das Quintilhas.

Quer Amor justificar
 C'os que presentes estaes,
 No que aqui se hade mostrar
 Que a razão de casos taes
 Sente só quem sabe amar.

Aos que não sabem de Amor
 O poder maravilhoso,
 E o julgam por fabuloso,
 Esconder-lhe he gran primor
 Todo o successo amoroso.

O Pastor, que agora entrou
 Nesta excellente morada,
 A outra Pastora amou,
 Que altiva, determinada,
 E ingrata o desterrou.

E posto em ausencia dura,
 D'onde bens passados chora,
 Amado dessa Pastora
 Ama a ausente formosura,
 E o que lhe deve ignora.

Ella que crêo ser amada,
 De huma Mulher persuadida,
 E se deu por obrigada,

Quer já que a perda da vida
 Desculpe o ser enganada.

Mas Amor, que tudo vence
 Nessa amorosa contenda,
 Quer que a Razão se defenda,
 E que novo Amor dispense
 Porque seu poder se entenda.

A Quintilha é susceptível de diferentes travações de ryma; e todas de mui bom effeito. O Poeta aqui alternou duas dellas, talvez com o fim de evitar a monotonia; não o censuro, antes o approvo, mas parece-me que teria feito melhor, seguindo o exemplo de Lope de Vega Carpio, que escrevendo em Quintilhas o seu Poema de Santo Isidro, apresenta a fio todas as variações rymicas das Quintilhas, e quando chega a ultima volta á primeira, e segue na mesma ordem.

Quasi todos os Poetas da Eschola Italiana, e Hespanhola *tiveram saudades das Cebolas do Egypto*, isto é, apesar de trabalharem por introduzir, e plântar no Pindo Portuguez uma poesia nova, sempre mais, ou menos cultivaram a antiga poesia nacional, e Luiz de Camões foi talvez o que mais se deu a ella, e, o que é mais, elevou-a a uma grande perfeição, a que ella nunca tinha chegado. Até certo ponto tenho por desculpavel esta predilecção pela poesia dos Trovadores, é na verdade uma poesia creança, que ainda balhoccia, e tropeça; mas por isso mesmo tem certa graça infantil, certa vivacidade estouvada, certa singeleza desaffectedada, de que o bom gosto pôde contentar-se: mas o que é um contrasenso é que por moda se queira nos nossos tempos fazer resuscitar essa poesia morta, e fazer della a poesia nacional.

A poesia dos nossos Copleiros, Trovistas, e Dezidores, era boa para o estado de imperfeição, em que ainda existia o idyomá, para ser nos palacios dos grandes cantada nos extrados ao som da viola, ou da harpa. Mas por isso mesmo que era uma poesia de salões, é que não pôde ser poesia nacional, isto é, poesia pela qual se julga do talento poetico de um povo, e de que a posteridade tem conhecimento. Que é feito de tantos milhares de *Sirventes*,

de *Balladas*, e *Tensoes*, de que os Trovadores de Italia, d'Alemanha, de França, e de Provença inundaram a Europa? Lá dormem em voluminosas collecções na Bibliotheca de Paris, onde de longe em longe algum Archeologo, algum Critico, e muito mais raramente algum Poeta folheia bocejando algumas paginas. Ao passo que a *Divina Comedia* de Dante anda nas mãos de naturaes, e estrangeiros, é cada vez mais admirada, reimpressa, e traduzida, porque ali se encontra um quadro da idade media, com seus crimes, seus costumes, suas discordias, suas guerras, suas opiniões, desenhado com mais exactão, e colorido com tintas mais vivas, e mais verdadeiras, que o que a Historia nos apresenta.

Embora os nossos Poetas novos, componham Chacaras, Solaos, Romances, Cançonetas, para recitarem ás suas bellas nas Assembléas, para serem cantadas nos Theatros, ou pelos Artistas nas suas Officinas: é necessario que haja uma poesia popular para as mulheres, e para as classes laboriosas, mas é necessario que haja uma poesia nacional para os Sabios, e para os Literatos: manejem algumas vezes a Theorba do Trovador, mas não se esqueçam da Comedia, da Tragedia, do Poema Didatico, e da Epopeia, desses Poemas que sam de todos os tempos, de todas as nações, e porque a posteridade se interessa. Não se me tome isto por uma censura, mas por um conselho, creio que o meu reconhecido zêlo pela literatura patria, e a minha idade avançada me dam direito para clamar a tantos mancebos, que hoje cultivam a poesia, e cujo talento ninguem estima mais do que eu: « Olhai que hides errados, mudai de caminho, segui o trilho de Camões, e de Phylinto, si quereis hourar a patria, e que as Musas vos coroem no Pindo. »

CAPITULO II.

*Outras Poesias de Manoel Quintano
de Vasconcellos.*

Parece que os Poetas, que no seculo passado, ou no anterior a elle, escreveram Romances Pastoraes, os consideravam simplesmente como um mostrador, ou taboleta, onde expunham os seus Poemas de pequena extensão aos olhos do público, e por isso se descuidaram tanto no artificio, e contextura da fabula desses Romances, em que sempre encontramos falta de unidade, e verosimilhança.

Mas qual seria o motivo, que os induziria a publicar assim os seus versos? Assentariam acaso que o contraste da prosa os faria parecer mais bellos? Ou que esta variedade facilitaria a leitura? Mas achou alguma monotona ás poesias de Pindaro, de Homero, de Horacio, e de Virgilio por não emborilhadas em trechos de prosa? Acaso a despedida de Heitor, e Andromacha, ou a morte de Dido interessariam mais se estivessem entrecaladas em um capitulo prosaico? A Ode a Hieron, ou a Ode à Fortuna perdem alguma cousa de seu valor por esse motivo? Não por certo, para que é pois esta mistura barbara de duas linguagens oppostas, a que nunca pude affazer-me. Si uma Novella Pastoril, a Arcadia, por exemplo, ou a Diana, é um Poema, deve ser toda escripta em verso; si não o é, então os Pastores, que nella figuram não devem fallar umas vezes em prosa, e outras em verso.

Já no Capitulo antecedente mostramos, que Manoel Quintano de Vasconcellos intercallou na sua *Paciencia Constante* varias qualidades de Poemas, como Eclogas, Sonetos, Voltas, Quintilhas, &c., agora demonstraremos neste, que nelle introduzio ainda outros Poemas, como

Romances, Elegias, Oitavas, Epistolas, e Canções ; o que dá a entender que o principal objecto do Author na composição desta Obra foi alliviar a sua carteira da muita versaria, de que estava pejada.

As Oitavas deste Poeta sam de ordinario bem fabricadas, e cheias de força, e sonoridade ; taes sam as que a paginas 33 no Livro I. canta o Pastor Liceno.

Enganado viveo meu pensamento,
 Ou forçado de minha desventura,
 Pertendendo abrandar com meu tormento
 A tenção mais feroz, rogada, e dura ;
 Quiz em vão conquistar hum peito isempto
 Com lagrimas, serviços, e brandura,
 Magoado agora estou meus erros vendo,
 E a memoria de magoas não defendo.

Já vendo o porto estou, onde procuro
 As vélas amainar do vão desejo,
 E a Esperança em logar firme, e seguro
 Agradavel lançar ancora vêjo ;
 A obrigação me guia, o doce, e puro
 Amor me leva, donde achar festejo
 Acolheita amorosa, e socegada
 Alma n'hum mar de pranto sepultada.

Livre de hum mal de mi já conhecido,
 Gozando o doce bem ; que não mereço,
 Tão bem ganhado, quanto mal perdido
 Onde ao vêr-me em meu siso me endoudeço ;
 Hum coração de vós enriquecido
 Bello Templo d'Amor vos offereço,
 Não com cautella, nem para outro effeito,
 Que o ser de contentar-vos satisfeito.

Taes sam estas do mesmo Livro, que fazem parte do Poemeto de Briseida, que por sua estenção não pôde expôr-se aqui.

Imaginando andava de continuo
 Na aspera solução do seu conjuro,

Pertendendo evitar o cru destino,
 Que a Nympha ameaçava acerbo, e duro :
 Quanto mais nella hum garbo almo, e divino
 Gentil resplandecia, honesto, e puro,
 Evitar quer Arterio o triste fado
 Contra tal formosura conjurado.

Depois de mil discursos determina
 Formar de seus conjuros novo encanto,
 Que envelhecido, e cêgo na officina
 De huma consciencia dura chega a tanto ;
 Cinge de ar a parte cristalina,
 Que occupa o sitio seu de escuro manto
 De nevoa, que, apesar da força humana,
 Os passos impedindo, a vista engana.

Fôra daquella densa escuridade
 Por hum padrão de Letras, que continha
 Que a ninguem confiando na Amisade
 Sua, ou do proprio esforço lhe convinha
 Na nevoa entrar, adonde com crueldade
 O castigo de tal desordem tinha,
 Porque ás Mulheres só se consentia
 A entrada, que dos Homens defendia.

E para que Briseida alegremente
 Goze da bella Estança em todo o ensejo,
 E nos olhos seu gosto represente
 Sem que a continuação lhe faça pejo :
 Em tudo o de que póde ser contente
 Imitação fez dar ao seu desejo
 Com providencia tão considerada,
 Que athe do desejar o modo agrada.

Hum vergel fabricou tão deleitoso,
 Que excedia os famosos de Alciano,
 Adonde de Amalthea o copioso
 Corno se derramava sempre ufano ;
 As purissimas fontes com queixoso,
 E gentil movimento mais que humano

De candido cristal o vão bordando
As da antiga Trinacria desprezando.

O Poeta nesta Strophe, pela imperiosa necessidade da ryma, crismou o antigo Rei dos Pheaces tão famoso na Odyssea de Homero, mudando-lhe o seu verdadeiro nome de Alcinoo, no de Alciano: mas que admira isso? O grande Tasso pela mesma razão não crismou *Goffredo* em *Goffrido*? E ba tanto apaixonado da ryma, que obriga até os grandes Poetas a cahirem nestas ridiculas extravagancias!

A verde Primavera, o sasonado
Verão o sitio ameno enriquecido
Tem, que no mesmo tempo está colmado
O Arvoredo de Fructas, e florido;
Deleita-se nos olhos o cuidado,
Suspendem varios cheiros o sentido,
E das Aves a Musica divina
Outro modo de ouvir mais alto ensina.

Junto ao Vergel divino hum bosque estava,
Que excede de Diana a Dodonea
Selva, donde huma gruta repousava
De cristalino humor banhada, e chea,
Daqui por entre flores dilatava
The onde existe hum Lago a branda vea
Assi candido, bello, ameno, e puro,
Que hera ante elle o de Salmacis escuro,

Aqui o simples Coelho, a fugaz Lebre
Em paz se alegram sem temer engano,
Livres que a ligeireza se celebra
Do Galgo, e do Podengo por seu damno;
Pois o Corço seguro de que quebre
Do seu correr o curso o deshumano
Caçador, vai tão manso, e soçegado,
Que só do seu descuido tem cuidado.

.....
Ante elles apparece de improviso
Cholerico Leonido, e desmudado,
E, antes que Briseida esté de aviso,

Na mão lhe pôz o cincto dourado;
 Já conhece Alexandrê, e perde o siso,
 E Leonido, que vive em seu cuidado,
 Triste o Conde no engano não repara;
 Leonido, assim fallando, se declara.

« Este he o teu Leonido verdadeiro,
 » E aquelle o falso Conde, que te engana,
 » De quem gozada hes, tendo eu primeiro
 » A fé, que dessa sorte se profana,
 » E porque o sentimento derradeiro
 » He o que tenho da desgraça humana,
 » Co'a minha a vida deste falso acabe,
 » Porque nesta traição tal bem não cabe.»

Assim dizendo, fero, e animoso
 C'hum cutello de morte o Conde inviste,
 Que indignado no extremo, e corajoso,
 Procurando acaba-la, lhe resiste;
 Briseida, vendo o caso lastimoso,
 Vê que o remedio d'elle só consiste
 Na morte, que com pranto, e rogos chama,
 Vendo-a contra outra vida, que mais ama.

Vai seu fim lamentavel descobrindo
 O sangue, que procede das feridas,
 Dos dous amantes, que se estam ferindo.
 Com gloria de se vêr perder as vidas:
 A Nympha, tristes queixas repetindo,
 Tantas lagrimas da alma têm vertidas,
 Que desmaiada á dôr mortal se entrega,
 Mas Artenio a sustenta, que então chega.

Aviso de seu damno teve o Velho,
 E sem elle cuida-lo inda presume,
 Mas do sangue o logar vendo vermelho,
 Em que dos dous a vida se resume,
 E que a Sobrinha por seu mau conselho
 A sua em tristes lagrimas consome,
 Bem que em seus erros fero, e obstinado,
 A morte espera já desesperado.

O mal ditoso Condo, o sem ventura
 Leonido as charas vidas vam perdendo,
 Briseida, á mal lograda formosura
 E a Artenio a presumpção taes cousas vendo;
 Quando lá na immortal, suprema altura
 Os Deoses deste caso conhecendo,
 Artenio nesta pedra converteram,
 Em que aos Sabios do Mundo exemplo deram.

A Nympha, quasi em lagrimas desfeita,
 Foi nesta clara fonte convertida,
 E no Ulmeiro que della se aproveita,
 O Conde, de quem foi sempre querida;
 Leonido de agua amada o curso accéita,
 E com sombra saudavel nos convida,
 O gentil corpo á fôrma reduzido
 Do verde Freixo, adonde inda hê querido.

Estas Estanças de Oitava ryma, e outras, que se encontram na *Paciência Constante*, darão a vêr què si Manoel Quintano de Vasconcellos emprehendesse a composição de um Poemá Epicó, sabiria mais airosamente desta difficil empreza, do que multos outros, que entre nós gozam de bastante estima; pelo menos não lhe faltaria nem talento narrativo, nem estylo sustentado, e vigoroso, nem boa versificação.

O Romance, que passo a transcrever, e que o Poeta faz cantar por Claridea, ao som da harpa na Torre, em que seu Tio a tem encerrada, fará conhecer ao Leitor, qual era o grande talento, que o Author possuia para este pequeno Poema, tanto em voga no seu tempo.

Todas as vezes, que canto
 Por alliviar minha pena,
 Segue o pensamento a voz
 The chegar á causa della.

Lá entre mil alegrias,
 Que a memoria representa,
 Tão triste me considero,
 Que me converto em tristeza.

Ser allivio de hum mal grande,
 Qualquer gosto ninguem crêa,
 Que augmente ao contrario as forças
 Hum a debil resistencia.

Rouba o tempo ao mesmo tempo
 A Musica, o animo alegre,
 E he tão querida de amor,
 Que amando o mais rudo adestra.

Tema do seu doce effeito
 Prodigiosas experiencias,
 Nas Aves, de que he seguida,
 Nos animaes, que deleita.

Eu só me afflijo cantando,
 E todo o bem me atormenta,
 Que perder vida, e memoria
 Sam os remedios da ausencia.

Tem por mór mal o da Morte
 Nossa fragil Natureza,
 Mas maior mal ha na vida,
 Si ha memorias, o soffre-la.

Aqui só nesta prisão,
 E em meu cuidado mais presa,
 Estam tão longe de mim,
 Que nada sei de mim mesma.

Lgrimas me tem comsigo
 Quando a suspirar me leva,
 De quem fui tenho saudade,
 E de ser quem sou me pesa.

Viver co'a dôr, que padeço,
 Deve ser ventura alhéa,
 Inda que dam desventuras
 Forças a nossa fraqueza.

Mas quem desespera ausente
Do bem, que amando deseja,
Já não tem dôr que sentir,
E embalde outra morte espera.

Conto este por um dos melhores Romances Portuguezes, breve, affectuoso, escripto em estylo simples, sem equívocos, trocadilhos, ou idéas rebuscadas, e extravagantes, si não iguala, aproxima-se muito à pureza do estylo, e gosto dos Poetas da Arcadia, parece que a leitura dos livros Francezes hia principiando a curar os nossos Vates da mania do estylo culto, que tanto os havia desvairado ao tempo dos Filippes, e nos reinados, que immediatamente se lhe seguiram.

A Elegia tambem reina na *Paciencia Constante*, eis aqui um exemplo.

ELEGIA.

Escura noite, que do negro manto
Vens sonhos aos Mortaes distribuindo,
Acompanhada do silencio sancto,

Tu, que cegos erros encobrando,
Propicia a Amor, a Roubo, e Vingança,
Estás tambem cuidados reprimindo.

Agora que co'a luz, que Diana alcança,
Os campos se descobrem, que enriquece,
Seu humor, de vivas perlas semilhança.

E o nocturno velo, que escurece
Os Elementos, e teu rosto encobre,
Matisado de Estrellas resplandece.

De mim, Pastor hum tempo alegre, e pobre,
Já, a triste voz escuta em noite eterna,
Sem luz daquelles olhos pura, e nobre.

Acompanha esta voz que a dôr interna
Lança fóra, Aves tristes, vosso canto,
Firam do Echo os acentos a caverna.

E tu, doce inimiga, que entre tanto
Que a alma do mortal corpo se despede
Porque o não seja a causa do meu pranto.

Descuidado que a Morte me procede
De teu rigor, repousas ignorando
Que a Ingratidão todo o castigo excede.

Si espantoso clamor, que dilatando
Se vai na altura do Rochedo informe,
Os Animaes que escutam lastimando,

E si hum tão bem soffrido quanto enorme
Aggravo, que já a vida lhe concedo,
Merece a teu rigor, que se reforme.

Sentado me imagina n'hum penedo,
Que rociado da geada fria
Mostra chorar comigo mudo, e quedo.

Si o mal que vem depois de hũa alegria
He desigual, Pastora considera,
Na que teu tracto honesto concedia.

A rigorosa morte, que me espera,
Si, como queres, me desterra o Fado,
Sem culpa contra ti, do claro Tera.

Em que, Gelindá bella, meu cuidado
Póde offender-te, si elle, e a alma triste
Sam de tuas acções vivo traslado?

Si a rara perfeição, que em ti assiste,
Notas, da Natureza triumphando,
Como hum Monstro de crueza em ti não viste?

Eis que me aparto já, si antes notando
Algum logar, o que passei contigo
Não me consumo aqui considerando.

Eis que as ultimas queixas já prosigo,
Que me ouvirás, ingrata, e desdenhosa,
Que apoz tão alto bem eternas digo.

Eis-me rendido aqui donde a furiosa
Dôr, n'alma triste teu furor imprime,
Sentença injusta, fera, e lacrimosa.

Ai! digna de que o Ceo cruel te estime,
Pois genero de pena imaginaste,
Que o gosto de soffre-la me reprime.

Onde possas ser vista não ha contraste
De Fortuna, que bem tão alto impida,
Deste com desterrar-me me privaste.

Si tão pouco tempo ha, perdera a vida,
Alma sem fim piedosa te gozara,
Como te hade soffrer endurecida?

Oh do Tera corrente limpa, e clara,
Do teu murmuro o sentimento, brando
Me nega injustamente a Sorte avara.

Já por ouvir-me não te hírás parando,
Quando o Vento énfreado concertava
Meu canto, teus queixumes imitando.

Verde, e florido prado, onde buscava
Fresca sombra o meu Gado, resplandece
Já dos olhos sem mim d'onde te olhava.

E em quanto a luz, que aspiram te enriquece
De suas vãs promessas, a esperança
Secca em sua memoria, reverdece.

Quiçá seja de effeito esta lembrança,
Que sinta deste amor a injusta paga,
Que ausente não pertendo outra bonança.

Oh Animaes, que Amor inflamma, e apaga,
E este ardor a piedosa Natureza
Nas Feras, não amantes, vos apaga

Livres gozai dos Campos a largueza,
Não heide perseguir-vos, e a Gelina
Esperando obrigar-vos a terneza.

Todos vivem sem mim, porque si ainda
Vivo, só para males tenho vida,
Mas não para durar the doce vinda.

He para não vos vér esta partida,
E em dôr, que tanto sinto, Amor ordena
Que athe da propria vida me despida,
Que mal o póde ser em tanta pena.

Esta Elegia é um canto de desterro do Pastor Marfido, a quem o preceito da Pastora Gelinda obriga a partir das margens do Tera. Será ella inferior ás de Bernardes, ou de Frey Agostinho da Cruz? Parece-me que não. E sem alguns Iberismos, e alguns pequenos desleixos de phrase, e metro, raro, é verdade, senão por ventura a melhor Elegia, que naquelle tempo se ascreveo.

No estylo epistolar me não parece o Poeta menos habil, que no elegiaco, e para prova transcreverei a Carta do Pastor Marfido á Pastora Ismenia, que sendo em Decimas servirá tambem para dar a conhecer como elle ma-

nejava esta combinação rythmica, que havia sido de fresco introduzida no idyoma Lusitano.

EPISTOLA.

Pastora, em cuja belleza,
Si do Ceo tens o modelo,
Formando corpo tão bello
Si excedeu a Natureza;
Si co'as armas da crueza
Impenetrante, e segura
Possuis tanta formosura
Livre, porém enganada,
Si presumis que confiada
Tereis por vós a ventura.

E si eu, que chegando a vér
A preço da Liberdade
O que em vossa honestidade
Não se póde comprehender;
Vivendo em vosso querer
E morrendo em meu desejo,
Quando só ser vosso elejo
Ingrata a meu pensamento
Quereis que sejam tormento
As perfeições, que em vós véjo.

Si sois cruel, e formosa,
Si amo, e sou desamado,
Livrai-vos do meu cuidado
Sendo em matar-me piedosa;
Porque si he Ley generosa
Fugir de amar quem vos ama,
Tambem buscareis a fama
De ser fezoz, e homecida,
Já que mataes sendo vida
De quem vosso amor inflamma.

Mas si o que tendes de humana,
Inda que o sé-lo excedéis,

De que nunca ser podeis
Divina vos desengana,
Atropellando a profana
Presumpção dessa Belleza,
Vereis ley da Natureza,
Condenar tudo a mudança,
The que custa huma lembrança
Muitas de magoa, e tristeza.

Agora, que docemente
As Flores da Mocidade,
Lisenja da Honestidade
Sam, que vêr-vos não consente;
Tendo o futuro presente
O fim do humano cuidado,
Gozai quando he procurado,
Não desprezeis meu desejo,
Cifra de quanto em vós vêjo,
E mais que o Sol dilatado.

E si para merecer-vos
Me falta merecimento,
Excede meu pensamento
Impossiveis de querer-vos,
A summa gloria de vêr-vos
Não foi acaso; já estava
Do Ceo, e ali me esperava
Amor feito Honestidade,
Que, Lyrio em minha vontade
Com virtudes namorava.

Vi-vos para não vêr mais,
Amei para sempre amar-vos,
Effeitos de contemplar-vos,
E da vida que me dais
Sabeis, si considerais
Serdes em tudo extremada,
Que he justo serdes amada,
E de mim quer ella ser,
Que vivo de vos querer,
E quero esperando nada.

Um amante, que *quer esperando nada*, deve ser bem pouco importuno para o objecto da sua paixão; mas este platonismo amoroso, esta ternura methaphysica andava muito em moda no tempo do Poeta.

Mas de todas as poesias de que Manoel Quintano de Vasconcellos recheou a sua Pastoral, as mais numerosas, e quanto a mim as melhores sam as Canções; nellas parece que o Poeta se desvia um tanto da Eschola Castellhana, para aproximar-se mais da Italiana, parecendo muitas vezes possuido da veleidade de imitar a Sannazaro no córte das Estrophes, na collocação das rymas, e mesmo na maneira de colorir. Neste genero o seu estylo é verdadeiramente lyrico, e florido com demasia, pelo menos na generalidade da composição, abunda de pinceladas agradaveis, e ás vezes fortes, e energicas, e de pensamentos originaes; sam estas composições as que mais fazem lastimar que não viesse á luz, o seu volume de Poesias Portuguezas, que não podiam deixar de muito honrar o seu nome, e a nossa literatura. Vejâmos agora algumas das que elle derramou pela sua *Paciencia Constante*.

CANÇÃO.

Feminil formosura,
 Sugeito alto, e profundo,
 Que a quem te fez levanta o pensamento:
 Ornato, e compostura
 Do Mundo, e de outro Mundo
 Pequeno, luz, amor, contentamento,
 Acordo musical, raro instrumento,
 Que de palavras tem córdas divinas,
 E cançam dilatadas
 Em graças, e virtudes afeitadas
 Nas almas consonancias peregrinas,
 Cadêa de vontade,
 Senhora do alvedrio, e liberdade.

Tu sempre triumphante
 Da feroz valentia,
 Que mais glorias, e triumphos alcançara,
 Hercules sugeitaste

C'o fuso, que regia
 Em logar da hacha, que vencendo, usava :
 Do Imperio do Mundo, a que aspirava,
 Privaste Antonio, que o teu só procura,
 A'quelle em forças raro
 Atando, fazes claro
 Ser contigo a maior menos segura,
 E o gran saber vencendo
 Mostras não ha saber, e estar-te vendo.

Invicta, e poderosa,
 A terra te obedece,
 E os, que habitam no Ceo, descem a ella ;
 Que a cousa mais formosa
 He, si honesta apparece,
 A tenra, formosissima Donzella :
 Jupiter muda a fórma sancta, e bella,
 Convertido primeiro em teu cuidado,
 Orpheo o fogo eterno
 Não teme, porque Inferno
 Lhe parece não vér o rosto amado ;
 A Senhora a ti propria,
 Por contigo obrigar entra na copia.

Fazes formoso, e nobre
 O feminil sujeito,
 Donde se preza só ser necessario,
 Tu douras este cobre,
 E animas este peito,
 E hes precioso thesouro deste Erario,
 Pois si hes da Natureza relicario,
 E possues do Mundo o coração,
 Que pertendes de quem
 Por ti já pada tem ?
 Quéz de quebrar a fé ser occasião,
 Que para se mudar
 Só em mudanças tuas tem logar.
 Formosura divina
 Do humano entendimento,
 Laberyato patente, e Crocodilo,

Naquella peregrina
 Do meu destino intento
 Firmar (morra eu por ella) o doce estylo,
 E antes os olhos, que do humor, que estillo
 Fontes perennes faz, a alma desfeita
 Cégos, não vêjam mais
 Que vêr em mi signaes
 Do que outra vista Amor nelles receita,
 Meu gosto só procura
 No mal, que de perde-la me assegura.

E tu, divina Ismena,
 Donde o Ceo tem cifrado
 Os thesouros d'Amor, da Natureza,
 Foge da minha pena,
 Não ponhas teu cuidado
 A donde pôz o Ceo dôr, e tristeza.
 Não se empregue tão mal tanta belleza,
 O mal de não ter dita he contagioso,
 E a mór desaventura
 De quem não tem ventura
 He chegar a occasião de ser ditoso.
 Goza teu bem comigo,
 Que o mal, que lhe succede, anda comigo.

Triste Canção formosa,
 Do meu vão pensamento
 Debuxo, que voz sendo lastimosa
 Delle, como elle d'alma, vai ao Vento,
 Leva a cuja he a belleza
 Torna á alma donde a arrancas, a tristeza.

Reina nesta Canção certa mistura de Pindaro, e de Gongora, que mostra que o Poeta levado por seu bom gosto natural para a boa imitação dos antigos, era frequentes vezes subjugado pelo espirito do seu seculo, nascendo daqui o não dar completamente nos desvarios de pensamentos, e nos absurdos de estylo dos Gongoristas, nem chegar á correcção, e juizo dos Gregos, e dos Romanos, que não deixavam de exercer nelle grande influencia. É um doente em convalescença, que ainda se resen-

te dos soffrimentos da enfermidade, porque passou, não tendo ainda a força, que vai restituir-lhe a perfeita saúde.

A seguinte Canção pela rapidez, e colorido de estylo, e a pequenez das Estrophes dá mais ares de uma Ode, que de uma Canção.

CANÇÃO.

Triumphai, Pastoras bellas,
 Gozai do vencimento
 De qualquer invejoso pensamento;
 E sobem the ás Estrellas
 De vós tantos louvores,
 Que os excedem no Ceo, no campo as flôres.

Esta-vos convidando
 Alegre o fresco prado
 De cheirosas Botinas matisado;
 Que as vades enlaçando
 Entre os ruivos cabellos
 Por tornar a vencer quem possa vê-los.

As namoradas Aves
 No canto differentes,
 Em louvar-vos conformes, e contentes,
 Nas cantigas suaves
 Vosso nome cifrando,
 Se vam pelo ar diaphano espalhando.

The esta Fonte pura,
 Cristalina aposento
 Das Nymphas escondidas no seu centro,
 Na pintada verdura
 Perolas esparsindo,
 De quem quiz offender-vos se vai rindo.

Celebrai a victoria,
 Pois tudo, oh raro effeito,
 Virtualmente a vós tendes sujeito:
 E viva na memoria
 Ser a Mulher virtuosa
 Do Universo a cousa mais formosa.

Para achar naquella epocha uma poesia, que possa competir com esta em belleza, e louçania de estylo, e tom verdadeiramente lyrico, é necessario recorrer ás Lyras do Licenciado Manoel da Veiga Tagarro, o melhor Lyrico daquelles tempos.

Si a Canção antecedente se chega muito ao estylo da Ode, a que se segue está perfeitamente pela fórma externa, e interna no caracter da Canção, especialmente como os Hespanhoes a entenderam.

CANÇÃO.

Algoz da Liberdade,
 Inimigo commum da vida humana,
 Minino, á vista Monstro imaginado,
 Crocodilo, que engana
 Armado de furor contra a Piedade,
 Com azas para o mal, destró, e armado,
 Cégo no bem, perdido, e descuidado,
 Da honestidade injuria conhecida,
 Encoberta Serpente em prado ameno,
 A ti, doce veneno,
 De aparente prazer, e pena unida,
 Cujos brandos effectos,
 Produzem de ordinario o fim da vida,
 A ti á vista dos que tens sujeitos,
 Publico por traidor, e falso amigo,
 Ditoso quem viver na Ley, que sigo.

Accendes o desejo,
 E suspendes c'ò nome o pensamento,
 Amor, Odio, e Furor do cégo Amante,
 Que, por seguir o intento
 De quem ama, a si proprio fugir vêjo,
 Morre, vive, arde, treme a cada instante,
 Do seu temor a setta penetrante
 Sentindo n'alma, para o mais não sua,
 Oh caso que provoca a dôr, e espanto,
 Diabolico encanto,
 Que não se goze a gloria, e se possui!
 Aqui vér-me parece.

Atado Promotheo na pedra nua,
 Que por-hum-bem, que apenas apparece,
 Si ata o amante á Mulher sagaz, e impia,
 Mais esteril, e inutil penedia.

Esta Estrophe é excellentè pelas idéas, pela expressão, e pelos versos; e fazer do marido ligado á mulher, o symbolo de Prometheo pregado a um rochedo do Cau-caso é um rasgo da mais energica, e brilhante poesia.

Diz que he mal necessario
 Amor, quem seus extremos só condena,
 Mór mal se isto assim fôr que a mesma morte,
 Mas eu lhe chamo pena
 De Occiosos, e Senhor desnecessario,
 E da Occiosidade vil Consorte :
 A quantos se trocou a feliz sorte
 Perdendo o nome de Héroes valerosos
 Por esta occasião d'alma occiosa !

Quantos a preciosa
 Joya da Liberdade, cobiçosos
 De hum deleite perderam,
 De si proprios ficando vergonhosos ;
 Mostrando que os triumphos, que tiveram,
 Acaso, e não por força, se alcançaram,
 Pois a Paixão tão baixa se inclinaram.

O Poeta chamando ao Amor *Consorte da Occiosidade*, e *pena de Occiosos*, pensava a este respeito como Ovi-dio, grande mestre destas materias, que exprimio a mes-ma idéa nos seguintes versos.

Queritur Egisthus quare sit factus Adulter?
In promptu causa est; desidiosus erut.

Recantar as ruinas
 Causadas por Amor em todo o Mundo,
 He cousa inutil, pois he tão sabida,
 O secreto profundo,
 As cousas escondidas, peregrinas,
 Com que, tyrannizando a humana vida,

Estima quem o serve o ser perdida,
 Isto não sei, nem quero o desengano,
 Com fugir de senti-lo me contento,
 Vendo em meu pensamento
 Aquelle caso horrendo, e deshumano,
 De Faustina doente,
 Que para remediar seu mal insano
 Foi de quem ama o sangue conveniente,
 Digo que, quando Amor mostra piedade,
 He violento Monstro de crueldade.

Escute pois meu canto,
 Inda que rouco, certo, e concertado,
 Vêja a clara razão, que approvo, e sigo,
 Não quem fôr namorado,
 Cujos sentidos delle distam tanto,
 Que a si proprio não pôde ter consigo,
 Mas alma livre, sim, deste inimigo
 Commum, graciosissima, e ditosa,
 Que armada de Virtude honesta, e pura,
 Atropella segura
 Essa turba terrestre, monstruosa:
 Venus em vosso intento
 Só digna de ser tida por formosa,
 Quer dizer privação do Entendimento,
 Fugir tão falso Amor he ser sisudo,
 E a quem não sabe sê-lo falta tudo.

Canção, suspende a voz, porque a Verdade,
 Que defendes, o Mundo, reconhece,
 Que a luz mais entre as treyas resplandece.

Não duvido de que algumas pessoas chamem a esta
 invectiva contra o Amor um logar commum; não toma-
 rei a canceira de contesta-lo, porém esses mesmos Criti-
 cos não poderão negar que a execução é brilhante, e
 que os exemplos historicos, e mythologicos estam aqui
 habilmente fundidos na poesia, e bem applicados, e não
 acarretados com pesadez, e alardeados com pedantaria;
 predicado este um pouco difficil de encontrar nos Poetas,
 e Oradores daquelle tempo; e que um Poeta que possuia

esta força, e esta abundancia, merecia ser mais conhecido do que é hoje Manoel Quintano de Vasconcellos.

Eis aqui uma Canção phylosophica, que se faz notavel pela sua brevidade, força de pensamentos, e vigor de expressão.

CANÇÃO.

Escondido lôgar, que a Natureza
 Fez de si propria exemplo milagroso,
 Duro, intractavel, sim, mas delectoso,
 Informe, mas assumpto de belleza,
 Felice aquelle, que por ti despreza
 As riquezas, que o Mundo lhe presenta,
 E humilde se contenta
 Da tua solidão, louvada vida
 De muitos, mas de poucos escolhida.

Não entra no confuso Labyrintho
 Da Córte, donde habita, e se desama
 O fero Monstro, que Ambição se chama,
 Cujos damnos fingidos não consinto;
 Daqui com claros olhos vê distincto
 O engano de cautellas adornado,
 E o temor, e cuidado,
 Com que está fabricando o pensamento
 Esperança no ar do fingimento,

Q gran mar da vaidade considera,
 Seus perigos no Porto reconhece,
 E a ley tão sublimada do interesse,
 Livre, e contente assi que nada espera:
 Ah! si propicio o Ceo me concedera
 Logar ameno em ti, que o claro gesto,
 Que puro, e manifesto
 Vive n'alma comigo juntamente,
 Da tua habitação sôra contente,

E aqui de tua falda as frescas rosas
 Colhendo, em seus cabellos permittisse
 As compozêsse donde alegre as visse,
 De si proprias vencidas, e invejosas,

Mas lembranças inuteis, amorosas,
 Adonde me levais o vão desejo?
 Si em tudo quanto vêjo
 A doce causa de me vêr ausente
 Só o da dura morte me consente?

No livro V. a paginas 237 lê-se outra Canção em que o Author narra mui poeticamente a morte de Leandro, affogado no Hellesponto na occasião, em que o atravessava a nado, para hir ter com Hero, que o esperava na torre, onde estava encerrada na praia contraria. Tem-se questionado muito, não como era de razão sobre a veracidade do facto, que tem todo o cunho de uma mentira grega, mas sobre a possibilidade de se poder passar a nado aquelle braço de mar: Lord Biron, o maior Poeta da moderna Inglaterra, e o genio mais extravagante do nosso seculo, quiz tentar a empreza, e com effeito, sem ser animado pela esperança de hir gozar de uma linda moça, que é um incentivo o mais poderoso para obrigar qualquer mancebo a tentar o impossivel, conseguiu leva-la ao cabo, passando de Sesto a Abido, e de Abido a Sesto, sem mais desconto, que uma grande constipação.

CANÇÃO.

Soltava a noite escura
 De seu lobrego manto
 As pontas, e suas azas estendia,
 Com horrida figura
 O medo vil, e em tanto
 Pela praia o silencio se estendia;
 Mas Leandro, que ardia
 Em desejo amoroso,
 Vendo a luz, que esperava,
 Nas agoas se arrojava,
 Ai! mal affortunado, e animoso!
 A Sesto o encaminha
 O Sol, que n'alma tinha.

Do raro atrevimento
 Enfadado Neptuno

C'o gran tridente o cresco mar ferindo,
 Bramando n'hum momento
 A si proprio importuno
 Se está n'hum ponto, enchendo e dividindo
 O Moço reprimindo
 Tanto furor apenas,
 Do que perde impaciente,
 De perder-se contente
 Taes cousas como cégo Amor ordena,
 Se queixa lastimado
 Só da Noite escutado.

„ Oh divina Deidade,
 „ Oh Deosa da Belleza
 „ Filha do Mar, de Amor Mãdré querida,
 „ Serena com piedade
 „ A desigual crueza
 „ Das agoas, que não he bem que humá alma unida,
 „ E ao ardor reduzida
 „ De Amor, pereça nellas;
 „ O Vento iniquo, e duro
 „ Enfrêa, hirei seguro
 „ Do teu rosto mostrando as luzes bellas,
 „ Mas si Hero o doce porto
 „ Fôr, chegue vivo, ou morto.

„ E si está decretado
 „ No excelso throno ethereó
 „ Meu mal adonde todo o bem buscava,
 „ Morra o corpo pesado
 „ E o pensamento aereo
 „ Viva adonde sem elle descansava,
 „ Desejo me levava
 „ Cançado em teus effeitos
 „ Ai! vêja-me entre os braços
 „ De Hero, e em pedaços
 „ Sejam meus membros á ternada feitos,
 „ Que em vão se lamentara
 „ Quem delles se apartara.

4

Qualquer Monstro Marinho,
 E o rochedo imminente
 Sentio a voz, que ouvira o firmamento,
 Mas rompeste o caminho
 Tu, Boreas inclemente,
 Convertendo em ti proprio o brando accento;
 Reduziram-se em vento
 As queixas lastimosas,
 Que Hero soffre offendida,
 E dellas extinguida
 A luz, foram Phantasmas espantosas,
 Com que o Moço atrevido
 Ficou cégo, e vencido.

O alento lhe faltava,
 As forças consumidas,
 E ao desejo inutil a Esperança
 Defunta, em vão chorava,
 Ai lagrimas perdidas!
 Dar agoa ao mar, e Amor tal fructo alcança.
 A que em sua lembrança
 Foi sempre charo porto,
 "Praia, (disse) já chego,
 " E ser gran bem não nego'
 " Que pois não posso vivo seja morto,
 " Doce he meu fado esquivo
 " Pois morro aonde vivo."

Mas lastimas dissera
 Si o surdo, e indignado,
 Mar, palavras, e corpo sepultando,
 A voz não detivera,
 Em tanto o Sol dourado
 De luz, todo aquelle Isthmo matisando,
 Permittio, que chegando
 A cuidadosa Hero
 Visse o seu suave fogo,
 Das agoas triste jogo
 E dizendo, si o disse, "já não quero
 " Viver" pelo ar caminha
 Donde seu centro tinha.

Vio o corpo defunto,
 Que animava vivendo,
 Si he alma de quem ama a cousa amada,
 Occupou todo junto
 Deste caso estupendo
 O espanto a alma da Dama delicada,
 Da alta Torre arrojada
 Unir estes extremos
 Quiz, mas não o consente,
 Em fim morreo contente
 Assim Lice cantava ao som dos remos
 E as Nymphas, que escutavam,
 De magoa, e dôr choravam.

Poucas legendas Gregas terão accendido tanto o estro dos Poetas antigos, e modernos como a de Leandro, e Hero: Museo, Ovidio, Buscan, Manoel Tavares Cavalleiro, Manoel Quintano de Vasconcellos, Nobrega, Bocage, e outros cantaram a desgraça destes amantes cada um por seu modo, e segundo o alcance dos seus talentos; e debaixo de todas as fórmas, de que tem apparecido revestida, tem sempre agradado, e interessado aos Leitores.

A que se segue dirigida a uma fonte não é nada inferior ás outras.

CANÇÃO.

Oh Fonte cristalina,
 Oh logar deleitoso,
 Capazes de mais gloria, que agoa, e flôres,
 Que a belleza divina
 Em estylo amoroso
 Celebraveis, e o bem de meus amores,
 Já em voz se parece
 Que he triste quem alegre ser merece.

Com vossa sombra amena
 Com licor frio, e puro,
 Que eterna faz a condida corrente,
 Quando Napecia ordena
 Logar ao Sol seguro,
 A convidaveis lêda, e docemente

Já que este bem perdeis,
Logar de dôr, e lagrimas sereis.

Procurou a Ventura
Dar-ma tão sem medida,
Que antes de o ser cuidou que ao fim chegava;
Si não foi desventura,
Bem mostra a fragil vida
Que mais, sendo felice, se arriscava,
Pois do gosto esperado
Só magoas permanecem ao cuidado.

Quem reccar podera
Depois de vêr saudosa
Quem a noite da ausencia em luz tornava,
Tal que a Aurora podera
Assi a sombra espantosa
Tirar porque mais bella me alegrava,
Dôr em tanta alegria
Oh a quem poder não lê-la lemhraria!

De ordinaria mudança
Não soube reccar-me,
Nem que só bens conversa, falsa amiga,
A mordaz Esperança
Tambem pôde enganar-me,
Que ninguem enganado crê que a siga
E do, que se ama muito,
O que he só verde agraz, he doce fruto.

Bem vêjo, sitio ameno,
Que, como já prazer,
Só tristeza te estou communicando;
Si a causa porque peno
Quiçá para me vêr
Com linguas d'agoa, e Vento irás buscando,
Que ali movas te peço
As que em choro, e suspiros te offreço.

Porque, para mostrar-se
O justo sentimento,

Me vai faltando a miseravel vida,
 Devendo eternisar-se
 Sendo eterno tormento
 Seja immortal materia constituida,
 De mais que o fado ordena
 Que aonde o gosto passa dure a pena.

Terminarei com a Canção a Floridora, que se lê a paginas 28 no Livro I., e que se faz notavel por sua brevidade, e concisão.

CANÇÃO.

Divina Floridora,
 Humana Fera, adonde vás fugindo?
 Onde deixas, Pastora,
 O corpo d'alma, que te vai seguindo?
 Porque do mal, que causas, te vás rindo?
 Quem segues? a quem deixas?
 Convertido em furor, tristezas, queixas.

Porque, querida ingrata,
 Te mostras, despresando a formosura,
 Em que o Ceo se retrata,
 Gloria do Mundo, assombro da Ventura,
 O com que a amor obrigas te faz dura,
 Tractando-te amorosa
 Quem te ama por cruel, não por formosa.

Não sei como te diga
 Sempre te offendo no que me parece,
 Que acompanhas amiga
 Quem os bens, que possues, aborrece,
 Nem donde teu louvor menos merece,
 Si aborrecendo amada,
 Ou conversando quem de amor se enfada.

Não me ames por amar-te,
 Pois he desmerecer amar contigo,
 Mostra-me contentar-te
 De mim pelo que sou meu inimigo,
 Com todos os tormentos me persigo

Vêr-me si te aborreço
 Pelo mal que me fazes te mereço.

As Feras affugentas
 C'o dardo usando de rigor, e manha,
 A esse fero contentas
 Fero na condição fugaz, e estranha,
 Elle, de amor fugindo, te acompanha,
 Eu fico despresado
 Das memorias de vêr-te acompanhado.

Elle alegre possua
 O bem da tua doce companhia ;
 Não quero a dita sua
 Si do alto bem d'amar-te me desvia :
 Goze de vêr-te em quanto dura o Dia,
 Que eu só da vida espero
 O bem que em contemplar-te considero.

Alarguei de proposito as citações para dar melhor a conhecer este Poeta hoje tão ignorado de todos, e que de justiça deve ser qualificado como um dos melhores alumnos da Eschola Hespanhola.

Jacinto Cordeiro no seu Elogio dos Poetas Lusitanos fez menção deste Poeta nos seguintes versos, prosaicos como todos os que sahiram da sua penna.

*Quando Manoel Quintano el premio intenta
 Con pluma libre, con florida mano,
 No correrá del golfo la tormenta
 Si es el laurel con todos cortesano.*

Est. LXII.

CAPITULO III.

Soror Violante do Ceo.

Em todas as nações da Europa moderna tem havido Senhoras, que muito se tem distinguido pelo cultivo das letras, e com especialidade da poesia, e o Parnaso Portuguez não tem sido pouco habitado por estas amaveis Nymphas; e si ellas fossem menos descuidadas na publicação dos seus escriptos, ou nós mais curiosos de recolher as suas memorias, e desentranhar do pó das livrarias, onde jazem sepultadas muitas poesias, com que o bello sexo honrou, e ennobreceo a lingua Lusitana, talvez fosse Portugal o unico, que podesse neste genero, de gloria disputar a palma á Italia. Se o meu plano me permittisse fallar de Authores vivos, hoje mesmo não faltariam Damas, de cujo talento eu poderia fazer honrosa menção.

Entre as Poetisas, de que mais se honra a Eschola Hespanhola entre nós, parece-me que nenhuma foi mais amplamente dotada pela natureza com os dotes que formam o grande Poeta, e que tambem nenhuma abusou mais delles do que Soror Violante do Ceo; e se houvesse tido a fortuna de nascer em um seculo de gosto menos corrompido, é natural que o seu nome fosse ora tão respeitado como antes do estabelecimento da Arcadia.

Violante do Ceo, nasceo nesta Cidade de Lisboa no dia 30 de Maio do anno de 1601, e ao que parece de uma familia distincta, como póde ajuizar-se tanto pela educação, que lhe deu, como pelas altas personagens, com quem durante toda a sua vida esteve em relação, e correspondencia.

Foi filha legitima de Manoel da Silveira Monterino, e de sua mulher Helena Franco, e conhecendo seus Pais a muita viveza, penetração, e a facilidade de aprender, de que era dotada, e desejando aproveitar aquellas felizes

disposições, lhe procuraram mestres com quem aprendeo quasi tudo, que não era muito, que se sabia no seu tempo, tornando-se mui habil na lingua Latina, Italiana, e Hespanhola, que fallava, e que escrevia tão perfeitamente como se vê das poesias, que nella compôz, sendo além disso muito perita na musica tanto vocal como instrumental.

A sua facilidade nas composições poeticas, recommendaveis sobre tudo pela viveza das imagens, e a harmonia, e doçura dos versos, era um objecto de admiração, para quantos a conheciam, e existem poesias de escriptores mui affamados daquelle tempo, como Antonio Henriques Gomes, Author do Poema *El Sanson Nazareno*, e de grande número de Comedias Hespanholas, estimadas, e outras Obras tanto metricas, como prosaicas, o Capitão Miguel Carvalho, Author da *Phylis*, e algumas poesias lyricas, em que se tecem os maiores louvores a esta Musa Lisbonense.

Contava esta Poetisa apenas dezoito annos de idade quando compôz a Comedia de *Santa Eugenia*, que foi representada com grande apparato na presença de Philippe III. quando este Rei visitou Lisboa no anno de 1619, em que o Senado da Camara, e todas as Corporações se esmeraram em festejos, espectaculos, e divertimentos, por esta occasião; applausos, e festejos que tão caro custaram á Fazenda da Cidade. Não foi porém pequena gloria para Violante do Ceo, que o seu Drama fosse preferido para representar-se na presença do Monarcha, e em occasião tão solemne.

Vivia pois Violante do Ceo em uma atmospherã de brilhante resplendor literario, de perfumes poeticos, de incensos, e louvores da admiração publica, quando de repente, e quando meños se esperava, a viram abandonar a casa paterna, e a brilhante sociedade, de que havia sido o idolo, e as delicias, para recolher-se no Convento da Rosa de Lisboa. Era esta casa um Convento da Ordem Dominicana situado na Freguezia de S. Lourenço, proximo á rua das Farinhas; sendo derrubado pelo terremoto de 1755, não tornou a reedificar-se, e as Religiosas delle foram encorporadas na Communidade de Santa Joanna da mesma Ordem de S. Domingos, nelle tomou Vio-

lante do Ceo o habito, e proferio seus votos depois de cumprido o anno do Noviciado, e as mais ceremonias do estylo.

É muito natural que aos seus contemporaneos causas-se não pequena estranheza que uma donzella de vinte e nove annos de idade, formosa, segundo consta, creada no grande mundo, prendada, estimada, e lisonjeada pelas mais altas personagens da côrte, e pelos maiores literatos naturaes, e mesmo estrangeiros, toma-se a resolução de ser Freyra, e levasse ávante essa resolução desesperada, e imprudente; mas é apesar disso verdade que nenhum delles teve o cuidado de nos informar dos motivos desse proceder, porque devia necessariamente have-los.

Não consta que seus Pais a constrangessem, nem a sua idade, e situação permittem suppo-lo, pois não lhe faltariam protectores, que obstassem a tal semrazão paterna; não consta que ella fosse levada a isso por alguma grande calamidade, que sobreviesse á sua familia, não faltará quem supponha que tal passo nascesse do fanatismo, ou de vocação sincera, mas essa supposição é para mim inadmissivel, porque depois da sua profissão continuou a levar uma vida mais mundana, que claustral, cultivando as Musas, e a Musica, tractando com as mesmas pessoas, com quem se dava dantes, correspondendo-se com ellas, e as suas poesias desse tempo não respiram aquelle espirito ascetico, e aquelle despegô do Mundo, que se faz notar nas Obras de Frey Agostinho da Cruz, e de Frey Antonio das Chagas, depois que tocados da graça divina se recolheram ao claustro, nem della nos contam as austeridades, e penitencia, que daquelles nos referem; bem pelo contrario todos celebram a sua jovialidade, espirito, e boa feição.

Não tendo porém outros documentos para fixar o meu juizo sobre esta materia, examinei, attentamente as suas *poesias*, e de algumas dellas me pareceo deduzir-se que um despeito amoroso a conduzira a tal desvario. Chamo-lhe *desvario*, não porque reprove a vida religiosa, mas porque é desvario, e grande, que uma pessoa entre nella *sem vocação*, ou chamamento de Deos, mas só por capricho, arrebatamento de paixão, ou despeito impruden-

te, e neste caso me parece que estava Violante do Ceo. Em alguns de seus versos ella se mostra vivamente namorada, queixa-se de uma ausencia, mostra-se ciosa, e lamenta-se de uma ingratição. Leiam-se com attenção estas poesias.

SONETO.

Si, apartada do corpo a doce vida,
 Domina em seu logar a dura morte;
 De que nasce tardar-me tanto a morte,
 Si ausente d'alma estou que me dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,
 Pois tudo sem Silvano he viva morte,
 Já que se foi Silvano venha a morte,
 Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah suspirado ausente! si esta morte
 Não te obriga a querer vir dar-me vida,
 Como não ma vem dar a mesma morte?

Mas si n'alma consiste a propria vida,
 Bem sei que si me tarda tanto a morte,
 He porque sinto a morte de tal vida!

Este estylo é na verdade a quinta essencia de Gongora, mas nem por isso deixa de vislumbra-se neste Soneto a força da paixão amorosa, de que a Authora estava dominada.

SONETO.

Que suspensão! que enleio! que cuidado
 He este meu, tyranno Deos Cupido,
 Pois tirando-me em fim todo o sentido
 Me deixa o sentimento duplicado?

Absorta no rigor de hum duro fado,
 Tanto de meus sentidos me divido,
 Que tenho só de vida o bem sentido
 E tenho já da morte o mal logrado.

Enlevo-me no damno, que me offende,
 Suspendo-me na causa do meu pranto,
 Mas meu mal, ai de mim! não se suspende;

Oh cesse, cesse, amor, tão raro encanto,
 Que para quem de ti não se defende,
 Basta menos rigor, não rigor tanto.

ODE.

Amante pensamento,
 Nuncio de amor, terceiro de vontade;
 Emulação do Vento,
 Lisonja da mais triste soledade;
 Ministro da Lembrança,
 Gosto na posse, allivio na esperança.

Já que de minhas queixas
 A causa idolatrada vas seguindo,
 Dize-lhe que me deixas,
 Dize-lhe que estou morta, mas sentindo,
 Que póde mal tão forte
 Fazer que sinta, ai triste, a mesma morte.

Dize-lhe que he já tanto
 O pesar de me vêr tão dividida,
 Que só me causa espanto
 A sombra, que me segue de huma vida
 Tão morta para o gosto
 Como viva ai de mim para o desgosto!

Dize-lhe que me mata
 Quem vendo-me morrer sem resistencia,
 De soccorrer-me tracta,
 Pois para quem padece o mal d'ausente,
 Que he só remedio entendo
 Vêr o que quer, ou fenecer querendo.

Dize-lhe que a memoria
 Toma por instrumento do meu damno,
 A já passada gloria;

Fazendo o mais suave tão tyranno,
 Que obtem mais estimado
 Me passa o coração, porque he passado,

Dize-lhe que se sabe
 O poder de huma ausencia rigorosa,
 Que a, que começa, acabe
 Antes que ella me acabe poderosa;
 Pois de tal modo a sinto,
 Que julgo por Eterno a mais succinto.

Dize-lhe, que si admitte
 Rogos de hum coração, que o segue amante,
 Que vêr-me solicite,
 Apesar do preciso, e do distante;
 E que tão cedo seja,
 Que toda a compaixão se torne inveja.

Dize-lhe que se acorde
 De huns effeitos d'amor, que encarecia;
 E que todos recorde;
 Mais que seja hum minuto cada dia,
 Pois em cada minuto
 Infinitas lembranças lhe tributo.

Dize-lhe que athe á morte
 Assistencia continua lhe offereces;
 E que te invejo a sorte,
 E em fim só do meu mal te compadeces,
 Oh pensamento amigo,
 Dize-lhe tudo, ou leva-me contigo.

Até aqui suspiros de paixão amorosa; vejamos agora
 os lamentos do ciúme.

ROMANCE.

Cessen ya los remedios
 Que para vivir me applican,
 Que quien de Zelos se muere
 No es bien que moriendo viva.

Dexen ya d'importunarme
 Cansadas philosophias,
 Que nunca males d'el alma
 De Esculapio necessitan.

Deponga las diligencias
 Quien mi vida solecita,
 Que apressurar-me la muerte
 Es solo dar-me la vida.

Con la muerte vigorosa
 Las desdichas se terminan,
 Que si no es dicha la muerte,
 Es la postrera desdicha.

Vivir con zelos, y penas
 Mal si puede llamar vida,
 Que vida con que se muere
 Es solo una muerte viva.

Muera quien amando tanto
 Mereció tan poca dicha,
 Que en vez de correspondencias
 Exprimente tyrannias.

Muera quien idolatrando
 La causa mas peregrina,
 Aquerió solo desdenes
 Con firmes idolatrias.

Muera quien siendo constante
 Fué tan mal correspondida,
 Que, tributando verdades,
 Adquerió solo mentiras.

Apesar desta paixão tão viva, manifestada não só nestes versos, mas em outros muitos, que é desnecessario citar, vê-se por um Romance dirigido a uma amiga intima, que Violante do Ceo, por não estar occiosa, na ausencia do amante, admittio, como costumam em taes ca-

sos fazer quasi todas as mulheres, o cortejo de outro namorado, e isto como ellas dizem todas, *por passar tempo*,

Mas, pensando en los agrabios,
Tanto me venció la furia,
Que admitti divertimientos,
Veras amorosas nunca.

mas o antigo amante soube do *divertimento innocente*, e não o achou ao que parece, nem muito delicado, nem muito gracioso, e queixou-se altamente, e quanto a mim com toda a razão, pois a Poetisa accrescenta.

Despues d'hum lustro d'ausencia,
Despues de tanta fortuna,
El que negava respuestas,
Me hace agora preguntas.

Matar-me quiere de nuevo,
Porque como alfin se occulta,
Nó teme ser homicida,
Y mas de vida que es suya.

Violante do Ceo estranha muito este proceder, porque as mulheres nunca acham razão nas accusações, que se lhe fazem, ainda as mais justificadas; porém a ré logo por suas proprias palavras se condemna, pois confessa á sua amiga que o tal amante *por divertimento*, tinha feito tanta impressão em sua alma, que não sabia decidir-se entre os dous.

Si asseguro quien me olvida,
Si olvido quien mi assegura,
Obedesco a mis desseos,
Pero sugeto-me a culpa.

Si mi usurpo alo que adoro,
Si vence lo que triumpho,
En vida tan peligrosa
Queda la muerte segura.

Oh dá-me conasego Nise,
Si de que mueras no gustas,
Que siento perder la vida
Entre impossibles, y dudas.

Iguales son por lo noble,
Estas del Cielo columnas,
Mas ai! que la que yo quiero
Dureza al marmol usurpa.

Já se vê que em taes casos quando uma mulher pede conselho já o tem tomado, e só procura um pretexto para justificar a sua resolução. Não sei se Violante do Ceo se resolveo pelo primeiro, ou pelo segundo amante, mas o que não admite dúvida é que foi abandonada de ambos, ou do que ella preferio; o certo é, que nas seguintes Decimas apparecem os gritos do despeito, e da desesperação.

Coração, basta o soffrido,
Ponhamos termo ao cuidado,
Que hum desprezo averiguado
Não he para repetido;
Basta o que havemos sentido,
Não dêmos mais ao tormento,
Que passa de soffrimento
Dar por hum desdem tyranno
Toda a alma ao desengano,
Toda a vida ao sentimento.

Fujamos deste perigo,
Livremo-nos, coração,
Que não he bom galardão
O que parece castigo.
Eu convosco, e vós comigo
Melhor o mal passaremos,
Pois entre amantes extremos
Tão divididos ficamos,
Que se nos communicamos
He só quando padecemos.

Aquelle bronze animado
Por quem deixaes de assistir-me,

Ai! que as finezas de firme
Troca em desdem de mudado.
Deixemos pois hum cuidado
Que serve só de homecida,
Porém si he força que a vida
Fique igualmente arriscada,
Antes que de despresada
Quero morrer de esquecida.

Quando uma mulher se confessa despresada é porque o golpe do desprezo penetrou profundamente no seu coração, e lhe faz perder todo o dissimulo. As queixas que Violante do Ceo tinha contra o seu ingrato, acham-se claramente articuladas nos seguintes versos.

Tuve favores, y prendas,
Mas como todo se muda,
El que era Sol en bellezas
Fué luego en mudanças Luna.

Hizo loucuras por otra,
Fué fino en las astucias,
Marsias Asiano en finesas,
Adonis tambien en culpas.

A' vista destes trechos, e de outros muitos, que poderia citar, me parece que não é temeridade attribuir a um despeito amoroso a vocação de Soror Violante do Ceo. E' crível que se deixasse dominar da mania das donzelas, abandonadas pelos amantes, que é, pensarem que se vingam delles casando-se precipitadamente, e ás vezes com o primeiro noivo, que lhe apparece, ou entrar para Freiras, sem terem a disposição necessaria para a vida claustral. Esta desgraçada mania, que enche a Europa de ruins Mãis de familia, e de ruins Religiosas, passa com o tempo, e então é que conhecem o abysmo em que se arrojarão, e se detestam os grilhões pesados, e indissolueis a que imprudentemente se sugertaram.

Creio que foi esta a sorte de Soror Violante do Ceo, não só pelo seu modo de vida todo profano, mas porque a idéa de piedade, e fervor religioso, não pôde de modo

algum combinar-se com algumas poesias, que se depa-
ram entre as suas, tão cheias de arrebatamentos apaixo-
nados, de admirações da formosura de certa Menandra,
de colloquios ternos, de finezas ardentes, e o que é mais
em estylo tão natural, despido dos seus costumados gon-
gorismos, como dictados pelo coração, e não pelo espiri-
to, que dam motivo para desconfiar muito da sua hones-
tidade: leiam-se com attenção estes versos.

Si vivo en ti transformada,
Menandra, bien lo averiguas,
Púes quando me tiras flechas
Hallas en ti las heridas.

Flechas me tiras al alma,
Mas quando flechas me tiras,
Como en ti misma mi hieres,
Hallas la herida en ti misma.

Tu mano candida, y bella,
Dulce Señora, lo diga,
Púes siendo yo la flechada,
Ella fué solo la herida.

Ya no diras que en tu mano
No tienes el alma mia;
Púes quando el alma mi hieres,
Sangre tu mano destila.

Yo la vi simbrar claveles
Sobre Asucenas divinas,
Después de matar tyrana,
Después de herir homecida.

Quien vio prodigio mas raro,
Púes quedamos aquel dia
Con sangre la vencedora,
Y sin sangre la vencida.

Pero que mucho, Señora,
Que en tan dichosa conquista
No mi quitasseis lo sangre,
Si nunca a muertos se quita,

Mas ai! que entre dos extremos:
 Bien sabes tu que estaria,
 Para verter sangre muerta,
 Para sentir flechas viva.

Oh tu de mis pensamientos,
 Idolatrada homicida,
 Dulce hechiso de las almas,
 Dulce muerte de las vidas.

Si ver nó quieres, Señora
 La nieve en sangre teñida,
 Si el rigor, con que me tractas
 Nó quieres ver en ti misma.

Nó tires mas flechas tantas
 Al blanco del alma mia,
 Pues tirarás a tu mano
 Si al blanco del alma tiras.

Ora como me parece que uma amisade simples, e pura nunca usou de semelhante linguagem, presumo, que sem escrupulo, poderei inferir desta, e d'outras poesias, que a moderna Sapho ardeo nas chammas daquelle amor inatural, de que foi accusada a antiga Sapho, e que tão frequente se desenvolve nas mulheres, e com especialidade nas Freiras, póde com tudo ser que me engane, nem pertendo que os Leitores adoptem a minha opinião como certa, mas que examinem, e decidam como entenderem.

Soror Violante do Ceo chegou a uma idade muito avançada, gozando sempre de boa, e robusta saúde, conservando o uso da memoria, e das outras faculdades mentaes, e cultivando sempre a poesia, e a musica até que em 28 de Janeiro de 1693 pagou o feudo á natureza contando noventa e dous annos de idade, e sessenta e tres de Freira.

As Obras desta Religiosa, que sahiram á luz sam as seguintes.

Rymas Varias. Ruan 1646 — 8.º

Parnaso Lusitano. Lisboa 1733 — 2 Volumes 8.º

Dous Sonetos, e cinco Decimas em lingua Castelhana,

que se encontram nas *Memorias funebres* de D. Maria de Ataíde. Lisboa 1650 — 4.º

Romance a Christo Crucificado no livro intitulado *Avi-
sos para la muerte*. Lisboa 1659 — 12.º

Soliloquios para antes, e depois da Communhão, constam de cinco Romances. Lisboa 1668 — 24.º

Meditações (em Oitava ryma) da Missa e Preparações affectuosas de uma alma devota. Lisboa 1689 — 16.º — 1728 — 16.º

Nenhuma outra Poetisa Portugueza gozou de tanta estima, e de tanta nomeada dentro, e fóra do reino, as suas composições eram lidas nos salões com o maior applauso, e enthusiasmo, e as suas edições eram, digamo-lo assim, arrehatadas das mãos dos livreiros, a inveja imudecia diante da sua fama; em quanto viveu esteve sempre ouvindo louvores, e foi condecorada com o titulo de Phenix dos engenhos Lusitanos, depois de morta, a sua sepultura foi adornada com as mais ricas flôres que o Pindo então produzia, e o seu nome repetido com respeito, e com saudade: mas de tanta reputação, de tantos applausos, e de tamanha gloria literaria, que resta depois de seculo e meio? Um nome, que poucos conhecem, uma reputação equivocada de talentos, Obras que os Poetas classicos tractam com desprezo, que os criticos accusam de mau gosto, sendo de uns, e de outros bem poucos os que as tem lido, para nellas examinarem os fundamentos de tamanha nomeada, ou de tamanho desprezo nos tempos posteriores.

As poesias de Soror Violante do Ceo sam numerosas, e escriptas tanto em Portuguez, como em Castelhana; ha nellas muita imaginação, muita viveza de pincel, e demasiado espirito, e ingenho. A sua linguagem é geralmente pura, correctá, e elegante, a sua expressão facil, e a sua versificação harmoniosa.

Discipula fervorosa de Gongora, si não o imita na obscuridade, emparelha com elle nos atrevimentos poeticos; o furor de dizer as cousas de um modo extraordinario, e novo, a faz cahir em um estylo pretencioso, emborilhado, e fugir da naturalidade, e singeleza como se fossem grandes vicios do estylo, a ninguem podia melhor appli-

car-se o verso de um Poeta Francez em louvor de Ronsard.

Il n'apoint de mortel, qui parle comme lui.

Mais desejosa de produzir effeito, e de assombrar do que de commover e deleitar, multiplica os conceitos, refina os pensamentos, busca avidamente as metaphoras, as opposições de idéas, e de palavras, e nem ás vezes poupa os equivocos. E não serão poucas as vezes que pessoas de bom senso, lendo as suas Obras, e cançadas daquelle labyrintho terão exclamado: «Porque deu a natureza tanto engenho a esta mulher!»

Ha porém alguns felizes momentos em que Soror Violante do Ceo desce das alturas do gongorismo, e explica as suas idéas em um tom mais natural, e singelo, como acontece nesta Epistola dirigida a Frey Alvaro de Castro, Provincial da Ordem dos Pregadores, e por isso Prelado da Authora.

Si a tanta occupação, tanto cuidado
Usurpar-vos podeis hum breve instante,
Oh sagrado Pastor, oh gran Prelado.

Si o peso de hum Governo vigilante,
Em que vos pôz, Senhor, a dita nossa,
Divertir-vos permite do importante.

Ouvi da mais indigna Serva vossa,
Não louvores iguaes a tal sujeito,
Que em fim não póde haver quem tanto possa.

Delirios si, nascidos de respeito,
Se bem quem, respeitando-vos, delira
Muito faz, Senhor, o que he defeito.

Oh quanto do respeito se retira
Quem accerá a fallar a superiores?

Oh quanto accerta só, quem só s'admira!

Tanto tem de delictos os louvores,
Si limitados sam, quanto de offensas
Quanto tem os sujeitos de maiores.

Vossas partes, Senhor, sam quasi immensas;

Louva-las pouco, he offende-las muito,
Traçai castigos, preveni defensas.

Sois da mais Regia planta excelso fructo,
Tão nobre, tão illustre, tão preclaro
Como se vê de Castro no attributo.

Sois da mesma Virtude exemplo raro,
Tam singular em tudo, e tão perfeito,
Que só comvosco mesmo vos comparo.

Oh felice mil vezes o sugeito
Que da Nobreza herdada, e da adquirida
Litigantes iguaes, tambem tem feito.

Si foi vossa prudencia conhecida
Digna, diga-o, Senhor, a dignidade
Antecipada si, mas merecida.

Não consiste o valor na mais idade,
Vossas partes sam mais, que vossos annos,
Ou vossos annos conte a Eternidade.

Vossos antecessores soberanos
Tanto façam por vós na Empireo Corte,
Que eterno pareçaes entre os humanos.

Respeite o vosso nome a mesma morte,
E tenha sempre a esphera Dominica
Hum sacro Atlante em vós, hum sacro Norte.

O sagrado Gusmão vos communica
O mesmo officio seu, quem não conhece,
Que seu mesmo edificio em vós fabrica.

Elle, pois que de luz vos enriquece,
Vos mostra sempre o que he paixão, ou zêlo
Pois talvez a paixão zêlo parece.

Vós, que sois de prudencia igual modêlo,
Vêde, Vêde, Senhor, benignamente,
Que vai muito de o ser a parece-lo.

Castigai com brandura o delinquente,
Possa mais a piedade, que a Justiça,
Não tenham por zeloso o maldizente.

Oh quanto arrisca a vida huma injustiça!
Nunca falta, Senhor, sempre sobeja
Quem provoca -o rigor, a furia atiga.

Não seja agora assi, Senhor, não seja,
A Piedade triumphe á vossa vista,
Fuja, fuja o rigor, fuja a Inveja,
E dizei vós tambem viva o Baptista.

Os Tercetos desta Epislota sam bem fabricados, ainda que nelles se notem alguns pensamentos rebuscados, e alguma affectação, de que a Authora nunca pôde des- apressar-se em nenhuma das suas composições, mas é essa uma das em que menos se descobre esse peccado de costume.

O fim principal que Soror Violante do Ceo teve em escreve-la, parece ter sido não tanto dar os parabens do cargo ao novo Provincial, mas preveni-lo contra as intrigas dos praguentos, que sempre abundaram nas corporações Religiosas, tanto de homens, como de mulheres, e que uns para caberem com os superiores, e outros para satisfazer odios particulares, não cessavam de perturbar com seus mexeriquos o descanso da vida claustral. Pôde ser mesmo, que a Authora tivesse alguns motivos de queixa no Provincialato antecedente, e que por isso quizesse assim buscar protecção no novo Prelado.

O mesmo character de estylo encontrará o Leitor no seguinte Soneto, cuja idéa não deixa de ser engenhosa.

SONETO.

Quem, depois de alcançar o que pertende,
Da mesma obrigação delicto fórma,
Quem em castigo o galardão transforma,
Ou aborrece muito, ou pouco entende.

Mas do nome de ingrato se defende,
Bem c'o de presumido se conforma,
Quem quando mais feliz queixoso o informa,
Quem em vez de premiar ingrato offende.

Porém quando o juizo he levantado,
Quem duvida que a queixa he fingimento,
De quem não se quer dar por obrigado?

Este o motivo foi do vosso intento,
Porém não se logrou, que o meu cuidado
Tem por premio melhor este csearmento.

Soror Violante do Ceo abraçou com todo o enthusiasmo a gloriosa revolução de 1640, que restituiu o Throno

Portuguez á Serenissima Casa de Bragança. Ella celebrou nos seus versos, não só aquella grande façanha em sua generalidade, mas muitos de seus factos particulares, e as pessoas, que nella figuraram: entre estas composições se encontra a seguinte Sylva a El-Rei D. João IV., a que pertencem os trechos, que passo a copiar.

.....

Rendido estava o Reyno Lusitano
 Oh Monarcha famoso, e soberano,
 A' maior tyrannia,
 Que via do seu throno o Rey do Dia,
 Rendido estava ao gosto
 De quem, dando motivos ao desgosto,
 Só neste rendimento
 Não queria que houvesse detrimento.
 Quando toda a Nobreza,
 Lustre da Monarchia Portugueza,
 Vos fez Restaurador das Liberdades,
 Vos fez libertador, não das vontades
 Pois estas mais captivas,
 Dando a vossa grandeza immensos vivas,
 De sorte a vosso amor se sujeitaram,
 Que todas igualmente festejaram,
 Sem valer-se de effeito lisongeiro,
 Mui mais que á Liberdade o captiveiro;
 Porque, si bem ha tanto,
 Que com felice encanto
 De partes, e grandezas
 Sois Senhor das vontades Portuguezas,
 Hoje a vosso favor mais obrigadas
 As cadeias de amor tem duplicadas,
 E com ellas as glorias
 De passarem de occultas a notorias,
 Pois he, para quem ama de verdade,
 Dura calamidade,
 Pena, que a toda a pena leva a palma,
 Occultar muito tempo affectos d'alma.

.....
 Decreto foi, Senhor, da excelsa mente,
 Que sempre a vossas cousas favoravel

Se fez, por exaltar-vos imitavel !
 Que viesseis remir a Lusa Gente,
 No mesmo tempo, em que a remir o Mundo,
 Veio tambem dos trez o que he segundo ;
 Porque se bem grandezas infinitas
 Não podem comparar-se co'as finitas,
 A's vezes Deos com estas,
 Faz aquellas, Senhor, mais manifestas,
 E assim quiz que no tempo, em que benigno
 Unio ao ser humano o ser divino,
 Por vir, como Monarcha verdadeiro,
 A libertar do Mundo o captiveiro,
 Viesseis vós tambem com tal piedade
 A restaurar da Patria a Liberdade ;
 Porque, contemplativo o pensamento,
 Em hum, e em outro advento
 Rastejasse o divino pelo humano,
 Contemplando no gosto Lusitano,
 Que se vem restaurando Liberdades,
 Levantando humildades,
 Admittindo finezas,
 Occasionando glorias,
 Outhorgando mercês, dando victorias,
 Hum Rey, que humano he, si bem tão dino,
 Que faria, Senhor, hum Rey divino ?

.....

E vós, oh Lusitanos valerosos,
 Que por ficar em tudo mais famosos,
 Quizestes ser *sujeitos* a *hum* *sujeito*
 Que hera tão incapaz de ser sujeito :
 Vós que solicitando eternidades
 Quizestes, em favor das Liberdades,
 Resuscitar os inclitos valores
 De vossos generosos anteriores,
 Lograi eternidades a ventura,
 Que o mesmo Rey do Ceo vos assegura,
 Tributando finezas,
 Adorações, victorias, e proezas,
 A hum Rey, que com benignos attributos
 Só desta qualidade quer tributos.

Por este trecho pôde fazer-se idéa das bellezas, e defeitos do estylo de Soror Violante do Ceo. Vê-se aqui a elevação de pensamentos, o ingenho, a facilidade, e harmonia da versificação, com o esquadrinhado da expressão, o dizer hyperbolico, e os jogos de palavras, como: « quizeses *ser sujeitos a um sujeito incapaz de ser sujeito.* » Esta repetição do vocabulo *sujeito* trez vezes repetido, e variando na significação, parecia, no tempo da Authora, um grande esforço de espirito, e hoje nos parece, com razão, uma puerilidade ridicula.

Soror Violante do Ceo celebrou tambem a acclamação d'El-Rei D. João IV. com este Soneto, que teve então muita voga.

SONETO.

« Que logras, Portugal? » — Hum Rey perfeito,
 « Quem o constituiu? » — Sacra piedade.
 « Que alcançaste com elle? » — A Liberdade.
 « Que liberdade tens? » — Ser-lhe sugcito.

« Que tens na sugeição? » — Honra, e proveito,
 « O que he o nosso Rey? » — Quasi Deidade.
 « Que ostenta nas acções? » — Felicidade.
 « E que tem de feliz? » — Ser por Deos feito.

« O que heras antes d'elle? » — Hum Labyrintho.
 « Que te julgas agora? » — Hum Firmamento.
 « Temes alguém? » — Não temo a mesma Parca.

« Sentes alguma pena? » — Huma só sinto.
 « Qual he? » — Não ser hum Mundo, ou não ser cento,
 Para ser mais capaz de tal Monarcha.

Os Sonetos em perguntas, e respostas, e em Echos estavam então muito em moda, e não admira por isso que nas Obras da nossa Poetisa se encontre esta composição. Os Poetas desta epocha nos deixaram muitos nas duas fórmas acima dictas, mas ao passo que se encontram alguns bons, a pluralidade delles é insoffrível: o mais é que a mania dos Echos até passou para o Theatro, onde tinham muito menos cabida, e até o suavissimo, e enge-

nhoso Guarini, no seu *Pastor Fido*, nos deixou uma scena toda em Echós.

A Authora, em outro Soneto, cobrio de flôres o tumulo de André de Albuquerque, um dos Generaes, que mais se distinguiram na Guerra da Acclamação, perecendo ás mãos dos Castelhanos combatendo valerosamente na batalha das linhas d'Elvas.

SONETO.

Que bem com huma acção, Heroe valente,
 Duas victorias juntas alcançaste;
 Pois quando Ceo, ou Elvas acclamaste
 Elvas, e Ceo ganhaste juntamente.

O Ceo, porque na bala mais ardente
 O espirito immortal purificaste;
 Elvas, porque do sitio a Libertaste,
 Sendo raro exemplar da Lusa Gente.

Oh vive nessas candidas moradas,
 Invicto General, gozando glorias,
 Com tão heroico esforço grangeadas.

Vive no Ceo, e vive nas memorias,
 Que he bem, que logre vidas duplicadas
 Quem logrou duplicadas as victorias.

Este Soneto me parece digno do assumpto, tanto pela força das idéas, como, com poucas excepções, pela expressão. Aproveitarei a occasião para transcrever mais alguns, que possam fazer conhecer o talento da Poetisa, para este genero de composições.

SONETO.

Vida que não acaba de acabar-se,
 Chegando já de vós a despedir-se,
 Ou deixa por sentida de sentir-se,
 Ou pôde de immortal acreditar-se.

Vida, que já não chega a terminar-se,
 Pois chega já de vós a dividir-se,
 Ou procura, vivendo, consumir-se,
 Ou pertende, matando, eternisar-se.

Mas o certo he, Senhor, que não fenece
 Antes no que padece se reporta,
 Porque não se lemite o que padece.

Mas viver entre lagrimas que importa?
 Si vida, que entre ausencias permanece,
 He só viva ao pesar, ao gosto morta.

O que se segue, feito a um retrato que o seu amante
 lhe deixára ausentando-se, e de que nestas poesias se
 faz muitas vezes menção, é ainda melhor, porque está
 mais desempoeirado do Gongorismo, que sempre entrava
 como ingrediente do mel fabricado por esta Abelha.

SONETO.

Vive no original deste traslado,
 Que venero constante, Amor rendido,
 O valor mais capaz de ser querido,
 O saber mais capaz de ser louvado.

Si podera o valor ser retratado,
 Si podera o valor ser esculpido,
 Rendera a copia só todo o sentido,
 Vencera a copia só todo o cuidado.

Mas quem quizer em fim render-lhe a palma,
 Tendo o melhor traslado por motivo,
 E vendo tudo junto no aparente,

Vêja, si pôde ser, de Celia a alma,
 Verá tudo pintado tanto ao vivo,
 Como vivo o pintado eternamente.

A Authora dirigio á sua amiga D. Marianna de Luna
este Soneto, que Boterweek transcreve, accrescentando,

que não pôde bem colligir d'elle se aquella Dama havia mandado plantar um Jardim, ou se era Musica, e si havia preparado um concerto; Sismondi, que de ordinario, se reporta a elle, mostra a mesma preplexidade; ella porém só prova, que elles não haviam bem estudado a linguagem metaphorica dos Seiscentistas, ou tinham aproveitado pouco em tal estudo; do contrario teriam visto, que no Soneto não se tractava de um Jardim de Flores, nem de um concerto de Musica, mas de uma Collecção de Poesias de D. Marianna de Luna, que sahiu á luz em Coimbra, e de que eu vi um exemplar, que estava na Livraria do extincto Convento dos Thitianos, onde muitas vezes o vi, e que é natural que levasse o mesmo fim que os restos daquella rica Livraria, que ainda continha alguns centenares de livros: mas de que serve agora recordar taes miserias? O Soneto é como se segue.

SONETO.

Musas, que no Jardim do Rey de Dia
Soltando a doce voz, prendeis o Vento,
Deidades, que admirando o pensamento
As Flores augmentaes, que Apollo cria.

Deixai, deixai do Sol a companhia,
Que fazendo invejoso o firmamento,
Huma Lua, que he Sol, e que he portento,
Hum Jardim vos fabrica de harmonia.

E porque não cuideis que tal ventura
Póde pagar tributo á variedade,
Pelo que tem de Lua a luz mais pura,

Sabei, que por mercê da Divindade,
Este Jardim canoro se assegura
Com o muro immortal da Eternidade.

Temos alguns Madrigaes Portuguezes, e Castelhanos nas Obras de Soror Violante do Ceo, em que se encontra bastante espirito, e amenidade, entre elles os que passo a transcrever me parecem dos melhores.

MADRIGAL.

Por afeitar enganos,
 Y negar la verdad d'un claro indicio,
 Dixo a Silvia Selicio :
 « Quando podran llegar tus desenganos
 » A conocer mis daños ? »
 A quen Silvia responde :
 « Quando el Tiempo, Pastor, que nada esconde
 » Mostrar que tu sé pura
 » Nó tiene por objeto otra hermosura ! »
 Oh rara maravilla, oh caso raro !
 Que apenas vino a terminar-se un dia,
 Que a Philena Salicio pertendia.

II.

Amor, este desvelo,
 Este desasociado, este cuidado
 Nó penses que es enfado.
 Lisonga, si, delicia, bien, consuelo ;
 Porque si mientras velo
 Tal gloria solicito,
 Que en mi Deidad, y tu poder midito.
 Quien duda que es trophico
 Nó rendir los sentidos a Morpheo ?
 O despertar-me Amor, que pues soñando
 Queda por varias causas describiendo,
 Antes quiero por ti morir velando,
 Que con otra ocasion soñar dormiendo.

III.

Em fim fenece o dia,
 Em fim chega da noite o triste espanto,
 E não chega desta alma o doce encanto.
 Em fim fica triumphante a Tyrannia,
 Vencido o soffrimento,
 Sem alivio o meu mal, eu sem alento,
 A sorte sem piedade,
 Alegre a emulação, triste a vontade.
 O gosto fenecido

Eu infelice em fim, Lauro esquecido.
 Quem vio mais dura sorte?
 Tantos males, Amor, para huma morte?
 Não basta contra a vida
 Esta ausencia cruel, esta partida?
 Não basta tanta dôr? tanto receio?
 Tanto cuidado, ai triste, e tanto enleio?
 Não basta estar ausentē
 Para perder a vida infelizmente?
 Se não tambem, cruel, neste conflito
 Me negas o soccorro de hum escripto?
 Porque esta dôr, que a alma me penetra,
 Não ache o menor bem na mesma letra:
 Ai! bem fazes, Amor, tira-me tudo,
 Não haja alivio não, não haja escudo,
 Que a vida me defenda.
 Tudo me falte em fim, tudo me offenda,
 Tudo me tire a vida,
 Pois eu a não perdi na despedida.

Algumas das Decimas de Soror Violante do Ceo podem
 passar por bons Epigrammas, tal é esta dirigida a louvar
 as Fabulas de Jorge da Camara.

DECIMA.

Si com fingidas Deidades
 Venceis as Celestes Lyras,
 Quem tão bem canta mentiras
 Como cantará verdades?
 Adquirindo Eternidades
 Tão bem cantaes o enganoso,
 Que quem ouve o portentoso
 De canto tão lisongeiro,
 Que mais que algum verdadeiro
 Vos quero a vós fabuloso.

Não pude, apesar de bastantes indagações, conhecer o
 que eram estas Fabulas de Jorge da Camara. Seria algu-
 ma Collecção de Fabulas como as de Lafontaine? Seria
 algum Poema tecido de historias fabulosas como as Me-

tamorphoses d'Ovidio? Alguns contos em versos, ou legendas nacionaes? Não sei: mas póde ser, que a perda destas Obras de Jorge da Camara, seja uma das muitas que a Literatura Portugueza tem justa razão de lamentar.

Tambem fórma um chistoso Epigramma esta Decima a D. Maria de Lima, pedindo-lhe uns Reposteiros.

DECIMA.

Quer a Sacristãa da Rosa,
Oh prodigio do Universo,
Que vêja se alcança o verso
O que não alcança a prosa.
E assi, si bem temerosa,
Desses divinos luzeiros,
Peço com versos grosseiros,
Apesar de mil apostas,
Que em vez de dar-me respostas
Me queiraes dar Reposteiros.

Se os jogos de palavras, e os equivocos podem ter logar em assejada escriptura, é só no estylo jocosario; é porém necessario não prodigalisa-los como usa Frey Jeronymo Vahia, porque uma longa enfiada de taes agudezas depreça fatiga, e se torna importuna para o Leitor sensato.

A jovialidade, e promptidão do engenho de Soror Violante se manifesta bem na Decima com que replicou extemporaneamente a certo Doutor, que acabava de recitar-lhe uns versos, em que a denominava — *Viola Flor, e Instrumento*.

DECIMA.

Contradizer a hum Doutor,
Bem sei que he temeridade,
Porém com huma verdade,
Quero pagar hum louvor.
Nem instrumento, nem flor
Sou, porém si o posso ser,
Ninguem trate de emprehender
O que não hade alcançar,

Pois nenhum me hade tocar,
Pois nenhum me hade colher.

Soror Violante do Ceo tambem applicou o seu talento poetico á composição de Elegias, e Epistolas; mas a maior parte dellas sam em lingua Castelhana. Das Elegias, que escreveu em nossa lingua, parece-me que deve ser havida pela melhor, a que tem o numero trez, e que é consagrada á morte do Infante D. Duarte, irmão de D. João IV., preso traidoramente em Alemanha, aonde militava, e talvez ahí assassinado, sem mais culpa, que haver seu regio irmão, cingido a Corôa de Portugal, que de direito lhe pertencia.

ELEGIA.

Chore o valor, desmaie-se o alento,
Sinta a razão, suspenda-se o sentido,
Reyne o pesar, impere o sentimento.

Vendo a breve despojo reduzido
O maior vencedor, o mais triumphante,
Que foi da mesma Inveja conhecido.

O que, por ser de Portugal Infante,
Objecto foi da acção mais rigorosa,
Que chorou justamente affecto amante.

Vivia a competencia temerosa,
Invejoso o valor, teimosa a Ira,
Livre o vigor, a Inveja poderosa.

E como cada qual sempre delira,
Cada qual decretou que se acabasse
A vida, porque Amor chora, e suspira.

Quem vio que com rigor se terminasse
A grandeza, o valor, a valentia,
Que hera razão, que o Mundo eternisasse.

Mas já que eternisar-se não podia,
Tão divino valor por ser humano,
Não lhe apressara o fim a Tyrannia.

Mas como fôra o odio tão tyranno,
Si não se resolvera o desatino,
Si não seguio as leys do cego engano!

**Tirar do Mundo o merito mais dino,
E tirar-lhe primeiro a liberdade,
Foi barbaro rigor de peito indino.**

**Mas que importa acabar a Humanidade,
Si fica a alma em tudo mais luzida,
No logar immortal da Eternidade ?**

**Que importa que feneça a mortal vida,
Si fica para sempre a Soberana
Na mesma Eternidade introduzida.**

**Oh tu, Augusto Rey, Deidade humana,
Quarto no nome, e no valor primeiro,
Libertador da Patria Lusitana.**

**Tu que como Monarcha verdadeiro,
Extinguiste o poder de huma violencia,
Terminaste o rigor de hum captiveiro,**

**Não sintas de Duarte a dura ausencia,
Considera, Senhor, que tens agora
Mais util seu favor que na assistencia.**

**Considera que a perda foi melhora,
Pois tens na melhor Côrte hum assistente,
Que a divino Poder favor implora.**

**Considera que vive eternamente
Teu virtuoso Irmão, onde á ventura
Vinculado está sempre o pensamento.**

**E tu, que absorto estás na luz mais pura,
Generoso Duarte, excelso Infante,
Possuindo a bonança mais segura.**

**Lembra-te d'evitar o naufragante,
De quem no mar do Mundo impetuoso
Sabes que fica ainda navegante.**

**Lembra-te de evitar o tormentoso,
Conservar o tranquillo, e socegado
Apesar do contrario rigoroso.**

**Mostra de Portugal tanto cuidado,
Que fique o pensamento do homecida
Com seu proprio delicto castigado.**

**Seja a tua victoria dividida,
Porque seja maior essa victoria,
Gozando tu no Ceo immortal gloria,
Tendo João no Mundo immortal vida.**

Ha um Author Inglez, por nome Goldimith, que publicou pouco antes da revolução Franceza, ou no tempo della, um Livro, que teve então grande voga, intitulado *Os Crimes dos Gabinetes*, nunca o li, e por isso não sei se lá está consignado o que faz objecto desta Elegia, que na verdade era bem digna de figurar a par dos outros. D. Duarte irmão do Duque de Bragança, mancebo, segundo affirmam os contemporâneos, de grandes esperanças, optimamente educado, e valente como um Cavalleiro da *Tabula redonda*, havia sahido de Portugal para viajar pela Europa, e adquirir gloria militando ao serviço de algumas Potencias Estrangeiras, e em todas ellas havia grangeado grande reputação de soldado intrepido, e brioso.

Militava elle ao serviço da Casa d'Austria quando Portugal sacudio o jugo de Castella collocando no throno o Rei legitimo, e chegando esta noticia a Alemanha, ou por exigencia da Côrte de Hespanha, ou sem ella, foi logo preso em uma masmorra, onde depressa falleceo, e foi então voz geral, que de morte violenta. De qualquer fórma que as cousas se passassem, é inegavel que foi um horroroso crime politico prender um Principe Estrangeiro por facto não seu, e em que não havia tomado parte, e de que talvez nem noticia tivesse; esta acção, que nem nos Turcos podia ser desculpavel, muito mais aggravante se torna praticada por uma Côrte Christãa, e devota.

Das Epistolas póde o Leitor fazer idéa pela que deixamos transcripta ao novo Provincial dos Dominicos, versam com poucas excepções sobre objectos particulares, e de pouco interesse, o seu estylo é singelo, e seu metro corrente. As Silvas contém bastantes trechos de boa poesia, mas peccam por demasiada extensão, defeito que se faz sentir ainda mais por serem todas Laudatorias, não havendo cousa que tanto fatigue, e affronte o Leitor, como uma longa série de versos, que não contém senão elogios, muitas vezes hyperbolicos, e talvez mal merecidos.

As Canções de Soror Violante do Ceo sam de todas as deste tempo, as que mais se chegam á Ode, já pelo estylo, já pelo córte dos ramos, que na maior parte dellas

sam de poucos versos, o que prova que na Authora existia em não pequeno grau o instincto lyrico.

Para se julgar dos seus Romances creio que basta o que acima copiei delles para outro fim, os seus Vilancicos para o Dia de Natal, algumas Sextinas, e Glozas sam como todas as poesias deste genero, que por si pouco valem.

Não devo porém deixar no silencio as suas poesias moraes, e espirituaes, escriptas quando a Authora estava adiantada em annos, e esfriado o fogo das paixões, que a dominaram no verdor da idade, principiava a inclinar-se, como é costume, a pensamentos mais sérios, e mesmo á devoção. Estas poesias além de serem superiores a quasi todas as desta qualidade, que até ali se haviam composto entre nós, servem de prova convencente de que Soror Violante do Ceo conservou, como acima dissemos, a força e vigor do Estro até ao termo da sua longa vida. Citaremos em abono desta assersão o seguinte Soneto em que a Authora finge que entrando em uma Igreja certa Dama só com o fim de ser vista, e louvada de todos, chega a uma sepultura de outra Dama, e hindo lér o epithaphio, acha em logar delle, este

SONETO.

Oh Tu, que com enganos divertida
Vives do que has de ser tão descuidada,
Aprende aqui lições de escarmentada,
Ostentarás acções de prevenida.

Considera que em terra convertida
Jaz aqui a belleza mais louvada,
E que tudo o da vida he pô, he nada,
E que menos que nada he tua vida.

Considera que a Morte rigorosa
Não respeita belleza, nem juizo,
E que sendo tão certa he duvidosa.

Deste Tumulo pois admitte o Aviso,
E vive do teu fim mais cuidada,
Pois sabes que o teu fim he tão preciso.

Tambem pôde contar-se entre os seus bons Sonetos moraes este sobre o temor da morte repentina.

SONETO.

Temer que se execute huma Sentença
A todo o Humano Ser notificada,
Acção he natural, mas bem fundada
Na conta de huma offensa, e outra offensa.

Imaginar que he qualquer doença
Precursora da morte decretada,
Que muito, si talvez dissimulada
Vem sem aviso, e sempre sem licença!

Cuidem meus temores quem se atreve
A viver sem temor no breve encanto
Da vida, que conhece por tão breve,

E tema eu, Senhor, com justo espanto;
Porque si só não teme quem não deve
Bom he que toma eu pois devo tanto.

E este para servir de epithaphio á sepultura de D. Maria Luiza Michaela de Noronha, Senhora da familia dos Castros, que fallecera na idade de treze annos.

SONETO.

Aqui jaz o exemplar da Formosura,
A esphera superior do Entendimento,
Que se atrevo ás Partes de hum portentoso
A sacrilega mão da Parca dura.

Aqui jaz huma luz, que estando escura
Te mostra por motivo de escarmento
Que o grande de maior merecimento
Cabe em fim na mais breve sepultura.

Mas porque se termine o duvidoso
Aqui jaz, oh confuso caminhante,
Dos Castros hum Luzeiro portentoso,

Que por nascer com luz mais rutilante
 No melhor Oriente Sol formoso,
 Neste Occidente jaz Lua mingoante.

Quasi todas as poesias sagradas de Soror Violante do Ceo sam escriptas em Hespanhol, lingua que ella muito estimava, e em que escrevia com muita facilidade, e pureza, e por esse motivo pouco é o que no presente Ensaio se pôde citar della naquelle genero, e isso mesmo não é talvez o melhor, copiarei com tudo uma Canção, que melhor se intitularia Ode, feita por occasião de um raio que cahio sobre uma cruz, que estava na cerca do Convento dos Capuchinhos da Serra de Cintra, por ella poderá o Leitor avaliar o modo porque a Authora tractava os assumptos de devoção.

CANÇÃO.

Si minha penna fôra
 Das azas de algum Anjo produzida,
 Tanto vôara agora,
 Que da Arvore que o foi da melhor vida,
 Aplaudira o valor com canto excelso,
 Como anhela a razão, pede o successo.

Mas supposto que seja
 Indigna minha penna de tal gloria,
 Quero que o Mundo vêja
 A nova Redempção, nova victoria,
 Que obrou, que conseguiu a Cruz divina
 Na Casa singular, que patrocina.

Naquella altiva Serra,
 Que em Cintra desafia o Firmamento,
 Hum breve Ceo na Terra
 Ostenta a Santidade de hum Convento,
 Tão raro na virtude, e Santidade,
 Como raro tambem na brevidade.

He o titulo delle
 Sancta Cruz, porque á Cruz he dedicado,

Que assiste sempre nelle
 Pois no mesmo Sacrario collocado
 Tem aquelle ditoso, e Sancto Lenho,
 Que foi das nossas almas desempenho.

Na breve cerca deste
Epilogo de excessos portentosos,
 Quiz o pendão celeste
 Obrar tambem excessos amorosos
 Pois da balla terrivel de hum corisco
 Quiz que fosse só seu o alheio risco.

Porque dando temores
 A todo o claro globo huma tormenta,
 Que em raios, e *esplendores,*
 Falsificou cruel alma violenta,
Abortou o vapor que congelado
Ficou em pedra dura transformado.

Não dirigio o tiro
 A' soberba da Serra levantada,
 Senão ao bom retiro
 De hum logar que na cerca limitada,
 Serve, por solitario, de deserto,
 Aos que vam contemplar no amor mais certo.

E sendo frequentado
 De hum, e outro Capucho venturoso,
 Lugar tão retirado
 Principio do Successo milagroso,
 Foi não estar nenhum naquella hora
 Aonde cada qual contempla, e ora.

Com barbara ousadia
 Ao pé da Arvore excelsa cahio logo
 A pedra, que *trazia*
Contra toda a defenza armas de fogo
 Mas oppondo-se a tudo a Cruz divina
 Tomou sobre si só toda a ruina.

Porque quebrando a furia
 A pedra do Corisco na, que tinha

A Cruz, lhe fez injuria
De a partir, sendo de outras tão visinha,
Que de inveja podera desfaze-las
Por serem *pedraria das estrellas.*

Porém como invejosa
Só da Pedra, que tinha a Cruz sagrada
Por ser mais preciosa
Por estar á Cruz santa mais chegada,
Com tal furia a quebrou que fez pedaços
A quem o mesmo Deos teve em seus braços.

Mas, ficando corrida
De atrevimento tal, tal desacato,
A pedra já partida
Escondeo entre outras com recato,
Mostrando envergonhar-se do defeito,
De não guardar á Cruz todo o respeito.

Porém todo guardara
Si quem nella morreo não permittira,
Com piedade rara
Que objecto fosse a Cruz a tanta ira,
Porque nenhuma vida perigasse
E a soberana Cruz mais o imitasse.

Porque como Deos nella
Nossas culpas livrou, nossos tormentos,
Quiz tambem que a Cruz bella
Tomasse sobre si riscos violentos,
Porque se visse bem que na Cruz Santa
Semilhança influio união tanta.

Porém a semilhança,
Que eu acho nesta acção tão parecida,
He que a humana offensa
Pagou Christo, e a Cruz exclarecida,
Por Justos, como já por Peccadores
Finezas ostentou, soffreo rigores.

Oh bemaventurados
Os que adquirir souberam tal fineza

Vivendo retirados
 Em tal imitação, em tal pobreza
 Que do simples por breve portentoso
 He hum penedo só tecto famoso.

Ditosos os que habitam
 Em tão doce prisão, tal soledade,
 Pois viver solicitam
 Na largueza maior da Eternidade,
 E ditoso tambem o Heroe illustre
 Que em tal casa fundou da Terra o lustre.

Oh! multiplique glorias
 A seu ditoso Espirito a Cruz Santa
 Por quem levou victorias
 Que a Fama solemnisa a Terra canta
 Com as quaes imprimio nos mesmos Astros,
 O tymbre dos Noronhas, e dos Castros.

E vós Capuchos Santos
 Que com tanta Oração, tal penitencia
 Ganhaes favores tantos
 Alcançai-me da Eterna Providencia
 Favor para que louve a Cruz divina,
 Que a tão firmes bonanças vos destina.

Pedi ao Rey piedoso,
 Que servis nesse breve Paraiso
 Que de seu Sol glorioso
 Hum atomo conceda ao meu juizo,
 Porque accerte a louvar a Cruz ditosa
 Das almas doce Mãi, de Deos Esposa.

Pedi-lhe que suspenda
 Os castigos, que tenho merecido,
 E que a Cruz me defenda
 Do risco, que, por grande, he tão temido,
 Pois he certo se falta a Soberana
 Que contra o Ceo não val defeza humana.

Soror Violante do Ceo capitula de milagre o cahir um
 raio na cerca dos Capuchos da Serra de Cintra, e não

no Convento, e quebrar a cruz que alli se achava, sem matar ninguem aonde ninguem estava : não discutirei se neste incidente ha, ou não as circumstancias necessarias em boa Theologia para si haver por milagre, o que me parece bastante problematico, limito-me como Critico a observar que o exordio desta Canção é bastantemente lyrico, e até com seus arremedos de Pindarico ; que o fechar com uma deprecação de misericordia para os seus erros, e suspensão do castigo delles é idéa terna, poetica, e Christãa. Que chamar ao Convento da Serra

Epilogo de excessos portentosos,

é puro gongorismo ; que *resplendores* em lugar de *relampagos*, sem mais adjunto, é abusar das palavras prevertendo-lhes a significação, defeito pouco vulgar na Authora, que costuma escrever correctamente a lingua ; que estes versos

Abortou o vapor, que congelado
Ficou em pedra clara transformado

dam fraca idéa dos conhecimentos physicos de quem os escreveo. Que a

pedra, que trazia
Coñtra toda a defeza armas de fogo

e a *pedraria das Estrellas*, sam conceitos affectados, e methaphoras remotas dignos de Marino quando abusa do seu engenho, e que sam verdadeiras manchas desta composição.

Sem embargo dos defeitos de estylo, e de gosto que deturpam as poesias de Soror Violante do Ceo, e que provêm do espirito, e preoccupações, e ruins estudos do seu tempo, não pôde com justiça negar-se que esta Religiosa foi naturalmente Poetisa, que merecia a grande reputação, de que gozou no seu tempo, e poucas Damas teriam feito tanta honra ao nosso Parnaso se houvesse tido a ventura de nascer pelo menos um seculo mais tarde.

Tenho para mim que se um homem de gosto apurado

se desse ao trabalho de extrahir dos dous grossos volumes das Obras de Soror Violante do Ceo, do que se imprimio em Lisboa, e do outro que se publicou fóra do reino aquellas poesias, em que appareceu mais perfeição, e elegancia, poderia fórmr um pequeno volume, que dado á luz, além de ser de muito agradavel leitura, restabelleceria a gloria desta illustre Poetisa, tornando mais conhecidos os fructos do seu engenho verdadeiramente poetico, que não podem brilhar suffocados em uma multidão de composições sem interesse, e o que é peor ainda que pelo estylo vicioso em que estam escriptas, tiram ao Leitor o animo de procura-las entre as trevas do mau gosto, que as obscurecem.

CAPITULO IV.

Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos.

No Bispado de Coimbra, e distando um quarto de legua de Aveiro, existe um Logar, ou Povoação insignificante denominado Verdemilho. Este Logar desconhecido na Historia Politica, e Militar do Reino, omittido em quasi todos os Tractados Geographicos, foi a Patria de Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, de quem vamos tractar neste Capitulo.

Nasceo este Poeta a 15 de Agosto, (dizem outros que a 20,) do anno de 1607. Foram seus Pais Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, e sua mulher D. Jeronyma Moraes de Loureiro, ambos pessoas distinctas da quella terra.

Destinado desde a infancia para a vida da Magistra-

tura recebeu uma educação liberal, e terminados os estudos preparatorios, e atingida a idade propria para isso foi por seus Pais enviado á Cidade de Coimbra, onde seguiu o Curso de Jurisprudencia dando provas de grande applicação, e aproveitamento e mostrando desde então grande propensão para a poesia em que se distinguio por varias composições, que foram muito applaudidas dos seus contemporaneos.

Terminado o Curso Juridico, e alcançado o grau de Bacharel, dirigio-se Barbuda á côrte, aonde depois de lér com grande accitação no Desembargo do Paço, entrou no mister de requerente, verdadeiro Porgatorio dos homens de letras.

Depois de alguns tempos de solicitações, e passos perdidos, conseguiu por fim, a duras penas, ser nomeado Juiz de Fôra de Caminha, e depois Ouvidor de Valença, e Provedor de Lamego. Consta que nos exercicios destes logares de letras se fizera notavel pelo exacto desempenho dos seus deveres, actividade, desinteresse, boa intelligencia, e outras prendas, que formam o caracter de um Magistrado digno deste nome.

A' cultura das sciencias, e da poesia juntava Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos uma grande pericia nos exercicios equestres, a ponto de passar por um dos melhores, e insignes Cavalleiros do seu seculo, procurando com grande paixão os mais bellos corseis que dirigia, e governava com grande facilidade, e arte primorosa.

Todas estas prendas, e sobre tudo a amenidade de seu caracter, e suas manciras polidas, e cortezãas o tornaram agradável, e bemquisto dos fidalgos mais distinctos da côrte, e muito amado dos melhores Poetas contemporaneos com quem familiarmente vivia; no numero dos seus admiradores tem um distincto logar a célebre Poetisa Soror Violante do Ceo, Religiosa do Convento da Rosa de Lisboa, que algumas vezes o celebrou nos seus versos.

Umaz vezes em Lisboa na companhia dos seus amigos, outras vezes nas Provincias desempenhando os logares de Magistratura para que era nomeado, e sempre occupado no cultivo da poesia, produzindo uma admiravel

quantidade de versos, que abonavam a inexaurível fecundidade do seu estro, passava Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos a sua existencia, sempre tranquilla, mas nunca occiosa.

Havia nos seus ultimos tempos emprehendido a composição de um Poema Epico sobre os successos das Armas Portuguezas desde o dia da faustissima acclamação d'El-Rey D. João IV. até ao seu tempo: não pôde porém levar ao cabo esta empreza patriotica, porque a morte o embarçou truncando o fio da sua existencia aos 30 de Março de 1670, quando apenas contava sessenta e sete annos de idade, e foi sepultado na Igreja Parochial de Nossa Senhora dos Arados.

As suas poesias foram, como já dissemos numerosas, porém dellas sómente viram a luz publica o Poema *Virginidos*, impresso em Lisboa na Officina de Diogo Soares de Bulhões, e uma Sylva Panegirica ao nascimento da Princeza, filha do Principe D. Pedro, Lisboa na Typographia de Antonio Craasbek. Ambas estas Obras sam em formato de 4.º e tem a data de 1667.

As Obras que consta haver deixado manuscriptas sam as seguintes.

Rymas Sacras.

Rymas Humanas.

Poemas Funebres.

E o já acima mencionado Poema da Acclamação, que deixou por acabar.

Si rica, e ardente imaginação, invenção fertil, muita facilidade de compôr, linguagem elegante, e correctá, muito saber, e versificação facil, corrente, e harmoniosa bastassem para formar um grande Poeta Epico, o Doutor Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos teria sido um dos primeiros Epicos não só de Portugal, mas da Europa, porém a natureza que tantos dotes lhe havia prodigamente outhorgado, negou-lhe um, sem o qual todos os outros valem mui pouco, se alguma cousa valem, pelo menos na alta poesia, isto é aquelle tacto fino, e delicado, que nos dirige na escolha dos objectos, nos ministra o sentimento do verdadeiro bello, nos ensina a bem dispôr, e coordenar as differentes partes de um todo, e sobre tudo a dizer só o que se deye dizer, e do modo

mais proprio, e conveniente. Este dote tão raro, tão essencial e que se chama Bom Gosto, faltou inteiramente a Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos e o seu *Virginidos* é uma prova evidente do que deixamos dicto.

Este Poema, propriamente fallando nem é Epico, nem Heroico, mas simplesmente Historico, pois o seu assumpto é a vida da Virgem desde o seu nascimento até á sua morte. Posto que os modernos tenham composto grande número de Poemas Historicos, não sam elles de invenção moderna, porque na Grecia existiram alguns como a *Adrastida*, a *Heracleida*, a *Thescida*, e outros que se encontram mencionados nos seus Escriptores, e entre os Romanos devem ser considerados como taes a *Pharsalia* de Lucano, a *Guerra Punica* de Silio Italico, e a *Achilleida* de Estacio.

Alguns Criticos tem pertendido riscar esta Obra da lista dos Poemas. Eu não posso ser tão severo; primeiro, porque não ousa desbaptisar do nome de Poetas a muitos homens que na verdade o sam, e grandes; segundo, porque confessando que taes Poemas sam com effeito de especie secundaria, que carecem fabula dramatica, e de unidade, nem por isso deixam de ter certo grau de merecimento pelas descripções, os episodios, o maravilhoso, a pintura dos caracteres, expressão de affectos, pela poesia de estylo, e a belleza da versificação. Deixamos por ventura de admirar as excellentes produções dramaticas de Calderon, de Lope de Vega, de Shakespeare, de Schiller, e de Wernes, porque não estão compostas conforme a practica dos Gregos, e as regras de Aristoteles?

Não farei pois grande censura a Barbuda por haver escolhido para assumpto de um Poema a Biographia da Virgem; mas de que a sua imaginação desregrada, e intemperante o levasse a dar-lhe uma estenção demasiada; de que o seu gosto corrompido o fizesse cabir em todos os desvarios do estylo gongoristico, derramando com mão prodiga as metaphoras violentas, e mal fundadas, os conceitos falsos, as argucias, os trocadilhos, e jogos de palavras, e isto com um excesso insuportavel.

Outro defeito, e não menor é não só a falta de colorido local, e da observancia dos costumes da nação, e

do seculo, em que se passa a acção, mas a introdução de costumes, idéas, e expressões inteiramente modernas e inadmissiveis nas pessoas, a quem elle as presta; sirva de exemplo o que S. José diz á Virgem no Canto VI.

N'hum sonho, sendo eu pobre tão indino,
 Que tive junto de huma fonte fria,
 Se servio revelar-me o Ceo benino
 Vosso virginal voto, alta Maria;
 E porque eu consagrado ao Ceo divino,
 A mesma virginal pureza havia,
 Vendo que me fazia tão ditoso,
 Que da que Escravo sou seria Esposo.

Graças lhe dei por vêr que se me ordena
 Sendo eu tão incapaz, oh Virgem pura,
 Que viva unido a vós qual á Açucena
 Se une o branco Jasmin entre a verdura:
 Pois sois gloria dos Ceos não vos dê pena
 Vêr que casada estais, que a formosura
 Da vossa Virgindade incomparada,
 Foi logo em seu principio eternisada.

Viviremos, purissima Maria,
 Como os Anjos no Ceo! nossos amores
 Serão quaes os que tem co'a luz o Dia,
 Ou quaes as Flores tem co'as outras flores,
 Vós sereis meu amor, minha alegria,
 Eu serei vossa pena, e vossas dôres,
 Que vendo que servir-vos bem não posso
 Quando fordes meu bem, serei mal vosso.

Mas sempre com vontade, e alma prompta,
 Vos saberei servir como captivo,
 Eu serei por indigno vossa affronta,
 Vós por prenda do Ceo meu garbo altivo;
 Sempre extremos farei por vossa conta,
 Por vos servir morrendo em quanto vivo,
 E com victimas d'alma, e da vontade
 A ara frequentarei dessa Deidade.

Rico nasci, e rico fui criado,
 E de muitos tambem já fui servido,
 E si Officio aprendi, he estylo usado
 Ter todo o nobre algum que haja aprendido;
 Para que se de algum molesto estado
 Molestado se vir, e perseguido,
 Desfarce a qualidade em terra alheia,
 C'o officio com que a falta remedeia.

Nada mais duvidoso do que esta supposição do Author, e que naturalmente se deve aos Frades, pois nenhum Escriptor de authoridade a tem abonado até aqui.

Este de meus Parentes foi o intento,
 Quando officio quizeram que aprendesse,
 Mas depois que aprendi, meu pensamento
 He querer delle usar, si vos parece;
 Por elle ganharei nosso sustento,
 Que a Humildade me inclina, e me offerece,
 Esta sorte de vida, que me agrada,
 Por ser por Deos, e não por mim tomada.

Mas, ou porque do Ceo se me inspirasse,
 Ou por eu entender que assim convinha,
 Porque pobre por Deos rico me achasse,
 D'antes a pobres dei a Herança minha:
 Bem sei que sois Morgado, e vos ficasse
 Muitos maiores bens do que os que tinha,
 Mas espero de vós que esta riqueza
 Tambem depositemos na pobreza.

Não direi nada da extravagancia das idéas de cultismo, de que se acha eivada esta falla; porque é esse o estylo habitual do Poeta; mas não será um absurdo, um anacronismo insupportavel o dizer a destinada Mãe do Messias « *bem sei que sois Morgado.* » Pois já na Judea, e no reinado de Herodes existiam Morgados? E é um Jurisconsulto que sabe com este disparate, e não sabe que os Morgados sam uma Instituição Feudal, introduzida na Europa pelos Barbaros do Norte, que a invadiram, plantando nella as suas leis, e as suas usanças?

A lembrança de despojar-se de todo o seu patrimonio, repartindo-o pelos pobres, nem é do tempo, nem se acha consignada na lei de Moysés, e seria muito estranho encontra-la na boca da Virgem, se não fosse ainda mais estranha a phrase affectada de que ella a reveste.

- Ser pobre para nós he mór riqueza,
 Que por Deos a pobreza não desdoura,
 E para sustentar a Natureza
 Meu thesouro será minha thesoura;
 Embarcados na nau da pobreza,
 Para á India passar, que outro Sol doura,
 A Linha passaremos pela linha,
 E Agulha de marear farei da minha!

Vio-se já uma infada de despauterios semelhante? *A thesoura que hade ser thesouro, a pobreza que he Nau para passar á India, passar a Linha pela linha, a agulha de coser, que hade ser agulha de marear!* Conheciam acaso os Hebreos a India? Conheciam a linha Equinocial, elles que eram a nação menos navegadora do mundo? E sobre tudo conheciam a agulha de marear, ignorada dos Egypcios, dos Gregos, dos Finicios, Carthaginezes, e Romanos, as primeiras nações maritimas da antiguidade, porque esse instrumento nautico inda não existia, nem existio muitos seculos depois! Pena foi que não lembrasse ao Poeta o Astrolabio, o Nocturnabio, a Barquinha, as Chartas Hydrographicas, porque com estes instrumentos poderia enriquecer o seu Poema com outra Estancia, tão sublime, ou tão ridicula como esta.

A imaginação desregrada, e extravagante de Barbuda o leva muita vez a precipitar-se em ficções monstruosas: nesta conta tenho eu a descripção das festas com que se festeja no Ceo o nascimento da Virgem.

E si em festas na terra arde este dia,
 E o Mundo delirava de contente,
 Tambem em festa varia o Ceo ardia
 De invenção nova, e traça diferente;
 Que em descantes, em Bailes, e harmonias
 Os Cidadãos do Ceo, divina Gente,

Se occupam festivaes, com summo gozo,
Por vêr no Mundo hum dia tão ditoso.

E além das festas mais que lá faziam,
Por dentro desses Ceos seus Moradores,
Duas Quadrilhas delles se desciam,
A's nuvens por mostrarem seus primores ;
Os Cavallos do Sol, que em ouro ardiam,
Nos jaezes gentís, alarãas côres,
A destro vam, porém vibrando luzes,
Parecem, sendo Ethereos, Andaluzes.

E em quadrupedes Cisnes arrogantes,
Com paramentos de ouro ajaezados,
Que de perlas, rubis, e de diamantes
Levam Caparações todos broslados :
Pelas praças do Ceo sahem brilhantes
Os gentís Cavalleiros, adornados
De Marlotas tão reaes, que cêga o vê-las
Borriçadas d'Aljofres, e de Estrellas.

Cisnes quadrupedes, por cavallos brancos como cisnes, não é uma methaphora bem formada? E os cavallos celestes, com seus cavalleiros vestidos á Mourisca, com suas marlotas reaes, não constituem uma invenção bem discreta, e bem Theologica? Prosigamos, e veremos mais novidades.

E entrando nas palestras Soberanas,
De diaphanas télas adornadas,
Jogam airosamente alegres cannas,
Que dos raios do Sol foram cortadas,
Das Cannas na batalha, e não de Cannas,
Só jaculam pacificas lançadas,
E porque fique o jogo mais notorio,
Desta sorte o admira o Auditorio.

Entram no campo azul, fazendo aggravos,
C'os reflexos da gala ao Sol luzente,
E ao passear do campo os brutos bravos,
Quebrando as silhas vam com brie ardente ;

Das flôres, que pisando vam c'os cravos,
 Parece, levantando airosamente,
 Que ás ventas levar querem seus odores,
 Que nas mãos entre os Cravos prendem flôres.

Depois de passear os Campos vastos,
 Com donaire cortez, lustroso agrado,
 De ouro a dous pinhos chegam, que por mastos
 De pendões se corôam de brocados;
 E mais raros que densos, ou que bastos,
 Por arte equestre em modo compassado,
 Voltando em dobre fio, em ouro ardendo,
 Pelas praças do Ceo vôam correndo.

Desta arte, com decentes intervallos,
 Param entre outros dous mastos oppostos,
 Cujos pendões dos olhos sam regallos,
 Que de ouro, e branca téla estam compostos;
 Sam Argos Cavalleiros, e Cavallos,
 Que do Ethereo Auditorio os olhos postos,
 Em si levam na gala, e nos arreios,
 Porque ha Argos tambem d'olhos alheios.

Lá, firmando os riquissimos turbantes,
 D'Anta nos corações pegão gozosos,
 E cobertos de Cifras elegantes
 Do coração no braço os põem briosos;
 D'ouro as cannas, que tem nós de diamantes
 Brandem co'a dextra mão destros, e airosos,
 Logo medindo o campo de Zaphyra
 O jogo principiar querem que admira.

Sahe o primeiro Angelico Garçote,
 Arremeçando o Cisne (em vôo, e côres)
 Que ao som da trombeta, e do Fagote
 Toca n'hum só tropel quatro tambores;
 Parte a todo o correr, quebra de trote,
 Mas em partindo o Campo ao ar de flôres,
 Dispara a lança d'ouro antes que ao Pombo
 O vôo torça, a quem opprime o lombo.

Já do posto sabindo, e endereçando
 Outro a canna, e o cavallo á redêa solta,
 O fingido Inimigo vai buscando,
 Que ao tempo que elle parte já se volta;
 Parece, que a lição sua tomando,
 O contrario o Ginete alegre solta,
 Despede a canna, o outro a adarga apara,
 Volta estoutro, outro tira, elle repara.

Si galhardo, e airoso este acommette,
 Tambem repara o outro o tiro airoso,
 Si hum o Ginete bate, outro o Ginete
 Quebra pelo reparo usar lustroso;
 Do reparo, e do tiro o ar compete,
 Nas quadrilhas gentis, que em metro gozo
 Enchem de aureos Cometas rutilantes
 O Ceo, feitos no Curso Astros errantes.

E c'humas destras voltas rematando
 O grave jogo, a equestre companhia,
 O Hypodromo no fim já vam buscando
 Para o vôo passar com bizzarria;
 A carreira em parellas disparando,
 Vôava cada bruto, e não corria,
 E no fim cada qual quando parava
 De cortez as cadeiras arrastrava.

Si Dedalo presente ali se achara,
 Vendo obrar taes ambages, e rodeos,
 De Creta o Labyrintho fabricara
 Com giros mais preplexos, mais enleos,
 O fio d'Ariadena o não livrara,
 Nem mostrara a Theseo de sahir meos,
 Que os dous fios, sem fio, só acertaram
 Em tornar a sahir por onde entraram.

Posto fim a este jogo, ao mesmo instante,
 Pende de hum cordão de ouro peregrino,
 De cristal huma Cyfra rutilante
 Para annel ser em dedos d'ouro fino;
 Hasteas de ouro com pontas de diamante

Empunha logo o conclave divino,
 Para se repetir Bellorophonte
 Em Pégasos de luz no Ethereo monte.

Não mudam de Cavallo os sublimados
 Cavalleiros do Ceo, por quanto acharam,
 Que outros não pôde haver nem mais domados,
 Nem mais galhardos, que estes, que occuparam;
 De Neptuno, e Ocyroe que transformados
 Hum em Cavallo, em Egoa outra se olharam,
 Pareciam gerados, que parecem
 Que de Deoses Cavallos procedessem.

Eis que só o tropel quadrupedante
 Imitando o trovão, que o raio lança,
 Qual Cometa ligeiro ao mesmo instante
 Da argola o vão occupa a dextra lança,
 Que rompe os vãos espaços de diamante,
 A canora trombeta, a sorte alcança,
 E tantas se repetem com tal gala
 Que a tuba sempre sôa, e nunca calla.

Pifaros doces, bellicas trombetas,
 Que ligitimos sam, si ellas bastardas,
 Desluzindo a Buzina dos Planetas
 Tipples a charamellas dam galhardas;
 C'os sons dos Cascaveis, que estes Cometas,
 Que côres brancas tem com caudas pardas,
 Vam fazendo no curso accelerado,
 Vam os 'mais sons em modo concordado.

Que estylo! E é possível que semelhantes geringonças
 se chamassem poesia, e fossem muito admiradas, e ap-
 plaudidas no tempo do Author! A que estado havia che-
 gado a corrupção do gosto!

Logo, por variar, cessa a sortilha,
 E a jogar alcanzias se endereçam,
 Até de Ceres loura a negra Filha
 Dar fim aos novos jogos, que começam,
 E bizzarros jogando a maravilha,

Cristalinas redomas se arremeçam,
Que nas adargas fulgidas batendo
Se despedação graça, e odor vertendo.

Nestes jogos a Terra, e o Ceo contentes
O dia todo gastam festejando,
Com obsequios, e applausos differentes
Dia tão venturoso celebrando ;
Até que em luminarias refulgentes
As ameyas celestes fulgurando,
O Ceo para outras festas principia
Com a vinda da noite hum novo dia.

Que tanto que banhara Phebo louro
Os Cavallos em purpura rasgados,
Nas ondas de Zaphir, e os raios d'ouro
Em cofres de cristal teve fechados,
A roubar-lhe Diana este thesouro
Dos montes de Zaphir, de prata aos prados,
Dece com suas Damas disfarçadas
Com gazuas nas mãos de ouro formadas.

Quem presumio nunca encontrar *gazuas* em um Poema Epico.

E chegando aos Palacios Neptuninos,
Onde Delio de noite se escondia,
E vendo que em retretes cristalinos
Nos Palacios de Thetis já dormia ;
Abrindo os aureos cofres peregrinos,
Roubaram para a noite a luz do Dia,
E logo, remontando-se ás Estrellas,
De ouro, que furtou, partio com ellas.

Sahe o noctuno Sol substituindo
A Phebo, com seus raios singulares,
E com frechas de luz o mar ferindo,
De prata borda a Terra, e de ouro os mares ;
As Estrellas, que ás Festas vam sahindo,
Desconhecendo a noite, e seus Luares

Crêm que de noite não, mas que de dia
Brilham dessa celeste galaria.

Logo em festas de ouro o Ceo se esmera
Tanto que a Lua sahe, e o Sol se esconde,
E dos Ceos, feita a Noite Primavera,
No prado azul com flôres corresponde ;
E apparecendo vem pela alta Esphera
Nobre Cavallaria Etheria, aonde
Nos ricos Cavalleiros, e Cavallos
Para a vista se expõem novos regallos.

E ardendo em luminarias cristalinas
O Ceo por celebrar festa tão rara,
As Equestres Quadrilhas peregrinas
Lume trazem tambem na mão preclara,
Que de tochas de prata, e luzes finas
Encamizada rica se prepara,
Nessas lucidas Praças de Zaphyra,
Com tanta gala, e luz que o Orbe admira.

E passeando vam as nobres ruas,
Que adornadas estam de ricas télas,
As tochas Soes parecem, e as mãos suas
De vivos raios cinco estrellas bellas ;
As quadrilhas, que sam mil, e não duas,
A vêr sahem das fulgidas janellas,
Seraphins a milhões ardendo em chammas,
Qual quem quer emular na Terra as Damas.

Nas marlotas azues, ricos turbantes,
Ardendo vem a Etherea Companhia,
Que nos bordados de ouro, e nos diamantes
Em reflexos de luz a gala ardia :
Phenix em pyras lucidas, brilhantes,
Cada qual dos Garçotes parecia,
E os Cavallos cobertos de escarlata
Ardendo em giroes vem d'ouro, e de prata.

Passam lindas Parelhas atroando
Varias tubas os liquidos Districtos,

**E c'o tropel dos Cisnes concordando,
O som, e estrondo faz sons inauditos ;
Desta maneira alegres festejando
Ostentam luzimentos infinitos,
Apeam-se e começam novos jogos,
De invenção diferente, e varios fogos.**

**Já disparam mil lumes scintillantes,
Que para a Terra o Ceo chove Foguetes,
Destes servem gentis Astros errantes,
Que se arrojam dos liquidos retretes ;
Ah como para o olfato vem fragantes,
Accezos em aromas sam pivetes,
Nos estalos que dam chegando á Terra
Arcabuzes de paz se expõem na guerra.**

Admittindo como o Author, e os seus contemporaneos admittiam, que o Ceo era um Firmamento de cristal, que circumdava todo o espaço, e abaixo do qual giravam todos os Astros, segue-se por conclusão que os foguetes, que de lá se dirigiam á terra, eram de natureza contraria aos que se fabricam no nosso globo, visto que aquelles desciam, e estes sobem.

**Os Anjos, e Donzellas peregrinas,
Que assistiam na Terra á Flôr vivente,
Occupados em Musicas divinas
As festas vendo estam do Ceo luzente ;
Os Pastores, que habitam nas campinas,
De Nazareth no prado florescente,
Em Bailes, e Folias occupados
Estam d'applausos tantos admirados.**

**Como vêm, que os foguetes se suspendem,
De fogo em rodas vêm, que o Ceo fulgura,
Que ou do Carro de Elias ser pertendem,
Ou dos eixos do Ceo sam por ventura ;
N'outra parte do Ceo serpes se accendem,
Que ardem do Etherio fogo em chamma pura,
Que Hieroglyphico sam do fogo ardente,
Em que arde lá do Inferno a vil serpente.**

Andando estam em flammæ superiores
 Arvores, que de fogo se formaram,
 As folhas de que se ornãsam fulgores,
 Linguas de fogo as flôres que brotavam ;
 Nestas Plantas, de tantos resplendores,
 Os Anjos pôde ser que annunciavam
 Quê de Eva a planta escura, o pomo della
 Em plantas se trocou de luz tão bella.

Neste episodio não faltam rasgos poeticos, e algumas Estancias bem fabricadas; mas ainda que elle fosse todo escripto com a elegancia, e pureza do Metastasio, ou de Luiz de Camões, sempre peccaria por demasiada estensão; porém não é o estylo defeituoso o que mais deve censurar-se aqui, porém as idéas, e as invenções. Que Ceo é este, que á semilhança das nossas Cidades tem ruas, praças, casas onde moram os Seraphins, que chegam á janella para vêrem o que se passa, onde os Anjos vestidos á sarracena com turbantes, e marlotas, tem cavallos em que montam para jogar cannas, e um hypodromo para disputar a carreira dos carros, jogar a argolinha, as alcanzias, presentando o quadro fiel dos arraiaes das nossas feiras? E as luminarias, os foguetes, e o fogo de vistas não sam invenções mui felizes? E tudo isto, e as encamisadas de tochas na mão deviam fazer grande effeito na morada da Luz Eterna? Nem se me diga que o Poeta finge isto de noite, porque mesmo admittindo que no Ceo haja noite, o Poeta na Estancia setenta e sete teve o cuidado de avisar-nos que Diana com as suas Nymphas havia descido ao Paço de Neptuno, forçado com gazuas os cofres, onde Phebo a havia guardado

Roubaram para a noite a luz do dia,

o que quer dizer, que o Ceo naquella noite estava tão claro como de dia, donde se evidencia, que as tochas, as luminarias, os foguetes, e o fogo de artificio não podia servir para cousa nenhuma, porque para brilhar em necessitam da escuridade da noite.

E não será necessario ser absolutamente desprovido de gosto para achar estas festas convenientes no Ceo, e

dignas dos Anjos estas occupações? Não poderá affoutamente dizer-se, que estas ficções sam além de absurdas, monstruosas, e mais proprias do Hospital de Rilhafolles, que do Parnaso? E com tudo estes desconchavos não brotaram da mente de um doudo, mas de um homem de grande talento, que tinha os principaes dotes de grande Poeta, e que sem dúvida o seria se tivesse tido a fortuna de nascer um seculo antes, ou um seculo depois do reinado dos Filippes; porque então não haveria gasto, e malogrado em volteios, equilibrios, e habilidades de Volantim as forças de Alcides com que o tinha brindado a natureza.

Guiado então por melhores estudos, e pelos Poetas da antiguidade, typos eternos do bello ideal, elle seguindo, e imitando a natureza, verdadeira mestra das artes, em vez de sepultar o fulgor do seu genio nas trevas do Culteranismo, de perder-se nos labyrinthos dos conceitos, e argucias ridiculas, aprenderia a usar de uma linguagem clara, e elegante, de um estylo sublime sem affectação; a sua phantasia regulada sempre pelo bom senso, não correria precipitada e sem freio pelo paiz das chymeras, e das extravagancias. Daria uma fórmula mais regular ao seu Poema, descarregando-o de tantas inutilidades, que não servem se não de alonga-lo, sem lhe dar maior realce, affogando, e não deixando brilhar as bellezas, que nelle se encontram. Deixemos porém o que elle poderia ser, e mostremos o que foi.

No Canto I. descreve elle o combate dos Anjos fieis commandado pelo Archanjo Miguel, e dos Anjos reprobos guiados por Lucifer. A victoria em breve é declarada pelos Campeões do Altissimo, e seus inimigos despenhados nos Infernos; eis aqui a pintura da sua quéda atravez dos Orbes, que não é destituida de grandiosidade poetica, ao menos se attendermos ao tempo, em que o Poeta escreveu.

Qual chuveiro geral, ou pasto aquoso
Dos Ceos, que a huma nuvem reduzido,
Dos ares precipita hum mar chuvoso,
Sobe á terra em diluvios desparzido;
Tal, infestando o Ar, que de formoso

Ficou com taes chuveiros denegridos,
Do Ceo cahindo vem precipitados
Os Estigios Dragões, Anjos damnados.

O setimo verso desta Estança faz-se notavel pela harmonia imitativa, o seu instincto de Poeta faz, sem procura-lo, deparar muitas vezes esta belleza.

Já do Empyrio quadrado, e Ala divina,
Palacio do Monarcha Omnipotente,
Sibilando a Serpente mais malina,
Cercado cae de innumera serpente ;
Já chega, e passa em misera ruina
O decimo cristal, roda luzente,
Que por mobil primeiro, em doce accento,
Faz com que os Orbes mais tem movimento.

Já ao noveno Ceo, que o cristalino
Por suas claras lymphas foi chamado,
Chega o Monstro infernal, Drago mafino,
E suas claras ondas passa a nado ;
Já na praia de conchas de ouro fino
Matisada, a aportar chega obstinado,
No firmamento digo, onde gemendo
Pára hum pouco, primor tão raro vendo.

Ali depara em tanta luz diversa,
Tão fino esmalte, e lucidos fulgores,-
E em campina de luz brilhante, e tersa
Nota equivocação d'Astros, e Flóres ;
No Zodiaco a vista põem preversa,
E a doze Signos vendo superiores,
Que de Animaes diversos tem figura,
Brama, vendo Animaes ter tal ventura.

Estes (diz para os seus) Brutos luzentes,
De malhas d'ouro fino variados,
Vivem no Ceo em fórmás diferentes,
E nós nos vamos d'elle desterrados ;
Mais Brutos fomos que elles, pois contentes,
Adornados de graças, e adornados

Do mais bello fulgor o Ceo logramos,
E por mais Brutos nelle não ficamos.

Mas logo, continuando o precipicio,
O Firmamento deixam sublimado,
E dos sete Planetas o exercicio
Notando vem, no curso acelerado,
Vêem no setimo Ceo, em grave officio,
A Saturno de influxos infestado,
Com que á vida costuma fazer guerra,
Noventa e huma vez maior que a Terra.

Logo saltam no Globo, que domina
Jupiter, falso Deos, feliz Planeta,
Cuja influencia causa por benina,
Que Deidade o Gentio lhe prometa,
Com vista a Multidão tórva, e malina
Para elle olha por vêr Deos lhe cometta
Influxo tão suave, e tão clemente,
Tão contrario dest'outro antecedente.

Já ao quinto Zaphir, que ao rubicundo
Marte com influencia occupa varia,
Vem descendo, bramando o furibundo,
Lucifer, e Caterva a Deos contraria,
Guerras nota, que influe cá no Mundo
Esta brava, e sanguinea Luminaria,
Por este effeito em vê-la se alegrara,
Si talvez bons effeitos não causara.

Logo no quarto Ceo, throno divino
Do Deos do metro, e Rey das Luzes bellas,
Que ardendo em lavaredas de ouro fino,
Nellas se queima, e não se abraza nellas,
Salta em fogo ardendo, e desatino,
O que antes de tão miseras procellas,
Lucifer, como o Sol estava feito,
Por que Sol foi creado em nome, e effeito.

Logo ao Terceiro Ceo, e rico quarto,
Da Deidade, que Estrella se avalia,

Que das ondas maritimas por pacto
 Inda a Gentilidade a ter viria,
 Cercado de Escorpiões chega o Lagarto,
 Que de pintas de fogo se cobria,
 E vendo que perdera igual belleza,
 Mais se embravece, e enche de tristeza.

Já dá sobre Mercurio, que o segundo
 Ceo illustra de raios adornado,
 Que com branda influencia influe no Mundo
 Por Planeta sagaz bem inclinado,
 Logo o primeiro Ceo, Reyno jocundo
 Do mudavel Planeta não mudado,
 Que em tanta variedade firme assiste,
 Com seus sequazes passa Lusbel triste.

Já das nuvens, diaphanos Outeiros,
 Cahindo c'huma horrifica procella
 Abre-se a Terra, e os rubidos Cerbeiros,
 Buscando o centro vam nos baixos della,
 De sua superficie aos derradeiros
 Abysmos infernaes, se nos revella,
 Que de mil, e duas legoas quèda deram,
 Que do Mundo ao Inferno tantas heram.

E' certo que este quadro está muito distante do que Milton traçou dos Anjos Rebeldes fugindo do raio vibrado pelo Messias até ás extremidades do Ceo, e recuando espavoridos á vista do abysmo, onde o terror que os segue, apesar disso, os obriga a precipitar-se como procurando um refugio contra a ira do vencedor: Barbuda não tinha azas para vôar tão alto como o Cantor do Eder, mas por isso este trecho não deixa de ter algum merecimento.

Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos fez uma pintura do Inferno, que só differe das outras, que deixaram os nossos Epicos, em uma idéa, que mostra o seu talento poetico, e que escapou ao proprio Milton, tão energico, e tão fecundo na descripção dos dominios de Lucifer. O Inferno de Milton é o perfeito exemplar de uma Monarchia, em que todos obedecem ao Rei concor-

des, e submissos, e cumprem sem reluctancia as suas ordens, e abundam todos no seu sentimento. O proprio Milton compara o seu Inferno á Republica das Abelhas. Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos julgou bem que a paz, e a concordia não podia existir naquelle logar dos supplicios eternos, e que os Anjos condemnados deviam estar discordes entre si, e invectivar-se uns aos outros, e fazer-se reciprocas reconvenções, e a prova de que este pensamento é tão theologico como poetico, é que foi depois adoptado, e aperfeiçoado por Klopstock na sua *Messida*, onde nos apresenta Adramelek, aborrecendo, e invectivando Satan, o primeiro por inveja do seu poder, e o segundo porque nos seus remorsos o accusa como motor da sua perdicção.

Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, no Canto IV. do *Virginidos*, finge que um Anjo desce ao Limbo, onde descansam as Almas dos Patriarchas, e noticia a Adão o nascimento da Mãe do Messias, e por consequencia a proximidade da Redempção, que deve abrir-lhe as portas daquelles carceres para serem transportados ao Ceo.

Esta noticia enche de alegria as almas daquelles Santos Varões, e David, tomando a sua Harpa, entõa um hymno em acção de graças; todo este episodio é proprio do assumpto, e muito bem executado, mas esta alegria dos Patriarchas desagrada muito a Lusbel, e a seus sequazes, como era de bem esperar.

E vendo, que no Reyno da tristeza,
Os Espiritos bons estam contentes,
De inveja vil ardendo em furia acceza
Bramavam as horrificas Serpentes;
E cheias de veneno, e de fereza
Mil faiscas por lagrimas ardentes
Dos olhos despediram, lamentando,
Quando as Almas no Limbo estam cantando.

Porque sabendo a causa, e os motivos,
Vendo que o sceptro seu se lhe prostrava,
C'os impulsos da Inveja mais nocivos
Lamentavam sua dôr iniqua, e brava;

Lucifer, dando em si golpes esquivos,
Qual outro Erésicthus se espedaçava,
Que em novos alaridos, vivo pranto,
Se confundia o Reyno lá de espanto.

E, mandando callar na gruta Averna
As serpes mais os silves lacrimantes,
Lamentando sua magoa, e dôr moderna,
Assim diz para os Monstros circumstantes :
Incolas desta misera caverna,
Que ardeis ha tanto em flammæ crepitantes,
Sabei, que por mais dôr, mal mais interno,
Hoje o Ceo nos duplica o duro Inferno.

He nascida a Mulher valente, e forte,
Que para degolar-nos nasceria,
Que por nossa infeliz, e infausta sorte
Nasceo ou nesta noite, ou neste dia ;
Esta he que hade matar a mesma morte,
Esta a que a toda a Averna, e triste Harpia
Hade calcâr o collo, e a garganta
Minha, me hade pisar com dura Planta.

A Virgem não nasceo para degular os Demonios, aliás
não teriam tanto que fazer os exercitos ; nem para ma-
tar a morte, pois que ella existe, e todos os dias faz
tantos estragos por meio das suas ministras a apoplexia,
a peste, a cholera morbus, e a febre amarella. Nasceo
para pisar o collo da serpente infernal, dando á luz o
Mediador, que vinha remir-nos do jugo do peccado ori-
ginal, e abrir-nos as portas do Paraiso.

Esta he aquella Inimíga tão valente,
Aquella Mulher, digo, por quem disse
Deos, que entre ella poria, e a Serpente
Eterna inimisade, odio infelice ;
Que si a huma enganou astutamente,
Porque o Mundo chorasse, o Inferno risse,
Outra a vingá-la vem do Reyno Etherio,
Porque eu perca o Empyrio, e mais o Imperio.

Por isso esses festejam, que encerrados
 Nesse Cárcere estão, deste distincto,
 Porque por meio della libertados
 Serão do tenebroso Labyrintho;
 Mas ai! que para nós são tristes fados
 O que para elles ser venturas sinto,
 Por isso cá no abysmo, e inferno ardente
 Huns cantam, e outros choram juntamente.

Nove mezes a amante vergonhosa,
 Que de Lalmo hum Pastor tem por amante,
 Se fez na sobrançelha da formosa,
 E outras tantas no rosto de diamante;
 Depois que temo sorte tão damnosa,
 Depois que ando de magoa delirante,
 Que em sua Conceição como a vi pura,
 Logo chorei do Inferno a desventura.

Pois chorai tristemente hoje comigo,
 Por tal desgraça, perda, e tal ruina,
 Chorai tão novo, e aspero castigo,
 Chorai, chorai tão misera moína!
 Acabou de fallar o Monstro imigo,
 Que fogo pela boca, e voz fulmiua,
 E logo em alaridos temerosos
 Rompem de novo os Dragos venenosos.

Depois que grande espaço lamentaram,
 Com horrisonas vozes seus pesares,
 E pelos igneos olhos derramaram
 Phlegitontes em fogo, Ethas em mares:
 Tanto que os alaridos abrandaram
 D'hum logar eminente aos baixos lares,
 Lançando horrida voz, suspiros summos
 Da lingua inflammações, dos olhos fumos.

**De metal sobre hum Polro duro, e ardente
 Qual o Bruto que Phalans inventa,
 Onde Lusbel a todo o delinquente
 Com tractos mais horrendos atormenta;
 Montado já Asmodeo, porque eminente**

Fique á Turba Tartaria, que lamenta,
Grita para Lúsbel com furor novo
Que lhe mande callar do Erebo o Povo.

Lucifer, por saber o qué queria
Asmodeo refetir, com voz chorosa
Callar manda a Tartarea companhia,
Que obedece á voz triste, e temetosa;
Logo Asmodeo, que mais em furia ardia
Que na flamma, que o cerca impetuosa,
Desta arte solta a voz, que lhe interrompe
Talvez o pranto, em que se inflamma, e rompe.

De que te queixas, dize, oh Lúsbel triste?
De ti te queixa só, pois só tiveste
Culpa no mal, que choro, e que te assiste;
Quando peccar já fra muito Adão fizeste;
Logo então, quando o caso enorme urdiste,
Que mór damno tomaste do que deste,
Vatecinei, em quanto t'ó cruel Drago
No celeste Jardim fizeste estrago.

Tu causaste de Adão que os descendentes
Contra nós, nessa Terra de Belleza,
Venham fazer-se fortes, e valentes,
Que he todo o asylo sem tal fortaleza?
Os capacetes mil, que tem pendentes,
A ella dam, pendentes de riqueza,
A ella armas, a nós outra ruina,
Que este he o raio do Ceo, que nos fulmina.

Nasceo da tua culpa o nosso damno,
Nasceo do erro de Adão sua ventura,
Tu mesmo contra ti foste tyranno,
Tu lhe deste de ti vingança escura;
Pois logo que lamentas louco, e insano,
Si tu te duplicaste a prisão dura?
Pois já então deste causa, a que boje na
Do Inferno a perdição, do Mundo a graça.

Mais queria dizer, mas convencido
Lucifer das razões, que lhe ha proposto,

Rasgando o peito seu, com cruel bramido,
 Logo o manda descer d'onde está posto;
 Eis que a turba infernal novo alarido
 Levanta, a Lucifer lançando em rosto
 As razões de Asmodeu, que ouvir tem tedio
 Por vêr que o erro seu não tem remedio:

Este quadro do inferno assim concebido, e geralmente bem executado abona, me parece, o talento épico do Poeta, que foi verdadeiramente original nesta invenção; apraz vêr esta desintelligencia entre os espiritos das trevas, estas queixas contra o seu chefe, como causa primaria da sua desgraça, e o clamor geral que a desesperação faz erguer contra ella, e traz á lembrança este verso do muito gracioso Abbade Casti.

L'Inferno ch'è? una anarchia de Diavoli.

E' preciso confessar que os Poetas nos dam uma idéa estranha do modo com que os Demônios sam atormentados no abysmo? O inferno tem portas de diamante, trancas, e ferrolhos, elles sahem de lá todas as vezes que lhe agrada: mergulhados n'um fogo intehsissimo, parece que nelle se encontram tanto á sua vontade como os peixes na agua, pois os tormentos que padecem não lhes impede de levantar eulheios, de conversar, e discursar sobre a predestinação, e a graça; de exercer a musica, de conspirar contra o genere humano, &c. As proprias almas dos grandes criminosos, parece que se esquecem das penas que padecem para contar longas historias da sua vida, e até acham logar, e ocio para de lá cuidarem da conservação das cousas que estabeleceram no mundo, e que de ordinario sam o motivo da sua condemnação. Assim mesmo Mafoma no *Affonso Africano* de Quevedo, instiga a Lucifer para impedir a conquista de Arsilá, porque tomada ella pelos Christãos, corria risco de perder-se a falsa religião de que elle fôra o Apostolo; na verdade que semelhantes idéas me não parecem coherentes com a boa razão.

Na descripção do mortecinio dos innocentes, que se lê no Canto XIV., derramou o Poeta alguns rasgos cheios de vigor, e de pathetico.

Punhaes affiam, facas, e cutelos,
 Alfanges curvos, lucidos treçades,
 Para talhar os Cordeirinhos bellos,
 Tornados carniceiros de Soldados;
 Foge com medo o gran Senhor de Dafos,
 De vêr Lobos tão crueis, Cães tão damnados,
 Qual de lastima foge, em outra idade,
 Só por não vêr de Atreo a crueldade.

Em fim dando nos candidos rebanhos
 De Cordeiros, os Lobos carniceiros,
 Arrancando-lhe vam da têta os Anhos,
 Que banhara de seu sangue em golfos lentos;
 Humas fugindo vam de tão estranhos
 Monstros, atroando os ares com lamentos,
 Outras, em si tomando os golpes rudos,
 Aos Filhinhos servir querem de escudos.

Tal ha, a que o fugir não aproveita,
 Que do peito o Filhinho aos pés lançando,
 Qual Albana Leoa se endireita
 C'o Homecida cruel, que a vem buscando:
 Elle afflicto das garras, que lhe deita,
 C'o cutelo feroz sobre ella dando
 A faz morta cahir sobre o alvo Arminho,
 Sendo a Mãi campá, e morte do Filhinho.

Outras fugindo vam das Feras duras
 A occultas partes, e talvez obsenas,
 Outras fugindo vam ás espessuras
 Aves, feitas já então nas muitas pennas;
 Assim Progne, e a Irmãa, quando as figuras
 Humanas perdem, fogem ás amenas
 Selvas, por escapar da espada nua,
 Com que lhes quer Thereo dar morte crua.

Na Estança antecedente

Sendo a Mãi campá, e morte do Filhinho.

E nesta

Aves, feitas já então nas muitas pennas;

sem conceitos pueris, e brilhantes falsos, que causa pena encontrar em um trecho, cujo character devia ser a singeleza, e o pathetico.

Mas ai! que occultos balam os Cordeiros,
E a si, e ás Mães descobrem em continente,
Acodem logo os Lobos carniceiros
A matar Mães, e Filhos juntamente,
Que si na morte os Filhos sam primeiros,
As Mães, de que elles sam vida innocente,
Nelles as vidas perdem compassivas,
Que mortas nos Filhinhos ficam vivas.

Ha quem esconda á perfida Athalaia
O Neto, que matar queria irosa,
Mas de Herodes cruel á tyrannia
Não pôde occultar Filho Mãi piedosa:
Esconde a Jove, a quem matar queria
O Pai, em Creta industria Religiosa
Com taes estrondos, que inda que chorasse,
Saturno o não ouvisse, e o devorasse.

Uma comparação Biblia junta de outra Mythologica, harmonisam mui pouco nesta Estança; porque para nos servirmos da expressão do Lirico Rosseau

Heurlent d'efroi de se voir assemblés.

Ha Mãi, que agarra no filhinho bello,
Qu'o Algoz lhe quer tirar dos doces braços,
E elle, tirando d'elle, e do cutelo,
O parte pelo meio em dous pedaços;
O que intentou o Rei, com sabio zélo,
Quando das duas rompe os embaraços,
Aqui se põe por obra, e em tal crueldade
Fica a misera Mãi só com metade.

A allusão ao juizo de Salomão está tão mal expressada nesta Estança, que é muito probavel, que a maior parte dos Leitores não dê por ella.

Outra a que o grande amor de valor veste,
 Os pedaços do Filho, já defuncto,
 Anda ajuntando, oh Eta qual fizeste
 Ao Filhinho, de que estes sam transumpto,
 Que enganada da dôr, que n'alma a invade,
 Cuida, que pendo o Filho toda junto,
 Como intentou depois de Hespanha hum Nobre,
 Palpitando, outra vez a vida cobre.

Confesso que ainda não deparei, ou pelo menos não lembro de haver deparado, em alguma historia de Hespanha, o facto a que o Poeta allude nesta Estanca; no em tanto não me parece impossivel, que uma pessoa, Pai, ou Mãe, a quem a dôr vehemente da perda de um filho tenha, ao menos por algum tempo, reduzido a perfeito estado de loucura possa conceber idéa tão estranha, e desparatada. Conheci uma Senhora, que sentira vivamente a morte de uma filha unica, sendo meinha de cinco annos; affirmava mui seriamente que sua filha cercada de vivo resplendor, e mais formosa que dantes, a visitava todas as noites; e referia varias cousas, que ella suppunha, ou sonhava, que a filha lhe dizia. Era uma doudice parcial, que nada influa no restante dos actos da sua vida.

Tal ha, que tendo o ferro levantado
 Para cortar com elle o branco Harminho,
 Sobre o braço da Mãe ha descargado,
 Que o braço quer trocar pelo filhinho;
 Mas o Algôz mais cruel, mais indignado,
 A' Morte abrindo funebre caminho,
 Do outro braço lho arranca, e neste passo
 Perde o filho, depois que perde o braço.

Tal ha, que vendo ao pito da Mãe bella
 O vivente cristal, lhe embebe a espada,
 E mata de hum só golpe a elle, e a ella,
 Que fica c'o filhinho ali cravada;
 Outra, que sobornar o Algôz anhella,
 Lhe offerece as joyas pela prenda amada, A
 Mas descendo c'o golpe o Monstro iniquo,
 Em derramar rubis se ostenta riquo.

Outra achando o filhinho palpitante,
 Que por morto o verdugo já deixara,
 Tracta de o hir curar, mas nesse instante
 Chega o Algôz a tomar-lhe a prenda chara,
 Torna de novo o peito de diamante
 A matar, mais cruel quem já matara,
 E d'onde a triste quiz tirar conforto,
 Tira o charo penhor, duas vezes morto.

Outra, c'o gran furor da magoa dura,
 Qual a Tygre, dos Filhos despojada,
 Afieando co'a ira a formosura,
 O Filho defender quer com a espada;
 Dizendo: "Turba vil, canalha obscura,
 Agora sabereis quam esforcada
 He a Mulher offendida injustamente,
 Que a Razão, donde está, sempre he valente.

Vereis, vis homecidas, quanto a troca
 Neste ensejo entre nós bem feita fica,
 Nós pela espada aqui trocando a roca,
 Vós pela roca vil a espada iniqua;
 Pois fracos sois a roca só vos toca,
 E a mim, pois de valor me vejo rica,
 Esta espada, e verá todo o ingrato,
 Que com este verdugo a outro mato,

Camilla, Pompeana, as Amazonas,
 Em batalhas fizeram mil proezas,
 Que as Bellas nas batalhas sam Bellonas,
 Em que as Bellas na paz sejam Bellezas;
 Em differente clima, em varias Zonas
 Em valor transformaram as ternezas,
 E agora o saberás, covarde indino,
 E verás como esgrimo o aço fino."

Não ha difficuldade nenhuma em suppor, que uma
 mulher, em lance de tamanha afflicção, empunhe uma
 espada para defender da morte a seu filho: a experien-
 cia nos mostra, que os animaes mais mansos, ou mais
 fracos, se tornam valentes, e bravos para defender a

prole; o que porém não é admissivel, é que uma Mãe, reduzida a tal aperto, se entretanha em endereçar ao assassino um discurso tão estudado, tão cheio de expressões methaphoricas, de conceitos alambicados, e freiraticos como os que se encontram nestas Estanças: mas o Poeta escrevia o seu Poema do mesmo modo que emprovisava nas grades, e nos outeiros, e os contemporaneos applaudiam, extasiavam-se com estas puerilidades, porque si o bom gosto faltava aos Poetas, não faltava menos aos Leitores; e por isso a *espada vil trocada pela roca*, e as *Bellas, que sam Bellonas nas batalhas, e Bellezas na paz* lhe pareciam discrições maravilhosas.

Logo, c'hum voraz Lobo remettendo,
 Na cabeça outra boca lhe abre irosa,
 E fica, quando o sangue vê correndo,
 Elle mais feio, e ella mais formosa;
 Elle a espada, co'a dôr, nella embebendo
 A vivente cecem lhe sangra em Rosa,
 E ferindo-a nos peitos, sangue, e leite
 A mesma fonte vê, que em golfos deite.

Logo busca o cruel o infante amado,
 Que de traz de si tinha a triste Dama,
 Mais bravo co'a ferida, que lhe ha dado,
 Em pedaços os membros lhe derrama,
 D'hum marmore nos picos, que ha encontrado,
 Elle dá, e lhe diz com voz, que brama:
 Morra em pedras, quem Mãe teve tão forte,
 Porque quem lhe deu vida, lhe deu morte.

Outra ha, que da gran magoa delirante,
 O filho entre o cabello envolve louro,
 Trabalhando esconder ao tenro Infante
 Entre a rama gentil do Bosque de ouro,
 Mas ai! que o ladrão chega ao mesmo instante,
 E do peito lhe rouba este thesouro,
 Que a joya de christal, com que se adorna,
 Para perlas da Mãe em rubins torna.

A qual, quando lhe arranca dentre os braços
 De alabastro o pequeno, com desgosto

Lança as mãos de cristal aos aureos laços,
 E as unhas de marfim á flôr do rosto;
 No marfim tira purpura a pedaços,
 No cristal ouro arranca em fios posto,
 Parecendo taes mãos, com tal thesouro,
 Estrellas de cristal com raios de ouro.

Quando encontro, nos Poemas deste seculo, conceitinhos destes, ou semelhantes, e considero o tempo e trabalho necessario para encontrar estas bugiarias literarias, não posso deixar de lamentar a ruim sorte de tantos bellos engenhos, condemnados á maior fadiga para escrever mal, quando podiam, com muito menos lidas, escrever bem.

Outra mais fraca, e menos animosa,
 Vendo o novo Jasmim Cravo tornado,
 Desmaia, e fica qual a murcha Rosa,
 Que rude mão cortou com duro arado:
 Outra, que mais valor que est'outra goza,
 Vendo o filhinho em purpura banhado,
 Pede ao Verdugo a morte; pois na chara
 Prenda, já parte della o cruel matara.

Esta Estança é excellente, até pela harmonia imitativa.

Dizendo: « Melvo vil, Bilhafre austero,
 Si te queres mostrar valente, e bravo
 Os Gallos busca, e não te ostentes fero,
 C'os Pintinhos, que indignos sam de agravo;
 C'os inermes, e humildes ser severo,
 He fraqueza Villãa, he tino ignavo;
 Mas deves querer fama, oh vil, e ingrato,
 Não de valente Heitor, mas Erostrato.

Mas, si hes Verdugo vil, como podias
 Usar nobres acções, termos honrosos,
 Que em fim as generosas valentias
 Só se criam em peitos generosos!
 Os mais vis, os de entrenhas mais impias,
 Se buscam para os actos affrontosos;

Vis sam os que degolam Cavalleiros,
Quaes sam estes de Christo verdadeiros.

Onde havia esta pobre Israelita ouvido fallar em Christo como nome do Mediador? Notavel esquecimento do Author, e dos Censores da sua Obra, que não o advertiram d'elle. Muitas difficuldades tem que superar, quem emprehende a difficil composição de uma Epopeia.

Pois me mataste a parte mais querida
Deste corpo infeliz, peço, Tyranno,
Que me mates de todo, e que esta vida
Me não deixes, partida em tanto damno;
Mas, si he piedosa Acção, vil homicida,
Dar-me a morte, já sei que não me engano,
Que por ser mais cruel hasde negar-ma,
Por vêr que he piedade agora dar-ma.

Oh Matronas illustres, que as entranhas
Vêdes rasgar nos miseros penhores,
Fujamos para as asperas montanhas,
Onde nas Feras ha menos rigores;
Lá nessas partes Lybicas, estranhas,
Que Ussos? que Corcodilos ha peiores?
Ah! fujamos de Monstros mais Tyrannos,
Do que Albanos Leões, Tygres Hircanos.

Si as valentes Theutonas, que brigaram,
Mostrando-se famosas contra Mario,
Já depois de vencidas se mataram,
C'os Filhos, por não dar gloria ao contrario,
E si de seu cabelo os penduraram,
Feita varia madeixa, em laço vario,
Quanto melhor nos fôra, oh Mãis afflictas,
Antes Theutonas ser, que Bethlemitas!

Menos fez aos penhores dos captivos
Israelitas, Pharaó, quando mandára
Que n'hum Rio, ao nascer, os lancem vivos,
Aonde a tumba, e herço lhe prepara
Que em dous Rios, Rei Fere, mais esquivos.

As Mães, os Filhos dar a mont' amara,
 N'hum mar rôxo de sangue aos Filhos claros,
 E ás Mães de pranto, em pelagos amaros.

Ao Filho, que duas vezes hera Infante,
 De Herodes não perdoa a Furia fã,
 Que do Rei lhe dá purpura brilhante
 Do Carmim de seu sangue que o assêa,
 Que sobre o alvo cristal, finô diamante,
 Sobre os hombros e peito em larga vta
 Correm soltos rubis em zollo brandô
 Ao Infante de Rei purpura dando.

Ri-se o Infante gentil para o homicida,
 Que ao rosto lhe endereça a estocada,
 E escusa soffrer mais huma ferida,
 Abrindo a tenra boca a tersa espada;
 Parece a Natureza que advertida
 D'antes prevendo Acção tão lastimada,
 Que fez da boca o golpe contrastito
 Por sem dôres lho dar d'antes já feito.

O Poeta, para augmentar o horror desta catastrophe, finge que neto o filho do próprio Rei fôra isempto da lei geral, que mandava matar todos os recém-nascidos; porém esta ficção é desmentida não só pelo Evangelho, que não diz semelhante cousa, mas pela historia por onde nos consta, que Herodes não tinha filho algum em taes circumstancias. Além disso seria necessario que este Rei, valido de Augusto, fosse completamente doudo para dar semelhante ordem; seria acaso novidade para elle que seu filho lhe havia de succeder no throno? O que o impelio ao desajimo de ordenar aquella carnificina foi o dizerem-lhe os Magos, que viham á Judea visitar um recém-nascido, que havia de ser Rei dos Judeos, segundo estava prophetisado. Isto pouco podia interessar pessoalmente a Herodês, que em sua idade avançada não podia recetar ser dealthronado, por um rival de poucos dias, e que naturalmente só depois de sua morte poderia aspirar ao throno; o que elle temia era que um estranho viesse a disputar, e roubar o sceptro a seus fi-

lhos, e á vista disto nada mais mal fundádo que esta invenção de Barbuda.

Os ferros, de matar, perdido o corte,
De matar, os Verdugos já cançados,
Lybithina já farta em tanta morte,
Os Infantes já todos degolados,
As ruas feitas vaos da Tyria sorte,
Quaes Rios de Mar rôxo derivados,
Teve fim a batalha infame, e impia
Sendo o fim da contenda o fim do dia.

O Sol se põem, e rôxo busca os mares,
Mais purpureas levando as aureas côres,
Porque seus raios de ouro singulares
Banhou nos rôxos tepidos licôres ;
Porque febreitante em taes pezares
Bebeo lagos de sangue nos vapores,
Mas para hir tão purpureo assás bastava
Os borrifos de sangue que saltava.

Buscando o Mar de purpura banhado,
O Sol se avulta Infante em sangue tinto,
Que nos olhos da Mãi o mar salgado,
Busca, que chora pelo vêr extinto :
Busear o Sol tal dia hera esbusado,
Para se pôr o aquoso labyrintho,
Que nas Mãis, e penhores por mais mageda
Tinha mares de sangue, e mares d'agoa.

Chega a Noite de lucto revestida
Por tanta morte, e mais que nunca escura,
Ficando fêa, ás Bellas parecida,
E fêa como a noite a formosura :
Que escura achou a Dama mais lezida,
Que he o que tem de fêa a Noite dura,
Que bem hera que em tão geral açoute
Fosse o Dia mais claro escura noite.

O Firmamento acompanhar querendo,
A sepultura inumero Minino,

Infinitas no Ceo foi accendendo
 Tochas azues em lume d'ouro fino;
 O Sol de triste tal estrago vendo,
 Se despenhou do Monte cristalino,
 Tomando morto lenta sepultura
 De tanto morto Sol sendo figura.

Sãoam mais com a noite os alaridos,
 Os suspiros, e os ais nos horisontes,
 E repetindo os miseros gemidos,
 Retumbam mais os echos nesses montes:
 De estragos tão fataes, tão nunca ouvidos,
 Murmuravam mais alto as claras fontes,
 Em que as fontes então soaram tanto,
 Não sam as Fontes d'agoa, mas de pranto.

Ajudam a carpir com vozes graves
 As tristes Mães já roucas, e doentes,
 Nos tectos postas as nocturnas Aves
 Sendo humas, e outras vezes apparentes,
 Vivando as Feras nos confins, (suaves
 Antes de tantas mortes inclementes)
 Causando mais horror, mais saudade,
 Vinham dos altos montes á Cidade.

Neste longo episodio não faltam cousas, e expressões que o gosto apurada condemna; mas tambem é certo que é escripto com vigor, e que lhe não faltam rasgos poeticos, e bellezas de estylo, a variedade de incidentes, e de circumstancias com que o Poeta descreve aquella abominavel carniceria, mostram bem a fertilidade da sua rica imaginação, e a facilidade dos seus pinceis. Isto prova que o que faltou ao seculo de seiscentos não foi o engenho, o talento, nem mesmo o genio; mas sim o bom gosto, a boa critica, que só podem resultar dos bons estudos, e da imitação dos grandes modelos, duas cousas que não podiam encontrar-se no monopolio do ensino publico feito pelos Jesuitas, inimigos jurados da boa phylosophia, e de toda a verdadeira erudição, e liberdade de pensar.

Manoel Mendes de Vasconcellos Barbada possuia o

estyllo didatico, como pode ver-se da conversação de S. José, e um douto Egypcio sobre a origem do Nilo, que se lê no Canto XVI. do *Virginidas*.

Este Rio, que vêdes caudaloso,
D'onde nasce não ha certa noticia;
Que ser seu nascimento duvidoso
Temos nós para nós a Gente Egypcia;
Huns dizem que o Atlante (fabuloso
Em ter dos Ceos aos hombros a débilta)
Lhe dá perto de si principio usano,
Por ser Egypcio junto, e Africano.

Outros, dizem do Nilo, que a pascente
Do terreal Paraiso se deriva,
Mas si elle vem correndo do Occidente,
Esta razão n'estoutra não se estriba,
Na Provincia de Hedem, que he no Oriente,
Em parte inhabitada, em sitio altivo,
O Paraiso está, que Deos encobre
Que a Linha Equinocial comprehende, e encobre.

Nem o Euphrates, Tygre, e Ganges Rios,
No Paraiso demostram, que tem fonte,
Que o Ganges do Caucáso os cristaes frios
Despenha, que parte he do Tauro Monte;
E o Euphrates, e Tygre nos sombrios
Valles nascer d'Armenia fra quem aponta,
Com tudo, mda que nascem no Oriente
Corre cada hum por parte diferente.

De maneira que o Ganges vem do Norte,
E o Nilo do Occaso, ou Meio dia,
Os outros dous tambem da mesma sorte
Cada qual corre por diversa via:
Verdade he, que, trez destes de mais porte
Se subterram em partes, qual fazia
Em Achaia o Alpheo d'amores rio,
Em Arcadia o Krassino, em Asia o Lyco.

E todos estes trez Rios famosos
 Junto de Babilonia em competencia,
 C'o Euphrates se misturam caudalosos
 Dando-lhe augmento, e liquida assistencia:
 Todos quatro tambem entram pomposos
 Na Provincia de Hedem, cuja eminencia
 O Paraiso encerra, e nella entrando,
 Podem o Paraiso estar regando.

E a verdade será que Deos querendo
 O Paraiso occultar, diverteria
 O curso destes Rios, e correndo
 Fará que vam por differente via;
 Por debaixo da Terra os escondendo,
 Que cada qual rebente ordenaria
 Em logar tão diverso, que ficassem
 Incognitas as Fontes donde nascem.

Replica-lhe Joseph: " Tambem não falta
 Quem diga, que do Ganges a Nascente
 He nos Emmodos Montes, em cuja alta
 Eminencia, o Terreal está assistente;
 Outros, que a Terra Anagora se exalta
 G'o Paraiso, affirmam, tão florente,
 Em cuja inhabitavel espessura
 Destes Rios, em cruz, nasce a agoa pura.

Tudo sam opiniões, mas a verdade
 He (a que me accomodo, e a que aspiro)
 Que do Terreal Jardim a amenidade
 Perto está de Chaldea, e mais de Tyro;
 Não longe de Sião, da gran Cidade,
 Está este tão célebre retiro
 Não na Anagora, ou Emmodas montanhas
 Fabulas, que compões Gentes estranhas.

O Poeta expõe aqui com facilidade, clareza, e concisão as diferentes opiniões, que reinavam no seu tempo, ácerca da origem do Nile, questão com que se occupou muito a antiguidade, e que inda hoje é ponto duvidoso para muitos sabios, apesar dos esclarecimentos dados a

este respeito pelos Jesuitas Portuguezes, e que parecem aproximar-se muito á verdade. Este trecho é um dos mais puramente escripto, que nos deixou este Poeta.

Barbuda, imitando os Italianos, faz preceder alguns Cantos do seu Poema por Prologos mais, ou menos ligados com o assumpto, mais, ou menos graciosos, procurando assim derramar mais variedade na sua composição. Destes Prologos citaremos o do Canto II., que tenho por um dos melhores, apesar de alguma affectação de estylo, que este Poeta raras vezes tem a fortuna de saber evitar.

Do Thalamo, em que jaz, de prata pura,
Chorando, e rindo se ergue a Aurora fria,
Chorando, porque morre a Noite escura,
E rindo, porque nasce o claro dia;
Chora por vêr a Mãi na sepultura,
Ri, porque o Filho vê, que lhe nascia;
Andam no Mundo o Bem, e o Mal tão pares,
Que os Prazeres se envolvem c'os pezares.

Nascem d'hum mesmo parto juntamente
Nesta vida mortal o pranto, e o riso,
Que o ser triste anda annexo ao ser contente,
Como o Inferno, no Mundo, ao Paraiso;
Chora a Manhãa, e o Prado florescente,
Enchê os olhos das Flôres, d'improviso,
Das lagrimas, que verte a fresca Aurora,
Porque, pela imitar, ri junto, e chora.

Mas não sei qual he a causa mais sentida,
Que a Aurora lamentar faz desta sorte,
Si vêr o claro Filho dar-se á vida,
Si vêr a Mãi escura dâr-se á Morte;
Que quem considerar quanto anda unida
No Mundo a debil vida á Parca forte,
Razão tem de chorar indifferente
A vida alegre, a morte descontento.

Ham Periodo só he a vida breve,
Que no ponto da morte se termina,
Quem começa a viver na vida escreve

E para o ponto vai que o fim lhe assina ;
 A ancia grave virgúla ao Occio leve,
 C'o ponto a breve clausula confina,
 Que escreve a Vida em breves, e aphorismos,
 Seus breves, e caducos sylogismos.

Esta Estança de Barbuda exprime por diverso modo o pensamento de Duarte Young, um dos mais originaes Poetas da Inglaterra, e o Rei dos Poetas Moralistas ; o *Homem nascendo principia a morrer.*

Nasce a Flór, que mais cedo o Tempo trilha,
 Que t'o rir da Manhã chorando nasce,
 Em quanto chora vive, cresce, e brilha,
 E morre em enxugando a linda face ;
 He no nome, e no effeito maravilha,
 Pois tanto que respira, e as auras pasce
 Logo morre, e só vive em quanto chora ;
 Taes somos nós também, e tal a Aurora.

Salvo melhor juizo, esta Oitava me parece da mais amena, e graciosa viveza, e frescura de expressão, e de estylo florido.

Que sabios documentos ! que doutrinas
 Tam uteis, para a vida descontente,
 Nos dá a Manhã, e as nitidas Boninas
 Lédas rindó, e choratido juntamente !
 Porque logrando as Horas matutinas
 Choram nesse prazer que tem presente,
 Como quem antevê que da Agonia
 He vespora o Prazer, da Noite o Dia.

Que texto tão expresso em Adão temos,
 Do pouco que no Mundo hum gosto atura,
 Pois da pena, e da gloria os dous extremos
 Unidos experimenta em dôr tão dura ;
 Logrando estava a graça, e logo vêmos
 Que desobedecendo á summa Altura,
 Começando a goza-la, oh triste Estrella !
 O mesmo foi logra-la que perde-la.

Obedece á lisonja de hum encanto;
 De huma Syrena doce, em que se enleva,
 Que o preceito de Deos não póde tanto,
 Como c'o triste Adão o rogo de Eva :
 Comê do pomo, e bebe logo o pranto,
 Perde da Alma o esplendor, e affecta a troca
 De livre, e de Senhor fica captivo,
 S'í morto para o bem, para o mal vivo.

Já lhe parece mal a ruez santa,
 Com que a pura Innocencia ambos vestira,
 Tractam de se vestir em ancia tanta,
 Porque o pejo do crime assim lho inspira ;
 Das largas Folhas de huma grande Planta,
 Com que por galla verde se cobrira,
 Se cobre o pobre Adão, e a Esposa pobre,
 Que de Folhas o fructo o veste, e cobre.

Figueiras ambulantes já se advertem,
 Depois de se cobrir das Folhas della,
 Que sem Fabula em Plantas se convertem
 Pois vivas Plantas sam, sem graça bella :
 Cabeça heram do Mundo, que pervertem,
 Mas como a Deos o Homem se rebella
 Todos plantas, ou todos pés se viram,
 E de Folhas, quaes Plantas, se cobriram.

O Doutor Barbuda conheceu que um Poema Sagrado devia conter, trazidos a proposito, muitos trechos dos livros escripturaes, e esta pratica foi adoptada por Milton, Klopstock, Bodmer, e outros grandes Poetas da Inglaterra, e Alemanha, e posto que estes Poetas soubessem praticar com mais arte esta regra, e tirar maior partido della, nem por isso deixa de caber a Barbuda, a gloria de haver presentido, primeiro que ninguem, esta pratica.

Quando o *Virginidos* sahio á luz foi recebido com grandes applausos de doutos, e indoutos; porém esta grande repntação decahiu muito, e devia decahir pela revolução operada pelos Arcades na literatura, e na poesia, que esmagou com a força do rediculo o estylo, e

gosto Castelhana; e se ainda lhe ficaram alguns admiradores, essa mesma estimação foi diminuindo á proporção que a Nação Portugueza se foi tornando menos devota.

Creio porém que o Poema de Barbuda, apesar dos seus numerosos defeitos, merece ser lido, e que os Poetas feitos podem tirar partido da sua leitura.

O Padre Antonio dos Reis tambem se não esqueceo deste Poeta no seu famoso *Enthusiasmo Poetico*, em que se encontram louvadas tantas pessoas, cujas Obras hoje ninguem, ou poucos conhecem; eis aqui os versos que elle consagrou a Barbuda.

*Vasconcelle, tibi non sedula Musa coronas
Nectit, ab Angelicis nectuntur præmia fronti,
Nobiliora tuis: nam te Parnasside lauro
Pulchrius exornant nitidi Diademata Regni
Quæ tibi pro meritis Superum Regina paravit.*

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XVIII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

O Doutor Antonio Barbosa Bacelar.

Antonio Barbosa Bacelar, é de entre os Poetas, que chamamos Seiscentistas, um dos mais conhecidos, e delle fazem menção Bouterweck na Historia da Literatura Portugueza, e Sismondi na sua Literatura do Meiodia da Europa, o que prova não só a grande estima que delle fizeram os seus contemporaneos, mas que nos seus escriptos existe um merecimento real.

Nasceo este Poeta na Cidade de Lisboa no anno de 1610, a sua familia foi muito illustre, e por isso lhe deu uma educação propria para o habilitar para a carreira da magistratura para que logo foi destinado.

A funesta influencia dos Jesuitas estava naquelle tempo no seu auge em Portugal, elles pelas suas perfidas manobras haviam entregado o reino á Hespanha promovendo a inconsiderada invasão de Africa por El-Rei D. Sebastião, educado por elles, e que por elles se regia, e por elles foi arremeçado naquella expedição para se enterrar nas margens do Liceo, e Mocazim com a flôr da mocidade, e a independencia da Lusitania; não admira pois que os Monarchas de Castella, que lhe deviam esta corôa, empregassem toda a sua benevolencia naquelles Regulares, e exclusivamente nas pessoas cujas consciencias eram por elles dirigidas.

A instrucção pública, e particular estava quasi toda monopolisada nas mãos dos filhos de Leyola ; eram os Mestres de primeiras letras, os Professores de instrucção secundaria, os Preceptores, e Educadores dos Fidalgos moços, e as Cadeiras da Universidade de Coimbra eram occupadas pôr Jesuitas, ou pelos seus Discipulos.

Para os seus fins, e engrandecimentos haviam as raposas de Ignácio banido das aulas a boa Phylosophia, substituindo-a pelas chiueras do peripatetecismo escolastico, e a boa Theologia pelas doutrinas de Escobar, Sanches, e Diannos, e outros camistas da Companhia ; nos outros estudos seguia-se o mesmo methodo, daqui a decadencia das Sciencias, das Artes, e Bellas Letras, de que com tanto trabalho, e vencendo immensos obstaculos apenas podemos sahir no Ministerio do Marquez de Pombal.

Floresciam então muito em Lisboa as Escolas do Collegio Jesuítico de Santo António, e nellas se matriculou Antonio Barbosa Bacelar, ouvindo com grande aproveitamento, ou desaproveitamento as lições bastardas da lingua Latina, Rethorica, Poetica, Phylosophia, e Theologia, que aquellos affamados Mestres lhe liberalisavam segundo o seu barbaro systema de instrucção.

A natureza dotára Bacelar não só de um engenho raro, mas de memoria tão facil, e prodigiosa, que bastava ouvir lêr duas, ou trez paginas de um livro para de prompto repeti-las sem falta, ou mudança de uma só palavra ; com taes disposições, e muito amor ao estudo não admira que passasse por um assempbro, e que aos dezeseis annos de idade defendesse, com grande applauso, conclusões publicas de Phylosophia, Theologia, e Mathematica.

Com a adolescencia despontou nelle o talento poetico, fazendo-se admirar pela facilidade com que compunha versos facéis, e harmoniosos, e pelo engenho dos seus conceitos, e novidade das suas idéas.

Passando a frequentar a Universidade de Coimbra, ali se fez notavel, e respeitado de todos, não só pelo seu aproveitamento no estudo das Sciencias Juridicas, mas tambem pelas suas Composições, que o collocavam na opinião pública, muito acima de todos os Poetas contem-

poraneos, que maior fama disfructavam naquella epocha.

Findos os seus estudos, a Universidade o admittio gostosa no número dos seus Lentes, dando-lhe, conforme o estylo, gratuitamente o Capello, e por muitos annos regeo, como substituto, algumas Cadeiras de Direito.

Mas a providencia que não o destinava para fenecer seus dias no exercicio do Magisterio, fez com que fosse preterido, na candidatura de uma cadeira vaga, para cujo provimento se propozera. Esta injustiça feita aos seus serviços, antiguidade, e aptidão, produziu tamanho desgosto no Poeta, ferio tão profundamente o seu amor proprio, que abandonando a Universidade voltou a Lisboa para o seio da sua familia.

Aqui foi recebido com os applausos devidos ao seu merecimento scientifico, e sendo apresentado a El-Rei D. João IV., que então reinava, soube de modo ganhar a benevolencia daquelle Monarcha amado do povo, que attendendo ao seu merecimento, e profundo saber em Jurisprudencia, o despachou successivamente para Corregedor de Castello Branco, Desembargador da Relação do Porto, e da Casa da Supplicação de Lisboa, e ainda aqui não terminaria a sua carreira, se a morte, que parece ferir de preferencia os homens mais dignos de vida, lha não cortasse aos cincoenta e trez annos de idade, em 15 de Fevereiro de 1663.

Consta, pelo testemunho dos Contemporaneos, que este fallecimento de Antonio Barbosa Bacelar tivera logar no Hospital das Chagas, e que dali fôra seu corpo transferido para o Convento de S. Francisco da Cidade, onde se lhe deu sepultura.

Confesso que me custa entender como um Magistrado, nascido em Lisboa, onde era natural, que tinha parentes, casa, e familia, que exercia um logar de tanta honra, e proveito naquelle tempo, como o de Desembargador da Casa da Supplicação, terminasse os seus dias em um hospital; nem pelo testemunho dos seus contemporaneos, e amigos, nem pelas suas proprias Obras, consta que elle fosse pobre, e tão pobre, que em uma doença precisasse ser tractado em um hospital.

Ainda se me offerece outra duvida, que não é pouco

ponderosa, e é dizer-se, que fallecera no Hospital das Chagas. Se a indigencia tivesse obrigado Bacelar, como a Camões, a hir morrer em um Hospital, deveria ser no de todos os Santos, que era o Hospital Civil, o Hospital Público, e geral, e não no Hospital das Chagas, que era peculiar dos maritimos, com cujas contribuições se sustentava, e que naquella Ermida tinham antigamente o seu coval.

Finalmente se o factó é verdadeiro, o que me não atrevo a affiançar, parece-me que não ha se não dous modos de explica-lo. Ou Bacelar por devoção pedio, e alcançou hir expirar naquella casa; ou na occasião em que estava naquella Ermida foi atacado repentinamente da molestia de que falleceu, e com tanta força, que se julgou perigoso transporta-lo para a propria habitação, e o recolheram naquelle Hospital para lhe prestarem mais promptos soccorros; isto sam conjecturas minhas, e como taes as offereço aos Leitores.

Bacelar compôz algumas Obras em prosa, umas que se conservam manuscriptas em mãos dos curiosos, e outras que se publicaram pela imprensa, entre estas a que lhe deu mais nomeada, que foi melhor recebida do público, e lhe suscitou em Hespanha um grande número de refutadores foi um Manifesto em defesa da Acclamação de El-Rei D. João IV., demonstrando juridicamente o Direito da Serenissima Casa de Bragança ao throno de Portugal. Esta Obra é hoje mui rara, porque os Governos, que depois se tornaram absolutos, porque os principios juridicos do Author não estavam em harmonia com os que haviam adoptado, não só não permittiram a sua reimpressão, mas fizeram todas as diligencias por fazer desaparecer todos os exemplares que della existiam.

Além das suas Obras juridicas ou philosophicas em prosa, deixou o Doutor Bacelar numerosissimas poesias, de que sómente vieram á luz as que appareceram dessiminadas pelo primeiro, segundo, quarto, e quinto volumes da *Phenix Renascida*, e pelos dous volumes do *Postilhão d'Apollo*.

Bacelar escrevia a lingua com grande pureza, e elegancia, e compunha com admiravel facilidade, possuia,

imaginação viva, estylo pictoresco, e não reconheço vantagem a nenhum dos seus contemporaneos na valentia, e sonoridade do metro, nem na abundancia, e naturalidade da ryma. Seguio, é verdade, a Eschola de Gongora, mas sem cahir nas exaggerações dos seus vulgares imitadores.

Uma grande quantidade dos versos de Bacelar sam escriptos em lingua Castelhana, mas apezar disso os que sam na lingua patria não deixam de ser consideraveis, porque Bacelar foi um dos Escriptores mais secundos do seu tempo, e por isso muitas das suas Obras, especialmente Sonetos, correram por muito tempo em nome de outros Authores, ou isto se devesse á incuria, má fé, ou ignorancia dos Editores, ou porque aquelles Poetas tivessem tido a fraqueza, ou mais propriamente a indignidade de as dar por suas. O Editor da *Phenix Renascida* affirma, que confrontando os impressos com os manuscritos de que se servio pôde reclamar, e restituir muitas a seu verdadeiro dono. Entre estas tem logar o seguinte Soneto a um Rouxinol, cantando na gaiola.

SONETO.

De Amor cantaste já doces favores,
 Branda Avezinha, quando Deos queria,
 Quê foste, com suave melodia,
 Mimo dos Bosques, e matiz das flôres.

Perdeste a liberdade, e nas maiores
 Desgraças não te esqueces da harmonia,
 No captiveiro ostentas a alegria,
 Com que livre gozavas teus amores.

Ave ditosa, viverás em quanto
 A alegria não perdes, em que aturas,
 Com teus males não vivas descontente,

Não deixes nas prisões o doce canto,
 Que com ter rosto alegre, as desventuras
 Se vive em todo o estado felizmente.

Eis aqui outro, em que brilha aquelle espirito reflexivo, é melancolia, que caracterisava o genio Portuguez nos seculos antecedentes.

SONETO.

E me vi neste monte, em outra idade,
 Nos braços da ventura reclinado,
 Esta fonte, esta rocha, aquelle prado
 Testemunhas serão desta verdade.
 Oh! que tamanha magoa a saudade
 Me representa agora no cuidado,
 Mas quando durou mais hum doce estado,
 Que tem a segurança na vontade.

Para igualar a gloria que então tinha,
 Dos Astros revestido o Firmamento
 Se deu, oh quantas vezes! por vencido,

Mas que vã ignorancia he esta minha!
 Tão occioso trago o pensamento,
 Que me pouho a cuidar no bem que tinha!

Uma das circumstancias, que distinguem Baclar dos seus contemporaneos, é que em vez de entregar-se como elles, quasi exclusivamente aos assumptos amatorios, e jocosos, prefere occupar-se com idéas moraes, e phylosophicas, como acontece neste

SONETO.

Este nasce, outro morre, acolá sóa
 Hum ribeiro, que corre aqui suave,
 Hum Rouxinol se queixa brando, e grave,
 Hum Leão c'o rugido o monte atrôa.

Aqui corre huma Fera, acolá vóa
 C'o grãosinho na bocca ao ninho huma Ave,
 Hum derruba o edificio, outro ergue a trave;
 Caça hum, outro pesca, outro afflorá,

Hum nas armas se alista, outro as pendura,
 Ao soberbo Ministro aquelle adora,
 Outro segue do Paço a sombra amada,

Este muda d'amor, aquelle atura,
 Do Bem de que hum se alegra aquelle chora,
 Oh Mundo! oh sombra! oh zombaria! oh nada!

O mesmo character de composição se encontra neste, que o Author fez visitando os Paços de Almeirim no reinado dos Filippes, e encontrando-os desertos, e arruinados; porque já não eram habitados, como dantes, pela familia real, que como é sabido, no tempo dos Reis Portuguezes, costumavam lá passar uma parte do anno.

SONETO.

Vestigios para magoas reservados,
 Torres, que levantadas sois ruinas,
 Si deixastes cahir as vossas Quinas,
 Para que sam Castellos levantados?

De conservar os Donos celebrados
 Fostes, oh Torres, pouco tempo dinas,
 E em baixas sortes sois adamantinas
 Para nos conservades magoados.

Fostes a passatemplos dedicadas,
 Passou por vós o tempo da alegria,
 Fizestes vosso officio em nosso damno.

Venceis o Tempo em fim como á porfia,
 Para que em Monarchias sepultadas
 De Letreiro sirvaes ao Desengano.

Este Soneto mostra hem o descontentamento que já reinava no povo Portuguez, em razão da dominação estrangeira, e a impaciencia com que supportava o jugo, que desejava saccudir: como pouco depois aconteceu em 1640, quando a aristocracia, enganada nas suas esperanças, se resolveo a desfazer a sua Obra, como pôde

vêr-se em Manoel de Faria e Sousa, que expõem largamente as intrigas de D. Christovão de Moura, apontando as pessoas a quem distribuiu cedulas de mercê de Philippe II. para apoiarem a sua usurpação, a despeito de todos os esforços da classe media, e do povo, que repugnaram sempre ao dominio estrangeiro.

Não é menos bello o Soneto tão repassado de ternura, e melancolia ácerca de um sonho que o Poeta teve, ou fugio ter.

SONETO.

Adormeci ao som do meu tormento,
E logo vacilando a phantasia,
Gozava mil portentos de alegria,
Que todos se tornaram sombra, e vento.

Sonhava, que gozava o pensamento
Com liberdade o bem que mais queria,
Fortuna venturosa, claro dia:
Mas ai que foi hum vão contentamento.

Estava, oh Clori minha, possuindo
Desse formoso gesto a vista pura,
Alegres glorias mil imaginando,

Mas acordei, e tudo resumindo,
Achei dura prisão, pena segura,
Ah quem estivera assim sempre sonhando.

Tambem me parece mui engenhoso, e digno do talento do Poeta, est'outro, em que elle descobre analogia entre si, e um prado alegre, e matizado de flôres.

SONETO.

Bo que sou me vi já mui diferente,
Alegre tu virás a estar de lucto;
Qual te vêjo me vi com flôr, e fructo,
Qual me vês te verás bem descontente.

Dá-te agora tributo o Estio ardente,
 E eu no frio Inverno dou tributo;
 Assim nos fez o Tempo, sempre astuto,
 Si triste agora a mim, a ti florente.

Não queiras fazer certo o meu receio,
 Pois tens exemplo em mim! oh quem me dera
 Que em mim escarmentaras teus enganos.

Mas lá virá o tempo horrendo, e feio
 Donde perca seu brio a Primavera,
 E te sirvam de dôr meus desenganos.

E' pena que estes Sonetos acabem com Tercetos quartetatos, e não em Tercetos perfeitos; mas os Quinhentistas, que introduziram entre nós a Eschola Italiana, a imitaram dos Poetas Toscanos, e o mesmo fizeram em Hespanha Bucan, e Garcilaso, que foram seguidos pelos Seiscentistas, e esta pratica durou entre nós muito tempo, pois mesmo em Garção, e Diniz se encontram Sonetos com Tercetos quartetados; é porém evidente, para quem tem ouvidos capazes de perceber a delicadeza da harmonia, que as rymas ficam assim mui separadas umas das outras, e o Soneto vem assim a acabar de uma maneira desagradavel; foi porisso que da primeira parte do seculo passado em diante os nossos bons Sonetistas como Bocage, Santos e Silva, Moniz, Belchior, e Manoel Mathias abandonaram inteiramente esta pratica, fechando os seus Sonetos com dous Tercetos perfeitos, que ferem, agradavel, e harmoniosamente o ouvido do Leitor.

Vendo o Poeta dous Rouxinoes, que cantavam em um jardim, a sua phantasia mobil, e sua viva sensibilidade se despertaram com a agradavel sensação daquella harmonia, e dahi não só phantasia, que aquelle canto era um desafio, mas o seu espirito phylosophico lhe fez reflectir, que os prazeres servem muitas vezes de perludio aos desgostos, e deduzio assim estas idéas no seguinte

SONETO.

Em hum Musico doelo contendiam,
 N'uma manhã de fresca Primavera,
 Dous Rouxinoes, por ostentar qual hera
 Mas digno de hum amor, que pertendiam.

Com agudos piados o ar feriam
 O concavado da mais sublime esphera,
 E os Outeiros da voz, que reverbera,
 Os duplicados echos repetiam.

Mas ai! que um Caçador, com mão tyranna,
 Hum dos Orpheos suaves perceptita,
 Triste ventura, caso lastimoso.

Que até no mesmo bosque de Diana
 He companheiro o pesar da dita,
 Si aquellas sam as lagrimas do gozo.

Mesmo em Sonetos amorosos o Author sabe fugir das trivialidades, a que em taes casos recorriam os seus contemporaneos, e procura pensamentos novos, e imagens não esperadas; assim o pratica quando descobre na Serra de Cintra relação com a constancia, e firmeza do seu amor, e a dureza de Nise.

SONETO.

Aspera Serrania, que elevada
 Ao mais sublime cume rutilante,
 Te obedece este Orbe de Diamante,
 Nem jámais te vio raio fulminada.

De ti mesma em ti mesma despertada,
 Parece que presumes de arrogante,
 Escalar essa esphera rutilante,
 Atropellar a machina estrellada.

Eterna vive, dando leys aos Ventos,
 Ao mar espanto, assombro da grandeza,
 Do Tempo injuria, da firmeza Templo.

Eterna vive, imperio aos Elementos,
 Pois hes de Nise exemplo na dureza,
 Pois hes de Lauro na firmeza exemplo.

Não faltaria, se quizessemos dar-nos a esse trabalho, que criticar neste Soneto; poderíamos por exemplo perguntar qual é esse Orbe de diamante que obedece á Serra de Cintra? Como *nunca se vio fulminada* uma serra, em que sohem cabir tantos raios? Mas aqui tracta-se sómente da imagem phantastica, e original com que termina. O seguinte ao Têjo parece-me que vale muito mais.

SONETO.

Alegre o manso Têjo vai regando
 Do monte as fraldas, e do prado as flôres,
 Eu de Lise os desvios matadores
 Tristemente affligido estou chorando,

Elle do Campo a gala vai bordando,
 Tecendo com cristal os seus verdores,
 Eu, de todo rendido a minhas dôres,
 Com pranto as suas agoas augmentando,

Bem poderas, oh Têjo deshumano,
 Parar ao vêr-me assim tão lastimado,
 Não correndo esquecido do meu damno,

Mas, oh sorte cruel, oh duro fado!
 Que até hum Rio, com rigor tyranno,
 Se corre de tractar co'hum desgraçado,

Bacelar tambem escreveo no estylo jocosério; mas a sua jocosidade não assenta, como em Jeronymo Bahia, e outros, exclusivamente em equivocos, e hyperboles extravagantes, e direi, até em allusões obscenas; e pouco religiosas, cousa a que naquelle seculo, ao que parece, se dava pouca attenção. A dicacidade de Bacelar funda-se ordinariamente em enumerar todas as circumstancias ridiculas de cada objecto, toruando-as bem veziveis aos olhos dos Leitores; assim se deprehende deste **Soneto**, improvisado ao entrar em uma casa de jogo.

SONETO.

Paro!.. reparo!.. tenho!.. envido, e pico!
 Viva a santa rapina, e viva o sacco;
 Cada qual de nós outros seja hum Caco,
 Haja galhofa, e cerolico tico!

Entorne-se o licôr, molhe-se o bico,
 Cance o braço, ande o copo, ferva Baccho,
 E seja tal, e qual, seja hum Velhaco
 Quem daqui não sahir hum Cerolico!

Não haja quem acerte c'o seu beco,
 Que em quanto bebo claro, e fallo rouco,
 Que me dá do que passa em Pernambuco?

Viva, amigos, o Baccho! viva o meco!
 Que se o pezo fór grave, e o lastro pouco,
 O mesmo foi a Estatua de Nabuçô!

Poderá pintar-se em menos palavras, e com maior viveza a desordenada confusão, que reina naquellas *Speluncæ latronum*? As palavras curtas, e compassadas dos que jogam, a confusa conversa dos que bebem para distrahir-se das perdas, ou para animar-se a aventurar o seu dinheiro ao capricho da sorte, e as bravatas, e fanfarronadas de todos!

O mesmo genero de jovialidade encontraremos em algumas Decimas, em que o Poeta descreveo um combate de Touros, em que foi servir de Cavalleiro um homem muito avançado em annos, e porisso muito incapaz de semelhantes empresas, de que ás vezes a muitos mancebos, e bons Cavalleiras, acontece não sabirem muito airosos.

DECIMAS.

Dos Touros da terça feira,
 Si perguntaes o successo,
 Na verdade vos confesso
 Foi tudo em huma poeira.

Correo lá huma Caveira,
 Não sei de que modo ou como,
 Que foi da morte hum assomo,
 E eu não me espantei só,
 Fosse todo o corro pó,
 Sahindo o *memento homo!*

Sahio o bom Cavalleiro
 Ao terreiro, por louquice,
 Melhor fôra se sabisse
 Outra vez para o terreiro;
 Correo no dia terceiro
 Por velho se lhe devia,
 Pois tão secco parecia,
 Que dizem todos absortos,
 Que para resurgir mortos
 Sahio ao terceiro Dia.

Não houve lá novidade,
 Porque o que correo foi velho,
 E então vi, como em espelho,
 O quanto corria a idade!
 Confesso-vos na verdade
 Grande passatempo havia,
 Pois como o Velho fazia
 Figura do Tempo ali,
 Vendo-o a elle então vi
 O quanto o Tempo corria.

.....
 Quando a cavallo sahio
 Caveira com tal valor,
 Não sei como de temor
 Toda a Gente não fugio;
 Porém cuido que advertio,
 A Gente de melhor porte,
 Que caveira desta sorte
 Foi signal de Festa então,
 E que logo a Procissão
 Vinha atraz da boa morte.

.....
 Tão curto o Velho loução

Vinha de capa esta vez,
 Que toda ella lhe não fez
 Volume de cabeça ;
 Achei nos Touros razão
 Em não quererem busca-lo,
 Que mal póde dar abalo
 O que sahindo ao terreiro,
 Mal foi capa de Toureiro,
 Não Toureiro de cavallo.

Não fôra capa notada
 De pequena neste dia,
 Porque o Velho não podia
 Com cousa muito pesada,
 Mas eu por grande, e sobrada
 A capa lhe não desprezo,
 Antes julgo fôí gran peso,
 Com que a bocca a todos tapa,
 Pois por migalha de capa
 Parecia contrapeso.

Não se lhe dava de vir
 Mal vestido deste modo,
 Porque logo o Povo todo
 Lhe cortou bem de vestir ;
 A capa deu bem que rir,
 Por vir no capricho guapa,
 Diz, por não valer dous cacos,
 Nem de capa de velhacos
 Servio aos Touros a capa.

Depois de haver assim zombado do cavalleiro, por sua demasiada idade, e pelo seu modo de trajar, passa a apoda-lo pela cobardia, com que se houve no combate, excitando o riso dos expectadores ; nem podia ser de outro modo, pois para isso mesmo os empregarios de taes espectaculos costumam procurar figurões conhecidos, e ridiculos, para serem immolados na praça á hilaridade, e insultos da chamada *Padaria cambaia*, termo technico da nobillissima *Arte de Tourear*.

Sabio com gran desafego,
 Muito concho ao parecer,
 Mas teve muito que vêr
 Meter-se nas conchas logo;
 Quando o Touro com mais foga
 A carreira despedia
 C'os rapazes se metia
 Mostrando ser muito arisco,
 Pois por se livrar de risço
 A dar nos 'cachopos hia.

Não mostrou nenhum desar
 Antes com muito ar sabio,
 E bem nas sortes se vio,
 Pois todas foram no ar;
 Ninguém pôde murmurar,
 Porque andou muito advertido,
 E diz o mais entendido
 Que a festa foi mui de vêr,
 Vir vêr aos Touros correr,
 E vêr a elle corrido.

Homem de pé não trasia,
 Pois quiz mostrar nesta vez,
 Ser Homem de mui bons pés,
 Pelo muito que corria;
 E se acaso algum traria
 He para algum Garrato,
 Como se este fôra hum vaio,
 Porque para os outros Touros,
 Por não levar dois estouros,
 Vinha sem hum só Lacaio.

Quando os circumstantes viram
 O velho com tanto siso,
 Tanto cahiram de riso,
 Que dos palanques cahiram;
 Todos no corro se riram,
 De suas barbas louçãas,
 As festas não foram vãas
 Porque todos nesta hera,

Deitaram sua cãe fóra,
Quando entraram suas cãas.

.....
Em quanto no corro andou
Teve a festa bom que vêr,
Quando se quiz recolher
Logo a Festa se acabou;
Porque em quanto toureou,
Estiveram os Maraços,
Ao som de grandes aós, áes,
Todo o Touto bom he meu,
Mas logo que se acolheu,
Logo os Toutos foram máos.

D. Luiz de Gongora compôz um Poema com o título de *Soledades*, isto é, *saudades*, em que combinando a Sylva com a Elegia, derramou prodigamente todos os atrevimentos do novo estylo que pertendia introduzir, tornando-as á força de conceitos eneditos, e esquisitos, de methaphoras violentas, de expressões affectadas, hyperboles, e hyperbatorias uma das mais escuras composições, que se conhecem na poesia Hespanhola, sem que os prolixos commentarios, que depois se lhe fizeram, conseguissem torna-la mais clara, nem mais intelligivel.

O Doutor Bacelar foi o primeiro que se propôz a imitar esta composição, hybrida em nossa lingua, posto que descarregando muito o estylo daquelles ornamentos ambiciosos, e das trovas poetico=enigmaticas, com que o seu modêlo havia nublado, e escurecido o seu. Este exemplo de Bacelar despertou a emulação dos Poetas da Eschola Hespanhola, e uma saraiva de *Saudades*, devastou em breve o Parnaso Lusitano, pois ninguem se julgou Poeta sem ser ao mesmo tempo *saudoso*.

Temos de Bacelar dous Poemas deste genero, as *Saudades de Lydia e Armido*, em um Canto, e em Oitavas, e as *Saudades de Lysis* na ausencia de Anio, tambem em um Canto, em fórma de Sylva.

No primeiro destes Poemas ha uma tal qual acção dramatica, pois que Armido, naquelle Canto, obrigado pelo seu dever a embarcar-se para uma expedição

maritima, depois de combater com os impulsos do seu coração, que lhe dificultavam o separar-se de Lydia, a quem ternamente amava, a procura, despede-se della, procurando mitigar a sua dôr com mil protestos de constancia, e de eterna fidelidade, e cumprido este dever amoroso, corre a embarcar-se no navio a que o chama a sua bandeira. A namorada Lydia, vendo-se abandonada do amante cahê desmaiada, e quando torna em si, lamenta-se, maldiz a sua sorte, e teme pela do seu amante, que vai expôr-se aos perigos do mar, e da guerra.

O estylo deste Poema é em geral nobre, e elegante, posto que algumas vezes affectado, como acontece nestas Estanças.

No he justo que Lydia fique viva
Quando te roube a vida o duro praso,
Tambem justo não he que Armido viva
Quando me mate o fogo, em que me abraço,
Desde fado benigno, ou sorte esquivã,
Sigamos juntamente o duro caso,
Seja de ambos a gloria, ou seja a pena,
Pois que d'ambos amor assim o ordena.

Si he força que sem ti fique penando
Em minha soledade eternamente,
Mereço-te tambem, que vás passando
Sem mim tua jornada tristemente;
Logo para que seja o golpe brando
A Armido que se vai, e a Lydia ausente,
A Lydia ausente leva tu comigo,
Ou Armido que vai, fique comigo.

E para que comigo ficar possa
Para estorvar a causa a meu tormento,
Armido que te vás da Patria nossa,
Façamos igualmente apartamento;
Leva-me a mim tambem *nessa Carroça,*
Que vai rodando esse humido elemento,
Porque se Armido a Lydia communica,
Nem Armido se vai, nem Lydia fica.

Detem-te pois, meu bem, hum pouco espera,
 Para, porque endoideço, e desatino;
 Nesta fatal empreza, oh quem me dera,
 Que cada qual seguindo o seu destino,
 Obrasse cada hum na sua esphera,
 Quanto amor nos inspira puro, e fino,
 Melhor satisfaria com tal arte,
 Lydia a Cytharea, Armido a Marte.

Assim como o partir-te he valentia,
 Que inspira o Deos dos bellicos horrores,
 Tambem hir-te seguindo he bizzarria,
 A que me obriga a Deosa dos amores;
 Leva-me pois em tua companhia,
 Para que nenhum falte a seus primores;
 Nem tu á valentia de partir-te,
 Nem eu á galhardia de seguir-te.

Não direi que muitos destes pensamentos não sejam nobres, e apaixonados; mas, se não me engano muito, parece-me que a sua expressão não é natural, nem verdadeira! Ha nestas Oitavas um trabalho de espirito, um artificio, um modo de dizer tão argutamente conceituoso, que não se compadece com uma dôr profunda, nem com a desesperação, e lagrimas de uma amante affligida, e abandonada. Pelo menos não é neste gosto que Catulo faz lamentar Ariadne abandonada por Theseo; que Apollonio Rhodio faz com que Medéa se dôa de deixar a casa paterna para seguir o amante, e finalmente não é com contrapostos de Amido que se vai, de Lydia que fica, de valentia, e galhardia, que Dido na Eneida se desespera pela fugida de Eneas!

essa Carroça,
 Que vai rodando o humido elemento,

estes versos sam ruins por mais de uma razão, pela impropriedade com que Lydia em tamanha afflicção se entretém em fazer methaphoras, designando o navio por *Carroça*, e o mar por *humido elemento*, pela semilhança remota em que taes methaphoras se fundam, e até por se

dizer, que o humido elemento vai rodando a Carroça, quando é ella que roda por elle, impedida pelo vento.

Apesar destes, e de outros descuidos, ou defeitos, se assim lhe quizerem chamar, ha neste pequeno Poema algumas Estanças que por sua amenidade, e elegancia fazem honra ao talento do Author, por exemplo :

Apenas seu carmin com desefogo
Mostra flammante a Rosa quando espira,
Abre o branco Jasmim na Aurora, e logo
Ao mesmo tempo seu candor retira,
Seva esphera abrazada em vivo fogo,
N'hum dia deixa o Sol, n'hum dia o gira,
Teus bens, Amor, sem estes á porfia,
Flôres de huma manhã, luzes de hum Dia.

E já si este teu tracto, Amor tyrãoo,
Não fosse singular a meu respeito,
Menos sentira o golpe deshumano
Que agora rasga o meu ardente peito ;
Mas como conhecido o desengano,
As semrazões me mostra deste feitô,
Em minha pena, que mortal me deixa,
Tua innocencia ativa a minha queima.

Sem receios á parra na espessura
Em seus braços detem o Olmo altivo,
Bende á Hera constante em quanto dura,
Em firmes laços o penedo esquivo,
E sempre em seus amores bem segura
Dura, apesar do tempo successivo,
Que aonde he menos nobre a Natureza
Tem o Amor mais logro de firmeza.

.....

Porém, posto que agora me devida
De teus olhos meu Bem, a lagrãta sortô,
O laço, a que a minha alma está unida ;
He mais firme, e teu golpe menos fortô ;
Pouco lhe valerá, que na partida
Para mim seu rigor se não repôrô,

Porque eu beide, apesar de teus desvios,
Eternisar de meu amor os brios.

O Sol bem podera para o Nascente
Mover da sua Esphera as luzes vivas,
Bem podera o Téjo transparente
Tornar atraz as aguas fugitivas,
E apesar do espirito confluyente
Deixar seu curso ás ondas successivas,
Não he muito: mais he que o teu retrato
Algum tempo, meu Bem, falte em seu trato.

.....

Porém si com seu golpe a Parca dara
De meu florido Amor incurta os annos,
Antes quero jágora que segura
Deixes a vida minha em teus enganos;
E, porque o largo tempo mais apura
A verdade de Amor nos desenganos,
Não porque eu viva, a vida me não falte,
Mas porque meu amor melhor se exalte.

.....

Qual a mimosa flôr, que já pendido
Da sua fresca pompa o breve alento,
Em desmaio, que apenas he sentido,
Acaba ao respirar do grande vento;
Tal da formosa Lydia, quando Armido
Em seus suspiros fez o ultimo accento,
A côr perdida, o rosto desmaiado,
Cahio em terra o corpo delicado.

As côres, que em seu rosto alimentavam
Purpureas Rosas, Açucenas bellas,
As luzes, que em seus olhos retratavam
As, com que o Ceo sereno brilha, Estrellas,
Só a magoas motivos inspiravam,
Cobertas estas, pallidas aquellas,
Que a força que he mortal em seus rigores
Não perdoa ás Estrellas, nem ás Flores.

Ah! fero Amor, de tujas tyrannias
As maiores linezas sam estrago,

Que facilmente vario o bem desvias,
 A's almas, que prendeste em doce affago,
 Ai! sorte dura! que em mortaes porfias
 O empenho maior deixas mal pago.
 Que brevemente teu Decreto ordena
 Tornar-se o mal em bem, a gloria em pena.

Entre todas a Estrella mais benigna
 Co'a Aurora nasce, e morre juntamente;
 Abre pela manhã fresca a bonina,
 Desmaia á Noite em facil accidente;
 Apenas se vê fonte cristalina
 O Rio, e já fenece em grossa enchente,
 Em fim, onde he mais firme a formosura
 He sempre a duração menos segura.

Já dos mares o Lenho combatido
 As inquietas ondas dividia,
 E a celeuma do nautico alarido
 Nos toscos pedernaes se repetia,
 E finalmente já o illustre Armido
 De Lydia, que ficara se partia,
 Quando, tornando em si, Lydia constante
 O nome repetio do caro amante.

.....
 Rendida pois a seu amor caminha
 Para onde o desejo lhe ensinava,
 Que ainda para o vêr seguro tinha
 O seu constante Armido a quem buscava;
 Corria sem concerto, mas continha
 Tal graça seu correr, que bem mostrava
 Que para executar nas almas presa
 Não ha mister concerto a Natureza.

Esta sentença está em contradicção com a doutrina de João Jacques Rousseau, que affirma no seu Emilio que *as Mulheres não são feitas para correr*, e com effeito assento que nisto o Phylosopho tem mais razão que o Poeta, porque não ha cousa que as Senhoras façam com menos graça.

Despedidas ao largo já cortavam
 Com pressa as Naus a liquida corrente,
 Quando os passos de Lydia se acabavam
 Embargados do mar, que tem presente :
 Seus olhos pelas aguas caminhavam,
 Em Armido buscando o bem ausente,
 E atraz dos olhos seus, que já não via,
 Do peito este queixume lhe sahia.

Onde te vás sem Lydia? porém logo
 A voz entre os soluços lhe faltava ;
 Aonde? repetia, mas o fogo
 Que seu peito em suspiros exhalava,
 Muda a detinha ali!.....

As Saudades de Lysis na ausencia de Aonio sam escriptas em fórma de Sylva, e em estylo mais affectado que as Saudades de Lydia e Armido. O Poeta principia descrevendo o logar da secua.

N'hum Bosque solitario,
 Solitario de sorte
 Que habitação da morte
 Parece, ou secretario
 Da Noite, si não hera,
 Pasto da confusão, confusa Esphera,
 Entre mudos penedos,
 Estava hum com voz, Lysis, aquella
 Que vio Aonio quanto ingrata bella,
 Comovendo os rochedos
 A mudo sentimento,
 Com cristal, que desata
 Chorando-o bella, e despenhando-o ingrata,
 Movida do tormento,
 Que ella via teria
 Aonio ao apartar-se aquelle dia,
 Quando elle se apartava
 Da sua Lysis, que mais que a vida amava.
 Assim sentia quando
 Sentio que murmurando

Se despenhava hum Rio
 De sorte despenhado
 Como si fôra atraz de algum cuidado,
 E do Bosque sombrio
 D'onde estava começa
 A ajudar-lhe com lagrimas a pressa,
 Dizendo desta sorte :

- « Corre, Rio, não pares, porque a Morte
 » Busca tua corrente,
 » Neste estanque contente,
 » Tambem busca o socêgo,
 » Que desque fez emprego
 » De Aonio o mal tyranno,
 » Desconto do teu damno,
 » E de meu mal desconto,
 » Chegou a vida a ponto
 » Tão infeliz de sorte
 » Que busca a vida, quem procura a morte ;
 » Assim corres ligeiro,
 » Que deves benefício
 » Por mais que *peruleiro*,
 » Lhe pagues o agasalho,
 » Que te dá prateado a teu trabalho,
 » Que, si não fôra, fôras
 » Errando em monte, e prado,
 » Hindo, quando apressado,
 » Fazendo taes demoras,
 » Neste Bosque sombrio,
 » Que, antes de te vêr mar, morrerás Rio.
 » Assim corre veloz, segue apressado
 » Tua derrota, e o prado
 » Será mui brevemente,
 » De ramas florecente
 » Sendo por onde fores
 » Si espelho de cristal, bosque de fôrtes. »

A palavra *peruleiro*, que se lê no verso quatorze desta divisão, é um vocabulo baixo, e por isso indigno de entrar em poesia séria: tendo Lysis fallado com o rio, falla depois com um cordeirinho, que nelle vem desseden-

tar-se, logo, com um pintasilgo, que cantava pousado em um cardo, e que é devorado por uma aguia, a quem a Pastora se dirige pelo modo seguinte :

- « Ave, si passas praça
- » De piedosa, que causa
- » Te moveo a pôr pausa
- » Dessa innocente Ave
- « A' vida triste, e á Canção suave ?
- » Dize, Tyranna forte,
- » Achas piedade em dar-lhe a ella a morte ?
- » A mim por dar-ma, por não dar-me a vida,
- » E si presumes ruina,
- » Como em teu peito reina
- » A tyrannia, dize :
- » A morte dás, sem te custar aballo,
- » Como tiras a vida de hum Vassallo ?
- » Sem temeres cruel de ti que aviso
- » Por todos a injustiça,
- » Que mal pôde reinar a semjustiça ;
- » E si do Firmamento
- » Hes emplumada Estrella,
- » Galanteio maior da luz mais bella
- » A coja vista passas,
- » Planeta presumido as ameaças ;
- » Treme do abatimento,
- » Que moveo do espanto
- » Dia, que não ha celestes quem se humilha,
- » E si por vêr-te forte
- » Lhe deste a ella a morte,
- » Maior valor mostraras
- » Si em mim exercitaras
- » O golpe, pois consiste
- » A mór força no dar a morte a hum triste ;
- » Mas não te culpo a ti, a mim me culpo,
- » Pois sou tão desgraçada
- » Que não mereço nada ;
- » E tu, cujo infortunio já desculpo,
- » Não tens não, que chorar, que em baldé chora
- » Quem chora a vida agora,
- » Agora, que segura

» Das astúcias da caça
 » Vives, que por teu mal a Industria traça.

Depois de haver assim discursado com a aguia, e o pintasilgo, dirigi-se Lysis a um Leão, que vai deparar

N'huma penha partida
 Hum Leão, Magestade rigorosa
 Das Feras, que chorando estava a vida,
 De lado a lado de hum harpão passado,
 Que na Gruta o tinha embaraçado,
 De que Lysis movida
 Tractou de dar-lhe vida,
 Com acabar cruel de dar-lhe a morte,
 Dizendo desta sorte :

Parece-me que a primeira idéa; que deve occorrer a quem lê estes versos, é perguntar, se este acontecimento se passa na Africa, ou na Asia, visto que nesta nossa terra não consta que haja leões pelos bosques, e que os que temos visto, com vida, tem sido só nas gayolas de alguns curiosos, ou nas de alguns estrangeiros, como Mr. Charles, que os tem trazido para ganhar a vida mostrando-os. E por isso já se vê o pouco effeito que pôde produzir esta supposição falsa, admittida por Baccelar no seu Poema; além disso é inverosimel que uma Donzella delicada, como Lysis, encontrando um leão, embora mal ferido, em vez de largar a fugir com todas as suas forças, tivesse animo para o acabar de matar para despena-lo, e se entreter em considera-lo, e dizer-lhe :

« Ah infeliz Tyranno,
 » Imagem do meu damno,
 » Retrato do tormento,
 » Que padeço! » e se chega,

muito mais quando o Poeta accrescenta logo

O Bruto attento
 As vozes, e os passos,
 Que sentia sóar, pensando que heram

Daquelles, que lhe deram
 O principio ao seu mal, em taes enlaços
 Se vio, que réceoso
 Empenhou toda a força para a vida
 Poder livrar da penha dividida,
 E do harpão rigbroso
 Com que estava impedido,
 Mas foi debalde, pois ficou partido !

E quando o Leão, com a ancia da morte, se levanta, e lucta para soltar-se da lança, que o atravessa, cuida acaso o Leitor que Lysis se assusta, e se desvia daquelle logar? Pelo contrario, com sangue frio inalteravel continuava a contemplar a fera até que expire, agonisando-a com estas razões mui phylosophicas.

Ditosa tu, que deixas
 Quem tal vida me dera
 Quando te cança a vida
 Que a sorte te invejara,
 A minha he tão escura
 Que quanto mais me cança mais me atura !

E continúa por este gosto até chegarem os caçadores, que vinham em procura do leão, o que a obriga a retirar-se, porque *o mal não quer companhia*; e volta ao bosque onde acaba seus queixumes fallando com o Sol.

No *Postilhão de Apollo* Tomo II., pagina 249; ha outro Poema de Bacelar com o titulo de *Saudades de Aonio*, tambem em forma de Sylva e com tanta semilhança dos pensamentos, que parece ser uma variante deste. Toda a differença está, em que em vez de ouvirmos a Pastora Lysis pranteando na ausencia de Aonio, vemos o Pastor Aonio lamentar-se da ausencia da Pastora Lysis. A uniformidade dos dous Poemas começa logo na introduccão, que passo a copiar para que os Lectores possam combina-la com a da antecedente.

No remontado cume
 De hum monte solitario,
 Que terminando á vista o horisonte

Engeitou o ser nuyem por ser monte,
 E passando a Etherea gallaria
 Pharol hera da Dia,
 Do Dia lã semente,
 Que na asperza sua

Nunca tocou o resplendor da Lua;
 Porque escalando ousado o Ceo primeiro,
 Olhava para a Lua sobranceiro,
 E atropellando a machina luzente
 Hera entre as luzes bellas
 Apparador brilhante das Estrellas;
 Vice Atlante immortal do Firmamento,
 Aos pés calcava o Vento,
 E intacto ao raio ardente.

Escuta o fulmiar, e o Echo sente,
 Mas livre da tormenta,
 Nunca o golpe experimenta,
 Que como ao Vento pisa,

Lá abaixo no profundo da sua centro,
 No alto aos Elementos, abersso
 Tem a Officina os raios de Vulcano,
 Só na batalha dura

Quando os filhos da Terra,
 Levantando huma Serra em outra Serra,
 Aos Deos seus contrarios,

Que a tanto o humano desatino passa,
 Quizeram despojar da etherea Casa,
 Desatinadamente temerarios

Deste monte huma parte derrubaram,
 Que sendo o baudo a todos publicado
 Este monte semente

Teve as partes semente, rebellado
 Aos montes seus Irmãos, porém memores,

Ou por terem partidos lá maiores,
 Ou por ser seu visinho mais chegado,

E quando o monte Pelion,
 Pison e come ao Ossa,
 Do Exercito Gigante,

Grande a soberba foi, mas não bastante
 A abarbar esta machina imperiosa,
 Que sobranceira aos golpes,

Das armas, que a violencia despedia,
Só nas fradas provava a bataria.

Nesta dura montanha,
Imperiosa atalaya da Campanha,
Nesta robusta Serra,
Terror do campo, credito da Terra,
Suspiros dava ao ar, queixas ao Vento,
Cuidados ao tormento,
E em saudoso exercicio
Do monte penhascoso,
Aonio saudoso,
Que ausente firme de huma ingrata bella,
Seu retrato buscava em cada Estrella;
E fazendo consigo
De seus males ressonha,
Seus desgostos coplava a cada poalha,
O mesmo em Lysis via,
E como tanto a Lysis adorava
Falta de responder não estranhava.

Não farei observação alguma sobre este estylo; elle falla bem claro por si; e até parece demasiado gongorístico para Bacelar, que geralmente costuma evitar estes excessos, e affectação. Citei sómente este trecho para mostrar a identidade do exordio deste Poema com o do outro. Ali começa o Author descrevendo o bosque em que Lysis suspira, aqui descrevendo o monte em que Aonio chora a ausencia de Lysis, os dous proemios só differem em ser o segundo em estylo mais turgido, e mais affectado do que o primeiro.

Aonio, como Lysis, endereça os seus queixumes aos objectos, que se lhe apresentam, pôr o Sol, uma rosa, tums passarinhos, um echo, &c. já se vê que este Poema é inteiramente calcado sobre o outro, e que todo o artificio d'elle consiste em amplificações, e aproximações repetindo-se muitas vezes a mesma idéa debaixo de diferentes aspectos, o que não pôde deixar de produzir monotonia, e cansaço sem embargo das bellezas da expressão, e da formosura dos versos. O que parece ser um vicio inherente a esta especie de composição, pois se

encontram em todas as que nós ficaram daquelle tempo.

Nestas *Saudades de Aonio* não deixa de haver alguns trechos de mui boa poesia, tal é os seguintes :

Nasce contente pois, que bem parece
 Que Lysis outros prados reverdece,
 Pois bem me lembro agora,
 Quando ella estes prados habitava,
 Quantas vezes á Aurora
 Luzir maior espaço consentias,
 Porque á vista dos olhos,
 Por quem peño saudoso,
 Ou de puro medroso não sahias,
 Ou menos magestoso,
 Temendo competencias,
 Ostentavas na luz entrecadencias;
 Huma vez parecia, outras faltava,
 Como quem de cobarde atraz tornava.

.....
 Alegre copa dava hum verde Freixo

A' flórida alcatifa

De hum delectoso assento,

Onde logrando do doce copado

Se assentou de cáuçado,

E embebido com todo o seu cuidado,

Suspensio, e discursivo

Retratava comsigo o gesto altivo

Do seu querido empenho;

Ali o pincel do engenho,

Cortezmente atrevido,

Segundo o parecer do pensamento,

Retrata Lysis branda a seu tormento,

Ora esquivava a retrata,

A seu tormento ingrata;

Más sempre suspirando,

Quando com quebros graves

Lhe profanaram o silencio brando,

Dous Rouxinbes suaves,

Dous pardos Ramilhetes,

Que a falsas, e a motetes

A cadencias, e a quebros,
 Alternavam cuidados, e requebros,
 E pico a pico docemente attentos
 Se trocavam as almas nos alentos.

.....
 Que proprio do cuidado he o disvelo!
 Pois apenas o monte lhe aborrece,

Ao prado apenas dece,
 Quando outra vez suspira pelo monte!

Oh gran desasocego!

Bem parece que o guia hum moço cégo;

Ergue-se em fim, e agradecendo humilde

O liberal hospicio

Ao deleitoso Freixo,

Lhe disse: «Aqui te deixo»

«De memoria cortez em beneficio»

«A cousa que mais quero»

«O nome, que venero!»

E talhando curioso

O doce nome da querida ingrata,

Co'a magoa, que a lembrança lhe penetra,

Hum suspiro formava em cada letra,

«Lysis» (em fim escreve)

Ficando a hum tronco, toscamente bronco,

O nome de outro tronco;

Accrescentando abaixo tristemente

«Em vão te busca quem te chora ausente.»

Irresoluto parte,

E, sem saber adonde

Guia a planta cançada,

Deixa ao Acaso o acerto da jornada;

Que por gosto sómente

Alegre caminhará

Onde Lysis achara;

Mas como ausente a tinha,

Sem reparar aonde, em fim caminha.

Este desasocego, esta passagem continua de um lugar para outro, sem estar bem em nenhum, estas imaginações, e phantasias amerosas, aquelle caminhar á toa, só por necessidade mechnica de movimento, sendo-lhe

indifferente qualquer logar para onde se encaminhe, uma vez que não seja aquelle em que existe a sua amada, fórma tudo isto energica, e viva pintura de um coração apaixonado, que honra muito o Poeta que soube concebê-la, e executa-la.

Bacelar parece que tinha feito empenho de alcançar a antonomasia de *Poeta das Saudades*, pois sahio ainda á luz com outras *Saudades de Lydia*, e Armido, mais longas que as primeiras, e tambem em Oitavas; sem mais differença que Armido, em logar de partir para uma navegação, marchar para fazer a guerra aos Castelhanos, e o estylo ser muito mais turgido, e conceituoso do que o do primeiro Poema.

Não contente ainda de tantas saudades, escreveu ainda Bacelar outras *Saudades de Aonia*; mas estas sam um Poema Funebre, em Estanças, em que o Poeta lamenta a morte de uma Dama, a quem designa pelo anagramma de Nise; e piamente creio, que esta Nise não era um ente de razão, mas pessoa cuja perda affectou vivamente o coração de Bacelar, visto que o seu estylo nesta composição é mais singelo, e affectuoso que de costume, o que prova que estes versos não foram produzidos só pelo desejo de brilhar, e de mostrar espirito. Daremos alguma idéa deste Poema.

O local da scena é designado com colorido tão singelo como melancholico.

Para o valle, de luzes avarento,
Corria pois com passo cuidadoso,
Que para render culto ao sentimento
Vagares não admittie hum saudoso;
A impulsos de seu triste pensamento
Buscava as sombras, porque mais queixoso
Podesse em tal logar pelos horrores
Medir as magoas, e explicar as dôres.

He imiga da luz a saudade,
Opposta sempre a toda a companhia,
Que o mal, que tem da morte a qualidade,
De tudo o que he remedio se desvia;
Por isso entregue a tanta enfermidade

Aonio, ao fenecer do claro dia,
 Para todo empregar-se nos suspiros
 Busca no valle as sombras, e os retirios.

Rendido ao tosco pé de hum tronco duro,
 Que de pomposas ramas coroado,
 Verde docel ministra ao cristal puro,
 Daquelle arroyo, que precepitado
 A's suas plantas, porque em muro
 Cristalino agradeça o seu cuidado,
 Aqui larga os registos á corrente,
 E pelos olhos diz o que a alma sente.

A dôr, que o peito seu me communica,
 O motivo cruel de suas magoas,
 A chamma, com que o Amor lhe purifica,
 O fervoroso affecto em varias fragoas,
 Tyrannamente lastimado explica
 O coração pedindo turvas agoas,
 Pois sabe que o pèsar que n'alma mora

.....
 Em fim que morreu Nise, aquelle exemplo
 Da formosura, em cujas perfeições,
 Formando a Natureza illustre Templo
 Consagra a seu poder altos padrões;
 He certo que de Nise, em quem contemplo
 Tão puras de immortal as condições
 Erguesse em cinza pouca a breve sorte,
 Theatros ao pezar, tropheos á morte.

.....
 Nise, que em discrição, e formosura,
 Hera do Mundo o mais precioso ornato,
 E para acreditar acções de pura
 Da Natureza altiva hera o retrato;
 He possivel tambem que mal segura
 Sentisse as injustiças do teu trato;
 Ah sorte! que chegaste em tal crueldade,
 A perder o respeito á Divindade!

.....
 Porém que da Belleza ao ser mais raro
 Se antecipe o sepulchro, e além do Dia

Não passe Astro de luz menos aváro,
 Que da Flôr mais pomposa a galhardia
 Logre menos esphera, e que o mais claro
 Cristal perca da fonte a Alegria,
 Não he muito; mais he, que em Nise unidas,
 De hum só golpe desmaiem tantas vidas.

Em Nise, de seu rosto á gentileza,
 De seus olhós a luz resplandcente,
 A flôr de suas faces, e pureza,
 De seu nevado collo, e transparente,
 A combates da mais tyranná empreza,
 A impulsos do rigor mais insolente,
 Sam despojos, que agora em pouca terra
 Recolhe a Morte, a Sepultura encerra.

Mas aí, que não somente em Nise bella
 Tantas prendas, oh Morte, recolheste,
 Mas pois lhe consumiste o ser a ella,
 Tambem contra o meu ser te enfureceste;
 Quando te armaste só para vencel-a,
 Juntamente em minha alma o golpe deste,
 Que aonde as almas correm igual sorte
 Deus alentos acaba huma só morte!

A vehemencia daquelle amor ardente,
 Que em huma, e outra alma se accendia,
 Certo he que não vivia em si somente,
 Em Aonio tambem Nise vivia:
 Buscou-te pois oh Nise juntamente,
 Em mim da morte iniqua a souce impia,
 Para de todo assim desanimar-te
 Combatendo a tua alma em toda a parte.

Porém se te alcançou em mim a Morte,
 Em quanto aos sentimentos de querer-te,
 Não he possível que seu golpe forte,
 Me alcance quanto ás forças de querer-te,
 Hei de morrer de amante, a mesma sorte,
 Posto que entre os pezares de não vêr-te,

**Que quando tem de firme as qualidades
Sabe viver amor nas soledades.**

**Mas já que a melhor vida me roubaste,
Em Nise, amortecida, oh Morte dura,
Porque de todo em fim não me acabaste,
O ser, que em minha dôr tanto se apura?
Mas ai! que essa a razão porque deixaste
Livre em parte o meu ser de sombra escura,
Pois fica solitario o sensitivo,
Si morto para o bem, para o mal vivo.**

A' vista do que levava dito, pareceu ao Poeta, que devia explicar o motivo porque apesar de tanta magoa, que lhe causara a morte de Nise, podia ainda conservar a existencia no meio de tanta desesperação, e o seu engenho lhe faz deparar com razões plausiveis, e poeticas com que possa dar ares de verosimilhança a idéas, que o Leitor conhece que não são verdadeiras, se não como expressão de sentimentos apaixonados.

**Eu vivo, oh Nise bella, mas a parte,
Que em mim logra da vida os exercicios,
He para que empenhada em mais amarte,
Satisfaça constante a seus officios;
Vivo, porque minha alma com tal arte
Sinta da tua belleza os precipicios,
E vêjam-se igualmente em meus pezares
Tropheos de amor, da magoa os exemplares.**

**Vivo, porque amorosamente triste,
Me condemne o perpetuo sentimento,
Que no penar tambem o Amor consiste,
Quando só para a dôr dura o alento;
Vivo em fim, porque o ser que já em mim viste
Alegre, dê matéria ao meu tormento,
De sorte que igual guerra então perdida
Me faça a tua morte, e a minha vida.**

**Si a fera morte em ti, Nise adorada,
A vida te roubou tyrannamente,**

Em mim ficou-me a vida reservada
 Para entregar-me á Morte eternamente;
 Tua belleza em cinzas desatada
 Minha alma internecida tanto sente,
 Que já se satisfaz em tal estado
 Com huma eterna dôr o seu cuidado.

Todas estas idéas phantasticas sam na verdade falsas, se as examinarmos á luz clara, de uma logica severa, mas parecem naturaes, verdadeiras, e pelo menos verosimeis no delirio da paixão, e nas explosões da saudade, de que devemos suppôr possuido o coração do Author.

Eis aqui algumas Estanças animadas da mais rica, e terna poesia, e de que neste tempo seria difficuloso encontrar muitos exemplos nos nossos Poetas.

Porém si o ter logrado teus favores
 He caminho infalivel para os damnos,
 Tambem, oh sorte varia, entre os rigores
 A efficacia de impulsos soberanos
 Promettes succeder aos desfavores
 Co'as ditas, apezar de teus enganos,
 Pois com ligeiro pé tua roda passas,
 Alternando as venturas co'as desgraças.

O pobre Navegante, que rendido
 Ao arbitrio dos mares inconstantes
 De bravos Ventos sente o alto bramido,
 Sobre o furor das ondas mais possantes,
 Si aqui de mil contrarios combatido
 Lucta co'a triste morte por instantes,
 Ao depois lá no porto com bonança
 Cobra certo o penhor de huma esperança.

O leve passarinho que no prado
 Tambem de amor os movimentos sente,
 Si huma hora tristemente magoado
 Prende a seu canto os passos por ausente,
 Entregue a outra hora a mais agrado
 Da liberdade as vozes docemente,

E entre os favores da fiel consorte
Os mimos agradece á melhor sorte.

O Campo, que estendido em verde sala
Variamente recolhe as lindas flôres,
E em libré, com que o verde esmalte iguala,
Faz apparente alarde de mil côres,
Si a combates do Inverno perde a galla,
As flôres murchas, seccoos os verdores,
Logo que aponta a fresca Primavera
Começa a parecer quem d'antes hera.

O Téjo, que por campos dilatados
Em seus puros cristaes o Ceo retrata,
Si quando desses ares condensados
Em diluvios a nuvem se desata,
Corre menos formoso ao mar, turbados
Os cabedaes immensos da sua prata,
Tanto que o Ceo sereno se descobre
Então torna a cobrar seu preço nobre.

Em fim, que em todo o estado se repete,
Alternada a Fortuna nas mudanças,
De maneira que a hum triste se acommette
Agora com batalhas de esquivanças,
Nessa batalha mesma lhe promette
Restitui-lo á posse das bonanças,
Mas sendo assim mudavel para todos
Só comigo se empenha de outros modos.

Neste Poema ha a singularidade de ser o primeiro Poema funebre que se compôz em Portugal, bem que não faltem nos nossos antigos Poetas Elegias á morte de grandes personagens, e de pessoas que lhes eram caras, ou pelo amor, ou pela amizade; mas essas composições, posto que se dirijam ao mesmo fim, não pertencem á classe dos Poemas Elegiagos, propriamente ditas, e como os entendem os modernos.

Foi tambem neste tempo, que se introduzio a moda de glosar Sonetos, em Oitavas, isto é, tomar por thema um Soneto proprio, ou alheio, e amplificar o seu con-

theudo em quatorze Estanças, findando cada uma dellas em um verso do Soneto. Houve muitos Poetas, que se distinguiram muito nesta frivolidade poetica, e poucos serão os que possam emparelhar com Baccelar.

Todas as poesias deste Poeta, e dos seus contemporaneos, podem dizer-se lyricas no sentido mais amplo; tomando porém esta denominação no sentido mais restricto, e applicando-a á Canção, que é a representante da Ode na Poesia Romantica, é preciso confessar, que é este o genero de escripta em que menos sobresabio Baccelar, pois que pelos vãos de imaginação, pela viveza do colorido, encisão, e sublimidade de estylo fica muito longe, não direi já da elevação de Pindaro, e de Horacio, mas até da magestade, e elegancia de Petrarcha. Boa prova é disto uma longa Canção, que principia :

Meu Senhor Dom Rodrigo de Menezes
 A quem eu muitas vezes
 Cuido que amando offendo,
 Porque ouvi dizer já, e assim o entendo,
 Que amor he qualidade
 Que busca nos extremos igualdade,
 E eu que a distancia vêjo,
 Calo o amor á custa do Desejo,
 Não que esfrie o cuidado,
 Porque antes em respeito disfarçado
 He o mesmo no effeito,
 Amor he, porém chamam-lhe respeito.

Dirá alguém que neste exordio, que seria prosaico mesmo para uma Epistola familiar, ha sombra de poesia, e de estylo lyrico? Pois se o estylo não é lyrico, o assumpto muito menos o é, porque se reduz a uma exposição que o Poeta faz a D. Rodrigo de Menezes do seu estado de fortuna, dos seus Estudos Universitarios, da injustiça que ali se praticou com elle, não o provendo em uma Cadeira vaga a que tinha o mais claro, e indisputavel direito, pois como elle

Com tão geral espanto,
 E com applauso tanto

Li todas as Cadeiras,
 Ultimas, e primeiras,
 Da minha faculdade,
 Que tropecei por vezes na vaidade;
 Em as honras, que a Eschola me fazia,
 Parece que antevia
 Que havia de faltar-me a pagamento,
 E quiz pagar-me em vento.

Seis mezes dei Postilla
 Lendo Digesto Velho,
 E por concorde escolha do Conselho,
 Sem haver controversia, nem disputa,
 Tambem huma Cadeira de Instata,
 Li pelo largo espaço de seis annos;
 Os Soldados da Eschola Veteranos,
 Que lá chamam Passantes,
 A mim me ouviam antes;
 Deixavam seus geraes, aonde liam
 As materias melhores,
 Lentes mui superiores,
 E em voz commem diziam:
 Vamos ao Bacelar, que explica ás tardes.

Parece que um homem nestas circumstancias estava no caso de ser preferido para Lente proprietario; mas as intrigas dos seus inimigos poderam mais do que os seus merecimentos; e trabalhos, e Bacelar foi preterido, que tal tem sido quasi sempre entre nós a sorte do homem estudioso, e probo.

Conta depois, que deixando Coimbra viera a Lisboa, onde não fôra mais feliz, pois não só lhe negaram uma conducta, até vagar uma Cadeira de Instituta, deixando-o, como elle diz, *sem conducta e sem conducto*, mas até sendo consultado para alguns Logares de Letras, ainda as Consultas, não tinham sido resolvidas, e termina pedindo a D. Rodrigo, que se interessasse por elle para alcançar um logar de Corregedor do Civel.

Já se vê que nada mais affastado que tudo isto da Poesia Lyrica, e que a este Poema mais conviria o titulo de Epistola, ou de Sylva do que o de Canção, que sem pro-

priedade nenhuma lhe deu; não quero dizer com isto, que a Obra, considerada sem referencia ao titulo, seja destituida de merito, e ás vezes de graça, posto que a versificação seja menos sonora, e mais prosaica do que aquella que o Author costuma habitualmente usar. Tal é o seguinte trecho.

Apoz huma esperança lisongeira,
 Jacob de huma Cadeira
 Vencendo ora impossiveis, ora damnos,
 Servi quatorze annos
 Nos campos do Mondego a hum Povo rudo,
 Que ainda Labão mais duro, e fero,
 Sem ter outro descanso
 Que saltar de hum estudo a outro estudo!

Esta aproximação de Rachel com a Cadeira, de Baccalar com Jacob, e de Labão com os Estudantes, me parece sobre maneira bofona, e graciosa! Os versos

Servi quatorze annos
 Nos campos do Mondego a hum Povo rudo,

Fazem lembrar, e talvez dessem origem áquelles de Nicolau Tolentino

Me vi sentado, em tripole de Pinho,
 Prégando a hum Povo barbaro, e daninho.

Tambem estes se fazem notaveis pela simplicidade, e sentimento da expressão.

De meus annos a doce Primavera
 Lá ficou a pedaços consumida,
 E inda este troço, que salvei da vida,
 Oh! com que pena o escrevo,
 Ao desengano o devo,
 Que, si elle, inda que tarde, não viera
 A salvar estes ultimos desmaios,
 Onde perdi os Maios,
 Os Setembroz perdera.

No serviço, e no estudo
 O meu pouco gastei, que hera o meu tudo;
 Vivi sem apparatus,
 Mas sempre com limpeza,
 Não he o tracto rico,
 Mas hera limpo o tracto,
 E em fim huma estreiteza
 Que não hera desaire, hera pobreza;
 Gastou-se pouco a pouco a pobre herança,
 Em aturar os tardes da esperança,
 The que estendendo o prazo a sorte escassa
 Se foi levando pouco a pouco á Praça
 O garfinho de prata, o anel de ouro,
 Que este hera o meu thesouro,
 Com quanta dôr a penna hoje o descobre!
 Ardeu toda a casinha da Viuva,
 Que hera casinha em fim, inda que pobre,
 E agora a Velha honrada
 A si se vê sem nada, e a mim sem nada.

Todas estas circumstancias interessam muito, não só por que sam bem expressadas, mas porque nos introduzem, digamo-lo assim, na intimidade do Poeta, e nos fazem conhecer a sua vida particular; mas nada disto, como já dissemos, é lyrico.

Passando depois a contar, que a injustiça que lhe haviam feito quasi o privara do juizo, e o fizera enfermar gravemente, descreve com muita energia a sua partida de Coimbra.

Apenas melhorei, quando á presença,
 Quiz fugir de huma Terra
 Onde só na amisade achei a guerra;
 Co'a perda, e co'a doença
 Fiquei tão desnudado,
 Que me não parecia já comigo;
 Passava em fim por mim o mór amigo
 Sem mostrar-me hum agrado,
 Hera Carro entornado,
 E, como disse hem o nosso Velho,
 De quem cada sentença he Evangelho,

He costume de todos mui usado
 Dar ao Carro de mão, que está quebrado.

Parti-me deste modo,
 Inda não são de todo,
 E menos do juizo,
 Tão outro tinha o siso,
 Vinha tão rematado,
 Que cuidei confiado,
 Com arrogancia summa,
 Que daquella injustiça, que eu sentia,
 O remedio acharia
 Nesta Côrte, onde o mesmo se costuma;
 Aqui onde a Justiça,
 Tem o mór precipicio,
 Fez-se traje a injustiça,
 Que d'antes hera Vicio,
 Diversos sam os modos,
 Porém he traje, que costumam todos;
 Não he culpa do Tempo,
 Dos Homens he a culpa;
 Em vão certo os desculpa,
 Quem imputando ao Tempo falsamente
 Dos Homens a maldade,
 Seculo chamam o não fallar verdade;
 Ai de ti, oh Monarchia,
 Onde réparte os premios a Valia!

Si Antonio Barbosa Bacelar tivesse florescido no reinado d'El-Rei D. José, é muito natural que o seu nome figurasse com gloria entre os de Garção, Diniz, e Quita, cujas boas doutrinas, e melhores exemplos não podiam deixar de grangear grande influencia no seu espirito naturalmente poetico, e elle seria sem duvida um novo ornamento da Arcadia, e contado entre os Restauradores da Lingua, e da Poesia Portugueza.

CAPITULO II.

Antonio Serrão de Crasto.

No infeliz reinado d'El-Rei D. Afonso VI. floresceu um Poeta de grande nomeada, mas cujas circumstancias pessoaes ficaram sepultadas na mais perfeita escuridade, pois que até escaparam ás minuciosas diligencias do Abade Diogo Barbosa Machado, e do não menos diligente D. Nicolau Antonio, Author da Bibliotheca Hespanica.

Este Poeta chamava-se Antonio Serrão de Crasto, que nasceu em Lisboa no anno de 1610, porém ignora-se quem foram seus Pais, quaes foram os seus estudos, que profissão exerceo, quaes foram os seus meios de viver, que de certo não foram muitos, pois em algumas das suas poesias elle proprio nos informou de que era pobre. Ignora-se finalmente o anno da sua morte, consta porém que ainda vivia em 1683.

Foi membro de quasi todas as Academias, que não eram poucas, do seu tempo, e serviu muitas vezes de Presidente na dós Singulares, como se vê dos dous volumes de prosa, e verso, que desta Academia se imprimiram.

Era dotado de humor jovial, e festivo, e por isso muito presado na Sociedade.

A Bibliotheca de Barbosa menciona muitas composições metricas, que delle se imprimiram, além de vinte Sonetos, duas Orações, trinta e sete Romances, e varias Glosas, e Decimas que se encontram entre as Obras dos outros Socios da Academia dos Singulares.

Pertencem-lhe igualmente algumas poesias que se lêem anonymas no IV. Tomo da *Phenix Renascida*, desde paginas 167 até paginas 274. Distinguindo-se entre ellas uma Relação, em Romances, dirigida a certa Dama, que

Iha pedira, do triumpho, com que foram recebidos em Lisboa os Serenissimos Reis D. Affonso VI., e D. Maria Francisca Isabel de Saboia, em 29 de Agosto de 1666, e outra parte em Romances, parte em Decimas das Reaes Cannas, com que a Nobreza Lusitana festejou as infelicissimas bodas de D. Affonso VI.

Antonio Serrão de Crasto era um Poeta essencialmente mediocre, que se não faz notavel nem pela riqueza da imaginação, nem pela fecundidade da invenção; a sua linguagem é geralmente pura, o seu estylo gracioso, e cahe não poucas vezes nos defeitos da Eschola Hespanhola, a que pertencia; verselica regularmente, mas nos seus versos encontram-se com frequencia torneios de phrases prosaicas, e humildes.

Um dos maiores inconvenientes das Obras deste Poeta, e que torna enfadosa a sua leitura, está nos assumptos dellas, pela maior parte academicos, e por isso extravagantes, desprovidos de interesse, e de atractivo para o Leitor, sendo impossivel que um homem, ainda mesmo dotado de talento prodigioso, o que está bem longe de poder ser applicado a Antonio Serrão de Crasto, podesse produzir cousa boa discorrendo sobre objectos tão frivolos, e exóticos, como aquelles com que as Academias desse tempo costumavam de ordinario occupar-se. Da escolha judiciosa do assumpto depende, em grande parte, a boa execussão de um Poema. Um assumpto grande, interessante, e sublime fere poderosamente a phantasia; e o coração do Poeta, e lhe serve de verdadeira inspiração; pelo contrario o assumpto arido, insignificante, e mal escolhido agourenta os vãos da imaginação, e traz consigo certo enfadamento, e contenção de espirito que obriga o Poeta, ou a rojar nas trivialidades, ou a perder-se n'um cahos de conceitos alambicados, de hyperboles, pensamentos extravagantes, trocadilhos de palavras, equívocos, e abusos de termos, que á maneira dos equilíbrios dos Volteadores, surpreendem um momento por sua singularidade, mas que depreça fatigam a attenção, e produzem a saciedade; sam como as pedras falsas, que brilham muito, mas que só os nescios apreciam como as verdadeiras.

Para dar idéa do estylo jocoso deste Author citaremos

alguns trechos de suas Obras; os Leitores ajuizarão por elles até que ponto merecia os applausos que lhe tributaram os seus contemporaneos.

ROMANCE.

Senhor Dom Francisco Menzas
Hum Romance hoje vos faço,
Em que ser Poeta mostro,
Em que ser pobre declaro.

Porque, pobreza, e Poesja
Nasceram de hum mesmo parto,
E destas, Poeta, e Pobre
Nasci em dia aziago.

E como sam tão antigos,
E Parentes tão chegados,
Entre Pobre e mais Poeta
Diferença nenhuma acho.

Como Pobreza, e Poesia
Cantem no mesmo compasso,
E a Loucura, todos trez
Fazem hum Terno extremado.

E tão unidas comigo
Todas trez estam n'hum laço,
Que si não canto com ellas,
Que com ellas choro, he claro.

Poeta o Vicio me fez,
Pôz-me louco o Tempo vario,
A Fortuna me fez pobre,
Sendo todos meus contrarios.

Mas porém não sou Poeta,
Que esse nome tão preclaro,
Não o posso merecer.
Por quatro trovas, que faço.

Porque ser Poeta hum Homem,
 He hum dom mui sublimado,
 Huma graça *gratis data*,
 E hum Espirito mui alto.

Mas que sou doudo varrido
 Isso não posso nega-lo,
 Que as causas pelos effeitos
 Se conhecem de ordinario.

Porque grande louco he,
 E de juizo bem falto,
 Quem faz trovas, e faz versos
 Estando em tão triste estado.

Porém *quod Natura dat*,
 Nos diz o Latino Adagio,
 Que *nemo negare potest*,
 Assim estou desculpado.

He certo, que melhor sôra
 O ser hum Louco insensato;
 Do que ter algum Juizo
 Para sentir o que passo.

DECIMA.

Porque só perde o juizo
 Quem sempre juizo tem,
 Quem a' enlouquecer não vem
 Esse he louco, e não tem siço;
 O Louco só tem juizo
 Porque o mal, que tem não sente,
 Que neste tempo presente
 Sentir com entendimento
 Augmenta mais o tormento,
 Faz a péna mais vehemente.

Que sou pobre he tão patente,
 Que não he mister prova-lo,
 E mais quando este Romance
 Em ser pobre vai fundado.

Tudo isto sam rodeios,
 Que eu, Senhor, ando buscando,
 Por dilatar o pedir-vos
 De corrido, e envergonhado.

Porque não sei com que cara
 Pedir possa Homem honrado,
 Quando sei que he o pedir
 Tão duro, custoso, e caro.

Que entre morrer, e pedir
 Acho fóra mais barato
 O Homem honrado morrer,
 Que pedir necessitado.

Porque he o mal da Pobreza
 Tão forte, e desesperado,
 Tão cruel, tão rigoroso,
 Tão triste, abatido, e baixo,

Que a não nos trazer a morte
 Taes medos, receios tantos,
 Oh quantos a tomariam
 Da vil miseria abrigados!

Que não he tão feia a morte
 Como a pintam d'ordinario;
 Que vai do pintado ao que he,
 O que do vivo ao pintado.

Que essa Anathomia d'ossos,
 De sangue, e de carne faltos,
 Esse Cadaver horrivel,
 Esse Esqueleto mitrado,

Essa medonha Caveira,
 Que mete horror, causa asco,
 Não he retrato da Morte,
 Si não de hum morto retrato.

Que a Morte sómente he fera
 Quando succede em peccado,
 Mas he mui bella, e formosa
 A morte de Justo, e Santo.

He a Morte hum leve somno,
 Hum aprazivel Lethargo,
 Doce suspensão das penas,
 Suave fim dos trabalhos.

He a Morte hum livro certo,
 Em que se lêm desenganos,
 He hum amigo fiel,
 Que a ninguem traz enganado.

He a Morte hum Surgião
 Tão dextro, perito, e sabio,
 Que só com sua lembrança
 Corta os herpes do peccado.

Em mais alguns Authores deste tempo, e mesmo dos anteriores se encontra a voz barbara *Surgião*, em lugar de *Cirurgião*, como hoje dizemos, como dizia Camões, e que corresponde melhor a *Chirurgus*. *Surgião* agora só se encontra na bocca da infima plebe, e ninguem ousaria empregar tal vocabulo em escriptura limpa, e decente.

Porque quem della se lembra,
 E do Juizo he lembrado,
 Do Paraizo, do Inferno,
 Que não peccará he claro.

Que ha Mortes mui desastradas
 Por ruinas, por naufragios,
 Por grandes Apoplexias,
 E por accidentes varios.

E por isso importa andar
 Na consciencia ajustado,
 E ter a conta bem feita,
 Para a dar boa no cabo.

Porque a Morte não avisa
 Quando hade vir pelo prazo,
 Nem diz o como, nem quando
 Para nos ter com cuidado.

Ella he quem no combate,
Sempre com tão livre passo,
Entra nas Choças humildes
Como nos altos Palacios.

Dali leya crôa, e sceptro,
Daqui monteira, e cajado,
Que de sua aguda foicê
Não foge o alto, nem baixo.

Porque para ella não ha
Logar algum reservado,
Porque em todo o Mundo tem
Jurisdicção, poder, mando.

Estas doutrinas sam mui sãs, e conformes com a Religião Christã; porém essa mesma circumstancia, devia, me parece, cohibir o Author de expende-las em uma poesia faceta, e em estylo tão ligeiro; quando se tracta de Moral, e de Religião é necessario faze-lô com gravidade, e phrase conveniente a taes assumptos.

QUINTILHA.

*Que ni al Rey mais subido
Porque sa tributo çabre,
Ni al Peon abatido
Lo dexó por escondido
Ni le perdonó por pobre.*

Estes dous ultimas versos sam copiados do bellissimo Romance de Angelica, e Medoro por D. Luiz de Gongora, sem mais differença, que a mudança de uma particula.

En un pàstoral alvergue
Qise la Guerra entre unas robles,
Le dexó por escondido,
O le perdonou por pobre.

Felice quem como o Cisne
Da vida chegar ao Cabó,
Porque o branco Cisne acaba
Da vida o curso cantando.

E mais felice mil vezes
A quem ella achou deitado,
Na sua cama contrito,
E chorando os seus peccados.

Mas a morte sempre tarda
Ao triste, que a está chamando,
Sendo ás suas queixas surda,
Sem accodir aos seus brados.

Porque nunca para hum triste,
Com ter azas, vem vôando,
Para huns apressa o Relogio,
Para outros o tem parado.

Porque foge a quem a busca,
Dá a quem lhe foge assalto,
Deixa a quem de nada serve,
Leva a quem he necessario.

Leva hum rico, deixa hum pobre,
Deixa hum Nescio, leva hum Sabio,
Do Mundo o ornato tira,
Deixa do Mundo o embarço.

Corta huma encarnada Rosa,
Arranca hum purpureo Cravo,
Não corta a negra Azinheira,
Deixa o rispido Carrasco.

Rosa bella he qualquer Dama,
Cravo hum Mancebo bizarro,
Azinheira a triste Velha,
Carrasco o inutil Avaro.

E pois tudo o que he a Morte
Tenho dito dilatado,
O que seja agora a vida
Mais brevemente relato.

A vida he perpetua Guerra,
Hum continuo sobresalto,
Huma inquieta fadiga,
He hum mar sempre alterado.

Tambem a vida he hum Livro,
 Mas mui mentiroso, e falso,
 Hum amigo lisongeiro,
 Que a todos traz enganados.

Tambem he hum Surgião,
 Mas bem pouco experimentado,
 Que anda cortando por fóra,
 Por dentro os herpes deixando.

Mas não sei que tem a vida,
 Que todos a desejamos,
 Para prova disto quero
 Huma Fabula contar-vos.

C'hum feixe de lenha vinha
 Hum Velho muito cançado,
 Que com trabalho, e canceira
 Cortado tinha no Matto.

Elle fraco, o peso grande,
 Deu logo em terra co'a carga,
 Chamando a Morte viesse
 Dar fim a seus annos largos.

A Morte veio correndo
 Ao Velho, e perguntando,
 "Que mandas? aqui me tens
 "Muito prompta ao teu mandado."

O Velho, vendo-a, lhe disse
 Medroso, e sobresaltado,
 "Eu quero que me ajudeis
 "A pôr ás costas o cargo!"

Pois si todos querem vida,
 Desde o mais alto ao mais baixo,
 Desde o mais rico ao mais pobre,
 Desde o valente ao mais fraco.

Deos vô-la dê mui feliz,
 Por annos mui dilatados,
 Com tantos bens como sempre
 Vos deseja este Criado.

Para que sejaes dos Pobres,
Remedio, soccorro, amparo,
Para que sejaes dos tristes
Conforto, allivio, descanso.

Pois venho agora, Senhor,
Meus males comunicar-vos,
Porque dizem que sam menos
Os males comunicados.

Posto que será melhor
Em o silencio deixa-los,
Que mais que a lingua dizendo
Diz o silencio callando.

Mas foram de qualidade
Os que passej, e inda passo,
Que até no mesmo silencio
Não cabem trabalhos tantos.

Por isto creio me vem
Este motte apropriado,
Que não vi outro melhor
Nem de conceito mais alto.

*Solo el silencio testigo
Puede ser de mi tormento,
Y acin nó cabe lo que siento
En todo lo que nó digo.*

Hum só dia de tormento
Annos parecem mui largos,
Quantos me pareceriam,
Menos dous dias, dez annos!

Que tantos, Senhor, estive
Antes de morto enterrado,
Se bem morto para os gostos,
Vivo para estar penando.

Por culpa de ninguem, digo,
Si não só dos meus peccados,
Porque estes só foram causa
De todos os meus trabalhos.

Mas eu para que me queixo,
 Si he meu queixume excusado,
 Si he pena de haver nascido
 O viver sempre penando.

Não he minha esta sentença,
 Mas de hum Author extremado,
 Que chama ao nascer delicto
 Na Decima, que traslado,

DECIMA.

*Apurar, Cielos, pertendo
 Ya que me tractaes asi,
 Que delicto cometi
 Contra vosoutros nasciendo;
 Mas si nasci ya intiendo
 Que delicto hê cometido,
 Bastante causa ha tenido
 Vostra Justicia, y rigor,
 Pues el delicto mayor
 Del hombre es haver nascido.*

Quando os Filhos lhes nasciam,
 Choravam antigos sabios,
 Porque hum Homem quando nasce
 Nasce sugeito a trabalhos.

Porém quando lhes morriam
 Ficavam mui consolados,
 Porque he dos males a Morte
 Termo, fim, morte, descanso.

Como o Sol havia ser,
 Em nascendo, hum desgraçado;
 No dia, em que tem principio
 Tendo nesse mesmo Ocaso.

Que berço melhor se pôde
 Dar a hum Filho desgraçado
 Do que por brincos, e fachtas
 De mortalha hum pobre panno.

Primeiro do que eu o disse
 Já Lope de Vega Carpio,
 Na sua Arcadia famosa,
 Nas Coplas que já relato.

*Nasci Pastor aun que pobre,
 Oh si plagiera a los Hados,
 Que de mortaja servirion
 Aquellos primieros paños!*

*Que el que nasci para ser
 En extremo desdichado,
 Que mas nacer que morir?
 Que mejor cousa que un mormór!*

Padecer Homem affrontas,
 Ruinas, perdas, naufragios,
 Por acaso, ou por desastre,
 No Mundo he mui ordinario.

Mas não ha maior desgraça,
 Nem mais lastimoso caso,
 Do que haver Homem que nasça
 Por herança desgraçado.

Ter Morgado de Miscrias
 He muito triste Morgado,
 Mas inda mal, inda negro
 Que he Morgado que tem tantos.

Como estou de posse delle,
 De dôr, e de pena estallo,
 E o coração se me faz
 Dentro do peito pedaços.

Assim peço a Deos me dê
 Paciencia, em mal tamanho,
 Como a que quiz dar a Job,
 De quem possa ser retrato.

Este Romance polygloto devia, em meu entender, reduzir-se a metade da sua extensão: mas os Seiscentistas quériam tudo grande; moveis de casa, talhe de ves-

tidos, armas, livros, Discursos, Poemas &c. ; para elles o engenho não estava em dizer bem, porém em dizer muito ; ora é claro que dizer muito em pequenos assumptos só póde conseguir-se soltando o fio das idéas, e ajuntando objectos heterogeneos como acontece aqui.

Deste Romance, tal qual, deduzem-se duas cousas ; primeira, que o Author vivia em estado de pobreza ; segunda, que Nicolau Tolentino de Almeida achou já estabelecida a moda de fazer petições de miseria em versos jocosos.

Segundo as idéas de hoje, descrever em estylo chocarreiro a entrada de uma Rainha em Lisboa, e os festejos do seu casamento só poderia ter logar se o Author dessa descripção tivesse por fim censurar, e meter a ridiculo esse acto ; porém no seculo de Antonio Serrão de Crasto andaram tam validas as hufonarias, que esta indecencia passava por bizzarria de engenho, de que sobram exemplos, mesmo em objectos de ordem superior, e uma prova de bom gosto, porque nesses tempos os Portuguezes, estavam tão enfatuados com o jocosario, que por alguns Sermões, que nos restam desse tempo, se vê que até dominava no pulpito ; e nesta disposição dos espiritos podia sem escrupulo applicar-se a Portugal a denominação de *Geno lomico*, que Juvenal applica aos Gregos.

Não deve portanto admirar que o Poeta fazendo menção do recebimento da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, se explique pela maneira seguinte :

Tremendo crueis maleitas
O Sol no Leão deixava,
Sendo nelle o frio, medo :
A Inveja, febre que abraza.

Na casa entrava do signo,
Que quanto mais nelle se acha,
Sendo sexto, e sendo quente,
Seu nome conserva, e guarda.

De Agosto heram vinte, e nove,
Porém, nesta grande entrada,
Não se chama o mez de Agosto,
O Mez do gosto se chama.

.....

Houve grande reboliço
 Junto, de huma Estribeira,
 Huma Pans, e mais Venus,
 Que jogavam a guedelha.

.....

Iguaes bufonarias se encontram na descripção dos jogos de cannas, que os fidalgos fizeram por esta occasião.

Vossa Senhoria a mim
 Em Decimas me condemna?
 Quando tiveram de que
 Pagar Decima os Poetas?

Mas a Vossa Senhoria
 Razão he que lhe obedça;
 Assim que as Decimas pago,
 Mas he mui ruim moeda.

Cannas será hoje ouvir-me,
 Quando estas cannas descrevo,
 Que sam cannas ouvir versos
 De hum Poeta de má veia.

Parecia razoavel que o Poeta celebrando um milagre de S. Francisco Xavier, que metendo, segundo dizem, um pé no mar, tornou doces as suas aguas, mudasse de estylo, e expozesse o caso com aquella seriedade, que demandam todos os assumptos, que se referem á Religião; mas pelo contrario, assentou elle, que não podia achar melhor occasião de empenhar, e alardear o seu talento jocosario, e principia assim:

Hoje minha Caballina
 Será, Santo Xavier,
 Esse mar, que vós tão doce
 Fizestes com vosso pé.

De meus versos a medida
 Cuido que certa hade ser,
 Porque errar não posso tendo
 Vosso pé por *pilit-pied*.

Quizera que este Romance
 Não vos parecesse bem,
 Que será doce si vós
 Lhe dáis co'a ponta do pé.

Vosso pé metestes n'ágoa,
 E ficou, huma agoa mel,
 Eu então não tenho séde,
 Bebera o mar por hum pé.

Agoardente de cabeça,
 Quem quizer pôde beber,
 Que eu antes que a melhor Candia
 Beberei desta Agoapé.

Mui salgado está o Mar,
 Porém virou desta vez
 Sem sal, mas com muita graça,
 Só com beijar vosso pé.

Não é necessario citar mais para se fazer idéa desta composição, e do bom gosto dos contemporaneos, que não só soffriam, mas admiravam estes desconchavos dignos da casa dos alienados de Rilhafolles. E' necessario examinar estas miserias do espirito humano para bem se avaliar os serviços que á Poesia Portugueza fizeram Garção, os Arcades, e Francisco Manoel tirando—a deste charco de abjecção para eleva-la com as suas doutrinas, e ainda mais, com o seu exemplo, ao ponto de perfeição em que chegou no reinado de El-Rei D. José, e de sua augusta filha a Senhora D. Maria I.; o que faria se a Administração tivesse acolhido, e patrocinado aquelles grandes engenhos, que appareceram como por encanto? Si Garção, o restaurador da lingua, e do bom gosto, não tivesse perecido no Limoeiro! Se Francisco Manoel não tivesse sido obrigado a emigrar, procurando abrigo em terra alheia contra as perseguições, que se lhe tramavam na patria!

Os jogos de palavras, trocadilhos, e estylo jocoso tem melhor lugar no seguinte Romance, em que o Author descreve a briga de um Cégo, e um Corcovado.

De hum Cégo, e de hum Corcovado
 Hoje o desafio escrevo,
 N'hum vou a céga Lagarta,
 N'outro vou com grande peso.

N'huma palestra se acharam,
 Os dous a hum mesmo tempo,
 Hum carregado de espaldas,
 Outro de cholera cégo.

Vinha o Corcovado armado
 De bacias de Barbeiro,
 Huma trazia nas costas,
 Outra trazia nos peitos.

Com vir nas conchas metido,
 Parece vinha com medo,
 Pois nas conchas com allongo
 Hum Cágado estava feito.

No Cégo véjo a razão,
 No Corcovado a não véjo,
 Porque he hum Homem que nunca
 Teve avesso, nem direito.

Esgrimio o Cégo hum pau,
 E andou com elle tão dextro,
 Que em dous angulos obtusos
 As pancadas deu correndo.

Descarregou de pancadas
 No Corcovado hum chuveiro,
 Porque os chuveiros nos montes
 Dam as pancadas mais cedo.

Dar o Cégo a bataria
 No Corcovado hera certo,
 Porque duas eminencias
 Tinha por onde bate-lo.

Sem haver pé de Pessoa,
 Que a briga estivesse vendo,
 Foi o Cégo dar c'hum pau
 Em dous vultos não pequenos.

Tropeçou o Cégo nelles,
Que he o tropeçar de Cégos,
E deu de Cégo pancadas
Em dous mui grandes tropeços.

Pôr no Corcovado o pau
Não foi neste Cégo erro,
Que em casas, que tem corcovas
Pôr-lhe pontões he acerto.

Dando na casa dos bicos,
Heram golpes tão horrendos,
Que lá no Cunhal das Bolas
Soando estavam seus Echos,

Sempre hum Cégo ha mister guia,
Mas eu neste Cégo vêjo,
Que não ha mister guiado
Pois tanger sabe hum Camello.

Com os Cégos tangerem bem,
Este tangeo tão avesso,
Que nas costas de hum laude
Deu bordoadas aos centos.

N'hum mesmo tempo brigou,
E acclamou o vencimento,
Pois sempre na briga esteve
Os atabales tangendo.

O Cégo teve a victoria,
Mas o Corcovado, he certo,
Que dos despojos levou
Os dous Alforges bem cheios.

Foi este um assumpto Academico. E' necessario que tivessem bem fracas idéas de poesia, os que a applicavam a semelhantes objectos. Sé os Socios da Arcadia seguissem este rumo, é natural que nunca levariam ao fim a empreza de reformar a poesia, e restaurar o bom gosto.

Em uma Carta, ou Romance, dirigida a um amigo dando-lhe as boas festas por occasião da Paschoa do Espirito Santo, torna o Author a fazer menção da pobreza em que vivia, gracejando sobre ella com uma frescura tal, que parece que andava muito contente com a sua triste situação; tanto póde o frenesi de parecer gracioso, e a affectação de espirito. Na verdade ao lêr os Poetas, desta epocha, parece que todo o Parnaso Lusitano estava festejando o Entrudo, e que as Musas só cuidavam em mascaradas, chufas, e folias.

Do Espirito Santo agora,
Meu Senhor, vos quero dar
Boas Festas, porque em mim
Tudo he já espiritual.

Hum Espirito estou feito,
Porque carne em mim não ha;
Nem no corpo, nem na Mesa,
Por magro, e não ter real.

Tão espiritual estou,
Que na verdade affirmar
Posso, que cousas do Mundo
Não vêjo dos olhos já.

Mas he minha Natureza
Tão rebelde inda, e tão má,
Que, não as podendo vêr,
As ando sempre a palpar.

Minha camisa, e ceroulas
Muito tem de espirituaes,
Pois sendo de panno grosso
Se me tornam em Cambray.

Não foi tornarem-se nelle
Por meu bem, mas por meu mal,
Porque adelgacaram tanto,
Que vieram a quebrar.

Defeito, e não pequeno, do estylo deste Poeta, é quando encontra uma idéa, dar-lhe tantas voltas, que não a deixa sem a ter completamente esgotado. Isto prova a pouca abundancia, e pouca fecundidade de imaginação.

Taes brechas lhe abriu o Tempo,
E lhe fez boracos taes,
Que hum só real de cominhos
Nellas não posso embrulhar.

Mas inda assim neste estado
Para isca podem prestar,
Ou para pannos, e fios
Das feridas no Hospital.

No espirito o Gibão
Quiz a Camisa imitar,
Pois, si ella Cambray se fez,
Elle se fez Tafetá.

Sam mais os remendos delle
Do que o he o principal,
E de que foi ao principio
Não se póde divisar.

Por Espirito a Baeta,
E por me não encalmar,
Que em filete se tornou
Por çafada se verá.

Si ella não foi de cem fios,
Sem fios já hoje está;
Porque os fios dê-os á têa,
Si antes os deu ao tear.

Com dar os fios a têa,
Veio inda têa a ficar,
Mas huma têa de Aranha,
Que hum assopró a levará.

Ainda assim póde servir
Para rede de Pardaes,
Ou para têa de Aranhas
Para Mosquitos caçar.

Camisa, gibão, roupeta,
Cada qual teve seu par
De mangas, agora nunes,
Nem pares, tem cada qual.

Inda tem mangas perdidas,
Mas não tem mangas de achar,
De arcabuzerias mangas
Sam, com que o tempo me dá.

Mangas d'agoa me parecem,
Que se levantam do Mar,
Pois só de as vêr, huma onda
Se me vem, outra se vai.

Dellas fiz mangas ao Demo,
Porque manga, que não traz,
Dentro em si alguma cousa,
O Demo a pôde levar.

Que depois de Festas boas
Sam mangas, ouço contar,
Mas eu antes, depois nellas
Sempre em mim as acho más.

Vós, Senhor, mas fazeis boas,
Pois pelas Festas nos dais
Com que coma, e com que possa
Mui largas mangas cortar.

No espirito as meias postas,
Andam muito pontuaes,
Porque tantos pontos nellas
Como malbas se ham de achar.

Não sam os seus pontos de honra,
Nem pontos de cobiçar,
Que pontos em rosto; e meias
Deixam mui ruíns signaes.

Nem tão pouco sam de gloria,
Pois me causam pena tal;
De fumo digo, que sam,
Porque me fazem chorar.

De fumo sam, porque o fumo
Vai-se para não tornar,
E ellas por pontos se vam
Para não tornarem mais.

Os Çapatos parecerem
De Espiritos se achará,
Pois com o rosto no chão
Andam sem se levantar.

Mas sam tão desasolados,
Que tambem me fazem dôr,
Mas eu pelas tombas, tombas
Lhes mando deitar assás.

Só de espirito o chapeo
A ninguem parecerá,
Pelo vér andar tão gordo,
E tão encebado andar.

Mas estar elle tão gordo
Vem a ser meu cabedal,
Mas espiritos malignos
Que o Tempo malvado faz.

Do Espirito Santo, vós,
Mui boas festas tenhaes,
Com muitas felicidades,
Com vida, saúde, e paz.

Neste Romance encontram-se muitos pensamentos tirados, ou imitados de D. Jeronymo Cancer, Poeta jocoso, de cujas Obras fazem os Castelhanos grande apreço, e que até certo ponto não deixa de merecer os applausos que os seus compatriotas lhe tributam. Parece-me porém, que o Poeta Castelhana tem mais graça, e mais naturalidade que Antonio Serrão de Crasto, e que até é mais delicado, e perfeito versificador.

CAPITULO III.

D. Francisco Manoel de Mello.

De D. Luiz de Mello, e de sua mulher D. Maria de Toledo de Massuellos, ambos de extracção nobilissima; nasceu nesta Capital, a 23 de Novembro de 1611, D. Francisco Manoel de Mello, Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, Commendador das Commendas de S. Simão de Vianna, de Santa Maria da Assumpção de Espichel, e Santa Maria do Hospital.

Poucos homens tem adquirido entre nós tão variada erudição, e escreveram tanto, e em tanta diversidade de assumptos, e faculdades.

Completoou os seus estudos de linguas antigas, e de Rhethorica, e Humanidades no Collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus, debaixo da direcção do Padre Balthazar Telles, um dos Professores mais distinctos, e affamados daquella Corporação, e era tão grande a sua applicação aos estudos, e tão facil e prompta a sua comprehensão, que aos dezeseite annes de sua idade já gozava de grande reputação nas letras, e era havido por muito douto nas Sciencias Philosophicas, na Theologia, e em toda a sorte de erudição, tanto sagrada, como profana.

Havendo fallecido seu Pai abandonou a carreira litteraria, para consagrar-se ao serviço militar, como sempre foi costume da nobreza, entre nós.

Nesta nova, e trabalhosa vida alcançou D. Francisco Manoel uma reputação tão brilhante, como a que havia grangeado no estudo das letras; portando-se em todas as occasiões, segundo consta das memorias daquelle tempo, com um brio, e denodo, poucas vezes visto, e passando muitos lances, e perigos, tanto no mar, como na terra.

Fazia parte da guarnição de uma nau pertencente á Armada, que em 1627 commandava D. Manoel de Mezezes. E sendo esta Armada combatida por uma grande tempestade, nos mares da Corunha, e a nau, em que hia D. Francisco Manoel, ou por ser mais velha, ou por ignorancia, e inhabilidade do Piloto, sossobrou, com perda das vidas de muita gente; foi o Poeta um dos poucos, que com grande trabalho poderam salvar-se, e escapar do furor das vagas.

O seu reconhecido merecimento o fez galgar rapidamente os postos militares, até ser elevado ao de Mestre de Campo, em cuja qualidade servio na Esquadra Hespanhola, com que D. Antonio de Ojueda, um dos officiaes mais distinctos na marinha de Castella, naquelle tempo, sahio ao mar para dar batalha a outra Esquadra Inglesa, que tivera a ousadia de vir infestar a costa de Hespanha.

Todos sabem que a Côrte de Hespanha tinha adoptado como regra, inviar todos os fidalgos, que por seus talentos, ou riquezas podiam ter grande influencia nas suas Posseções de Italia, ou em Portugal, para militarem nas guerras de Flandres, ou para lá morrerem combatendo pela sua causa, e pela da Inquisição, que os Hollandezes não queriam admitir; ou pelo menos conserva-los assim longe da patria, onde a sua presença podia ser perigosa, dando calor á animosidade do povo, insoffrido contra o jugo estrangeiro, e resentido dos vexames dos seus Governadores. Era a politica de Tarquinio, que mandava cortar as cabeças das papoulas, que se erguiam por cima das outras.

A mesma sorte teve D. Francisco Manoel, que na mesma qualidade de Mestre de Campo foi enviado á Belgica, onde prestou longos, e bons serviços, grangeando ao mesmo tempo a amizade, e estimacão dos homens eruditos, que abundavam naquellas partes.

Estando em Portugal, em 1638, tiveram logar os alborotos de Evora, em razão das tyrannias dos Hespanhoes se haverem tornado insupportaveis; e então o Duque de Bragança D. João, depois Rei, lhe deu commissão de dirigir-se a Madrid, a fim de por em quanto desvanecer as ruins impressões, que aquelles movimentos extemporaneos ali haviam produzido.

Acceitou D. Francisco aquella incumbencia confidencial, mas o fructo que della tirou foram amargos dissabores, e uma prisão; accusando-o os Ministros de Castella de não haver dado boa conta de si, na diligencia, que por elles lhe fôra dada de serenar os alborotos de Evora, e reduzir os levantados á obediencia do Governo, e por este motivo elle se gloria, na sua primeira Epanaphora, de ser o primeiro Martyr, que padeceo pela fé de Portugal.

Passados quatro mezes de reclusão em uma das masmoras de Madrid, foi por fim posto em liberdade, e tornou ao exercicio das armas.

Durante a sua prolongada habitação em Hespanha teve D. Francisco Manoel grande tracto, e conversação com os maiores Poetas, e Literatos daquelle paiz, que delle sempre fizeram grande apreço, ligando-se muito principalmente, pelos laços da mais intima amizade, com o celebre D. Francisco de Quevedo chamado, com razão, o Pai da graça, com cujo engenho tinha bastantes pontos de semilhança, e com quem sempre conservou activa correspondencia. Estes dous homens si admiravam reciprocamente, e nunca entre elles houve a mais leve sombra de desintelligencia, ou dissabor.

Rompeu no entanto a revolução da Catalunha, asprada pelas intrigas, e auxilios da França, e sobre tudo favoreada pela imprevidencia do Governo Hespanhol, que havendo dado tantos motivos de legitima queixa aos povos daquelle Principado, o deixara desguarnecido de tropa Castelhana com que podesse contar, e as suas fortalezas nas mãos de tropa nacional. Este procedimento parece incrível, mas a historia antiga, e moderna nos offerece frequentes documentos de que os Governos mais oppressores sam de ordinario os meos acautelados.

Nestes termos a revolução da Catalunha teve sobejo tempo de propagar-se, robustecer-se, fortificar-se, e receber socorros da França, antes que o Governo Hespanhol, procedendo com a sua fleuma, e morosidade proverbial, estivesse em estado de mandar alguns Terços, que pacificassem aquelle Principado.

Abriu-se finalmente a campanha, e o Mestre de Campo D. Francisco Manoel foi empregado no Exercito destinado a subjugar os rebeldes, e a este acontecimento deve-

mos o haver elle comprehendido escrever a historia daquelles alborotos, que os nossos vizinhos contam entre os melhores, e mais perfectos trechos historicos, que possuem na sua lingua.

Os Catalães sam naturalmente bravos, e teimosos, e difficéis de descorçoar, tinham tido tempo de sobejo para prevenir-se, e o que ao principio parecera um mero movimento popular, tornou-se depressa em rigorosa guerra civil, em que se amiudavam as batalhas, em que os dous partidos eram ora vencidos, ora vencedores, e em que os Castelhanos perdiam gente, sem conseguir vantagem alguma decisiva.

A Hespanha exhausta de tropa, e de dinheiro, mal podia acudir a duas guerras encarnicadas, em Flandres, e na Catalunha; Portugal estava desgarnecido de tropas Castelhanas, por que as que até ali o subjugaram haviam sido chamadas para acudir aos deus theatros da guerra, e então pareceo aos Portuguezes occasião opportuna para recobrar a sua independencia, o que levaram a effeito, acclamando Rei, com o titulo de D. João IV., ao Duque de Bragança, a quem o Throno legitimamente pertencia. Lisboa deu o exemplo, e este exemplo foi seguido unanimemente no Reino inteiro. Esta noticia, que os Ministros Castelhanos lhes não poderam occultar, posto que para isso fizessem todas as diligencias, chegou depressa á Catalunha, e alvoroçou tanto os Portuguezes, que ali militavam, que desertando de suas bandeiras, vinham, vencendo obstaculos, e perigos, acudir ao perigo da patria, e arriscar a vida por sua independencia.

Foi um destes D. Francisco Manoel, cuja qualidade de official superior tornava mais difficullosa a sua fuga, e que só pôde verifica-la fazendo um grande rodeio, passando de Catalunha a França, de França á Hollanda, e de lá a Inglaterra.

Depois de tamanhos trabalhos, perigos, e peregrinações, entrou em Portugal, onde em logar de recompensas o esperavam novos trabalhos.

Appareceu em Lisboa assassinado um certo Francisco Cardoso, homem turbulento, e inquieto; alguns inimigos do Poeta lhe attribuiram esta morte, e sem mais inda-

gação foi preso no Castello de Lisboa, sendo depois transferido para a Torre Velha, defronte de Belém.

Debalde D. Francisco requereu que se lhe instaurasse processo, debalde publicou diferentes Memorias comprovando a sua innocencia; debalde todos os seus amigos se empenharam para se lhe restituir a liberdade, tudo foi desattendido, inclusivè uma carta dirigida a D. João IV. por Luiz XIII., Rei de França, em 6 de Novembro de 1648, em que se empenhava por elle nos termos mais honrosos, e energicos.

Parecerá sem duvida estranha esta insistencia, em negar a um preso, e da qualidade de D. Francisco, o justificar-se por meio de um processo, e o desattendêr-se á intercessão de um Rei de França: mas D. Francisco era victima da vingança de uma alta personagem, a quem offendera, sem o saber, e sem intensão; pois encontrando-se os dous ás escuras, em casa de certa moça, passaram ambos a vias de facto, e houve entre elles alguns bofetões; este facto, si é verdadeiro, inculpa de falta de generosidade o rival de D. Francisco, pois não soube perdoar uma offensa ignorada, e que não ousava publicar, com medo de tornar-se ridiculo; valendo-se ao mesmo tempo de pretextos, e de meios indiscretos para perseguir um homem de bem, de grande talento, e serviços, e que perdendo a paciencia, ou sendo menos prudente podia, para desforrar-se, publicar o que tanto interesse havia em que se não soubesse; e que si era vergonhoso para alguem, não o era de certo para D. Francisco.

Finalmente, depois de uma longa e penosa reclusão de nove annos, foi em fim posto em liberdade; mas de que modo? Desterrado para o Brasil, onde permaneceu bastante tempo, sem ter mais consolação, e allivio, que o que tivera em quanto preso; isto é, o cultivo das letras, e da poesia, cujo amor despertara nelle com a adolescencia, e de que nunca se descuidara, mesmo entre o ruido das armas, e o incommodo das viagens.

As letras foram sempre o recurso do homem instruido, no meio do infortunio, e esta circumstancia lhe dá uma grande vantagem sobre o ignorante; a ellas recorreu Seneca, no seu desterro de Corséga: Ovidio amaciava

poetando as vivas saudades de Roma, e o desgosto de viver entre Getas: Cântões ou abandonado nas asprezas do Monte Feliz, ou retirado na Gruta de Macau, se esquecia da ingratição dos seus contemporâneos, entoando Cântões sublimes, ou traçando quadros para os Lusitâdas; e não admira que D. Francisco Manoel de Mello, recorrendo-se aos mesmos meios, alcançasse os mesmos resultados.

A morte do seu inimigo lhe abriu finalmente as portas da patria; voltando a ella; deu-se todo à correcção das numerosas Obras, que havia composto, tanto em prosa, como em verso, no largo periodo de vinte e seis annos; Obras tão admiraveis pela perfeição de estylo, e variedade dos seus objectos, como pela sua quantidade, pois excedem a cem volumes; algumas destas composições sahiram á luz, ainda em vida do Author, e outras depois da sua morte, sendo impressas em Portugal parte dellas; umas em Castelhaão, e outras na lingua patria; das escriptas em prosa Portugueza, as mais applaudidas, e mais conhecidas sam as Epanaphoras, a Carta de Guia de Casados, e os Dialogos das Fontes: das escriptas em prosa Hespanhola, o Echo Politico, e a Historia da Revolução da Catalunha.

As suas producções poeticas, que se imprimiram nas duas linguas, sam:

Las tres Musas del Medolino, Lisboa, 1649, 4.º

Obras metricas, que contiuen Las tres Musas, El Pantheon, Las Musas Portuguezas, y el tercero Coro de las Musas. Leão de França, 1665, em 4.º

Doze Sonetos á morte de D. Iñez de Castro, em lingua Castelhana. Lisboa, 1628, em 4.º

Além destas ficaram em manuscrito, e é muito natural, que estejam inteiramente perdidas, as seguintes:

Delculpas del Occio — Poesias — I., e II. Parte.

Lagrimas de Dido — Poema Heroico.

Canto de Babilonia — em Coplas Portuguezas.

Ancias de Daliso, Poema.

E grande número de Tragicomedias, Comedias, Autos e Farças, quasi tudo em Castelhaão.

Em uma viagem, que D. Francisco Manoel de Mello fez á Italia, habitou por largo tempo em Roma, rodeado

dos grandes monumentos da antiguidade Latina, e ali frequentou incessante as grandes Bibliothecas, e Academias, d'algumas das quaes foi membro, sendo ali muito admirado dos sábios, e com justiça, pois a uma erudição prodigiosa, e ao conhecimento do Grego, Latim, e Hebraico, juntava o fallar, e escrever com grande propriedade, e pureza as linguas mais cultas dos modernos, e em especial a Hespanhola, Italiana, e Franceza.

Póde dizer-se de D. Francisco, que passou a sua vida, para nos servirmos da expressão de Luiz de Camões, tendo

N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Desgraçadamente este fidalgo tão carregado de importantes serviços, que tanta honra fez ás letras patrias, não conseguiu mercês, honras, ou recompensa alguma por elles; mas foi pelo contrario injustamente perseguido, encarcerado, e cumulado de desgostos, fornecendo mais um bom capitulo a quem quizer continuar o antigo, e famoso livro de *infelicitate studiosorum*.

Assim percorreu D. Francisco Manoel de Mello a sua carreira vital de cincoenta e cinco annos, que poderia sem dúbida ser mais longa, si não tivesse sido agourentada pelos trabalhos, e pelos dissabores, fallecendo em Lisboa a 13 de Outubro de 1665.

Uma singularidade muito notavel em D. Francisco é, que havendo na sua *Carta de Guia de Casados* dado tantos, e tão judiciosos preceitos para viver em paz no estado de matrimonio, se conservasse sempre celibatario; e havendo classificado os filhos bastardos, *de trastes muita excusados em uma casa*, deixasse tambem por sua morte um filho natural.

Este filho chamava-se D. Jorge Manoel de Mello, e foi, como quasi todos os filhos dos homens de grande talento, um espirito rombo, e obtuso, mal havido com o estudo, e os livros; herdou porém a valentia de seu Pai, distinguindo-se por muitas proezas militares, até que pereceu na batalha de Senef, em 1674, sendo então Capitão de Cavallos,

Tenho lido quasi todas as Obras prosaicas de D. Fran-

cisco, que me parecem hem pensadas, hem escriptas, e cheias de elegancia, e eloquencia; mas apesar de toda a diligencia que costumo empregar em objectos desta natureza, nunca pude encontrar de venda, nem vér em alguma das Bibliothecas desta cidade algumas das suas composições poeticas, á excepção das *Tres Musas do Medolino*, que não contendo si não poesias Castelhanas mal podem ser citadas, ou examinadas neste Ensaio, nem dar ao Leitor idéa do merecimento deste Escriptor, considerado como Poeta Portuguez; e quanto á sua qualidade de Poeta Hespanhol julguei que seria mais conveniente do que dar o meu parecer, em objecto em que não posso ser juiz mui competente, o transcrever aqui a opinião que delle formou D. Manoel José Quintana, um dos mais atilados, e rigidos Criticos, e dos mais elegantes Poetas da Hespanha moderna; esta opinião é a seguinte:

« Amigo de Quevedo foi D. Francisco Manoel de Mello, Portuguez, e Escriptor tam incansavel, como activo Politico, e Guerreiro; manejava o idyoma Castelhana com tanta facilidade como o da sua propria patria, é Poeta, Historiador, Moralista, Author Politico, Militar, e até Ascetico, é sobresaliente em alguns destes ramos, e para desprezar em nenhum. O livro das suas poesias, é rarissimo, e ainda que alguns o tem dado por imitador de Gongora, tem mais pontos de semilhança com Quevedo. O mesmo gosto de versificar, a mesma austeridade de principios, a mesma affectação de sentenças, e a mesma copia de doutrina. Tem ainda outra conformidade com Quevedo, que é ter publicado seus versos distribuidos por Musas, ainda que trez destas sam em Portuguez.

» Ha no Poeta Hespanhol côres mais brilhantes, e rasgos mais valentes; em Mello mais sobriedade, e menos extravagancias. Seu estylo, posto que elegante, e culto apenas tem poesia, e seus versos amatorios carecem de ternura, e de fogo, como as suas Odes de entusiasmo, e elevação.

» Tão pouco tinha indole para os muitos versos burlescos, de que está cheio o grande volume das suas poesias; mas quando a materia é séria, e grave, então a Philoso-

phia, e sua Doutrina o sustentam; e a sua expressão em parelha com as suas idéas.

» Naturalmente inclinado ás maximas, e ás sentenças, era mais proprio para as poesias moraes, e para a Epistola principalmente, em que a força, e a severidade do pensamento se combinam melhor com uma phantasia temperada, e pouco profunda. Neste genero, se não é sempre um grande pintor é ao menos castigado, e severo na linguagem, e estylo, sonoro nos versos, e grave, e elevado nos pensamentos: moralista respeitavel no character, e nos principios. Sem embargo destes dotes os titulos da sua gloria como Escriptor estam mais affiançados nas suas Obras de prosa; no *Echo Politico*, por exemplo, na sua *Aula Militar*, e mais que tudo na *Historia das Alterações de Catalunha*, a mais bella producção da sua pennà, e talvez a melhor Obra de sua classe, que existe em Castelhana. »

Que poderei eu accrescentar a um juizo tão bem lançado, e por um Critico tão imparcial, e Juiz tão competente nesta materia, especialmente quando me faltam os Documentos indispensaveis para regeitar algumas das suas idéas? Lemitar-me-hei a advertir o Leitor, que o Abade Diogo Barbosa Machado, dessente da opinião de Quintano no que diz respeito ao talento jocosério de D. Francisco, pois diz na sua *Bibliotheca Lusitana*: « Foi sobre tudo eminente no estylo jocosério, em que critica sem paixão, e reprehende sem offensa os costumes do seu tempo. »

Junto com o Poema de Manoel de Galhegos, que se intitola o Templo da Memoria, se imprimio um Soneto de D. Francisco Manoel de Mello, em applauso daquelle brilhante Epitalamio, que passo a transcrever, por ser a unica Poesia Lusitana, que atégora tenho podido encontrar deste Escriptor tão fecundo, e que tanta honra fez á Literatura das duas linguas da Peninsula Hispanica.

SONETO.

Dedalo, que fabricas numerozo
Edificio immortal, onde venera
Quantos prazeres a esperança espera
Deste sagrado thalamo ditoso,

Levanta pois o Templo milagroso;
Porque se algum rigor temer podera,
Si do rico altas columnas lhe offercera,
E Bragança o licerce generoso.

Immortal sempre nas memorias ande
A Fama, dos que tanto sublimaste,
Por mais que o Tempo esquecimento mande.

Pois para ti tambem asseguraste,
Que eterno ficará teu nome grande,
Tanta vez, quanto nome eternisaste.

CAPITULO IV.

D. Francisco de Mello.

Primo, e amigo de D. Francisco Manoel de Mello, foi D. Francisco de Mello, nascido como elle em Lisboa, posto que não conste o anno do seu nascimento, como elle de mui distincta extracção, e não menos conhecido pelo cultivo das letras, e da poesia.

A's excellentes disposições para o estudo literario, com que a natureza havia dotado este fidalgo, juntaram seus Pais os disvellos de uma boa e regular educação scientifica, tal qual a podia haver em um tempo em que os Jesuitas não só dominavam na Universidade de Coimbra, mas monopolisavam todos os ramos de instrucção pública.

D. Francisco de Mello depressa fez grandes progressos nos seus estudos, tornando-se mui habil no conhecimento tanto das linguas antigas, como no idyoma das nações mais polidas da Europa moderna, escrevendo, e fallando com toda a perfeição o Castelhana, o Italiano, o Francez, e o Inglez; além da grande erudição profana, que possuia, foi tambem mui douto nas Sciencias Ecclesiasticas, e na Historia Sagrada, e Profana.

D. Francisco de Mello não abraçou como seu Primo a vida militar, porém resolveu caminhar á fortuna por estrada mais segura, e menos trabalhosa, e seguiu a carreira diplomatica, e não se enganou nos seus calculos, nem vio frustradas as suas esperanças.

Bem acceto na côrte, em que seu primo era tão mal visto, foi nomeado Commendador da Ordem de Christo, Alcaide Mór de Lamego, e Trinchante Mór d'El-Rei D. Pedro II., emprego de muita estima no Paço, e que por muito tempo desempenhou satisfatoriamente.

Durante o tempo em que o Infante D. Pedro gover-

no Portugal, em qualidade de Regente, deu grandes provas de confiança a D. Francisco de Mello, nomeando-o seu Embaixador na côrte de Inglaterra, e successivamente em França, e na Republica de Hollanda, e em todas estas differentes commissões deu repetidas provas dos seus talentos diplomaticos, promovendo, e terminando ali importantes negociações muito a contento, e satisfação do Principe, a quem representava.

A Republica Ingleza, creada pelo fanatismo dos Peresbyterianos, e sustentada pelo genio gigantesco de Cromwell, que soube aproveitar-se delle para sua elevação, e proveito, pereceo nas mãos inhabeis de seu filho Ricardo Cromwell, e o devotamento de Monk elevara de novo ao throno, com o restabelecimento da ordem Monarchica a dynastia dos Stuards.

Carlos II., creado entre o luxo, e as dissipações da côrte de França, voltando á Gran Bretanha rodeado de cortezãos afrancezados, não só por satisfazer ao seu genio, mas por contradizer a austeridade de costumes, e austera simplicidade de que o usurpador fazia gala, caprichou em alardear as pompas, os festejos, e divertimentos de Luiz XIV., restabeleceo os espectaculos, e se abandonou aos amores illigitimos, sendo em todas estas cousas maravilhosamente ajudado, e macaqueado pelos fidalgos da sua côrte.

Mas estes divertimentos, esta vida de luxo, prazeres, e dissipações não se gozam sem graves dispendios, e Carlos II. depressa se encontrou sem dinheiro, e o Parlamento Inglez não quiz vexar o povo com tributos novos, para tirar de apuros um Monarcha prodigo, e dissipador.

A dotação de um Reí de Inglaterra é, como todos sabem, generosamente calculada para manter com o devido esplendor o chefe de tão oppulenta nação, e Carlos pondo freio ás suas prodigalidades, e reduzindo a pompa decente, e indispensavel da alta posição, que occupava, podia em poucos annos ver-se desafrontado de dividas, e reparar as brechas que sua imprudencia tinha aberto na sua fortuna, porém a economia, e a reforma não estavam nem no seu character, nem nos seus principios, tomou por tanto o expediente a que costumiam recorrer

os homens de tal genio, isto é, fazer um casamento rico, e desempenhar-se com o dote da noiva.

A Infanta D. Catharina de Portugal não era, segundo affirma o historiador Goldsmith, nem a mais joven, nem a mais bella das Princezas que naquelle tempo havia na Europa para casar, mas era indubitavelmente a mais virtuosa, e a mais ricamente dotada de todas ellas.

Informado Carlos II., pelos seus cortezãos, desta ultima circumstancia, para elle essencialissima, deu logo ordens urgentes para os seus Ministros abrirem negociações para este contrato, que foi promptamente concluido, e celebrados os desposorios.

A Rainha embarcou logo em uma brilhante Armada Britanica, que veio busca-la a Lisboa, e foi desembarcar a Plimouth, onde foi recebida pelo Duque de York, e por elle conduzida a Londres, com todo o apparatus, e festejos proprios da sua excelsa jerarchia.

A Rainha havia levado em sua companhia grande número de Damas, e Cavalleiros para seu serviço, e para acompanhá-la, em qualidade de Embaixador extraordinario foi nomeado o nosso Poeta, que della fez solememente entrega a seu esposo.

No meio de tantas viagens, no desempenho de tantas commissões importantes nunca D. Francisco deixou de cultivar as Musas, o que era nelle não só um recreio suave de occupações mais sérias, mas uma paixão ardente, que dominava em seu coração.

As suas poesias foram muito numerosas, e muito estimadas no seu tempo, mas por desgraça todas se perderam, talvez por sua morte, que teve lugar em Londres, a 9 de Agosto de 1678, existindo sómente as poucas que se encontram no V. Tomo da *Phenix Renascida*.

O retrato de D. Francisco existe primorosamente gravado em uma estampa do *Choro de las Musas*, de D. Miguel de Barrios, Obra que lhe foi dedicada, e que sahio á luz em Bruxellas, em 1672 — in 12.

Pelo que podemos colligir, e ajuizar das poucas poesias, que dellè nos restam, D. Francisco escrevia com correccção, e elegancia, e exprimia-se com força; e o titulo de Gongorista não lhe pôde ser applicado em todo o rigor do termo; o seu estylo, a sua maneira de

colorir tem mais pontos de semilhança com Quevedo, posto que não tenha, pelo menos nas Obras que del- le conhecemos, a veia jocosamente satyrica do Poeta, que alguns Criticos Hespanhoes denominaram o *Pai da Graça*.

Poucas, e mui poucas sam as poesias de D. Francisco, que a diligencia, e a curiosidade de Mathias Pereira da Silva, nos conservara na *Phenix Renascida*, o que é ainda mais para lamentar, grande parte dellas sam escriptas em lingua Castelhana; citarei algumas das que sam compostas em Portuguez, para dar alguma idéa do character, e estylo deste Poeta.

Havendo tão pouco por onde escolher, principiaremos pelo Discurso de Introducção, recitado por D. Francisco na abertura de uma Academia, de que havia sido nomeado Presidente, e por elle poderemos fazer idéa do que podiam valer estas reuniões scientificas, que tanto andavam em moda naquelle seculo, e que tão pouco fructo produziram, si é que não cooperaram muito para corromper o bom gosto da poesia, e da eloquencia.

Este sim, que he bom Governo,
Esta sim, que he ordem santa,
Onde se dam os officios
Sem que o Pretendente o saiba.

Presidente á revelia,
Sem Consultas, nem demandas,
Deste Musco quando menos,
Me fizeram de pancada.

Muito me vai parecendo
Dignidade tão barata,
Com Vara de Quadrilheiro,
Que a metem por força em casa.

Este mal tem os officios,
Que não tem renda assentada,
Que hums a punhadas se acceitam,
Outros gastam-se a punhadas.

Por subrepticia a eleição
 Quiz annular, com mil causas,
 Mas não pude por estar
 Já por Roma confirmada.

Por quanto assistio aos votos,
 E esteve ao lançar das Favas,
 Por Breve particular,
 O Senhor Bispo de Targa.

Este Bispo de Targa, de quem aqui falla o Poeta, era um douto Religioso da Ordem dos Carmelitas, por nome Frey Thomé de Faria, um dos melhores Poetas Latinos daquelle tempo, que imprimio, sem lhe pôr o seu nome, uma Traducção dos *Lusiadas* de Luiz de Camões, em excellentes versos Latinos, mas demasiado paraphrastico. Esta Obra sahio á luz em 1622, formato de 8.º, na Officina de Gerardo da Vinha, e é hoje rarissima; a mesma Traducção, com o nome do Author, foi incluída pelo Padre Antonio dos Reis no seu *Corpus Poetarum Lusitanorum*, em que se encontram quasi todas as producções de maior merito, que a Musa Latina inspirou em Portugal.

E até hoje, porque em tudo
 Mais solemne a Festa faça,
 Vem fazer Pontifical
 Nas Matinas desta Casa.

Em fim, posto em dignidade,
 Comecei de entrar em ancias,
 Que os Imperios, e os cuidados
 Dizem ser Irmãos em armas.

Que importa, dizia eu,
 Vêr-me em esphera tão alta
 Si a Fortuna raras vezes
 Do merito se acompanha?

A quantos foi vituperio
 Pisar, com indignas Plantas,
 O throno, só reservado
 A's virtudes, e ás Façanhas,

Que conta heide dar de mim
Nesta Função (que he palavra
Nova, que em Secretaria
Anda agora muito usada).

Si por huma hora, que quiz
O Carro solar das Chammas
Guiar o Moço inexperto,
Foi dar co'a luz em Pantana,

Por que heide querer tambem;
Regendo as redêas Pegaseas,
Ser adoptivo Phaetonte
Nos intentos, e desgraças.

Mas em fim isto hade ser,
Por que a sorte está lançada,
Melhor he cahir dez vezes,
Que confessar ignorancia.

Lembrou então ter ouvido
Nas Academias passadas,
Que sempre Apollo aos seus Vates
Nestes casos ajudava,

Com revelações celestes,
Com que em sombras lhes inspirava
Phantasticas apparencias
De sombras imaginadas,

Ou lhe apparecia em sonhos,
E palavra por palavra,
Prologos, Elogios, Themas
A seu prazer lhe dictava.

Outros tambem, a que o Genio
Subitamente arrebatava,
E ao Ceo os leva direitos
Sem hir em estado de graça.

Onde a seu gosto resolvem,
Lá nesses ethereas salas,
Os reconditos dos Deoses,
E os escaminhos das Fadas.

E depois que se enfastiam
De nectar, ambrosia, e maná,
Com bons conselhos somente
Se tornam ás suas pousadas.

Nesta fiz pois do que ouvira
A roda de casa, em casa
Espreitando pelas gretas
A vér quando Apollo entrava.

E esta apprehensão do sentido
Cada hora me affigurava,
Que já via os resplandores,
Que já sentira as pisadas.

Qualquer leve reboliço,
Qual vento que soprava,
Aqui he (dizia eu logo),
E ei-la a luzente Phantasma.

Cada vez mais certo nisso,
Já não sabia a esperança
Qual fosse a hora ditosa,
Em que ao Ceo largasse as azas.

Que conceitos furtarei,
(Cá comigo praticava),
Se dou na materia prima,
Em que Apollo os versos fragua?

A' fé que eu lhe meta a mão
Na luz, com que o peito inflamma,
De arte nova, mais que hum Baitte,
Depois me morda as entranhas.

Não serei como outros muitos,
Que como Praças de Palha
Vam, e vem ao Ceo cada hora
Sem de lá trazerem nada.

Não vira eu vir hum Poeta,
Que c'o Sol está á falla,
C'hum Carbuçelo como hum punho,
Que do seu Solio arrancara,

Ou não nes quebrara os olhos,
Em fé de ventura tanta,
C'um topazio outro, que teve
Com Venus huma topada.

O que conversou com Juno,
C'huma collar de filagrana,
E o que c'a Aurora encontrou
De perolas c'huma Çaiça.

Si andam pelos Ceos a roda
Os diamantes, e esmeraldas,
E he a Ordem dos Poetas
Mais pobre que a Franciscana.

Como não trazem de joyas
As mãos mui bem recheadas,
Si quer porque todos creiam,
Que vem lá daquellas bandas?

Assim como a Feiticeira,
Que vai á India em Canastra,
Que traz ramo de Pimenta
Para prova da jornada.

Nisto em fim passava o dia,
Vinha a noite, hiá-me á cama,
A esperar Apollo, em trajes
De Frade da mão surada.

Fechava os olhos em falso,
 Por vêr por entre as pestanas,
 Do Pai da luz o feitio
 De quem tanto diz a Fama

Mas vendo que via em sonhos,
 Nem por sonhos lhe passava,
 De mais que o meu Confessor
 Não crêr em sonhos me manda.

Que não tinha inspirações,
 Que ás esferas não vòava,
 Que se chegava o Domingo
 Sem eu ter dado pennada.

Mas pragas rogando ao Sof,
 Que em Julho em dia de calma,
 Tarde cahindo no engano,
 Resolvi-me, e fi-lo saea.

Comecei a morder unhas,
 E a dar na testa palmadas,
 E a fazer introducções,
 Foro que este officio paga.

E assim fui meu mole mole,
 Como Deos me administrava,
 Alinhavando estas Coplas,
 Que inda vem alinhavadas.

Sem me meter em louvores
 De Academia tão honrada,
 Com quem temem Tenebrosas,
 E as Cruscas não fazem nada.

Cujo metro, e harmonia
 Faz com que as Musas mais sabias
 Dentro da própria Hypocrene
 Lhe dê a agoa pela barba,

Pois sci que a Fama não dorme,
 E mais, que adonde ella alcança,
 Por mais que seja gostoso,
 Não se dorme sobre a Fama.

Antes a tem feito pobre,
 Pois tem seus louvores gasta
 Cada dia-huma trombeta,
 Cada semann humas azas.

Porque c'o seu nome ás costas
 Anda a triste carregada,
 Sempre n'huma roda viça,
 Hei-la em Castella, hei-la em França.

Com que, deixando esta empreza
 A Musa mais acçada,
 Que a materia de Cothurno
 Não sabe andar com tãmancos.

Cuido que tenho cumprido
 Co'as leis que o Parnaso manda,
 Parrafo de Presidente,
 E folhas seis mil, e tantas.

Pois o Romance, e successo
 Desta Festa, e desta falta,
 Para desculpa sobeja,
 E para Introducção basta.

Estes discursos de abertura em verso ou prosa, para abrir uma Sessão Academica, eram de indispensavel etiqueta, e preferia-se que fossem em estylo jocoserio, ou Burlesco, pelo menos assim se deprehe de *das Actas*, ou *Memorias da Academia dos Anonymos*, dos *Singulares*, e de muitas outras, que correm impressas; e das poesias de Frey Simão Antonio de Santa Catharina, que pela maior parte se reduzem a composições deste genero, pois o Author era quasi sempre eleito Presidente, em attenção á prestança que se lhe suppunha na poesia jocoseria. Es-

ta Introducção de D. Francisco tem, quanto a mim, dous predicados muito raros nestas Obras, não ser muito extensa, nem decahir na chocarice grosseira, e na obscenidade.

Havendo certo Conde promettido a D. Francisco de Mello fazer-lhe presente de uma volta, e passando-se muito tempo sem que elle cumprisse a sua palavra, o Poeta para lhe avivar a lembrança lhe dirigiu as seguintes

REDONDILHAS.

Como sempre ha linguas soltas,
Murmura e vulgo rúim;
Que não sois bom Valantim,
Porque não sabeis dar voltas.

Que deveis de mandar,
Dizem logo sem tardança,
Chamar hum Mestre da Dança,
Que vô-las ensine a dar.

Pois desta Arte tão commua
Tam cedo vos esquecestes,
Que de quantas voltas destes
Hoje não sabeis dar hũa.

E jura alguém a quem mal
Vossa grandeza he notoria,
Que vos varreu da memoria
Por ser arte liberal.

Dará vossa fama estouto,
Si quando aos Touros entraes,
Como esta volta guardaes,
Guardaes a volta do Touro.

E para espada em revolta
Tendes tempera extremada,
Que a boa folha da espada
Diz, que não hade ter volta.

Porém segundo ahegora
 Tem passado toda a Festa
 Sem volta, não he esta
 A volta que me namora.

Ou eu devo estar mui grosso,
 Ou vós mal deveis de andar,
 Pois n'hum mez não podeis dar
 Huma volta ao meu pescoço.

Em pouco mais huma Nau,
 Que huma volta ao Mundo deu
 Pois sou mais que o Mundo eu?
 Ou sois vós menos que hum pau?

Ambos ao mesmo compasso
 Navegamos com bonança,
 Eu na volta da Esperança,
 Vós na volta de Cargasso.

He tal a vossa dureza,
 Que esta volta que heis de dar,
 Inda he peor de tomar,
 Que as mesmas voltas da Andreta.

Muito ha que o pensamento
 Hum receio me não solta,
 Que pois não quereis dar volta,
 Deveis de estar ferrugento.

E assim por forrar petrechos
 Poderá ser que aproveite,
 Vos quereis untar de azeite,
 Pois sois tão duro dos fochos.

Ou hum Musico emprestado
 Buscará, que vos levante,
 E a toda a hora vos cante
Buella acá, Pastor cansado!

Misero triumpho, desdichada palma
 Qu'a uno cuesta la vida, a outro el alma.

Cumplece fué del daño,
 Quando la amada sangre el hierro beve,
 Solamente el engaño ;
 Fue el pecho fiel aunque la mano aleve,
 Pues llora el pecho si la mano hiere,
 Y quando aquella mata, el pecho muere.

Mas del riesgo futuro
 Mal cuidadoso de Clorinda Argante,
 Buelve sin ella al muro,
 Rota la fé d'amigo, y mas d'amante,
 Pues faltando a finezas, e razones
 Vence un olvido dos obligaciones.

Muere Clorinda hermosa
 D'uno amante assaltada, y de outro ausente ;
 Y en lid tan rigorosa
 Menos el hierro que el descuido siente,
 Que una herida sea culpa no es delicto,
 Y un error en el ama es infinito.

Julgando do talento de D. Francisco de Melho pelas poucas poesias que delle nos restam, que sem mui poucas, e sem prejudicar idea que delle possa formar-se á vista das outras, si algum dia apparecerem, e sabirem á luz, não podemos deixar de assignar-lhe um logar mui distincto entre os melhores Poetas de segunda ordem.

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XIX.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Vasco Mosinho de Quevedo, e Castel-Branco.

A Eschola Hespanhola conta entre nós mui poucos Alumnos tão distinctos, e que tanta honra lhe façam como Vasco Mosinho de Quevedo, que nasceu na Villa de Setuval, mas cuja epocha do nascimento tem sido até ao presente ignorada.

E' este o destino de grande numero dos nossos Homens de Letras, em razão do descuido que sempre reinou entre nós á cerca de semelhantes objetos, nem ha meios alguns de verificar estas cousas; primeiro por o costume dos assentos de nascimentos, e obitos nas Freguezias data apenas do reinado d' ElRei D. Sebastião; segundo porque os primeiros assentos desse tempo estão feitos de modo que para nada servem, porque sam no gosto destes que eu vi nos livros de uma das Parochias de Lisboa. « Janeiro = Aos 17 falleceu o Capellão da Senhora D. Mafalda, e foi enterrado no Adro desta Igreja. = Agosto = aos Vinte = Baptisei o Filho de Manoel de Sousa, foi Padrinho José Joaquim, e Madrinha N. S. » Que esclarecimentos podem tirar-se de semelhantes documentos? Quem vê a clareza, e escrupulo com que hoje se lavram estes assentos, e a sua circumstanciada redacção pôde acaso acreditar que nos primeiros tempos se lavrassem por maneira tão informe?

Vasco Mosinho de Quevedo, foi homem grandemente erudito, como se apprehende dos seus escriptos, grande sabedor das linguas Grega, Latina, Italiana, e Hespanhola; cursou com grande aproveitamento a Universidade de Coimbra, onde se formou na faculdade de Leis, e Direito Canonico; ignoro se abraçou o Estado Ecclesiastico, ou se exerceu alguns logares de Magistratura; mas não admite duvida que passou uma grande parte da sua vida no exercicio da Advocacia.

Cultivou com assiduidade a poesia, e passou por um dos melhores Poetas do seu tempo, e inda hoje conserva um dos logares mais distinctos entre os nossos Epicos.

Entrava na politica de Castella o fazer persuadir a Europa de que Portugal se dava por muito venturoso em ser regido pelos Monarchas de Hespanha, e para dar mais força a esta persuasão, insinuou-se a todas as Corporações o dirigir supplicas, e mensagens a Philippe III., representando-lhe o quanto o Povo Portuguez ardia em desejos de o possuir algum tempo no seu seio.

O Rei recebeu estas mensagens com especial agrado, como era de esperar, mas pretextou algumas duvidas, fez algumas objecções; os Emissarios instaram, e ultimamente Sua Magestade houve de condescender com os desejos impacientes dos seus lieis vassallos.

A sua entrada em Portugal, e com especialidade em Lisboa, foi um verdadeiro triumpho. A Camara de Lisboa se empenhou em que a sua recepção fosse o mais pomposa possivel, gastando nessas festividades quarenta mil cruzados, além de dous serviços, que lhe offereceu para os gastos da jornada, sendo o primeiro de cem mil cruzados, e o segundo de duzentos, e foi para isso authorisada para tomar esse dinheiro a juro sobre suas rendas, lançando-se para pagamento delles um tributo no vinho, e na carne, como consta dos Alvarás regios de 20 de Abril, e 1.º de Julho de 1619, e aquelles pesos na importancia de 10.600\$000 réis, tem pesado até aos nossos tempos sobre o Municipio Lisbonense; tão caro custou ao povo da capital, e aos seus descendentes a visita daquelle Rei Hespanhol, contra o qual tomaram pouco depois as armas, para restituir o Throno á Familia de Bragança, a quem de direito pertencia.

Não contente a Camara de haver assignalado o seu zêlo official por tão dispendiosas festas, quiz ainda legar a sua memoria á posteridade fazendo-as consignar, e descrever em um Poema em lingua Castelhana.

A grande reputação de Poeta, de que gozava Vasco Mosinho de Quevedo, por um Poema em seis Cantos, sobre a vida e morte da Rainha Santa Isabel, que havia dado á luz, acompanhado de varias outras pbesias como Sonetos, Romances, Emblemas &c., em 1596; e pelo seu Poema Heroico o *Affonso Africano*, sobre a Conquista de Arzila, publicado pela primeira vez no anno de 1611; fez com que a Camara o convidasse para isso.

Vasco Mosinho accitou o convite, e compoz um Poema em seis Cantos em que largamente, e com vivas cores descreve todos os arcos, emblemas, alegorias, e mais exhibições de que aquelles festejos se compunham.

Este Poema tem por titulo *El Triumpho del Monarcha Philippe III. en su felicissima entrada de Lisboa*. Foi impresso em formato de 4.^o, no anno de 1619.

Em geral quasi todos os Poemas que os nossos Poetas escreveram em Castelhana sam pouco conhecidos; e direi mesmo, pouco estimados; mas creio que nenhum delles está em tão completo esquecimento como este, sem embargo da boa versificação, e da poesia, com que o Author cuidara em adereça-lo.

Duas cousas me parece que cooperaram para esse esquecimento: a primeira o ser uma composição de circumstancias, que vai perdendo o interesse á porporção, que ellas vam esquecendo; segunda, porque havendo Portugal sacudido o jugo Hespanhol, proclamando Rei a D. João VI., e achando-se por isso empenhado em uma guerra mortifera, e duradoura, só algum Portuguez degenerado, e partidista da usurpação: que felizmente eram mui raros, podia achar prazer lendo os louvores dos seus inimigos, e vendo a pintura dos obsequios, tributados, não de coração, áquelle que disputava a corôa, e o sceptro ao Rei legitimo.

Isto deve servir de aviso aos Poetas, para não gastarem o seu tempo, nem fatigarem as forças da sua imaginação creadora na composição de longos Poemas sobre assumptos de interesse transitório, se quizerem grangear

a estima da posteridade. Se Milton tivesse cantado no seu Poema a Restauração dos Stuarts, teria sem dúvida sido lido, e applaudido com enthusiasmo pelo partido dos *Cavalheiros*, (1) teriam cahido sobre elle as censuras, e os deostos dos *Cabeças rapadas*, (2) mas com a queda dos Stuarts estaria tão esquecido como essa familia des-thronada, os seus partidistas, e os seus inimigos; porém o Homero Inglez cantou a perda da innocencia do primeiro homem, e a sua regeneração, e este assumpto, que interessa a todos os homens de todos os tempos, e de todas as religiões, despresado ao principio pelo espirito de partido, e pelo espirito de libertinagem dos cortezaõs de Carlos II., sahindo da obscuridade, em que o haviam lançado, cada vez adquire mais estima, e mais applauso, não só da Europa, mas do mundo inteiro.

Posto que tenha adoptado o systema de não tractar nesta Obra se não de Poemas Portuguezes, em attenção á raridade deste, e á grande nomeada que o Author disfructa entre os nossos Epicos, apresentarei aqui alguns trechos d'elle para que os Leitores possam comparar a poesia Castelhana de Quevedo com a sua poesia nacional.

Eis aqui o exordio

Canto la gloria del hermoso dia
 Que amaneca a la tierra Lusitana
 Quando el Monarcha como Sol le enbia
 Raios de su presencia soberana.
 Y el Cáos confuso, que la noche cria,
 De larga absecia, rutilante allana,
 Deshechas ya las quexas de la Gente,
 En llanto amargo, misera, y doliente.

Si vez alguna Nympha de Parnaso,
 Que tambien habitaes el Pindo ameno
 A la fuente famosa de Pegaso
 El ojo abristes de corrientes lleno;
 Agora al nunca oido estraño caso

(1) Partido Aristocratico.

(2) Partido Republicano, ou Puritano.

Rompid de la mas alta vena el seno,
Y la copia, y bondad de sus cristales
Hagan mis versos al suggeto iguales.

Não sei que effeito produzirá em ouvidos castelhanos
o verso

El ojo abriates de corrientes llano

mas estou certo de que raro será o Portuguez que o leia
que possa suster o riso á vista da idéa que elle deve ne-
cessariamente suscitar-lhe.

O primeiro quadro que se apresenta no primeiro Can-
to é summamente poetico, posto que em parte imitado
do Goffredo de Torquato Tasso.

Alta la noche con su negro manto
Assombrava la machina del Mundo,
Aunque el horror, y tenebroso espanto
Tiempla des Cielo el scintilar jocundo;
Las Gentes mudas, y la Fiera en tanto
Yazen en sueño placido, y profundo,
Quando la imaginada Phantasia
Un milagro de cosas me ofrecia.

En el Emyreo Assiento cristalino
Que en tiempo fabricó la Eterna Essencia
Para sin tiempo de su ser divino
Manifestar al hombre la excellencia,
Merced cumplida, excesso peregrino
Del thesouro de su magnificencia,
En la alta mente reholviendo estava
Quanto del Cielo abaxo le quedava.

Los ayres rompe, y mira las regiones
Que la gran Madre incluye en su ancho seno,
Del Asia mira incognitas Naciones
Mira d' Africa adusta el ciego Peno.
De Europa bellicosos coraçones,
Del nuevo Mundo el singular terreno,
Al Norte elado llega, al Sur, e adonde
Alegre nasce, y triste el Sol se esconde.

Luego va con los ojos descorriendo
 Por la Tierra de Luso antiguamente,
 Montes, y campos fertiles mediendo
 Que habita religiosa, y fuerte gente;
 Del celebrado Tajo va siguiendo
 La plateada aurifera corriente,
 Hasta donde le traga el mar profundo
 El nombre, que ha gauado por el Mundo.

Mira las altas peñas fabricadas
 Machina insigne del errante Griego,
 Despues de las Troyanas assoladas
 En el rigor del temerario fuego;
 Las Basilicas mira dedicadas
 A los suspiros del piedoso ruego
 En materia magna subidas
 Y en ella de su propia obra vencidas.

Oye el echo sentido, que resuena
 En el valle de miserás passiones,
 Que inflamata, hiriendo la region serena
 Como la errante luz de exhalaciones
 Mira los rios, a quien da la pena
 Fuentes en los humanos coraçones,
 Y la corriente viva se encamina
 Al mar inmenso de su faz divina.

Un dolor le enternece penetrante,
 Aun que en el no es passion, y suspendido
 Un poco para en lo que esta delante,
 Motivo d'algun bien aun no entendido;
 Que los ojos de Dios el mismo instante
 Hazen aquel objeto enriquecido,
 En quien se emplean, oh dichoso objeto,
 Que los ojos de Dios hazen perfecto.

Y dentro en el secreto mas confuso
 De la inmensidad sua inaccessible,
 A si mesmo consigo esta propuso,
 Possible relaeion de su impossible;
 « Oh Ciudad, populosa aonde puso

- » Mi mano liberal de lo visible
- » Un thesoro cifrado, a quien no ignora
- » La que mas en grandezas se señala!

- » Yo te saqué de aquella prision dura
- » A dó estavas cautiva, y lastimosa,
- » Adulterando el Moro tu hermosura
- » Como vil mano la encarnada Rosa,
- » Y de veste nupcial candida, e pura
- » Para que fosses mi querida Esposa
- » Adorné tu persona, y en prenda rica
- » Te di el anillo, que mi amor publica.

- » Levanté tu cabeza triumphadora
- » Sobre los hombros deste Reyno mio,
- » Dendo el ocaso hasta la roxa Aurora
- » Los fines te ensauché del Senhorio:
- » Tu nombre con sus raios el Sol dora
- » En las partes, que riega el grande Río
- » Ganges, qué al Tajo del Commercio ufano
- » Acepta, y reconocé per hermano.

- » Pero con tanta gloria envanescida
- » De mercedes tamañas te olvidaste
- » Y viendo-te tan alta, y tan subida,
- » De tu mismo poder lo imaginaste;
- » La ropa mia en harras ofrecida
- » Muchas vezes con vicios la manchaste,
- » Y sin respeto de mi casto lecho
- » Rendis-te a falso amor incauta el pecho!

- » Templar quise el dolor con tu castigo
- » A tanta ingratitude devida paga,
- » Que la offensa nascida de un amigo
- » Mas penetrante siempre haze la llaga;
- » En manos de tu barbaro inimigo
- » La segur puso para que deshaga
- » La Planta a golpes, que de fructo, e hoja
- » Inexorable al impeto despoja.

- » Pisaron tus amigos campo ameno,
- » Quedaron en desierta sepultura,

» Y los que vuelven a su patrio seno
 » Salen cautivos de teniebla obscura;
 » De otras miserias tu infeliz terreno,
 » Sembré, y por nom faltar-te desventura
 » De un Rey, que ser deviera tu consuelo,
 » Te quito la presencia por mas duelo.

» Deste no miras la presencia bella
 » Ni las palavras oyes de su boca,
 » Aflicta no le ofreces tu querella
 » Ni tu miseria su piedad provoca;
 » Si de tu incendio vuela una centella
 » Ya llega sin vigor quando le toca
 » Y si al daño mortal remedio esperes,
 » Tan tarde llega, que pirmeiro mueres.

» Oh si tu coraçon, que anda inconstante
 » A mi como a tu Norte endereçaras,
 » Aunque de ti parezca estar distante
 » Quan cerca entonces de tu bien me hallaras!
 » Contigo me mostrara semejante
 » Al que fui, si qual eras te mostraras,
 » Buelve a l'a imagen de tu ser perdido
 » Seré qual fui si fueres qual has sido. »

Acabada esta falla do Altissimo, apparecem dous Reis em sua presença, a saber, D. Affonso Henriques, o primeiro Rei Portuguez, que fundou a Monarchia Lusitana, e D. Sebastião, que pereceo com ella nos Campos de Mucazim. Eis aqui como o Poeta os descreve :

Esta consigo Dios, quando se ofrece
 (Segun la insignia nuestra,) un Rey delante,
 Tan alto de estatura, que parece
 En el Gesto hermosissimo Gigante;
 De peregrinas armas se guarnece,
 En la siniestra escudo rutilante,
 Que aun que de azero la materia ha sido,
 En otra de cristal se ha convertido.

Engasta en el de purpura sangrienta
 Bivos rubis, y la forma dellos
 Las conocidas llagas representa
 Que a Christo sirven de matizes bellos ;
 De oro son las Pyramides, que assienta
 La famosa corona en los cabellos
 Y de un raio del Sol viene formada
 En la direcha la tajante espada.

Otro accompaña su siniestro lado,
 Mediano en tallo, pero bravo em gesto,
 Robustos miembros, verde edad, mesclado
 Con denuedo viril aspecto honesto,
 Tambien de preças viene todo armado,
 La Real corona le haze manifiesto,
 Tiene rubio color la cara hermosa
 El buelto labio, la purpurea Rosa.

Las armas trahe rotas, y abolladas,
 Como que sale de batalla ardiente,
 En sangre agena parte maculadas
 Y parte en sangre de su propria frente
 Aun que al vivo se muestran retratadas
 Las cosas, todo es luz resplandeciente,
 Y arrodillados, habla desta suerte
 El primier dellos, y el segundo advierte.

Parece-me que para o intento do Poeta sería melhor que D. Affonso Henriques fosse o unico Rei apresentado neste trecho, evitando-se assim o inconveniente de D. Sebastião representar aqui meramente o papel de comparação. N'um Poema nunca devem figurar actores ociosos, e muito menos servirem de testemunhas mudas. personagens como El-Rei D. Sebastião ; esta regra me parece tão conforme ao bom gosto, como ao bom senso.

“ Oh del entendimiento sua altivo
 “ Buscado Ser, y menos alcançado,
 “ Qual Sol en resplendor mas excessivo
 “ Quando de espacio mas fuere mirado,
 “ Famoso monte de un diamante vivo,

» A dó se mora todo lo creado,
 » Oceano largo adonde navegamos
 » Y siempre mas, y mas nos engolphamos.

» Yo soy aquella piedra adonde echaste
 » De un Edificio grande el fundamento,
 » Sobre quien tantos Reys levantaste,
 » De subjecion haziendo un regno isento;
 » Aquel Tronco primero que plantaste
 » Para dar tantas Arboles al Viento,
 » Olorosos en flor, y saludables,
 » Y en fructo suavissimo agradables.

» Yo soy aquel Alphonso contrapuesto
 » Al furor de las improbas Naciones,
 » Que en exicio mortal, daño funesto,
 » Passaron alas Beticas regiones:
 » Aun oy repite daquel bando infiesto
 » La memoria estandartes, y pendones,
 » Por el suelo arrojados, aun oy se halla
 » Herviente la señal de la batalla.

» Pero del braço tuio fué la hazaña,
 » Que mi flaco poder no era bastante,
 » Temblando estava, y la vision estraña
 » De tu grandeza me volvió constante.
 » El temor frio en rigurosa saña
 » En mi pecho se ha vuelto al mismo instante,
 » Y no fué sola esta merced, que mucho
 » A tu palabra en mi favor escucho.

» Los successivos Reys, que tuvieron
 » El gobernalle de mi grande Nave,
 » En base de tu amor cimientto hizieron,
 » Y nunca el yugo tuio le fué grave;
 » El Mundo por tu causa solo abrieron,
 » Y fué tu nombre la primera llave,
 » Y jamas arbolaron su bandiera
 » Que no fuesse tu insignia verdadera.

» Mas, si causan pecados descubiertos,
 » De los vivos tan aspero castigo

- » Puedan merecimientos de los muertos
 » La Paz rompida terminar contigo;
 » Si no basta a passados desconciertos
 » Con victoria del suio, y tu enemigo,
 » El miserable fin del Rey presente,
 » Y lastimoso estrago de su Gente.
 » Suspende, amable, el merecido daño
 » Remueve al arco la apuntada vira,
 » Y a Portugal que julgas por estraño
 » Con ojos de piedad attento mira,
 » No es el de tus manadas fiel rebaño?
 » Tu voz conoece, por tu hoz suspira,
 » Oye la suia, que su Rey te pide,
 » Si no mides su amor, tu piedad mide. »

Oyó d'Alfonso el Padre Omnipotente
 Estas razones, que nel pecho esconde,
 Firmó los ojos, serenó la frente,
 Y, desta suerte hablando, le responde :
 « Bien como a todo, Alfonso, estoi presente
 « Que en Rey Primeiro de pequeno Conde
 « Fuiste electo por mi de un Reyno electo
 « A grandes cosas, que por mio accepto. »

D. Alfonso Henriques nunca foi Conde, nem si intituiu tal; mas Infante durante a vida, e Rei depois da morte de sua Mãe a Rainha D. Theresa, a quem succedeu. O Author acreditava que elle fôra proclamado Rei depois da batalha de Campo de Ourique, em que dorrotara seis Reis Mouros, cujo principal se chamava Homar; mas essa batalha é para mim objeto de muita duvida: 1.º por que nenhum Historiador Arabe falla nella, ao passo que todos fallam da batalha do Salado, que dam pelo principio da ruina do Imperio Musulmano na Peninsula, e que referem com toda a franqueza as suas perdas em outras occasiões; 2.º porque temos os nomes de todos os individuos das dinastias que reinaram na Hespanha, e em nenhum delles se encontra o nome de Homar, como pôde vêr-se na Historia da Dominação dos Arabes na Hespanha, por D. José Antonio Conde, que não é mais

que uma Collecção das Chronicas Mourisças existentes no Escorial, traduzidas fielmente, e ligadas entre si pelo Traductor. Além disso em nenhuma dessas Chronicas se encontra pessoa alguma do nome de Homar, que não parece Arabe: 3.º porque nunca houve seis Reis Mouros nem em Africa, nem na Hespanha, O Soberano era um só, a saber o *Emir-al-Mununin*, que os nossos chamam *Miramolin*, que de ordinario habitava em Cordova, sua côrte, e dali governava com dominio absoluto a Hespanha Arabe, e *Almagreb*, ou Africa, e o *Afranc*, este, as terras conquistadas nas Gallias, além dos Pyreneos. Só nos ultimos tempos, na dominação Serracena é que os Chronistas Arabes mencionam os Reis de Saragoça, Murcia, e Granada, a respeito de quem os Hespanhoes forjaram tantas fabulas, bastando por todas a absurda degolação no Pateo da Alhambra, de toda a Tribu da Abencerrages, desconhecida inteiramente nas Historias Arabes, posto que fallem nas dos Zegrís, e Gornais.

- « Hize-le milagroso por el Mundo,
- « Con hazañas jamas imaginadas,
- « Descobriendo por terra, y mar profundo
- « Regiones nunca vistas, e apartadas,
- « Y si esta gloria a tiempo le confundo,
- « Vencido Sebastian, desvaratadas
- « Sas Gentes, la corona, que se humilla
- « Restituída al Reyno de Castilla.

Restituída é de mais; restitue-se o que se rouba, ou que se usurpa, mas Portugal não foi usurpado, ou roubado a Castella. Uma parte foi cedida pelo Rei D. Afonso VI. a sua filha D. Theresa, o resto conquistado aos Mouros pela espada dos nossos Reis, e o esforço dos nossos antepassados.

- « Secreto fué de mi alta Providencia,
- « Que por outro compas lo humano mide,
- « Para manifestar-le una apparencia
- « De la clemencia que su estado pide.
- « Quiero un retrato hazer de mi potencia
- « Aun que hasta agora la maldad lo impide

- » Del estragado, abominable Mundo
- » En Phillippe Tercero del segundo,
- » Haze-le quiero memorable fuente;
- » D'onde emane la paz firme, y segura,
- » Al Pueblo mio, a la Christiana Gente;
- » Que con votos, y lagrimas procura.
- » Y al Reino tuio, que su ausencia siente,
- » Ya llega la dichosa conyuntura
- » En la qual visitado por el sea
- » Bien tamaño que tanto se desea,

A parte o merecimento poetico destas machinas epiccas, vendo-se que o resultado é que o Rei de Castella visite o reino de Portugal, e a sua metropole, não pôde escurecer-se que se acha aqui esquecida a regra de proporcionar os meios aos fins, sendo verdadeiramente o que se chama *inducere culicem herculeas vestes*. Que proveito vinha a este reino da presença de Filippe III., Monarcha intruso, cujo jugo houve de sacudir depois para restituir o septro a quem pertencia? Alguns Arcos, Danças, Festejos, Luminarias, e sobre tudo um Serviço de muitos contos de réis para as suas despezas de vinda, estada, e volta, e novas contribuições, de que provieram avultadas quantias de juros, que até aos nossos dias tem pesado sobre o cofre da cidade. Todas as vezes que os Poetas trabalham de encomenda, força é que resvalem nestas exaggerações, com que trabalham por dar vulto, e grandeza a assumptos de pequena importancia.

Em um Poema que tem por objecto um festejo dado pelo Senado, não era de esperar que Vasco Mosinho de Quevedo se esquecesse de queimar os devidos incensos áquella distincta corporação, por isso achamos no Canto II. honrosamente mencionados, o Presidente João Furtado de Mendonça, os Senadores Duarte d'Almeida Novaes, Antonio Pinto de Amaral, João de Frias Salazar, Jacomo Ribeiro de Leiva, Gilicannas da Silveira, e Pedralvares Sanches, os dous Procuradores da Cidade, Pedro Vaz de Villasboas, e Pero Borges de Sousa, e os Procuradores dos Misteres Jorge Vicente, Antonio Fernandes, Manoel de Aguiar, e Bento Diniz.

Tambem lhe não esqueceu o meu antecessor o Secretario, ou Escrivão da Camara Christovão de Magalhães, de quem o Poeta afirma que o seu menor merecimento era ser mui rico; pala minha parte não posso entender que as riquezas devam contar-se entre os merecimentos, e virtudes de qualquer pessoa; ellas sam um elemento de felicidade, um dom estimavel da fortuna, cuja posse não faz ao que de si é ruim, como a sua privação não torna mau aquelle que se adorna de probidade, e de sciencia.

Uma cousa porém se deprehe de este trecho, que não é indifferente saber-se; isto é, que naquelle tempo o Senado da Camara se compunha de um Presidente, seis Vereadores, dous Procuradores da Cidade, quatro Procuradores dos Misteres, e um Secretario. Este numero soffreu depois algumas alterações para mais, e para menos.

No Canto III. introduz o Poeta o Marquez de Alenquer informando o Rei, na sua entrada, de algumas particularidades desta capital.

- » Esta es aquella del hermoso Mundo
- » Estraña maravilla, y gran tropheo,
- » Primera mano del Varon facundo
- » Heredero del hijo de Peleo.
- » Este al favor oppuesto del profundo
- » Lago, que habita el barbaro Nereo
- » Despues que en tanto espaço el Pastor de Ida
- » Del Sueño confirmó la hacha encendida.

O Poeta allude aqui á tradição mythologica lydia, que Hecaba andando grávida de Pâres, sonhara que de seu ventre sahio um facho acceso que abrazara o Paço, e toda a cidade.

- » O fuesse que su Tiphi a la fortuna
- » Diesse el gobierno en tempestade incierto,
- » O que del Cielo providencia alguna
- » A sus desgracias señalasse puerto,
- » A los del Sol, o raios de la Luna,
- » O de la noche al mismo horror abierto,

» En el hambrientos con rabiosa quexa
 » La Nau, los mares, y los vientos dexa.

» El Ithaco se admira del hermoso
 » Sitio, desnudo de algun culto ageno,
 » Al natural retrato delectoso
 » Ya de grandezas merecidas lleno ;
 » Y en el hiciera lecho a su reposo
 » Gozando el Ayre del sin par terreno ;
 » Si Amor no hiciera estable en las mudanças
 » De una hora sola siglos de esperanças.

» A los peligros del ayrado viento
 » Buelve otra vez la fatigada Nave,
 » Dexando de su nombre un fundamento
 » Que sustuvo el rigor del Tiempo grave,
 » En fausta Estrella destinado assiento,
 » Y en la sazón del Cielo mas suave
 » No parece que acaso fuesse hallado,
 » Mas por el Mundo por mejor buscado.

» La clemencia del clima saludable
 » A los mas favorables predomina,
 » Que no le ciñe el circulo intractable
 » Que a los frigidis Polos se avizina :
 » Ni la torrida Zona incomportable,
 » Que a los ardientes Tropicos inclina,
 » Mas aquella que de una, e otra alcança
 » Mistica qualidad, cierta templança.

» El dominante Signo es aquel de oro,
 » Aunque hivo, animal, que Phrixo enfrenç,
 » A espiritos magnanimos thesoro,
 » De emulacion, que gloria vana ordena.
 » Este al de flores coronado Toro
 » Y a los hermanos de la hermosa Helena,
 » Se antepone en bondad, cede el de Juno
 » Al offendido pié monstruo importuno.

» Es menos agradable aquella Fiera
 » De la Nimea selva horrible espanto,

» Y la Virgen por justa, y por severa,
 » Del Mundo echada al estrellado manto.
 » Menos tambien la lucida estatera,
 » Que el dia iguala con la noche, en quanto
 » Esta la mitad suia en medio ardiendo
 » El Sol a los dos Polos ofreciendo.

» Menos la Sierpe que al soberbio Orio
 » Dió con mortal veneno fin siniestro,
 » Menos Chyron al levantado brio
 » Del Griego, y de Esculapio gran Maestro,
 » Pan de Python huindo el desvario
 » En ser de Cabra, y Pez, perdido el nuestro
 » De Jove Ganimedes escogido,
 » Bultos en Pezes Venus, y Cupido.

» Este Signo es aquel, que al Mundo infante
 » Benigno influe la Virtud primera,
 » Despues que a la palabra de su amante
 » En la forma apacible apareciera,
 » Este le hace de gracia abundante,
 » Y le renueva para que no muera,
 » En el, si el triste Invierno le despoja,
 » Se adorna de hierba el campo, y el Arbol de hoja!

Em verdade que me parece mui difficil de acreditar que o Marquez de Alemquer cançasse a attenção de Filippe III. com estas reflexões, e observações importunas sobre as qualidades, e influencia dos Signos Celestes, quando apenas se tractava de Lisboa; adiante veremos que o desejo de alardear a sua crudição obriga muitas vezes o Poeta a cahir nestas inverosimilhanças.

» Y si ha gañado lo mejor del Cielo,
 » Esta Ciudad de singular belleza,
 » Logar le cupo en lo mejor del suelo.
 » Para ser noble por Naturaleza:
 » Aquella de Agenor dulce consuelo,
 » Del simulado Dios donosa impresa
 » Hurto sabroso de su amor ardiente,
 » Delle se jacta como de excelente.

» Y si esta parte que del Mundo alcanza
 » Por calculo commum el principado,
 » De Dragon tiene propria semejança,
 » Segun ingenios altos han notado :
 » Es la de España celebre pujança
 » Cabeça de su cuerpo dilatado,
 » Los ojos, que scintilan vivo lumbre,
 » La de Lisboa syñalada cumbre.

» Y si los ojos son del alma puertas
 » Que el ser le communica de las cosas,
 » Quantas del Mundo han sido descubiertas
 » Por estas de cristal luzes hermosas ;
 » Que tierras nunca a trato humano abiertas
 » Que Promontorios ? que Islas milagrosas
 » Estos ojos no han visto ? donde empieza
 » La noticia a su cuerpo, e a su cabeza ?

» Esta es aquella entre las mas que assienta
 » En su retundo globo la ancha Tierra,
 » De la niñez del Padre, que substenta
 » La hambre en su prole, hasta la edad que encierra,
 » Ciudad, que digna forma representa
 » De largo Imperio, que la insana guerra
 » Suele adquirir, y aun de la Monarchia
 » De quanto cubre el Cielo, y alumbrá el Dia !

» Aquella fué de la infamada Dido
 » Artificio famoso antiguamente,
 » Gloria del gran Scipion, de Annibal nido,
 » Deshecho a su desgracia de repente,
 » En Africa situada al seno ha sido,
 » Que hace agradable el humido Tridente,
 » Entre dos Promontorios ; uno solo
 » Se llamó de Mercurio, otro de Apollo.

» Pero a los triumphos aspirar podia,
 » De las Regiones, quel el Mediterraneo
 » A sus armadas sola descubria
 » No a la navegacion del Oceano
 » Que difícil quedava esta perfia,

» Por ser menos capaz su puerto, y llano,
 » Para grandes Navios, la que habita
 » Esterilles confines Gente affita.

» Fué Corintho en sus tiempos noble, y rica
 » Soberbio Emporio de la insigne Achaia,
 » Que en los nuestros Morea se publica,
 » En la del Isthmo señalada plaia.
 » Al concurso de Italia hum puerto applica
 » Otro al d'Asia mostrando—se Atalaia
 » Adonde el Arcipelago pelea,
 » Y al Mar Ionio su estacion guerrea.

» Roma, Theatro en el antiguo Lacio
 » Llamada fué del Mundo triumphadora,
 » Terminada del Tybre poco espacio,
 » Fuente de gracias al que Christo adora:
 » Constantinopla en el terreno Thracio
 » Aun que opulenta la memoria llora
 » De sus perdidas glorias, en tyrano
 » Yugo sujeta al Barbaro Othomano.

» Es la hermosa Peninsula cercada
 » Del Propontide, y del al mar Euxino
 » Se comunica una espaciosa entrada
 » En favor del Commercio peregrino
 » Entre Sesto, y entre Abido infortunada
 » Hazen al mar Egeo su camino
 » Las ols bravas del infausto Estrecho
 » Para martyrio de las almas hecho.

» De celebre renombre ha sido aquella,
 » Asolada por Tito, Palestina,
 » Adonde el Sol se puso, que una Estrella
 » Al primer arrebol mostro benina,
 » Por el sumptuoso Templo rica, e bella
 » Con thesouros inmensos opulenta,
 » Que de la Tierra Ophir el sabio augmenta.

» Pero destas Ciudades en nobleza
 » De sitio, y de commercio tan notable,

„ Abbreviada fué siempre la grandesa,
 „ Y sus conquistas menos admirables
 „ Por partes varias lemitada empresa,
 „ Dilataron sus fines memorables
 „ Es a Lisboa todo el Orbe objeto
 „ Debido a su valor, si no sugeto.

„ Esta yace a la parte mas profunda
 „ Adonde el Sol inclina el cano ardiente
 „ Para volver con frente mas jocunda
 „ A despertar la descauçada Gente,
 „ El Oceano mar en frente inunda,
 „ Y rompiendo la tierra haze patente,
 „ Un seno largo que hazia el Norte clado,
 „ Y medio dia lleva el curso ayrado.

„ El Tajo por en medio aqui deriva
 „ Sus agoas claras en menuda arena,
 „ Y cerca la corriente fugitiva
 „ En la cerulea a su pesar enfrena;
 „ Della para la parte adonde viva
 „ Aun la memoria esta del goso, y pena,
 „ Del Rey primero, a quien han señalado
 „ Las negras Aves el thesoro hallado.

„ Larga navegacion al Mar d'Atlante,
 „ Exercita el famoso Lusitano,
 „ Y el Estrecho enbocando de Levante
 „ Descursa todo el Mar Mediterraneo,
 „ No sen admiracion, que el Mundo espante,
 „ Rompe los mares frigidis ufano,
 „ Las Regiones descubre de Alemaña,
 „ Las de Francia, de Flandres, y Bretaña.”

Tudo isto é na verdade muito poetico, mas está sujeito á censura que acima se fez ácerca dos Signos do Zodiaco, visto que se dá a mesma inverosimilhança.

O Canto IV. principia com esta poetica descripção da madrugada.

Ya la del Joven Lathonio pena amable,
 Cynthia, agitando la ligera Biga,
 Dexan el Globo de la Madre estable
 A la sazón de la Solar Quadriga.
 Vomita espumas de oro mas notable
 Ethon, luego a su lado se fatiga
 Pyrois, de las primeras ruedas tiran,
 Phlegon ardiente, y Eous, y fuego espiran.

Hermosa luz que a la otra que se espera,
 (Sola una sombra en medio) promelia
 La vista felicissima primera
 Que del Monarcha la Ciudad pedia;
 Quando el Senado, que hasta entonces era
 Vigilante en las Machinas que hacia,
 Por su Decreto, acuerda que miradas
 Al ojo por el sean, e approvadas.

A descripção destas machinas occupam este, e o quinto, e sexto Cantos do Poema, e do que o Poeta nos pinta, do que outros Authores nos referem, se vê que estes festejos foram feitos com toda a grandeza, e magnificencia Portugueza, pois dos documentos existentes no Archivo do Senado de Lisboa consta que a sua importancia fóra de uma somma enorme para aquelles tempos.

Persuado-me que os trechos que tenho citado bastam para o Leitor fazer juizo deste Poema pouco conhecido, mas em que, apesar do pouco interesse do assumpto, que todo estava no a proposito do seu apparecimento, se observam trechos que abonam o muito merecimento poetico do Author.

Não obstante todas as diligencias, feitas tanto por mim, como por alguns dos meus amigos, nunca me foi possivel deparar com um exemplar do outro Poema de Mosinho de Quevedo, que tem por objecto a Vida e Morte da Rainha Santa Isabel, o qual sahio á luz em Lisboa, em formato de 4.º, no anno de 1596, e que deu principio á grande reputação do Author.

Advirto porém, que nestas diligencias infructiferamente feitas, não me desgosta tanto o não ter podido exa-

minar aquelle Poema, como as Rymas, que juntamente com elle sahiram á luz, e pelas quaes poderia avaliar o talento lyrico do Poeta, que naturalmente seria muito distincto, e por isso a sua perda deve ser mui sensivel para os amadores da Poesia Lusitana.

CAPITULO II.

O Affonso Africano de Vasco Mosinho de Quevedo.

«Uma das arriscadas emprezas, que ha no mundo é aquella, que emprehende um Varão forte contra si mesmo, trabalhando render, e avassallar a cidade da sua alma, com que se lhe tem levantado o inimigo humano. Este se affigura em Arzilla, situada ao longo do mar nas partes de Africa, de muros altos cercada, que dam entrada, e sahida por cinco portas abertas, que sam os cinco sentidos: na mais alta parte sua se levanta uma torre com tres baluartes, que sam as potencias dessa alma, e no meio a Fortaleza da Mesquita, que é o coração humano. Esta com frota armada vai buscando das praias de Lisboa D. Affonso V., o Africano, por quem este Varão é figurado. Mete-se em meio um mar tempestuoso do appetite irascivel, e concupiscivel, onde fórma, e tece o Inferno os obstaculos, e impedimentos que desta empreza desviam, e como entre todos sejam os dous mais poderosos os contrastes, e asperezas, que a virtude difficültam, e os deleites, que retem, e obrigam muitas vezes a se não passar ávante. E' neste mar D. Affonso arrojado de grande tempestade nas praias da forte seita por industria do Mago Eudolo, que procura descenfia-lo

do bom successo, e empreza, e juntamente seu querido, e amado Filho, o Principe D. João figurado por seu amor, ali lhe desaparece, e levado a uma Ilha de delictes, esteve quasi a ponto de perder-se, mas dando a taes gostos de mão por favor, e mercê do Ceo, vem depois a ser armado Cavalleiro, com amor qualificado, e triumphante.

» Os primeiros inimigos, que contra este Varão resistem, depois que animado com uma voz do Ceo, e confirmando suas esperanças aportou em terra, foram os damnados Espiritos figurados pelos Mouros com seu Capitão, Lucifer figurado em Tenebronte, mas como estes per si só tenham pouca força, facilmente sam vencidos, e postos em fugida, e assim sahem depois a resistir-lhe os sete Vicios mortaes, filhos desse Tenebronte, conhecidos por suas divisas; aos quaes rendem sete Cavalleiros, por insignias manifestas, que sam as sete Virtudes a estes Vicios contrarias; com este prospero successo assalta D. Affonso a cidade, na qual entra á força de armas, pelo grande valor de D. Fernando, no qual se figura a vontade, á razão subjeita, e a este se eucarrega outra vez a nova empreza de Tanger, apremiando-se os mais vencedores, porque o premio da virtude é andar em guerra contínua, e obrar como a razão lhe vai dictando.

» Entrada a cidade, se consagra a Mesquita, e se celebra o divino Mysterio, recebendo a Deos por seus trabalhos, o Africano, que elle é o verdadeiro premio da alma, a seu serviço rendida, que da habitação do Inferno, figurado pela Serpente, que d'ali desaparece, fica do proprio Deos um vivo Templo.»

Parece-me que não seria muito para admirar, que o homem que lê-se este aranzel allegorico á frente de um Poema Epico, pozesse o livro de parte, sem dignar-se si quer de percorrer-lhe algumas paginas, de intimamente convencido de que mui pouca poesia poderia aninhar-se em uma cabeça povoada destas idéas allegorico-mysticas, e que tomava o trabalho de escrever um Poema Heroico só para as traduzir em verso.

Mas tambem é certo que essa pessoa, procedendo assim, se privaria de um grande prazer, porque o Affonso

Africano é de certo Obra de grande merecimento, apesar dessas malaventuradas alegorias, que lhe entravam a marcha, e é a mais conhecida de todas as Obras de Vasco Mosinho de Quevedo, a mais estimada, e a que tem conservado a gloria, e nome do Author até aos nossos dias, e que mais provavelmente lhe conservará um lugar distincto entre os Epicos Portuguezes, é sem duvida o seu Poema Heroico, que com o titulo de *Affonso Africano*, se publicou em Lisboa, no anno 1611, em formato de 12.

O assumpto deste Poema é a Conquista de Arzilá, e Tanger por El-Rei D. Affonso V., assumpto na verdade bem escolhido, e em que ha todo o grandioso, e interesse nacional, que se exige para uma Epopeia.

Que neste Poema exista um merito real, é cousa de que não pôde duvidar-se attenta a estimação, que delle tem feito o público, e o enthusiasmo, com que tem sido mencionado por alguns Criticos, pondo-o uns a par dos *Lusiadas*, e outros dando-lhe o lugar immediato; em ambas estas opiniões me parece haver excesso, e falta de bom gosto, e conhecimento das verdadeiras bellezas da poesia.

Parece-me que o *Affonso Africano* não pôde collocar-se tão alto; é um Poema friamente regular, em que a fábula se vai desenvolvendo lenta, e vagarosamente por entre uma multidão de episodios, de conversações, e narrações; em que os heroes saltam muito, e operam pouco; em que o maravilhoso é de ordinario mesquinho; em que os caracteres se acham apenas esboçados, sem que haja um unico que destaque dos outros, e nos comova e arrebate pela vehemencia das paixões, e desinvoltimento dos affectos. É a verdadeira imagem dos antigos minuets, em que o Galão, de chapeo chato na mão, e espadim atravessado nos quadris, e as Damas de d'laire, e lequê, hião trocando os passos em roda da sala, fazendo cortezias, e mesuras, e tocando apenas de quando em quando com os dedos minimos um no outro.

Os heroes, e as heroínas do *Affonso Africano* tem, é verdade, muito espirito, mas tambem é verdade que esse espirito não é delles, mas do Author, e quando o Author se colloca no lugar das personagens, força é que

os seus discursos se tornem inverosímeis, e fóra da situação.

Em geral o Poeta sabe inventar situações, e lances que promettem grande interesse, mas faltam-lhe as forças para tirar partido das suas invenções. A Princeza Zara, por exemplo, entrando em scena apresenta-se no ponto de vista mais brilhante; mas dirá alguém que este episodio tão bem principiado, que excita tamanha curiosidade, corresponde á espectação dos Leitores? Que influencia tem elle no adiantamento, ou atrazamento da acção? A sua paixão pelo Principe D. João, que podia trazer consigo tantos lances dramaticos, que nós offerece em resultado? Alguns soliloquios no gosto de Gorgora, e nada mais. Finalmente Zara poderia ser uma Herminia, ou uma Armida, e não é mais que uma porção de gaz que se inflamma pelo atrito da atmosphera, resplandeca um momento, e perde-se na escuridão nocturna.

O que digo de Zara pôde igualmente dizer-se de Eudolo; este magico na sua gruta, cercado de um armazem de bruxarias, ameaça os Christãos, blasona de seu grande poder, e sciencia, parte furibundo para a cidade, reprehende asperamente o Rei pela sua frougidão, e descuido, exige o sacrificio da Princeza, mas nem o sacrificio tem lugar, por que a victima foge, sem que o Rei falle mais nisso: o Rei, que, digamo-lo de passagem, é o perfeito prototypo da nullidade; e o Mago nada mais faz, salvo no fim, como um novo Balaam abençoar os inimigos, em lugar de amaldiçoa-los.

Parece-me que a causa principal dos defeitos da fábula do Affonso Africano, e o que lhe diminue sobre maneira o interesse é a mania que deu ao Author de architecta-la sobre uma allegoria, que de antemão ideara. Daqui nasce, que todos os acontecimentos estão previstos pela lei, e dahi vem por consequencia necessaria a frialdade, e a falta da alternativa do temor, e da esperanza. Ha na cidade sete Cavalleiros, que são filhos do Governador, e representam os sete peccados mortaes, caracterizados pelos emblemas dos seus escudos, e no campo Christão outros sete Guerreiros, do mesmo modo caracterizados, e que representam as sete virtudes, contrarias d'alles: já se vê que em vindo ás mãos n'uma batalha a

Humildade não pôde deixar de matar a Soberba, a Liberalidade a Avareza, &c. e como se isto não bastasse, o Poeta lhe accrescenta uma tinctura de ridiculo nos golpes, fazendo, por exemplo, morrer a Luxuria por uma estocada nos genitos, e que a Temperança mate a Gula metendo-lhe a espada pela bocca.

Igualmente quando o Poeta apresentando em scena Zara fugitiva, acompanhada dos eunucos Chaot, e Luzel, com circumstancias que fazem perfeitamente conhecer que Zara é o emblema da alma peregrinando pelo mundo, e os dous guardas o Anjo mau, e o Anjo bom, já se vê, que um hade conduzi-la á perdição por uma estrada coberta de flores, e o outro á salvação por um caminho estreito e fragoso, como na verdade acontece. Tenho para mim, que nada é mais frio, e de peor custo do que estas idéas allegoricas em um Poema Epico.

Bem sei que não faltará quem diga, que muitos preceitistas põem a allegoria entre os requisitos necessarios de um Poema Epico, e que o mesmo Tasso se sujeitara a esta regra. Não o ignoro, e que o Padre Le Bossu estabeleceu, na sua Poetica, que se devia organizar primeiro a allegoria, e depois procurar na Historia um assumpto que possa quadrar com ella; mas tambem sei que Voltaire, cujo gosto, e authoridade em poesia é muito superior á do Padre Le Bossu, zombou d'elle, e da sua regra, e quanto a mim com toda a razão. Estou bem certo de que nem Homero, nem Virgilio, nem nenhum outro Epico Grego, ou Romano procedeu assim na composição das suas Epopeias; os antigos eram demasiado sensatos para darem nestas idéas chymericas, e absurdas dos modernos.

É certo que Torquato Tasso nos deu uma longa explicação da allegoria do seu Poema, mas tambem é certo que elle se não lembrou de tal quando compoz o seu Godfredo. Acusado pelas accusações malevolãs, e ordinarias que os seus invejosos lhe dirigiram, depois da primeira edição do Poema, sahio com a dita allegoria para dar explicação plausivel dos logares censurados, sem entrar com elles a esse respeito em polemica regular; foi pois um stratagemma innocente a que o Poeta se seccorreu, mas está certo de que não houvera nenhum bom

entendedor, que lendo o Gofredo não reconheça que elle foi architectado, e escripto sem referencia a idéas allegoricas anteriormente combinadas, a que tivesse de ligar as suas invenções, e composições; porém na marcha, e disposição do Affonso Africano observa-se perfeitamente o contrario.

Os episodios deste Poema nem sempre se derivam da accção, nem tem referencia a ella conforme prescrevem as regras. Tal é a historia de Cendasunda, Hermenerico, e Ataces, contada elegantemente no Canto III., sem mais motivo do que referindo o Conde de Penella as diferentes naturalidades dos soldados, que entram na expedição de D. Affonso V., e dizendo, que Coimbra tem por armas uma Donzella, um Leão, e uma Serpente, accrescenta

E porque se aparelha alegre historia
Do Leão, da Donzella, e da Serpente,
Pertendo fazer della aqui memoria,
Que a conjunção disposta mo consente.

Já se vê que o narrador, se pega, como vulgarmente se diz, a uma palavra, e aquelle episodio não passa de um simples luxo de poesia, que só tem desculpa no merito do colorido, e no desejo, de recordar uma legenda nacional.

No mesmo vicio pecca a historia da invenção do Corpo de S. Vicente, e sua trasladação para a Sé de Lisboa, de que é declarado Padroeiro, e que é trazido no mesmo Canto, pela simples menção que se faz da Armada ir velejando á vista do Cabo de S. Vicente.

Porém estes, e outros ainda podem desculpar-se a titulo de digressões, que recordam as antigualhas nacionais, e que, se não ajudam a fabula, ao menos não prejudicam o seu interesse, e andamento; mas acontecerá o mesmo com o episodio da funesta Jornada de Africa, e perda d'El-Rei D. Sebastião, objecto inteiramente estranho á accção do Poema, que occupa todo o Canto XI., ficando no entanto paralyzada a accção; e o que é peor ainda aquella terrivel catastrophe apodera-se de tal modo do espirito do Leitor, que traz consigo o esquecimento de todas as glorias provenientes da Conquista de Af-

zila, e Ceuta, e das outras grandes acções Portuguezas, memoradas no Poema, que necessariamente devem esquecer á vista de tamanha desventura.

No principio do Canto I. dirige-se o Eterno ao Thaumaturgo Portuguez, nos seguintes termos.

« Suave cheiro, e grato sacrificio
 » Recebi do teu reino, e patria agora,
 » Não de tostada rez antigo officio,
 » Mas de almas, onde amor, e zelo mora,
 » Lagrimas, e suspiros, duro indicio
 » De hum coração contrito, quanto odoro
 » Bem fundada tenção, e pio rogo,
 » Ardem por sacrificio em Santo fogo.

« Eu to asseguro, António, que este seja
 » O Povo meu, e que eu seu Deos me chame,
 » Em quanto neste puro estado o vejo,
 » Que por mim se honra, e que por mim se affame;
 » A empreza que acabar tanto desejo
 » Porá no fim, por mais que o inferno brame,
 » Que eu porei nelle os olhos! » Nisto orvalha
 De nova graça o Reino, que agasalha.

Que agasalha é uma terrivel cacophonía, de que compre fugir com cuidado. Não insistindo porém nesse descuido, de que ha muitos exemplos nos nossos Classicos, quem, lendo estes versos, não pensará que Santo Antonio não vai representar para com o Heroe do Poema o mesmo que Mynerva representa com Ulissés na Olysea, Venus com Eneas na Eneida, e S. Luiz com Henrique de Bourbon na Henriada? Quem mais proprio para ser o auxiliador daquella expedição que um Santo natural de Lisboa, a quem o reino vota devoção tão fervente, e considera como seu Patrono? Mas, em logar disto, vê o Leitor que o milagroso Antonio não torna si quer a ser mencionado em todo o decurso da Obra. Tudo se reduz a ouvir as duas Estanças, que Deos lhe dirige, como se não tivesse com quem fallar, ou necessitasse de confidente. Para tão pouco não valia a pena de incommodar tal notabilidade Empyrea.

No mesmo Canto encontram-se as seguintes Estrofas, cujo sentido me parece implicar com a verosimilhança poetica, e, o que é mais, ir de encontro aos bons principios theologicos, si não me engano muito,

Nesse pois mais profundo, e mais sombrio
 Logar de penas, e de graves mortes,
 Lá n'hum recanto de horrído desvio,
 A hum poste atado, com cadéas fortes,
 Agora ardendo em fogo, ora de frio
 Tremendo, o falso Hamet igual nas sortes
 De pena, e de logar aquelle ingrato,
 Que o alto penhor do Ceo deu tão barato.

Em primeiro logar não achei ainda exemplo, nem entre os nossos, nem entre os Escriptores estrangeiros de que o Profeta dos Musulmanos se designasse pelo nome de *Hamet*, todos lhe chamam *Mahemet*, *Macomete*, *Mafamud*, ou *Mafoma*, o que tudo são variações de pronuncia do primeiro nome. Em segundo logar não me parece que Lucifer desse tão barato, como diz o Poeta, a sua parte de Bemaventurança eterna: o fim da rebellião de Lucifer, segundo as idéas que della nos dam as Sagradas Letras, foi nada menos que tornar-se igual a Deos; *et similis ero Altissimo!* Prosigamos,

Bramando como Fera indomita, e brava,
 Naquelle odio de Deos sempre obstinado,
 Do Christão zêlo blasphemando estava,
 Que inda ali o inquieta este cuidado:
 E sabendo que Afonso caminhava
 Contra Africa, gemeu do peito irado,
 E com licença do Monarcha horrendo
 Diante se apresenta assim dizendo:

« Supremo Rei deste Infernal Imperio,
 » Senhor de Sombras, e de vãos Espritos,
 » Que os Monarchas aqui de outro Hemispherio
 » Ferrôlhas em prisões de eternos gritos:
 » Como soffres agora hum vituperio,
 » Que ficará por annos infinitos,

» Para deshonra tua, na memoria
 » Dos que abater procuram tua gloria?

» Obrigação te cabe de amparares,
 » Sob teu favor essa Africana parte,
 » Pois seus habitadores singulares
 » Trabalham, no que podem, contentar-te:
 » Não vês como recebes a milhares
 » Tributo de almas, que ella te reparte?
 » E com ser inda do teu sceptro isempta
 » Lá te celebra, e teu poder augmenta?

» Cedo coberto o mar de armada grossa
 » Verás em seu destroço conjurada,
 » Só para vér si destruir-te possa,
 » Toda jurisdicção, que tens ganhada;
 » Não he a injuria da Africa, mas nossa,
 » Pois ella á nossa conta está tomada,
 » Que si o imigo Christão quer offende-la
 » He por lançar teu nome fóra della.

» Dilatar pelo Mundo a lei pertende
 » Que nas almas deixou aquelle escripta,
 » A cujo acceno só, tudo se rende;
 » Contra quem tudo em vão se arma, e milha,
 » Aquelle, que do Ceo teu fogo accende,
 » E deste obysmo as penas exerceita,
 » E sem guardar decoro a tal nobreza,
 » Te abateu deste modo a Natureza.

» Poderas estar hoje no Celeste
 » Aposento, gozando eterna gloria,
 » A' vista de mil bens, que conhecaste;
 » Mas para que te avivo esta Memoria?
 » Que he magoa renovarte o que perdeste,
 » Sendo a perda tão grande, e tão notoria,
 » Inda que será parte esta lembrança,
 » Que te mova a tomar delle vingança.

» E pois he poderoso, e tudo treme
 » De seu braço, dos seus, dos seus te vingas?

- " Isto te lembro, (aqui suspira, e geme)
 " Para que minha Seita não se extinga;
 " Que o grão, que semei, de quem se teme,
 " Como de má zizania, creste, e vinga;
 " Accude, que este imigo triumphante,
 " He praga em sementeira semelhante!

Sem querer negar o louvor devido a este trecho por parte do estylo, expressão, e metro, não posso dissimular que as idéas me parecem absurdas, antiphilosophicas, e antitheologicas. Precisa acaso o Principe das trevas de quem o aconselhe, e instigue para o mal? Não é elle o Pai, e instigador do mal, e do peccado? Como é pois que Mafoma vem aqui lembrar-lhe a necessidade de destruir os Portuguezes, frustrando a sua expedição contra Arzila? Não é isto fazer o Propheta Arabo mais Diabo do que o Rei de todos os Diabos? E' verosimil que um infeliz condenado ás penas eternas, por haver introduzido no mundo uma religião falsa, entre os tormentos se embarasse com a prosperidade, ou decadência dessa religião? Que interesse podia elle ter nisso depois de morto, e no Inferno? Mahomet, a quem não póde sem injustiça negar-se um genio extraordinario, era um ambicioso, e os ambiciosos não reparam nos meios, quando se tracta de adquirir poder, ou riquezas: julgou e não se enganou, que o caminho mais facil para adquirir o poder supremo era fanatizar os Arabes, fundando uma religião nova, e eis aqui porque se fez Propheta, e Enviado do Altissimo para reformar o genero humano: porém mesmo concedendo que elle depois de morto podesse importar-se com o que se passava na terra, poderá attribuir-se-lhe o desejo de que os Africanos se condemnem para se manter o poder do Diabo, couservando-se a sua seita, como se elle a houvesse fundado para proveito della, e não seu. O Poeta faz dizer ao Author do Alcorão

Obrigação te cabe de emparares,
 Sob teu favor, essa Africana parte,
 Pois seus habitadores singulares
 Trabalham, no que podem, contentar-se.

Não é isto dizer, que os Mosulmanos adoram o Diabo; e que se esmeram por lhe agradar, e obedecer-lhe? Como é possível que um homem instruido escreva semelhante absurdo? Pois o Islamismo considera o Diabo como Deos? São estas as idéas consignadas no Alcorão? Não prescreve elle o culto a um Deos unico, creador, que pune, e recompensa? A immortalidade da alma, não promette aos bons o Paraizo, e o Inferno aos maus? Como pois se attribue aqui o culto do Diabo aos cultores do Mahometismo? Tem, é verdade, a desventura de professar uma religião falsa, que os conduz á perdição eterna, mas é absurdo suppôr, e afirmar que adoram o Espirito das Trevas. A expressão do Psalmista *Omnes Dii gentium Demonia*, não quer dizer senão que os Deoses dos Pagãos, entes perfeitamente ideaes, e allegoricos, (o que não são os Demonios) que verdadeiramente existem, pelos vicios, e crimes, que se lhes attribuiam, lhe serviam de exemplo, e incentivo para comette-los, vindo assim a ser o mesmo dar-lhe culto, que dar culto aos Demonios, mas não se segue por isso que os Pagãos, que adoravam esses Deoses, os tivessem na conta de Demonios.

Quanto ao estylo deste Poema concordo com os seus admiradores, em que é puro, elegante, nobre, e elevado; mas observo igualmente que é pouco flexivel, cançado, e monotono, é semelhante ao brazido de um grande edificio incendiado, que apresenta um vasto, e brilhante tanque de fume, que produz grande calor, mas não levanta uma só labareda. O Poeta narrando, os seus heroes discursando, não mostram differença alguma no modo de exprimir os sentimentos, e idéas, parece que contemplamos um quadro desenhado sem claro escuro, e em que as figuras, e os objectos estão sómente marcados pelas linhas, que assignalam os contornos.

Ao defeito da monotonia, que já não é pequeno, se ajuntam mais dous, e mais sensíveis, que são a affectação, e a pedantaria.

A affectação lhe é commum com todos os Poetas da Eschola Castelhana, que havia abraçado, e pede a justiça que se confesse, que elle é assim mesmo dos poucos, que, por seu bom senso, soberam preservar-se dos excessos.

sos, e desconchavos, em que cahiu a Plebe Literaria do seu tempo; mas nem por isso deixa de os fazer sentir frequentemente em muitos logares delle: por exemplo, no Canto I., fallando o Inferno.

Aqui compete com a Morte a Vida,
 Si o nome he vida, ou morte não se sabe;
 Si he vida o nome como está perdida?
 Si he morte, quem lhe tolhe que se acabe?
 Mas sei que vida morte se appellida,
 E morte viva he nome que lhe cabe:
 Que sam da vida os horridos effeitos,
 E sam da morte os infernaes sujeitos.

Dirá alguem, que saiba o que he poesia, que estes conceitinhos, estes contrapostos, e jogos de palavras frizam bem em assumpto tão terrivel? Será verosimil que a Condessa de Monsanto vendo partir a nau, em que vai seu Esposo, se dirija á embarcação com expressões tão engenhosas, e tão estudadas como estas?

Agora (diz) ingrata Nau, agora
 De ti procurarei larga vingança,
 A parte me levavas onde mora
 O todo de minha alma, e da esperança:
 Hum bem de tantos annos n'hum só hora
 Assim me levas co'essa confiança?
 Não temes? que te abraze nada curas?
 Mas ai! co'bem que levas te asseguras.

Si estar parada soffres gravemente,
 Si das outras o lédo curso invejas,
 Esse penhor me solta livremente,
 Livre te deixarei como desejas:
 Quando não te farei com força urgente
 Que na costa quebrada, e aberta sejas,
 Mas ai, que heide salvar-te do perigo,
 Pois periga meu bem tambem contigo.

Ai! e não sejas a meu rogo surda,
 Porque sabes que si algum damno traço

Não vou tão salva, que tambem não se urda,
 Contra esse hem por cuja causa o faço;
 Mas doate meu mal, e não decurda
 Teu lenho minha voz, que si ameaço
 Naufragios teus, sam lances de hum amante
 Peito, que para nada está constante.

Não apparece menos cultura, e menos estudo na Carta que a Esposa do Conde de Marialva lhe dirige no momento da partida; vejã-se estas duas Estanças.

Tão apressado estais para deixar-me,
 Que antecipais o tempo á minha gloria?
 Por um pouco podereis enganar-me,
 Não temais que sem vós se haja a victoria;
 Quereis huma ganhar? podeis ganhar-me
 Primeiro, não queiraes que esta memoria
 Que vos fiz do meu mal, me fique em pena,
 Que me condena a mim, e a vós condena.

A mim, porque tão pouco acabar pude,
 A vós, porque tão pouco por mim destes,
 E si não ha piedade, que vos mude,
 E tendo a vontade ao partir prestes,
 Permitti que de hum só gosto me ajude,
 Direi que este só gosto me fizestes,
 Mas ai, que temo meu desterro, e sorte,
 Sois D. João, Coutinho, Conde, e forte.

Não digo que estas idéas não sejam nobres, engenhosas, e até sublimes, mas acho aqui certa pertenciosidade, certa argucia, e augmentação rhetorica, que se aninha melhor com a declamação forense, que com a dôr de coração mulheril, apaixonado, e saudoso.

A pedantaria nasce da mania que o Author tem de alardear a sua erudição, na verdade mui variada, mas que um Poeta Epico deve ter o cuidado de fundir rapidamente na poesia, como praticaram Homero, Virgilio, Torquato Tasso, Ariosto, e Luiz de Camões, que de certo não eram inferiores em conhecimentos a Vasco Mosinho de Quevedo, mas que deixavam aos Autores

de Poemas Didaticos, e Didascalicos a quem isso cabia, o demorar-se com as materias scientificas, que fazem o objecto do seu trabalho.

Quevedo porém está tão longe de observar esta regra judiciosa, que de proposito procura occasiões, e ás vezes bem mal fundamentadas, para se entregar a longas digressões sobre taes objectos, com prejuizo da rapidez da narraçãõ Epica, e até da marcha da acção: por exemplo, mostra elle a Armada Portugueza singrando, em uma noite serena, e alumiada do luar, ei-lo abmencionando as constelações, que se divisam pelo Ceo.

Porém nunca do Norte o sópro leve
Assim desfez as nuvens deste clima;
Nunca o Ceo mais sereno, e puro esteve
Debuxando no mar raios de cima,
Que Estrella antigamente nome teve,
Que se não visse? O resplendor anima
Das preciosas pedras a Corôa
Da que foi a Theseo piedosa, e boa.

Vê-se o Cavallo Pegaso, e o caminho
Lacteo por seu candor já manifesto:
Vê-se a que Perseo livrá do Marinho
Monstro, trocando em gloria o fim funesto.
Vê-se Perseo tambem ali visinho,
Vê-se Oriente ao Navegante infesto,
Vê-se dos Argonautas a primeira
Nau, que rompeo a cerula carreira.

Vê-se Hercules, o collo o Cisne aclara,
Vê-se Aguia, vê-se a Lebre, e o Serpentario,
Vê-se Cassiopea, e a celeste Ara,
No signo scintillar do Sagitario,
Vê-se o marinho Ceto, e o curso para
O ligeiro Delphin no signo Aquario,
Mostra-se a Hydra, que com boccas sete
Sete matar no lago em vão promette.
Vê-se a grande Ursa, amada antigamente
De Jupiter, em nome de Callisto,

Com a menor involta na Serpente,
 E de outra parte o Filho he tambem visto,
 Que hindo para mata-la incautamente
 Jupiter com paixão, e magoa disto
 O fez do Plaustró immoto carreteiro,
 O Cão na Libra, Cepheo no Carneiro.

Estas Estanças sam excellentes pelas idéas, e pelo estylo, e teriam todo o logar em um Poema Didascalico; mas em um Poema Epico não podem deixar de considerar-se como deslocadas, e pertencentes áquelles ornatos demasiados, que Horacio classifica como *ambitiosa ornamenta*.

No segundo Canto transporta-nos o Poeta a um monte pouco distante de Arsila, onde em uma gruta vive retirado Eudolo, famoso Magico, e diz a respeito d'elle

Este observa as Estrellas radiantes
 No mais alto silencio, e mais profundo,
 Notando os movimentos das errantes,
 E das fixas o scintillar jocundo,
 Dos Signos, dos Planetas tão distantes,
 Que tanto podem no pequeno Mundo,
 Virtudes, e secretas qualidades,
 Que inclinar podem, não forçar vontades.

Este das pedras candidas, e bellas
 A propriedade, e natureza alcança,
 E disvelado em conjunção de Estrellas,
 A cujos nascimentos conta lença:
 Figuras esponjosas abre nelhas,
 Com que as sombras do Lago Averno amansa,
 Qual em Berillo, qual em Calcédonia,
 Qual em Saphyro está, qual em Sardonia.

Para um Poema Epico, era isto bastante, mas o Poeta no puerido pedantesco de affectar erudição, não dá mostrar mais conhecimento de pedras preciosas do que um lapidario, consome longas Estanças em enumerar-las, e as suas propriedades, dando nos assim um catálogo tão

fastidioso como inutil desta *materia medica* da Bruxaria.
Ouçamo-lo:

Qual se mostra em perissimo adamantó,
Por arte aberto, e não por Natureza,
Que este resiste ao golpe mais possante,
E só comsigo lavra esta dureza:
O mais presado delle, e mais prestante,
O Indico he, que de menos grandeza
O ferro a pedra de cevar desvia,
E o Nautico instrumento ao Norte guia.

Qual em verde esmeralda transparente
Que produz mais presada a Scythia fria,
Estas virgineas quebras não consente,
E mostra a dôr na quebra da valia.
Mui celebrada foi por excellente,
E grande aquella na qual Nero via
Os Theatros melhor representados
Do que si fossem delle proprio olhados.

Qual na formosa Acaté, que se arrêa
De varias côres em Scicilia achada,
Do celebrado Alpheo na branca arêa
Depois na India, no Egypto, em Persia amada:
Nesta co'as linhas de huma, e de outra vêa
Ora se vê huma Arvore estampada,
Ora outras flores, ora huma côrda,
Qual na de Pyrrho a fama nós pregôa.

Qual vive no Carbunculo incendiado,
Qual Troglodito d'Africa acha, e goza,
Cuje fulgor não he de outro offendido,
Mas c'o seu toda Pedra está formosa.
No macho, como mais ennobrecido,
Scyntilla alguma Estrella luminosa,
Alguns querem dizer que o verdadeiro
Na frente do Animal se achou primeiro.

Qual em Topazio, que a côr verde inclina,
A ocrucia do mar splendente, e nobre,

Que primeiro por Gente peregrina
 Em Chyte, Ilha da Arabia se descobre,
 Ou n'outra, que c'o mar rôxo confina
 Longe achada da praia, o nobre cobre,
 Lançado n'agua quando mais ardente,
 Tepida, e fria a torna em continente.

Qual figura se vê na Dragonita
 Lucida, negra, achada no Occidente,
 Do Dragão, que a produz na fronte dita,
 Que com cautella alcança aquella Gente
 Herva de confeição, que o somno incita,
 Lhe põem na Cova, estando a Fera ausente,
 E como entrando nella se adormeça,
 Segura deixa aos golpes a cabeça.

Qual na pedra Christal, de extrema alvura,
 Dos Alpes d'Ethyopia acreditada,
 A que muitos chamaram neve pura,
 Ali por largos annos congelada;
 Mas outros a disseram pedra dura
 Com muita parte aquosa conformada,
 Por na parte se vêr do meio dia
 Onde jámais cabira neve fria.

Qual na verde Elytropo, ou Elytropia
 A formosa Esmeralda parecida,
 Vista em Africa, em Cypro, em Ethiopia,
 De sanguinosas gottas esparzida,
 Esta, untada c'o succo da Herva propria,
 Do seu nome, do Sol n'agua ferida,
 Vermelha torna, elle, de côr sanguina,
 Como que eclypsa a face alabastrina.

Nestas, e n'outras pedras transparentes
 Mostrava Eudolo sua Sciencia, e Arte,
 E segnando os effeitos differentes,
 Assi dellas se ajuda, assi as reparte:
 E vendo pelos varios accidentes
 Do tempo, e rostos de Saturno, e Marte

E pelas tradições de Atlante herdadas,
E figuras que ali deixou pintadas,

Que algum grave infortunio se apparelha
A' Mauritania por occulto caso,
Aproveitar-se quer da usança velha,
(Para vêr se vem perto, ou tarda o prazo.)
Das sombras tristes com que se aconselha,
E por isso tirou de hum éneo vaso
Hum lucido Diadoco, onde tinha
Figura aberta, que a tenção convinha.

Quando um Poeta quer tractar destes, e outros objectos com tanta particularidade, e extensão da obra a compôr um Poema Didascalico, ou Destrictivo, e não uma Epopea, em que é necessario que as materias scientificas sejam todas de leve, passando o Poeta por ellas com certo desprezo magnanimo, para me servir da expressão de Búlgarini a respeito de Dante.

Alguns Criticos tem censurado asperamente Luiz de Camões, por haver misturado no seu Poema o maravilhoso Christão com o Mythologico; parece-me que não é a Camões, mas sim a Quevedo, que esta censura pôde com justiça applicar-se, nem Deos, nem Anjos, nem Santos, nem Demonios apparecem nos Lusíadas representando papel algum nas machinas, todos os agentes sobrenaturaes sam tomados dos Mythos, Gregos ou Romanos. Tudo se reduz a que os Portuguezes fallam nas circumstancias importantes conforme as idéas da Religião, que professam, e isto não é o que se chama misturar o maravilhoso Christão, com o Pagão: essa mistura, (*sacrilega* lhe chamam alguns, com bem pouca razão, me parece) não se dá para nos Lusíadas, mas sim no *Affonso Africano*, que se observam fallando, e operando como agentes sobrenaturaes da acção, Deos, e Santo Antonio; Lucifer, e Megera, os Anjos, os Demonios, e Mafoma, e a par disto Protheo, Nereu, os Tritões, as Nereidas, Glauco, as duas Thetys, e algumas outras figuras mythologicas; e sem embargo disto, ainda nenhum Critico censurou este descuido de Mosinho, latindo-se tanto contra Luiz de Camões, que nesta parte, ou não peccou, ou só verbalmente peccara.

A metreficção é uma das partes que tem sido mais louvada nesta Epopeia, e com bastante razão, porque é em geral harmoniosa, e forte; mas essa versificação é ainda mais monotona do que o estylo. E' na verdade difficil encontrar aqui verso falto de número, de sonoridade, duro, ou prosaico; mas tambem todos esses versos circunscritos da mesma maneira parecem peças fundidas no mesmo molde, e por consequencia perfeitamente irmãos. Não ha um só que se destaque dos outros; e venha ferir o ouvido do Leitor com uma vibração diferente da dos outros, que se apresse, retarde, arrojé, ou vá conforme a idéa que tem a exprimir, todos elles marcham no mesmo compasso, com pausas iguaes, como o rechinar de uma nora, ou cadencia dos malhes sobre a bigorna.

Quando lêo uma sequencia de Oitavas de Vasco Mosinho de Quevedo, parece-me estar vendo um regimento de infantaria, que marcha por sessões a passo grave, com intervallos iguaes, e sem que um ouse comper a linha de periphéria.

Ha porém um defeito em que Vasco Mosinho de Quevedo não tem igual entre os nossos Epicos, que é a facilidade de rymar; nada mais raro nos seus escriptos do que um vocabulo, que sirva só para armar ao constante, do que uma ryma que illiminada não prejudique o sentido: poderiamos citar muitos exemplos desta perfeição rythmica, mas bastará notar esta Oitava do Canto II.

Pelas escuras nuvens já rompendo

A bella Aurora vinha, dando á Terra

A desejada luz, e desfazendo

O carregado horror, que a Noite encerra:

Hiam-se as cousas pouco a pouco vendo,

O mar menos medonho, e o valle, e a serra

Depois dei quatro Auroas, quando entrada

Rompia pelo Estreito a Frota armada.

E est'outra do Canto IV.

Abre-se de improviso ali na Terra

Huma alta fenda, e vai sahindo tanto

Que acaba lá para onde se desterra

A Gente condemnada a Eterno pranto,
 Descobre-se-lhe tudo quanto encerra
 Este abysmo de magoas, e de espanto;
 Elle parando, com a vista intensa,
 Bebe furor, vingança, e odio, e offensa.

E quasi todo o Poema está rymado com esta facilidade, e limpeza, sem cunhas, nem expressões violentas, e phrases viciosas, que debilitam a pintura, e destroem a força da expressão.

Vasco Mosinho de Quevedo aproveita-se frequentemente das idéas dos outros, mas ajuntando-lhe circumstancias, e adornos de sua propria lavra, que o salvam da culpa de plagiario, ou servil imitador. Nem se julgue que elle se cobarda de confrontar-se com os maiores Poetas, pois não receia medir-se com Virgilio, e Camões nas suas invenções mais sublimes. Taes como o episodio de Niso, e Eurilo, Adamastor, e a Ilha dos Amores.

Na minha humilde opinião, parece-me que de nenhuma destas competencias se sahio elle melhor do que do de Adamastor, posto que ficasse muito inferior ao original pela formosura do estylo.

A Armada Lusitana, ao penetrar pelo Estreito de Gibraltar, é combatida por um bravo temporal, que dura trez dias, e findos elles vêem os navegantes levantar-se diante de si uma figura gigantesca, que firmando um pé no Calpe, e outro em Abyla, se prepara, ameaçando-os, para lhe disputar a passagem. Este phantasma, é o Gigante Asotheo, Filho da Terra, que reinára antigamente naquellas regiões, e sendo morto por Hercules fôra sepultado em Tanger. O Mago Eudolo á força de conjuros o fizera levantar do sepulchro, revestindo seu esqueleto de uma figura phantastica para atterrar os Portuguezes, e faze-los desistir da sua empreza. Esta idéa é sublime, e bem aproveitada a tradição local do gigante; pôsto que seja mui de créer, que Quevedo não conceberia este quadro, se não tivesse visto o episodio de Adamastor: vejamos agora a execução.

“ Aleiones ao Sol, que quente veis,
 ” Vi nesta tarde as pennas estendendo,

- » Notei d'Esaco as Aves, que do meio
 » Do mar foram clamor á praia erguendo;
 » A Fulicas em secco, c'um rodeio
 » Lêdo na branca arêa andar fermando,
 » Deixa o Paul, e a humida Alagôa
 » A Garça, e sobre as nuvens grita e vôa. »

Esta Estança é imitada de alguns versos de Virgilio, nas suas Georgicas.

- « Notei o discorrer de errante Estrella
 » Deixando atraz caminhos inflammados,
 » Na escura noite, e a luminaria della
 » Mostrar ao Mundo os cornos offuscados:
 » E notei ao nascer a Aurora bella
 » Os cabellos de negro maculados,
 » E o Sol envolto em nuvem. » Isto dizia,
 E toda a Armada já se apercebia.

- « Quando sentem no abysmo mais profundo
 » Ferver em rolos altos as arêas,
 » E logo com bramido furibundo,
 » Roncar as ondas horridas, e fêas,
 » Estremecer continuamente o Mundo
 » Por causas da ordem natural alhêas,
 » Suspende a todos hum temor incerto,
 » Que perigo rebente, e se vem perto.

- « He mais medonha a sombra do perigo
 » Em quanto a fôrma temerosa encobre,
 » Que mal pôde assentar ninguem comsigo
 » Que acertado remedio nelle sôbre,
 » Tam fôra já do seu assento antigo
 » Sâe o mar, que se teme as Naus socobre,
 » Que de hum balanço em outro sacudidas,
 » Em giros sem governo andam perdidas.

- « Rompe nisto o furor dos bravos ventos,
 » Para total destroço conjurados,
 » E bramando com sôpros turbulentos
 » Se apoderam dos ares carregados,

» Descem dali sem resistencia iscriptos,
 » E com furioso atrevimento ousados,
 » Quebram nos fracos lenhos, guarda santa,
 » Quem fugirá sem vós a furia tanta.

» Generam de improviso c'hum estrondo,
 » Nunca já visto, as taboas abaladas,
 » Como si de algum monte alto, e redondo
 » Fossem por terremoto soçobradas:
 » Graças aos mares, que correram, pondo
 » Estrada franca ás quilhas arrojadas,
 » Que inda que montes altos igualavam,
 » C'o peso arrebatado se arrasavam.

» Arma-se logo hum nebuloso manto,
 » Signal medonho de horridos ensaios,
 » Começa a arremeçar com novo espanto
 » O Ceo lanças de fogo, e de agua raios,
 » Daqui nasce o mortal, duro quebranto,
 » Vozes perdidas, languidos desmaios,
 » Desordem, confusão, que tudo estranha
 » A quem a perdição certa acompanha.

» Trez dias sem governo, e arte erramos,
 » Do indomito furor arrebatados,
 » Sempre em noite, que nunca devisamos
 » Outra luz que a dos ares inflammados;
 » Esta passada triste, que deixamos,
 » Causa de mais sollicitos cuidados,
 » Como foi nos perigos derradeira,
 » Assim foi nos temores a primeira.

» Nunca jámais nas Syrtes arenosas
 » Para Africa do Egypto passo Estreito,
 » Ondas se encapellaram tão furiosas
 » Transtornando o mais forte, e ousado peito,
 » Nunca em Scylla, e Carybdes perigosas,
 » Tempo se armou tão bravo, e tão desfeito,
 » Quando sorbeis mais águas, e as vomitais,
 » E a Taurochytania praia excitais.

- » Nunca o mal affamado Promontorio
- » De Málaga, que sempre ronca, e brada,
- » Nunca o Caphareo monte tão notorio
- » C'o naufragio cruel da Grega armada,
- » Em pena justa do abrazado Emporio,
- » Morte de Palamedes tão chorada,
- » Tempestades se lê que levantassem
- » Que ca' esta, que passamos, se iguallassem.

Não entra em dúvida que a descripção desta tempestade é vivamente colorida, e sem embargo de alguns dos seus rasgos de erudição, mal cabida neste lugar, faz honra ao talento do Poeta; compare-a porém o Leitor com a que se lê nos Lusíadas de Luiz de Camões, e verá que enorme differença as separa, e quanto maior effeito produzem a rapidez, e toques largos e energicos do Poeta do Tejo, que as miudezas, e particularisações diffusamente estudadas do Poeta do Sado! A razão é, que Luiz de Camões, soldado, e navegador pintou um phenomeno natural, que muitas vezes havia observado abordo de um baixel, no meio dos desertos do Oceano; e esperando a cada instante ser victima delle; o Vasco Mousinho escrevia no seu escriptorio, descrevendo o que nunca tinha presenciado, addicionando o que havia sabido dos outros, com os rasgos da sua imaginação! E quem duvida que nós conhecemos melhor um objecto quando o contemplamos com a vista, do que pelo que delle nos contam?

- » Mas não foi este o mais estranho medo,
- » Que outro maior o sangue nos congela,
- » Rebentar por davante alto rochedo
- » Vimos ao longe, e já não val cautella;
- » Mais perto pareceo maior segredo,
- » Movendo-se qual sombra, ou fórma della,
- » Huma machina em fim de horror notámos
- » A quem membros mortaes affigurámos.
- » Vulto hera tão disforme, que segundo.
- » Mostrou depois a Estrella que scintilla;
- » Tocando co'a cabeça o Ceo rotundo.

- „ Em Calpe tinha hum pé, outro em Abyla:
 „ Tal quando contra a machina do Mundo
 „ Orion se conjura, e destrói-la
 „ Intenta, he visto sempre que offereça:
 „ Os pés ao mar, ás nuvens a cabeça.

- „ E dando hum tómeroso, e forte brado,
 „ Qual nunca já Stentor do peito arranca:
 — Oh! (diz) Gente atrevida, oh Povo ousado,
 — Que assí cuidas achar passage franca;
 — Davéras a meu nome celebrado,
 — A minha catadura, e atroz carranca
 — Guardar respeito, de quem treme o Mundo,
 — Que aballo a Terra, altero o mar profundo.

Stentor faz aqui tristissima figura, e a sua voz, que igualava o grito de sessenta homens, está em proporção com o que era de esperar de um gigante, que, segundo afirma o Poeta, tendo os pés no mar tocava as nuvens com a cabeça; despedida de tal altura a voz de Stentor nem si quer seria ouvida dos navegantes: Nestes casos pede o bom gosto, que se não faça comparação alguma para diminuir a grandeza dos objectos, e a sua verosimilhança, *Gente atrevida*; e *Povo ousado*, é a mesma coisa dita por diferentes palavras, e sem necessidade nenhuma. O mesmo digo de *catadura*, e *carranca*, advertindo que este phantasma é o primeiro, e talvez o ultimo individuo que em estylo sério chama *carranca* ao seu aspecto! Tambem seria bom que o Poeta nos explicasse porque meio Asotheo depois de morto, e sepultado podia abalar a terra, e alterar o mar nas suas profundidades. Estes, e outros reparos semelhantes seria impossivel fazer-lhos lendo o Adamastor de Luiz de Camões, que é tão superior a Quevedo, quanto Virgilio a Lucano.

- Sou o temido Asotheo, mais arrogante
 — Dos Filhos, que a segunda Terra teve,
 — Este Imperio de Libia tão possante
 — Debaixo do meu jugo sempre estive;
 — Fui vencedor de tudo, e triumphante,
 — Que tudo por nobreza se me deve,

- E do Mundo Senhor eterno fôra;
- Si outra mão não tivera por Senhora:
- Alcides me priyrou do Reino, e vida,
- Domador de mil Feras espantosas,
- A sepultura tenho conhecida
- N'humas destas Cidades populosas;
- Se o desejo de gloria vos convida
- A conquistar as Terras abundosas,
- A que eu perdi, e tenho inda hoje á vista
- Me força vos encontre, e vos resista.

- Já que contra a tormenta resististes
- Em Naus tão fracas, e tão bem regidas,
- Aqui onde as columnas altas vistes
- Por honra do meu bravo Imigo erguidas,
- Aqui vereis agora casos tristes
- Com náufragios crueis de vossas vidas,
- E veremos se alguém contra mim póde,
- Ou si em tamanho aperto vos acode.

“ Affonso nisto os olhos levantando

- ” Para onde o assento está da Eterna essencia,
- ” O Supremo favor está chamando,
- ” Com voz turbada, e digna de clemencia : ”
- Divino Sol, que estaes alumando
- Immoto os Ceos, sem que haja nisto ausencia,
- Mostrai-me hum raio vosso aqui visinho,
- Que estas trevas desfaça, e abra caminho.
- Si tão liberal sois da luz ardente
- Dessa resplandecente face vossa,
- Para os que estam gozando eternamente
- Bens, que não cabem na memoria nossa,
- Nós, miseravel, trabalhada Gente,
- Em Mundo triste, sempre em noite grossa,
- A's cegas caminhando, mereçamos
- Que vossa luz entre este horror vejâmos.

“ Oh quanta força tem piedoso rogo

” De huma alma afflicta, entre oppressões ponosa ; b

- » A nuvem de huma parte se abriu logo; —
 » E o Ceo mostrou a Estrella luminosa; —
 » Em cuja luz, e rutilante fogo
 » De Alcides a Figura milagrosa; —
 » Se transformou, brotando hum lume vivo; —
 » Com que se perturbou o Monstro esquivo; —
 » E bramando rompeo: — Fero inimigo, —
 — Inda de lá me encantas, e me offendes? —
 — Bastava o mal, que usaste já comigo; —
 — Quando me desbaratas, e me reendes; —
 — Mas não páras aqui, que no perigo
 — Meus contrarios ajudas, e os defendes; —
 — Porque longe essa luz de mim não levas, —
 — Que não podem soffre-la minhas trevas? —
 » E tendo o resplendor por mais odioso, —
 » Que a nocturna Ave o Sol resplandecente, —
 » De coraje frenetico, e furioso
 » Desfazendo-se foi pelo ar patente; —
 » Fica o caminho menos perigoso,
 » E pelo Estreito entramos facilmente, —
 » Que inda que destruidos nos achamos,
 » Para nos reformar isto estimamos.

Nos Lusíadas, em que o maravilhoso é mythologico, Vasco da Gama implora ao Padre Eterno, em uma tempestade, e acode-lhe Venus; alguns Criticos de mau humor levantaram altos clamores, e condemnaram o Poeta em piedade: no Affonso Africano, D. Affonso V., em outra tempestade, e á vista da sombra de Antheo, que ameaça destruir-lhe a armada, dirige seus rogos á Trina Essencia, e vem livra-lo d'o perigo Hercules; personagem tão mythologica e pagãa como Venus, e Antheo, e os Criticos ficaram mudos. Ora se bem examinarmos as cousas não foi Camões que andou mal, porque ainda que Vasco da Gama, como Christão, recorre ao verdadeiro Deus, o agente que tomava a si o defende-lo, não podia deixar de ser um ente mythologico, porque na mythologia é fundado o seu maravilhoso; o absurdo e antioherencia está em Quevedo, que seguindo no seu Poema o maravilhoso Christão

se serve aqui, e em muitas outras partes; de Agentes sobrenaturaes, tirados da religião pagã. E porque se hade culpar a um, e desculpar o outro; que é réo de mais grave peccado? Porque os partidos literarios assim como os politicos, e religiosos tem dous pesos; e duas balanças, uma para os seus, e outra para os adversarios; porque os grandes genios estimulam e desafiam os furores da inveja; e é por isso que ha homens de quem sempre se pertende exaggerar os defeitos, e outros, cujos erros se procura sempre escurecer, e ás vezes justificar.

Como a Eneida, anda nas mãos de todos, não ha ninguém que não conheça a historia de Niso, e Euriolo; o mais bello, o mais pathetico, e o mais sublime episodio da Epopeia antiga. Elle forma uma perfeita Tragedia, escripta com aquellã perfeição de estylo poetico, que poucos até hoje tem podido igualar.

Este episodio teve a sorte de todas as invenções de um merito extraprdinario, que é produzir muitas imitações: foi por tanto imitado por Stacio, Ariosto, Torquato Tasso, e Quevedo. De todos estes os que me parece que se mostraram mais originaes na imitação, que ligaram melhor o episodio com a acção do Poema foram Tasso, e Ariosto, que tão bem como Virgilio proporcionaram os meios aos fins, examinemos esta especie. Na Eneida vemos os Troyaes cercados em seus arrayaes pelos Rutulos; Eneas está ausente, os Chefes julgam de absoluta necessidade de avisa-lo; mas quem será o mensageiro? Quem se atreverá a atravessar os arrayaes inimigos? É para isso que se offeressem os dous amigos Niso, e Euriolo; que confiam no conhecimento dos caminhos; e atalhos adquiridos no exercicio da caça: já se vê que o objecto merece o sacrificio.

No Poema de Tasso, os motivos da temeraria empreza de Clorinda, e de Argante ainda são mais justificados; e o seu exito influe não pouco sobre a acção Epica, e que não acontece na Eneida. Os Cruzados acabam de dar um assalto a Jerusalem, o combate foi renhido; e a cidade haveria sido tomada, si não quebrasse uma enorme machina, em cuja reparação os assilantes trabalhavam de noite, depois de a haverem afastado dos muros; para queimar esta machina, que pôde ser fatal aos sitiados,

é que Argante, e Clorinda se arriscam a sahir pela alta noite quando o somno tem vencido os operarios, e os que a guardavam, e conseguem o seu fim depois de grande mortecinio. Porém dá-se o alarme no campo Christão, concorrem tropas que carregam, e perseguem os dous aventureiros, que se acolhem na cidade, protegidos por uma sortida que fazem os de dentro, mas Clorinda desgraçadamente fica de fóra, é seguida por Tancredo quando demandava outra porta, o qual não a conhecendo, porque em logar das suas armas, e insignias do costume, trazia as de um simples soldado; combate com ella, fere-a mortalmente, e quando ella lhe pede o baptismo, e elle lhe tira o capacete, a reconhece, batiza-a, e ella espira em seus braços. Os resultados, que ligam este episodio com a fabula, sam, além da desesperação de Tancredo, a cessação dos assaltos, porque os Francos não tem madeira para construírem as machinas necessarias, porque Ismeno tem encantado a unica floresta, de que elles podiam tira-la; e o chamar-se Rinaldo o Guereiro-fatal daquella empreza, que estava ausente, e a quem só era dado o desencantar a floresta.

A amizade, e a religião servem de base a este episodio no Poema de Ariosto, e os seus resultados não sam menos importantes para a marcha da acção. Deus mancebos Mouros, e intimos amigos, e igualmente amigos do Principe Dardinel, na noite que se seguiu a uma horrivel batalha, indignando-se de que o cadaver de seu Principe, e amigo fique privado de sepultura, o que os mahometanos consideram quasi tamanha desgraça como o consideravam os Gregos, resolvem hir procura-lo, conseguem depara-lo, mas quando o conduziam para o seu arrayal, sam surprehendidos por um Piquete Francez; um delles salva-se na fuga, porém Modoro, que assim se chamava o outro, prefere morrer combatendo em defesa do corpo do seu Soberano: cahe com effeito exangue, e os inimigos havendo-o por morto se retiram: pouco depois chega áquelle sitio a bella Angelica, Rainha de Cathay, acompanhada de um campones, que lhe serve de guia, a qual conhecendo que ainda estava vivo, liga suas feridas, e o faz conduzir sobre o palafrem, em que vinha, para a cabana de um pastor, onde tractando d'elle com todo o esmero,

conségue restabelece-lo, e encantada da sua formosura, depois de o haver tomado por esposo, parte com elle para a sua patria: os resultados para a acção Epica são a loucura de Orlando, que amando Angelica; e andando em sua demanda vai dar á cabana do pastor, e achando ali provas da infidelidade da sua amada deixa as armas, e despido, e furioso começa a vagar por tola á parte, sem direcção nem fiado certo; a morte de Zerbino, que perece querendo defender de Mandricardo as armas que Orlando abandonara, e muitos outros acontecimentos, que chegam ao maior risco a segurança de Pariz.

No Affonso Africano a façanha dos dous marcebos Azevedo, e Soares, nem tem motivo algum razoavel, nem tem resultado algum, que influa na marcha da acção; reduz-se tudo a uma temeridade sem juizo, com que os dous soldados, em vez de obedecer ás ordens que os mandavam recolher, se arrojam a seguir sem tino os Mouros que se retiravam, e entrar com elles pelas portas de Arzila, como si esta loucura podesse servir para alguma cousa, que não fosse o ficarem ambos mortos, ou captivos: vejamos a execução.

Todos á voz primeira refrearam
 Aquelle desigual cometimento,
 E por obedecer logo pararam;
 Que nisto trazem sempre o pensamento;
 Como contra o Troyano conjuraram
 Os mares o furor do irado vento,
 E da maior braveza descahiram
 Tanto, que os brados de Neptuno ouviram.

Entre a agitação das ondas n'uma tempestade; acallmando-se á voz de Neptuno, e a agitação das hostes encarniçadas em um combate, que cessa ao mando do General ha de certo toda a analogia necessaria para fundamentar uma comparação; mas no quarto verso desta Estança me parece não achar a clareza, e perspicuidade, que exige a boa intelligencia do texto; e que se refere ao verso

Que nisto trazem sempre o pensamento?

Em que trazem sempre o pensamento os soldados? obedecer, ou pararem? O sentido parece indicar que os soldados trazem sempre o pensamento em *obedecer*, e a Grammatica que em *pararem*, porque o relativo refere-se sempre ao mais proximo, e não ao mais remoto. Isto é uma negligencia de estylo, que só valle a pena de notar-se em Escriptor tão elegante, e correcto como Vasco Mosinho de Quevedo.

Estas razões porém pouco acabaram.
 Com dous mancebos na amizade antigos,
 Que mostrar entre si deliberaram,
 Quanto fossem de fama, e de honra amigos;
 Termos de merecer logo traçaram,
 Que não se pagam dos communs porigos,
 E posto que arriscar-se a vida entendem,
 Nada lhe difficulta o que pertendem.

Hum se diz Azevedo, outro Soares,
 Ambos de hum sangue, e de huma mesma idade,
 Ambos de hum mesmo clima, ambos de hums ares;
 Ambos de hum coração, de uma vontade,
 Ambos de mil virtudes singulares
 Dotados, porque mais o feito agrada,
 E antes que a praia Affonso tomar queira
 O Soares fallou desta maneira:

Estamos no principio do episodio; e já nos encontramos a muitas legoas de Virgilio pela affectação, e verbosidade da expressão; si os dous mancebos eram parentes, como parece indicar a expressão *ambos de um sangue*, que admira que ambos fossem *de um mesmo clima*? E se eram do mesmo clima para que serve mencionar que eram *de uns ares*? *Ambos de um coração, ambos de uma vontade, ambos de mil virtudes*; quantas inutilidades! *Parque mais o feito agrada*; pois se a acção que se emprehende é grande, é generosa, e digna de loavor, agradará menes si quem a emprehender não fór *dotado de virtudes singulares*? Além disso apparece aqui grande falta de artificio no Poeta, que diminue bastante o interesse, fazendo cabir das nuncens estes dous aventu-

reiros, que ninguém conhece, por se não fallar nelles atéqui. Virgilio *qui nil molitur inepta*, como Hóracio afirma de Homero, tendo em vista a grande Tragedia de Niso, e Euríolo; teve o cuidado de nos dar a conhecer de ante-mão aquelles dous manechos, pondo-os em scena algumas vezes, e especialmente nos Jogos de An-thyses, e de nos informar da reciproca, e virtuosa ami-sade, que os unia; é necessario que em um Poema Hé-roico todas as partes sejam ligadas entre si, e constituam um todo perfeito, concorrendo para a solução.

Amigo meu, cá n'alma se me imprime

Hum desejo de gloria tão sohejo,

Que me move a que pouco a vida estime,

O que farei, si dura este desejo:

«Espero que este intento me sublime

Si algum feliz successo hoje lhe véjo,

«E quando fór contraria nisto a Sorte,

«Só intenta-lo cabe a Varão forte.

«Pertendo, si pozermos em fugida

«Os Inimigos evidencias certas,

«Seguir ho alcance, e que ninguém me empida,

«Pelas portas entrar, que véjo abertas;

«E si fór venturoso na sahida

«Celebrar-se-ha meu nome, e mil effertas

«Porei nos Templos; so ficar captivo,

«A Deos livre serei, si morto, vivo;

«Que é contra os Infieis tão justa a guerra,

«Que ainda que o Varão forte arrisque o feito,

«Si com zélo Christão o amor desterra

«A vida, a Deos será serviço-acceito:

«Mas desenho gentil que o ponto encerra

«Não pôde ter sem vós honrado effeito,

«E si trances, e mortes offerço,

«Estes convosco tem valor, e preço.

Pulava o coração ho companheiro,
E de huma nóbre inveja estimulado,
Sentindo está, porque não foi primeiro

Naquelle pensamento tão louvado,
 Mas pertende não ser o derradeiro.
 Na entrada, por ficar co'elle igualado,
 E sem dar mais razão o amigo abraça
 Como que da mercê se satisfaça.

Não é evidente que o Poeta attribue aqui aos dous mancebos uma tentativa tão absurda como inutil? Em um Poema de Cavallarias, como o de Ariosto, pôde Rodomonte arrojarse dentro de Pariz, fazer horrivel mortecinio nos seus moradores, pôr fogo a edificios, defender-se contra a guarnição inteira, e salvar-se saltando por cima dos muros: podem Orlando, Mandricardo, ou Rugeiro atacar, e derrotar sós, esquadões inteiros, o Poeta é o primeiro que ri das extravagancias que conta, e os Leitores riem com elle, e admiram a força do colorido poético, porque sabem que tudo aquillo é phantastico, e jogo caprichoso da imaginação do Author; mas em um Poema sério, em um Poema historico, como pôde admittir-se que dous homens se capacitem que podem elles sós pôr em fuga os Mouros, entrar na cidade, sem saber-se para que, e sahir della impunemente? Que gloria ha em tentar um impossivel evidente? É muito possivel que Niso e Euriolo atravessem o arrayal dos Rutulos, e escapem ás vedetas do inimigo, auxiliados pela noite, e o teriam conseguido se a impordencia juvenil os não tivesse demorado em matar os adversarios, que dormiam; não é impossivel que Argante, e Clorinda ponham fogo á torre, e se recolham á cidade, havendo nella tropas alerta para favorecerem a sua entrada no caso de perseguidos, não é impossivel que Modoro, e o seu companheiro possam de noite trazer o cadaver do seu Rei do campo da batalha, si o seu projecto se malogra é por um accidente fortuito, mas o projecto de Soares, e Azevedo é uma loucura rematada, que não faz honra á descripção do Poeta.

Agora que a sação viram presente
 D'outros temida, delles desejada,
 Recompenço o passo diligente
 De todo o campo a certa retirada,

Vam proseguindo temerariamente
Os impetos da furia começada,
E sós tamanha sombra aos Mouros fazem,
Como que inda a primeira fôrma trazem.

Tal quando obedecendo ao Senhorio
Da Lua varia, lá do intimo seio
Pelo meio de algum estreito rio,
O curso da maré subindo veio,
Si a descahir começa do seu brio
No principio do curso, ou já no meio,
A corrente porém da agua primeira
Inda vai por diante na carreira.

Ao lado de Soares morto cáe
Melique, de Fatima eterna pena,
A lhe vingar a morte ufano sáe
Albaialdas, e á morte elle o condena,
Pouco o esforço lhe val que não desmai
Çalema aos golpes que Azevedo ordena,
O corpo sem cabeça a Tarfe deixa,
Por seu corpo a de Çaide ao ar se queixa.

Como dous Segadores na Seara
Que sazonado tinha ardente Estio,
Que de sua arte dando mostra clara
A reto cortam sem fazer desvio,
Cada qual se avantaja; nenhum pára,
Levando ao cabo o começado fio,
Os cabellos de hum lado, e do outro os molhos
Ceres amortecida alegre os olhos.

Já tinham assombrado a grande porta,
Que só para colheita aberta estava,
Quando a morte, que grandes brios corta,
Contra o forte Azevedo conjurava,
Que vendo Abdallo tanta Gente morta,
Sendo a causa menor do que cuidava,
Por de traz lhe deu golpe tão pesado,
Que entre as portas cahio atravessado.

Comsigo prohibio serem cerradas,
 Inda que foi de muitos pertendido,
 E do Soares foram logo entradas,
 Que vingár quer o amigo amortecido,
 Cahem porém sobre elle taes lançadas,
 E a ultima de flomar nunca vencido,
 Que acompanhou na sorte o charo amigo,
 Ficando a desventura sem castigo.

Não ficarão com tudo sem memoria
 Desterrado da morte o sentimento,
 Que o resonante grito de tal gloria
 Desperta o transportado esquecimento:
 Apesar seu esta será notoria
 Pelo Globo, que cobre o firmamento,
 E cantar-se-irão em tanto seus louvores,
 Que o Mar dê Peixes, dê a Terra Flores.

Parece-me que pôde sem injustiça afirmar-se, que de todas as imitações, que se tem feito do bello episodio de Niso, e Euriole, o mais fraco, e menos poetico é este que se encontra no Affonso Africano, o Author o desornou de todos os accessorios patheticos com que os outros Poetas o haviam adornado, reduzindo-o a um facto isolado de valor militar, que pouco interessa o Leitor, e que pôde separar-se do Poema, sem que se lhe sinta a falta.

Outra vez ousou Vasco Mosinho de Quevedo entrar em competencia com Camões, dando ao seu Poema uma Ilha dos Amôres, mas parece-me que ainda ficou peor deste combate, que do de Adamastor.

Uma vez que o Poeta nos Lusiadas não emprega senão o maravilhoso mythologico, a Ilha dos Amores deve considerar-se bem collocada, não ha inverosimilhança alguma que Venus, a protectora dos Portuguezes, os encaminhe a uma Ilha de delicias para a seu modo recompensa-los dos seus trabalhos. No mesmo ponto de vista não deve admirar que Thetys, e as Nereidas conspirem, e concorram para o mesmo fim, e a magia encantadora do estylo, e naturalidade das idéas bastam para deslumbrar os olhos da critica mais severa.

Estará no mesmo caso a Ilha de Quevedo? Será ve-

rosimil que os Diabos querendo desfazer-se da armada dos Portuguezes, a fim de salvar Arzila, suscitem uma tempestade, e em vez de trabalharem para os meterem no fundo conduzam uma parte delles a uma Ilha desconhecida, aonde lhe apparecem transformados em formosas Nymphas que dançam, tangem, e cantam para attrahi-los, sem saber-se para que? Será verosimil, que quando o Padre Pedro, Capellão da armada, os aconselha a fugir daquella terra de perdição, elles possam effectua-lo sem encontrar a menor opposição da parte de tantos Demônios femeas?

Quanto á execução encontra-se nos dons episodios a mesma diversidade que na invenção. Camões faz saltar os Portuguezes em uma Ilha coberta de uma floresta natural, bella, e selvatica, e a pintura della, passa com justiça pelo mais bello trecho de poesia descriptiva que nos deixou o seculo de quinhentos.

Mas não será uma idéa absurda, e disparatada a de Quevedo quando nos mostra a sua Ilha, não coberta de florestas, e mattas, mas de jardins, e de jardins no antigo gosto da Italia, e França, com grupos de esculptura, canteiros alinhados, e buxos recortados? Como podiam os navegantes não desconfiar de alguma diabrura vendo uma Ilha sem cidades, nem habitações, e occupada toda por um jardim de le Notre? Isto sem fallarmos na impossibilidade de se executarem alguns dos recortes ali mencionados, e na affectação do estylo, e alambicado das idéas, e conceitos, porque em fim o Authór não sabe escrever de outra sorte. Vejamos alguns exemplos.

Dispostos por canteiros ordenados

Os bellos cravos a fragancia espiram,

Todos vermelhos huns, outros mudados,

Quaes encarnados, quaes brancos saíram,

As Violas, da côr dos namorados,

Quando por seu amor d'alma suspiram;

A Franceza Hortelã, e a salva verde,

A Cecem, que tocada o cheiro perde.

Esta formosa, e linda pradaria

A quem jámais nenhuma si igualava

Das que celebra Assyria, a India cria,
 E o Rio Hydaspes brandamente lava :
 Por dilatado espaço se estendia,
 Que n'outra gentil cerca se acabava,
 De razos buxos a nivel nascidos,
 Com mil enredos de invenção tecidos.

D'outra parte outro lanço está de Murta,
 Em diversas Figuras transformada,
 A formosa Orythia Boreas furta,
 Sobre as ventosas azas vem guardada,
 Acolá Paris tem a armada surta,
 E a mal regida Helena traz roubada ;
 Do gostoso principio ha aqui memoria,
 Mas não do desastrado fim da gloria.

Este conceito meu fez evidente
 Hero, que ali para seu bem se ensaia,
 Já da alta Torre espera o amigo ausente,
 Já tambem desce a recebe-lo á praia,
 Estreitamente o abraça, inda presente
 Duvida tê-lo, e em seus braços desmaia ;
 Elle morto, e do mar bravo arrojado,
 E ella sobre elle, isto não vi pintado.

Mais por diante em Touro se mostrava
 Jupiter, de capellas coroado,
 Sobre elle pelo mar se assegurava
 Europa com solícito cuidado :
 Ella os pés recolhia, e levantava
 Temendo o impeto d'agua occasionado,
 Que o collo com temor lhe aperta, e abraça,
 Elle ufano se ri, com peso, e traça.

Estas Estanças, e com especialidade a ultima, sam excellentes, mas dirá alguém, que estes objectos podem exprimir-se em recortes de buxo, ou de murta ? Como podem objectos immoveis representar movimentos successivos ?

Não contente o Poeta destas estatuas, e paineis de verdura, passa a adornar os seus jardins phantasticos com

grupos de esculptura, talvez sem mais motivo que alardear o seu vasto conhecimento da mythologia, porque a paixão de mostra-se erudito prevalece nelle a todas as considerações, e verosimilhança!

Em Jaspe se levanta huma Figura
A' semilhança de arvore crescida,
A cortiça por cima aspera, e dura,
Direita em tronco, em ramos estendida;
No ventre se lhe mostra huma abertura,
Por ella sae huma creança á vida,
Bem conhecera logo o que advertira
Ser a Pellice, e Filha de Cynira.

Em marmor Pario figurado estava
O moço Hesmaphrodito em cabo liado,
Que por seu mal na fonte se banhava
Quanto a Nympha appetitece descobrindo:
Elle seguramente se mostrava,
Ella do doce fruto se está rindo,
E já metida n'agua, e desprezada,
Com elle a' hum só corpo he transformada.

N'outro ramo igualmente parecia
Amor em varias fôrmas retratado,
N'huma c'hum véo os olhos encobria
Minino, e Velho já representado:
N'outra tambem dods rostos dividia
Hum alegre, outro em lagrimas banhado,
Hum braço curto tem, outro estendido,
Por manjar gosta hum coração partido.

Estas idéas são engenhosas; mas todo este dispendio de espirito, parece-me não quadrar bem com o caracter severo do Poema Heroico. Homero, e Virgilio sabem ser imaginosos, e sublimes, sem deixarem de ser singelos, e naturaes, nem um nem outro collocaram em uma Ilha deserta os recortes, que o mau gosto introduzio nos jardins do seculo dezesseis, e muito menos estatuas, e grupos de esculptura como si se traetasse da Vella Borghese, dos Jardins de Farnese, ou de Versalhes.

A devoção, ou a educação fradesca de Vasco Mosinho de Quevedo, lhe inspiram ás vezes idéas que devem parecer um pouco inconvenientes em uma Epopeia; tal é a seguinte, que se encontra no Canto IX.

.....
De outra parte Fernando se assignala,
Em feitos, que nenhum antigo iguala.

E sentindo o destroço estranho, e raro
Que Abdalla deixa na ordinaria Gente,
Accode a tempo desejado amparo
Como raio, que cahê de repente;
Não lhe vale de aço fino algum reparo,
Que já desfallecer o alento sente,
E si outro golpe desse não duvida
Que só co'a sombra o Espirito despida.

Mas deteve, com voz interrompida,
As mãos, que o Vencedor armado tinha,
Dizendo: " Não me roubes huma vida
" Que o menos porque a quero é por ser minha,
" Mas como já de mim hera divida
" A certa formosura, e me convinha
" Guarda-la como sua, oh! não ma offendas,
" Si he justo que de amor o preço entendas.

" E porque julgues si he bem empregada
" E si com razão fujo ao trance esquivo,
" Olha, que neste escudo retratada
" Verás a imagem bella, de que vivo,
" E só porque a não deixes lastimada,
" Deves usar do teu animo altivo,
" Que aquelle que ao rendido tira a vida,
" Não he vencedor, não, mas homecida."

Aqui parou Fernando, e no espirito
Encendido, tirou do intimo seio
O Retrato da Mãe, e do Infinito
Filho, que a nos salvar ao Mundo veio;
" Por esta (diz) piedades exercito,

» Esta só pôde ser, por cujo meio
 » A vida te darei, se nellâ crêres,
 » Inveja de Anjos, gloria de Mulheres. »

Abdalla, como sendo já captivo
 Grande noticia do Mysterie teve;
 « Senhora (diz ardendo em fogo vivo)
 « A vós gloria, louvor, e honra se deve;
 « Si vosso amor me val sempre excessivo,
 « Esta prenda terei por branda, e leve,
 « Que vosso Filho adora! . . . » E a Morte fria
 Outra vida lhe deu, que não pedia.

Um Cavalleiro Mouro, que ferido no ardor de uma batalha, pede a um Cavalleiro Christão, que lhe conceda a vida, por intercessão da sua amada, que traz retratada no escudo, e um Cavalleiro Christão, que tirando do peito um registo da Virgem, lho mostra, dizendo-lhe, que para elle lhe poupar a vida é necessario que nella creia, fazem a meu vêr uma bem triste figura em um Poema Heroico! E a conversão repentina do Sarraceno não deixa de ser uma invenção da força, e calibre do resto.

Deixando porém o que me parece mais defeituoso no Afonso Africano, passarei a apresentar ao Leitor alguns dos quadros, que os Criticos imparciaes tem considerado como mais honrosos para o talento do Author.

ZARA SALVANDO OS CAPTIVOS.

Abrem-se as covas horridas, e feias,
 Tiram-se á luz aquelles innocentes,
 Que a rojo dos grilhões, e das cadêas
 Se levam como infames delinquentes,
 Páram na Praça, e nas mais altas véas
 Se esfria o sangue, vendo os diligentes
 Ministros, e os cutellos afiados,
 Fogos ardendo, e vasos preparados.

Mas depois deste abalho temeroso
 Da fraca natureza, logo acode
 A sustentar o espirito furioso
 O peso que hum mortal soffrer não pôde;

Respira cada qual, torna animoso,
E da morte o temor longe sacode,
Offerecendo a vida amada, e chára,
A Deos, que só para isso lha emprestara.

Qual diz : « A vida, que o Tyranno cego
» Me tira, em sacrificio immundo, e feio,
» Tomai, Senhor, em vosso, eu vô-la entrego,
Nada temo por vós nada receio. »

Qual diz : « Senhor, este meu sangue emprego
» Por vosso nome, pois o vosso veio
» Pelo resgate meu, pouco offereço,
» Seja a vontade o preço deste preço. »

Quando entra Zara n'hum ginete ardente,
Que, mastigando o freio em branca escuma,
Tanto que o peso reconhece, e sente
Se embrida, e altera mais do que costuma
Dobrando as mãos a passo continente,
Pelas ventas abertas sópra, e fuma,
Todos se alteram logo, e na estranheza
Os olhos põem do traje, e da Belleza.

Não usa os atavios vãos do Paço,
Despreza as ricas joyas tão presadas,
A manga recolhida a meio braço,
As tranças de ouro ao vento derramadas,
As roçagantes roupas, que embaraço
Fazem n'hum breve nó todas tomadas,
Lançado aos hombros o arco, e a rica aljava
Com que das Fêras doma a furia brava.

Tal de Harpalica o traje quando cança
Os ardentes cavallos na carreira,
Que ao longe do Hebro furiosa lança,
Cuja corrente inda he menos ligeira ;
Depois que de seu Pai favor alcança
A que nasceu do mar, desta maneira
Aparece a seu Filho na espessura,
Que errando vai a voltas c'a ventura.

Esta pintura de Zara passa com razão pelo rasgo mais

brilhante que sahio da penna de Quevedo, tanto pela viveza do colorido, como pela formosura da expressão, elegancia, e pureza de estylo. Não podia com effeito aquella heroina fazer uma entrada mais brilhante em scena, é para sentir que o Poeta não soubesse tirar melhor partido deste episodio tão bem começado, e que tanto promettia!

Havendo alcançado de seu Pai o perdão dos captivos, este depois, por ensinuação de Eudolo, resolve sacrificá-la, em lugar delles, sua Mãe a faz fugir acompanhada de dous Eunucos, depois torna a apparecer em Arzila, sem que se saiba como, nem para que, porque o seu perigo parece que em vez de ter cessado, tem pelo contrario augmentado com o progresso das armas Christãs: namora-se do Principe D. João, sómente pelo vêr de longe; sahe de noite da cidade para hir procura-lo na sua tenda, cuida vê-lo entrar para uma embarcação, entra nella seguindo-o, mas acha-se só, amarando-se a embarcação que a conduz não se sabe aonde, e no fim do Poema, um mensageiro dá a noticia de que a viu morrer junto a Tanger de cansaço, e de sede. Este episodio bem inventado, fornecia excellentes situações, mas o Poeta não as soube fazer valer, como aconteceria se fosse tractado por Torquato Tasso, ou Luiz de Camões, que sem custo o tornariam dramatico, e grandemente interessante, e pathetico.

Hera Zara o retrato mais perfeito,
 Que com mão dextra fez a Natureza,
 Si as condições se vêem do altivo peito,
 E juntamente as partes da Belleza:
 O Mundo com seu nome tem sujeito,
 Que inda he maior que toda a redondeza,
 E si de Christo a Fé lhe não faltara,
 Póde ser que seu nome ao Ceo chegara.

De mil Procos ao Pai hera pedida,
 Sem outro premio igual, em casamento,
 Mas tudo desprezava, que na vida
 Não ha cousa, que lhe encha o pensamento;
 E dizem, que se tinha offerecida.

A' vida singular, e casto intento
De Diana, e das mais Nymphas da Terra,
Que pisam traz a caça o valle, e a serra.

Não é isto bem proprio de uma Mahometana? Acaso em alguns dos Capitulos do Alcorão está mencionada Diana, e as Nymphas da Terra? Grande conhecimento tinha Quevedo das regras do Islamismo!

Neste exercicio alegre, em que se esmera,
O mais do tempo nas montanhas passa,
Seguindo os passos de huma, e outra Fera,
The que a tiro lhe chega, e ali a traspassa;
Ora embuscada entre alto matto espera,
Tendo só para a setta a vista escassa,
Que do arco despedida o Cervo prega,
Incauto, que c'o sangue o campo rega.

Tambem a Corça toma o leve Gamo,
Tam ligeira traz elle se arremeça,
Depois que o engana com o vão reclamo
A quem acode com ligeira pressa;
Agora aponta ao Passaro no ramo,
E antes de ser sentida o atravessa,
Ensaio breve, com que a mão se affeita
Para o Porco, que fez, dentro da mouta.

A's vezes enfadada na Floresta
Quando arde a calma, quando o Sol se impina,
No regaço florido passa a sésta;
E na mão de alabastro a facê inclina:
Ora os olhos á fonte clara empresta,
E brincando com a agua cristalina,
A véa se perturba, e se mistura,
Porque ella se não turbe co'a Figura.

Que ao vér a imagem bella na agua clara
O lindo asseio, e gracioso riso,
Si por ventura risse, perigara,
Perdendo-se por si como Narciso;
Mas ella he desta gloria tanto avara,

Que, por se não mostrar, turba de aviso
A fonte, que da mesma agua se CIA,
Lhe fuja co'a figura pois corria.

A's vezes co'as Donzellas escolhidas,
Que a seguem nesta deleitosa pena,
Debaixo do tecido das floridas
Arvores, danças mil airosa ordena;
Espantam-se das sylvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena
Os passos com som rustico acompanham,
Porém de longe, que chegar estranham.

Tudo isto, excepto alguns traços de gongorismo, é excellentemente no ponto de vista poetico; mas será igualmente digno de louvor em relação á observancia dos costumes nacionaes? Acaso as donzellas, e em geral todas as mulheres na Mauritania disfructam liberdade tão ampla?

Ai Zara, e que vida esta tão segura
Em bosque fresco, de pesares falto,
Onde o maior tumulto he de agua pura,
Das Aves do Ar, o murmurar mais alto,
Agora que te apartas da espessura,
Logo encontras com pena, e sobresalto,
Que n'alma suspiraste quando viste
Tão severo espectaculo, e tão triste.

E sendo então ali certificada
Dos termos, que seu Pai c'os Christãos usa,
Ficou c'o sacrificio perturbada,
E pela causa delle assaz confusa,
E manda que não seja executada
A sentença cruel em quanto escusa
A piedade, e compaixão movida
C'o Pai huma miseria tão creseida.

Pararam de improviso os homecidas
A' Lei, que lhes pozera, obedecendo,
E a seu malgrado ás innocentes vidas
O castigo inventado suspendendo,

Que as palavras de Zara encarecidas
 Comsigo sempre Imperio vam trazendo,
 Com que o mais fero, e deshumano peito
 Em brandura converte, e faz sujeito.

Os condenados miseros ergueram
 Os olhos tristes para aquella banda,
 E a causa do seu bem reconheceram,
 Causa em si grande, e grande no que manda;
 Foram para fallar, e immudeceram,
 Ella os olhou, e seu tormento abranda,
 E como já remedio lhes deseja,
 Parte a busca-lo, porque cedo o vêja.

E como o caso compaixão lhe inspira,
 Sobre outra natural, que nella mora,
 Ao Pai, e Rei, que os braços já lhe abrira,
 Estas palavras diz, e entre ellas chora.
 " Si mimosa de vós eu não sentira
 " Não ousara tentar si o sou agora,
 " Alcançando, Senhor, por magoada
 " Perdão para esta gente condenada.

" Porque si castigar quereis seu erro,
 " Assaz castigo tem sendo captiva,
 " Que vida triste em misero desterro
 " Está tão longe de chamar-se viva,
 " Que antes vida lhe dá o esquivo ferro
 " Quando da luz vital, e alento o priva,
 " Além de ser tam desusado feito,
 " Que de nenhum no Mundo seja acceito.

" Quanto mais, que n'hum tempo que ameaça
 " Pelos mesmos Christãos guerra tão crua,
 " He perigo que a todos embarça
 " Terdes contra os de paz a espada nua;
 " Que se a fortuna prospera os abraça,
 " A vossa crueldade aviva a sua,
 " E dais a imigo vencedor motivo
 " Para a ferro meter quanto achar vivo.

» Per tanto, si algum mimo vos mereço,
 » Com esta petição a salvo saia,
 » E si ha difficuldade, que eu conheço,
 » A culpa sobre mim de tudo caia ! »
 O Pai, que, inda que fero de mór preço,
 Seguido de afeição todo desmaia,
 Lhe concidera a cousa, que lhe pede,
 Para todos perdão logo concede.

Todas as pessoas, que estão costumadas á leitura da
 Jerusalem Libertada, de Torquato Tasso, reconhecerão
 aqui sem custo a imitação do episodio de Olynto, e So-
 phronia, especialmente no modo porque ali se apresenta
 Clorinda, e faz suspender o supplicio dos dous amantes,
 e vai impetrar do Rei o seu perdão.

DESCRIPÇÃO DA PESTE.

Principio foi do grave mal que veio,
 E signal certo de successo amargo,
 Espirarem lá do ventoso seio
 Do Sul tepidos Austros tempo largo ;
 Quatro vezes inteiro, e quatro meio
 Rosto mostrou a Deosa, que tem cargo
 Da Noite, e sempre os Ventos do regaço
 Do Sul envolvem de Ar o immenso espaço.

Naquelle tempo o Sol resplandecente
 C'o negro véo, que sempre se lhe oppunha,
 Negava a cristalina face á Gente
 Por mais que a recebe-la se dispuha ;
 E lá parte quando no Occidente
 Carregado outra vez triste se punha,
 Dando logar ás lucidas Estrellas
 Jámais se viu no mar a fórma dellas.

Das tenebrosas nuvens nevoa são,
 Espessa, e grossa, de côr negra, e baça,
 Que pelos montes levantados cõe,
 E logo o mais profundo valle abraça
 Si acaso se consume, e se distráe,

Sem haver Sol, ou vento que a desfaça
 Humida a terra deixa, e faz que accuda
 Por mais a humedecer chuva miuda.

Com isto se infecciona, e se corrompe
 Do Ar a clemencia pura, e temperada,
 Contagiao se gera, que interrompe
 A saude da Terra desejada:
 Pelas aguas do mar primeiro rompe,
 E na profunda, cerula morada
 As turmas dana da escamosa Gente,
 Que corrupcao ao seu remedio sente.

Eis que comecam ver os Pescadores
 A cima vir os Peixes em cardume,
 Buscando estranhos ares por melhores,
 Do seu clima fugindo, que os consome;
 Com as boccas abertas, ja co'as dores,
 Como que vem fazendo ali queixume,
 As redes que os tem vivos estendidas,
 E ja mortos os levam recolhidas.

Quantos o mar lançou sem tempestade,
 Coalhando as praias de huma, e de outra morte,
 Importa admiracao a novidade
 De Pescados de estranha, e varia sorte,
 Que nunca conheceo a antiga idade
 No mar, que aqueenta o Sul, e esfria o Norte;
 Mas quiça si o que encerra o Mar mostrasse,
 Que a Terra se corresse, e envergonhasse.

Os sentidos Delphins, antigamente
 Enlevados na Musica de Ario,
 Que aos Nautas pronosticam a imminente
 Tormenta, que revolve o aquoso Orio,
 Que festejam no mar a ousada Gente,
 Acompanhando em gritos o Navio,
 Hera tao triste ve-los pela arêa,
 Quanto ve-los pela agua nos recrea.

As Halcioneas Aves, que nos braços
 De Thetys a tecida casa tinham,

Porque então dava a Zephiro os abraços,
 Que os mais ventos no carcer se delinham;
 Não temendo do Tempo os ameaços,
 Si a seus penhorés co'a comida vinham,
 Co'a morte lhes cahia o que lhe davam,
 Elles tambem co'a morte o não tomavam.

Mas outra, em que foi Esaco mudado,
 Não soffrendo ficar na vida ausente
 Da Nympha, cujo amor no mar irado
 Do monte o despenhou incautamente
 Surgindo com mergulho acelerado,
 Como que Esperia sobre as agoas sente
 Quando outra vez o collo ao mar recolhe,
 A Morte lho suspende, e dobrar tolhe.

Neste tempo da Costa da pescosa
 Cezimbra, onde rebenta o mar visinho,
 N'huma Lapa sombria, e cavernosa,
 Para onde abria o mesmo mar caminho,
 Hum Monstro de Figura temerosa
 Se viu, qual hera Glauco Deos Marinho,
 Qual da Serea mistica indistinta
 De Peixe a fôrma, e de Mulher se pinta.

Visto de hum Pescador, que o leve remo
 Por esta parte a curva taboa ensaia,
 Que encheo logo o logar daquelle extremo,
 Que vai pela agua a vêr qual pela praia,
 Sendo muitos á vista c'hum supremo
 Gemido lá do espirito, que desmaia,
 Como que estava já visinho á morte
 Desata a debil lingua desta sorte.

« Fujo do mar de hum mal, que me persegue,
 « Por vêr si acho remedio cá na Terra,
 « Mas c'o veneno seu tanto me segue,
 « Que nesta escura lapa me faz guerra;
 « Nas mãos da morte vêjo a vida entregue,
 « Que quasi a luz dos olhos me desterra,

„ Mas já que nesta conjunção me vistes,
 „ Ouvi do vosso Reino annuncios tristes.

„ O mal, que lavra, e seu furor incita
 „ Contra os habitadores do Oceano,
 „ Que de Tritões, e Peixes deshabita,
 „ As covas de cristal com tanto damno :
 „ Já contra a Terra se arma, já se excita,
 „ Cedo se ha de cevar em sangue humano,
 „ Nem do vulgar sem nome, ou plebe cura,
 „ Que a cordas, e a sceptros se aventura.

„ Ai ! que estrago, e destroço representa
 „ Que mortos, que sem terra a Terra deixa !
 „ Pasto de Féras, de Aves mantimento,
 „ Que a mesma Natureza ali se queixa !
 „ Qual descomposta Ceres de ornamento
 „ Em molhos jaz, que o Segador enfeixa,
 „ Quando da tarde ao derradeiro atalho
 „ Encorpora o descanso, e seu trabalho. ”

Já nesta sazão cheia de pesares
 As Aves sentem venenosa offensa,
 Das Nuvens altas vam cahindo a pares,
 Que nem lá para o mal acham defensão ;
 Qual hindo dividindo os leves ares
 C'os remos naturaes, ficou suspensa,
 Qual d'entrè as folhas de Arvore sombria
 Co'as leyes pennas toca a Terra fria.

Dos Ares desce, e vai desta maneira
 O mal entrando os Animaes do monte,
 Parado fica o Cervo na carreira,
 Dando logar que o Caçador lhe aponte,
 Mas a setta, por mais que vai ligeira,
 Não acha vida, que no sangue affronte,
 Elle da mão, do tiro se gloria,
 Porque cahir no mesmo ponto a via.

Entre os sulcos, que abrindo vai na Terra,
 O pobre Lavrador c'o arado agudo,

Dos companheiros hum que o jugo cerra,
 Lhe cabe de repente fasso, e mudo;
 Elle da parte falta o jugo afferra,
 E vai tirando com sobejo estudo,
 Quando no meio do imperfeito rego,
 No que fica lhe faz a morte emprego.

Já se envergonha o mal, de alevantado,
 Ser rustico, e deseja vêr-se urbano,
 Deixa as Herdades, entra o povoado,
 Executando a furia em todo o humano;
 Qual se vê das entranhas abrazado,
 Como que arda nas fragoas de Vulcano,
 E deseja matar aquelle fogo
 Em rios de agua, a que se arroja logo.

Qual pelo chão se lança, e o peito estende,
 Nem por isso recebe frio alento,
 Antes o proprio chão se não defende,
 O rosto por sinal se inflamma, e accende;
 Ardendo sae o anhelito, e ao vento
 Aberta a bocca traz para que possa
 Refrigerar a lingua secca, e grossa.

Qual no ventre marulho experimenta
 Como do mar instabil, que se assanha,
 E sem força de mão todo arrebenta
 Em vomitos crueis com pena estranha;
 Algum nesse trabalho, que atormenta
 C'o vomito, e co'a vida a terra banha,
 A quem nas juntas horrída apostema
 Faz que assaltos da morte a vida tema.

Qual, estando fallando, de repente
 Desfallece por mais que o sangue acode,
 A ter o coração, e a cerviz sente
 Carga em si mesma, nem comsigo pôde;
 Sem vida pelas ruas cae a Gente
 Como maduros pomos, que sacode
 Com teso abano a mão do Pomareiro,
 Ou como glande a varejar ligeiro.

Nesta oppressão tamanha, que suspende
 Os pensamentos a qualquer effeito,
 Aquelle que escapar do mal pertendo
 O mais precioso ornato em cinzas feito,
 As Sylvas longe busca, nem se offende
 C'ò bramido das Féras, que em proveito
 Lhe fica aventurar-se á natureza,
 Que pôde ter clemencia na fereza.

Vendo o Rei perseguido, que lavrando
 Vai sempre o mal do Inverno á Primavera,
 Nem com sazões geraes do tempo brando
 Da primeira braveza degenera,
 Qual Esquadrão de fogo, que atroando
 Na populosa Selva persevera,
 Sem que o furor remedio humano impida
 Salvo depois da Sylva consumida.

Assim dizem, que erguendo ao Ceo sereno
 Os olhos arrazados d'agua, esclama:
 "Alto Senhor, que só c'um leve aceno
 "O mar aquietais quando mais brama,
 "Que o secco campo nos tornaes ameno,
 "Que desfazeis a nuvem, que derrama
 "Pelo ar tempestuoso o manto escuro,
 "E logo se nos mostra claro, e puro.

"Sobre huma viração do throno vosso,
 "Já que esta natural tão pouco monta,
 "Que desbarate este ar evolto, e grosso,
 "Que as vidas, que nos destes, tanto affronta:
 "He tempo, Senhor, já, que em favor nosso,
 "Armeis outro arco de outra hervada ponta,
 "Com dictâme saudavel, de secreta
 "Virtude, contra a venenosa setta."

Esta descripção da Peste, em que se encontram alguns rasgos imitados de Tucidades, Lucrecio, e Virgilio, me pareceu sempre um dos mais bellos trechos do Affonso Africano, e não posso deixar de admirar-me de que o Collector do *Parnaso Lusitano* o não incluisse na-

quella Collecção compilada com tão bom gosto, e critério.

A LUCTA DE HERCULES, E ANTHEO.

Nesta Cidade forte, e populosa,
 Colonia antiga do poder Romano,
 De Claudio Imperador feitura honrosa,
 Que o titulo lhe deu, e o nome ufano,
 Estava a sepultura temerosa
 De hum Gigante nas Obras deshumano,
 Nas feições espantoso, e compostura,
 Por nome Antheo, inda hoje a Fama dura.

Este, si á verdadeira Antiguidade
 O credito lhe damos, que se deve,
 Primeiro Fundador desta Cidade,
 Della o governo antigamente teve;
 E parte com nefanda crueldade,
 Parte com forte braço, em tempo breve
 Aos Povos Commarcações pôz duro freio,
 E a dominar toda a Provincia veio.

E com a força intrepido, arrogante
 Fiado na apustura, e gesto horrendo,
 Contra os Habitadores do estellante
 Polo, blasphemias mil está dizendo;
 Qual Capaneo c'o raio fulmiante
 Nos muros assaltados todo ardendo,
 Por vingança de Jove a quem despreza
 Seu valor lhe antepou, e fortaleza.

Neste tempo, depois que o valeroso
 Hercules pôz ao Mundo todo espanto,
 Fazendo maravilhas de animoso
 Coração, dignas de Meonio canto;
 Matando o Javali bravo, espumoso,
 Honra, e soberba gloria do Erymantho,
 E da Sylva Nemea celebrada,
 Matando o Habitador á dura espada.

Depois que a braços, em soberba lucta,
 O cacho doma do robusto Touro,
 Depois que com mão destra, e resoluta
 Das Stympthalides rompe o triste agouro,
 Depois que a Hydra matou com arte astuta,
 E do Ceruo arrancou seus cornos de ouro,
 Depois que o forte Angeo desbarata,
 E com Diomedes os Cavallos mata.

Depois que vence a Gerião triforme,
 E pobre deixa Hypolite, e deserta,
 Depois que o Drago, que velando dorme,
 As maçãs de ouro rouba, em vão desperta;
 Depois que as nuvens do Porteiro enorme
 Das sombras leves faz monstruosa offerta,
 Rompendo armado aquelle Reino forte,
 E quebrantando as Leis da dura morte.

A fama deste perfido Gigante,
 Que então soava, assi da Tyrannia
 Que executava, e do feroz semblante
 Como do seu esforço, e valentia,
 Lhe punge o coração de gloria amante,
 Que c'o perigo mór se augmenta, e cria,
 E he como raio, que com mór vehemencia
 Rompe o sujeito onde acha resistencia.

E como Lião bravo, que entra ousado
 Nas Silvas de Animaes de menos brio,
 Com a pelle insigne, e a grossa maça armado,
 Vem tirar o Gigante a desafio;
 Elle, que a trances taes he costumado,
 Aceita alegre sem algum desvio,
 Zombando de tão cõgo pensamento,
 Que veio a dar em tanto atrevimento.

E do furor levado « Por que gasto
 (Diz) o tempo? » e com fremito arremete,
 Abraçado se achou c'hum grande masto
 Alcides e com impto acomette;
 Tal briga despertou o velho Adrasto

A quem o Fado hum Javali promette,
 E hum Leão para genros, que desfazem
 Os desterrados, que as insignias trazem.

Alusão á Thebaida de Stacio, em que Adrasto, Rei de Argos, encontra Tideo, e Polynice luctando pela alta noite no atrio do seu palacio.

Estam de parte as armas offensivas,
 Que a braços se averigua esta contenda,
 D'entre ambos sam as forças excessivas,
 Quem julga qual primeiro ali se renda?
 Cada qual do contrario as mãos esquivas
 Estranha, e busca modo, com que offenda,
 E das artes dos pés tambem se ajuda,
 E anda por magoar com ponta aguda.

Tal no valle sombrio, ou na montanha,
 O bravo Touro c'o rival peleja,
 Quando a Vacca por premio ali se ganha,
 Que á vista está para que logo o seja:
 Com força cada qual, com arte, e manha,
 Ficar no campo vencedor deseja,
 Qual se firma nos testos, qual se encurta,
 Qual retorna, qual volta, e qual se furta.

Mas o Filho d'Alcmana, que se corre
 Resistir-lhe o Gigante tanto espaço,
 Temendo que com isto o nome borre,
 Que tem ganhado pelo estranho braço,
 Nos pés se firma, e dá co' aquella Torre
 No chão, mas qual a péla co' rechazo
 Batida no ladrilho, pula, e salta,
 Tal Antheo se levanta, o Imigo assalta.

Torna Hercules com força mais crescida,
 E de todo estirado longe o lança,
 Cuidando que c'o aballo deixa a vida,
 E como triumphador quasi descança:
 Mas elle se ergue, sem que a dôr o impida,
 E da Terra vigor, e alento alcança,

E quantas vezes derrubar trabalha,
Tantas Alcides a victoria atalha.

Quem branco vão de leve pinho vira
Chumbada a parte, com que o Moço folga,
Que por mais que o arremessa, e longe atira,
Por mais que o deite, estenda, e quasi amolga,
Por mais que morto o faz logo respira,
Logo alça o collo vão, logo se empolga,
Que o pendor como aquella parte incline.
Não sofre que tambem a outra decline.

E conhecendo Alcides, que da terra,
Cujo Filho se chama, a força eobra,
E que trabalha em vão, e de todo erra
Si o lança em parte, que o vigor lhe dobra,
Para outra região logo o desterra,
Onde pertende rematar esta obra,
E no ar o Monstro horrendo levantando
Lá o está desfazendo, e quebrantando.

Qual Agua generosa, que estendida
Fóra da Cova vio do alto a Serpente,
A quem brando calor ao Sol convida,
E logo dá sobre ella de repente,
E se alça, por não ser della offendida,
Nos matos só se esconde facilmente,
E para que depois emprego faça
No ar co' as unhas a rasga, e despedaça.

Assim cahio sem vida o Monstro infame,
Medindo com a queda a sepultura,
E como não há peito, que desame,
Na morte pois que o timido assegura,
Dos seus foi sepultado, e porque affame
Este feito o valor, que ali se apura,
Se abriu em pedra com aguda ponta
Letreiro, que a famosa historia conta.

DESEMBARQUE DOS PORTUGUEZES EM ARZILA.

Havendo a armada Lusitana chegado em frente da cidade, D. Affonso V. depois de animar os seus com um breve discurso, passa as ordens necessarias para o desembarque das tropas, que se effectua, apesar dos Mouros que em grande multidão sahem a disputar-lhe os passos, e dos obstaculos, que o mar apresentava aos nossos batesis.

Nesta ordem, que por elle estava dada
Aos famosos Varões em paz, e em guerra,
Cada qual das Naus altas se lançava
Em leves Barcos por tomarem terra;
Com força singular, com furia brava,
O que he mais Principal do remio afferra,
Que onde ha maior nobreza ha mór cobiça
De interesse immortal, com que se atica.

Sete legoas do Estreito pela costa,
Que o mar Herculeo para o Sul estende,
Dentro de hum seio de arrecife posta
Com alto Muro Arzila se defende;
Enseada a Naufragios tão disposta
Por mil bancos de arêa, com que offende,
Que altos Navios nunca perto sobram,
E os pequenos ás vezes se soçobram.

Correm tanto as arêas, que levantam
As ondas desiguaes com qualquer vento,
Que os que ali sã mais praticos se espantam
Como podem chegar a salvamento;
Os Naturaes naufragios tristes cantam,
De mil armadas de Inimigo intento,
E si estes baixos forem bem passados,
Tradição tem, que serão logo entrados.

Aqui c'os rolos horridos luctavam
Os pequenos baixeis com força, e manha,
Mas quanto mais contra elles contrastavam,
Tanto esta empreza achavam mais estranha.

Quanto mais para a terra se chegavam,
 Tanto mais furioso o mar se assenha,
 Que esta Féra onde a terra está mais alta
 Ali se ensoberbece, e ás nuvens salta.

A confusão he tanta, que não sabe
 Que via o mais experimentado siga,
 Que onde via não ha, nem força cabe,
 Nem nova industria val, sem arte antiga;
 A qualquer inda temem que se acabe
 Com seu dano o temor da gente iniga,
 E agora julgam ser mór segurança
 Tormenta em alto mar, que aqui bonança.

Affonso, que vigia da alta prôa
 O successo, que cáe a seus soldados,
 Ouvindo o clamor dissono que sóa,
 Signal que quasi estão desanimados,
 Determina ajuda-los em pessoa,
 Não consentindo vê-los arriscados;
 E por supprir co'a pressa tanta falta,
 N'um vergantim pequeno da Nau salta.

O Principe traz elle se arremeça,
 Que nada com seu Pai lhe faz espanto;
 Segue Dom João Coutinho a mesma pressa
 C'o Filho charo, o Conde de Monsanto;
 Dom Affonso não fica, que professa
 Não faltar em perigo, e rigor tanto,
 E porque ondas no escudo lhe notaram,
 Cavalleiro das ondas lhe chamaram.

Salta logo o invensivel Dom Fernando
 Lustre de Guimarães, e de Bragança,
 A quem vai Rui de Mello acompanhando,
 Com não menos presteza, e segurança;
 Não vai o ardente orgulho dilatando,
 Que jámais resentio leve tardança,
 E succedendo vai nas mesmas vexas
 Dom Henrique famoso de Menezes.

Metem remos, e véla, e tão ligeiro
 Abre caminho o concavo Navio,
 Que em breve o que nos mais hera primeiro
 Alcançou do logar o Senhorio,
 Muitos os remos sam, elle rastreiro
 A's mãos que o regem, de vergonha e brio,
 O mesmo mar parece lhe abre a véa,
 E torna em valles a montuosa aréa.

Quiz a ventura, ou isto o Ceo lhe tinha
 Guardado por remedio em tal perigo,
 Que ali por onde o leve lenho vinha
 Foi dar n'hum calhe de segredo antigo;
 Soada Affonso a paragem, mas da linha
 De immensas braços nada achou comsigo,
 Logar na profundeza he sem segundo,
 Onde a experiencia diz não se achar fundo,

Aqui corre agua mansa, o mar não brama,
 Seguro o barco vai que aqui tem dado,
 Affonso então com brados altos clama,
 Dando novas de hum bem pouco esperado;
 A todos por seu nome daqui chama,
 Que obriga muito quando he declarado,
 E porque de o seguirem desconfia,
 Estas razões formadas lhe dizia :

„ Segui-me, amigos, nesta via, estreita,
 „ Onde agua corre mais humilde, e mansa,
 „ Esta he a mais segura, e mais direita,
 „ Por esta a praia, que buscaes se alcança,
 „ Aqui fica do mar logo desfeita
 „ Essa seberba vãa, aqui se amansa;
 „ E si temeis perigo ao fraco lenho
 „ Bem vedes, que caminho aberto tenho. „

Esta falla de D. Affonso é breve, e por isso natural, está por tanto livre da censura que se tem feito a maior parte das que se lêem na Iliada, onde não ha heroe, que dispare um dardo, ou uma setta sem pronunciar primeiro um longo discurso; e o mais é que no ardor,

e confusão de uma batalha se demoram conversando uns com os outros com tanta pausa, e socego como o poderiam fazer sentados ao fogo do seu lar em um serão de inverno; mas os admiradores cegos, e entusiastas da antiguidade não vêem estes defeitos, ou para melhor dizer os graduam de grandes bellezas, posto que em um Poeta moderno as considerariam como despropositos inverosímeis; pois tem assentado como principio demonstrado, que Homero é impeccavel, e o unico homem a quem foi concedido o privilegio de tocar o apice da perfeição.

Cada qual co' esta voz assi desperta,
 Que novo alento, e vigor novo cobra,
 De novo com mais força o remo aperta,
 E para ali forçado o Barco dobra;
 Desta arte deram na carreira certa,
 Que hum nobre exemplo maravilhas obra,
 E seguindo o de Affonso que os ensaia,
 Lançaram todos ancora na praia.

Como quando o Pastor, no Inverno frio,
 Buscar pertende pasto melhorado,
 Para outra parte, além de hum grande Rio,
 Para nas ripas delle triste o gado,
 Parece-lhe outra terra n'hum desvio,
 Longe está c'o temor d'agua assombrado,
 Mas si hum Touro faz vau, logo se abranda
 O medo, e passam todos de outra banda.

Já neste tempo a terra se cobria
 De Gente d'impio zêlo, e de odio accessa,
 Que a defender a patria concorria,
 Primeiro ensaio da famosa empreza:
 Sustêr-se o impto grande não podia,
 Que como aguas que sahem de alta presa
 Levando pedras, plantas arrancando,
 Desta arte se arremeça o negro bando.

Si os Mouros concorriam com o zêlo de defender a patria, com que justiça, ou com que consciencia chama o Poeta *impio* esse zêlo? Defender a patria não é o dever

de todo o homem? Será só nos Mauritanos culpa, o que é virtude nas outras nações? Também o odio me parece aqui muito mal applicado; qual é o povo, que pôde vêr sem odio os estrangeiros que vem invadir as suas terras, e impôr-lhe o jugo por meio da conquista? Queria acaso Quevedo que os Sarracenos cruzassem os braços, e se deixassem subjugar sem defender-se? É necessario sermos justos com todos, e não condenar nos outros, o mesmo que nos julgamos obrigados a praticar.

Nem tantos o Monte Hybla enxames cria
De Abelhas, que de Flôres o despojam,
Nem tantas cahem com a entrada fria
Folhas no Outono, e as Arvores arrojam,
Nem tantos, onde o Sol acaba o dia,
Chuveiros tristes Hyadas arrojam,
Nem tanta Ave do Strimon congelado
Passa as nuvens, c'o Nilo temperado.

A todos estimula hum odio imigo
De eterna dôr, que nunca se consume,
Este leve lhe faz o môr perigo,
E os arma contra nós já por costume,
Lembrança tem daquelle tempo antigo
Em que se viram no mais alto cume
De gloria, que jámais Africa ganha
Gozando os campos fertilis de Hespanha.

Lembram-se que Senhores já se viram
Dos bens, que para sempre tem perdidos,
E como de esperança tal cahiram,
Não soffrem de nos serem possuidos;
Isto sentem, por isto só suspiram,
Nem se verão jámais arrepellidos,
Armando por sciladas mil enganos
Por vingança dos seus c'os nossos damnos.

Estas saudades, e pesar de haverem perdido a Hespanha, que o Poeta aqui attribue aos Mouros, sam tão verdadeiros como justos. O tempo da sua dominação na Peninsula Hespanica foi a mais gloriosa, e prospera dos

Arabes. Perdendo um paiz vasto, bem acimado, fertil, e que elles sabiam fazer valer; donde haviam tirado immensas riquezas pela agricultura, industria, e commercio; não tinham acaso razão de dõer-se da sua perda? Não nos apresenta a Hespanha Arabe um quadro soberboe magestoso pelo cultiyo das Sciencias, das Artes, e das Letras, em que tanto se esmeravam os Conquistadores da Iberia? Não attestam tantos monumentos, que ainda restam delles, e as tradições historicas da cõrte de Abdrrahamon o talento governativo, e a magnificencia deste Monarcha, e de muitos dos seus successores? Tantas obras de sciencias, e de poesia que enriquecem a grande Bibliotheca do Escorial não provam que os Arabes, que dominaram na Peninsula, em lugar de formarem cabildas de barbaros, e de selvagens, como de ordinario se cré, compunham a nação mais illustrada, e civilisada, que então existia no mundo? Que eram os Godos comparados com elles?

Que lingua poderá meter á conta
Os Dardos, que das mãos arremessaram?
E os muitos, que com a sua aguda ponta,
Sem resistencia alguma atravessaram?
Com menos settas na travada affronta
A luz Phebea os Pastos offuscaram,
Ou fronte a fronte estejam resistindo,
Ou com temor, ou manha vam fugindo.

Com este assombramento ferreo, escuro
Perdendo a cõr, o mais cobarde enfia,
Porém o coração mais forte, e duro
Está por vã julgando esta porfia:
Que encontros taes n'hum animo seguro
Nunca sam de vigor, nem de valia,
Antes quanto maior vehemencia trazem,
Com maior resistencia se desfazem.

Esta dos nossos no alto muro acharam,
Que de seus peitos levantado tinham,
E rebatidos para traz tornaram
Com outro impto igual ao com que vibam,

Bem como no profundo mar se armaram
 Ondas, que contra a Rocha alta caminham,
 E no ponto, em que nella o encontro deram,
 Desfeitas outra vez ao Mar vieram.

Esta pintura de um desembarque militar appareceu aqui pela primeira vez na nossa Epopeia antiga, e o Poeta a descreve com energia, variedade, e estylo imaginoso, e correcto; salvos os reparos, que acima lhe fizemos.

A sua imaginação lhe fez inventar bastantes situações patheticas, em que ha muita viveza, e que ainda pareciam melhor, si a habitual affectação do Author lhe não prejudicasse ás vezes: apontaremos alguns exemplos do modo porque Quevedo desempenhou estes assumptos.

ZAPHYRA.

Esta gentil Moura, sabendo que o seu amante havia perecido em um recontro, resolve sahir de noite de Arzila, a fim de procurar o seu cadaver no campo da batalha. É certo que o Poeta se descuidou de informar-nos dos meios que teve aquella donzella para sahir de uma cidade investida pelo inimigo, e o que é mais de noite, em que é natural que as portas estivessem bem fechadas, e vigiadas, para evitar qualquer insulto dos contrarios, mas este defeito em nada diminue o interesse, e o pathetico desta scena lugubre.

Esperava Zaphira, que cobrisse,
 Triste esperança! a sombra grande a Terra,
 Para que ella remedio descobrisse
 A' grande dôr, que dentro da alma encerra;
 Que tanto que do amante a morte visse,
 Pazes fazia logo a tanta guerra
 Co'a morte sua, e, vindo a noite, chama
 Zaida, sempre a seus gostos util Ama.

E diz-lhe, que quer vêr a sepultura
 De seu Esposo, e logo o determina,
 A furto sae, e ao campo se aventura,
 Na feição, trage, e modo peregrina:

Com a mesma miseria se assegura,
 Que esta ás vezes melhor o animo affina,
 Que como tem o maior bem perdido,
 Que perda ha, na qual possa ter sentido?

Depois que lá se viu co'a morta Gente,
 Huma tocha accendeu, de que se ajuda,
 Começa a revolve-la diligente,
 E de hum lado para outro a vira, e muda
 Inda muitos doer-se, e gemer sente;
 Hum lhe diz, que lhe valha, e que lhe acuda;
 Mas ella passa ávante, até que a sorte
 A pôz junto da sua amada morte.

Não conheceu, mas ao passar diante
 Parece que por ella alguém puchava,
 Logo se perturbou no mesmo instante
 Sem mais poder mudar-se d'onde estava;
 Fez volta, e acha passado o charo amante
 Por hum troço de lança, que apontava;
 Sobre elle se lançou, e muda abraça
 Este tronco, par'ella inda com graça.

Esta Estança me parece excellente! Ella expressa de
 uma maneira singular, aquella *pancada no coração*, aquelle
 abalho interior, aquella sensassão indefinida de um mal
 presente, ou proximo, que chamam *presentimento*, e que
 muitas vezes se dá em nós, sem que saihamos explicar o
 como. Aquelle suspender-se, voltar atraz, reconhecer o
 cadaver do amante traspassado por uma lança, o arro-
 jar-se sobre elle, sam pinceladas dignas da situação, e
 exprimem bem a paixão vehemente, e o devaneio da dôr
 que agitava o peito da desgraçada Mahometana.

E logo em tristes lagrimas banhada,
 C'hum suspiro que d'alma arrancou triste,
 Nestes queixumes solta a voz cançada,
 Que em consôlo a seu mal o espirito assiste:
 "Esta hera, Hali, esta hera a desejada
 "Hora, em que tão entregue consentiste

» Quando ser meu Esposo promettias?

» Estas heram as vodas, e alegrias?

» Nisto parou aquelle amor perfeito?

» Nisto aquella esperanza, que me davas?

» Tudo vêjo por terra já desfeito,

» Salvo a fé, a que vivo me obrigavas;

» Morto te guardarei este direito,

» E com zêlo maior do que esperavas;

» Mas si estais vivo, amor!.. Ai! que respira!..

» Despertar quer do somno, em que cahira!..

» Somno he isto, meu bem, não morte crua,

» Que ser tão atrevida não podia,

» Possivel he que tal vida possua?

» Não he, porque eu já vida não teria!

» Vive corpo sem alma? Não, da sua

» Esta vida que tenho dependia:

» Oh consêquencia vã!.. Todo está frio!..

» Eu sou a que me engano, e desvario.

» De ti posso queixar-me doce amigo,

» Pela vida que incauto aventuraste,

» Pois imaginar posso que o perigo

» Pelo, em que me deixavas só buscaste;

» Em balança pozeste amor comigo,

» E de outra parte a gloria; mas achaste

» De mór preço, e valor a gloria leve,

» Que quanto sempre amor com todos teve!

» Não sei quem te moveu... a sorte minha,

» Seguir as leis do rigoroso Marte,

» Pois á brandura, e partes não convinha,

» Que a Natureza em ti farga reparte;

» Si militar querias, tambem tinha

» O glorioso Amor seu estandarte;

» Já te disse eu, e esta memoria encerra,

» O peito sigue amor, outros a guerra.

» Entre todos c'o dedo heras notado

» Lindos moços de Arcilla em galbardia,

- „ Polido em traje, cortezão, dotado
- „ De aviso, de primor, de cortezia,
- „ Gentil, de Damas unico cuidado,
- „ O sangue do melhor, que Africa cria,
- „ A tenra idade as graças augmentava,
- „ Que indignamente em armas se empregava. „

Eis aqui uma das mais bellas Estanças do Affonso Africano, e que poucas pessoas deixam de saber de cór, tanta é a elegancia da expressão, a frescura, a graça das idéas, e a harmonia métrica, que nella se encontra. E' tambem a unica, que se me gravou por inteiro na memoria, tendo lido tantas vezes este Poema, eu que sei de cór tantos trechos da Iliada, da Eneida, de Tasso, de Ariosto, e Camões.

- „ E si tanto porém pôde contigo
- „ O desejo, que só na morte pára,
- „ Ao campo me levaras do inimigo
- „ Eu armado Varão representara : ~
- „ Ao lado te seguira, e no perigo
- „ Os golpes com fervor te desviara,
- „ E, quando desvia-los não podera,
- „ Eu propria a recebe-los me oppozera.

- „ E si com tudo, achando-me presente
- „ Ao triste, e lacrimoso sacrificio,
- „ Cahiras morto, como estando ausente,
- „ De Esposa, e amante fiel fizera officio;
- „ Hum leito, nestes braços differente
- „ Tiveras, amoroso beneficio,
- „ Te fizera na chaga, eu ta apertara,
- „ E com lagrimas minhas a lavara.

- „ Ao menos esses olhos, que heram luto
- „ Destes cançados meus, em mi pregaras ; -
- „ Faltando a voz, que ás vezes se consume
- „ Co'a pena, e por acenos me fallaras,
- „ Podendo, ultimas mándas por costumes
- „ Deras, e as minhas ultimas levaras,

„Ultimas mandas minhas, não da vida,
 „Porém da morte a meu amor devida.

„Mas inda que a Fortuna, e sorte imiga,
 „Por me não dar allivio, então me nega,
 „Sazão terá, que he bem na morte siga
 „A quem da vida fiz total entrega;
 „Nem quero que ser divida se diga,
 „Em que me estás, em que seu gosto emprega,
 „Nada se deve, he para mim subida
 „Gloria a morte seguir, fugir á vida.

„Vivi contente em quanto vida teve,
 „Em quanto, digo, Amor vida tiveste,
 „Vivi contente que este tempo breve,
 „Para tractar contigo tu mo deste,
 „Mas agora he razão, que a morte leve
 „Os despojos de huma alma onde fizeste
 „O teu thesouro, pois levou dessa alma
 „Os despojos a morte em grande palma.”

Nestes queixumes pois, e por vingança
 Dos seus cabellos corta o rico velo,
 E a Zaida diz: „Co'as Damas, certa usança,
 „Desse ornato parti, que já foi bello:
 „Dircis a cada qual que a esperança
 „Maior he vãa, e pende de hum cabelle!
 „Mas descuidada andei! que me detenho
 „Si acompanhar meu bem na morte venho?”

„Si pôde ser, que com meu proprio alento
 „Lhe torne a influir a alma, si he sahida!
 „Bello acerto! ditoso pensamento!
 „Que me canço, si em mi lhe tenho a Vida?
 „Mas quero seguir antes outro intento,
 „Esta alma por aqui anda perdida,
 „Hirei no alcance della!... Espera! espera!
 „Não sejas tão cruel, e tão severa!

„Mas erro no que sigo!.. Que aproveita
 „Dar vozes por huma alma? Destochece!

„ Minha alma ha de hir busca-lo, então respeta
 „ A companhia, e facil lhe obedece :
 „ Mas como ha saber ? aqui me accita
 „ Este ferro de lança que apparece. „
 Mais dissera, mas já no peito abria
 Franco logar, por onde a alma sabia.

Estes pensamentos são na verdade nobres, e muito engenhosos, mas nota-se em todo este trecho demasiado estudo, demasiada rhetorica, e argumentações subtilezas, que não parecem mui proprias da situação, posto que o gongorismo não pôde considerar-se levado ao excessivo; não é assim que se exprime a mãe de Euriolo em Virgilio, nem a Rainha D. Maria de Castella implora D. Affonso IV. a favor de seu marido em estylo tão oratorio; e essa mesma singeleza de expressão faz com que o pathetico calle mais profundamente no coração dos Leitores, e produza nelles um effeito mais vivo.

O Poeta acertou quasi sempre com as tintas proprias para colorir o quadro da dissolução de Tanger, abandonada por seus moradores, temerosos com a noticia de que Arzila havia cahido na mão dos Portuguezes.

Quando hum Nuncio apressado se apresenta,
 Que o contorno maritimo descobre,
 E com ligeira voz lhe representa
 O temor grande, que estas partes cobre,
 Dizendo: „ O vivo raio, que se augmenta
 „ Da vossa gloria a Tanger forte, e nobre
 „ De maneira assombrou, que desampara
 „ O sitio usauo da Cidade chara.

„ Os Homens o melhor ornato mudam,
 „ A's costas, e hombros para os montes altos;
 „ As Mulheres tambem nisto os ajudam,
 „ Passando em tanto varios sobresaltos,
 „ Algumas, que Amor força ao mais acudam,
 „ Os filhinhos de idade, e vigor saltos,
 „ Levam, qual vai no collo, ou no regaço;
 „ Qual no peito, qual n'hum, qual n'outro braço.

» As Doncellas ao vento derramados
 » Os cabellos sem ordem, sem concerto,
 » Sobre a cabeça as mãos, nos Ceos pregados
 » Os olhos em signal de grande aperto,
 » Arrancando suspiros magoados
 » D'alma, seguindo vam qualquer incerto
 » Dos caminhos, que a sorte lhe offerece.
 » Qual cahe com temor, qual desfallece.

» Outros fazendo vam grandes fogueiras,
 » Pelas praças, e ruas, onde lançam
 » As reliquiãs do fato derradeiras,
 » Quando já de subir os montes cançam :
 » Mostras sam de miseria, verdadeiras,
 » Pois por contentamento, e gozo alcançam,
 » Por livrar dos Imigos a fazenda,
 » Offerece-la ao fogo, que a defenda. »

O Poeta faz aqui uma breve, mas inergica pintura das scenas lastimosas, que se representam quando a população de uma cidade se vê no lance de abandoná-la, com medo do inimigo, que para ella marcha, e de perder nesta retirada, feita com precipitação, e entre sustos, a maior parte, e ás vezes todos os seus bens.

Estes espectaculos lastimosos se presenciavam muitas vezes nos tempos antigos, e na idade media. Hoje, graças ao progresso da civilisação, que tem amaciado os odios nacionaes, e o fanatismo religioso, a occupação de uma cidade pelo inimigo, apenas traz aos seus habitantes o peso de alguma contribuição extraordinaria, o incommodo de alguns aboletamentos, e a mudança de Governo; mas nos seculos antigos, a cidade tomada á força d'armas nunca escapava de ser saqueada, e raras vezes de ser arrazada a ferro, e fogo; a sua população vellos, e mininos, homens, e mulheres, armados, e inertes, era passada á espada, os homens mais robustos, e as mulheres mais formosas reduzidos á escravidão, e repartidos á sorte pelos vencedores. Muitas vezes acontecia que o capricho do conquistador fizesse transportar nações inteiras para terras distantes, centos de legoas da sua patria, para climas mui estranhos á sua constituição

natural, e onde as fadigas da marcha, e a insalubridade do ar occasionavam a morte da maior parte desses desterrados.

Estes procederes barbaros, de que ainda se podem apontar alguns exemplos mui proximos aos nossos tempos tornavam as guerras mais mortiferas, e longas, porque os sitiados conscios da sorte que os esperava, preferiam morrer com as armas na mão, ou queimar-se com os seus haveres, como os Numantinos, a serem mortos como lobos, e a ficarem reduzidos á miseravel condição de escravos.

No Canto XII. manda El-Rei abrir as prisões, e tirar dellas os Captivos Christãos, e isto dá logar ao Poeta para dous episodios breves, mas que formam um dos trechos mais bem escriptos, e mais originaes do Poema.

Descer manda ás masmorras cavernosas,
 Carceres de prisões, e penas varias,
 A dar aquellas novas venturosas
 Tanto neste logar extraordinarias;
 Entram multos por boccas tenebrosas
 Abrindo-lhe caminho luminarias,
 Para poderem dar a cégos lume,
 Que em noite já viviam por costume.

A' nova luz os olhos levantaram,
 Reconhecendo o bem, que do Ceo vinha,
 E n'alma de alvoroço se alegraram,
 Como entre taes extremos lhe convinha;
 Para o resplendor logo se chegaram,
 Cada qual como força, e vigor tinha,
 Louvores dando ao Rei, que desta sorte
 Alumiar os veio em viva morte.

Entre estes hum qual Noctuo, que se esconde
 Dos raios do primeiro Sol, que aposta,
 Para as roturas de Edificios, onde
 Não chega aquella luz tão viva, e prompta,
 Fugindo andava, chamam, não responde,
 Que já da liberdade não faz conta,

E n'hum recanto cégo, e mais escuro,
Ali se foi meter como em seguro.

Vendo hum extremo tal, com zélo amigo,
Chega hum daquelles c'huma tocha ardente,
Dizendo: « Inda que eu cru seja, contigo,
» Eu só contigo quero ser clemente:
» Como foges de mim como inimigo?
» Venho a salvar-te como est'outra Gente,
» Que? Tão affeito estás a más venturas,
» Que nem da vida, nem remedio curas?»

Elle então, levantando a voz amara:
« Como queres (responde) que obedeça,
» Si agora co'essa luz vejo mais clara
» Minha culpa, e castigo, que mereça?
» Como usar póde da clemencia rara
» O Rei benigno, quando me conheça?
» Que eu fui aquelle traidor ingrato,
» Que contra sua vida tive tracto?»

O vocabulo *traidor*, dissyllabo, usado como tressyllabo, *traidor*, tem alguns exemplos nos Escriptores antigos, mas tenho para mim, que este uso não deve ser adoptado por aquelles que aspiram á gloria de escrever a lingua correctamente. O mesmo digo de *traição* por *traição*, de que tambem se encontram alguns exemplos.

« A causa de Dom Pedro defendida
» Por mim, fosse cegueira, ou desvario,
» A triste morte pouco merecida,
» Que Inveja teve até cortar o fio;
» A forte obrigação a amor devida,
» A Principe tão brando, justo, e pio,
» Me transtornou, e confundio de sorte,
» Que tentei dar incauto a tal Rei morte. ♥

Defender a causa do Infante D. Pedro nem era cegueira, nem devaneio. O Duque de Coimbra era Principe cheio de virtudes, e talentos, tinha prestado grandes serviços á nação, em qualidade de Regente do Reino du-

rante a menoridade de seu sobrinho, e genro D. Affonso V., e igualmente a este, na qualidade de seu tutor; era além disso generoso, e affavel para com seus criados, e com todas as pessoas em geral, e por isso estimado de todos, salvo o pequeno numero de palacianos invejosos, que á força de calumnias, e aleives, o malquistaram com El-Rei, resultando dahi a sua morte no fatal recontro de Alfarrobeira.

O que era cegueira, e desvario era que um particular quizesse vingar a morte do Duque com a morte d'El-Rei; um crime não se espia com outro crime, e casos ha, em que cumpre deixar á justiça divina, e ao tribunal inexoravel da historia a sua apreciação, e castigo.

Não sei si este facto é historico, ou da invenção do Poeta; pelo menos não me recordo de o haver encontrado em algum dos nossos Historiadores: si é historico aproveitou-o bem, si é da sua invenção, faz muita honra ao seu engenho.

« Depois que da prisão dura, e pesada
 « Por Industria escapei, que nunca sóra,
 « Póde ser que estivesse perdoada,
 « Si confessara a culpa, que em mim mora;
 « Como Nau de mil ventos arrojada
 « Tive em fim de descanso huma triste hora
 « Neste porto de mais difficuldades
 « Do que foram passadas tempestades.

« Que nisto commummente aquelles param,
 « Que do Rei fogem, inda que offendido,
 « A quem, si erros passados confessaram,
 « Tiveram por amigo enternecido;
 « Mas quantos o perdão difficultaram,
 « Muito mal seguraram seu partido,
 « Que não ha mór offensa de hum Vassallo,
 « Que chorada, em tal Rei não faça aballo.

« Oh mil vezes feliz, e mil ditoso,
 (Elle lhe torna) porque vem buscar-te,
 « A esta tão benigno, e tão piedoso
 « Esse de quem fugiste em toda a parte;

- » Confia, não te mostres temeroso,
- » Que em todo o tempo podes melhorarte,
- » Que esse d'eros geral conhecimento
- » Caminho he certo de arrependimento.

- » Com isto se assegura, e do sombrio
- » Logar de penas sahem todos fóra;
- » Vêem novos ares, e com rogo pio
- » Cada qual o Divino Ser adora:
- » Desta arte vam, e as lagrimas em fio
- » Mostram, que de prazer tambem se chora;
- » Affonso os recebeu, mas, avisado,
- » Fez mais favores ao desconfiado.

No mesmo Canto um Captivo Algravio, narra a maneira porque fóra parar ao poder dos Mauritanos. A sua historia é a de muitos outros desgraçados, que foram victimas dessa calamidade, quando os corsarios barbarescos, sahindo todos os annos dos portos da Barbaria, em seus chavecos, armados á ligeira, hiam infestar não só o Mediterraneo, mas desembocando do Estreito de Gibraltar, e sahindo para o Oceano, toda a orla maritima de Hespanha, e Portugal, e com muita especialidade do Algarve, apresando embarcações mercantes, barcos de pesca, e levando o arrojo a ponto de penetrarem nos portos, e fazer saltos em terra, levando gente, e fazenda, com que se locupletavam, sendo por isso obrigadas as Potencias Christãs a armar cruzeiros, que obstassem a estes insultos, e rapinas dos Barbaros, estimulados pela cobiça, e fanatismo, porque os Mouros julgavam obrigação religiosa estas piratarias contra os Christãos, que duraram até ao principio deste seculo.

Agora os progressos da civilisação, que tem chegado até á Africa, e a conquista de Argel, tem acabado felizmente com este flagello da navegação, do commercio, e das terras não fortificadas á beiramar. Escutemos agora o Captivo.

- » Silves, no Reino Algarve a mais antiga
- » Cidade, vio primeiro o nascimento,
- » Deste Captivo, que a fortuna imiga

„ Pôz em tão longo, e duro apartamento;
 „ Que genero de vida incerto siga
 „ Na mocidade, em santo ajuntamento
 „ Da mesma Patria huma Mulher me coube,
 „ Que a liberdade captivar me soube.

„ Com esta dos primeiros, tenros annos
 „ Criado fui, e foi o amor crescendo,
 „ De sorte, que quaesquer primeiros danos
 „ Fugindo, seus prazeres só pertendo;
 „ Mas destas affeições, os desenganos
 „ Ao longe esperam quem se vai perdendo,
 „ Que por ella me vi triste, e captivo,
 „ De sorte, que não sei como inda vivo.

„ Hum dia, amargo dia! sobre a tarde,
 „ Quando he mais grato o Ceo no ardente Estio,
 „ Quando o Sol se recolhe, e menos arde,
 „ Deseja em leve barco vir ao Rio;
 „ Eu por lhe comprazer, feliz quem guarde
 „ Para hum cégo appetite algum desvio,
 „ Satisfiz logo, e para eternas magoas
 „ A remos comecei cortar as agoas.

É erro ordinario dos homens, e de que sempre tiram por fructo grandes desgostos, e calamidades, a demasiada condescendencia com as mulheres; julgam com essa fraqueza ganhar-lhe a affeição, e o amor, e nisso torpe, e insensatamente se enganam! Seja esposa, seja amante, a mulher nunca estima, nem respeita o homem que a tracta bem, pelo contrario a esses tomam ellas quasi sempre odio, e mui facilmente os atraçoam. E' necessario que o homem domine, e que a mulher obedeça, nestes casos não ha meio termo, cumpre que ella o tema, ou que elle seja seu escravo, e victima das suas perfidias, e zombarias.

„ E pouco a pouco ao longo indo da terra,
 „ Fomos perdendo a vista da Cidade,
 „ Ai! quem cuidara então que se desterra
 „ Para tão longa ausencia, e saudade!

„ Eu avisado da contínua guerra,
 „ Que imigos fazem da Christã verdade,
 „ Tendo armado em ciladas sempre o Arco,
 „ Quiz virar para traz o leve barco.

„ Mas ella, mais do peito desejosa,
 „ De vêr a foz do mar, me roga, e pede,
 „ Mais atrevida, e menos temerosa,
 „ Vamos ávante pois que nada impede:
 „ Eu lhe disse com voz triste, e penosa
 „ O que ás vezes ali de mal succede,
 „ Ella resiste, e dando em mór extremo,
 „ Quasi me quiz tomar das mãos o remo.

„ Vou-me nescio com ella por seu gosto,
 „ Fazendo pouco caso do perigo,
 „ Por a não desgostar com lêdo rosto,
 „ Mas não sei que sentia cá comigo;
 „ Nisto demos n'hum cêgo, escuro posto,
 „ Encoberta acolheita do Inimigo,
 „ De juncos grossos prenhe, e de espadanas,
 „ Verdes Salgueiros, e viçosas canas.

„ Quando subitamente dali sãe
 „ Outro Batel de Mouros guarnecido,
 „ Do seu logar o coração me cáe,
 „ Vendo-me incautamente assi perdido:
 „ Quem ha, que em tanto damno não desmae?
 „ Meu mal couheço, tarde arrependido,
 „ E os olhos nella com voz alta disse:
 „ Não cuidei que por vós tão mal me visse?

„ Mas ella a meu descuido a culpa lança,
 „ Já da minha affeição bem descontente,
 „ Que a verdade de hum hem nunca se alcança
 „ Sinão depois que á vista o mal se sente;
 „ E porque recontar desgraças cança,
 „ Ali fiquei captivo, e della ausente,
 „ Que os Mouros o despojo variaram,
 „ E para este logar me desterraram.

O Poeta pinta aqui energicamente o character das mulheres; imperiosas, fechando ouvidos á razão, e ás advertencias, não temendo perigos, nem receando obstaculos, ou desgraças, quando se tracta de satisfazer os seus appetites, quasi sempre desregrados, e a que não tem a força de resistir; si por ventura lhe sobrevem algum incommodo, ou desgraça, tornam a culpa aquelles, que involuntarios lhe obedeceram, e de quem despresaram os avisos desoretos, e sinceros. E' assim que o grande Milton nos pintou Eva criminando Adão pela desobediencia á prohibição do Altissimo, de que ella lhe havia dado o exemplo, e a que o impellira contra vontade sua.

Estes dous episodios sam bellos, e escriptos contra o costume do Author com bastante singeleza de estylo; mas provam o que deixamos dito, isto é, que o Affonso Africano abunda de bons episodios, mas que pela maior parte nem nascem da acção, nem tem com ella relações si não mui remotas.

O Affonso Africano é muito inferior pela urdidura da fabula, pelo movimento da acção, e pela pintura dos caracteres á Malaca Conquistada, e á Ulyssea, é muito mais inferior aos Lusíadas pela versificação, estylo imaginoso, expressão poetica, e perfeição dos versos, em que Camões não conheceu rival; deve contudo ser contado no numero das nossas Epopeias de primeira ordem, tendo entre ellas o terceiro logar, isto é, o primeiro depois da Malaca; e na verdade o merece pelos excellentes trechos de poesia, em que abunda, pela belleza das comparações, e pela profundidade, e abundancia das sentenças, e porque Quevedo, ainda que discipulo da Eschola de Gongora, soube ser mais parco nos conceitos, nos trocadilhos, no excessivo dos hyperboles, e no uso das metaphoras, o que prova que nelle havia mais bom senso, e melhor gosto, que na maior parte se tornam insupportaveis pelos seus desconchavos de estylo.

Vasco Mouzinho de Quevedo tambem cultivou a Poesia Latina, como se vê da Elegia, que se imprimio com o tractado de *Judiciis* do celebre Jurisconsulto Pedro Barbosa.

FIM DO TOMO OITAVO.

INDICE DO TOMO VIII.

LIVRO XVII.

CAPITULO I. <i>Manoel Quintano de Vasconcellos</i> ..	5
CAPITULO II. <i>Outras Poesias de Manoel Quintano de Vasconcellos</i>	30
CAPITULO III. <i>Soror Violante do Ceo</i>	57
CAPITULO IV. <i>Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos</i>	92

LIVRO XVIII.

CAPITULO I. <i>O Doutor Antonio Barbosa Bacelar</i> .	132
CAPITULO II. <i>Antonio Serrão de Crasto</i>	173
CAPITULO III. <i>D. Francisco Manoel de Mello</i> ..	194
CAPITULO IV. <i>D. Francisco de Mello</i>	204

LIVRO XIX.

CAPITULO I. <i>Vasco Mosinho de Quevedo e Castel-Branco</i>	219
CAPITULO II. <i>O Affonso Africano de Vasco Mosinho de Quevedo</i>	239

INDICE DO TOMO VIII.

LIVRO XVII.

APITULO I. Manoel Quintana de Vasconcellos...	11
APITULO II. Outras Poesias de Manoel Quintana de Vasconcellos.....	30
.....
.....
.....

LIVRO XVIII.

.....
.....
.....
.....
.....

LIVRO XIX.

.....
.....
.....
.....
.....





